MEMORIAS
PARA
A HISTORIA
DELREY
D. SEBASTIAÕ.

MEMORIAS
PARA A HISTORIA
DE PORTUGAL,
QUE COMPREHENDEM O GOVERNO
DELREY
D. SEBASTIAÕ,
UNICO EM O NOME, E DECIMO SEXTO
entre os Monarcas Portuguezes:

Do anno de 1568 até o anno de 1574.

DEDICADAS A ELREY

D. JOAÕ V.
NOSSO SENHOR:

APPROVADAS PELA ACADEMIA REAL
da Historia Portugueza:

ESCRITAS
POR

DIOGO BARBOSA MACHADO,
Ulyssipponense, Abbade Reservatario da Igreja de Santo Adriaõ de Sever do Bispado do Porto, e Academico do numero.

TOMO III.

LISBOA,
Na Regia Officina SYLVIANNA, e da Academia Real.

M. DCC. XLVII.

Com todas as licenças necessarias.

INDEX
DOS
CAPITULOS,

Que contém este terceiro Tomo.

O numero denota a pagina.

LIVRO I.

CAP.

CAP.

LIVRO II.

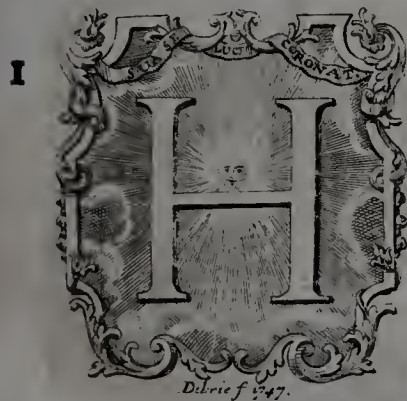
CAP.

LIVRO

LIVRO I.

CAPITULO I.

Relata-ſe a practica, que D. Aleixo de Menezes fez a ElRey D. Sebaſtiaõ no dia antecedente à ſua Coroaçaõ; e de como o inſigne Mathematico Pedro Nunes prognoſticou ſer infauſto o dia, que eſtava deſtinado para taõ ſolemne acto.

1

HUMA das principaes clauſulas do Teſtamento delRey D. Joaõ o III foy, determinar com politica providencia, que a Rainha D. Catharina, ſua eſpoſa, governaſſe o Reyno até o tempo, em que ſeu neto D. Sebaſtiaõ cumpriſſe vinte annos; e obedecendo eſta Matrona à — 1568

determinaçaõ daquelle Principe, moſtrou depois a experiencia, que naõ eſtava obrigada ao rigor da ſua obediencia; e aſſim reſolveo, que ainda que ElRey contava quatorze annos, como a madureza do juizo excedia a verdura da idade, ſe deſtinaſſe o dia para cingir a Coroa, e empunhar o Sceptro. D. Aleixo de Menezes, que tinha ſido Ayo de D. Sebaſtiaõ, antevendo como politico as mudanças, e alterações, que haviaõ de ſucceder em o novo governo, e receando prudentemente, que podeſſe entre ellas perigar a authoridade da ſua peſſoa, a qual ſempre conſervara naõ ſómente reſpeitada dos ſeus emulos, mas venerada de todos os Principes, determinou retirarſe do Paço, e antes que executaſſe taõ heroica reſoluçaõ, eſperou a ElRey no dia antecedente à ſua Coroaçaõ, ao qual, ſahindo de ouvir Miſſa, lhe pedio D. Aleixo com grande ſubmiſſaõ faculdade para lhe fallar, cuja ſupplica cauſou naõ pequeno eſpanto aos Fidalgos, que eſtavaõ preſentes. Parou ElRey para ouvir a D. Aleixo com aquella attençaõ, com que ſempre o reſpeitara, e animado da fidelidade, que em todo o tempo profeſſara, lhe fez eſta elegante practica, na qual lhe deu a mais ſolida inſtrucçaõ para prudentemente governar a Monarchia, que a Divina Providencia commettera à ſua vigilancia.

Determina-ſe a Coroaçaõ del-Rey,

„Dez annos ha, Senhor, que por falecimento delRey D. Joaõ, meu Senhor, que Deos „tem

Practica de D. Aleixo de Menezes a ElRey antes de ſer coroado.

,, tem em Gloria, e por voto, e nomeaçaõ ſua
,, me foy entregue a guarda da criaçaõ, e peſſoa
,, de V. A. em idade de quatro annos, e com ella
,, os animos, e as eſperanças de todo eſte Rey-
,, no, que como a unico ſucceſſor dos Reys, que
,, tantos annos o governaraõ, e o alcançaraõ por
,, meyo de orações, e lagrymas, vos ama, e ve-
,, nera com mayor affecto, que todos os mais.
,, A vigilancia, e cuidado, com que aſſiſti a eſte
,, cargo, e procurey reſponder ao pezo delle, naõ
,, encareço; porque por grande, que foſſe, nunca
,, podia igualar a grandeza do depoſito, e da con-
,, fiança, que de mim ſe fez; e pareceria arguir
,, a V. A. de pouco lembrado, referindo-lhe ſervi-
,, ços, de que V. A. he a mayor, e mais intima
,, teſtemunha, dos quaes, e do animo com que
,, os fiz, me moſtrou Deos o fruto, e ſatisfaçaõ,
,, que deſejava, vendo antes de minha morte a
,, V. A. em idade de tomar o governo dos ſeus
,, Reynos, e ornado de entendimento, partes,
,, e inclinações dignas, naõ ſó deſte Imperio, mas
,, de outros muito mayores, a que Deos, e a
,, grandeza de ſeu animo, e as occaſiões do tem-
,, po abriraõ cedo caminho; e porque os muitos
,, annos que tenho, e a nova fórma do governo
,, naõ daráõ ao diante lugar a taõ continuas, e
,, particulares advertencias, como thegora ſohia
,, fazer a V. A. me pareceo, que devia ao con-
,, tentamento deſte dia, e ao amor, e lealdade,

„ com que criey, e ſervi a V. A. fazerlhe algu-
„ mas lembranças, que por ſerem feitas em tal
„ tempo, e com tal animo, e em tal idade me-
„ recem ſer bem ouvidas, e eſtimadas em lugar
„ do ultimo, e mayor ſerviço, que em minha vi-
„ da fiz a V. A.

„ Entrais, Senhor, neſte incomparavel tra-
„ balho de governar voſſo Reyno, em idade, que
„ com nome de liberdade, e ſupremo ſenhorio te-
„ mo que vos perſuadaõ, que até naõ fugirdes
„ da companhia, e conſelho da Rainha voſſa avò,
„ e do Cardeal voſſo tio, naõ ſois verdadeiro
„ Rey, que he a traça, por onde os que ſe que-
„ rem apoderar de voſſa liberdade, fiaõ de abrir
„ caminho à ſua privança. E como eſtes atten-
„ dem á ſua grandeza, e proveito particular, pro-
„ curaõ approvando por juſto qualquer deſejo dos
„ Principes, e naõ lhe contradizendo couſa lici-
„ ta, ou illicita, que intentem moſtrarlhes, que
„ o tempo que viviaõ ſogeitos aos bons conſelhos
„ de quem com elles procuravaõ ſua eſtimaçaõ,
„ e accreſcentamento, foy huma ſogeiçaõ, e ca-
„ tiveiro indigno de ſua dignidade, donde ſe ſe-
„ guiria, que apartados de vós aquelles, que com
„ verdadeiro amor vos podem deſenganar das fal-
„ tas, que ha no governo, e cercado de quem
„ por ſe ſuſtentar na privança approva por juſtos
„ os erros de voſſo goſto, padeça o Reyno gran-
„ des trabalhos, e o animo de voſſos vaſſallos naõ
„ ſeja

„ ſeja para V. A. o que ſohia ſer para com os
„ Reys voſſos antepaſſados: e como Deos dotou
„ a V. A. de hum animo generoſo, inclinado a
„ emprender couſas grandes, temo, que uſando
„ deſte bom fundamento, vos inclinem a empre-
„ zas (ſe bem menores, que voſſo animo, e co-
„ raçaõ) mayores do que permittem as forças de
„ voſſos Reynos; e como os que ſeguem eſte ca-
„ minho, medem as couſas, naõ pelo que ſaõ,
„ ſenaõ pelo que querem que ellas pareçaõ aos
„ Reys, encobrindovos a induſtria, trabalho, e
„ miudeza, com que voſſos anteceſſores ſuſten-
„ tavaõ com limitada fazenda a reputaçaõ de ſeu
„ eſtado, vos engrandeceráõ as riquezas, e for-
„ ças de voſſo Reyno, donde ſe ſeguirá mete-
„ remvos em emprezas, donde, ou ſahireis com
„ pouca honra, ou aventurareis voſſos eſtados,
„ e vida, ſem conhecerdes o engano, ſenaõ quan-
„ do lhe faltar o remedio; e porque nem a pie-
„ dade, e animo religioſo dos Reys eſtá ſeguro
„ de inconvenientes, lembro a V. A. como quem
„ deſde taõ pouca idade conhece ſua inclinaçaõ
„ ſanta, e zelo da exaltaçaõ da Fé Catholica, que
„ nunca tem faltas na peſſoa de V. A. por coſtu-
„ mes, e obras vicioſas, ſenaõ por algum exceſ-
„ ſo, ou demaſia, que paſſe os limites da virtu-
„ de; porque muitas couſas ha com que huma
„ peſſoa particular póde ganhar gloria, que ſir-
„ vaõ de condemnaçaõ a hum Principe; tanto
„ vay

„ vay na differença dos eſtados, e porque em ma-
„ terias ſemelhantes ſe naõ podem dizer mayores
„ particularidades, torno a lembrar a V. A. que
„ no que ſe lhe perſuadir com pretexto de reli-
„ giaõ, e conſciencia, tenha ſingular attençaõ;
„ porque ſe (o que Deos naõ permitta) houver
„ alguns trabalhos, e alterações em ſua peſſoa, e
„ Reynos, por eſte caminho haõ de ter entrada.
„ No tratamento de voſſa Real Peſſoa vos lem-
„ bro, que naõ percais hum ponto da Mageſta-
„ de com os que mais intimamente vos ſervirem,
„ e ſeja ſempre o favor, e a privança dentro da
„ veneraçaõ devida à voſſa grandeza; porque os
„ Reys voſſos antepaſſados extenderaõ o ſeu Im-
„ perio pelas mais remotas partes do Oriente ſen-
„ do Pays ao povo, e aos nobres Principes cle-
„ mentes; porque como dos Grandes a ElRey ha
„ menor differença, que do Rey ao povo, con-
„ vém darſe-lhe o favor acompanhado da Mageſ-
„ tade neceſſaria para os manter em reſpeito, o
„ que naõ milita na gente popular, onde o ex-
„ ceſſo da affabilidade naõ aventura a authoridade
„ do Principe, antes cativa os animos daquelles,
„ que o conſideraõ taõ clemente; e evita com
„ iſto hum erro, com que cahiraõ muitos Reys,
„ que entregando ſuas peſſoas, e authoridade nas
„ mãos de ſeus valídos, e guardando o fauſto,
„ grandeza, e trato altivo para ſeu povo, vieraõ
„ a ſer aborrecidos de hùns, e deſtemidos de ou-
„ tros:

„ tros; que neſtes extremos vem a dar os Princi-
„ pes, que deſacertaõ os meyos da conſervaçaõ,
„ e authoridade.

„ Naõ vos direy eu, Senhor, que neſta
„ idade, em que eſtais, deixeis a companhia, e
„ communicaçaõ dos Fidalgos de voſſa criaçaõ,
„ e de ter com elles os honeſtos paſſatempos,
„ que requerem os voſſos poucos annos, que iſto
„ fora violentar as condições da natureza; ſó vos
„ lembro, que eſtes ſirvaõ para as honras da con-
„ verſaçaõ, jogos, caça, e paſſatempos; porém
„ que nas materias de eſtado, fazenda, e gover-
„ no deis em tudo a maõ aos Fidalgos antigos,
„ criados nas eſcolas dos Reys D. Manoel, e D.
„ Joaõ daglorioſa memoria, voſſos avòs, com
„ cuja experiencia, e conſelho ſuſtentareis voſſos
„ Reynos na paz, e propriedade em que elles vo-
„ los deixaraõ; porque aſſim como ſerá impro-
„ prio entremeterem-ſe eſtes nos exercicios, e
„ mocidades, que hoje vê o Mundo, aſſim ſeria
„ preverter a ordem delle, e expor voſſo eſtado
„ a huma ruina manifeſta, metendo couſas de tan-
„ ta conſideraçaõ em mãos de peſſoas faltas de
„ annos, e experiencia.

„ E porque com a nova intrancia no Rey-
„ no pretenderáõ alguns de V. A. merces exorbi-
„ tantes, medidas mais pela grandeza de ſeu ani-
„ mo, e condiçaõ, que pelo que pede o eſtylo,
„ e poſſibilidade deſte Reyno, e porventura o me-
„ recimento

„ recimento dos pertensores, remediará V. A.
„ os inconvenientes de taes pertenções, remeten-
„ do tudo a seu Conselho, e naõ despachando
„ petições por via extraordinaria; porque a libe-
„ ralidade excessiva feita em principio de gover-
„ no, como se naõ póde extender a todos, con-
„ tenta aos menos, e aggrava aos mais, a que
„ naõ chega, e serve isto de hum continuo arre-
„ pendimento aos Reys, depois que com o dis-
„ curso do tempo cahem no erro que fizeraõ.

„ Nas cousas em que V. A. se poder servir
„ de Ministros seculares, naõ dê a maõ a Eccle-
„ siasticos, tirando-os de seu proprio instituto,
„ com o supposto de que servem mais, e se lhe
„ paga com menos; porque demais de naõ se da-
„ rem nunca bem cousas profanas tratadas por
„ mãos sagradas, com qualquer das cousas, que
„ o Ecclesiastico pertende para sua Religiaõ, e
„ com cada huma das merces, que V. A. lhe faz
„ para ella, se poderáõ pagar os serviços de mui-
„ tos Ministros seculares; porque he muito diffe-
„ rente a pertençaõ de huma Communidade, em
„ cujo respeito o muito parece pouco, do parti-
„ cular de huma pessoa, onde o pouco a satisfaz,
„ e paga grandes serviços.

„ Se porventura aconselharem a V. A. que
„ convém reformar em seu Reyno trajes, e cos-
„ tumes, pezos, e medidas, ou qualquer outra
„ cousa usada, e introduzida de tempo immemo-
„ riavel,

„ riavel, ainda que o conſelho ſeja juſto, e a re-
„ formaçaõ neceſſaria, vos peço, e aconſelho,
„ que o naõ façais nos primeiros annos de voſſo
„ governo; porque tem tal aceitaçaõ no povo os
„ ſeus coſtumes antigos, que até para melhoria
„ ſua ſentem qualquer alteraçaõ, que ſe faça, e
„ mais em conjunçaõ de novo governo, a cuja
„ pouca experiencia attribuem antes a novidade,
„ que a virtude, que ſó a eſſe fim a ordenaõ;
„ donde ſe ſegue ſuſpirarem pelo tempo, e me-
„ moria dos Reys paſſados, e começarem a deſ-
„ amar, e ter o preſente, e a tello por eſtranho.

„ Muito me alargo, e muito detenho a
„ V. A. mas como eſte he o teſtamento de mi-
„ nha lealdade, e por ventura o ultimo attrevi-
„ mento de meu amor, conceda V. A. perdaõ à
„ liberdade, e extenſaõ de meus conſelhos, pois
„ o merecem eſtas lagrymas de contentamento, e
„ o zelo das cãas, que naſceraõ em ſerviço de voſ-
„ ſos avòs, e vaõ do voſſo à ſepultura, deixando-
„ vos em meu lugar tres filhos, herdeiros de mi-
„ nha lealdade, em que ficará o meu ſangue con-
„ tinuando a ſervidaõ, que já naõ póde a peſſoa:
„ e nelles podereis moſtrar ao Mundo a opiniaõ,
„ em que tiveſtes os ſerviços de quem os gerou.

2 Ouvio ElRey com ſumma attençaõ eſtas politicas advertencias, propoſtas pela fidelidade de D. Aleixo, para que exercitaſſe com prudencia, e rectidaõ a difficil arte de reynar; e conhe-

cendo, que procediaõ do zelo de hum varaõ, que ſempre antepozera os intereſſes politicos aos proprios, ſe enterneceo de tal ſorte, que cedendo a ſoberania da mageſtade à vehemencia do affecto, teſtemunhou com lagrymas, quanto ſe deixara penetrar das vozes de D. Aleixo, a quem naõ conſentio, que ſe pozeſſe de joelhos para lhe beijar a maõ, antes levantando-o nos braços, lhe diſſe: Que naõ podia ſufficientemente explicar a eſtimaçaõ, que fazia dos conſelhos, que lhe dera, e muito mais da ſinceridade com que lhos inſinuara, affirmando-lhe, que huma das cauſas principaes porque eſtimava o ter já cingido a Coroa, era para o remunerar com real magnificencia, naõ ſómente na ſua peſſoa, mas nas de ſeus filhos, dos quaes o mayor merecimento conſiſtia em ſerem gerados por tal pay; e que ſe por attençaõ às ſuas moleſtias, mais perigoſas em idade taõ provecta, conſiſtia, que ſe retiraſſe da aſſiſtentia continua do Paço, o naõ eſcuſava de que ſempre o inſtruiſſe com aquellas maximas dictadas pelo amor com que o educara. No fim deſtas palavras ſe recolheo ElRey, levando em ſua companhia a D. Aleixo de Menezes, deixando aſſombrados a todos os Fidalgos, que eſtavaõ preſentes, da affabilidade, e ternura, com que o tratara, por ſer muito alhea do ſeu genio, e condiçaõ.

Agradece ElRey com particulares expreſſoens a fidelidade de D. Aleixo.

3 Naõ deu menores demonſtrações do ſeu zelo

zelo para com ElRey D. Sebaſtiaõ, neſte dia, o inſigne Coſmografo mór Pedro Nunes, que fora Meſtre deſte Principe nas diſciplinas Mathematicas, das quaes era por univerſal acclamaçaõ venerado como Oraculo. Buſcou eſte ſabio Varaõ a Rainha D. Catharina, e lhe diſſe, que ſuppoſto, que huma das Sciencias, que ſe comprehendiaõ na Mathematica, era a Aſtrologia, naõ applicara a ella a mayor parte dos ſeus eſtudos, por ſerem falliveis, e incertos os ſucceſſos, que indicava; mas que obrigado da fidelidade, que profeſſava ao ſeu Principe, a quem como a diſcipulo amava mais ternamente, levantara figura ſobre o dia, e hora da ſua Coroaçaõ, e alcançara, conforme a configuraçaõ dos Aſtros, ſer preciſo aviſar a S. Alteza, que ſem revelar a cauſa, ſe empenhaſſe por dilatar ao menos tres dias aquella politica ceremonia, affirmando-lhe, que ſe ElRey tomaſſe a regencia da Monarchia no dia, que eſtava deſtinado, ſeria o ſeu Reynado infeliz, e pouco duravel, e poſto que os prognoſticos naõ foſſem infalliveis, e a vida dos Soberanos como a eſtabilidade dos Imperios eſtiveſſem collocados nas mãos de Deos, com tudo ſe deviaõ reſpeitar as cauſas ſegundas, como mudos interpretes da ſua Divina vontade. Agradeceo a Rainha o zelo, com que Pedro Nunes lhe fizera aviſo taõ importante, mas eſcuſou-ſe de executar o conſelho, por eſtar tudo prevenido para o dia,

Vaticinio de Pedro Nunes, àcerca do dia da Coroaçaõ delRey.

 que

que no ſeu juizo aſtrologico era infauſto, accreſcentando, que interpoſta aquella dilaçaõ, entraria ElRey, e o Cardeal em ſuſpeitas, e confuſoens, as quaes naõ podia diſſipar pelo ſegredo, que lhe pedia obſervaſſe neſta materia; e aſſim julgou por prudente reſoluçaõ encommendar eſte negocio a Deos, de cuja providencia eſtavaõ pendentes os ſucceſſos, e que nunca revelaſſe o que lhe tinha communicado. A eſtas palavras da Rainha reſpondeo Pedro Nunes, que certamente previa ſerem inevitaveis as infelicidades do Reyno, das quaes ſeria teſtemunha Sua Alteza, poſto que naõ ſeria da ultima, em que havia conſiſtir a mayor, e mais deploravel deſgraça.

CAPITULO II.

Toma poſſe do governo ElRey D. Sebaſtiaõ, e das peſſoas mais illuſtres, que aſſiſtiraõ a ſolemnidade da ſua Coroaçaõ.

1568

4 AManheceo o dia 20 de Janeiro conſagrado à triunfal memoria do invicto Martyr S. Sebaſtiaõ, que neſte anno de 1568 ſe celebrou à terça feira, e como nelle cumpria quatorze annos o Principe, que em obſequio do meſmo Santo lhe foy impoſto o ſeu nome, ſe determinou, que para feliz auſpicio do ſeu Reynado

do recebeſſe em dia taõ celebre a poſſe da Coroa. Para eſte fim ſe levantou junto do Palacio dos Eſtaos, ſituado no Rocio de Lisboa, huma grande ſala, que ſe dilatava até o Convento de Saõ Domingos, a qual ſe armou de precioſas tapeçarias; e para que o povo ſatisfizeſſe os ſeus deſejos, vendo aquelle pompoſo acto, era deſcuberta como varanda da parte do Rocio. A horas competentes ſahio ElRey do Paço, e entrando na ſala, que eſtava ſumptuoſamente ornada para funçaõ taõ ſolemne, ſe ſentou em huma precioſa cadeira, coroada de hum mageſtoſo docel. Junto delRey eſtava a Rainha D. Catharina, ſua avò, e ſeus tios o Cardeal D. Henrique, e os Infantes D. Duarte, Duque de Guimarães, que fazia o officio de Condeſtavel do Reyno, e D. Maria. Da outra parte, que era a eſquerda, eſtavaõ o Duque de Bragança D. Joaõ, o Marquez de Torres-Novas, os Condes de Vimioſo, Odemira, Portalegre, e Vidigueira, e mais diſtantes os Vereadores da Cidade de Lisboa, e outros muitos Fidalgos, e peſſoas principaes do Reyno, que com a variedade das galas faziaõ mais plauſivel a celebridade deſte acto. Antes de ſe proceder a alguma acçaõ ſahio do lugar, onde eſtava, o Cardeal D. Henrique, e fazendo huma profunda veneraçaõ a ElRey, lhe fallou neſta ſubſtancia.

Coroa-ſe ElRey, e das peſſoas, que aſſiſtiraõ a eſte plauſivel acto.

„Muito alto, e muito poderoſo Rey, noſ- „ſo

Practica do Cardeal D. Henrique.

,, ſo Senhor. Poſto que eſte dia ſeja o de mim
,, mais deſejado, e de mayor gloria, que póde
,, ſer, em que vejo a V. A. em idade de quator-
,, ze annos, aſſentado em ſua cadeira Real, com
,, muita prudencia, virtude, e zelo do ſerviço
,, de Noſſo Senhor, e lhe entrego o governo deſ-
,, tes ſeus Reynos, quietos, e pacificos, no eſta-
,, do em que eſtaõ; toda via conheço as faltas,
,, e negligencias, que nelle por mim paſſaraõ, me
,, torno muito a encolher antes de ter havido per-
,, daõ della de V. A. que tenho por certo naõ ne-
,, gará a quem com conhecimento, confiança, e
,, humildade lho pede, e tambem porque tudo o
,, que fiz, ou deixey de fazer, foy ſempre por me
,, parecer, que era o que mais cumpria ao ſerviço
,, de V. A. e bem de ſeus vaſſallos, ſujeitos, e
,, naturaes, ſem outro particular reſpeito; e ſe
,, ainda aſſim contra minha tençaõ tenho aggra-
,, vado, ou damnificado alguns, eſtou preſtes pa-
,, ra quanto em mim for o ſatisfazer, e aſſim com
,, eſta juſtificaçaõ de minha parte, e perdaõ de
,, V. A. tornarſeme-ha a dobrar alegria, e com
,, novo eſpirito darey graças a Noſſo Senhor por
,, eſtas merces, que fez a V. A. e a eſtes ſeus
,, Reynos, neſte tempo de tanta neceſſidade, e
,, trabalho, ſem lho poder impedir hum taõ fraco
,, inſtrumento como eu, por quem elle as quiz
,, obrar; e pois de Noſſo Senhor vem todos eſtes
,, bens, naõ ſe devem encobrir, para ſe lhe dar o
,, louvor

,, louvor devido, e eu de minha parte, ſe nelles
,, me cabe algum, ós devo offerecer a V. A. em
,, ſatisfaçaõ de minhas faltas, pelo que mandey
,, pôr em hum papel, o que ſe fez neſte tempo,
,, para V. A. o ſaber mais particularmente, e lhe
,, dar razaõ de mim; farme-ha merce, depois que
,, daqui for, querello mandar ler perante ſi.

5 Acabada eſta breve practica, na qual quiz o Cardeal manifeſtar a ElRey o cuidado, com que na ſua menoridade adminiſtrara o Reyno, lhe entregou Martim Affonſo de Miranda, ſeu Camareiro mór, o Sello grande das Armas Reaes, o qual o meſmo Cardeal proſtrado de joelhos entregou a ElRey, e com elle o regimento, que lhe fora entregue nas Cortes, celebradas em 1562, por onde tinha governado até aquelle tempo a Monarchia; e tanto que ElRey recebeo o Sello das mãos do Cardeal, o deu a D. Aleixo de Menezes, por naõ eſtar preſente o Secretario de Eſtado Pedro de Alcaçova Carneiro, dizendo ao Cardeal eſtas palavras, cuja gravidade era claro argumento da madureza do ſeu juizo. ,, Tenho-
,, vos em merce o trabalho, que levaſtes em go-
,, vernar eſtes Reynos, e o cuidado, que diſſo
,, tiveſtes, de que ſempre terey a lembrança, que
,, he razaõ. Eu recebo o governo, e eſpero em
,, Noſſo Senhor, que com a merce, que me a
,, Rainha minha Senhora, e Avò quer fazer
,, de me ajudar, e com a que me vós dareis, go-
,, verne

Repoſta delRey ao Cardeal D. Henrique.

„ verne eftes Reynos como convém a bem delles,
„ e à minha obrigaçaõ.

6 Ouvida efta repofta delRey pelo Cardeal, lhe beijou a maõ pelo fingular affecto, com que na prefença de taõ illuftre concurfo lhe louvava o defvélo, exercitado em beneficio do Reyno, naõ querendo outro premio mais que a Real approvaçaõ. Seguiraõ-fe logo os circunftantes a beijar a maõ a ElRey, executando em primeiro lugar efta ceremonia a Rainha D. Catharina, a Senhora Infante D. Maria, o Cardeal D. Henrique, o Infante D. Duarte, o Duque de Bragança, e todos os Titulos, Cavalheros, e Vereadores da Cidade. Para fazer efte obfequio, chegou em ultimo lugar o Duque de Aveiro, que tinha affiftido no fim da fala apartado de todo o concurfo, em quanto durou aquelle acto, por querer preferir no affento, e antiguidade ao Duque de Bragança, fundando o direito defta pertençaõ em fer mais antigo o titulo da fua Cafa, que a de Bragança; pois fendo efta extincta por morte do Duque D. Fernando, e confifcados feus bens por ElRey D. Joaõ o II. nefte tempo fora creado D. Jorge, Duque de Coimbra, tronco da Cafa de Aveiro, e que como ElRey D. Manoel reftaurara a Cafa de Bragança pela nova merce, que fez della a D. Jayme, naõ podia prejudicar à de Aveiro, que já eftava inftituida, e affim devia preceder à de Bragança, como mais antiga.

Intenta preceder nefta funçaõ o Duque de Aveiro ao de Bragança.

Aca-

7 Acabadas as politicas ceremonias deſte acto, ſe levantou ElRey, e acompanhado de todos os aſſiſtentes, foy ao Convento de S. Domingos, onde rendeo as graças ao ſupremo Arbitro dos Imperios, por lhe ter concedido o favor de chegar a idade competente para governar o Reyno, que lhe dera, pedindo-lhe com humildes, e fervoroſas inſtancias a ſua Divina aſſiſtencia para a execuçaõ de taõ alta, e difficultoſa empreza. Ao ſahir da Igreja começou o povo com alegres clamores a congratular ao ſeu Principe elevado à ſublimidade do Throno, ſendo taõ exceſſivo o jubilo dos corações Portuguezes, que certamente excedeo as lagrymas, que no meſmo Templo, e dia havia quatorze annos tinhaõ copioſamente derramado, convertendo para mayor applauſo de ſolemnidade preſente as memorias da afflicçaõ em feſtivos argumentos da felicidade.

No fim deſte acto rende ElRey as graças a Deos no Convento de S. Domingos.

CAPITULO III.

He informado individualmente ElRey D. Sebastiaõ pelo Cardeal D. Henrique das acções, que no tempo da sua regencia obrara em beneficio do Reyno. Participa aquelle Principe à Santidade de Pio V. a sua exaltaçaõ ao Throno, e como por esta noticia o congratulou este Pontifice, e ao Cardeal D. Henrique, o qual em final de benevolencia manda o estoque, e chapeo ao nosso Principe, e das ceremonias com que recebeo estas militares insignias.

1568

8 NAõ satisfeito o animo do Cardeal D. Henrique com a approvaçaõ, que ElRey lhe dera pela providencia, com que na sua menoridade zelara os augmentos, e conveniencias da Monarchia, se resolveo a informallo com toda a individualidade de todas as acções obradas no tempo, que administrara o Reyno, assim no que respeitava às materias Ecclesiasticas, como Politicas, e Militares, as quaes para que se imprimissem mais facilmente na memoria del-Rey, as compendiou neste breve Mappa.

Informaçaõ de tudo quanto tinha obrado o Cardeal D. Henrique quando governou pela menoridade de seu sobrinho.

„ Senhor. Posto que os annos, e as en„ firmidades me despensavaõ de sugeitar os hom„ bros ao insupportavel pezo de huma Monarchia

„ taõ

,, taõ dilatada; com tudo, attendendo mais à
,, conveniencia publica, que ao proprio defcan-
,, ço, me facrifiquey à fua adminiftraçaõ; e para
,, que foffe feliz o principio das minhas acções,
,, foy o primeiro cuidado attender pelo que ref-
,, peita a Deos, e à obfervancia dos feus precei-
,, tos, provendo as Diocefes de Evora, Mi-
,, randa, Algarve, e Priorado de Aviz, de Pre-
,, lados benemeritos de taõ altas dignidades, pa-
,, ra que com o feu exemplo reformaffem os abu-
,, fos efcandalofamente introduzidos, e com a fua
,, doutrina conduziffem as almas para o caminho
,, da eternidade. Com a mais profunda venera-
,, çaõ fe receberaõ os Decretos do Concilio Tri-
,, dentino, e exactamente fe practicaraõ nos Sy-
,, nodos Provinciaes celebrados em Braga, e Lif-
,, boa. Augmentou-fe com copiofas rendas a Uni-
,, verfidade de Coimbra, por fer a Paleftra uni-
,, verfal, em que a fciencia triunfa da ignorancia;
,, e da mefma liberalidade fe ufou com os quatro
,, Collegios da Companhia, fundados em Coim-
,, bra, Braga, Evora, e Lisboa, para a inftruc-
,, çaõ dos engenhos, e cultura das virtudes. Em
,, muitas Religioens, em que eftava prevertida a
,, difciplina regular, fe emendaraõ efcandalos, e
,, reformaraõ coftumes. Dilatou-fe o Tribunal da
,, Inquifiçaõ de Coimbra com varios edificios, e
,, para os ordenados de feus Miniftros fe configna-
,, raõ tres contos de renda, affentados no Arce-

 ,, bifpado

„ bispado de Evora, e Bispado de Coimbra. Pa-
„ ra melhor expediçaõ dos negocios pertencentes
„ aó Tribunal da Mesa da Consciencia se lhe deu
„ novo Regimento; e para que os enfermos fos-
„ sem tratados com mayor caridade, e assistidos
„ com mayor vigilancia, se entregou às Casas da
„ Misericórdia a administraçaõ dos Hospitaes de
„ Lisboa, Evora, Santarem, e Monte mór. Ce-
„ lebrou-se Capitulo da Ordem Militar de Santia-
„ go, onde para o seu augmento, e conservaçaõ
„ se estabeleceraõ novas Leys. Alcançaraõ-se de
„ Roma as meyas Annatas das Commendas; e
„ como se devem prover as novas, se tem deter-
„ minado por resoluçaõ de graves Letrados, co-
„ mo tambem o provimento dos Bispados, e Be-
„ neficios das Ilhas, e os ordenados, que se lhe
„ devem consignar, conforme a Bulla, que para
„ este fim foy expedida. Nas materias pertencen-
„ tes à conservaçaõ da Monarchia, me mostrey
„ naõ menos cuidadoso; e como a Justiça he a
„ virtude, que conserva os Imperios, appliquey
„ todo o desvélo em a nomeaçaõ de Ministros,
„ que fossem severos executores das Leys do Rey-
„ no. Premiaraõ-se os benemeritos, e castigaraõ-
„ se os delinquentes, usando-se com huns, e ou-
„ tros de summa equidade, pois nos primeiros
„ foraõ os merecimentos largamente remunera-
„ dos, e nos segundos os crimes severamente pu-
„ nidos. Para augmento da Fazenda Real se en-

„ cabeçaraõ

„ cabeçaraõ as ſizas, ſem violencia dos póvos;
„ accreſcentaraõ-ſe cada anno na quantia de mais
„ de ſeſſenta contos as do Reyno de S. Thome,
„ e Cabo Verde. Ordenou-ſe o modo como de-
„ viaõ ſeguramente arrecadarſe as rendas do Rey-
„ no, e de que ſorte ſe deſpendiaõ; foraõ muitos
„ Officiaes privados dos ordenados, que inutil-
„ mente cobravaõ; arrendou-ſe a Alfandega deſ-
„ ta Cidade. Ajuſtou-ſe a conta, que era muito
„ importante, com os moradores de Cabo Ver-
„ de àcerca dos eſcravos. Pagaraõ-ſe as dividas
„ de grandes cambios, e as de que eraõ acredo-
„ res os Contratadores ſe paſſaraõ a juro, em que
„ lucrou muito a Coroa, ficando ſenhora das eſ-
„ peciarias, que ha tantos annos, com grande
„ perda do Reyno, e exceſſiva conveniencia dos
„ Contratadores poſſuiaõ. Proveo-ſe a Caſa da
„ India naõ ſó de Feitor, mas de muitos apreſtos
„ neceſſarios para o aparelho das náos daquella
„ navegaçaõ, e ſe fabricaraõ novos galeões, ga-
„ lés, e caravelas, para levar, e trazer os gene-
„ ros de que abunda, e neceſſita aquelle Impe-
„ rio. Pagaraõ-ſe os ſoldos dos preſidios de Afri-
„ ca. Continuou-ſe com largo diſpendio na fa-
„ brica da Capella do Convento de Belem, e em
„ diverſas officinas do meſmo Moſteiro. Diſpen-
„ deo-ſe grande copia de dinheiro na reedificaçaõ,
„ e ornato de muitas Igrejas ſeculares, e Religio-
„ ſas, como tambem no Palacio Real, naõ ſa-
„ hindo

,, hindo taõ copioſo gaſto da fazenda de V. A.
,, Na parte, que pertence à gente Militar, como
,, ſeja o mayor antemural da Monarchia, ſempre
,, foy premiada com generoſa remuneraçaõ. Pro-
,, veraõ-ſe as Fortalezas de Capitães experimen-
,, tados, principalmente para a cabeça do Impe-
,, rio Aſiatico ſempre ſe nomeou hum Heroe, que
,, dignamente repreſentaſſe a Peſſoa do ſeu So-
,, berano. Partio para Tangere huma Armada
,, capitaneada por Lourenço Pires de Tavora,
,, onde ſe edificou huma grande Fortaleza. Con-
,, tra a expectaçaõ de todos ſe expediraõ duas Ar-
,, madas ſoberbas, guarnecidas de valeroſos Sol-
,, dados, ſendo a primeira governada por Fran-
,, ciſco Barreto, para conquiſtar a importante
,, Praça do Pinhaõ; e a ſegunda navegou para a
,, Ilha da Madeira, a caſtigar o inſulto com que
,, os Francezes tinhaõ ſaqueado a ſua Capital.
,, Fortificou-ſe a Cidade de Ceuta para reprimir
,, as invaſoens dos Mouros, e ſe levantaraõ os
,, Fortes de S. Giaõ, Caſcaes, Setuval, Attou-
,, guia, e outros lugares do Algarve, para de-
,, fenſa da Barra de Lisboa, e todas as Coſtas do
,, Reyno. A meſma providencia ſe executou em
,, todas as Ilhas, mandando fundar Fortalezas,
,, para ſegurança dos ſeus moradores, para cujos
,, preſidios ſe remetteraõ munições, armas, e ar-
,, telharia. Fez-ſe hum Regimento para o go-
,, verno eſpiritual, e temporal de toda a Coſta de
,, Guiné.

„ Guiné. Para ſe eternizarem as heroicas acções
„ delRey D. Manoel, biſavo de V. A. ſe en-
„ commendaraõ a hum grave Eſcritor, cuja Obra
„ já eſtá acabada, e ſervirá a V. A. de exemplar
„ perfeito, para que imite hum taõ grande Mo-
„ narca. Celebraraõ-ſe os caſamentos de duas
„ Sereniſſimas tias de V. A. cujas allianças dilata-
„ raõ exceſſivamente as glorias deſta Monarchia.
„ Na Cabeça do Mundo foraõ interpretes da obe-
„ diencia de V. A. Varões inſignes, dos quaes
„ eternamente durará a ſua memoria nos faſtos
„ do Vaticano. Eſtas, e outras, que agora naõ
„ repito, por naõ moleſtar a V. A. foraõ as acções,
„ que obrey em todo o tempo, que adminiſtrey
„ eſta Monarchia, devendo o bom acerto dellas
„ a Deos como primeira cauſa de tudo quanto
„ obraõ os homens, e depois à fidelidade, e ze-
„ lo dos vaſſallos de V. A. ſeguindo ſempre os
„ veſtigios daquella rara prudencia, com que a
„ Rainha, minha Senhora, e Avó de V. A. ti-
„ nha exercitado na regencia deſta Monarchia,
„ eſperando da alta comprehençaõ, e maduro
„ juizo de V. A. que emendará os meus erros, e
„ intentará emprezas taõ heroicas, como nos
„ prognoſtica o ſeu milagroſo naſcimento, cuja
„ vida conſerve, e proſpere o Author de todas
„ as felicidades, como lhe pedimos, para ſervi-
„ ço ſeu, e de todos ſeus Reynos, e Senho-
„ rios.

De-

9 Depois que ElRey ouvio attentamente reduzidas a taõ ſuccintas clauſulas as acções, que o Cardeal ſeu tio obrara em beneficio do Reyno, lhe cauſou grande admiraçaõ, que no eſpaço de ſeis annos as podeſſe ter executado, quando parece era ainda neceſſario mais largo tempo para meditallas, e louvando com affectuoſas expreſſoens o cuidado, e deſvélo, com que deſempenhara ſua grande capacidade no exercicio de taõ diverſas dependencias, lhe affirmou, que ſerviriaõ as ſuas maximas politicas de modello por onde com decoro da mageſtade regulaſſe os preceitos da difficil arte de reynar, ſendo no meſmo tempo amado dos vaſſallos, e temido dos inimigos.

Participa ElRey a S. Pio V. a ſua exaltaçaõ ao Throno.

10 Exaltado ao Throno Portuguez o noſſo Monarca lhe pareceo, que para complemento das felicidades auguradas ao ſeu Reynado, era neceſſario participar a ſua exaltaçaõ à Santidade de Pio V. que nèſte tempo occupava com tanta gloria da Religiaõ Catholica, como confuſaõ dos ſeus Antegoniſtas, o Solio do Vaticano, a quem depois de proteſtar a profunda obediencia à Sé Apoſtolica, herdada de ſeus auguſtos Progenitores, lhe pedio quizeſſe alcançar com fervoroſas ſupplicas da Mageſtade Suprema, da qual era ſubſtituto na terra, que o ſeu peito ſe ornaſſe com as virtudes dignas de hum Principe Catholico, principalmente da Juſtiça, baze fundamental das Monarchias, para que com ſumma equidade diſtribuiſſe

tribuisse os premios, e os castigos conforme o merecimento dos benemeritos, e dos culpados. A esta supplica se seguia a recommendaçaõ de alguns negocios, em que era interessada a Monarchia, de que recebera a regencia, para que Sua Santidade os despachasse com a inteireza de que era summamente dotado. Foy mandado por interprete desta Embaixada D. Alvaro de Castro, que havia quatro annos voltara da Curia onde fora Embaixador, com tanta gloria da Coroa Portugueza, para que no mesmo theatro representasse o obsequio do seu Soberano, que lhe ordenou se restituisse brevemente ao Reyno, por necessitar muito do seu grande talento, determinando mandar logo por substituto do seu ministerio a D. Joaõ Tello de Menezes. As clausulas de que constava a Carta eraõ as seguintes.

,, Santissimo em Christo, Padre, e muito ,, Bemaventurado Senhor. Eu D. Sebastiaõ, &c. ,, Dia do Bemaventurado Martyr S. Sebastiaõ, des- ,, te presente anno, que he decimo quarto do meu ,, nascimento, me entregou o Cardeal Infante, ,, meu muito amado, e prezado tio, a quem até ,, que eu chegasse a esta idade, em Cortes, que ,, mandey fazer, fora encommendada a governan- ,, ça destes meus Reynos, e Senhorios, em mui- ,, ta paz, e quietaçaõ, na qual elle o tempo que ,, a teve, servio a Nosso Senhor, e a mim, con- ,, forme ao que de sua muita prudencia, e raras

„ virtudes podia, e devia eſperar, e eu aceitey
„ confiando mais que nas forças, e idade, que
„ aſſiſtindo-me o Senhor Deos com ſua ſanta gra-
„ ça, e favor, e à Rainha, minha Senhora, e
„ dito Cardeal Infante, com ajuda, e conſelho,
„ pode, ſe naõ em tudo, em parte, cumprir com
„ a obrigaçaõ, que pela Divina Providencia, e or-
„ denança me ha commettido, do que me pare-
„ ceo devido aviſar a V. Santidade, para lhe pe-
„ dir por merce, como affectuoſamente faço, que
„ em ſeus ſantiſſimos ſacrificios peça, e rogue ao
„ Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores Deos
„ Omnipotente, para que aderece minhas ten-
„ çōes, e acçōes, conforme aos meus deſejos,
„ pelo caminho da juſtiça, e para lhe ſignificar,
„ que eſſa Santa Sé applica a V. Santidade, par-
„ ticularmente a quem por ſuas ſingulares virtu-
„ des, e merecimentos eu eſpecialmente muito
„ amo, e obſervo, teraõ ſempre em mim hum
„ obedientiſſimo, e devotiſſimo filho, como o
„ foraõ todos os meus antepaſſados Reys, de glo-
„ rioſa memoria, e que eſtimarey muito todas as
„ occaſiōes, que ſe offerecerem para a ſervir,
„ defender, e exaltar.

„ Vi o que V. Santidade, e D. Alvaro de
„ Caſtro, do meu Conſelho, e meu Embaixador,
„ me eſcreveraõ ſobre os negocios a que lho en-
„ viey, e as cauſas, e razōes, que moveraõ a
„ V. Santidade a me naõ ſatisfazer na materia dos
„ Pa-

,, Padroados dos Mosteiros destes Reynos, que
,, Pio IV. de boa memoria, seu Predecessor, me
,, concedeo, e V. Santidade geralmente revogou;
,, e posto que eu tinha muito, que replicar a
,, ellas para com razaõ poder, e dever esperar o
,, que lhe pedia, quiz antes conformarme com a
,, vontade, e satisfaçaõ de V. Santidade, nesta
,, parte, como em todo o mais farey, sempre
,, que tratar do meu particular interesse, e devi-
,, do respeito, e naõ importunar mais nisso, con-
,, siderando tambem, que com a graça, que V.
,, Santidade me fez de haver por bem, que os
,, Mosteiros se reformassem, e fossem daqui em
,, diante regidos por Abbades triennaes, e os que
,, para isso naõ forem convenientes se annexem a
,, outras Religioens reformadas, que com seus
,, Religiosos ajudem à conversaõ dos Gentios da
,, India, Brasil, e outros lugares de meus Senho-
,, rios, se alcançará o effeito para que eu princi-
,, palmente pertendia estes Padroados, que era
,, remediar os abusos, que na provisaõ dos Mos-
,, teiros, e vidas, e costumes dos Religiosos del-
,, les, o inimigo havia introduzido; e assim por
,, esta merce beijo os santos pés a V. Santidade,
,, e tambem pela que me fez de me enviar o es-
,, toque, e barrete, que D. Diogo de Mene-
,, zes, da sua parte me presentou, e eu recebi
,, com aquella reverencia, e devoçaõ, que se
,, devia, e merecia o santo dom, o qual eu pro-

,, curarey operar conforme as ſantas, e piedoſas ,, admoeſtações de V. Santidade. E quanto ao ,, negocio do Convento de Thomar, póde V. ,, Santidade ter por muy certo, que me naõ mo- ,, ve ao que deſejo outro reſpeito, que o ſervi- ,, ço de Deos, e zelo da propagaçaõ da Santa, ,, e Catholica Religiaõ, e Igreja, e proveito eſ- ,, piritual das almas de meus ſubditos, as quaes ,, cauſas deveriaõ parecer muy juſtas aos Religio- ,, ſos daquelle Convento, ſe naõ trataſſem mais de ,, viver opulentamente, que do que ſaõ obriga- ,, dos conforme a ſua profiſſaõ: e por tanto peço ,, affectuoſamente a V. Santidade por merce os ,, naõ queira ouvir em ſua contradiçaõ, antes os ,, mande reprehender pelas informações, que lhe ,, tem preſentadas contrarias à verdade, e ao que ,, digo; e pelo pouco reſpeito, que me tem uſa- ,, do, que pelo de V. Santidade eu naõ quiz man- ,, dar caſtigar com a devida ſeveridade, como ,, mais particularmente lhe dirá o dito D. Alva- ,, ro de Caſtro, e me queira a mim ſatisfazer no ,, que para taõ juſtos, e ſantos effeitos pertendo.

,, Eu enviey a V. Santidade o dito D. Al- ,, varo de Caſtro ſómente para tratar as couſas, ,, que delle tem entendido, e lhe dey licença, ,, que iſſo feito, ſe podeſſe embora tornar; porém ,, recebi eu muito contentamento naõ haver elle ,, uſado della, e que ſerviſſe V. Santidade com ,, titulo de meu Embaixador todo eſte tempo en-

„ tendo receberá V. Santidade a ſatisfaçaõ de ſua
„ Peſſoa ; e porque eu tenho neceſſidade delle
„ para me ſervir neſte principio de meus trabalhos,
„ lhe eſcrevo ſe venha embora, e tenho nomea-
„ do por meu Embaixador, para em ſeu lugar ir
„ ſervir V. Santidade D. Joaõ Tello de Menezes,
„ Fidalgo da minha Caſa, e do meu Conſelho,
„ peſſoa de muita qualidade, doutrina, e virtu-
„ de, do qual eu eſpero reſte V. Santidade ſatiſ-
„ feito, e ſe fica fazendo preſtes a partida com
„ a brevidade, que lhe for poſſivel.

„ Peço muito por merce a V. Santidade
„ haja por bem a vinda de D. Alvaro, e lhe dé
„ para iſſo licença, e credito em alguns negocios,
„ que antes da ſua partida de minha parte lhe re-
„ preſentará, que em ſingular merce o receberey
„ de V. Santidade.

11 Foy taõ exceſſivo o jubilo, com que o Pontifice recebeo eſta Carta, que naõ permittindo a menor demora o ſignificou com feſtivos parabens aó noſſo Principe novamente ſublimado ao Throno, uſando de ſemelhante demonſtraçaõ com o Cardeal D. Henrique, por ter inſtruido com taõ religioſas maximas a ſeu ſobrinho, as quaes ſe veriaõ agora felizmente practicadas com admiraçaõ de toda a Monarchia. Tudo conſtava das Cartas ſeguintes,

Carta do Pontifice para El-Rey.

„ Lætum admodum nuncium attulerunt no-
„ bis litteræ tuæ die tertio Martii datæ, ex quibus
„ cogno-

Bzov. Pius Quint. Rom. Pont. sive Annal. Eccles. tom. ultim. ad ann. 1568. *pag.* 512, *&* 513. §. 43.

,, cognovimus Maiestatem tuam, cum jam ad
,, annum decimum quartum ætatis suæ pervenis-
,, set, accepisse die festo Sancti Sebastiani, & eo-
,, dem natali suo administrationem Regni, ac do-
,, miniorum suorum à dilecto filio nostro Henrico
,, Cardinali Patruo suo magno, cujus summa fi-
,, de, virtute, prudentia, ac deligentia ad id tem-
,, pus administrata fuerunt. Egimus gratias Deo,
,, qui Te optimâ disciplina, & vere paterna cu-
,, ra ipsius Cardinalis imbutum, & institutum ad
,, eam ætatem perduxit; ut jam per te subjectos
,, tibi populos, & nationes regere possis. In quo
,, munere Te utentem, sicut semper facere debe-
,, bis Serenissimæ Reginæ Aviæ, & ejusdem Pa-
,, trui prudentissimis, fidelissimisque consiliis pla-
,, ne confidimus, & auguramur, responsurum
,, esse laudibus Maiorum tuorum inclytæ memo-
,, riæ Regum. Quorum cum alias præstantissi-
,, mas virtutes, & gloriosa facta tibi ad imitan-
,, dum proposita habere debebis, tum præcipue
,, pietatem erga Deum, & studium augendæ, &
,, propagandæ Christianæ Religionis, ad quam
,, propagandam quantò vehementiùs incumbes,
,, tantò magis Divinum tibi semper aderit auxi-
,, lium, & res omnes, quas ages, aut aggredie-
,, ris fæliciùs succedent. De devotione, & ob-
,, sequio, quæ Nobis, & huic Sanctæ Sedi Ma-
,, iorum tuorum exemplo Te præstiturum omni
,, tempore profiteris Maiestatem Tuam in Domi-
,, no

„ no plurimùm laudantes, expectare Te ipsum
„ quoque à Nobis, & ab ipsa Sancta Sede volu-
„ mus eximiam quandam charitatem, & quan-
„ tum ipsius Sanctæ Sedis dignitas patietur in tuis
„ exaudiendis precibus benignitatem. In commu-
„ ni illa revocatione Jurispatronatuum à fel. rec.
„ Pio Papa Quarto Prædecessore nostro conces-
„ sorum non sine gravibus, & justis causis à no-
„ bis facta, quod te æquo animo tulisse scribis,
„ gratiam quoque ab eo tibi factam comprehen-
„ sam fuisse, ipsius devotionis erga Sedem Apos-
„ tolicam tuæ magnum signum das; cum ejus ju-
„ dicio sicut pio filio, ac moderato Rege dig-
„ num est humiliter acquiescis. De Monasteriis
„ autem Regni tui, quorum regimen rectioris
„ administrationis causa reductis gratum Nos fe-
„ cisse Maiestati tuæ gaudemus. Datum Romæ
„ die XXVI. Maii 1568.

Carta do Pontifice ao Cardeal D. Henrique.

„ Dilecto nostro in Christo Filio Henrico
„ Cardinali Portugalliæ, Pius Papa Quintus. Cha-
„ rissimum in Christo filium nostrum Sebastianum
„ Regem ad eam ætatem pervenisse, ut jam Reg-
„ ni, quod summa fide, cura, & diligentia tua
„ ad hoc tempus administratum fuit abs te admi-
„ nistrationem acceperit libenter admodum cogno-
„ vimus, & Deo gratias agimus; quod is spem
„ afferat cum reliquis virtutibus tum pietate er-
„ ga Deum, & observantia erga hanc Sanctam
„ Sedem, similem se foret maiorum suorum incly-
„ tæ

„ tæ memoriæ Regum. Quod eo magis de illo
„ ſperare poſſumus, quia non ſolum quo genere
„ ortus fuerit, ſed etiam quali cura, & diligen-
„ tia educatus, & inſtitutus ſit, novimus. In
„ his autem Regni ſui initiis, quod ei unâ cum
„ chariſſima in Chriſto filia noſtra Regina Avia
„ ſua tu adfuturus ſis, id magnopere laudamus,
„ & expedire putamus. Quibus enim meliori-
„ bus conſiliis tenera adhuc ejus ætas niſi poteſt,
„ quàm veſtris, quorum utrique genere quidem
„ nepos eſt, charitate autem filius? Ille verò plu-
„ rimùm Deo debet, quod vos ambo ea qua de-
„ cet concordia inter vos, communique conſilio
„ actus ejus ſitis, donec ætas ejus ita poſtulave-
„ rit, directuri. Quod actiones quaſdam noſtras
„ laudibus effers; eas quidem tibi probatas eſſe
„ gaudemus: ſed ſiquidem agimus quod laudan-
„ dum ſit, totam Deo laudem tribui cupimus,
„ à quo bona cuncta procedunt. Cujus auxilium
„ infirmitatis noſtræ Nobis conſcii, & tuis, &
„ aliorum piis orationibus Nobis implorari vehe-
„ menter cupimus, ut tantum onus, quod vires
„ noſtras longè ſuperat, ſuſtinere poſſimus. Da-
„ tum Romæ XXVI. Maii M.D.LXVIII.

Manda a ElRey o Pontifice o eſtoque, e chapeo, e quem foy conductor deſtas militares inſignias.

12 Naõ ſómente manifeſtou a Santidade de Pio V. com palavras o terniſſimo affecto com que amava ao noſſo Monarca, mas deu mayores indicios da ſua paternal benevolencia, mandando-lhe como a Principe guerreiro, cujo coraçaõ

raçaõ ſe animava com eſpiritos marciaes, o eſtoque, e chapeo, que no ſolemne dia de Natal coſtumaõ benzer os Pontifices Romanos. Foy conductor deſtas militares inſignias D. Diogo de Menezes, filho de D. Fernando de Menezes, Commendador, e Alcaide mór de Caſtellobranco, que neſte tempo exercitava na Curia o lugar de Embaixador deſta Coroa, em cuja peſſoa diſpendeo prodigamente os ſeus dotes a natureza; pois ornando-o de huma gentil preſença, que conciliava geralmente os affectos, lhe deu huma viveza de engenho, que excedia a idade, pois quando contava doze annos, recitou huma Oraçaõ na lingua Latina, que mereceo as attenções, e applauſos de todo o Collegio Apoſtolico.

13 Logo que entrou em Lisboa D. Diogo de Menezes, diſpoz o apparato, com que havia entregar ao noſſo Principe as dadivas Pontificias. Para eſte fim ſahio montado em hum ſoberbo cavallo pombo, precioſamente ajaezado, levando na maõ levantado o eſtoque, e da ſua ponta pendia o chapeo. Hia veſtido de huma opa arteficioſamente bordada, cuja cauda ſuſtentava de huma parte D. Affonſo de Lencaſtre, e da outra o Conde de Portalegre, e acompanhado do Marquez de Torres-Novas, ſeu irmaõ D. Pedro Diniz de Lencaſtre, e grande numero de Fidalgos, e Cavalheros, huns parentes, e outros

Pompa com que entrou em Lisboa D. Diogo de Menezes.

amigos de D. Diogo de Menezes, entrou no Paço, onde entregou o eſtoque, e chapeo, e aſſiſtido do meſmo acompanhamento ſe reſtituîo a ſua Caſa.

14 Chegou o dia, em que ElRey havia de receber aquellas militares inſignias, que o Pontifice lhe mandara, e para eſte effeito ſahio do Paço acompanhado de toda a Corte, à qual precedia D. Diogo de Menezes levando levantado o eſtoque, e delle pendente o chapeo. Junto à peſſoa delRey marchavaõ os Infantes D. Henrique, e D. Duarte, e logo proximos a eſtes a Rainha D. Catharina, a Infante D. Maria, a quem acompanhava o Senhor D. Antonio, e chegando toda eſta luſtroſa comitiva ao Convento de S. Domingos de Lisboa, ſe collocou ſobre o Altar da parte da Epiſtola o eſtoque, e chapeo. Celebrou Miſſa de Pontifical o Capellaõ mór D. Juliaõ de Alva, e no fim della ſe poz junto do Altar huma cadeira de borcado, em que ſe aſſentou o Celebrante, e no ultimo degráo foy poſta pelo Repoſteiro mór Bernardim de Tavora huma almofada em que ElRey ajoelhou, e hum dos Aſſiſtentes do Biſpo tirando do Altar o eſtoque, e chapeo o entregou ao Diacono, do qual o recebeo o Theſoureiro mór da Capella Real, e eſte o deu a D. Diogo de Menezes, de cuja maõ o tomou o Capellaõ mór, e depois de obſervar todas as ceremonias, que ordena em ſemelhantes fun-

Ceremonias com que ElRey recebeo as inſignias mandadas pelo Pontifice.

funções o Ceremonial Romano, poz o chapeo na cabeça delRey, o qual era de veludo roxo, tinha a copa alta, e as abas eſtavaõ forradas de arminhos, nos quaes ſe diviſava dibuxada em varias partes a figura do Eſpirito Santo, e todo era guarnecido de fitas de ouro, de que pendiaõ algumas pontas. Depois lhe cingio o eſtoque, que ElRey teve em quanto o Biſpo cantou huma Oraçaõ diverſa da que diſſe quando lhe cobrio a cabeça com o chapeo, e entregou huma, e outra inſignia a D. Diogo de Menezes, que as conduzio ao Paço na fórma, que delle as trouxera.

CAPITULO IV.

Nomea ElRey D. Sebaſtiaõ Vice-Rey da India a D. Luiz de Ataide, a quem entrega huma inſtrucçaõ, pela qual deve regular o ſeu governo. Morre o Principe de Caſtella D. Carlos, e das ſuas Exequias, que celebrou aquelle Monarca à ſua memoria. O meſmo obſequio practîca com a Rainha de Caſtella D. Iſabel de Valois.

15 NAõ eraõ completos tres mezes, que ElRey D. Sebaſtiaõ tinha cingido a Coroa, quando evidentemente moſtrou, que ſe a naõ herdara pelo naſcimento, a merecia pelas acções, que obrou no principio do ſeu Reyna- 1568

do, ſendo a principal o Heroe, que eſcolheo para dignamente repreſentar a ſua ſoberana Peſſoa na Cabeça do Imperio Oriental, e governar com rectidaõ, e prudencia, taõ vaſto, como ſoberbo Eſtado. Para eſte fim conſiderando com madureza mayor, que a idade, o abatimento a que eſtava na India reduzido o valor militar dos Portuguezes, e querendo reſuſcitar as illuſtres façanhas, com que tinhaõ avaſſallado à ſua Coroa os mayores Potentados da Aſia, nomeou por Vice-Rey a D. Luiz de Ataide, filho de Affonſo de Ataide, e D. Maria de Magalhães, Senhores da Caſa de Atouguia, Varaõ taõ inſigne, que lhe ſobejava o eſplendor do naſcimento para occupar lugar taõ ſupremo; pois além do elevado juizo de que era dotado, lhe tinha ſervido de eſcola militar todo o Oriente, onde no governo de tres Vice-Reys deu claros argumentos de valeroſo Soldado, e prudente Capitaõ, ſervindo-lhe de prologo a eſtas acções heroicas as que com ſemelhante ardor obrara nas campanhas de Africa, e Alemanha.

He eleito Vice-Rey da India D. Luiz de Ataide.

16 Naõ ſatisfeito o animo daquelle Principe com a acertada eleiçaõ de taõ famoſo Heroe para o glorioſo fim, que intentava, ſe reſolveo, poſto que confiava tudo da ſua prudente capacidade, darlhe humas inſtrucções, pelas quaes dirigiſſe o ſeu governo; e para que em materia taõ alta, em que igualmente ſe intereſſava o zelo

lo da Religiaõ, e o augmento da Monarchia, naõ erraſſe, ſe recolheo ao Gabinete em huma ſexta feira de Quareſma, que ſe contavaõ doze de Março, e poſto de joelhos com os olhos no Ceo, e o coraçaõ em Deos, lhe ſupplicou humildemente foſſe ſervido inſpirarlhe os documentos, com os quaes ſe podeſſe reger, e conſervar taõ vaſto Imperio; e pegando da penna, eſcreveo os ſeguintes, que pela ſua judicioſa madureza parece que foraõ ſuperiormente dictados, e os entregou ao tempo da partida a D. Luiz de Ataide. Conſtavaõ deſtas formaes palavras. *Fazey muita chriſtandade. Fazey juſtiça. Conquiſtay tudo quanto poderdes. Tiray a cobiça dos homens. Favorecey aos que peleijarem. Tende cuidado da minha fazenda. Para tudo iſto vos dou o meu poder. Se o fizerdes aſſim muito bem, farvoshey merce. Se o fizerdes mal, mandarvoshey caſtigar. Se alguns regimentos forem em contrario deſtas couſas, ſupponde, que me enganaraõ, e por iſſo naõ haja que vos eſtorve iſto.*

Inſtrucçaõ, que ElRey deu ao novo Vice-Rey para dirigir o ſeu governo.

17 Eſta providencia, que D. Sebaſtiaõ practicou com as materias, que reſpeitavaõ à conſervaçaõ da India, a exercitou com mayor actividade nas que pertenciaõ ao augmento da Religiaõ. Tinha a Mageſtade de D. Joaõ o III. expedido huma Proviſaõ, pela qual mandava, que os Chriſtãos novos, que foſſem convencidos de heresia, ſe lhe naõ confiſcaſſem os bens por tempo de dez annos, mas que foſſem herdeiros delles os paren-

parentes dos condemnados, naõ tendo ſido comprehendidos no meſmo crime; ſendo o intento daquelle piedoſo Principe, que naõ receando os culpados perder as ſuas fazendas, mais facilmente confeſſariaõ os ſeus delictos, e ſe uniriaõ à Igreja, de cujo gremio ſacrilegamente ſe tinhaõ apartado. Paſſados dez annos deſta graça, ſupplicaraõ os Chriſtãos novos a ElRey D. Sebaſtiaõ, que lha prorogaſſe por ſemelhante eſpaço de tempo, cuja petiçaõ foy benevolamente deſpachada; e querendo elles alcançar do meſmo Principe ſegunda prorogaçaõ, lhes naõ foy concedida, por ſe conhecer quanto infructuoſa tinha ſido aquella graça; pois os Chriſtãos novos ſeguros de que conſervavaõ as ſuas fazendas, uſavaõ mais ſoltamente dos ſeus abominaveis ritos, e ceremonias, de que eraõ manifeſtas provas os innumeraveis, que ſe prendiaõ por complices das meſmas culpas; e para que de algum modo ſe impediſſe o abominavel progreſſo de taõ enormes delictos, reſolveo D. Sebaſtiaõ, vendo como os Chriſtãos novos tinhaõ abuſado da clemencia Real, negar o que lhe pediaõ, e ordenar, que nelles ſeveramente ſe executaſſe o caſtigo, que o Direito Canonico, e Civil decretavaõ; e antevendo com prudente conſideraçaõ, que deſenganados de alcançar, o que pertendiaõ, recorreſſem a Roma, eſcreveo o meſmo Principe ao Doutor Antonio Pinto, aſſiſtente na Curia, para

Supplicaõ os Chriſtãos novos huma graça, que ElRey lhes concede.

Naõ quer ElRey prorogar a graça, que tinha concedido.

para onde ſe reſtituira da larga jornada, que fizera ao Emperador da Ethiopia, como ſe fez mençaõ no Tom. 1. liv. 2. cap. 11. deſtas Memorias, a quem recommendou, que logo repreſentaſſe ao Pontifice as cauſas, que o moveraõ para negar a ſupplica, que lhe fizeraõ os Chriſtãos novos, ſendo a principal extirpar dos ſeus Reynos as hereſias, e conſervar o Tribunal da Inquiſiçaõ, como antemural da Fé, para reduzir a obſtinada contumacia dos ſequazes da ſynagoga; encommendando-lhe, que o aviſaſſe individualmente de tudo quanto o Pontifice reſpondeſſe neſta materia, applicando todo o cuidado em inquirir ſe por parte dos Chriſtãos novos ſe interpunha algum recurſo na ſua pertençaõ, para que com o meſmo deſvélo o impediſſe, valendo-ſe para eſte effeito da protecçaõ de alguns Cardeaes, aos quaes da ſua parte podia fallar, para que foſſem zeloſos defenſores de hum negocio, que era em obſequio da Religiaõ.

18 Notavel foy a differença de ſucceſſos, que no principio deſte anno ſe viraõ em Portugal, e Heſpanha, pois no breve intervallo de dous dias, que precederaõ à exaltaçaõ ao Throno del Rey D. Sebaſtiaõ, ſe lamentou deſpojado delle o Principe D. Carlos, filho primogenito de Filippe Prudente. Tinha eſte Principe machinado humas idéas injurioſas à ſua ſoberania, pertendendo cingir a Coroa, e empunhar o Sceptro na vida de ſeu

Prizaõ do Principe D. Carlos ordenada por ſeu pay Filippe Prudente.

ſeu pay; e conſiderando eſte com aquella prudencia, de que era ſummamente ornado, os inconvenientes, que ſe podiaõ ſeguir de taõ ambicioſo, e perfido intento, acudio promptamente a evitar taõ fatal calamidade, que igualmente arruinava a ſua Real Peſſoa, como a toda a Monarchia; e no dia dezoito de Janeiro, acompanhado do Duque de Feria, Ruy Gonçalves da Sylva, D. Joaõ Manrique de Lara, D. Antonio de Toledo, Prior de S. Joaõ, e Luiz Quixada, Senhor de Villa-Garcia, entrou no Gabinete do Principe: e receando eſte, que o pay eſquecido de que o gerara, e ſómente lembrado do inſulto contra elle machinado, quizeſſe ſeveramente punillo, começou a clamar, que ſe Sua Mageſtade o queria matar, elle naõ eſtava louco, mas deſeſperado do exceſſo, que com a ſua peſſoa ſe uſava; mas Filippe nunca mais prudente, que neſta occaſiaõ, ordenou, que o Principe ficaſſe prezo naquella caſa, e recommendou a guarda do ſeu corpo a D. Franciſco Gomes do Sandoval, Conde de Lerma, D. Rodrigo de Mendoça, irmaõ do Duque do Infantado, D. Rodrigo de Benavides, irmaõ do Conde de Santiſtevan, D. Gonçalo Chacon, irmaõ do Conde da Puebla de Montalvan, D. Franciſco Manrique, irmaõ do Conde de Paredes, e D. Joaõ de Borja, irmaõ do Duque de Gandia, ordenando-lhes, que ſómente fallaſſem com o Principe, confiando

Ferreras Hiſtor. de Heſpan. Tom. 14. ann. 1568. n. 2.

do

do da ſua fidelidade a prompta execuçaõ do que lhes mandava, e ſobre tudo naõ permittiſſem, que outra qualquer peſſoa entraſſe no Gabinete do Principe.

Informa Filippe a todos os Principes da acçaõ, que obrara.

19 Executada por eſte modo a recluſaõ do Principe D. Carlos, determinou Filippe manifeſtar as cauſas, que o moveraõ, para que depoſta a ternura de pay, exercitaſſe a ſeveridade de Rey contra hum filho, que pelas ſuas obras o naõ parecia; e aſſim eſcreveo ao Papa, e a todos os Principes da Europa, informando-os do motivo, que o obrigara a executar huma acçaõ taõ eſtranha, e ſatisfazer a opiniaõ errada de muitos, que o julgavaõ por tyranno. Eſta noticia participou com eſpecialidade a ſua irmãa a Rainha D. Catharina, para que no ſeu conceito ficaſſe juſtificada a reſoluçaõ, com que prendera a ſeu ſobrinho, ſendo a Carta, que para eſte fim lhe eſcreveo, a ſeguinte.

Carta de Filippe Prudente à Rainha D. Catharina.

„ Señora. Aun que muchos dias antes del „ diſcurſo, vida, e modo de proceder del Prin„ cipe mi hijo, y de muchos, y grandes argu„ mentos, que para eſſo concurren, que ha dias, „ que reſpondi a lo que V. A. me eſcrevio, que „ tera viſto, y entendido la neceſſidad, que avia „ de poner en ſu perſona remedio, y el amor de „ padre, y conſideracion, y juſtificacion, que „ para venir a ſemejante termino de en eſto pro„ ceder, me tiene detenido, buſcando, y uſan-

„ do de todos los medios, y remedios, y cami
„ nos, que para nò llegar a eſte punto me pare-
„ cieron neceſſarios. Las coſas del Principe tienen
„ paſſado tanto adelante, y venido a tal eſtado,
„ que para cumplir con la obligacion, que tengo
„ a Dios, como Principe, y Chriſtiano, y a los
„ Reynos, y Eſtados, que hà ſido ſervido dar-
„ me a mi cargo, nò pude eſcuzarme de hazer
„ mudança en ſu perſona, recogerle, y encarce-
„ ralle. Lo ſentimiento, y dolor, con que eſto
„ tengo hecho, V. A. lo podrà juzgar por ſi,
„ que tendrà de tal caſo como madre, y Señora
„ de todos. Finalmente mi voluntad en eſta par-
„ te es hazer ſacrificio a Dios de mi propria car-
„ ne, y ſangre, y preferir ſu ſervicio, y el be-
„ neficio publico a las otras conſideraciones hu-
„ manas. Las coſas anſi antiguas, como las que
„ de nuevo ſobrevinieron, que ſoy conſtrangido
„ a tomar eſta reſolucion, ſon tales, y de tal ca-
„ lidad, que ni yo las pudiera referir, ni V. A.
„ ver, ſin le ſer renovada dolor, y laſtima. Lo
„ demàs a ſu tiempo lo entenderà V. A. ſolo me
„ parece aora advirtir, que el fundamiento deſta
„ mi determinacion nò depende de la culpa, ni
„ inobediencia, ni deſacierto, ni enderezada a
„ caſtigo, que aun que era eſto ſufficiente mate-
„ ria, pudiera tener ſu tiempo, y termino; ni tan
„ poco tengo tomado por medio, teniendo expe-
„ riencia, que por eſte camino ſe reformarán ſus
„ ex-

,, exceſſos, y deſordenes. Tiene eſte negocio otro
,, principio, y raiz, cuyo remedio nò conſiſte
,, en tiempo, ni en medios, que es de mayor im-
,, portancia, y conſideracion para ſatisfazer eſta
,, obligacion ſobredicha, que tengo a Dios, y
,, a mis Reynos; e porque del proceſſo, que eſ-
,, te negocio tuviere, y de lo que adelante ſu-
,, cediere ſe certificarà V. A. parte, y razon le ſe-
,, rà dada continuamente, neſta nò tengo màs que
,, dizir, que rogar a V. A. como madre, y Se-
,, ñora de todos, a quien tanta parte cabe de to-
,, do, nos encomiende a Dios, el qual guarde a
,, V. A. como yo dezeo. De Madrid a 2 de He-
,, brero de 1568 años.

REY.

20 Tinha informado D. Franciſco Pereira, Embaixador em Caſtella, ao noſſo Principe deſte ſucceſſo, que pelas ſuas circunſtancias cauſou em toda a Europa naõ pequena conſternaçaõ, e expedio logo a Franciſco de Sá, do ſeu Conſelho, para que repreſentaſſe a Filippe Prudente o alto ſentimento, que recebera com a infauſta noticia da prizaõ de ſeu primo o Principe D. Carlos, fazendo-ſe com a demonſtraçaõ de caſtigo taõ ſevero publico a todo o Mundo a gravidade do delicto, com que manchara a ſoberania do ſeu naſcimento, negando contra os dictames da natureza, e politica, a obediencia, que como fi-

Manda D. Sebaſtiaõ a Franciſco de Sá, para que repreſente a Filippe o ſentimento, que recebeo com a noticia da prizaõ do Principe D. Carlos.

lho, e vaſſallo, devia render a S. A. mas que eſperava ſeria brevemente reſtituido à ſua liberdade, por conhecer, que no coraçaõ de S. A. havia prevalecer a clemencia ao rigor. Naõ recebeo menor ſentimento a Rainha D. Catharina com eſta noticia, participada pela Carta, que lhe remettera ſeu irmaõ, a quem mandou explicar por Franciſco de Sá, quanto ficara altamente ſentida com o exceſſo, em que rompera a ſua prudencia, provocada pelo injuſto animo do Principe D. Carlos; mas como terniſſimamente o amava, lhe pedia, moderaſſe o caſtigo contra eſte Principe, lembrando-ſe, que o gerara, e ſeria mais glorioſo o ſeu nome, ſe permittiſſe, que ao amor cedeſſe a mageſtade.

O meſmo executa a Rainha D. Catharina.

21 Como o animo do Principe D. Carlos era exceſſivamente altivo, naõ podia tolerar, que naſcendo para Rey, eſtiveſſe prezo como reo; e deſanimado de alcançar liberdade, cahio em huma taõ profunda melancolia, que degenerando em furor, paſſou tres dias ſem comer, até que cedendo a natureza à violencia de huma enfermidade cauſada pela debilidade do eſtomago, acabou a vida em 24 de Julho, quando contava vinte e tres annos e dezaſeis dias de idade. Foy levado a enterrar com a pompa digna da ſua peſſoa, e depoſitado no Real Moſteiro de Religioſas de S. Domingos, entre os dous Infantes filhos dos Reys D. Pedro, e D. Henrique, até ſer conduzido

Morre o Principe D. Carlos.

Cabrera Hiſt. de Filip. II. liv. 8. cap. 5.

zido ao Convento de S. Francifco de Toledo, como no feu Teftamento tinha religiofamente ordenado.

Manda D. Sebaftiaõ dar os pezames da morte do Principe D. Carlos aos Reys Catholicos.

22 Chegou a funefta noticia da morte defte Principe em trinta de Julho a ElRey D. Sebaftiaõ, e para explicar o alto fentimento, que concebera o feu coraçaõ, mandou a Caftella por Embaixador Extraordinario ao Commendador mór D. Luiz de Lencaftre, para que efficazmente reprefentaffe aos Reys Catholicos, e à Princeza D. Joanna de Auftria o pezar, que experimentara com a intempeftiva morte de feu primo, de que eraõ manifeftas provas as Cartas feguintes.

Carta delRey D. Sebaftiaõ para ElRey de Caftella.

,, Senhor. Muitas razoens tenho para fen-
,, tir muito o falecimento do Senhor Principe,
,, feu filho, que fanta gloria haja; mas muitas
,, mais tenho para me doer muito o fentimento,
,, que fey, que V. A. com ella ha de ter; mas
,, em tamanha dor, e em tamanha perda fó Deos
,, póde confolar: elle confole V. A. e com ra-
,, zaõ devemos todos fer confolados, fendo a fua
,, morte taõ catholica, e taõ chriftãa; e com
,, tanto conhecimento de Noffo Senhor. Farme-
,, ha V. A. muy grande merce mandarme por D.
,, Luiz de Lencaftre, meu muito amado fobri-
,, nho, que envio, para da minha parte vifitar
,, V. A. dizer como eftá: e fe ha em meus Rey-
,, nos, em que eu poffa fervir V. A. que em ta-
,, manho nojo ifto fó me poderá dar contenta-
,, mento:

„ mento. Em tudo o mais me remeto a D. Luiz, „ ao qual peço a V. A. queira dar no que àcer- „ ca diſto lhe diſſer, inteiro credito. Noſſo Se- „ nhor guarde a muy Real Peſſoa de V. A. como „ eu deſejo. De Cintra, a 10 de Agoſto de 1568.

REY.

Carta para a Rainha de Caſtella.

„ Senhora. Mando D. Luiz de Lencaſtre, „ meu muito amado ſobrinho, para da minha „ parte viſitar o Senhor Rey, meu tio, e a V. A. „ pelo falecimento do Senhor Principe, ſeu filho, „ que ſanta gloria haja; e porque o caſo he a to- „ dos de muy grande dor, e ſentimento, beija- „ rey as mãos a V. A. por nelle ſe querer haver „ conforme a quem V. A. he, conſolando ao Se- „ nhor Rey, e aſſim como he razaõ, que o fa- „ çaõ Reys taõ Catholicos, e Chriſtãos; e rece- „ berey muy grande merce de V. A. mandarme „ por D. Luiz muitas novas da ſua diſpoſiçaõ, „ que prazerá a Noſſo Senhor, que ſeraõ as que „ eu deſejo. Noſſo Senhor guarde a muy Real „ Peſſoa de V. A. como deſeja. De Cintra, a „ 10 de Agoſto de 1568.

REY.

Carta para a Princeza D. Joanna de Auſtria.

„ Senhora. Neſte grande ſentimento, que „ ſey que V. A. ha de ter com o falecimento do „ Senhor Principe de Caſtella, ſeu ſobrinho, que „ ſanta gloria haja, e para que ha tantas razoens „ para

„ para aſſim dever de ſer, com nenhuma couſa
„ me podera eu mais ſatisfazer, que ir em peſ-
„ ſoa beijar as mãos a V. A. e pedirlhe com aquel-
„ le grande amor, que lhe tenho, quizeſſe de ta-
„ manha dor naõ tomar mais parte, que aquel-
„ la, que à ſua vida, e à ſua ſaude naõ podeſſe
„ trazer algum damno; mas já que por mim naõ
„ poſſo fazer iſto, ſendo a couſa, que mais de-
„ ſejo, mando D. Luiz de Lencaſtre, meu mui-
„ to amado ſobrinho, para em meu nome o fa-
„ zer. Beijarey as mãos a V. A. por lhe querer
„ dar, no que àcerca diſto de minha parte lhe
„ diſſer, inteiro credito; e ſendo ſervida darlhe
„ da ſua diſpoſiçaõ as muito boas novas, que eu
„ queria; porque quando aſſim forem, nenhuns
„ trabalhos por grandes, que ſejaõ, poderáõ ſuc-
„ ceder, com que eu naõ poſſa; as de mim lhe
„ dará D. Luiz, de quem V. A. as poderá ſaber.
„ Noſſo Senhor guarde a muy Real Peſſoa de
„ V. A. como eu deſejo. De Cintra, 10 de
„ Agoſto de 1568.

REY.

23 Expedido o Embaixador para Caſtella em o primeiro de Setembro, paſſou ElRey D. Sebaſtiaõ de Cintra a Lisboa; e para dar mayor argumento da dor, que o penetrara pela morte do Principe D. Carlos, mandou dedicar à ſua memoria, em vinte e cinco do dito mez, ſumptuoſas

Celebraõ-ſe Exequias ao Principe D. Carlos.

ſas Exequias, no Convento de Noſſa Senhora da Graça, cabeça da Provincia dos Eremitas de Santo Agoſtinho; e para que foſſem mais honorificas, aſſiſtio peſſoalmente o meſmo Monarca a toda aquella religioſa funçaõ, na qual orou elegantemente o inſigne Varaõ Diogo de Paiva de Andrade, elegendo para thema aquellas palavras de S. Joaõ no cap. 5. *Venit hora, & nunc eſt, quando mortui audient vocem Filii Dei.*

Semelhante obſequio ſe pra-ctica com a Rainha de Caſ-tella.

24 A eſte funebre obſequio ſe ſeguio outro igual em vinte e cinco de Outubro, no meſmo Templo, onde a piedade delRey D. Sebaſtiaõ mandou levantar hum ſoberbo Mauſoléo à lembrança ſempre ſaudoſa da Sereniſſima Rainha de Caſtella D. Iſabel de Valois, terceira mulher de Filippe Prudente, que fora tyrannamente deſpojada da vida pela cegueira da morte, em tres de Outubro, na florente idade de vinte e dous annos, cinco mezes, e dous dias. Foy o Panegyriſta das ſuas raras virtudes Fr. Thomas de Souſa, da Ordem dos Prégadores, a cuja pompa funeral aſſiſtio o noſſo Principe, que mandou perſuadir a Filippe com terniſſimas expreſſoens a conformidade, e reſignaçaõ, com que devia tolerar a falta de huma taõ ſoberana conſorte, cujos dotes excedendo o numero dos annos, ſómente podiaõ ſer coroados na eternidade.

CAPI-

CAPITULO V.

Promulga ElRey D. Sebaſtiaõ huma Ley, pela qual reduzio a moeda de cobre ao preço, que tinha antes de lavrada. Repugna o povo a ſua obſervancia, até que conheceo a conveniencia, que lhe reſultava. Relataõ-ſe algumas acções, que eſte Principe executou no principio do ſeu Reynado, e outras couſas memoraveis.

1568

25 O Paternal cuidado, com que logo no principio do ſeu governo attendia ElRey D. Sebaſtiaõ pela conſervaçaõ de ſeus vaſſallos, foy claro vaticinio da vigilante providencia, com que havia ſempre zelar as ſuas conveniencias, ſendo a prova mais evidente deſta vigilancia as acções, que neſte anno executou. Sabendo os Inglezes, ſempre ambicioſos de augmentar os ſeus lucros, que em Portugal valiaõ as moedas de cobre mais de metade do ſeu valor intrinſeco, introduziraõ, com offenſa da fé publica, em os noſſos pórtos grande copia dellas falſificadas, e as trocavaõ por outras de ouro, e prata, com tanto damno deſte Reyno, que havendo larga quantidade deſtas do valor de mil reis, e quinhentos reis, de tal ſorte as extrahiraõ, que raramente apparecia huma. Havia quatro annos,

Introduzem em Portugal os Inglezes moedas falſas de cobre.

que o Cardeal D. Henrique, como Regente do Reyno, tinha impedido ſemelhante introducçaõ deſtas moedas, que vinhaõ de Flandes cunhadas com as Armas Portuguezas, como mais largamente eſcrevemos no Tomo 2. liv. 2. cap. 6. deſtas Memorias; mas naõ foy baſtante a cautela, que naquelle tempo ſe practicou, para que os Inglezes deixaſſem de introduzir doloſamente entre outros generos a falſidade das moedas, de que recebiaõ naõ pequeno lucro, e o noſſo Reyno graviſſimo damno.

Promulga ElRey huma Ley, em que reduz a moeda de cobre ao preço antes de lavrada.

26 Para evitar as perniciosas conſequencias deſta introducçaõ promulgou o noſſo Principe huma Ley, pela qual reduzio a moeda de cobre ao preço, que tinha antes de lavrada, declarando, que a de dez reis, valeria tres; a de cinco, real e meyo; e a de tres, hum real. Foy eſta Ley promulgada por todo o Reyno, em quarta feira da Semana Santa, que ſe contavaõ quatorze de Abril, deſte anno de 1568, e he inexplicavel de relatar a conſternaçaõ, que produzio em todo o povo; pois como havia grande falta de prata, e naõ corria outra moeda mais, que a de cobre, lhes parecia impoſſivel a ſua obſervancia, e paſſando a mayor deſeſperaçaõ, fecharaõ todas as logeas, para naõ vender ainda o que era preciſo para o ſuſtento da vida. De tal ſorte ſe foy augmentando eſte tumulto, que temendo-ſe, que delle ſe originaſſem mayores exceſſos, recor-

recorreo o Senado de Lisboa, e a Meſa da Miſericordia a ElRey, que aſſiſtia em Almeirim, para que attendendo ao cegó furor do povo mandaſſe revogar a Ley promulgada; porém naõ ſe deferio a eſta ſupplica, antes ao Sabbado Santo chegou ordem expreſſa para exactamente ſe obſervar.

27 Com eſta noticia ſe exaſperou mais furioſamente o povo, conſiderando a grave perda, que recebia com a diminuiçaõ da moeda, e chegaraõ algumas peſſoas a penetrarſe tanto deſte infortunio, que com as proprias mãos ſe deſpojaraõ da vida; outras paſmadas, e atonitas diſcorriaõ pela Cidade, como ſe eſtiveſſem privadas do juizo. Naõ faltaraõ Miniſtros, que ſabendo antecipadamente da Ley, eſquecidos da rectidaõ, que deviaõ obſervar, mandaraõ chamar a muitos officiaes ſeus acredores, e lhe pagaraõ com a moeda, que corria; e imaginando os que recebiaõ o dinheiro, que tinha o meſmo valor, que até aquelle tempo conſervava, ſe achavaõ notavelmente defraudados, de tal ſorte, que quem cuidava receber dez toſtoens, levava ſómente tres; mas a Juſtiça Divina punio ſeveramente os authores deſtas iniquidades, acabando muitos delles infelizmente as vidas. Paſſado algum tempo, em que o povo ſe deixou perſuadir da utilidade da Ley promulgada, a receberaõ com grande ſatisfaçaõ, vendo, que com ella ſe fechava a entrada

Conſternaçaõ do povo com a promulgaçaõ da Ley.

trada à moeda falsa, pois reduzida ao seu valor intrinseco, naõ era conveniente aos Inglezes a sua introducçaõ.

28 Outro argumento deu ElRey neste anno do zelo, com que attendia pelas conveniencias de seus vassallos, e sendo o principal a conservaçaõ das suas vidas, todo o seu cuidado applicou, para que houvesse grande numero de Medicos, que com o exercicio da sua Arte as prolongassem. Para este fim ordenou, que na Universidade de Coimbra se instituissem trinta partidos para Estudantes pobres, que fossem de geraçaõ limpa, e aprendessem a faculdade da Medicina, para os quaes fez hum Regimento em vinte de Setembro deste anno de 1568, por onde se regulasse a distribuiçaõ dos partidos. Era neste tempo Reytor da Universidade Ayres da Sylva, que depois coroou os seus merecimentos com a Mitra do Porto, e ultimamente acabou a vida na infeliz batalha de Alcacer, o qual convocando o Claustro pleno em vinte e nove de Novembro do mesmo anno, foy lido, e approvado o Regimento com todas as clausulas, de que constava, e até o tempo presente pontualmente se observa.

Institue ElRey na Universidade de Coimbra trinta partidos para Medicos.

29 Igualmente zelava o nosso Monarca a conservaçaõ da vida dos seus vassallos, como extremosamente sentia a morte daquelles, que eraõ dignos de mayor duraçaõ, como claramente o mostrou pela morte de D. Garcia de Castro, succedida

Morte de D. Garcia de Castro, e seu Elogio.

cedida em Almeirim a dezoito de Março defte anno de 1568. Foy efte Cavalhero filho de D. Francifco de Caftro, Capitaõ do Cabo de Guè, e de D. Ifabel de Menezes. O heroico valor, que moftrou nas Campanhas de Africa, quando governou como Capitaõ General a Praça de Mazagaõ, e foy foccorrer por ordem delRey D. Joaõ o III. ao celebre Capitaõ Luiz de Loureiro, como tambem as proezas, que obrou na India o fizeraõ digno de que ElRey D. Sebaftiaõ o fizeffe Confelheiro de Eftado, e do feu defpacho. Eftá fepultado na Capella mayor do Convento de Santa Clara de Evora, que fua mãy dotou para jazigo de feus defcendentes, onde o epitafio, que o cobre, he a mais fincera, e honorifica hiftoria da fua vida. A outro femelhante Varaõ, affim no efplendor do nafcimento, como na valentia do animo, defpojou a morte em quatorze de Março defte anno, o qual foy D. Manoel de Lima, filho de Diogo Lopes de Lima, do Confelho dos Reys D. Manoel, e D. Joaõ o III. Senhor de Caftro Dairo, e Alcaide mór de Guimãraes, e de fua mulher D. Ifabel de Caftro Pereira. Pelo largo efpaço de vinte e cinco annos foy a India o theatro das fuas heroicas façanhas, das quaes feraõ eternas teftemunhas os Reynos de Calicut, e Cambaya, e a Cidade de Dio, onde em affedios, e batalhas moftrou a prudencia de Capitaõ, e o valor de Soldado.

Morte de D. Manoel de Lima, e feu elogio.

Efperança Hift. Seraf. Part. 1. liv. 2. cap. 22.

dado. Jaz em tumulo levantado ao lado direito da Capella mór do Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa.

Nomea ElRey diversos Prelados para as Diocesis Ultramarinas.

30 Naõ era menos activa a vigilancia, que ElRey applicava, para que se conservassem os seus vassallos observantes dos preceitos Divinos, nomeando para taõ sagrado fim Prelados, que com a doutrina, e exemplo os guiassem pelo caminho da vida eterna. Neste anno elegeo para Bispo da Ilha da Madeira a D. Fr. Fernando de Tavora, da Ordem dos Prégadores, filho de Fernaõ Cardoso, e Filippa de Brito, ambos da primeira nobreza da Villa de Santarem; e para Cochim a seu irmaõ, pelo vinculo da natureza, e profissaõ do Instituto D. Fr. Henrique de Tavora, que partio com o Vice-Rey D. Luiz de Ataide. A D. Nuno Alvares Pereira, que occupava a Cadeira de Angra, Capital da Ilha Terceira, accrescentou a renda por Carta feita em Cintra a vinte e nove de Julho, deste anno de 1568, consignando-lhe cento e vinte mil reis, que venceria elle, e seus successores, residindo, e mais sessenta, se pessoalmente visitassem as Igrejas da sua Diocesi: e faltando a estas condições, naõ cobrariaõ a dita quantia, a qual seria applicada para o Seminario, onde se educavaõ as pessoas, que se deviaõ dedicar ao ministerio de Altar. Naõ sómente accrescentou ElRey a renda do Bispo de Angra, mas com magnifica piedade man-

mandou levantar a ſua Cathedral, para cuja fabrica ſe applicavaõ tres mil cruzados cada anno do rendimento da Ilha de S. Miguel, até que a obra ſe concluiſſe.

31 Neſte anno teve feliz principio a reformada Provincia de Religioſos Capuchos, debaixo da invocaçaõ de Santo Antonio, por hum Breve de S. Pio V. impetrado pelo Cardeal D. Henrique, de cuja penitente familia foy ſeu primeiro Provincial Fr. Antonio de S. Vicente, mais verſado na ſciencia dos Santos, que na das Eſcolas, o qual prudentemente a governou por eſpaço de ſete annos. A' inſtancia do meſmo Cardeal alcançou da Santidade de Pio V. outro Breve para reformar as Religioſas do Convento de Santa Clara do Porto, e ſendo commettida a reformaçaõ ao Cardeal, elle a ſubdelegou em Duarte da Cunha, Deaõ da Cathedral daquella Cidade, o qual, ainda que houve repugnancia da parte das Religioſas para aceitar a reformaçaõ, a executou com tal ſuavidade, e prudencia, que brevemente ſe reſtituîo aquella Communidade à regular obſervancia, que em grande parte eſtava remetida do ſeu primitivo rigor.

Principia a Provincia de Santo Antonio dos Capuchos.

Gonzaga de Origin. Seraph. Religionis Part. 3. pag. 1154.

CAPI-

CAPITULO VI.

Conquista gloriosamente D. Antaõ de Noronha a Cidade de Mangalor, onde edifica huma Fortaleza.

1568

32 CElebre foy o triunfo, com que D. Antaõ de Noronha felizmente começou neste anno as suas heroicas acções. Para castigar a soberba da Rainha de Olala, e render a Cidade de Mangalor, sahio com huma poderosa Armada, de que se fez distincta memoria no Tomo 2. liv. 2. cap. 33. destas Memorias: e tanto que a avistou, se resolveo a que fosse logo acommettida. Na entrada desta Cidade faz a terra huma lingua, quasi toda de area lavada do mar, e do rio por tres partes: e na face, que olha para a barra, estava levantado hum muro de doze palmos de grossura, que se estendia do rio até o mar, fortificado de alguns cubellos com bastante artelharia, e guarnecido de quinhentos Malavares, igualmente valerosos, que disciplinados. Defendiaõ, e seguravaõ a Cidade doze mil Soldados armados de diversos instrumentos, e artificios de fogo.

Como estava fortificada a Cidade de Mangalor.

33 Mandou o Vice-Rey desembarcar tres mil homens, divididos em seis esquadroens, de que

que eraõ Capitães D. Francisco Mascarenhas, Capitaõ de Malaca, D. Joaõ Pereira, seu cunhado, D. Antonio Pereira, seu irmaõ, D. Fernando de Monroy, D. Pedro de Castro, e D. Jorge Baroche. Na parte por onde determinava o Vice-Rey acometter a Cidade, se aquartelou D. Francisco Mascarenhas: e para que passasse alegremente a noite, se accenderaõ velas, a cujas luzes se poz a jogar, com tanta segurança como se estivera nos palmares de Goa. Observaraõ os inimigos a pouca cautela, com que estavaõ prevenidos os Portuguezes, e julgando, que as luzes os haviaõ de ter cegos, por ser a noite muito tenebrosa, se determinaraõ sahir quinhentos às dez horas pela banda da praya, resolutos a executar huma acçaõ taõ gloriosa para elles, como injuriosa para nòs. Com incrivel presteza fizeraõ a cincoenta Portuguezes victimas da sua espada: e passando a mayor excesso o seu atrevimento, acometteraõ a tenda de D. Francisco Mascarenhas, que estava acompanhado de D. Miguel de Castro, Joaõ Dornellas de Gusmaõ, e Gomes Eannes de Freitas.

Recebem os nossos algum damno dos inimigos por estarmos menos acautelados.

34 Em taõ improviso assalto se armaraõ tumultuariamente os nossos Soldados de espadas, e rodellas, e se começou a travar huma horrorosa pendencia, com tanta confusaõ, e desordem, que as sombras da noite naõ permittiaõ distinguir amigos de inimigos. Concorria mais para

nosso estrago a pouca disciplina dos Soldados, que hiaõ desembarcando, pois com tiros vagos matavaõ a muitos dos que estavaõ alojados pelas estancias. Acodio velozmente o Vice-Rey a impedir a derrota, que padecia a nossa gente, e encontrou a D. Francisco Mascarenhas rebatendo com taõ heroico valor a furia dos Mouros, que naõ era poderosa a grande copia de sangue, que corria de cinco feridas, para lhe diminuir o militar ardor do seu alentado coraçaõ. Neste conflicto eternisou a sua memoria D. Luiz de Almeida, pois sendo desamparado pela gente, que capitaneava, e sómente assistido de Matthias de Albuquerque, Ignacio de Lima, D. Lourenço de Almeida, Antaõ de Faria, Pedro Machado, Luiz Dias Collaço, e Francisco Piquel, fez de alguma sorte retroceder a furia dos barbaros, que à maneira de innundaçaõ tudo hiaõ devastando. Retiraraõ-se os Mouros gloriosos desta empreza; e o Vice-Rey para evitar segunda invasaõ, mandou abrir huma profunda cava defronte das tranqueiras inimigas, e acabada esta obra, se recolheo com alguma tristeza ao quartel.

Impede o Vice-Rey a derrota, que padecia a nossa gente.

35 Este tragico successo, que podia ser infausto vaticinio da conquista, que intentava D. Antaõ de Noronha, lhe naõ abateo os espiritos, para que na manhãa seguinte cinco de Janeiro deixasse de ordenar, que fosse acomettida a Cidade. Para fim taõ glorioso marchou na frente dos

Determina o Vice-Rey acometter a Cidade.

dos Soldados D. Joaõ Pereira, D. Pedro de Caſtro, D. Fernando de Monroy, e D. Jorge Baroche, a tempo que todas as fuſtas, e galés eſtavaõ diſpoſtas para baterem a Cidade por todas as partes, principalmente quando os noſſos Soldados quizeſſem aſſaltar os muros. Acompanhavaõ ao Vice-Rey Alvaro Paes de Sottomayor, Heitor de Mello, Jorge da Sylva Pereira, e outros Fidalgos authoriſados. Os outros Capitães eſtavaõ repartidos pelos eſquadroens; e na Armada aſſiſtiaõ D. Antonio Pereira, com ſeu ſobrinho Nuno Alvares Pereira, obſervando os movimentos, que ſe faziaõ em terra.

36 Ao tempo que todos eſperavaõ o ſinal de acometter, reſolveo o Vice-Rey, que para ſer mais memoravel nos triunfaes Faſtos do Oriente a conquiſta de Mangalor, ſe dilataſſe para o dia ſeguinte, em que ſe ſolemniſava a Epifania, em que foy adorado pelos Principes Orientaes o Redemptor do Mundo: e aſſim o mandou ſignificar a D. Joaõ Pereira, que marchava na vanguarda. Os Soldados ancioſos de vingar a afronta recebida em a noite paſſada, obedecendo mais aos impulſos do ſeu brio, que ás ordens do ſeu General, acometteraõ com furioſa impaciencia as tranqueiras, e ſoccorridos huns dos outros, ſe ſenhorearaõ dellas com morte, e eſtrago de innumeraveis inimigos, que confuſos, e atropellados ſe refugiaraõ á Cidade.

He invadida Mangalor pela gente Portugueza.

37 Chegou à noticia do Vice-Rey o estrago, que padeceraõ os Mouros, e marchou pela banda da praya com a bandeira de Christo arvorada, e pela do mar D. Antonio Pereira, acompanhado de quinhentos homens; e unidos obrigaraõ aos Mouros, que retrocedessem até hum largo terreiro da Cidade onde estavaõ seis mil, que sendo animosamente acomettidos, naõ podendo sustentar por muito tempo o furor das nossas armas, se retiraraõ com precepitada fugida até o Palacio da Rainha, que foy entregue com outros edificios à voracidade do fogo. Neste dia morreraõ dos nossos quarenta, merecendo entre elles distincta memoria pelo valor, e nascimento D. Diogo Lobo; e dos inimigos passaraõ de trezentos, excepto o numero dos feridos, que foy excessivo. Abrazada a Cidade, e cortados os palmares, que a cercavaõ, se recolheo o Vice-Rey à Armada, para que descançassem os Soldados do conflicto passado; e considerando, que a lingua da terra por ser falta de agua doce, e exposta a ser comida do mar, naõ era capaz para se fundar a Fortaleza, que intentava; determinou de a edificar sobre huma chapa de terra alta, da banda do Norte, fronteira à Cidade de Olala, naõ sómente por ficar mais dominante ao rio, e barra, mas por ser mais proxima a ElRey de Bangel, grande amigo do Estado.

Rende gloriosamente o Vice-Rey a Cidade de Mangalor.

De-

38 Determinado o ſitio para a nova fundaçaõ da Fortaleza, ſe começaraõ a abrir os aliceſſes, ſendo o Vice-Rey o primeiro, que deu exemplo aos outros Fidalgos, e Capirães, para extrahir a terra, onde ſe havia levantar a Fortaleza, precedendo a eſta operaçaõ muitas ſalvas de artilharia, e outros inſtrumentos bellicos, que applaudiaõ com feſtivo eſtrondo a erecçaõ da nova fabrica. No dia conſagrado a S. Sebaſtiaõ lhe lançou o Vice-Rey a primeira pedra, que com grande apparato a levou ſobre ſeus hombros, ajudado de outros Fidalgos, e lhe poz o nome daquelle invicto Martyr, naõ ſómente em veneraçaõ do dia, mas em obſequio do Principe, que governava a Monarchia Portugueza. Acabada a Fortaleza, nomeou o Vice-Rey por Capitaõ della a ſeu cunhado D. Antonio Pereira com trezentos homens de preſidio: e providos os armazens de mantimentos para ſeis mezes, e deixados dez navios para defenſa daquella coſta, ſe recolheo a vinte de Março para Goa.

Funda-ſe huma nova Fortaleza em Mangalor.

CAPI-

CAPITULO VII.

Acomette ElRey do Achem com huma numeroſa, e formidavel Armada a Fortaleza de Malaca, e depois de varios aſſaltos ſe retira totalmente derrotado pelo valor de D. Leoniz Pereira.

1568

39 TInhaõ corrido cincoenta e ſete annos, que o grande Affonſo de Albuquerque conquiſtara, com immortal gloria do ſeu nome, a Fortaleza de Malaca, e em taõ dilatado eſpaço de tempo naõ podiaõ diſſimular os Reys do Achem, que os Portuguezes dominaſſem huma Praça, que era intoleravel freyo a todos aquelles póvos circumviſinhos. Igualmente do Sceptro, que do odio ao noſſo Eſtado, foy herdeiro Soldaõ Alaharadi, o qual vendo, que para ſe coroar Emperador de todo o Malayo, lhe faltava a Cidade de Malaca, determinou rendella, ainda que na conquiſta perigaſſe a ſua authoridade. Para eſte effeito mandou Embaixadores com precioſos donativos ao Graõ Turco, offerecendo-lhe o comercio das eſpeciarias de Maluco, e Bondajoa, e das mais partes do Archipelago, donde colheria innumeraveis riquezas; e em recompenſa deſtas dadivas, e offertas, lhe mandou

Inventa o Achem a conquiſta de Malaca.

dou o Turco quinhentos Soldados, muitos engenheiros, e grande copia de munições, e inſtrumentos militares. Com ſemelhantes obſequios mandou ſignificar o Achem ao Chingoſchan, Senhor de Baroche, que concorreſſe para a conquiſta de Malaca, pois com ella ſe conſervariaõ ſenhores de todo o Oriente, dentro, e fóra do Ganges; e para a meſma facçaõ convidou ao Camorim, e aos Regulos da Coſta de Maſulapataõ, os quaes todos concorreraõ com igual numero de Soldados, que de munições.

40 Dous annos ſe conſumiraõ na preparaçaõ da Armada, com que o Achem ſe reſolveo a eſta conquiſta, ſendo a mais formidavel, que cruzou os mares da India, aſſim em o numero de vazos, que chegavaõ entre grandes, e pequenos a trezentos e cincoenta, como dos combatentes, que paſſavaõ de quinze mil, e mais de duzentas peſſas de artelharia de bronze. Tanto que eſteve prompto eſte apparato naval, ſe embarcou o Achem com toda a ſua numeroſa familia, a quem ſervia de magnifico ornato a gente militar da ſua guarda, e dando às velas chegou ao porto de Malaca em vinte de Janeiro deſte anno de 1568.

41 Governava eſta Fortaleza D. Leoniz Pereira, hum dos mais valeroſos, e prudentes Capitães, que tinha todo o Oriente, e ao tempo que appareceo a formidavel Armada, que cobria

os

Apparato naval do Achem, com que appareceo diante de Malaca.

os mares, andava jogando canas com outros Cavalheros, precioſamente veſtidos, cujo feſtivo applauſo ſe dedicava aos annos delRey D. Sebaſtiaõ, que naquelle dia cumpria o numero de quatorze. Aſſiſtia a eſte alegre eſpectaculo todo o povo com aquelle jubilo, que he natural à fidelidade Portugueza; mas tanto que deſcubriraõ o poder maritimo, com que eraõ invadidos, ſe mudou repentinamente a alegria em temor, e ſuſto com a conſideraçaõ funeſta, de que ſeriaõ fatal deſpojo de inimigo taõ formidavel. Acudio promptamente D. Leoniz com animo ſuperior a todo o receyo, mandando a huns, que proſeguiſſem o applauſo, e a outros, que ſe naõ perturbaſſem, pois o Achem preparara todo aquelle apparato naval para fazer mais celebre aquelle dia em obſequio do noſſo Principe, ſervindolhe de feliz vaticinio da victoria, que havia alcançar daquelle barbaro, o ter chegado em occaſiaõ de tanto alvoroço. Para manifeſto argumento da ſerenidade de animo, com que D. Leoniz recebeo aos inimigos, partio com os mais Cavalheros ao campo de Ilher, defronte do qual tinha ſurgido a Armada, e nelle ſe fizeraõ ayroſas eſcaramuças, entre as quaes ſe diſtinguia D. Leoniz, por ſer muito deſtro Cavalleiro. Acabado eſte feſtivo applauſo, começou a prepararſe para a invaſaõ, que eſperava; e chegando-ſe a Armada a terra, ſalvou a Cidade com huma eſtrondoſa

Couto *Decada VIII. da India* cap. 22.

Serenidade de animo, com que D. Leoniz Pereira recebe a Armada inimiga.

trondoſa deſcarga de artelharia, a cujo militar obſequio correſpondeo igualmente a Fortaleza.

42 Tanto que anoiteceo, mandou o Achem ſeus Embaixadores, aos quaes admittio D. Leoniz fóra da Fortaleza, eſtando a cavallo, e acompanhado de mil e quinhentos homens. Ao dia ſeguinte lhes fallou, ſentado em huma cadeira de veludo, aſſiſtido, para mayor authoridade da ſua peſſoa, de D. Belchior Carneiro, Biſpo de Nicea, e de D. Fr. Jorge de Santa Luzia, Biſpo de Malaca. Ao tempo que os Embaixadores entregaraõ a D. Leoniz a Carta do ſeu Principe, eſcrita em lingua Arabiga, com hum ſello de ouro pendente, ſe levantou, e a recebeo com benigno aſpecto, e depois de lida, lhe offereceraõ huma cabaya de brocado, e hum precioſo criz da parte do ſeu Soberano. Diſſimulou o noſſo Capitaõ a cavilloſa aſtucia, de que vinha reveſtida eſta Embaixada, e ſómente perguntou pela ſaude delRey, e ſeus filhos: e ao outro dia, chamados os Embaixadores, lhes entregou a repoſta para o ſeu Principe, acompanhada de outro preſente, que em numero, e qualidade, excedia ao que tinha recebido. Logo que o Achem leo a Carta de D. Leoniz, entendeo, que naõ era homem, que podia ſer facilmente enganado, e ſentio exceſſivamente, que foſſem penetrados, e quaſi deſcubertos os ſeus aſtutos deſignios.

Embaixada do Achem ao noſſo Capitaõ.

Manda Dom Leoniz Pereira queimar a povoaçaõ de Ilher.

43 D. Leoniz, prevendo o intento do inimigo, ſe preparou para a reſiſtencia; e ſendo meya noite mandou entregar ao fogo a povoaçaõ de Ilher, cujas lavaredas claramente moſtraraõ ao Achem, que eraõ inuteis os artefícios, que uſava; e reſoluto com eſte deſengano, lançou gente em terra com baſtante artelharia, plantada alguma della em huma eſtancia, que levantou diſtante ſetecentos paſſos do muro da Fortaleza, e outro entre a povoaçaõ de Ilher, e a Cidade, ao redor das quaes ſe abria huma larga cava ſemeada de eſtrepes. Tinha a Fortaleza mil braças de circuito, e era guarnecida de tres baluartes, e hum cubello, que eſtavaõ preſidiados por Balthazar de Barros, Diogo Pires de Araujo, Ruy Carvalho, Nuno Leite, e Antonio Duraõ. Guardava a eſtancia da porta Gaſpar de Souſa. O inimigo, confiando mais a conquiſta da Fortaleza na aſtucia, que no poder, naõ deſcançava em armar eſtratagemas, para ver ſe podia conſeguir o ſeu intento: mas a vigilancia de D. Leoniz triunfava de todas eſtas maquinas; e para que em nenhum inſtante o achaſſe menos acautelado, corria todas as noites as eſtancias, dormindo em huma cadeira, aſſiſtido de D. Manoel Pereira, ſeu ſobrinho, D. Fernando de Menezes, Eſtevaõ Leite Pereira, Joaõ Vieira, Pedro de Gouvea, Manoel de Moura, Franciſco de Abreu, Simaõ Ferreira, e Diogo Mendes. Naõ ſe iſentavaõ

Vigilancia do noſſo Capitaõ contra os deſignios do Achem.

tavaõ de taõ vigilante cautela os Biſpos de Nicea, e Malaca com os Eccleſiaſticos, orando huns no Templo pelo feliz ſucceſſo das noſſas armas, e diſcorrendo outros pelas eſtancias, ainda naquellas horas, em que mais ſuavemente domina o ſomno, para exhortar os Soldados, a que eſperaſſem ſem receyo o inimigo.

44 Creſcia com grande velocidade a bataria, que levantavaõ os barbaros, e de tal ſorte ſe aproximou ao baluarte de Fernaõ Peres de Andrade, que naõ mediava entre elle mais que humas caſas derrubadas. Conſiderou o Capitaõ, que aquella trincheira era muito nociva à conſervaçaõ da Fortaleza, e para que foſſe derrubada, mandou a D. Franciſco de Menezes com quarenta Portuguezes, e cem homens naturaes da terra. Sahiraõ no quarto da alva, e com igual felicidade, que impulſo, entraraõ nas trincheiras, onde travando com os Mouros huma furioſa contenda, em que cada partido queria alcançar a gloria do triunfo, foraõ mortos mais de cem inimigos, entre os quaes acabou a vida o filho mais velho do Achem, que ſe intitulava Rey de Arû. Demolida a trincheira até os aliceſſes, nos recolhemos carregados de troféos, que publicavaõ o eſtrago dos inimigos, e a gloria das noſſas armas. Diferente foy o ſucceſſo, que teve Franciſco de Moura, o qual marchando com quarenta Portuguezes, e alguns eſcravos buſcar aos inimigos em

Morre o filho do Achem em hum combate.

em hum lugar donde coſtumavaõ vir de noite, certos de naõ ſerem acomettidos, adiantando-ſe mais do que era neceſſario, carregaraõ improviſamente ſobre elle, ſendo logo desbaratado com a infeliz morte de Ruy Leitaõ de Brito, Joaõ Nunes do Rego, Gaſpar de Sá, e Joaõ Ferreira.

45 Varios eraõ os arteficios, com que o Achem ſe empenhava para conſeguir a empreza, que intentara: mas vendo que todos eraõ rebatidos pela incanſavel cautela do noſſo Capitaõ, aſſentou, que foſſe acomettida a Fortaleza com todo o poder, para cujo effeito foraõ poſtas eſcadas pelo ſeu circuito, com intento de que ſendo aſſaltada por todas as partes, e naõ podendo ſer defendidas pela pouca gente, que a preſidiava, por alguma ſeria entrada, donde naõ houveſſe reſiſtencia. Aos quatorze de Fevereiro mandou o Achem paſſar da parte de Ilher para a de Malaca grande numero de embarcações carregadas de Soldados, para nos perſuadir, que por aquelle lado queria dar o aſſalto; porém D. Leoniz entendendo o deſignio do inimigo, ſe fortificou da parte, que elle fingia deſamparar. Ao dia ſeguinte foy batida a Fortaleza com inceſſantes tiros, aſſim de noite, como de dia, cujo eſtrondo fazia mayor impreſſaõ nos ouvidos, que nos corações dos ſitiados. Ao romper da alva ſe levantou repentinamente huma nevoa taõ denſa, que impedia a viſta da Cidade. Muitos imaginavaõ

Arteficio do Achem, que lhe ſahio inutil.

navaõ ſer fumo procedido de algum grande fogo, que ſe accendera no outeiro da Bocachina; outros diſcurſaraõ ſerem vapores eſpeſſos exhalados da terra; mas como cercavaõ ſómente os muros, e a tiro de eſpingarda naõ exiſtiaõ, preſumiraõ, que aquella nevoa ſe extendera por arte magica, a qual dilatando-ſe pouco a pouco, ſervio de embaraço para que os noſſos naõ viſſem arrumar os inimigos as eſcadas à Fortaleza. Correraõ eſtes com grande vozaria, e muitos inſtrumentos deſafinados, fingindo querer dar aſſalto pela parte de Malaca, para que ficaſſe deſamparada a do Ilher; porém foy inutil eſte ardil, por ter ordenado D. Leoniz, que nenhum Soldado ſem ſua ordem ſahiſſe do lugar onde eſtava alojado.

Inveſtem os inimigos o Baluarte de Santiago, onde ſaõ derrotados.

46 Confiados os barbaros no engano, que nos armaraõ, acometteraõ pela banda de Ilher, donde tinha determinado o aſſalto, e ſubindo pelas eſcadas com furioſa reſoluçaõ, foy o primeiro emprego da ſua furia o baluarte Santiago. Neſte lugar experimentaraõ o mayor eſtrago, ſendo recebidos com hum diluvio de panellas de polvora, e outros inſtrumentos de fogo, de que procedeo chegar à noticia de D. Leoniz, que o baluarte ſe abrazava, cujo aviſo naõ inquietou o ſeu animo: antes mandou a D. Fernando de Menezes, D. Manoel Pereira, Eſtevaõ Leite, e Joaõ Vieira, que foſſem promptamente ſoccorrer

rer aos noſſos Soldados. Executaraõ com promptidaõ a ordem de D. Leoniz, e inveſtindo pela retaguarda a mil Mouros, que eſtavaõ ſobidos nas eſcadas, os precipitaraõ dellas com animoſa reſoluçaõ, ainda que receberaõ graves feridas. Naõ experimentaraõ menor deſtroço os barbaros no baluarte de S. Domingos, ſendo velozmente ſoccorridos os ſeus defenſores pelo valor de Franciſco Paes, e Franciſco de Moura.

47 Sobre o monte da Bocachina eſtava o Achem, montado em hum ſoberbo cavallo, vendo aquelle horroroſo eſpectaculo, onde poucos Portuguezes reſiſtiaõ à violenta impreſſaõ de dez mil barbaros, e ao eſtrondoſo horror de duzentas peſſas de artelharia, que inceſſantemente diſparavaõ balas de extraordinaria grandeza. Os clamores de huns ſe confundiaõ com os gemidos de outros, querendo cada parte coroarſe com os louros da victoria. Invocavaõ os Portuguezes, como ſeu Tutelar nos conflictos, ao Apoſtolo Santiago, para que como filho do trovaõ fulminaſſe aquelles ſequazes das ſombras, ao tempo, que eſtes cegamente ſuperſticioſos invocavaõ o abominavel nome de Mafoma, até que prevalecendo o noſſo valor ſempre invencivel, e agora mais que humano, contra taõ immenſa multidaõ de barbaros, foraõ precipitados confuſamente, aſſim dos muros, como das eſcadas, cujos cadaveres cobriraõ a larga circunferencia da Fortaleza.

Aſſalto geral, que deraõ à Fortaleza os inimigos, onde foraõ totalmente deſtroçados.

A

A viſta deſte funeſto eſpectaculo deſmayou o animo do Achem, conhecendo, que totalmente ſe tinhaõ arruinado as eſperanças da conquiſta de Malaca; e naõ podendo diſſimular a fatalidade de taõ grande perda, começou a blasfemar do ſeu Profeta, e lançando por terra a touca, que lhe cobria a cabeça, ſe retirou entre confuſoens, e triſtezas em vinte e cinco de Fevereiro para a Armada, taõ cortado de medo, que receando, que a ſua artelharia foſſe deſpojo do noſſo triunfo, a mandou occultamente embarcar. Neſte celebre ſitio, onde tanto ſe acreditou o valor Portuguez, foraõ mortos mais de tres mil barbaros, e tantos os feridos, que no eſpaço de cinco dias ſe lançaraõ quinhentos ao mar, e muitas embarcações por falta de gente foraõ entregues ao fogo. Dos noſſos ſómente morreraõ no aſſalto Simaõ de Sampayo, Belchior de Carvalhaes, e Franciſco Dias.

Retira-ſe o Achem confuſo, e deſeſperado.

48 Embarcado com grande ſilencio o Achem, correo a noticia de que ſe tinha feito à véla, e começou a reſpirar o Capitaõ D. Leoniz Pereira da eſpantoſa oppreſſaõ a que tinha reduzido aquelle barbaro a Fortaleza de Malaca. O Biſpo com todo o Clero, e povo fizeraõ huma devota prociſſaõ, na qual com ſagrados canticos agradeciaõ a Deos o feliz ſucceſſo, que a ſua piedade concedera às noſſas armas contra huma taõ innumeravel multidaõ de barbaros. Depois de rendidas

Acçaõ de graças por taõ feliz ſucceſſo.

rendidas as graças ao Author das Victorias, foy D. Leoniz com o Biſpo diſcorrendo pelos muros, e baluartes, onde abraçavaõ os Capitães, e Soldados, que tinhaõ ſuſtentado com tanto valor a violencia dos aſſaltos, louvando-lhe o esforço, com que aniquilaraõ a potencia do mais obſtinado inimigo do Eſtado, por cujas façanhas feriaõ eternamente famoſos os ſeus nomes nos faſtos do Oriente. A muitos eſcravos, que neſte ſitio ſe diſtinguiraõ em acções valeroſas, deu liberdade D. Leoniz, e a de outros reſgatou com o ſeu dinheiro. Repartio com generoſa profuſaõ varias cadeyas, e medalhas de ouro a muitos Soldados, que preferindo a honra à propria vida, ſe offereceraõ como victimas em obſequio do ſeu Principe.

49 Eſte grande triunfo foy applaudido pela Armada de Joaõ da Sylva Pereira, que expedira o Vice-Rey para ſoccorro de Malaca, pois chegando a tempo, que já ſe tinha retirado o inimigo, converteo em applauſo dos vencedores o furor, que haviaõ experimentar os vencidos.

ElRey de Viantana applaude com a ſua Armada a victoria alcançada do Achem.

Mayores obſequios militares recebeo D. Leoniz Pereira delRey de Viantana, que navegando com ſeſſenta navios contra o Achem, ſeu antigo emulo; e ſabendo que fora deſtroçado, mandou ſalvar a Fortaleza com huma eſtrondoſa deſcarga de artelharia, que ſe fazia menos horrivel pela conſonancia de varios inſtrumentos, que ap-

plaudiaõ

plaudiaõ o valor ſempre invencivel dos Portuguezes. O noſſo Capitaõ recebeo a eſte Principe com magnifica pompa na Fortaleza, o qual depois de huma larga practica foy examinando com os olhos as ruinas, que ainda eſtavaõ abertas nas muralhas, e o quartel onde ſe alojaraõ os inimigos, e admirado do esforço, com que os Portuguezes tinhaõ deſtruido poder taõ formidavel, lhes envejou a gloria de naõ ter ſido ſeu companheiro em facçaõ taõ heroica.

CAPITULO VIII.

Parte D. Luiz de Ataide para a India; he recebido em Goa com grande applauſo, e das primeiras acções do ſeu governo.

1568

50 RECebidas por D. Luiz de Ataide as inſtrucções neceſſarias para a direcçaõ do ſeu governo, partio de Lisboa em ſeis de Abril, embarcando em a celebre náo Chagas, que fora fabricada à cuſta da fazenda do grande D. Conſtantino de Bragança, e nella ſe reſtituira falizmente a eſte Reyno. Levava mil homens de guarniçaõ, em os quaes era igual a valentia dos peitos à nobreza das origens, acompanhado de quatro navios, de que eraõ Capitães Pedro Cezar, Antonio Sanches de Gamboa, Damiaõ

Parte D. Luiz de Ataide para a India.

de Sousa Falcaõ, e Manoel Jaques. No Cabo da Boa Esperança padeceo esta Armada huma furiosa tormenta, cuja violencia rompendo as vélas, e quebrando os mastos da náo Nossa Senhora dos Remedios, chegou a arrancar o leme, e despedaçar as vergas, e mastaréos da Capitanea, até que serenada a furia da tempestade aportou prosperamente a Goa em dez de Setembro.

Chega o Vice-Rey a Goa, e como foy recebido.

51 Tanto que se espalhou a noticia de que tinha surgido neste porto o novo Vice-Rey, concorreo tumultuariamente à praya todo o povo para o receber com sincéras, e festivas demonstrações; mas elle agradecendo o excesso do alvoroço, com que era applaudida a sua chegada, ordenou, que sómente fosse recebido pela gente militar. Para este effeito se demorou dous dias embarcado, e no terceiro sahio a terra entre duas fileiras, que formava a milicia do Estado, onde o recebeo entre os braços D. Antaõ de Noronha, augurando-lhe, que aquelle Imperio, quasi agonizante, renasceria a impulsos do seu heroico espirito, elevando-se a gloria taõ immortal, que fizesse esquecer a celebre memoria dos Gamas, Cunhas, e Albuquerques, seus famosos Fundadores, pois lhe parecia, que a fortuna estipendiaria das suas bandeiras, lhe concederia tantas victorias, que excedessem os dias do seu governo. A estes prosperos vaticinios, com que D. Antaõ de Noronha applaudia o futuro Vice-reynado,

reynado, correſpondeo D. Luiz de Ataide com expreſſoens agradecidas; e levado debaixo do pallio à Cathedral, depois de render as graças a Deos, por ter vencido os perigos de taõ larga jornada, lhe ſupplicou humildemente protegeſſe as armas daquelle Imperio, aniquilando as maquinas, que contra a ſua eſtabilidade armava a poderoſa aſtucia dos Principes do Oriente.

52 He coſtume entre os Mouros obſervar com ſuperſticioſa inveſtigaçaõ as primeiras acções, que obraõ os Vice-Reys, para dellas conjecturarem as maximas do ſeu governo; e a primeira, que practicou D. Luiz de Ataide para que fizeſſe reſpeitado o ſeu nome entre aquelles barbaros, foy divulgar, que a Armada, que o conduzia, vinha carregada de inſtrumentos militares, e dinheiro, por ſerem as bazes, em que ſe havia ſuſtentar a guerra contra os inimigos do Eſtado; e conhecendo, como prudente Capitaõ, que eſte ſe naõ podia conſervar ſem forças maritimas, de cuja falta procedia o abatimento a que eſtavaõ reduzidas as noſſas armas; para reſtaurar o credito dellas, ſe applicou com grande deſvélo a examinar o numero, e qualidade dos navios, e achando os Armazens exhauſtos de munições, e mantimentos, como o erario de dinheiro, pedio algum preſtado ſobre ſua palavra, e em breves dias, com geral acclamaçaõ, fez navegar pa-

Primeiras operações do governo do Vice-Rey.

ra diverſas partes muitas eſquadras, igualmente fortes, que luzidas.

53 A primeira expedida para o Norte conſtava de huma galé, e ſeis navios, da qual era Capitaõ mór Affonſo Pereira de Lacerda, a quem ordenou foſſe a Batacala humilhar o orgulho de huns rebeldes, baſtando ſómente a ſua prezença, para que logo ſe rendeſſem. Para guardar a coſta do Malavar mandou a Martim Affonſo de Miranda, acompanhado de vinte navios, cujos Capitães eraõ Matthias de Albuquerque, D. Duarte de Lima, Joaõ de Mendoça, D. Luiz de Caſtellobranco, Fernaõ Telles, Ruy Fernandes Cabral, D. Lourenço de Almeida, e Franciſco de Souſa de Tavora. Para Banda, diſtante ſeis legoas de Goa, partio Ayres Telles de Menezes, com alguns navios, com que obrigou ao Tamadar, que ratificaſſe as pazes, que com o Eſtado tinha celebrado.

Triunfa do Pirata Canatale, D. Jorge Menezes.

54 Para reprimir a inſolencia do Pirata Canatale, que vagava entre a coſta de Goa até Chaul, navegou D. Jorge de Menezes, o *Baroche*, com duas galés, e hum catûr; e chegando à boca do rio Carapataõ, diſtante de Goa vinte e quatro legoas, aviſtou huma galeota de Mouros, a quem foy dando caça até a alcançar com a ſua galé, que era muito veleira. Reſolveo-ſe D. Jorge de Menezes abalroala; mas os inimigos, que excediaõ o numero de cento e

oitenta,

oitenta, ſe defenderaõ taõ valeroſamente, que por largo eſpaço rebateraõ o noſſo impeto, até que Manoel Pereira de Lacerda, acompanhado de Sebaſtiaõ de Rezende, Antonio da Sylva, e outros Soldados de valor conhecido, fazendo ponte do eſporaõ da galé inimiga, a entraraõ, deſpojando das vidas a todos os Mouros. Vendo o Capitaõ o fatal eſtrago, que experimentava a ſua gente, antepondo com barbara eleiçaõ a morte ao cativeiro, degolou a ſeu filho, e dando em o proprio peito tres feridas penetrantes, ſe lançou ao mar. Ao recolherſe D. Jorge levando atoada a galeota à popa da ſua galé, encontrou doze navios, que hiaõ occupar a boca do rio Carapataõ. Naõ duvidou D. Jorge opporſe ao intento dos Mouros, poſto que eraõ ſuperiores em o numero; mas eſtando a tiro de falcaõ, pararaõ, como receoſos do perigo da batalha, do qual evadiraõ ſahindo para fóra do rio com tanta velocidade, que ſendo ſeguidos por eſpaço de duas legoas, naõ poderaõ ſer alcançados, pelo militar ardor de D. Jorge de Menezes.

Pereira *Vida de D. Luiz de Ataide* liv. I. cap. 2.

CAPI-

CAPITULO IX.

Parte Gonçalo Pereira Marramaque à conquiſta da Ilha de Zebû, e o naõ conſegue. Chega a Maluco onde ElRey Aeyro lhe proteſta vaſſallagem à noſſa Coroa. Entra em Amboyno, e alcança dos Jaos huma glorioſa victoria.

1568

55 PAra proteger, e conſervar a Chriſtandade de Amboyno, e deſtruir totalmente as maquinas ſempre aleivoſas delRey Aeyro, partio de Malaca para Maluco Gonçalo Pereira Marramaque, com huma armada de quatro galeoens, e oito galeotas, guarnecidas de mil Portuguezes, de que eraõ Capitães D. Duarte de Menezes e Vaſconcellos, Lourenço Furtado, Manoel de Brito, e Antonio Lopes de Siqueira, Mem Dornellas de Vaſconcellos, Sebaſtiaõ Machado, Franciſco de Mello, e ſeu irmaõ Simaõ de Mello. Chegando à barra de Borneo teve noticia, que em Zebû, huma das Ilhas Filippinas eſtava Miguel Lopes de Lagos, de naçaõ Biſcainho, com huma Armada da nova Heſpanha, e parecendo-lhe, que eſta Ilha ſe incluîa na demarcaçaõ de Portugal, ſe reſolveo intentar huma empreza mais glorioſa à fama do ſeu nome, do que à extenſaõ da Fé, buſcando aos Caſte-

Intenta Gonçalo Pereira a conquiſta da Ilha de Zebû, e naõ conſegue.

Caſtelhanos, que paſſavaõ de oitocentos, para os lançar fóra do lugar, em que eſtavaõ alojados. Quatro mezes conſumio innutilmente neſte intento, pois ainda que levou Pilotos para a direcçaõ da jornada, como eraõ pouco experimentados naquella navegaçaõ, e já tiveſſe paſſado o tempo, em que ſe curſaõ aquelles mares, voltou para Maluco baſtantemente pezaroſo, naõ ſó de naõ ter proſeguido o principal fim da ſua viagem, que era Amboyno, mas de que a mayor parte da ſua gente miſeravelmente acabaſſe à violencia da fome, e da ſede.

56 Logo que Gonçalo Pereira ſurgio no porto de Talangame, o veyo buſcar à bordo ElRey Aeyro, com ſua mulher, e filhos; e como eſte fementido barbaro ſabia, que o noſſo Capitaõ tinha vindo para o mandar prezo a Goa, por aviſo, que occultamente recebera de Henrique de Lima, affectando huma obſequioſa ſubmiſſaõ, ſe offereceo para receber o caſtigo, de que naõ era digna a ſua innocencia, falſamente accuſada no Tribunal do Vice-Rey, o qual ſendo rectamente informado, converteria em brandura o rigor, que contra elle fulminara; que naõ era neceſſario uſar com elle de alguma demonſtraçaõ violenta para reconhecer por ſeu Soberano a ElRey de Portugal, quando eſpontaneamente viera com toda a ſua familia proteſtar a vaſſallagem a taõ grande Monarca. Eſtas affectadas expreſſoens, naci-

Malicioſos artificios delRey Aeyro.

naſcidas de hum coraçaõ animado ſempre da infidelidade, ſe prevenio taõ efficazmente Gonçalo Pereira, que recebendo nos braços a ElRey Aeyro, lhe ſegurou com diſcreta ſinceridade, que a ſua chegada àquelle porto fora para ſe dedicar ao ſeu obſequio, e naõ para o remetter prezo a Goa.

57 Naõ foy baſtante a infelicidade, que experimentou Gonçalo Pereira na jornada de Zebû, para que com cega pertinacia ſe reſolveſſe a intentalla ſegunda vez, expedindo Antonio Rombo para inveſtigar ſe o poder, que tinhaõ os Caſtelhanos eſtava augmentado com ſoccorros novos, com os quaes ſe fizeſſe mais difficultoſa, e quaſi impoſſivel a conquiſta, que meditava. Naõ correſpondeo o ſucceſſo ao deſejo de Gonçalo Pereira, por cauſa da incapacidade de Antonio Rombo, pois naõ ſómente inveſtigou com diſſimulaçaõ o que ſe lhe encommendara, mas revelou aos Pilotos Caſtelhanos o caminho mais facil para a navegaçaõ da China, Japaõ, e de todo aquelle Archipelago.

Segunda vez ſe intenta a conquiſta do Zebû, e ſe naõ conſegue.

58 Tinha Gonçalo Pereira Marramaque eſcrito a D. Leoniz Pereira, como era conveniente ao ſerviço delRey, intentar ſegunda vez a jornada a Zebû, para cuja expediçaõ lhe pedia o ſoccorreſſe com alguns navios. Promptamente defirio a eſta ſupplica D. Leoniz, por eſtar logrando os applauſos da celebre victoria alcança-

da

da contra o Achem, mandando a Simaõ de Mendoça por Capitaõ de huma náo, guarnecida de duzentos e cincoenta Soldados, a quem acompanhavaõ outras, governadas por Gonçalo de Sousa. Chegaraõ a Ternate, e sabendo, que Gonçalo Pereira estava em Bachaõ, se juntaraõ neste porto, onde foraõ recebidos com grande alvoroço.

59 Tanto que foy tempo opportuno deraõ às vélas para Amboyno, em cujas prayas estavaõ fortificados seiscentos Jaos, e mais de dous mil Mouros da terra, divididos em tres emboscadas, e resolutos a disputar a desembarcaçaõ à nossa gente. Naõ intimidou a Gonçalo Pereira a determinaçaõ dos inimigos, antes com animo superior ao poder, que trazia, repartio os Soldados em tres esquadroens, levando a vanguarda Manoel de Brito, e a retaguarda D. Duarte de Menezes, e entre estes dous corpos marchava elle com Simaõ de Mendoça, que levava o Estandarte Real. Com incrivel valor arremetteo Manoel de Brito as tranqueiras, que estavaõ presidiadas dos Jaos; mas estes, resolutos a perder as vidas, peleijavaõ taõ desesperadamente, que na primeira investida nos mataraõ sete homens, e a outros feriraõ. Manoel de Brito, vendo o furor, com que os barbaros se defendiaõ, os acometteo com tal impeto, e violencia, que chegou a cavalgar as tranqueiras; porém foy taõ fortemente

Victoria alcançada em Amboyno dos Jaos.

rebatido, que quasi esteve reduzido a ser fatal despojo dos inimigos. A este tempo rebentaraõ os que estavaõ occultos nas emboscadas contra Gonçalo Pereira, e Simaõ de Mendoça, e os investiraõ com tanta furia, que para rebater invasaõ taõ violenta lhes foy precisa toda a valentia de seus braços, até que rotos pelas nossas espadas, deixaraõ para testemunhas da victoria oitenta mortos, e mais de cem feridos. Acudio Simaõ de Mendoça, já victorioso, a soccorrer Manoel de Brito, que estava opprimido de huma barbara multidaõ, e juntos ambos a fizeraõ de tal sorte retroceder, que buscando por asylos os matos, entre a sua espessura padeceraõ a ultima ruina.

60 Desemparada a povoaçaõ pelos Jaos, entrou por ella Gonçalo Pereira, e vendo a nossa gente cegamente occupada no saco das fazendas, de que estava muito abundante, lhes mandou pôr o fogo, que abrazou a muitos Soldados, em cujos peitos era mais activo o ardor da cubiça, que vehemente a actividade das chammas, com as quaes foraõ reduzidos a cinzas os Juncos dos Jaos, que estavaõ varados na praya, cujo funesto espectaculo causou a todos naõ pequeno horror. Recolhido à Armada Gonçalo Pereira, onde por quatro dias se estavaõ curando os Soldados das feridas, que receberaõ no conflicto, teve aviso de que os Jaos se tinhaõ refugiado

giado a huma ſerra, e querendo totalmente derrotar as reliquias do exercito já deſtroçado, deſembarcou com toda a gente, ordenando a D. Duarte de Menezes, que buſcaſſe aos inimigos por hum lado, ao tempo que pelo outro os acometteſſe. Logo que os Jaos deſcobriraõ aos Portuguezes, começaraõ com vozes deſentoadas a pedir pazes, de que era ſinal ſincéro huma bandeira branca, que tremolavaõ. D. Duarte de Menezes os conduzio a Gonçalo Pereira, que rendidos à vontade do vencedor, entregaraõ as armas, e embarcados em huma Champana, ſe fizeraõ na volta de Java. Tinha Gonçalo Pereira ordem expreſſa para edificar huma Fortaleza em Oto, mas como todo o ſeu cuidado era na empreza de Zebû, e ſe naõ podia demorar por mais tempo naquelle porto, ſatisfeito com a promeſſa de Genulio, Capitaõ dos Otoanos, de lhe naõ impedir aquella fabrica, partio para Ternate a conduzir mayor poder para proſeguir a expediçaõ das Filippinas, tantas vezes intentada, e nunca conſeguida.

Pedem pazes os Jaos.

CAPITULO X.

Convertem-se varios Principes Orientaes à Fé Catholica, sendo o mayor defensor dos seus dogmas o Principe de Gotô contra a obstinada opposiçaõ dos Bonzos.

1568

61 GLoriosos foraõ os triunfos, que neste anno de 1568 alcançou a Fé Catholica da cegueira do Paganismo, nas vastissimas regioens do Oriente, concorrendo a soberania de muitos Principes a fazer com as suas Coroas mais magestoso o Throno do Divino Cordeiro. O primeiro, que abjurou os delirios do Alcoraõ, foy o pay delRey de Siau, que já em idade decrepita se regenerou a nova vida com as sagradas correntes do Baptismo. Seguio o seu exemplo ElRey de Sanguin, com a Rainha sua mulher, recebendo em Calangà, Capital do Reynò, a graça bautismal, de que foraõ participantes toda a nobreza, e plebe, repartida por bairros, e familias. Renovaraõ-se os matrimonios conforme o uso da Igreja Romana, e escolheraõ todos as mesmas esposas, que antes tinhaõ. Coroou taõ plausivel solemnidade o pio affecto, com que se arvorou o sinal da nossa Redempçaõ, para cujo effeito foraõ escolhidas as pessoas mais distinctas

Converte-se ElRey de Siau, e ElRey de Sanguin.

tinctas em a nobreza do naſcimento, para buſcarem pelos matos huma arvore, que foſſe igualmente precioſa, e direita. Tanto que foy deſcoberta, a lavraraõ com tal perfeiçaõ, que nunca ſe vio naquellas regioens outra mais primoroſamente fabricada. Dous Reys dos Celebes a lévaraõ ſobre ſeus hombros, e fixando-a na terra, poſtos de joelhos, com toda a gente illuſtre, que ſe tinha por bemaventurada ſómente com a tocar, lhe renderaõ devotas, e profundas adoraçóes. Em applauſo do ſagrado Tronco ſoavaõ por toda a Cidade inſtrumentos muſicos, acompanhados de harmonicas vozes, que explicavaõ o jubilo, e alvoroço de eſtarem amparados com a ſombra da Arvore da vida.

62 Ainda a ſua fé deu mayores demonſtraçoens de como eſtava fortemente radicada em ſeus peitos. Em huma planicie cuberta de hum denſo arvoredo, que igualmente diſtava da Cidade, que do porto, para que foſſe frequentada dos Cidadãos, e navegantes, fundaraõ huma Igreja, para cujo effeito ſahiraõ as peſſoas mais nobres, armadas de fouces, e machados, para romper, e cortar aquelle verde labyrintho. O Rey como era muito decrepito, e naõ tinha forças para aquelle exercicio, preſidia, e animava a todos com a ſua preſença, e até a Rainha, querendo ſer participante de taõ pia, e devota obra, ſahio acompanhada de muitas donzellas illuſtres a

arrancar

arrancar as ervas, e espinhos, para que o campo ficasse limpo para o edificio, que nelle se havia de erigir.

Conversaõ do Principe de Gotô.

Sousa *Oriente Conq.* Tom. 2. Conq. 4. Div. 1. §. 36.

Gusman. *Hist. de las Mission. de la Comp.* Part. 2. cap. 18.

63 Com outra Coroa se exaltou triunfante a Fé da idolatria, convertendo ao Principe successor do Reyno de Gotô de gentio em Apostolo. Com o nome de Luiz, que lhe foy imposto no bautismo, recebeo tanta luz superior, que com ella illustrou as trevas, em que estava sepultada a Princeza sua esposa, e a muitos Fidalgos, e plebe da sua Corte. Naõ satisfeito o seu catholico animo com estas conversoens, exhortou aos Regedores das mais Cidades do Reyno, para abraçarem os mysterios da nova Ley, que professava. Armou-se o demonio, pela boca dos Bonzos, contra o ardor, com que o Principe intentava lucrar todo o Reyno para Christo; e querendo perverter o povo, trataraõ, de que primeiramente o Principe seguisse as suas partes, e para este fim mandaraõ a D. Luiz por interprete das suas maquinas a hum irmaõ delRey, fundando na authoridade da pessoa o bom successo desta Embaixada, na qual lhe representavaõ ser grande escandalo de todos os vassallos daquella Coroa, que seguindo seu pay huma ley, professasse elle outra, totalmente diversa, e afrontosa às Divindades Japonezas, às quaes devia a soberania do Sceptro, e a magestade do Throno; com que sacrilega resoluçaõ se atrevia a negar a authori-

authoridade às efcrituras authenticas, em que eftavaõ efcritos os milagres de Amida, e Xaca, quando com tanta firmeza confeffava huma fó natureza em tres Peffoas diftinctas, confervarfe huma Virgem depois do parto; ferem as almas pafto do fogo eterno, e outros artigos impoffiveis ao entendimento de os perceber, e à vontade de os abraçar; que fe laftimaffe da fua alma, e do amor, e lealdade de feus vaffallos, naõ fe deixando enganar por huns ignorantes, arrojados pelo mar às prayas daquellas Ilhas, para perturbadores da tranquilidade publica, fendo dignos de que com o feu fangue fe extinguiffe o fatal incendio, que tinhaõ introduzido naquellas regioens; que pelo credito do feu nome, pelo amor de feu pay, e pela fegurança da fua Coroa, quizeffe abraçar a ley, em que fora educado, porque fómente com ella poderia viver pacificamente feliz.

Artificios dos Bonzos contra ElRey de Gotô, para que abjure a Fé Catholica.

64 A eftas palavras proferidas pela blasfema boca do Embaixador refpondeo o Catholico Principe, que mais facilmente feriaõ Chriftãos todos os Bonzos, do que feguir outra vez os delirios da idolatria. Admirados os Bonzos da inalteravel conftancia com que o Principe permanecia firme na Fé, que novamente abraçara, perfuadiraõ a ElRey feu pay, que o reduziffe; e pofto que elle entendeffe fer unicamente verdadeira a Ley de Chrifto, cedendo ao tempo, aceitou a

com-

commiſſaõ, e valendo-ſe da ternura de pay, e da authoridade de Principe o exhortou por repetidas vezes, já com rogos, já com ameaças a que retrocedeſſe da Fé, que obſervava, ou ao menos ſe fingiſſe exteriormente gentio. O Principe nunca mais digno da Coroa, do que neſta occaſiaõ, lhe reſpondeo animoſamente, antes perderia o Reyno do que renunciar a Chriſto, pois eſtava mais prompto para ſacrificar a vida em ſeu obſequio, do que os Bonzos empenhados em o privar della pela idolatria. Deſenganados eſtes infernaes miniſtros, de que as ſuas maquinas ſe naõ logravaõ, e que taõ continuadas batarias naõ faziaõ a mais leve impreſſaõ no animo do Principe, reſolveraõ, com diabolico artificio, obrigar a que todos os Chriſtãos abjuraſſem a Ley do Crucificado, para que o Principe ſe declaraſſe ſequaz deſte geral exemplo.

Perſiſte na Fé o Principe contra as perſuações de ſeu pay.

65 Naõ lhes ſahio o projecto como cegamente imaginaraõ, pois os vaſſallos amavaõ taõ extremoſamente ao ſeu Principe pela ſuave condiçaõ, e gentil preſença, de que era ornado, que nenhum delles retrocedeo da fé promettida no Bautiſmo, antes como ſe foraõ plantas robuſtas do Jardim da Igreja ſe preparavaõ para o martyrio, como premio, e naõ ſacrificio. Admirava-ſe eſta valentia ainda em os meninos, em cujos tenros corações eſtava taõ adulta a Fé, que ſe convidavaõ mutuamente para a morte. As

mãys

mãys eſquecidas dos affectos da natureza, e ſómente lembradas da gloria da eternidade, veſtiaõ os filhos, e filhas das galas mais precioſas, para ſerem victimas do furor da gentilidade; e ultimamente todos de qualquer ſexo, ou idade, ſe animavaõ pelas Praças, e ruas, para com o proprio ſangue confirmar as verdades do Evangelho.

CAPITULO XI.

Morre D. Aleixo de Menezes, de cujas acções, como de outras peſſoas diſtinctas ſe faz particular memoria.

1569

66 HUma das mayores calamidades, que experimentou Portugal neſte anno de 1569, foy o ſer deſpojado de hum Varaõ taõ grande como D. Aleixo de Menezes, exemplar perfeito de maximas catholicas, e politicas. Para eterno brazaõ da dilatada arvore dos Menezes baſtava eſte fruto, que lhe ſervio de glorioſa coroa, empenhando-ſe na ſua formaçaõ a graça, e a natureza, ornando-o de entendimento profundo, e eſpirito heroico. Na Adoleſcencia oſtentou varonil animo em a Praça de Azamor, onde foy emulo das valeroſas proezas de ſeu inſigne tio D. Joaõ de Menezes. Sendo pequeno

Elogio de D. Aleixo de Menezes.

theatro a regiaõ de Africa para a grandeza do ſeu eſpirito, buſcou ao Oriente, onde como Soldado, e como Capitaõ, conquiſtou o Forte de Muar, ſoccorreo Coulaõ, obrigou a ElRey de Bintaõ a levantar o cerco de Malaca, e buſcar ao Soldaõ de Babilonia, que diſcorria ſoberbo pelo mar roxo com huma poderoſa Armada. Eſtas façanhas obradas na Aſia, foraõ os memoriaes, que apreſentou a ElRey D. Joaõ o III. para ſer eleito Governador do Eſtado, cujo authorizado lugar naõ adminiſtrou por reſolver aquelle Monarca, que repreſentaſſe a ſua auguſta Peſſoa com o caracter de Embaixador à Mageſtade Ceſarea de Carlos V., e na concluſaõ dos deſpoſorios de ſua filha a Infante D. Maria, com o Principe de Caſtella D. Filippe. Exercitou os lugares de Mordomo mór da Rainha D. Catharina, e de ayo de ſeu neto D. Sebaſtiaõ, em cuja incumbencia, uſando de igual fidelidade, que madureza, naõ pode moderar os violentos impulſos daquelle Principe, deſtinado por alta Providencia a ſepultar a gloria deſte Reyno nas infelices areas de Africa. Para moſtrar, que ſempre attendera à conſervaçaõ da Monarchia, e naõ ao augmento da propria peſſoa, nunca aceitou merce alguma da liberalidade real, de que ſerá indelevel monumento a modeſtia, com que recuſou o Condado de Villa de Rey, dizendo, que era pobre para titulo taõ authorizado, poſſuindo unicamen-

te

te a Alcaidaria mór de Arronches, dada em ſatisfaçaõ de huma Commenda, que ſe tirara a ſeu filho. Entre o tumulto da campanha, e a politica do Gabinete preferio a honra ao intereſſe, e a verdade à liſonja. Mais cheyo de merecimentos, que de annos, deixou a vida caduca pela eterna a ſete de Fevereiro de 1569. Foy caſado duas vezes, a primeira com D. Joanna de Menezes, ſua ſobrinha, filha de D. Henrique de Noronha, de quem teve a D. Luiza de Menezes, caſada com D. Pedro de Menezes, oitavo Senhor de Cantanhede, o qual morreo ſem ſucceſſaõ. Por ordem delRey D. Joaõ o III. paſſou a ſegundas vodas, quando contava a provecta idade de ſetenta e cinco annos, deſpoſando-ſe com D. Luiza de Noronha, filha de D. Alvaro de Noronha, de quem teve a D. Luiz de Menezes, que infelizmente morreo na batalha de Alcacer em a idade florente de vinte e tres annos: D. Alvaro de Menezes, Pagem da Campainha delRey D. Sebaſtiaõ, que caſou com D. Violante de Tavora, e acompanhando eſte Principe na jornada de Africa, perdeo a liberdade, e ſendo a ella reſtituido lhe deu o Cardeal D. Henrique, em premio dos ſeus ſerviços, os bens da Coroa, que foraõ de ſeu irmaõ; caſou com D. Violante de Tavora, filha de D. Vaſco da Gama, Conde da Vidigueira: D. Pedro de Menezes, que deſprezando as eſperanças, com que o liſonjeava o Mun-

do, ſe recolheo em idade de quinze annos à Religiaõ dos Eremitas de Santo Agoſtinho, onde mudando o nome de Pedro em Aleixo, ſervio de exemplar aos mais Religioſos, cultores do ſeu Eſtatuto. Elevado à Mitra Primacial de Goa, reformou os abuſos, que inficionavaõ as ſuas ovelhas, e reduzio ao gremio da Igreja Romana os antigos Chriſtãos de S. Thome, que vagavaõ cegos com o ſciſma dos erros de Alexandria. Da Mitra de Goa paſſou à de Braga, illuſtrando com as luzes das ſuas exemplares acções o Oriente, e Occidente. Além deſtes tres filhos, teve D. Aleixo de Menezes duas filhas, D. Beatriz, que morreo na infancia, e D. Mecia, que caſou com D. Luiz Coutinho, quarto Conde de Redondo, ſendo taõ illuſtre deſcendencia a immortal coroa de taõ inſigne Heroe.

Elogio de D. Joaõ Pereira.

67 Neſte anno pagou o inevitavel tributo de mortal, merecendo mayor duraçaõ, D. Joaõ Pereira, filho de D. Franciſco Pereira, Commendador do Pinheiro de Azere, Védor do Infante D. Luiz, e Embaixador em França, e Caſtella; e de ſua ſegunda mulher D. Franciſca da Guerra, filha de Alvaro de Carvalho. Foy ornado de todas as partes dignas do ſeu naſcimento, principalmente na Atte da Cavallaria, em que era igualmente deſtro, e ayroſo, como moſtrou ſendo hum dos Guias das Cavalhadas, que em Lisboa no anno de 1565 ſe fizeraõ, em applau-

applauſo dos Deſpoſorios da Sereniſſima Senhora D. Maria, com o Duque de Parma Alexandre Farneſi. Caſou com D. Guiomar de Caſtro, filha de D. Pedro de Noronha, Senhor de Villa-Verde, de quem teve deſcendencia.

68 Tambem foy deſpojo da parca em Liſboa, onde tivera o berço, o inſigne Doutor Antonio Ferreira, Fidalgo da Caſa Real, Deſembargador da Caſa da Supplicaçaõ. Foy filho de Martim Ferreira, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Eſcrivaõ da Fazenda do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, e de Mecia Froes Varella. Deſde a primeira idade cultivou a Poeſia, ſendo hum dos mais canoros Ciſnes do Parnaſſo Portuguez, em cuja metrificaçaõ ſe admiraraõ unidas a profundidade dos conceitos com a affluencia das vozes. A laborioſa applicaçaõ de Miniſtro lhe naõ embaraçou o commercio com as Muſas, reformando muitas Obras produzidas no verdor dos annos, para inſtrucçaõ da vida moral, e politica. Jaz ſepultado no Cruzeiro do Convento do Carmo de Lisboa, e ſobre a ſua ſepultura eſtaõ gravados hum Epitafio Portuguez, e hum Epigramma Latino, que declaraõ o caracter da ſua peſſoa. Por diligencia de ſeu filho Miguel Leyte Ferreira, ſe fizeraõ publicos os ſeus Poemas.

Elogio do Doutor Antonio Ferreira.

CAPI-

CAPITULO XII.

Empenha-ſe Filippe Prudente caſar a ſeu ſobrinho ElRey D. Sebaſtiaõ com a Infanta de França Margarida de Valois. Repugna à concluſaõ deſtes deſpoſorios a Rainha D. Catharina, e ſe relata o que ſe obrou neſta negociaçaõ, que naõ teve effeito.

1569

69 SEndo inexcrutaveis à comprehenſaõ humana as diſpoſiçoens da Divina Providencia, nunca ſe fizeraõ taõ patentes aos noſſos olhos, do que quando para total ruina deſta Monarchia, permittio, que ſe naõ effeituaſſe o caſamento delRey D. Sebaſtiaõ, por tantas vezes intentado, e nunca concluido. Fruſtradas as diligencias, que ſe applicaraõ para eſta negociaçaõ em os annos de 1562, e 1566, das quaes fizemos particular memoria, ſe empenhou Filippe Prudente, a cujo cuidado eſtava comettida a concluſaõ deſte negocio, que ſe deſpoſaſſe o noſſo Principe com ſua prima a Archiduqueza D. Iſabel, filha ſegunda do Emperador, e naõ com Madama Margarida de Valois; e como eſte era o deſejo da Princeza D. Joanna de Auſtria, e da Rainha D. Catharina, mãy huma, e outra avò delRey D. Sebaſtiaõ, como tambem da Archi-

Determina-ſe, que caſe ElRey D. Sebaſtiaõ com a Archiduqueza de Auſtria.

Archiduqueza, querendo preferir o thalamo de Portugal ao de França, ſe determinou com geral alegria de todos, que com eſta Princeza ſe celebraſſe taõ ſoberano conſorcio. Alterou toda eſta determinaçaõ a intempeſtiva morte da Rainha de Caſtella D. Iſabel de Valois; porque chegando a Pariz eſta infauſta noticia, logo mandou ſeu irmaõ Carlos IX. a Caſtella ao Cardeal de Guiſa, para dar os pezames a ſeu cunhado Filippe Prudente; e como eſte Principe eſtava igualmente deſpojado da eſpoſa, e de ſucceſſor para a Coroa, por lhos ter roubado a morte em o meſmo anno; propoz para nova conſorte a ſua irmãa Margarida de Valois, confiando deſta alliança, que ſempre teria por auxiliares as Armas de Heſpanha contra os Hugunotes, que naquelle tempo fortemente vexavaõ a Monarchia Franceza.

Cabrera *Hiſt. de Filip. II.* liv. 8. cap. 11.

Propoem Carlos IX. de França para eſpoſa de Filippe Prudente a ſua irmãa Margarida de Valois.

70 Propoſto por Carlos IX. o caſamento de ſua irmãa com ElRey de Caſtella, ſe deliberou a promover o da ſua peſſoa com a Archiduqueza de Auſtria D. Anna, filha mais velha do Emperador, mandando-lhe ſignificar pelo ſeu Embaixador, o Conde de Fieſco, aſſiſtente na Corte Imperial, ficando reſervada para eſpoſa do noſſo Principe a Archiduqueza D. Iſabel. Naõ agradou aõ Emperador a propoſta delRey de França, pois queria, que ſua filha D. Anna caſaſſe com ElRey de Caſtella; e para que ſe effeituaſſe,

Intenta Carlos IX. caſar com a filha mais velha do Emperador.

Prefere o Emperador o caſamento de Caſtella ao de França.

tuaſſe, eſcreveo a Ruy Gomes da Sylva, e ao Cardeal Eſpinoſa; e a Emperatriz a Luiz Venegas de Figueiroa, para que Filippe preferiſſe o caſamento de Alemanha ao de França, por lhe ſer mais conveniente ter por alliados os Alemães, que os Francezes, para os intereſſes de Flandes, e Italia.

Caſa ElRey de Caſtella com a filha primeira do Emperador, e com a ſegunda ElRey de França.

71 Aceitou Filippe a propoſta do Emperador, como taõ util às conveniencias da ſua Monarchia, caſando com ſua ſobrinha a Archiduqueza D. Anna; e para ſatisfazer o Emperador à ſupplica de Carlos IX. lhe deu por conſorte a ſua filha ſegunda D. Iſabel: e como eſta ſe tinha deſtinado para eſpoſa do noſſo Principe, ſe reſolveo, que em ſeu lugar caſaſſe com ElRey D. Sebaſtiaõ a Infanta de França Margarida de Valois. Naõ cauſou pequena conſternaçaõ em a noſſa Corte a mudança, que ſe fizera em o caſamento delRey D. Sebaſtiaõ; porque ainda que a Infanta Margarida foy a primeira, que os noſſos Miniſtros elegeraõ para eſpoſa do noſſo Principe, e foſſe no eſplendor do naſcimento igual à Archiduqueza de Auſtria D. Iſabel, com tudo como eſta Princeza, e naõ aquella fora ultimamente eleita para conſorte do noſſo Monarca, devia Filippe Prudente, antes de ſe executar eſta mudança, ſaber do noſſo Principe, ſe era do ſeu agrado receberſe com a Infante de França. A Rainha D. Catharina, que eſtava ſummamente empe-

Determina-ſe, que caſe o noſſo Principe com a Infante de França.

empenhada em que ſeu neto ſe alliaſſe com a Caſa de Auſtria, eſtranhou com grande exceſſo o modo, que neſta negociaçaõ practicara ſeu irmaõ, o qual para ſe juſtificar em materia de tantas conſequencias eſcreveo a ElRey, e à Rainha as Cartas ſeguintes.

Carta delRey de Caſtella para o noſſo Principe, copiada do Original.

„ Señor. A la Reina mi Señora eſcrivo „ muy larga, y particularmente, lo que ſe ofre- „ ce ſobre el caſamiento de V. A. que por ſer „ materia deſta calidad me ha parecido mas con- „ veniente tratarla con Su Alteza, y por ſu me- „ dio, como madre, y Señora de todos; y pues „ ella lo ha de comunicar a V. A. nò ſera meneſ- „ ter, que yo lo repita, ſinò remetirme a aquel- „ lo, y dizir ſolamente, que pues V. A. ſabe lo „ mucho, que le amo, y eſtimo, puede, y de- „ ve tener por muy cierto, que en lo que haſta „ agora ſe ha tratado, y en lo que de nuebo ſe „ propone, mi principal fin, y cuidado ha ſido, „ y es procurar, y endereçar el beneficio de V.A. „ y ſu deſcanſo, y contentamiento, teniendo „ particular cuenta con ſu autoridad, y reputa- „ cion, y que deſeo mucho, que aſſi como mi „ inſtruccion, y voluntad neſte negocio es muy „ buena, y muy endereçada al ſervicio de Nueſ- „ tro Señor, y al bien de V.A. aſſi ſe acierte en „ los medios para lo guiar, y traer al efecto, que „ conviene, que es lo que todos le deſeamos, y „ procuramos, y nello harè yo haſta dexarlo al

„ cabo, quanto em mi fuere con amor, y cui-
„ dado de muy verdadero padre, y eſpero en
„ Dios, de cuya mano ha de proceder todo, que
„ lo ha de encaminar de manera, que el quede
„ muy ſervido, y V. A. y todos muy contentos.
„ El lo aya, y guarde la muy Real Perſona de
„ V. A. como deſeo. De Madrid poſtrero de
„ Hebrero de 1569.

Buen Tio de V. A.

YO ELREY.

Carta delRey de Caſtella para a Rainha D. Catharina, copiada do Original.

„ Señora. No he eſcrito a V. A. ni reſpon-
„ dido a ſu Carta de tres de Mayo en lo del ca-
„ ſamiento del Señor Rey mi ſobrino, porque
„ cierto me ha tenido eſte negocio en mucho cui-
„ dado, y nò con poca perplexidad deſeando tan-
„ to por una parte el efecto de lo que eſtava tra-
„ tado, y haviendo ocurrido por otra tales nove-
„ dades, que lo impiden, que ha ſido meneſter
„ tiempo para mirar bien lo que conbiene, y po-
„ der advertir a V. A. y al Señor Rey mi ſobri-
„ no de todo lo que en eſte caſo ay que conſide-
„ rar, para que V. A. como madre, y Señora de
„ todos guie, y encamine con ſu mucha pruden-
„ cia, y criſtiandad aquello que mas convenga al
„ ſervicio de Dios, y beneficio publico, y al
„ contentamiento, deſcanſo, y autoridad delRey
„ mi ſobrino, que yo tanto deſeo ya que tengo
„ muy principal fin, y nò me ha parecido repe-
„ tir

„ tir aqui a V. A. lo que neſte negocio deſde ſu
„ principio ha paſſado, ni los fines, y conſide-
„ raciones, y particularmente a mi ſuſtancia ſe
„ tuvieron, para que ſe dexaſſe la platica de Fran-
„ cia, y ſe trataſſe lo de la Princeza Iſabel mi
„ ſobrina, ni lo de mas, que en el proceſſo deſto
„ ha havido haſta la partida del Archiduque de
„ Alemania, pues de todo tiene V. A. tan parti-
„ cular noticia, y tan freſca memoria, y aſſi tra-
„ tarè ſolamente de lo que deſpues ha paſſado,
„ y ſe ofrece. Al tiempo que partiò de allà; le
„ diò el Emperador entre otras coſas las inſtruc-
„ ciones, comiſſiones, y memoriales, que en lo
„ de los caſamientos dela Princeza Anna con El-
„ Rey de Francia, y de la Princeza Iſabel con
„ ElRey mi ſobrino me embiava con orden,
„ que me las dieſſe, y me hablaſſe de ſu parte pa-
„ ra que ſe pudieſſe proſeguir, y llebar adelante
„ lo tratado. Llegado aqui el Archiduque de-
„ pues de haverme hablado en otros negocios, me
„ dixo, que trahia orden de hablarme en eſto,
„ era antes que el Emperador ſupieſſe la mudan-
„ ça, que a cà avrà avido, pero que con ellà nò
„ me quiera hablar en eſte particular de los caſa-
„ mientos haſta tener nueva orden ſuya; y deſ-
„ pues de algunos dias me diò las dichas ſus co-
„ miſſiones, y inſtrucciones en que eſpreſſamente
„ le ordena el Emperador, que no ſe paſſaſſe ade-
„ lante en el caſamiento de la Princeza Iſabel con

„ ElRey mi ſobrino, ſin que primero eſtubieſſe
„ con olvido de la Princeza Anna con ElRey de
„ Francia, y como eſtà yà dicho, al tiempo de
„ ſu partida de Alemania, el Emperador nò tu-
„ vieſſe entendido el nuevo ſuceſſo del falleci-
„ miento de la Reina, que eſtà en gloria, reſul-
„ tando deſto tal novedad, que avrà pueſto las
„ coſas en tan diferentes terminos, que podian
„ cauſar mudança en la voluntad, y determina-
„ cion del Emperador cerca de la diſpoſicion de
„ ſus hijas, nò me pareciò, que yo podia juſta-
„ mente uſar de ninguna de las dichas comiſſio-
„ nes, ni paſar adelante en el negocio, ſin tornar-
„ ſelo a comunicar, o tener otro aviſo de ſu vo-
„ luntad deſpues deſte ſuceſſo; tanto mas avien-
„ do el Emperador antes, y agora ultimamente
„ declarado, y dado orden expreſſa de que en to-
„ do caſo ſe avrà de efectuar lo de la hija mayor,
„ antes que ſe procedieſſe a lo de la ſegunda co-
„ mo he yà dicho, que lo avrà entendido del Ar-
„ chiduque; y ſobre eſte fundamiento, de que
„ era neceſſario comunicarſelo primero, y tener
„ ſu aviſo, ſe reſpondiò al Archiduque, y en
„ la miſma conformidad al Cardenal de Guiſa,
„ que ha venido aqui por ElRey de Francia, y
„ hazia inſtancia ſobre ſu caſamiento con la Prin-
„ ceza Anna, y por lo que deſpues deſto, y de
„ aver entendido el Emperador, y Emperatriz
„ mis hermanos la novedad, y ſuceſſo ſe ha eſ-
„ crito

„ crito a la Princeza mi hermana, y a mi, y al
„ Archiduque, ha resultado moverse la platica,
„ y trato en lo del casamiento de la Princeza An-
„ na, como de mas de lo que de allà se ha escri-
„ to, se me ha por el Archiduque propuesto, y
„ con esto juntamente se le embiò orden, que
„ suspiendesse el passar adelante en lo de la Prin-
„ ceza Isabel: aviendose pues venido a este termi-
„ no, y intervenido la novedad, que en el ay,
„ quisiera yo mucho se pudiera escusar el tratar-
„ se de mi casamiento; porque de mas que con
„ esto cessarà el impedimento, que resulta el efe-
„ cto de lo que estava tratado, fuera muy con-
„ forme a mi voluntad, y a mi particular con-
„ tentamiento; mas en esta parte V. A. poderà
„ considerar, hallandome yo con tan poca sucef-
„ sion, y ninguna de varon, la obligacion, que
„ tengo a mis Reynos, y Estados, y como po-
„ dera satisfazer a la instancia, que yà se me ha
„ començado a hazer, y harà sobre esto, ni apar-
„ tarme por mi contentamiento proprio destas
„ obligaciones, y del comun parecer, y consen-
„ timiento de todos, y nò se podiendo escusar
„ esto lo de la Princeza Anna, que se me ha
„ propuesto, allende de ser tan conbeniente en
„ todas consideraciones, y de tanta satisfacion,
„ y contentamiento a sus padres, y a que yo con
„ tanta razon devo mas inclinar, vierre a ser ne-
„ cessario, porque en lo de Madama Margarita
„ her-

„ hermana del Rey de Francia , quando de Su
„ Santidad ſe pudiera obtener diſpenſacion , que
„ entiendo nò la daria , tengo yo por tan eſcru-
„ puloſo el caſar con dos hermanas , que en nin-
„ guna manera pudiera aſſegurar , ni aquietar mi
„ conciencia , ni concurrir en tal coſa ; deſta mu-
„ dança en lo de la Princeza Anna viene el ne-
„ gocio a reduzirſe a terminos , que o ha de que-
„ dar de todo eſcluſo El Rey de Francia deſtos
„ matrimonios , o ſe ha de hazer tambien mudan-
„ ça en lo tratado de la Princeza Iſabel para le
„ poder ſatisfazer ; y aun que en otro tiempo , y
„ eſtado de coſas el quedar El Rey de Francia eſ-
„ cluido , y ofendido nò fuera de tanta conſidera-
„ cion , en el que al preſente ſe hallan las de aquel
„ Reyno , y Rey , lo es tan grande , que nos
„ obliga a todos los Principes , que ſomos Chriſ-
„ tianos , y Catholicos a mirar mucho en ello ,
„ y a prevenir , y eſcuſar los inconvenientes , que
„ de aqui pueden nacer ; ſiendo aſſi como eſtà en-
„ tendido , que eſcluido el dicho Rey de Francia
„ de caſar con alguna de las dos hijas del Empe-
„ rador , y nò aviendo por el preſente , ſegun
„ los fines , y deſignios , que tienen , otra coſa a
„ ſu propoſito ni a que indinarian , con razon ſe
„ teme ſeria perſuadido , y atraydo en eſta oca-
„ ſion por los malos , que con mucha ſolicitud lo
„ procuran en ſu Reyno a que caſaſſe em Alema-
„ nia como ſe ha antes de agora tratado , y movi-
„ do,

„ do, de que assi mismo resultaria el concertarse
„ con los hereges de su Reyno, lo qual seguien-
„ dose, se acabaria de perder la religion con tan-
„ ta ruina, y daño de la Cristiandad dentro, y
„ fuera del, como se vè, y ninguna escusa pode-
„ riamos tener acerca de Dios, y del Mundo los
„ que huviessemos sido desto causa, o podiendo-
„ lo remediar nò lo huviesemos hecho; y como
„ con esto juntamente yo aya considerado, que
„ la platica del casamiento del Señor Rey mi so-
„ brino en Francia nò se avrà dexado, porque
„ a que nò fuesse en edad, calidad, autoridad,
„ y otras consideraciones conveniente, sinò por
„ otros fines concernientes al beneficio de todos,
„ por entonces se tuvieron, los quales han cessa-
„ do, y mûdadolos la novedad, y el sucesso, y
„ estado de las cosas, y que tornandose agora a
„ encaminar, y concluyendose juntamente lo de
„ los matrimonios de las dos hijas del Emperador,
„ como està apuntado, vendria de aqui a resultar
„ una union, hermandad, amistad, y conformidad
„ entre todos nos otros, que assi para lo de la reli-
„ gion, autoridad, y obediencia de la Iglesia Ca-
„ tholica, y beneficio publico de la Cristiandad,
„ como al particular de nuestros Estados, tanto
„ importaria, y tambien estaria, y estoy tan sa-
„ tisfecho, y persuadido, que esto es lo que ver-
„ daderamente nos conviene, y lo que somos to-
„ dos obligados a encaminar, que nò dudo, que
„ V.

„V. A. y el Señor Rey mi ſobrino con el zelo,
„que tiene al ſervicio de Dios, y beneficio pu-
„blico; y entendiendo con ſu prudencia lo que
„eſto importa, y conviene, concurriràn en lo
„miſmo. De mas de lo qual me ha parecido ad-
„vertir a V. A. que del Emperador com mucho
„fundamento, y por diverſas vias ſe entiende, y
„a lo que và endereçada la prevencion, que ha
„hecho el Archiduque para que ſuſpenda la pla-
„tica de lo que toca a la Princeza Iſabel, ſe tie-
„ne por cierto, que efectuandoſe lo que de nue-
„vo ha movido en lo de mi caſamiento, harà
„mudança en el de la Princeza Iſabel, y con-
„currirà en lo de Francia; y que eſto es de ma-
„nera, que de las diligencias, que ſe hizieſſen
„inſiſtiendo en el efecto de lo tratado nò reſul-
„taria otro fruto ſinò aver metido mas prendas,
„y mas autoridad, y nò ſalir con ello, la qual
„autoridad, y beneficio del Rey mi ſobrino yo
„procuro por todas vias reſervar, y ſalvar; y
„aſſi el mudar de conſejo, de màs de la conve-
„niencia, viene a ſer neceſſario, y ſobre el di-
„cho preſupueſto, y entendiendo, que eſto en to-
„do caſo conviene aſſi, y pareciendome ſer neceſ-
„ſario hilo deſde luego diſponiendo, y prendan-
„do en la repueſta, que ultimamente ſe ha dado
„al Archiduque ſe le ha aſſi declarado, y en la
„miſma conformidad al Cardenal de Guiſa, y
„con ella miſmo eſcrivo al Emperador, y Em-
„peratriz

,, peratriz mis hermanos para que todos entien-
,, dan, que eſtos caſamientos dependen los unos
,, de los otros, y que nò ſe pueden efectuar, ni
,, proceder en ellos apartandolos, y haziendo con-
,, dicion de los demàs, el del Señor Rey mi ſo-
,, brino; y neſta declaracion aſſi anticipada ſe ha
,, tenido fin a que Francezes dexandoles ſu negocio
,, con generalidad, y ſuſpenſion nò ſe precipitaſſen
,, como ſe podria temer de ſu condicion, y del
,, caſo, y de la ſolicitud, y diligencia con que
,, allà ſe procede, y para que aſſi miſmo el Em-
,, perador nò ſe fueſſe prendando con ellos ſin
,, nueſtro conſentimiento, y intervencion; y por-
,, que me ha parecido, que a la autoridad del-
,, Rey mi ſobrino, con que yo tengo tanta cuen-
,, ta, y traça ſalia a cà de nos otros ambos, y
,, que nò procedia dellos, y que nace de nueſtra
,, voluntad, y que nò ſe contraviene a lo tratado
,, ſin ella, la qual prevencion ſe ha a cà juzgado
,, por muy combeniente, y por tal eſpero que la
,, juzgarà V. A. y el Rey mi ſobrino; y porque
,, pudiera ſer impedimiento para eſto del caſamien-
,, to de Madama Margarita con el Señor Rey lo
,, que por algunos nò ſe ha dexado de apuntar,
,, y mover, el tratarſe el del Principe Rodolpho
,, mi ſobrino con ella; para que en eſto nò aya
,, eſtorvo, eſcrivo de nuevo a ſus padres, paſſan-
,, do muy adelante en el caſamiento, que yà ave-
,, mos comenzado a tratar de la Infante D. Iſabel

„ mi hija con el dicho Principe, el qual ſin duda
„ ellos antepondràn a todos los de mas, y con
„ eſto, y con lo que ſe ha declarado a todas las
„ partes, para que entiendan, que nò ſe puede
„ venir a efecto de ninguno de los otros matrimo-
„ nios, ſin que ſe concluya el delRey mi ſobri-
„ no, quedarà todo allanado, y en la diſpoſi-
„ cion, que conviene para procederſe a la con-
„ cluſion de lo que le toca, de lo qual todo he
„ querido dar tan particular cuenta a V. A. co-
„ mo a madre, y Señora de todos, para que
„ ſepa el progreſſo, que eſto negocio ha tenido
„ haſta agora, y el eſtado en que queda, y lo
„ pueda declarar, y comunicar ElRey mi ſobri-
„ no, y el Señor Cardenal mi tio; porque a Sus
„ AA. eſcrivo breve, remitiendome a eſta, pues
„ es todo una coſa, y todos vamos a un fin, que
„ es procurar lo que cumple al Rey mi ſobrino,
„ cuya autoridad, y reputacion tengo yo por tan
„ propria, que con razon puede eſtar aſſegurada
„ V. A. que he mirado por lo que le toca con
„ tanta atencion, y cuidado, como ſi fuera mi
„ hijo, y que aſſi ſe deven de perſuadir Vueſtras
„ AA. que el camino, que ſe ha tomado, es el
„ que nos conviene a todos, y como tal le con-
„ tinuarè, y procurarè de traer a efecto, avida
„ ſu voluntad, y repueſta, que la eſperarè con
„ deſeo, y ſerà para mi de grandiſſima ſatisfacion,
„ y contentamiento entender, que deſto le tienen
Vueſ-

„ Vueſtras AA. como eſpero, que le teràn, ſa-
„ biendo el animo, amor, y reſpecto con que
„ yo procedo en ſus coſas, que las guie, y en-
„ derece Nueſtro Señor, y guarde la muy Real
„ Perſona de V. A. como deſeo. De Madrid poſ-
„ trero de Hebrero 1569.

Hijo, y Servidor de V. A.

YO ELREY.

72 Naõ foraõ baſtantes eſtas razões politicas, que Filippe Prudente allegou na ſua Carta, para ſerenar o animo da Rainha D. Catharina, ſempre inclinado ao caſamento de ſeu neto com a Archiduqueza de Auſtria; antes lhe reſpondeo arguindo-o de que foſſe medianeiro de hum caſamento, que ſempre impedira, principalmente ſem primeiro participar ao noſſo Principe, ſe era conforme ao ſeu goſto, por ſer preciſo ſaber com antecipaçaõ a vontade de quem o contrahia: e o que era mais, com huma Coroa, de que eſta Monarchia tinha recebido alguns aggravos, dos quaes nunca dera a devida ſatisfaçaõ. Tudo ſe expreſſava na Carta ſeguinte.

Naõ ſatisfaz à Rainha D. Catharina eſta repoſta delRey de Caſtella.

„ Senhor. Por D. Fernando Carrilho rece-
„ bi a Carta de V. A. do derradeiro do mez paſ-
„ ſado, e com ella a que vinha para o Senhor
„ Rey meu neto, que logo dey a S. A. e lhe re-
„ feri, e communiquey tudo o que V. A. por

Carta da Rainha D. Catharina para ElRey de Caſtella.

„ esta sua Carta me offerecia àcerca destes casa-
„ mentos, nos quaes pelo que toca à Christan-
„ dade, e ao serviço della, naõ ha que dizer,
„ senaõ, que Deos que assim o ordenou, e para
„ virem a estes termos, quiz, que procedessem
„ tantas cousas, como temos visto, quererá, e
„ será servido serem para bem da mesma Christan-
„ dade, e para outros grandes seus serviços: que
„ em tal estado está ella, por nossos peccados,
„ que muito convém, naõ sómente obedecer, e
„ confirmar no succedimento das cousas com sua
„ vontade; mas ordenar as obras proprias, para
„ com ellas lhe merecer, o que só della se pó-
„ de esperar em remedio, e beneficio da mesma
„ Christandade. E ainda que no do Senhor Rey
„ meu neto, V. A. se movesse pelas causas que
„ aponta, toda via, como quem com tanta ra-
„ zaõ tem o nome, que V. A. lhe poem, naõ
„ poderey deixar de lhe dizer, que fora cousa
„ muy acertada proceder V. A. neste seu casa-
„ mento com outro modo devido a todos, e ne-
„ cessario ao que V. A. pertendia; porque ainda
„ que os fundamentos de V. A. fossem os que
„ diz, e o que de V. A. e de seu amor só deve
„ querer, e esperar, para com o Senhor Rey meu
„ neto, toda via, muitas vezes acontece o mo-
„ do das cousas damnificar a substancia dellas,
„ mórmente neste casamento, que ainda que V.A.
„ me diga, que se aquelle mesmo, que S. A. e
„ seu

,, ſeu Conſelho approva por devido, e neceſſario
,, ao bem, e ſocego dos ſeus Reynos, toda via,
,, da parte de V. A. he aquelle, que V. A. rep-
,, provou, e em que tantas razoens me deu, e
,, eſcreveo, e tantas mandou apontar a S. A. por
,, D. Franciſco Pereira, para o naõ dever aceitar,
,, e S. A. podendo dar muitas em contrario, aſ-
,, ſim ſe perſuadio, do que lhe V. A. niſſo man-
,, dou pedir, e do que a Senhora Princeza ſua
,, mãy lhe mandou dizer, que quiz antes confor-
,, mar a ſua vontade com a de Voſſas AA. que
,, paſſar mais adiante naquella materia, parecen-
,, do-lhe, que devia mais ao reſpeito, que V. A.
,, e a ſua mãy era razaõ, que tiveſſe com ſuas
,, couſas, que ao bem que ſe entendia poder pro-
,, ceder deſte caſamento a ellas, vendo tambem,
,, que ſe perdia mulher, cobrava por mulher, a
,, que lhe V. A. dava com aquelle nome de filha
,, ſua, que foy o dote principal; e porque ſe per-
,, ſuadio a ter diſſo o contentamento, que era
,, razaõ, pois ſer filha do Senhor Emperador naõ
,, baſtava para os fins, que os Reys tem em ſeus
,, caſamentos, e que S. A. a tinha neſte ſeu,
,, poſto que ſer ſua filha era parte muito grande,
,, e para muito ſe ſatisfazer, e claro eſtá, que eſ-
,, te modo de proceder com V. A. pedia outro
,, ſemelhante na ſubſtancia, e no meſmo modo;
,, porque, Senhor, como V. A. ſabe, he tama-
,, nha couſa caſar, principalmente nos Reys, que
,, ſe

,, ſe naõ póde eſta materia guiar, ſenaõ com a
,, vontade primeiro ſabida: e tanto he iſto, que
,, ainda o pay com o proprio filho, a que taõ
,, devida he a obediencia nas couſas, ſó no caſa-
,, mento pertende primeiro, què tudo ſaber ſua
,, vontade, e aſſim o quer Deos nas ſemelhantes
,, couſas; e poſſo affirmar a V. A. que me deu
,, tanto cuidado, e trabalho eſta ſua Carta, que
,, o poderia mal acabar de dizer a V. A. porque
,, ſentia poderſe com razaõ dizer, que devera
,, V. A. ter neſta materia, e no proceder della
,, outro modo com o Senhor Rey meu neto, e
,, ſentia o que depois de lhe fallar, e dar conta
,, do negocio mais claramente vi, que he reſen-
,, tirſe delle muito: mas como a materia he de
,, Deos, e em tanto beneficio univerſal da Chriſ-
,, tandade, conſiderando o perigoſo eſtado della,
,, e os intentos de V. A. quiz S. A. perſuadir-
,, ſe das razoens, que V. A. lhe manda dar, e
,, confiar, que no que toca a elle V. A. naõ dei-
,, xaria de ter as conſiderações, que convém ao
,, bem de ſeus Reynos, pelo qual ſómente caſava
,, em França, caſava em Alemanha, e agora quer
,, tornar a caſar na meſma França, e pelo que
,, ſe lhe devem tamanhos louvores, como V. A.
,, póde julgar, da qual couſa he de eſperar de
,, Noſſo Senhor, que pois S. A. aſſim ſe diſpoem,
,, e ſe entrega à ſua vontade niſto, lhe dará em
,, todas as couſas tantos, e taõ bons ſucceſſos, e
,, com

,, com tanta felicidade, e profperidade, que com
,, razaõ poffa S. A. e todos feus vaffallos ter o
,, contentamento, que fe deve efperar; e por-
,, que efte he o feu intento, e a fua confiança,
,, para com V. A. eftá muy certa, e fegura, naõ
,, lhe parece dever nefta materia dizer mais, que
,, efperar, e ter por muy certo tudo o que V. A.
,, nefta minha Carta fe offerece fazer; mas eu pe-
,, la obrigaçaõ, que tenho a ambos, pois ambos
,, faõ filhos, direy a V. A. o que nefta materia
,, fe me offerece. Diz-me V. A. que procedeo
,, nefte negocio da maneira, que o fez; porque
,, queria que efte cafamento do Senhor Rey meu
,, neto fahiffe juntamente com o de V. A. e com
,, o del Rey de França, por lhe parecer affim mais
,, authoridade do Senhor meu neto; ifto muy
,, bem me parece, e affim era razaõ que o V. A.
,, confideraffe: mas defejo faber, fe fe lembrou
,, V. A. quando difto tratou, do que convém,
,, que o Senhor Rey meu neto queria, que fe
,, lhe faça de França, quando nella houveffe de
,, cafar, affim em dote, como em condições,
,, do que convém à perpetuaçaõ, e confervaçaõ
,, de fuas demarcações, commercios, e conquif-
,, tas, fobre que tantas coufas faõ paffadas, e que
,, tanto tem cuftado à Coroa deftes Reynos, o
,, que foy, e ferá fempre, em quanto fe naõ to-
,, mar nifto affento, e refoluçaõ, materia princi-
,, pal de difcordia entre eftes Reynos, e os de
,, Fran-

„ França, e em que o aſſento dellas bom, ou
„ máo, parece que importa a V. A. pelo que
„ toca às ſuas, como à S. A. ſendo eſta materia
„ taõ huma com a outra, e requerendo-ſe por
„ parte dos Francezes tanta conſideraçaõ, e in-
„ duſtria para ſe com elles negociar, e tantos pe-
„ nhores, e obrigações para ſe delles confiar, e
„ por muy certo tenho, que naõ poderia couſa
„ de tamanha importancia eſquecer a V. A. nem
„ deixaria paſſar occaſiaõ propria de ſe melhor
„ poder mover, e tentar; e tambem confio, que
„ lhe naõ eſqueceria o caſo da Ilha da Madeira,
„ no qual até hoje taõ pouca ſatisfaçaõ El Rey de
„ França tem dado a S. A. que he ponto com
„ tudo o mais, que neſte caſamento de França
„ he paſſado, do que particularmente ſe deu con-
„ ta a V. A. como era razaõ, para ſe dever pon-
„ derar na honra de S. A. poderſe entender, e
„ ver, que eſtando as couſas neſtes termos, e ſen-
„ do elle o que eſpera dellas a ſatisfaçaõ, ſe trata
„ deſte ſeu caſamento, como ſe elle o pediſſe,
„ ou deſejaſſe, que he tambem outro ponto mui-
„ to ſubſtancial para V. A. muito conſiderar, e
„ advertir, endereçando o negocio por tal ma-
„ neira, pois de outra naõ poderia bem ſer, que
„ ſe commetta ao Senhor Rey meu neto eſte ca-
„ ſamento por parte de França, e aſſim endere-
„ çar V. A. o proceder niſto, que a honra, e au-
„ thoridade de S. A. da qual V. A. moſtra ter tan-
„ ta

,, ta lembrança, naõ corra algum perigo. Farme-
,, ha V. A. muy grande merce confiderar bem ef-
,, tas coufas; porque pois por feu refpeito fe mo-
,, vem, fe aceitaõ, e recebem; de tamanha obri-
,, gaçaõ he a V. A. o modo de as tratar, practi-
,, car, e ordenar, lembrando-fe tanto, como he
,, razaõ, em quanto V. A. eftá ao Senhor Rey
,, meu neto nefte negocio, e quaõ jufto he, que
,, pois fe desfez o cafamento daquella Princeza,
,, que V. A. tantas razoens aprefentou como fi-
,, lha propria, que lhe lembre, que he razaõ,
,, que trate deftoutro, como de cafamento de fi-
,, lho proprio, ajuntando a iffo a honra, que a
,, V. A. fe fegue, e à obrigaçaõ della, que o
,, obriga procurar V. A. de fer ainda melhor, fe
,, melhor póde fer; e naõ fómente entendo, que
,, a tem V. A. para o fazer da maneira, que di-
,, go nas coufas de França, mas ainda nas que
,, for neceffario, que de V. A. fe queiraõ; e fal-
,, lo taõ claro nefta materia a V. A. porque he
,, ella tal, que erraria muito a mim, e ao que
,, devo a V. A. e ao Senhor Rey meu neto, fe
,, com efta clareza a naõ trataffe, e fe nella naõ
,, lembraffe a V. A. que efte he fó o defcanfo, e
,, a confolaçaõ, que nefta vida poffo ter. Efpero
,, em Noffo Senhor poder fer ifto affim; e tam-
,, bem efpero em V. A. que o que deftas coufas
,, poffo de V. A. prometter a mim mefma, e pro-
,, metter a todos, V. A. nos fatisfaça taõ inteira-

 ,, mente

„ mente como o deve a ſi, e aos termos, em que
„ as couſas eſtaõ, e o eu mereço a V. A. pois
„ foy ſervido ſer eu o meyo, por onde ellas cor-
„ reſſem. Noſſo Senhor guarde a muy Real Peſ-
„ ſoa de V. A. como eu deſejo. Dalmeirim a
„ XIII. de Março de 1569.

RAINHA.

Pede ElRey de Caſtella ao noſſo Principe mande poder para ſe aſſinar o contrato matrimonial.

73 Como Filippe Prudente ſe conſtituîo arbitro abſoluto do caſamento de ſeu ſobrinho D. Sebaſtiaõ, ainda que reconhecia ſerem juſtificadas as razoens, que neſta Carta lhe repreſentou ſua irmãa D. Catharina, tendo mandado pedir a Carlos IX. poder para que o ſeu Embaixador aſſiſtente em Madrid aſſinaſſe o contrato matrimonial de Madama Margarida com o noſſo Principe, lhe eſcreveo, para que tambem mandaſſe ordem a D. Franciſco Pereira, Embaixador da Coroa Portugueza em Caſtella, para aſſinar em ſeu nome as eſcrituras dos deſpoſorios com a Infanta de França, da qual lhe pedia fizeſſe Mordomo mór a D. Franciſco Pereira, por ſer digno de lugar taõ honorifico. Tambem ſe empenhou a Princeza D. Joanna pedindo a ElRey D. Sebaſtiaõ, com ternura de mãy, que naõ dilataſſe a concluſaõ do ſeu caſamento, em que eſtava intereſſada a authoridade de ſeu irmaõ; o que tudo ſe comprehendia nas Cartas ſeguintes.

„ Se-

Carta delRey de Castella para o nosso Principe, copiada do Original.

„ Señor. He recebido la Carta de V. A.
„ de 17 del passado, y con mucha razon fia de
„ mi V. A. lo que toca a su casamiento, pues
„ yo procuro de mirarlo, y endereçarlo con el
„ mismo amor, y cuidado, que si V. A. fuera
„ mi hijo, pues le tengo por tal; yo tuve del
„ Emperador la repuesta, que V. A. entenderà
„ de la Reina mi Señora, y de D. Hernando
„ Carrillo, y lo que en conformidad della he es-
„ crito a Francia; quiziera agora, que V. A.
„ embie su poder para que venido el de Francia
„ se acabe de tratar este negocio como conviene,
„ y yo lo deseo, que desta manera serà a mucha
„ satisfacion de V. A. la qual le dè siempre Nues-
„ tro Señor, y guarde la muy Real Persona de
„ V. A. como deseo. De Madrid a 18 de Julio
„ de 1569.

Buen Tio de V. A.

YO ELREY.

Outra Carta delRey de Castella para D. Sebastiaõ, copiada do Original.

„ Señor. De mas de lo, que escribo a V. A.
„ sobre el negocio de su casamiento, he queri-
„ do advertir a V. A. por lo que le quiero, y
„ deseo su contentamiento, que segun lo que ten-
„ go conocido de D. Francisco Pereira, y del
„ amor, cuidado, y diligencia, con que le he vis-
„ to servir a V. A. todo el tiempo, que aqui ha
„ residido, me parece, que seria muy proprio pa-
„ ra Mayordomo mayor de Madama Margarita,

„ y a todo el Mundo pareceria muy bien, que
„ V. A. le honrasse, y acrescentasse en esta oca-
„ sion por remate de sus trabajos, y servicios, y
„ le tengo tan buena voluntad, que nò solamen-
„ te lo advierto, sinò que lo pido, y suplico
„ muy de veras a V. A. y que teniendolo por bien,
„ como lo espero, le nombre V. A. desde luego
„ en este oficio, con orden, que a su tiempo ha-
„ ya a venir serviendo a S. A. en este oficio de to-
„ da la parte, y onde se huviere de recibir, que
„ por lo que deseo, que esto aya efecto, escribo
„ a la Reina mi Señora, y al Señor Cardenal mi
„ tio, pediendoles, que lo acuerden a V. A.
„ aun que tengo por cierto, que concurriendo
„ tan justos respetos, y interveniendo yo en esto,
„ sin mucha dificultad le ha de hazer esta mer-
„ ced, V. A. cuya muy Real Persona guarde
„ Nuestro Señor como deseo. De Madrid a 19
„ de Julio de 1569.

Buen Tio de V. A.

YO ELREY.

Carta da Princeza D. Joanna de Austria para seu filho El-Rey D. Sebastiaõ, copiada do Original.

„ Señor. Pelo que mi hermano, y D. Fran-
„ cisco Pereira me han dicho, he entendido lo
„ que V. A. respondiò a Su Magestad, a lo que
„ le avia escrito sobre los poderes, que avia de
„ embiar para se acabar de tratar, y concluir su
„ casamiento, y nò puedo dexar de espantarme
„ mucho de la dilacion, que V. A. ha querido
„ poner

,, poner en eſte negocio, eſtando tan adelante,
,, y aviendo paſſado en el todo lo que V. A. tie-
,, ne entendido, en que podria aver muchos in-
,, convenientes, ſi V. A. nò remedia luego con
,, hazer lo que mi hermano eſçrive a V. A. y D.
,, Hernando Carrillo le pedirà de ſu parte, pues
,, aquello es lo que mas conviene, y Su Mageſ-
,, tad mira eſto con tanto amor, que ſeguramen-
,, te puede fiar V. A. del que tendrà mas cuenta
,, con mirar por ſu authoridad, y reputacion, que
,, con otra ninguna coſa; y porque yo entiendo
,, que V. A. erraria mucho, ſi fueſſe por otro ca-
,, mino, pido mucho a V. A. que nò conſienta,
,, que aya mas dilacion, ſinò que luego embie
,, el poder a D. Franciſco Pereira, como yò eſ-
,, pero que V. A. lo harà, viſto las razones, que
,, ay para nò dilatarlo; mas yò me vine aqui al
,, Pardo adonde me he hallado mucho mejor yà,
,, bendito ſea Dios, libre de calentura, como D.
,, Franciſco eſcribirà a V. A. a quien guarde Dios
,, como yo deſeo. Del Pardo a VII. de Agoſto.

Buena Madre de V. A.

LA PRINCEZA.

74 Recebidas eſtas Cartas por ElRey D. Sebaſtiaõ, poſto que os noſſos Miniſtros tiveſſem uniformemente votado, que como na Europa naõ havia outra Princeza, caſaſſe elle com a de Fran-

çа,

ça, e prudentemente ſe diſſimulaſſe a queixa, ainda que juſta, na mudança que ſe fez, da que havia ſer conſorte do noſſo Principe: como elle foſſe de animo altivo, e julgaſſe por offenſa a acçaõ, que fizera ſeu tio, além de que o ſeu genio era totalmente oppoſto à concluſaõ do ſeu caſamento, ſe reſolveo a naõ mandar procuraçaõ, de cujo perniciofo arbitrio foraõ culpados Martim Gonçalves da Camera, e ſeu irmaõ o Padre Luiz Gonçalves da Camera, de tal ſorte, que ElRey de Caſtella declarou a ſeu ſobrinho, que havia a ambos por ſuſpeitos em os negocios pertencentes à ſua Coroa. Porém eſta averſaõ, que ElRey moſtrava para ſe naõ effeituar o ſeu caſamento, naõ era regulada pelas maximas da politica, mas por diſpoſiçaõ de ſuperior impulſo ſempre impenetravel ao noſſo conhecimento. Eſperavaõ os Miniſtros de Eſtado, que ElRey cedeſſe de reſoluçaõ, que emprendera conformando-ſe com os votos dos ſeus Miniſtros, quando mandou ao Conſelho de Eſtado por Martim Gonçalves da Camera, Eſcrivaõ da Puridade, hum papel eſcrito, e firmado pela ſua maõ, o qual continha eſtas palavras.

Reſolve-ſe ElRey D.Sebaſtiaõ a naõ mandar procuraçaõ para ſe effeituar o ſeu caſamento.

„ Pelo Reyno porey a vida muitas vezes; e pela „ honra, e pela Fé, porey honra, e vida, e tu„do; pelo proveito do Reyno, e meu, naõ po„rey a honra do Reyno, e a minha, pois eſte „ foy o caminho dos Reys, que a ganharaõ. Hoje „ Domingo, 18 de Setembro de 1569. REY.

Manda ElRey hum papel ao Conſelho de Eſtado, e de que conſtava.

Deſ-

Destas breves clausulas conheceraõ os Conselheiros, como o animo delRey estava totalmente alheyo de consentir na conclusaõ do seu casamento, nem mandar procuraçaõ para o seu effeito, como o declarou a ElRey de Castella na Carta seguinte.

Carta delRey D. Sebastiaõ para ElRey de Castella.

„ Senhor. Vi a Carta de V. A. de 19 de „ Julho, e o que de sua parte me disse D. Fer- „ nando Carrilho, beijo as mãos de V. A. pelo „ amor, e cuidado, com que trata minhas cou- „ sas, e desejo que mostra de se effectuarem bem, „ o que estimo em muito; mas porque naõ tenho „ visto atégora, o que por parte de França se ha „ de fazer (conforme ao que a Rainha minha Se- „ nhora, e avó em tudo apontou na Carta, que „ sobre esta materia escreveo a V. A. em 13 de „ Março) me parece naõ haver necessidade por „ agora de mandar meus poderes, como se pe- „ dem, e tenho por certo parecerá o mesmo a „ V. A. pelas muitas razoens, que para isso ha, „ confiando no muito amor, que V. A. me tem, „ e lhe eu mereço, que naõ se esquecerá em cou- „ sa alguma da obrigaçaõ em que está para fazer „ tudo, o que cumpre a minha authoridade, hon- „ ra, e bem de meus Reynos, como disse a D. „ Fernando Carrilho, e dirá a V. A. D. Francisco „ Pereira, a quem escrevo. Nosso Senhor guar- „ de a muy Real Pessoa de V. A. como desejo. „ Dalcobaça a XIX. de Agosto de 1569.

REY.

Naõ

75 Naõ era menos empenhado, que estes Principes sobre a conclusaõ do casamento do nosso Monarca com a Infanta de França o paternal affecto de S. Pio V. explicado nas elegantes clausulas do seguinte Breve.

Apost. Epist. Pii V. lib. 3. Epist. 51.

,, Charissime in Christo Fili Noster, salu-
,, tem, & Apostolicam benedictionem. Quo in
,, statu sit matrimonii tui cum Charissimi Nobis
,, in Christo Filii Francorum Regis Christianissi-
,, mi Sorore negotium, non solùm intelleximus
,, ex litteris tuis XXIV. Octobris die ad Nos da-
,, tis, sed etiam ex dilecti Filii Oratoris apud Nos
,, tui, Maiestatis Tuæ nomine, super eâdem re no-
,, biscum habito sermone cognovimus: quia verò
,, quemadmodum, & eidem Oratori tuo diximus,
,, & aliàs Maiestati Tuæ scripsisse meminimus ex
,, tali inter te, & Christianissimum Regem affi-
,, nitatis conjunctione magnam ad Rempublicam
,, Christianam utilitatem perventuram esse spera-
,, mus, id circo totum hoc negotium quam pri-
,, mùm ex sententiâ confici vehementer in Do-
,, mino desideramus. Quamobcausam ad id,
,, & antea Maiestatem Tuam semper hortati su-
,, mus, & nunc quoque magnopere hortamur.
,, Certè quod magni Reges in primis spectare so-
,, lent, neque clariori genere ortam uxorem du-
,, cere posse vidêris, neque probitate, morum
,, sanctitate; pietatisque studio præstantiorem;
,, præsertim Charissimo Nobis in Christo Filio Re-
,, ge

„ ge Catholico hanc ipſam affinitatis conjunctio-
„ nem conciliante; quo neque aptiorem ullum
„ conciliatorem, neque potentiorem, neque ti-
„ bi ipſi conjunctiorem habere potes; quem qui-
„ dem ſperamus in tractando hoc negotio, tuo-
„ rum quoque commodorum, rerumque iſtius
„ Regni eam, quàm par eſt, rationem eſſe ha-
„ biturum. Quæ cum ita ſint, cumque in tali
„ matrimonio, ea, quæ potiſſimum ſpectantur,
„ omnia inſint; decet te, Chariſſime in Chriſto
„ Fili, etiamſi nonnihil aliarum, non ita magni
„ momenti rerum in conditione tibi propoſita de-
„ eſſet, id nequaquam tanti æſtimare, ut prop-
„ terea, aut à tali contrahendo matrimonio ab-
„ ſiſtas, aut totam hujus ipſius negotii conclu-
„ ſionem minus urgeas; ſed potiùs communis
„ Reipublicæ Chriſtianæ utilitatis cauſa aliquid
„ de jure, deſiderioque tuo in rebus non magni
„ ponderis remittas: quod te pro tua ſingulari
„ in Deum Omnipotentem pietate facturum eſſe
„ non dubitamus, &c. Datum Romæ apud S.
„ Petrum die XXVIII. Decembris M.D.LXIX.

CAPITULO XIII.

Pede ElRey D. Sebastiaõ aos seus vassallos, que suppliquem a Deos para que prudentemente os governe. Parte aceleradamente de Almeirim; chega a Lisboa, e dos discursos, que se fizeraõ àcerca desta jornada. Retira-se a Rainha do despacho aggravada de algumas desattenções de seu neto.

1569

76 A Experiencia, prudentissima directora das acções humanas, tinha ensinado no breve espaço de hum anno a ElRey D. Sebastiaõ, quanto era difficil a arte de reynar; e como conhecesse, que sem continua assistencia da protecçaõ Divina eraõ pouco robustos os seus hombros para sustentar a pezada maquina de huma Monarquia taõ dilatada em Dominios, e Conquistas, se resolveo significar a todos os seus vassallos, que com repetidas, e fervorosas oraçoens supplicassem do supremo Arbitro dos Imperios lhe illustrasse o entendimento, para administrar justiça com summa equidade, principalmente ao povo, do qual como mais miseravel determinava ter particular cuidado, desejando reformar os costumes licenciosos, e restituir a sinceridade dos antigos, a que era naturalmente affecto.

Supplica ElRey ao povo, que ore a Deos pelo acerto das suas acções.

cto. Para confeguir efte catholico intento efcreveo às Cidades, e Villas do Reyno efta Carta circular.

Carta delRey para todo o Reyno.

„Juiz, Vereadores, e Procurador, &c. „Eu ElRey vos envio muito faudar. Quanto „mais conhecimento vou tendo das coufas do „governo de meus Reynos, tanto me parece „mais neceffario para elles (além da ajuda, e fa„vor, que para iffo devo pedir a Noffo Senhor) „fazer muita conta das lembranças, e avizos de „meus póvos, e vaffallos; pelo que vos enco„mendo muito me avizeis particularmente de tu„do o que vos parecer neceffario para bem def„tes meus Reynos, affim para confervaçaõ, e „augmento do Culto Divino, que he a primei„ra, e principal obrigaçaõ dos Reys Catholicos, „e de que os Reys paffados meus avós tiveraõ „tanto cuidado, os quaes eu muito defejo imi„tar, e feguir: como tambem para que feja guar„dada inteiramente a juftiça às partes, e fe lhe „naõ faça por meus Officiaes, nem por outra „peffoa de qualquer qualidade, que feja aggra„vo, nem vexaçaõ alguma, principalmente ao „povo miudo, e gente pobre, de que eu deter„mino ter efpecial cuidado; e porque além da „obrigaçaõ, que tenho de prover nas coufas da „Religiaõ Chriftãa, e de juftiça, defejo tam„bem pôr em ordem a reformaçaõ dos coftumes, „e de reftituir os antigos, a que fou muito affei-

 çoado,

„ çoado, vos encomendo muito me efcrevais os
„ meyos, que vos parecerem neceffarios para if-
„ to haver effeito, ainda que em alguma manei-
„ ra pareçaõ contrarios ao tratamento coftumado
„ de minha Peffoa, e Cafa, e a meu particular
„ gofto, porque o mór que eu tenho, he pro-
„ ver nas neceffidades de meu Reyno, e vaffal-
„ los, e de os ter taes, quaes faõ, e foraõ fem-
„ pre os Portuguezes. Antonio Carvalho a fez
„ em Almeirim a 13 de Fevereiro de 1569.

REY.

Impetra ElRey hum Jubileo plenario para os feus vaffallos.

77 Para que eftas orações, que ElRey com tanto fervor pedia, foffem benevolamente recebidas no Tribunal da piedade divina, impetrou da Santidade de Pio V. hum Jubileo para aquelles que as fizeffem, o qual foy concedido com fagrada profufaõ, pois além da Indulgencia plenaria, concedeo o Pontifice aos Confeffores licença para abfolverem de todas as cenfuras fem limitaçaõ alguma. Foy expedida efta graça em vinte de Agofto defte anno de 1569, e publicada em todo o Reyno com geral confolaçaõ dos povos, que offereciaõ fervorofamente a Deos o valor das fuas obras meritorias pela vida, e recta adminiftraçaõ do feu Principe, a quem defejavaõ as mayores felicidades.

78 Affiftia ElRey em Almeirim defde vinte e quatro de Novembro do anno paffado, applicado

cado ao exercicio da caça, de que he abundante aquella Villa, quando no principio de Fevereiro recebeo a noticia de hum horrendo caſo, que converteo em profundo pezar todo o paſſatempo, que até entaõ tinha gozado. Succedeo na Villa de S. Joaõ da Peſqueira, que celebrando-ſe na Parochia de S. Sebaſtiaõ em o ſeu proprio dia feſta a eſte inſigne Martyr, ao levantar o Cura Gaſtaõ Rebello a Hoſtia na Miſſa ſolemne, hum Judeo chamado Affonſo Mendes Carapito, ſe arrojou com ſacrilego atrevimento a lha tirar das mãos, e ſatisfazer na ſagrada Forma o intranhavel odio, com que os ſequazes da Synagoga aborrecem a Chriſto Noſſo Salvador. Sentio com exceſſo proprio da Chriſtandade Portugueza o noſſo Principe eſte ſacrilegio, e mandou, que foſſe queimado vivo o ſeu perfido author, o que ſe executou promptamente em Lisboa, com grande applauſo, e ſatisfaçaõ de todo o povo.

Horrendo caſo ſuccedido na Villa de S. Joaõ da Peſqueira.

79 Tinha determinado ElRey aſſiſtir largo tempo em Almeirim, por cuja cauſa ſe tinhaõ transferido para eſta Villa a Corte, e todos os Tribunaes, quando em quarta feira de Trevas, que ſe contavaõ ſeis de Abril deſte anno de 1569, ſe reſolveo repentinamente paſſar a Lisboa, ſem declarar o motivo, que o movia a eſta jornada, para a qual ordenou a alguns dos ſeus criados, que à huma hora depois do meyo dia eſtiveſſem promptos. Correraõ logo todos os Cavalheros ao

Parte ElRey com grande aceleraçaõ de Almeirim.

ao Paço admirados de novidade taõ pouco eſpe- rada, e naõ deſcubriraõ a menor alteraçaõ no ſem- blante delRey, antes com demonſtrações de ale- gria ſe deſpedio da Rainha D. Catharina, a quem deixou acompanhada da Infanta D. Maria, e de outras peſſoas para o ſeu ſerviço. Sahio de Al- meirim às quatro horas da tarde, e dormio em Salvaterra, donde mandou chamar ao Cardeal D. Henrique, que com ſua faculdade eſtava no Moſteiro de Alcobaça aſſiſtindo aos Officios da Semana Santa. Ao dia ſeguinte ouvio ElRey Miſſa no Convento dos Religioſos Arrabidos, e acompanhado do ſeu Confeſſor, e alguns Offi- ciaes da ſua Caſa, chegou de tarde ao Convento de Xabregas, a tempo que eſtava huma grande multidaõ de povo, para ver, e adorar o Santo Sudario, que no Religioſo Moſteiro da Madre de Deos naquelle dia ſe coſtuma moſtrar.

80 Eſta improviſa chegada delRey aſſom- brou exceſſivamente ao povo, diſcorrendo ſer gra- ve a cauſa, que o movera a que naõ aſſiſtiſſe com a piedade, de que era ornado, à doloroſa repre- ſentaçaõ dos profundos Myſterios daquella Sema- na, e que executaſſe com tanta aceleraçaõ hu- ma jornada, que a todos parecia intempeſtiva.

Chega ElRey a Lisboa, e o que determinou.

Hoſpedou-ſe ElRey no Paço de Xabregas por eſ- paço de dezaſete dias, em quanto ſe reedificou o do Caſtello, que eſtava muito damnificado, pa- ra cujo reparo trabalharaõ quatrocentos officiaes,

e ſe

e ſe diſpenderaõ vinte mil cruzados. Quinze dias continuos houve Conſelho de Eſtado, ao qual ſempre preſidia ElRey, de que ſe ſeguio mandar apreſtar huma Armada de vinte vélas, e que deſtas ſeis navegaſſem para a Ilha dos Açores, para comboyarem as náos da India, fazendo Capitaõ mór deſta Armada a Jorge de Lima, igualmente valeroſo, e experimentado. A cauſa da expediçaõ deſta Armada foy repreſentarſe ao noſſo Principe, que como os Hugonotes eſtavaõ triunfantes em França, e tinhaõ muitos navios, podiaõ commetter outro inſulto ſemelhante ao da Ilha da Madeira, e infeſtar alguns dos noſſos pórtos, como tambem o podiaõ executar os Inglezes, eſtimulados do ſequeſtro, que ſe lhes fizera neſte Reyno. Porém eſte motivo, que El-Rey propoz para o apreſto da Armada, foy affectado; porque os Hugonotes naõ tinhaõ ſahido de França, e ainda que eſta reſoluçaõ ſe dilataſſe até depois de Paſchoa, nada ſe arriſcava na ſua demora, como evidentemente ſe experimentou.

Motivo porque ElRey partio de Almeirim com tanta aceleraçaõ.

81 A verdadeira cauſa, que obrigou a El-Rey, a que com tanta aceleraçaõ ſe auſentaſſe de Almeirim, eſteve occulta à penetraçaõ dos politicos, até que o tempo revelou qual foſſe a ſua origem. Depois que ElRey cingio a Coroa, todo o empenho, e deſvélo do Cardeal, foy apartar a ſeu ſobrinho da companhia da Rainha D. Catharina,

tharina, pertendendo ambicioſamente, que a vontade daquelle Principe eſtiveſſe ſugeita à ſua diſpoſiçaõ. Para eſtabelecer eſta maquina, tinha introduzido para Meſtre a Luiz Gonçalves da Camera, eſperando, que lembrado de elle ter ſido a cauſa, de que exercitaſſe miniſterio taõ honorifico, e ainda dos grandes beneficios, que tinha feito à Companhia, de quem era filho, inclinaſſe o animo delRey para a ſua peſſoa, e o apartaſſe de eſtar obediente a ſua avò, pois deſta ſorte governaria diſpoticamente o Reyno, a que aſpirava a ſua diſſimulada ambiçaõ. Para ſe conſeguir eſte intento, todo o cuidado ſe applicava em levar ElRey a lugares, onde raramente podeſſe ver a Rainha, ſendo hum deſtes Almeirim, onde ElRey attrahido do exercicio da caça paſſava muitas vezes eſquecido de ſua avò, e ſómente entregue nos apetites, que lhe fomentava a liſonja.

82 Sentia a Rainha com exceſſo ver a ſeu neto, que com tanto amor, e deſvélo criara, retirado da ſua companhia, a quem deſejava ſazonar a verdura dos annos com a madureza dos ſeus conſelhos; mas como era neceſſaria ſugeiçaõ no Principe para venerar a Rainha, e elle eſtiveſſe perſuadido por liſongeiras ſuggeſtoens, que quem naſcera para mandar, naõ devia obedecer, ſe retirava da ſua preſença, naõ obſervando as advertencias, nem ouvindo os dictames proferidos pe-

la

la ſua larga experiencia; ſendo a ultima prova deſta averſaõ, e deſobediencia, que propondo-lhe em Almeirim a Rainha para Miniſtros do ſeu deſpacho a Pedro de Alcaçova Carneiro, Thomé de Souſa, e a D. Juliaõ de Alva, hum Védor, e outro Capellaõ mór da meſma Rainha, nomeou ElRey a D. Joaõ de Caſtro, e D. Martinho Pereira; que eraõ parciaes do Cardeal D. Henrique. Augmentou-ſe mais eſta deſattençaõ delRey para com a Rainha, elegendo por Eſcrivaõ da Puridade a Martim Gonçalves da Camera, cuja eleiçaõ deſgoſtou de ſorte aquella Princeza, que naõ aſſiſtio mais ao deſpacho ordinario. Eſtimulado ElRey deſte retiro, partio aceleradamente para Lisboa, parecendo-lhe, que ſeparando-ſe de ſua avó, ſe moderariaõ de algum modo as diſcordias, que haviaõ entre ambos.

Retira-ſe a Rainha de aſſiſtir ao deſpacho.

Hiſtor. de Var. do appelid. de Tavor. pag. 272.

83 A Rainha como era muito prudente, receando, que foſſe mal interpretada a reſoluçaõ, que executara de ſe retirar do deſpacho, a participou com Cartas circulares, naõ ſómente aos Tribunaes, e Titulares do Reyno, mas a ſeu ſobrinho Filippe Prudente, e à Princeza D. Joanna, os quaes eſcreveraõ a ElRey D. Sebaſtiaõ, eſtranhando-lhe o pouco reſpeito, com que venerava a huma Matrona, que devia ſer a unica directora das ſuas acções, preferindo à madureza dos ſeus conſelhos as perniciosas maximas de alguns politicos, que mais zelavaõ a propria con-

Participa a Rainha eſta ſua reſoluçaõ ao Reyno, e a Filippe Prudente.

veniencia, que o credito do ſeu Soberano. Naõ foraõ poderoſas eſtas advertencias para que El-Rey ſe conformaſſe com os dictames de ſua avó, antes repugnando obedecerlhe, uſava da liberdade, que lhe perſuadia a ambiçaõ de Martim Gonçalves da Camera, o qual ſe ſenhoreou com tal exceſſo da vontade delRey, que foy inſtrumento de que o Cardeal D. Henrique, a quem devia a ſua exaltaçaõ, cahiſſe da graça de ſeu ſobrinho, experimentando em ſi proprio o deſgoſto, que padeceo a Rainha, do qual fora elle o principal author.

CAPITULO XIV.

Parte por Embaixador a Roma D. Joaõ Tello de Menezes, e da inſtrucçaõ, que levou; e como foy recebido do Pontifice, o qual reſpondeo com ſumma benevolencia ao noſſo Monarca.

1569

84 AO tempo, que com univerſal jubilo da Chriſtandade foy ſublimado ao Throno do Vaticano S. Pio V. aſſiſtia na Curia por Embaixador da noſſa Coroa D. Fernando de Menezes, o qual ainda que com profundo reſpeito congratulou em nome do ſeu Soberano ao novo Pontifice, como eſte Principe era o mais obſe-

obſequioſo para com os Vigarios de Chriſto, parecendo-lhe, que naõ era baſtante aquella demonſtraçaõ da ſua obediencia, a quiz ſegunda vez proteſtar pela peſſoa de D. Joaõ Tello de Menezes, a quem nomeou ſeu Embaixador para eſta funçaõ. Era eſte Fidalgo Senhor de Aveiras, filho de D. Henrique de Menezes, Commendador da Azinhaga, e de Idanha Velha, Governador, que fora de Tangere, e Embaixador a Paulo III. e de ſua mulher Brites de Vilhena, filha de Ruy Barreto, Alcaide mór de Faro, e Védor da Fazenda do Algarve. A grande capacidade, de que era ornado, o fez naõ ſómente digno de exercitar o miniſterio de Embaixador na Cabeça do Mundo, mas ao depois ſer Preſidente do Deſembargo do Paço, e hum dos cinco Governadores deſte Reyno, por morte do Cardeal D. Henrique.

Parte D. Joaõ Tello de Menezes por Embaixador a Roma, e quem era eſte Fidalgo.

Salaz. *Hiſt. da Caſa de Sylva*, liv. 8. cap. 10.

85 Larga foy a inſtrucçaõ, que ElRey entregou ao novo Embaixador, confiando do ſeu grande talento deſempenharia com igual fidelidade, e prudencia, as materias de que conſtava, pois todas reſultavaõ em decóro deſte Reyno. Primeiramente lhe mandava ſignificaſſe a Sua Santidade o ardente affecto, com que deſejava a duraçaõ da ſua vida, pois com ella ſe animava o corpo myſtico da Igreja, e lhe offerecia com filial reverencia naõ ſómente a ſua Peſſoa, mas a toda a Monarchia Portugueza, ſempre reveren-

Inſtrucçaõ, que levou o Embaixador.

te à Sé Apoſtolica. Em ſegundo lugar repreſentaſſe a Sua Santidade, que no Pontificado de Pio IV. ſeu anteceſſor, pedira o Colleitor com muita inſtancia por virtude de hum Breve, que apreſentou, lhe pagaſſem os Quindenios das Igrejas unidas *in perpetuum* aos Moſteiros deſtes Reynos, deſde o tempo da ſua uniaõ, o que ſe naõ executou por ſe allegar ao Pontifice, que as ditas Igrejas unidas foraõ do Padroado Real, as quaes de ſua natureza naõ devem meyas Annatas, nem pagar Quindenios, por quanto em todos os mezes ſe provém pelos Ordinarios, com apreſentaçaõ delRey, ſem nunca ſe proverem em Roma. De mais, que eſtes Moſteiros eſtavaõ em poſſe de naõ pagar eſtes Quindenios deſde ſua fundaçaõ, e do tempo das unioens, aſſim das Igrejas do Padroado, como das que o naõ ſaõ, e nunca a Sé Apoſtolica os pedio, nem recebeo, parecendo eſta tolerancia ſer muito juſta, por attender à pobreza dos Moſteiros, dos quaes muitos naõ tem rendas, e por eſta cauſa impoſſibilitados para os pagar; e ſendo eſtas razoens allegadas a Pio IV. as julgou taõ juſtificadas, que deſde o ſeu tempo até o preſente ſe naõ fallou mais neſta pertençaõ, inſtando agora novamente por ella o Colleitor, e requerendo ao Cardeal D. Henrique, como Legado Apoſtolico, mande pagar os Quindenios, cujo procedimento devia Sua Santidade eſtranhar ao Colleitor, pois delle reſultava grave

grave prejuizo aos Mosteiros deste Reyno, obrigando a que paguem o que por nenhum principio devem fazer.

86 Que pela commissaõ, que tinha o Cardeal D. Henrique para a reformaçaõ dos Conventos de S. Bento, S. Bernardo, e Santo Agostinho, pedisse a Sua Santidade quizesse conceder faculdade para o Cardeal aceitar as renuncias dos Commendatarios, D. Priores, e Abbades dos ditos Mosteiros, e assinarlhes pensoens commodas para sua sustentaçaõ, como tambem poder applicar as rendas da Mesa Abbacial do Convento de Alcobaça para o lugar de Inquisidor Geral. Que no tempo que residira em Roma por seu Embaixador D. Fernando de Menezes, viera àquella Corte hum Embaixador del Rey de Polonia, que intentou preceder a D. Fernando, o qual representando a Sua Santidade a justiça, que tinha para naõ ser precedido pelo Ministro daquella Coroa, supposto que o Pontifice reconhecesse a razaõ, que assistia ao nosso Embaixador para naõ escandalizar a hum Principe, cujos vassallos eraõ pouco firmes na Fé, tomou por expediente naõ assistir na Capella em aquelles dias, em que costumaõ ter lugar nella os Embaixadores, e que sendo possivel, que outra vez succedesse excitarse esta controversia, lhe ordenava, que nunca cedesse no lugar ao Embaixador de Polonia, por ser gravemente injuriosa esta precedencia a huma

Co-

Coroa taõ obediente aos Succeſſores de S. Pedro. Que agradeceſſe a Sua Santidade a graça expreſſada em hum Breve, pela qual permittira, que ſe continuaſſe o contrato dos cavallos na India com os infieis, ſem ſer comprehendido nas penas da Bulla da Cea, pois ceſſando eſte commercio, ſe naõ ſuſtentaria a guerra contra os barbaros, de que ſe tinhaõ ſeguido tantos triunfos à Religiaõ Catholica.

87 Eſtas eraõ as principaes materias de que conſtava a inſtrucçaõ deſta Embaixada, as quaes para ſerem benevolamente attendidas, e promptamente deſpachadas pelo Pontifice, eſcreveo El-Rey aos Cardeaes Franciſco Alciato, que por auſencia do Cardeal Borromeo, era protector de Portugal, a Fr. Miguel Bonello Cardeal Alexandrino, ſobrinho do Pontifice, a Alexandre Farneſio, Cardeal Tuſculano, e Vice-Cancellario da Igreja, a Joaõ Antonio Capiſuco, Cardeal do Titulo de S. Clemente, e a Joaõ Moron, Cardeal Portuenſe, eſperando, que interpoſta a authoridade deſtes Principes do ſagrado Collegio, alcançaria o noſſo Monarca o deſpacho das ſuas ſupplicas. Para facilitar a conceſſaõ deſtes negocios, em que tanto ſe intereſſava eſte Reyno, eſcreveo a Rainha D. Catharina ao Pontifice explicando-lhe com o mais profundo rendimento a ſua obediencia, e pedindo-lhe com fervoroſas inſtancias quizeſſe benevolamente ouvir ao Embaixador,

xador, que ſeu neto lhe mandava, ſendo a Carta a ſeguinte.

Carta da Rainha D. Catharina para o Pontifice.

„ Muito Santo em Chriſto Padre, e muito
„ Bemaventurado Senhor. O deſejo grande, que
„ tenho de ſervir Voſſa Santidade, e moſtrarlhe
„ em todas as couſas, quaõ obediente filha em
„ mim tem, me obriga offerecer a Voſſa Santida-
„ de, para lhe pedir queira crer iſto de mim, e que
„ nenhuma couſa me poderá nunca ſer de mayor
„ conſolaçaõ, que mandarme Voſſa Santidade al-
„ guma de ſeu ſerviço. Humildemente peço a
„ Voſſa Santidade ſeja ſervido terme neſta con-
„ ta; porque eſtimando eu tanto ſua Peſſoa, e
„ as muy grandes qualidades della, e ſuas ſantas
„ obras, tanto em ſerviço de Noſſo Senhor, e
„ bem da Chriſtandade, entaõ crerey, que poſ-
„ ſo confiar de mim quando Voſſa Santidade me
„ tiver nella. Se ao preſente ha couſa em que eu
„ poſſa moſtrar em ſeu ſerviço eſta minha vonta-
„ de, e eſtes meus deſejos, beijarey os pés a Voſ-
„ ſa Santidade mandarmo; e porque por D. Joaõ
„ Tello de Menezes, que o Senhor Rey meu ne-
„ to envia a Voſſa Santidade, para em ſua Corte
„ reſidir por ſeu Embaixador, falley niſto mais
„ largo, a elle me remetto; e peço a Voſſa San-
„ tidade, que por me fazer merce lhe queira àcer-
„ ca diſſo dar inteiro credito, e taõ boas novas
„ de ſua diſpoſiçaõ, para mas eſcrever. Eſpero
„ em Noſſo Senhor, que ſempre ſejaõ. Lembro
„ a Voſ-

,, a Vossa Santidade pela grande obrigaçaõ, que
,, tenho a Deos, e a estes Reynos todas as cou-
,, sas delles, e assim o estado em que ao presen-
,, te estaõ, do que Vossa Santidade deve ter mui-
,, ta informaçaõ, para que naõ sómente no que a
,, Vossa Santidade tocar, mostre o grande respei-
,, to, que lhe tem, considerando os grandes me-
,, recimentos, e serviços dos Reys passados, e
,, presentes, mas ainda no que vir, que lhes con-
,, vém crer, endereçar, e guiar tudo como Pay,
,, e Senhor de todos, e como quem tanta obri-
,, gaçaõ tem à conservaçaõ, assocego, e aug-
,, mentaçaõ dos Reynos, dos quaes a Santa Sé
,, Apostolica, e os Summos Pontifices della tan-
,, tos serviços tem recebidos. Nosso Senhor por
,, muy largos annos conserve a Vossa Santidade
,, a seu santo serviço. Dalmeirim, a 23 de Mar-
,, ço de 1569.

Muito obediente Filha de Vossa Santidade

RAINHA.

Chega o Embaixador a Roma, e he recebido benevolamente pelo Pontifice.

88 Recebida a instrucçaõ por D. Joaõ Tello de Menezes, partio de Almeirim em vinte e sete de Março deste anno de 1569, e chegando brevemente a Roma, communicou os negocios, que levava recomendados ao Doutor Antonio Pinto, que era na Curia Agente desta Coroa, cuja sciencia politica aprendida em taõ grande escola,

co'a, havia ſer a directora das acções do novo Embaixador. Foy recebido pelo Pontifice com paternal affecto, o qual explicou com mayor exceſſo, quando recebeo a Carta do noſſo Principe, que ſe comprehendia neſtas breves palavras.

Carta delRey para o Pontifice.

„ Muito Santo em Chriſto Padre, e mui-
„ to Bemaventurado Senhor. O voſſo devoto,
„ e obediente filho D. Sebaſtiaõ, com toda a hu-
„ mildade, envia beijar ſeus ſantos pés. Muito
„ Santo em Chriſto Padre, e muito Bemaventu-
„ rado Senhor. Pelo amor, e grande affeiçaõ,
„ que tenho a Voſſa Santidade, e deſejo de muy
„ amiude ter novas de ſua diſpoſiçaõ, mando a
„ D. Joaõ Tello de Menezes, peſſoa de quem
„ muito confio, por ſua prudencia, e qualidades,
„ para reſidir por meu Embaixador, e ſervir a
„ Voſſa Santidade, e me aviſar ſempre da ſua ſau-
„ de, e boa diſpoſiçaõ, que eu ſempre queria ou-
„ vir, e que praze a Noſſo Senhor lhe dará. Pe-
„ ço muito por merce a Voſſa Santidade, que em
„ tudo o que lhe o dito D. Joaõ da minha parte
„ diſſer, lhe queira dar inteira fé, e crença: e em
„ muy ſingular merce o receberey de Voſſa San-
„ tidade. Muito Santo em Chriſto Padre, e mui-
„ to Bemaventurado Senhor. Noſſo Senhor pa-
„ ra muitos tempos conſerve Voſſa Santidade em
„ ſeu ſanto ſerviço, &c.

89 Amava terniſſimamente o Pontifice ao noſſo Monarca pelas continuas informações, que ti-

nha da generosa indole, e summa piedade de que era ornado, e para demonstraçaõ deste affecto, que se augmentou mais com a liçaõ da Carta deste Principe, remettida pelo Embaixador, lhe respondeo nesta fórma.

Reposta do Pontifice a ElRey.

„ Charissime in Christo Fili Noster, salu„ tem, & Apostolicam benedictionem. Officium, „ quo Maiestas Tua per litteras suas XX. die No„ vembris datas, & per dilectum Filium Joannem „ Tello de Menezes functa est, quem Oratorem „ suum apud Nos mansurum hùc misit, ut par „ est, multis de causis aceptissimum, & gravissi„ mum fuit. Mittentis personam si spectemus, „ nemo est omnium Christianorum, Catholico„ rumque Principum, quem Nos plusquàm Ma„ iestatem Tuâm ex animo diligamus: quod Nos „ quidem, non solùm tuæ, maiorumque tuorum „ clarissimorum Regum, & de Republica Chris„ tiana optimè meritorum virtuti, rebusque ad„ versùs infideles præclarissimè gestis tribuimus; „ verùm etiam singulari tuæ in Deum Omnipoten„ tem pietati, & erga hanc Sanctam Sedem Apos„ tolicam devotioni damus, & animo præstantis„ simis illis viris maioribus tuis dignissimo. Ejus „ verò nomine, qui missus est, quem Nos certè „ virum non minùs nobilitate illustrem, pruden„ tem, & gravem cognovimus, intelleximus Nos „ hanc Sanctam Sedem, neque honorificentiùs, „ neque amantiùs à te tractari potuisse. Qua verò „ de

„ de cauſa miſſus eſt, ut ſcilicet obſequium tuum „ erga Nos, Romanamque Eccleſiam præſens „ præſentibus declararet, teque de Noſtro ſtatu, „ Noſtraque ſalute certiorem ſæpe redderet, ea „ ejuſmodi eſt, ut quod officium Nobis, & mit- „ tentis dignitas, & miſſi perſona ſatis commen- „ dabant, id adjecta hac cauſa multò etiam com- „ mendatiùs, gratiùſque efficerit. Pro eo, & „ pro iſto voluntatis, pietatiſque in Nos tuæ tam „ inſigni, tamque egregio teſtimonio eas tibi gra- „ tias agimus, quas debemus; Maieſtatemque „ Tuam pro comperto habere volumus, Nos ſi- „ cut in te verè, atque ex animo amando, no- „ mine quantumvis tecum neceſſitudinis, propin- „ quitatiſque vinculis conjuncto concedimus; ſic „ etiam Noſtræ tibi paternæ benevolentiæ decla- „ randæ idonea Nobis occaſione oblata nullum „ unquam eſſe locum prætermiſſuros; qua de re „ copioſiùs cum eodem Oratore tuo locuti ſumus; „ cujus litteris Nos referimus. Omnipotens Deus „ Te Chariſſime in Chriſto Fili ſemper cuſtodiat, „ ſuamque tibi gratiam magis, magiſque in dies „ ſingulos augere dignetur. Datum Romæ apud „ Sanctum Petrum, ſub Annulo Piſcatoris die „ XXVII. Junii M.D.LXIX. Pontificatus Noſ- „ tri anno quarto.

T. ALDOBRANDINUS.

CAPITULO XV.

He assolada a Cidade de Lisboa com o formidavel flagello da peste, cujos horrorosos estragos se relataõ, como as devotas Procissoens, com que se implorou a suspensaõ de taõ fatal epidemia.

1569

90 PRovocada a Divina Justiça com os criminosos excessos da malicia humana, se resolveo a disparar do arco da sua indignaçaõ aquella venenosa setta, que no breve espaço de tres mezes reduzio a cinzas a mayor parte dos moradores de Lisboa, cujo fatal castigo foy o horroroso epitafio da enormidade das suas culpas. A insolencia dos Grandes, o luxo dos Ecclesiasticos, a injustiça dos Ministros, a oppressaõ dos pobres, e a incontinencia escandalosa, que dominava em todo o genero de pessoas, armaraõ as mãos do Omnipotente para fulminar aos authores de taõ execrandos delictos. Passava de quarenta annos, que a Metropole deste Reyno gozava de huma continuada corrente de tempos benignos, e salutiferos, quando no principio deste anno de 1569, precedendo huma excessiva inundaçaõ de agua, que se fez mais nociva com nevoas copiosas, e espessas, se começaraõ a descobrir

Como principiou o contagio.

brir eryſipelas, e carbunculos de taõ maligna qualidade, que inſtantaneamente communicados de huns corpos a outros, e augmentados em tumores com pintas, privavaõ com tanta aceleraçaõ da vida, que logo ſe inferia ſer o achaque epidemico. Muitos confiados na benignidade do clima ſe naõ perſuadiaõ ſer o mal contagioſo: porém outros inſtruidos pela experiencia como teſtemunhas da ultima peſte, que infeſtara ao Reyno, affirmavaõ, que era epidemia cauſada pela grande humidade do Inverno, que gerara nos corpos aquelles apoſtemas de taõ perniciofas qualidades.

91 Já era taõ geral o contagio, que morriaõ cada dia cincoenta, e ſeſſenta peſſoas, mas para naõ ficar a Cidade deſerta ſe occultavaõ com ſumma cautela os ſeus formidaveis effeitos. Chegou o mez de Julho, e como a eſtaçaõ era mais ardente, ſe começou a dilatar com tanta furia eſte fogo devorador, que em cada dia eraõ paſto da ſua voracidade quinhentas peſſoas. Por naõ haver lugar nos Templos para as ſepulturas, ſe ſagraraõ olivaes, e prayas, e ſe abrio em covas todo o campo de Santa Barbara; e ainda que foy comutado o degredo dos condemnados às galés para conductores dos defuntos, era tanto o numero delles, que por eſtarem amortalhados pelo eſpaço de tres dias ſe ſepultavaõ no lugar em que jaziaõ, para ſe naõ augmentar a corrupçaõ. A Cidade

Eſtrago, que fez o contagio na Cidade de Lisboa.

dade reduzida a deſerto, eſtava coberta de ervas, e ſe em toda ella ſe encontravaõ duas, ou tres peſſoas, pareciaõ pelos ſemblantes pallidos, mortas, e naõ vivas. Para evadir deſta fatal calamidade fugia a mayor parte da gente aos arrebaldes da Cidade, ſervindo-lhe de cama a terra, e os troncos de cabeceira. As mulheres fugitivas dos maridos, e os filhos dos pays, vagavaõ ſem achar refugio ao ſeu perigo, cauſando mayor laſtima a innocencia dos meninos, que por falta de vozes explicavaõ com ſuſpiros o ſeu deſamparo. Neſta formidavel tormenta igualmente naufragava a robuſtez dos mancebos, como a delicadeza das donzellas, ſendo ambos os ſexos, e todas as idades violentamente conſumidas pelo contagio. Com o intento de que ſe naõ propagaſſe mais extenſamente, ſe edificou pela praya do Tejo hum Hoſpital de madeira com cento e tres officinas, e em cada huma ſe puzeraõ cinco, e ſeis feridos. Pela parte exterior deſte edificio ſe extenderaõ largas vélas, para que os enfermos amparados da ſombra recebeſſem algum alivio, porém foy infructuoſo eſte trabalho. Com caritativa competencia, e zeloſa emulaçaõ concorreraõ as Familias Religioſas, e muitos Eccleſiaſticos ſeculares, para enfermeiros dos feridos do contagio, os quaes deſprezando heroicamente a morte, ſe ſacrificavaõ victimas da caridade em obſequio da ſaude eſpiritual de ſeus proximos, agonizando neſ-

te

te voluntario ſacrificio nove Religioſos Dominicos, vinte e ſete Franciſcanos da Provincia de Portugal, vinte e ſeis da Provincia dos Algarves, dezoito Eremitas Auguſtinianos, dezoito Carmelitas, dezanove Jeſuitas, quatro Capuchos, tres Trinitarios, quatro Conegos Regrantes, e cento e noventa Clerigos.

Retiraõ-ſe de Lisboa por conſelho dos Medicos as Peſſoas Reaes.

92 Para evitar os pernicioſos effeitos do contagio, paſſou de Lisboa para Cintra, por conſelho dos Medicos, ElRey D. Sebaſtiaõ, e para a Villa de Alenquer a Rainha D. Catharina com a Infanta D. Maria, por ſer lugar muito ſaudavel, onde habitava junto do Convento dos Religioſos Franciſcanos, de cuja converſaçaõ goſtava muito o ſeu eſpirito, dando-lhes para ſinal de ſeu piedoſo animo huma Cruz de prata, guarnecida de rubins, em que eſtava hum pedaço do Santo Lenho, e hum fio do Cordaõ de S. Franciſco, clauſulado em huma columna de cryſtal. Determinou ElRey, que reſidiſſem em Lisboa D. Martinho Pereira, Védor da ſua Fazenda, para que della diſpendeſſe com a pobreza; D. Joaõ Maſcarenhas, Capitaõ mór da gente Militar, para defenſa da Cidade; e Diogo Lopes de Souſa, Governador da Caſa do Civel, para a adminiſtraçaõ da Juſtiça, cujo poder lhe deu neſta Proviſaõ.

Proviſaõ delRey D. Sebaſtiaõ, em que nomea Governadores de Lisboa.

„ D. Sebaſtiaõ pela graça de Deos Rey de
„ Portugal, &c. Faço ſaber aos que eſta Carta
„ virem,

,, virem, que conſiderando eu o eſtado em que
,, eſtá a Cidade de Lisboa, por cauſa da doença,
,, que nella ha, e das deſordens, que diſſo pro-
,, cedem, e damnos, que ao diante ſe podem ſe-
,, guir, e de quaõ grande importancia he dar a
,, tal ordem nas couſas da Juſtiça deſta Cidade,
,, que ſe faça inteiramente comprimento della; e
,, vendo quanta obrigaçaõ tenho de pelos ditos
,, reſpeitos mandar prover no que dito he, com
,, toda a brevidade, mandey ora a Diogo Lopes
,, de Souſa, do meu Conſelho, e Governador
,, da Caſa do Civel, que reſide na dita Cidade,
,, a proveſſe nas couſas da Juſtiça della, como
,, por ſeu officio he obrigado fazer; e para que
,, melhor o poſſa fazer aos que cometterem cul-
,, pas ſejaõ caſtigados: Hey por bem de por eſ-
,, ta Carta lhe dar, como de feito dou, e con-
,, cedo todo o meu poder, e juriſdicçaõ civel,
,, e crime, mero, e mixto imperio, ſem couſa
,, alguma lhe limitar, para que nos caſos, que
,, por elle forem determinados ſobre as ditas cou-
,, ſas, e caſtigo, que por elle merecerem quaeſ-
,, quer peſſoas, em quanto elle pelo meu manda-
,, do eſtiver, e reſidir na dita Cidade, durando
,, as ditas doenças, por eſta vez ſómente ſe faça
,, execuçaõ nas ditas peſſoas de qualquer qualida-
,, de, que ſejaõ até morte natural incluſivel, por
,, quanto pelos ditos reſpeitos, e pela grande con-
,, fiança, que tenho no dito Governador, o aſſim
,, hey

„ hey por bem, e mando a todos os Corregedores, Desembargadores, Juizes, e Justiças, „ Officiaes, e pessoas, a que o conhecimento desta pertencer, e a todos em geral, e a cada hum „ em particular, que o cumpraõ, e façaõ inteiramente guardar, como se nelle contém; e para firmeza de tudo o que dito he, lhe mandey „ passar esta Carta assinada por mim, e seilada „ com o Sello das minhas Armas. Lopo Soares „ a fez em Cintra a 12 de Julho do anno do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo de 1569 „ annos.

REY.

Eu Miguel de Moura a fiz escrever.

93 Para applacar a Divina indignaçaõ, que com taõ horroroso flagello tinha reduzido a cadaveres mais de cincoenta mil moradores de Lisboa, inventou a piedade, unida com a penitencia, varias Procissoens, que discorrendo por toda a Cidade, imploravaõ com vozes enternecidas a Divina Misericordia. A primeira de todas se fez a quatorze de Agosto pelos Religiosos Franciscanos da Provincia dos Algarves, a qual foy ao Convento de S. Vicente de fóra, sendo acompanhada pelos Conegos Regrantes desta sumptuosa Casa, dos quaes seis mais authorisados levavaõ aos hombros a Imagem de S. Sebastiaõ, collocada em hum andor debaixo do pallio, e se

Procissoens, com que a Cidade pertende applacar a Divina Justiça.

recolheo ao Convento de Xabregas, donde ſahira. Ao dia ſeguinte levou a Communidade de S. Domingos a Imagem de Chriſto crucificado, em cujo lado eſtava expoſto o Diviniſſimo Sacramento, debaixo de hum precioſo pallio, e chegando à Cathedral, collocaraõ a ſagrada Imagem no Altar mór, onde proſtrado todo o povo por terra, pedia contrito o perdaõ das ſuas culpas, ſendo tal a comoçaõ, que faziaõ aquelles eccos doloroſos, que naõ havia coraçaõ, que naõ ſe ſentiſſe penetrado, derramando huns copioſas lagrymas, e confeſſando outros publicamente os ſeus peccados. Ao recolher da Prociſſaõ ao Convento de S. Domingos, ſe prégaraõ tres Sermões; hum no alpendre da Igreja, outro dentro della, e o terceiro no Clauſtro, havendo tantos gemidos no auditorio, que naõ deixavaõ perceber as vozes dos Prégadores. No dia ſeguinte ſahio outra Prociſſaõ do Convento de S. Franciſco da Cidade, em que foy levada a Imagem da Madre de Deos, que ſe venera em huma magnifica Capella daquelle Convento, e vindo à Caſa da Miſericordia, prégou Fr. Balthazar das Areas, com grande fruto dos ouvintes. A eſta meſma Caſa no dia ſeguinte veyo a Communidade dos Carmelitas Calçados com a Imagem da Senhora do Carmo. A dezoito de Setembro ſahio da Cathedral ao Convento de S. Domingos outra Prociſſaõ, ordenada pela Cidade, compoſta de todas as Ordens Reli-

Religiosas, Freguesias, e Irmandades, com muitos andores primorosamente ornados, em que se viaõ os Santos Advogados da peste; no fim hiaõ o Santo Lenho, e o braço de S. Sebastiaõ debaixo do pallio. Repetio a Cidade os seus votos em segunda Procissaõ a oito de Novembro, que sahindo da Casa de Santo Antonio, foy ao Convento de S. Francisco, e nella foy levada a Imagem do Santo, com parte do seu casco, debaixo de hum precioso pallio, acompanhado de todos os Cidadãos. Outra igualmente devota, assistida de varios penitentes, foy à Casa da Santa Misericordia, em que se levou o braço de Santa Anna, que nella com summa veneraçaõ se conserva, acompanhada dos Irmãos daquella illustrissima Irmandade, com tochas accezas, e depois de entrar no Convento de S. Domingos, se recolheo à mesma Casa donde sahira, em que prégou com grande espirito o Doutor Francisco Monçaõ, Conego da Sé de Lisboa.

CAPITULO XVI.

Discorre ElRey D. Sebastiaõ por diversas partes do Reyno, em quanto dura o contagio. Escreve ao Senado da Camera de Lisboa, que se edifique hum Templo a S. Sebastiaõ por ter suspendido o flagello da peste. Entra na Cidade de Evora, e da pompa com que foy recebido.

1569

94 COnvidado da amenidade do sitio, e pureza do clima, assistia ElRey na Villa de Cintra, a tempo que Lisboa padecia os fataes effeitos da epidemia, quando deixando taõ amena habitaçaõ, passou à Villa de Obidos, e visitou o Real Convento de Alcobaça, onde suavemente attrahido da perfeiçaõ, com que se celebravaõ os Officios Divinos, e da monastica observancia de seus moradores, se deteve o espaço de hum mez, concedendo-lhe alguns privilegios, em que deixou igualmente eternizada a sua piedade, e grandeza. Querendo testemunhar com os olhos os cadavères de alguns Principes seus antecessores, que naquelle sumptuoso Templo esperaõ a universal resurreiçaõ, mandou abrir as sepulturas de Affonso II. e Affonso III. e de suas consortes as Rainhas D. Urraca, e D. Brites, e admirando como a morte respeitara a fermosura destas

Visita ElRey o Convento de Alcobaça, e o que nelle obrou.

deſtas duas Princezas ſem a menor diminuiçaõ nos ſemblantes, e venerando no agigantado corpo de Affonſo III. ter ſido capaz depoſito daquelle eſpirito, que com a derrota dos Mouros augmentou o Reyno do Algarve à Coroa Portugueza. Eſtava preſente neſta occaſiaõ Fr. Franciſco Machado, Doutor pela Univerſidade de Pariz, e hum dos mais authorizados Monges daquelle Real Convento, o qual eſtranhando o exame, que D. Sebaſtiaõ fazia nas ſepulturas dos ſeus coroados Predeceſſores, animado de Apoſtolica liberdade, como antevendo o tragico ſucceſſo de Africa, rompeo neſtas palavras. „ Senhor: ſe eſtes Reys, e voſ„ ſos anteceſſores vos naõ deixaraõ exemplo de „ conquiſtar os Reynos alheyos, enſinaraõ-vos „ como havieis de conſervar o proprio; e ſe vós „ tomaſſeis a doutrina do ſeu governo, naõ an„ dara o Reyno taõ alterado; nem vós os viereis „ inquietar, e afrontar à ſepultura, onde repou„ zaõ ha tantos annos; Deos vos dé muitos de „ vida, e vos conceda nome, e ſepultura taõ „ honrada como qualquer deſtas, que naõ libra„ reis mal. Recebeo ElRey com aſpecto melancolico eſta advertencia, com que era increpada a ſua indiſcreta curioſidade, e para lhe ſerenar o animo, reprehendeo o Cardeal D. Henrique, como Abbade, que era do Convento de Alcobaça, a Fr. Franciſco Machado, a quem depois o meſmo Cardeal particularmente lhe louvou o ſeu zelo.

Advertencia, com que hum Monge de Alcobaça increpa a ElRey.

De

Diſcorre ElRey pelo Reyno.

95 De Alcobaça partio ElRey para Leiria, onde ſendo inſtado pelos ſeus vaſſallos com a ſupplica, que já tinhaõ feito a ſeu auguſto Avó nas Cortes celebradas em Evora no anno de 1535, de erigir huma Relaçaõ em algumas das tres Provincias, para mayor conveniencia das ſuas cauſas, por ſer muito diſtante a Cidade de Lisboa, ſe reſolveo levantar duas Alçadas, huma para a Beira, outra para o Alentejo, fazendo Preſidente da primeira a D. Pedro da Cunha, Capitaõ mór de Lisboa, e Governador das Galés, pay do inſigne Prelado, e erudito Eſcritor D. Rodrigo da Cunha; e da ſegunda a Fernaõ da Sylveira, Claveiro da Ordem de Chriſto. Cada Alçada, que era como hum Tribunal deambulatorio, conſtava de Preſidente, dous Deſembargadores, Eſcrivaõ, e Meirinho, com juriſdicçaõ de entrar nas Cidades, e Villas mayores, Cabeças de Comarcas, e avocar a ſi as cauſas civeis, e criminaes, julgando a final humas, e outras, ſem appellaçaõ, e nas criminaes caſtigavaõ, excepto em pena capital. Deixada a Cidade de Leiria a vinte e dous de Setembro, paſſou à Villa de Thomar; e a ſeis de Outubro, eſtando em Monte mór o Novo, ordenou, que ſe dividiſſe Lisboa em bairros, com Miniſtros de Juſtiça ſeparados, para freyo dos criminoſos, e refugio dos innocentes; e que as mulheres proſtituidas viveſſem fóra dos muros da Cidade, para que com o ſeu eſcan-

dalo

dalo naõ inficionassem as honestas. Na mesma Villa de Monte mór recebeo a plausivel noticia de estar extincta a peste, assim em Lisboa, como em outros lugares do Reyno; e conhecendo que este grande beneficio era dispensado pelo invicto Martyr S. Sebastiaõ, Tutelar contra taõ horrendo flagello, escreveo ao Senado de Lisboa, para que promptamente se edificasse hum sumptuoso Templo àquelle heroico Athleta, em cujos marmores eternamente se gravasse a sua gratificaçaõ. Constavaõ as agradecidas expressoens deste Principe nas Cartas seguintes.

Cartas escritas ao Senado de Lisboa, para que se edifique Templo a S. Sebastiaõ.

„ Vereadores, e Procuradores da Cidade „ de Lisboa, e Procuradores dos Misteres della. „ Eu ElRey vos envio muito saudar. Porque ha „ tantos annos, que Nosso Senhor faz tamanhas „ merces a essa Cidade, e estes Reynos, por in- „ tercessaõ do Bemaventurado S. Sebastiaõ, cuja „ reliquia ordenou, que viesse a ella, e que se naõ „ tem feito ainda aquella veneraçaõ, que a tal „ Santo, e por taes beneficios se requeria; ago- „ ra que parece que por nossos peccados, e pela „ ventura por este pouco conhecimento, e agra- „ decimento Nosso Senhor permitte, que tenha- „ mos tanta necessidade de nos soccorrer a elle, „ procurando pór todas as vias para applacar sua „ ira, e atalhar, e remediar os peccados, e tam- „ bem com a intercessaõ deste Santo, em cujo „ louvor se devia fazer hum tal Templo, em que

„ esti-

„ eſtiveſſe ſua reliquia, e Noſſo Senhor foſſe mais
„ ſervido, e louvado, e para mayor gloria deſte
„ Santo, e para o obrigarmos a interceder mais
„ por nós, e por a particular devoçaõ, que lhe
„ tenho, e me parecer, que lhe devia offerecer
„ eſta determinaçaõ, e voto de lhe mandar fazer
„ eſta Igreja à cuſta da minha fazenda, e da Ci-
„ dade, como eu ordenar: pelo que vos enco-
„ mendo, que em nome della façais o meſmo vo-
„ to; e como o tempo der lugar, ſe porá em or-
„ dem, como ſe faça; e eſpero em Noſſo Se-
„ nhor, que com iſto, e com o mais, que de-
„ termino fazer para ſeu ſerviço, e remedio de
„ peccados, que elle o dé a eſte mal, e ordene
„ tudo para mais ſerviço, que he o que eu ſobre
„ tudo pertendo, e me eſcrevey logo o que niſſo
„ fizerdes, e o mais que vos parecer, que cum-
„ pre para ſe melhor, e mais cedo effeituar eſta
„ minha determinaçaõ. Eſcrita em Sintra a ſete
„ de Julho de 1569.

REY.

„ Vereadores, e Procuradores da Cidade,
„ &c. Eu ElRey vos envio muito ſaudar. Eu
„ eſcrevi os dias paſſados de Sintra, quando ſe
„ começaraõ a declarar as doenças deſſa Cidade,
„ que pelos reſpeitos que verieis naquella Carta,
„ me pareceo dever de fazer voto ſobre a edifi-
„ caçaõ do Templo, que neſſa Cidade ſe devia
„ fazer

,, fazer da invocaçaõ do Bemaventurado S. Sebaſ-
,, tiaõ, pelas muitas, e grandes obrigações, que
,, eu, e meus Reynos temos, e eſpecialmente eſ-
,, ta Cidade, para hum tal Santo dever ſer vene-
,, rado nelles differentemente do que até agora
,, foy, pelo qual deſcuido, e por outros pec-
,, cados parece que Noſſo Senhor permittio as
,, doenças deſſa Cidade; e aſſim vos eſcrevi en-
,, taõ, que em nome della fizeſſeis outro tal voto,
,, para ſe o dito Templo haver de fazer à cuſta
,, da minha fazenda, e da Cidade; e porque nas
,, doenças della ha tanta melhoria, como, lou-
,, vores a Deos, ſe tem viſto, me pareceo ago-
,, ra tempo conveniente para ſe tratar do effeito
,, deſta obra: e que poſto que a gente eſteja em
,, neceſſidade, monta tanto eſtar edificada, do
,, que de todos ſe agora deve eſperar que faraõ,
,, que deveis ordenar ſe comece a edificar eſte
,, Templo, e peſſoas, que tenhaõ cuidado de
,, conforme ao lançamento que fizer, deſpedirem
,, a cada hum o com que houver de contribuir
,, para eſta obra, e de procurardes de pera ajuda
,, della arrecadardes dos Officiaes, que ſaõ infor-
,, mados, que devem dinheiro à Cidade, e que
,, ſaõ obrigados de lhe pagar, e como ſe iſto ſe
,, fizer, da voſſa parte mandareis, que da minha
,, fazenda ſe faça tambem o que he razaõ, pelo
,, que vos encomendo muito, que vos ajunteis
,, todos, e practiqueis ſobre iſto, e o trateis com

„ o Governador, a quem tambem escrevo, pa-
„ ra que o communique comvosco, e vos diga
„ seu parecer, do que deveis fazer muito funda-
„ mento por quem elle he, e pelo cargo que
„ tem; e porque eu lhe escrevo, que se ajunte
„ comvosco, e vos dé conta de outras cousas,
„ para todos consultardes o modo, que nellas se
„ deve ter, e como se deve fazer, por serem de
„ tanta importancia, como pela qualidade das
„ mesmas cousas, e do effeito, que se dellas per-
„ tende, vereis, vos encomendo muito que da
„ vossa parte façais nisto tudo o que de vós con-
„ fio, e sois obrigados pelos cargos, que tendes;
„ porque naõ será razaõ, que sendo vós taes pes-
„ soas, e essa Cidade tal, e taõ grande em tu-
„ do, que nenhuma outra do Mundo lhe deve
„ fazer ventagem, se diga que he peyor governa-
„ da, e regida, que todas, cousa taõ para se sen-
„ tir pela honra destes Reynos, de que essa Ci-
„ dade he Cabeça, como pelos damnos, e per-
„ da della, cujo remedio principalmente consis-
„ te, que vós como pessoas a que isto tanto to-
„ ca lhe podeis dar, se vos dispuzerdes a isto com
„ aquelle zelo, e determinaçaõ, que se de vós
„ espera; e escrevermeheis vosso parecer sobre ca-
„ da huma das ditas cousas. Escrita em Monte
„ mór o Novo a dezaseis de Outubro de 1569.

REY.

„ Ve-

„ Vereadores, e Procuradores da Cidade
„ de Lisboa, &c. Eu ElRey vos envio muito
„ ſaudar. Eu tenho mandado a Affonſo Alvares,
„ Meſtre das Fortificações, que vá a eſſa Cida-
„ de para com elle verdes a traça, e modello, que
„ por meu mandado ſe fez para o Templo do
„ Bemaventurado S. Sebaſtiaõ, e ordenardes, que
„ logo ſe comece a edificar, como por algumas
„ vezes vos eſcrevi; pelo que vos encomendo,
„ que logo entendais niſto com aquelle zelo, e
„ cuidado, que por voſſas Cartas vejo, que diſ-
„ ſo tendes; e ordeneis aos Officiaes, que forem
„ neceſſarios para terem cargo da dita obra, e
„ da arrecadaçaõ do dinheiro, que ſe nella ha de
„ diſpender, o qual Templo ſe ha de fazer no ſi-
„ tio em que eſtá a Igreja de S. Sebaſtiaõ da
„ Mouraria, na parte que vos dirá o dito Affon-
„ ſo Alvares, e para iſſo comprareis os chãos,
„ que forem neceſſarios; e para ſe a dita obra po-
„ der fazer com mais brevidade, e menos deſ-
„ peza, ſe dará de empreitada a parte dells que
„ bem parecer, o que practicareis com o dito
„ Affonſo Alvares, o qual hey por bem que ſeja
„ Meſtre da dita obra, e no modo de ſe trata-
„ rem com elle eſtas couſas ſe terá o reſguardo
„ neceſſario, pelo que toca à ſaude, por quan-
„ to ſe ha de tornar a mim para me dar razaõ
„ do que ſe aſſentar, e da ordem em que fica
„ poſto eſte negocio, que creyo ſerá tal como de

„ vós confio, e receberey muito contentamento
„ de logo o mais brevemente, que for poſſivel ſe
„ começarem a abrir os alicerces, e começar a
„ dita obra a correr de maneira, que ſe veja que
„ ſe faz, e vay por diante; e pelo dito Affon-
„ ſo Alvares me eſcrevereis tudo o que fizer a
„ bem deſta materia. Eſcrita em Evora a 28 de
„ Dezembro de 1569.

REY.

Entra ElRey em Evora, e como foy recebido.

96 Entre as celebradas glorias, com que ſe jactava a antiga Cidade de Evora de ſer auguſto domicilio de tantos Principes, aſſim eſtranhos como naturaes, ſubio ao zenith da grandeza, quando recebeo dentro dos ſeus muros em cinco de Novembro deſte anno de 1569, a ElRey D. Sebaſtiaõ. A' porta de Alconchel eſperavaõ o Senado, e povo a eſte Principe, com taõ ſincéros jubilos, que nos aſpectos ſe diviſava a fidelidade, que lhe animava os corações. Entre todos ſe diſtinguia D. Martinho Pereira, Governador da Cidade, a quem ElRey tinha concedido plenario poder de dar todos os Officios, aſſim politicos, como militares, e era Guarda mór da meſma Cidade ſeu irmaõ D. Luiz Pereira, a cuja vigilancia naõ tinha penetrado o contagio em Evora, que laſtimoſamente inficionara muitos lugares do Reyno. Foy interprete do geral applauſo o inſigne Varaõ André de Rezende, filho da meſ-

ma

ma Cidade, e Pay da eloquencia Latina, explicando os votos daquelle concurso com as seguintes clausulas.

Recita huma Oraçaõ em seu applauso o grande André de Rezende.

„ Muito alto, e muito poderoso Rey nosso Senhor. Mas que digo eu? Parece incongruidade, ou menos decóro, pouco guardado, fallar a V. Alteza por palavras costumadas a se dizerem a outros Reys, pois ha hi outras proprias, e particulares para com V. Alteza. Emendo-me pois, e digo. Miraculoso Rey nosso Senhor, Rey filho das lagrymas de todo vosso povo, com naõ menos gemidos pedido a Deos, que com alegria grandissima delle impetrado. Certa maneira de afronta recebe esta vossa sempre leal Cidade de Evora, segunda de vossos Reynos, por lhe naõ conceder a natureza este dom em tempo que poderaõ seus Cidadãos mostrar a V. Alteza os corações abertos, ou V. Alteza notar, e conhecer em totos a suprema alegria, que com vossa desejada vista lá de dentro das entranhas lhes rebenta pelos olhos, para mostra da qual, boa parte poderáõ ser os grandes sinaes, e festas exteriores, que nos abrevidade do tempo por V. Alteza limitado, e taxado, e o receyo da confusaõ dos ares tambem tolheo. Pois palavras para o explicar equivalentes, onde as acharey eu? Mayormente, que naõ sofre nossa lealdade tanta demora, que possa esperar longo rasoamento.

„ Já

„Já naõ podem eſtar calados os que me ouvem;
„já contra coſtume me taxaõ de prolixo, e ca-
„da hum deſeja de me tomar a maõ, e por deſ-
„uſadas palavras ſe atraveſar a dizer. Venhais
„em feliciſſima hora noſſo Rey, noſſo eſpelho,
„em que nos revemos; noſſa precioſa joya, de
„que nos muito gloriamos; eſperança do Rey-
„no, em que para vos ſervir naſcemos; dado à
„nós por Deos, pedido a Deos por nós. Com
„voſco entre a ſaude, entre a proſperidade, e
„tudo o que ſe póde chamar bem, com voſco
„venha o precioſo Martyr voſſo Protector, cujo
„nome entre os Reys Chriſtãos vós primeiro to-
„maſtes; elle guarde ſeu depoſito, que ſois vós,
„e por voſſa cauſa para vos ſervirmos, tambem a
„nós; aos glorioſos Santos Mancio, Vincen-
„cio, Sabina, e Chriſteta, noſſos Padroeiros,
„com o maravilhoſo Blaſio, noſſo Advogado,
„vos tomem pela maõ, e digaõ. Eſta proſa, e
„empreza noſſa he. E vós Cidadãos, que me já
„quaſi forçoſamente ouvis, pois vos naõ podeis
„mais ſofrer, comigo a grandes vozes todos dizey.
„Viva ElRey noſſo Senhor, viva, viva ElRey.

97 A's elegantes vozes do Orador correſponderaõ feſtivas acclamações do numeroſo concurſo, augurando felicidades eternas ao ſeu Soberano, que foy conduzido à Cathedral debaixo do pallio, montado em hum ſoberbo cavallo. Da parte direita o acompanhava a pé o Capitaõ mór

Pompa, com que ElRey foy levado à Cathedral.

mór da Cidade D. Diogo de Caſtro, ſubſtituindo o lugar de Alferes mór; e da parte eſquerda D. Franciſco de Portugal, ſeu Eſtribeiro mór. Na porta da Cathedral o eſtava eſperando o Arcebiſpo D. Joaõ de Mello, veſtido de Pontifical, com o ſeu Cabido, e Clero: e depois que ElRey beijou com ſumma devoçaõ o Santo Lenho, foy até à Capella mór, onde ſe cantou o *Te Deum laudamus* com vozes acordes, e diverſos inſtrumentos muſicos. Recolhido ElRey ao Palacio de D. Diogo de Caſtro, por naõ eſtar capaz o Real, aſſiſtio neſta Cidade até o anno ſeguinte, onde divertia o tempo vendo a deſtreza de alguns Cavalleiros no jogo das Canas, e Cavalhadas, e ouvindo na Univerſidade explicar as ſciencias divinas, e humanas.

CAPITULO XVII.

Aceita novamente ElRey D. Sebaſtiaõ os Decretos do Concilio Tridentino, de cuja Catholica reſoluçaõ he congratulado com affectuoſas expreſſoens por S. Pio V. Participa-lhe Carlos IX. de França a victoria, que alcançara dos Hereges, e do jubilo com que recebeo taõ fauſta noticia.

98 QUatro annos antes, que ElRey D. Sebaſtiaõ cingiſſe a Coroa deſta Monarchia, ordenou o Cardeal Henrique, que pela

1569

la menoridade daquelle Principe a governava, fossem aceitos assim no Reyno, como nas Conquistas os Decretos do Concilio Tridentino, de cuja conclusaõ se tinha publicado a Bulla na Cathedral de Lisboa a sete de Setembro de 1564, e considerando com madura reflexaõ o nosso Principe, que nas Sessoens pertencentes à reformaçaõ dos costumes, extinçaõ de abusos, e revogaçaõ de privilegios se incluiaõ materias gravissimas, para que evidentemente constasse a ratificaçaõ do seu beneplacito, já quando moderava as redeas da Monarchia ao que tinha obrado o Cardeal D. Henrique na sua menoridade, publicou hum Decreto em Lisboa a oito de Abril desste anno de 1569, em que novamente aceitava o Concilio, ordenando, que no Reyno, e Conquistas se practicassem exactamente os Decretos da Reformaçaõ. Mais attento à jurisdicçaõ Ecclesiastica, que à Real, escreveo aos Bispos, que usassem livremente da authoridade, que novamente lhe concedera o Concilio, ainda que fosse com prejuizo da jurisdicçaõ Real; consistindo todo o desvélo deste Catholico Principe na emenda, e remedio espiritual dos seus vassallos.

Aceita os Decretos do Concilio Tridentino ElRey, ordenando se practiquem em todo o Reyno, e Conquistas.

99 Neste anno de 1569, publicou outros Decretos contra os escandalosos abusos do comer, e vestir, reduzindo à parcimonia dos primeiros seculos desta Monarchia os costumes adulterados pela communicaçaõ das nações, que frequentavaõ

Publíca ElRey varios Decretos em beneficio de seus vassallos.

vaõ a Capital do Reyno. Para exacta obſervancia deſtas Leys foy elle o primeiro exemplar, e eſpelho, a que ſe deviaõ compor os ſeus vaſſallos, veſtindo com ſumma moderaçaõ, e uſando na meſa de manjares mais para ſuſtento da vida, que liſonja do palato. De todas eſtas catholicas, e politicas acções fez participante a S. Pio V. por huma Carta eſcrita em Monte mór o Novo a vinte e quatro de Outubro de 1569, cheya de ſincéras expreſſoens, em que teſtemunhava a obſequioſa obediencia à Sé Apoſtolica, como o exceſſivo jubilo, em que abundava o ſeu coraçaõ, pelo grande beneficio, que Deos miſericordioſo diſpendera, ſuſpendendo o horrivel flagello da peſte, que devaſtara fatalmente a Corte de Lisboa. O Summo Paſtor lhe reſpondeo com as ſeguintes clauſulas, teſtemunhas irrefragaveis do paternal affecto, com que amava ao noſſo Principe.

Participa ElRey ao Papa do que tinha obrado.

„Chariſſimo in Chriſto Filio Sebaſtiano, &c. „Pius Papa V. Chariſſime in Chriſto Fili noſter, „ſalutem, & Apoſtolicam benedictionem. Ex„plicare verbis, chariſſime in Chriſto Fili, non „poſſumus quantopere litteris tuis XXIV. Octo„bris die datis, in Domino delectati ſimus, qui„bus de commendata à Majeſtate Tua venerabi„libus fratribus noſtris iſtius Regni Epiſcopis mo„rum correctione; de edictis pro libertate Eccle„ſiaſtica non impedienda propoſitis; de tuo in

Epiſtol. Apoſtolic. S. Pii V. lib. 3. Epiſtol. 53.

 „juſtitia,

„ justitia, etiam erga infimos, tenuioresque ho-
„ mines servanda, studio, ac diligentiâ, deque
„ aliis rebus tuis, non minus amanter, quàm co-
„ piosè ad nos scripsisti: in quo non solùm re-
„ rum ipsarum, de quibus nos fecisti certiores,
„ commemoratio magnam nobis, ut par fuit,
„ lætitiam attulit, sed etiam tuæ erga nos, san-
„ ctamque hanc Sedem Apostolicam observantiæ
„ significatio gratissima fuit; harum rerum nomi-
„ ne singularem tuam in Deum Omnipotentem
„ pietatem debitis in Domino laudibus commen-
„ dantes, Redemptori nostro gratias agere non
„ desistimus, qui in tot Reipublicæ Christianæ
„ procellis tantum in tua virtute, ardentissimo-
„ que honoris Divini zelo præsidium, solatium-
„ que nobis reservavit; quod enim, ut scribis,
„ primus inter tot Christianos, Catholicosque Re-
„ ges esse voluisti, qui Episcopis, cæterisque Ec-
„ clesiasticis Ministris jurisdictionis sibi à sacro Tri-
„ dentino Concilio concessæ, liberè exercendæ
„ facultatem in Regno tuo permitteres; eaque
„ ipsa reliquis Christianis Principibus ostenderes
„ quantam adversùs Ecclesiastica decreta, man-
„ dataque Apostolica reverentiam adhibere de-
„ beant; in eo quæ sint optimi, atque ex Deo
„ regnantis Regis partes præclarè videris intelli-
„ gere: cujus maximè proprium esse debet redde-
„ re, quæ Dei sunt Deo, quæ autem Cæsaris,
„ hoc est, temporalis potestatis sunt, ea sibi tan-
„ tummodo

„ tummodo retinere; qui enim inter Deum, at-
„ que homines medius à Patre constitutus est
„ Christus, Christus Dominus nostris utriusque
„ potestatis officia propriis cujusque muneribus,
„ & dignitatibus, ita distinxit, ut, & Christia-
„ ni Principes ad æternam vitam consequendam
„ Sacerdotibus indigerent, & Sacerdotes ad ea,
„ quæ sui juris sunt exequenda, Principum mi-
„ nisterio uterentur: felices proculdubio tam Sa-
„ cerdotes, quàm Principes futuri, si utrique in
„ officio sibi commisso Omnipotenti Deo cons-
„ tanter inservierint. Quod quoniam Divinæ præ-
„ ceptum constitutionis Majestas Tua tam fideli-
„ ter custodit, non est, quòd propterea ullam,
„ aut jurisdictionis imminutionem, aut Regiæ
„ suæ Majestatis detrimentum pertimescat; quin
„ potiùs sperare debet Omnipotentem Deum in
„ Sacerdotibus à Majestate Tua se, ut æquum
„ est coli, honorarique cernentem Regni tui fi-
„ nes magis, magisque in dies propagaturum, no-
„ vasque nationes imperio tuo adjecturum. Hoc
„ magnus ille Imperator Constantinus, quem Ma-
„ jestas Tua egregiè imitatur, intellexit; qui cùm
„ ad firmanda Imperia, & Regna, nihil tam va-
„ lere, quàm verum illius cultum, per quem Re-
„ ges regnant, magna semper erga Dei Sacerdo-
„ tes, quæ Majestati Tuæ bene cognita esse pu-
„ tamus, singularis cujusdam observantiæ, reve-
„ rentiæque signa ostendit; docente enim Domi-

„no didicerat : Qui Sacerdotes audirent , eos
„Deum audire ; qui eos ſpernerent , Deum ip-
„ſum ſpernere ; & Apoſtolum etiam cum Do-
„mino ipſo conſentientem , & dicentem audi-
„erat , quapropter qui hæc ſpernit , non homi-
„nem ſpernit , ſed Deum , qui dedit Spiritum
„Sanctum in nobis : eadem pietatis virtus in
„Theodoſio Imperatore fuit , qui tantum Beato
„Ambroſio Mediolanenſi Epiſcopo tribuit , ut
„cujuſdam à ſe admiſſi facinoris gratiâ , cùm Ec-
„cleſiam ingredi prohiberetur , non ſolùm hoc
„ipſum patienter , atque humiliter pertulerit ,
„ſed indictum ſibi ab eodem Epiſcopo pœniten-
„tiæ modum devotus exceperit. Quæ quidem
„nos exempla non idcirco collegimus , ut ad eo-
„rundem rectè factorum imitationem Majeſta-
„tem Tuam hortaremur , quam omnium Chriſ-
„tianarum virtutum ſtudio , ſponte ſua ſatis in-
„cenſam hortationibus noſtris non indigere com-
„pertum habemus ; ſed , ut ea , quæ Chriſtianæ
„pietatis ſtudio in Dei Sacerdotes benignè fecit ,
„& , ut ſperamus , adjuvante Domino , factura
„eſt , hæc ipſa auctoribus etiam magnis , piiſque
„Principibus ſe feciſſe in Domino gaudere. Re-
„liqua , quæ juſtitiæ æqualiter omnibus Ditioni
„tuæ ſubjectis populis conſervandæ cauſâ à te
„partim inſtituta , partim perfecta , per facienda
„ſcribis , magna illa quidem ſunt , & perinde no-
„bis , ac debent grata , eorumque nomine tibi ,
„quam

„ quam poſtulas, benedictionem noſtram imper-
„ timur: ſed maiora tamen æternæ beatitudinis
„ præmia ſibi à Redemptore noſtro propoſita ha-
„ bent: quæ enim Deus juſtitiæ cultoribus in
„ Cœlo præparavit, hæc neque oculus terrenus
„ vidit, neque auris humana audivit, neque in
„ cor hominis aſcenderunt; quæ quidem Majeſ-
„ tatem Tuam oculis Fidei intuentem in conſer-
„ vanda juſtitia, prohibendis, vindicandiſque ma-
„ leficiis, bonis, ſanctiſque viris beneficio com-
„ plectendis defatigari non oportet. Peſtilentiam
„ verò è Civitate Ulisbonenſi ferè jam abiiſſe,
„ & quandiu fuit Majeſtatem Tuam; non eis, aut
„ quos mori contigerit, nihil ad animarum ſalu-
„ tem defuiſſe: in eaque re ſingularem quandam
„ Dei ſervorum, quos nominas, charitatem exti-
„ tiſſe, magnopere in Domino gaviſi ſumus; ejuſ-
„ que rei cauſâ Omnipotenti Deo gratias, quas
„ debemus, egimus, atque agimus; qui quo-
„ niam, quos diligit, corripit, agendæ illi ſunt
„ gratiæ, quia quos caſtigare peccantes, ut ſcri-
„ bis, tot, tantorumque morborum peſte voluit,
„ hoc proculdubio tanquam bonus paſtor tacen-
„ do occidere voluit. De rebus autem ſuis Indi-
„ cis, quod nos Majeſtas Tua certiores fecit, in
„ ea re priſtinam ſuam erga nos, ſanctamque
„ hanc Sedem Apoſtolicam obſervantiam, devo-
„ tionemque recognovimus; ſperamuſque Deum
„ Omnipotentem pro ſua miſericordia; eximia-
„ que

„ que Majeſtatis Tuæ in ſe pietate feliciores quo-
„ tidie rerum in eis Regionibus ſucceſſis illis datu-
„ rum; quod nos aſſiduis precibus ab eo precari non
„ deſiſtemus. Omnipotens Deus te, chariſſime in
„ Chriſto Fili, incolumem in hac vita diu cuſto-
„ diat, & in altera ad æternæ beatitudinis præ-
„ mium pervenire concedat. Datum Romæ apud
„ Sanctum Petrum ſub Annulo Piſcatoris die 5
„ Januarii 1570. Pontificatus noſtri anno quarto.

T. ALDOBRADINUS.

Informa Carlos IX. a ElRey da victoria, que alcançara dos Hugonotes.

100 Ainda ElRey D. Sebaſtiaõ aſſiſtia em Evora, quando Carlos IX. Rey de França o fez por huma Carta participante da celebre victoria alcançada por ſeu irmaõ Henrique, Duque de Anjou, em Jarnac a 13 de Março deſte anno de 1569, contra o Principe de Condè Luiz de Borbon, principal fautor dos hereges Hugonotes. No tempo que grande parte das nações Boreaes eſtavaõ inficionadas com o peſtifero veneno dos erros de Calvino, e Luthero, ſe conſervava o Reyno de França puro, e livre da zizania, que o inimigo commum tinha ſemeado em varias terras, devendo-ſe eſta felicidade ao vigilante zelo de ſeus Monarcas Franciſco I. e Henrique II. acerrimos defenſores da Igreja Romana. Pela morte de Henrique II. ſuccedida no anno de 1559, e de ſeu filho Franciſco II. no anno ſeguinte, cingio a Coroa ſeu irmaõ Carlos IX. em idade de onze

onze annos; e posto que pela sua menoridade pertencia a regencia da Monarchia ao Principe de Bearne, Chefe da Casa de Borbon, na falta da linha de Valois reynante, entrou a administralla a Rainha Catharina de Medicis, mãy de Carlos IX. que valendo-se de summa sagacidade para conservar o Reyno pacifico, dividio os officios principaes da Coroa entre os Principes de Borbon, fautores do Calvinismo, e os Principes de Guisa, sequazes dos dogmas Catholicos. Naõ correspondeo o effeito a taõ maduro designio; porque como o Principe de Condè era naturalmente feroz, e inquieto, naõ satisfeito com a parte do governo comettido a seu irmaõ o Principe de Bearne, nem com a permissaõ da liberdade da consciencia, chegou ao escandaloso excesso de desembainhar a espada contra o seu Soberano, de que foraõ lastimosas, e fataes consequencias as guerras civís, onde pereceraõ innumeraveis pessoas, até que nomeado o Duque de Anjou, irmaõ de Carlos IX. General do exercito Catholico, triunfou na batalha de Jarnac do Principe de Condè, começando com a sua morte a respirar a Monarchia Franceza da oppressaõ, a que estava reduzida. Desta gloriosa victoria sendo avisado ElRey D. Sebastiaõ por Carlos IX. a celebrou com festivas demonstrações, considerando, que cortada a principal cabeça da Hydra da heresia na pessoa do Principe de Condè, se restitui-

Congratula o nosso Principe a ElRey de França pela victoria, para o que mandou por seu Embaixador a D. Joaõ Mascarenhas.

reſtituiria aquella dilatada Monarchia à pureza da Religiaõ, pela qual alcançaraõ os ſeus Soberanos a religioſa antonomaſia de *Chriſtianiſſimos.* Para dar o noſſo Principe mayor argumento do jubilo, que recebera com taõ plauſivel noticia, nomeou por Embaixador a França a D. Joaõ Maſcarenhas, que deixara eſcrito o ſeu nome com letras de diamantes nos Annaes da poſteridade, pela memoravel defenſa de Dio, contra a armada potencia delRey de Cambaya, a quem encommendou, que depois de viſitar em Madrid a ElRey ſeu tio, e a ſua mãy a Princeza D. Joanna de Auſtria, entraſſe com grande pompa na Corte de Pariz, onde congratulaſſe a ElRey Chriſtianiſſimo pela inſigne victoria, que o Ceo benignamente lhe concedera contra os ſequazes da hereſia, com os quaes nunca celebraſſe pazes, por ſer conveniente à conſervaçaõ da Chriſtandade, offerecerlhe por auxiliares as ſuas Armas, para totalmente extinguir as raizes de taõ perniciosas plantas, ſempre fecundas de abominaveis frutos.

CAPI-

CAPITULO XVIII.

Parte da India o Vice-Rey D. Antaõ de Noronha para Portugal; morre na viagem, e se faz das suas heroicas acções abbreviada memoria.

1569

Elogio de D. Antaõ de Noronha.

101 HAvendo D. Antaõ de Noronha governado o Imperio Oriental Portuguez com maximas igualmente catholicas, que politicas, capazes de as imitar seu grande successor D. Luiz de Ataide, partio da Cidade de Cochim para Lisboa a dous de Fevereiro de 1569, em cuja jornada, antes de passar o Cabo da Boa Esperança, foy obrigado pelo impulso dos ventos, e furia dos mares a arribar, sendo este fatal successo causa de acabar a vida, certamente merecedora de mais larga duraçaõ, por faltar na sua heroica pessoa hum dos celebres Varoens, que produzio Portugal. Ordenou no seu Testamento, que cortado o braço direito pelo cotovelo fosse sepultado em Ceuta, no mesmo jazigo, em que descançavaõ as cinzas de seu tio D. Nuno Alvares, e que seu corpo se lançasse ao mar; sendo a vastidaõ de dous elementos pequeno Mausoléo para taõ insigne heroe.

102 Foy filho natural de D. Joaõ de Noronha, e neto de D. Francisco de Menezes, segun-

do Marquez de Villa-Real, de cujo nobiliſſimo tronco foy generoſo fruto para augmento de ſeus antigos brazoens. A India foy o oriente da ſua gloria, para onde partio no anno de 1550, com ſeu tio o Vice-Rey D. Affonſo de Noronha. Como General de huma Frota de ſete galeoens, e doze navios de remo, ſahio de Goa para o Eſtreito de Ormuz à reſtauraçaõ de Catifá, occupada pelos Turcos, que naõ podendo reſiſtir à violencia do noſſo fogo, a deſampararaõ cobardes, dominando-a ſoberbos. Victorioſo diſerio as vélas para o rio Eufrates, em ſoccorro delRey de Baçora, contra os Turcos, que timidos com a victoria precedente largaraõ a Ilha de Mouzique, que ſe fazia inconquiſtavel com hum Forte ſituado na ſua Foz.

103 Reſtituido a Goa, partio com huma Armada para o Malavar, onde devaſtou toda a Coſta maritima do Camorim, e abrazou como rayo quantas povoações eraõ obedientes ao ſeu Principe. Na batalha de Chambe, em que acompanhou ao Vice-Rey, ſe diſtinguio de todos os Fidalgos nas proezas concebidas em ſeu animo, e executadas por ſeu braço. Provido no anno de 1553, na Capitanía da Fortaleza de Ormuz, mais atento à honra, que à conveniencia, deſprezou o precioſo donativo, offerecido por El-Rey de Ormuz. Contra hum diluvio de balas, e hum veſuvio de bombas, atraveſſou o rio Carlim,

lim, que defendia Nacoli, Capitaõ do Idalxá, com ſete mil Soldados, obrigando com morte de quinhentos, naõ ſómente a largarem o campo, mas ſendo ſeguidos pelo eſpaço de duas legoas, fazer a ſeiſcentos victimas da ſua fulminante eſpada. No anno de 1558, ſegunda vez governou a Fortaleza de Ormuz, onde foy recebido com os applauſos, que mereciaõ a ſua prudencia, affabilidade, e deſintereſſe. Com huma poderoſa Armada navegou no anno de 1559, a livrar do cerco a Ilha de Baharem, reduzida à ultima calamidade pelos Turcos, aos quaes, concedendo-lhe compaſſivo as vidas, os conſtrangeo a deſamparar o lugar, que injuſtamente occupavaõ.

104 Coroado de tantas victorias, obradas em culto de Deos, e obſequio do ſeu Principe, voltou para Portugal no anno de 1561, em companhia do magnanimo heroe D. Conſtantino de Bragança; e como no largo eſpaço de dez annos, que aſſiſtira na India, tiveſſe dado taõ claros argumentos de prudencia, valor, e chriſtandade, foy nomeado por ElRey D. Sebaſtiaõ Vice-Rey do Eſtado, para onde partio no anno de 1564. As principaes façanhas, que obrou no fauſto tempo do ſeu governo, foraõ a victoria naval do Coſſario Marimuſa; a fatal derrota de cem mil Mouros no cerco de Cananor, ſendo mais fatal a que padeceo o Raju em Cota, deixando no

campo mais de dous mil barbaros mortos, com mayor numero de feridos. Triunfou em Malaca do formidavel poder do Achem; em Damaõ de tres mil Mogores; e em Batecala do famoſo Coſſario Canetale. Reformou os Regimentos da Fazenda; e cingio de muros a Cidade de Goa, que foraõ, como logo veremos, o mais forte obſtaculo contra a eſpantoſa invaſaõ do Idalxá. De quantos Idolos de pedra, e metal, que mandou o ſeu catholico zelo desfazer, e abrazar em Salſete, ſe lhe devem formar Eſtatuas, em cujas bazes eſtejaõ gravadas as glorioſas denominações de Propagador da Chriſtandade, e Antagoniſta da Idolatria. Foy caſado com D. Ignez de Caſtro, filha de D. Manoel Pereira, ſegundo Conde da Feira, de quem naõ tendo filhos, deixou as ſuas heroicas obras como mais illuſtres producções, em que acreditou na poſteridade a ſua nobiliſſima aſcendencia.

CAPI-

CAPITULO XIX.

Operações do Capitaõ mór D. Diogo de Menezes na Costa do Malavar. Triunfa Mem Lopes Carrasco em huma náo da formidavel Armada do Áchem. Conquista Nuno Velho Pereira a Fortaleza de Parnel, e he soccorrida a de Assari com grande destroço de seus defensores.

105 A Vigilante providencia do Vice-Rey D. Luiz de Ataide naõ permittia, que os inimigos do Estado prevalecessem em parte alguma contra as nossas armas. Para este fim tendo expedido a quinze de Janeiro deste anno de 1569, para a Costa do Norte huma Armada, de que era Capitaõ mór D. Jorge de Menezes, mandou outra capitaneada por Ayres Telles, composta de seis navios. Para a Costa do Malavar, nomeou por Capitaõ mór da Armada a D. Diogo de Menezes, guarnecida dos mais illustres Fidalgos, que militavaõ na India, ambiciosos de serem companheiros nos triunfos, que lhes segurava o heroico valor de taõ insigne Capitaõ, o qual naõ houve genero algum de hostilidade, que naõ executasse contra o Camorim, obstinado inimigo do Estado, sendo a principal impedirlhe os mantimentos, que vinhaõ do Canará,

1569

Destroe D. Diogo de Menezes a Costa do Malavar.

Couto *Decad. VIII.* cap. 29

nará, por ser o Malavar terra muito infructuosa; e observando, que no porto de Millacharaõ estavaõ ancorados huns Parós de Cossarios, mandou D. Diogo de Menezes dizer ao Governador da Cidade, que lhos entregasse, a cuja proposta naõ obedecendo o barbaro, resolveo o nosso Capitaõ, que fosse acomettida, e entrada a Cidade por duzentos Soldados: e posto que acharaõ grande resistencia, foraõ todos os seus moradores mortos, e a povoaçaõ entregue ao fogo, que teve abundante pasto nos muitos palmares, que a cercavaõ, cujo estrago durou pelo espaço de cinco dias, servindo de horroroso documento aos inimigos do Estado.

Triunfa Mem Lopes Carrasco com huma náo da formidavel Armada do Achem.

106 Entre as façanhas heroicas escritas nos Annaes do Oriente merece os mayores elogios a que obrou Mem Lopes Carrasco. Navegava para a Ilha de Sunda embarcado em hum navio guarnecido de quarenta homens, quando encontrou huma formidavel Armada do Achem, composta de vinte galés, vinte juncos, e cento e sessenta embarcaçoens comuas, com intento de vingar a afronta, e ruina, que o anno passado padecera na expugnaçaõ de Malaca. Naõ pode Mem Lopes evitar o perigo; e sendo impossivel a defensa, se preparou mais temerario, que valeroso, a sacrificar a vida em taõ desigual conflicto. Dispoz que na proa assistisse seu filho Martim Lopes, e na popa Francisco da Costa, e que gover-

governasse a artilharia seu primo Martim Daça, reservando para si a promptidaõ de acodir àquellas partes, que necessitassem de mayor soccorro. Rodeada a náo por toda a Armada inimiga, começou de taõ fatal circulo a disparar balas, que brevemente a reduziraõ ao ultimo estrago, levando pelos ares velas, e mastros; porém naõ recebiaõ menor damno os inimigos, pois como era muito o numero, naõ havia tiro, que fosse inutil. Suspendeo a noite o conflicto, em cujo intervallo, reparadas pelos Portuguezes as aberturas das balas, e curados os feridos, surgiraõ os barbaros em lugar distante, lançando ao mar os mortos para naõ inficionar os vivos. Tanto que amanheceo, voltou a Armada a cercar a náo, que era afrontoso escandalo de poder taõ desigual, e com furia nova a batiaõ por toda a parte, resistindo os nossos com tanta valentia, como se animassem em cada corpo duplicados espiritos; até que sendo abordados por tres galés bem artilhadas, se acendeo hum taõ sanguinolento combate, que prevalecendo o valor ao numero, foraõ obrigados os inimigos, para salvar as vidas, lançarse ao mar. Mem Lopes desfigurado com o sangue, e a polvora, que lhe manchava o rosto, sómente era conhecido pela voz, com que animava aos seus companheiros, naõ perdoando a instante em que se naõ achasse prompto no mayor perigo. Ferido gravemente, se julgou, que

estava

eſtava morto, cuja noticia recebendo ſeu filho Martim Lopes, reſpondeo, que ſe aſſim era, faltava hum homem, antepondo com animo heroico os impulſos do valor aos affectos da natureza. Pelo eſpaço de tres dias durou o conflicto, que ſe naõ fóra diſputado pelo esforço dos Portuguezes, certamente pareceria fabuloſo. Retirou-ſe o Achem confuſo, e deſeſperado, de que huma náo triunfaſſe do poder naval, que preparara para total ruina dos Portuguezes, deixando para teſtemunha da noſſa victoria, e da ſua afronta quarenta navios ſubmergidos, e tanto numero de mortos, que faltou a arithmetica para ſua computaçaõ. A náo triunfante, que ſómente conſervava o caſco, foy levada a Malaca, onde recebeo Mem Lopes Carraſco os parabens, de que era credor o ſeu heroico eſpirito.

107 A Fortaleza de Parnel ſituada em hum monte alto, e fragoſo, diſtante tres legoas de Damaõ, era aſylo dos Mogores, donde ſahiaõ infeſtar os moradores, que diſperſos habitavaõ pela falda do monte; e receando Alvaro Pires de Tavora, Capitaõ de Damaõ, que ſe augmentaſſe o dominio deſtes barbaros, ſignificou a Nuno Velho Pereira, Capitaõ da Armada, que diſcorria por aquelles mares, quizeſſe acometter Parnel, para com a ſua conquiſta ſe extinguir a violenta oppreſſaõ dos Mogores em todas as Aldeas circumviſinhas a Damaõ. Reſoluto a eſta em-

preza

preza Nuno Velho Pereira, deſembarcou com quatrocentos Soldados no rio Umbolſarim, diſtante huma legoa de Parnel, onde ao romper da Alva chegou, e comettendo a ſubida, lha impediraõ os inimigos com galgas de pedra, bombas, e frechadas, de cuja reſiſtencia entendeo, que era mayor o numero dos defenſores, do que elle imaginava. Ao tempo que pela frente era taõ fortemente rebatido, lhe ſahiraõ pela retaguarda cem homens de cavallo, que com horrendos alaridos intentavaõ prizionar ao noſſo Capitaõ. Para evitar eſte perigo, ordenou a Jeronymo Curvo de Sequeira impediſſe em hum cabeço com quarenta Soldados a paſſagem ao inimigo, em quanto elle aſſaltava huma tranqueira de que deſalojou com ſumma brevidade aos ſeus defenſores, que precipitadamente ſe refugiaraõ à Fortaleza, deixando-lhe por deſpojos cincoenta cavallos, muitos bois, e camellos, e alguns mantimentos. Com eſte fauſto principio ſe animou acometter a Fortaleza, ordenando a Joaõ Gomes de Abreu, e Antonio Mexia, que a inveſtiſſem por ambas as entradas: e para que os Soldados deſprezaſſem o perigo, marchou na ſua vanguarda, ſendo duas vezes derrubado pela violencia das pedras arrojadas pelos inimigos, e recebendo os noſſos muitas feridas das armas de arremeſſo, que inceſſantemente ſe deſpediaõ da Fortaleza, que defendida de dous baluartes levantados nas pon-

Acomette Nuno Velho a Fortaleza de Parnel, e naõ ſe rende.

Pereir. *Vida de D. Luiz de Ataid.* liv. 1. cap. 7, e 8.

tas da rocha difficultavaõ a ſua conquiſta. Vendo Nuno Velho, que era por eſta parte impenetravel, a quiz render pelas partes onde achou taõ forte reſiſtencia, que depois de ſerem ſete Soldados mortos, e cincoenta feridos, ſe retirou a Damaõ, eſperando mais opportuna occaſiaõ para conquiſtar Parnel.

He ſegunda vez aſſaltada, e ſe conquiſta.

108 Segunda vez ſahio Nuno Velho à conquiſta deſta Fortaleza acompanhado de oitocentos homens, dos quaes huma parte eraõ Portuguezes, e outra vaſſallos del Rey de Sarcetas, e tanto que chegou ao monte fronteiro de Parnel, mandou plantar tres peças de artilharia, para cujo effeito ſe gaſtaraõ dous dias em abrir o caminho ao picaõ; e para que ſe naõ concluiſſe a obra, diſparavaõ os inimigos continuamente ſete peças. Começou a bataria contra a Fortaleza na diſtancia de cento e cincoenta paſſos por ordem de Nuno Velho, a tempo que a cercou com toda a gente, que conduzia. Conſiderando os defenſores, que naõ podiaõ reſiſtir à violencia da artilharia, e muito menos ao valor dos Portuguezes, ſem dilaçaõ, por ſer fatal às ſuas vidas, deſampararaõ a Fortaleza no ſilencio da noite, deixando as armas, e mantimentos, com outros deſpojos, de que ſe aproveitou a cubiça dos Soldados. Expedio logo Nuno Velho eſta fauſta noticia a Alvaro Pires de Tavora, que congratulando-o da prudente direcçaõ, e animo deſe-

deſtemido, com que concluira a conquiſta de Parnel, lhe ordenou a demoliſſe, para que em nenhum tempo foſſe aſylo dos inimigos do Eſtado.

O Forte de Aſſari ſendo invadido triunfa dos ſeus Conquiſtadores.

109 Governava o Forte de Aſſari André de Villalobos, hum dos famoſos Soldados, que reſpeitou o Oriente. Eſtava plantado em hum pico de rocha viva nas terras de Baçaim; e poſto que a natureza o fizera impenetravel, naõ podia admittir na ſua circunferencia numeroſa guarniçaõ. Como dominava varias Aldeas, e povoações diſperſas pela ſua viſinhança, ſe reſolveraõ a conquiſtalla os Reys de Coles, e Sarcetas, para cujo fim conduzindo copioſo numero de Soldados, com que devaſtaraõ muitas terras de Baçaim, lhe puzeraõ cerco muito apertado. Deſta violenta invaſaõ aviſou promptamente André de Villalobos ao Vice-Rey, em quanto fazia as obrigações do ſeu officio na defenſa da Fortaleza, até que ſoccorrido por Jorge de Moura, e Paulo de Lima, juntos com Martim Affonſo de Mello, Capitaõ de Baçaim, naõ ſómente deſalojaraõ aos inimigos, mas ſeguindo-lhe o alcance doze legoas pela terra dentro, foraõ mortos, e cativos innumeraveis, e entregues varias povoações à voracidade do fogo, de cujos horroroſos eſtragos experimentaraõ os Reys de Coles, e Sarcetas a fatal metamorphoſe de Conquiſtadores em conquiſtados.

CAPITULO XX.

Conquiſta glorioſamente D. Luiz de Ataide as Fortalezas de Onor, e Bracellor, em cujos rendimentos ſe admiraõ a prudencia, e valor deſte heroe.

1569

Situaçaõ de Onor, e Bracellor.

Faria *Aſia Portug.* Tom. 2. Part. 3. cap. 6.

110 NO tempo que governava o Eſtado Oriental D. Antaõ de Noronha, edificaraõ os naturaes do Canará entre o Malavar, e a Ilha de Goa, nas bocas de dous rios, chamados Onor, e Bracellor, duas Cidades, que intitularaõ com eſtes nomes; cujas ribeiras, por ſerem muito abundantes de pimenta, gengivre, ferro, ſalitre, e madeira, eraõ povoadas de copioſo numero de gente, attrahida do lucro, que percebiaõ com o comercio dos generos, de que era fertil aquelle terreno. Para cobrar o tributo, que havia cinco annos naõ pagavaõ ao Eſtado, voltando D. Antaõ de Noronha da conquiſta de Mangalor aportou naquella coſta, e mandando-lhe que ſatisfizeſſem o tributo, lhe reſponderaõ com tanta ſoberba, e arrogancia, que naõ podendo caſtigar, como merecia eſte inſulto, recomendou a D. Luiz de Ataide, ſeu ſucceſſor no vicereynado, que conquiſtaſſe Onor, para com a ſua ruina deſaggravar aquella injuria comettida contra o reſpeito do Eſtado.

Diſ-

Sahe D. Luiz de Ataide à conquista de Onor.

111 Distava Onor de Goa dezoito legoas para o Sul, cuja Fortaleza por arte, e natureza se fazia difficil à expugnaçaõ, principalmente estando guarnecida de Canarás, que entre as nações Orientaes, se distinguiaõ na déstreza das armas. Sem demora sahio de Goa D. Luiz de Ataide a doze de Novembro deste anno de 1569, com huma Armada composta de cento e trinta navios, dos quaes armou tres galeoens, de que eraõ Capitães Francisco Barradas, Antonio Peixoto, e Vicente Dias de Villalobos, que conduziaõ os instrumentos para a expugnaçaõ. Occupou a boca do rio de Onor D. Francisco Mascarenhas, sendo o primeiro, que sahio à praya inimiga, de cuja gloria foraõ companheiros Alexandre de Sousa, e Jorge Toscano de Lacerda. Naõ querendo os sitiados entregar a Fortaleza, que soberbos defendiaõ, desembarcou o Vice-Rey defronte dos seus muros pela parte do Sul com mil e quatrocentos Soldados, aos quaes precedia com animo certo da victoria, quando pela parte do Norte marchou D. Francisco Mascarenhas com oitocentos Soldados. Sahiraõ os inimigos, que guarneciaõ a Fortaleza a esperar a invasaõ fóra dos muros, confiados no sitio, que por ser cheyo de passos estreitos, e vallados cubertos de penetrantes espinhos, difficultavaõ a entrada; porém vencidos estes obstaculos, se plantou a artilharia em lugar, que offendia gravemente a Fortaleza. Para

ra terror dos ſitiados ordenou o Vice-Rey, que foſſe abrazada a Cidade antes de rendida a Fortaleza, cujos edificios habitados por peſſoas nobres, e ricas, ſe reduziraõ brevemente a cinzas. Para impedir todo o genero de ſoccorro aos inimigos ſe formaraõ duas eſtancias fortificadas com vallos, e trincheiras, ſendo Capitaõ de huma D. Jorge de Menezes, o *Baroche*, a qual eſtava guarnecida de falcoens, pedreiros, e berços, ao longo do rio, e da outra D. Manoel Rolim, e D. Pedro de Caſtro; e na parte, que coroava o monte, Ruy Gonçalves da Camera. Elegeo o Vice-Rey para ſeu alojamento a porta da Fortaleza da banda do Leſte, por ſer lugar donde podia ſer vigoroſamente batida pela artilharia, e contra hum Revelim, que cubria a porta, mandou aſſeſtar hum leaõ, e huma meya esféra, de cujas balas varejados os inimigos ſe retiraraõ, onde com inceſſantes tiros faziaõ grande damno à noſſa gente.

112 Arrazados os muros da Fortaleza com a violencia das batarias, chegou a vinte e quatro de Novembro, em que mandou preparar o Vice-Rey eſcadas para no dia ſeguinte ſe dar aſſalto, as quaes de noite furtaraõ os Soldados, receando que naõ foſſem todos participantes do perigo, em que competiaõ animoſos. Deſenganados os barbaros de reſiſtir por mais tempo ao valor dos expugnadores, mandaraõ a Canto Panayque, ſeu Capitaõ, tratar a entrega da Fortaleza

leza com o Vice-Rey, o qual lhe concedeo as vidas deixando as armas, artilharia, e bandeiras; e posto que os sitiados repugnassem a estas condições, como injuriosas ao seu valor, obedecendo à desgraça contra os impulsos do animo, sahiraõ com suas mulheres, e filhos amparados por D. Francisco Mascarenhas, para naõ experimentarem o menor damno do nosso arrayal. Evacuada a Fortaleza às dez horas do dia, se acharaõ tres pessas de artilharia, e ao dia seguinte consagrado às triunfaes memorias da inclyta Martyr Santa Catharina, se cantou Missa em acçaõ de graças de taõ celebre conquista, em que se perderaõ trinta Soldados. O Vice-Rey nomeou por Capitaõ da Fortaleza a Jorge de Moura, com a guarniçaõ de duzentos Portuguezes, e duas companhias de Christãos da terra, para cuja habitaçaõ mandou levantar casas, e hospital, e tudo quanto era necessario para sua conservaçaõ. A Fortaleza foy cercada de muros de pedra, e de hum Baluarte, com cava sobre a Cidade de Onor, que a fez impenetravel à mais violenta invasaõ.

Rende-se a Fortaleza de Onor.

113 Igual na gloria, e mayor na expugnaçaõ foy a conquista da Cidade, e Fortaleza de Bracellor. Estava situada na costa do Canará, e sendo tributaria dos Reys de Narsinga se governava como Republica livre, a cujo porto, de que sahiraõ muitas náos carregadas de pimenta, arroz, assucar, ferro, e gengivre, se refugiaraõ os Piratas

He invadido Bracellor pelo Vice-Rey D. Luiz de Ataide.

ratas do Malavar, obſtinados inimigos do Eſtado. Determinada a ſua conquiſta, mandou o Vice-Rey explorar por D. Franciſco Maſcarenhas, com a mayor parte da Armada o animo dos moradores de Bracellor, em quanto eſtava tratando pazes com os Embaixadores da Rainha de Garcopa, que faltando à concluſaõ dos tratados, experimentou o caſtigo merecido de ſuas falſas promeſſas. Tanto que o Vice-Rey chegou ao porto de Bracellor, como foſſe certificado, que os ſeus moradores queriaõ impedir o deſembarque, vencidos os ſeus caviloſos artificios, de que era parcial a Rainha de Garcopa, ordenou a D. Franciſco Maſcarenhas, que ſaltaſſe em terra com a ſua gente, quando elle por outra parte buſcava intrepido aos inimigos, eſperando que eſtando divididos, ſeriaõ com mayor brevidade desbaratados. Na eminencia de hum outeiro eſtava fabricado hum Forte taõ proximo ao rio, como ſuperior a todas as embarcações, donde naõ havia tiro, que naõ fizeſſe grande eſtrago, e ſervia de padraſto ao lugar do deſembarque, que eſtava preſidiado por doze mil barbaros, diſparando inceſſantemente hum diluvio de frechas, e balas. Contra eſte formidavel corpo ſe oppoz com taõ heroico ardor o Vice-Rey, que o obrigou a que cedendo do lugar, ſe recolheſſe tumultuariamente ao Forte; e poſto que a ſubida era fragoſa, e eſtreita, onde naõ podiaõ os noſſos eſgrimir as armas, tal

era

era o furor, com que ſeguiaõ os inimigos, que trepando com pés, e mãos, os alcançavaõ para ſerem deſpojos das ſuas eſpadas.

114 Reſoluto o Vice-Rey em ganhar o Forte, que lhe difficultava a conquiſta de Bracellor, o acometteo juntamente com D. Franciſco Maſcarenhas, e depois de hum deputado combate, em que ſendo muitos dos noſſos Soldados rebatidos com os botes das lanças, animados com eſpiritos novos, ſaltaraõ a tranqueira, que foy a porta, pela qual ſe entrou no Forte, donde confuſos os inimigos, perdendo primeiramente as eſperanças do ſoccorro, e logo os impulſos da reſiſtencia, ſe retiraraõ com perda de duzentos mortos, e mayor numero de feridos. Dos noſſos faltaraõ nove, entre os quaes ſe diſtinguio pela peſſoa, e valor Henrique de Bentacur. Mereceo fama naõ vulgar neſte conflicto D. Luiz de Caſtellobranco, obrando acções dignas do ſeu naſcimento. Ganhado o Forte, nomeou o Vice-Rey por ſeu Capitaõ a Antonio Botelho, em premio de ſer o primeiro, que com o proprio ſangue ſinalou o caminho do ſeu rendimento.

He ganhado o Forte pelos noſſos.

115 Querendo certificarſe o Vice-Rey ſe os inimigos atemoriſados com o eſtrago padecido no Forte teriaõ deſamparado a Fortaleza, mandou a D. Franciſco Maſcarenhas por mar, ao meſmo tempo, que elle marchava por terra, com intento de a cercar; porém como a achaſſe deſampa-

Edifica o Vice-Rey nova Fortaleza.

rada, mandou para ella o ſeu alojamento; e poſto que era fabricada de pedra, e cal, e murada com baluartes, e cava, a fortificou com mais fortes reparos; porém como eſtiveſſe ſituada muito diſtante da barra, a edificou no lugar do Forte conquiſtado, donde ſenhoriava o porto, e mais promptamente ſe rebatiaõ os inſultos dos inimigos. Naõ podiaõ eſtes tolerar o edificio da nova Fortaleza, que era fatal freyo das ſuas liberdades, e para impedir o progreſſo da obra, expediraõ no ſilencio da noite os Reys de Tollor, e Cambolim ſeis mil homens, que intrepidamente aſſaltaraõ o Forte, que guarnecia Pedro Lopes Rebello com duzentos Soldados, os quaes fulminando com varios artificios de fogo aos inimigos, reduziraõ a cinzas trezentos, juntamente com o ſeu General, excedendo o numero dos feridos ao dos mortos, e com taõ feliz ſucceſſo coroou D. Luiz de Ataide a conquiſta de Onor, e Bracellor.

Saõ derrotados os inimigos, que ſe oppuzeraõ à fabrica da nova Fortaleza.

CAPI-

CAPITULO XXI.

Parte Francisco Barreto com o titulo de Governador das Minas de Sofala, e conquistador do Imperio de Monomotapa; e dos infortunios, que padeceo antes de chegar ao termo da sua jornada.

1569

116 DUrava impressa no catholico animo delRey D. Sebastiaõ a perfida apostasia do Emperador de Monomotapa, com que mandou privar da vida ao Veneravel Padre Gonçalo da Sylveira, em remuneraçaõ de o ter aggregado ao rebanho de Christo com toda a Familia Real, de cuja conversaõ se escreveo largamente na Parte I. liv. 2. cap. 15. destas Memorias; e querendo o nosso Principe castigar huma offensa, em que era interessada a Religiaõ, como tambem a liberdade de seus vassallos, tyrannisados por aquelle barbaro, consultou ao Tribunal da Mesa da Consciencia, sobre o que devia obrar contra hum desertor da Fé Catholica, e violador do direito das gentes, religiosamente observado entre todas as Nações. Examinada esta proposta com maduro exame, responderaõ os Ministros por Consulta escrita em Almeirim a 23 de Janeiro de 1569.

Consulta ElRey ao Tribunal da Mesa da Consciencia àcerca do procedimento do Emperador do Monomotapa.

Repoſta do Tribunal a El-Rey.

„ Sendo o principal intento de S. A. neſtas
„ ſuas Conquiſtas a promulgaçaõ do Evangelho,
„ e converſaõ da gentilidade (condições com que
„ lhas concederaõ por diverſas Bullas os Summos
„ Pontifices) para cuja ſagrada empreza mandava
„ Miniſtros Apoſtolicos, podia licitamente expe-
„ dir gente armada, e fundar Fortaleza, naõ ſó-
„ mente em Monomotapa, mas em outra qual-
„ quer terra de infieis, para ſegurança do comer-
„ cio, e dos promulgadores do Evangelho, e
„ com mayor fundamento em Monomotapa, on-
„ de prudentemente ſe receava, que naõ foſſem
„ admittidos, devendo declarar formidavel guer-
„ ra a todo o Principe, que ſe lhe oppuzeſſe,
„ ou quebrantaſſe o direito das gentes; que para
„ evitar nas ſuas Conquiſtas ritos abominaveis, e
„ execuções tyrannas contra os innocentes, appli-
„ caſſe primeiramente meyos ſuaves: e que naõ
„ aproveitando eſtes, declaraſſe violenta guerra
„ contra os authores de taõ execrandos delictos,
„ dos quaes era o mais culpado o Principe de Mo-
„ nomotapa, por ter violado a immunidade dos
„ ſeus Embaixadores, condemnando ſacrilega-
„ mente à morte ao Veneravel Padre Gonçalo
„ da Sylveira, que o reſtituira à vida da graça;
„ recolhido nos ſeus pórtos aos inimigos do noſ-
„ ſo Eſtado, e apoſtatado da fé promettida em
„ o bautiſmo. Mas ſe eſte Principe arrependido
„ de tantos crimes comettidos huns contra o cul-
„ to

„ to de Deos, e outros contra o decóro de S. A.
„ prometteſſe expulſar fóra dos ſeus dominios a
„ todos os inimigos do nome Chriſtaõ, e entre-
„ gar os culpados, que foraõ cauſa da ſua apoſ-
„ taſia, deixando patente a entrada aos Miniſtros
„ Apoſtolicos, para ſe augmentar, e eſtabelecer
„ a converſaõ da gentilidade, devia S. A. ſuſpen-
„ der a guerra, e celebrar com aquelle Principe
„ amigavel correſpondencia; mas ſe como perfi-
„ do, e ingrato naõ obſervaſſe eſtas condições,
„ lhe declaraſſe logo ſanguinolenta guerra, até
„ que ſeveramente caſtigado ſe emendaſſe dos ſeus
„ criminoſos exceſſos, e ſatisfizeſſe, como devia,
„ às juſtificadas queixas de S. A.

117 Condeſcendeo ElRey com eſte voto igualmente eſtabelecido em maximas catholicas, como politicas, e nomeou para Monomotapa com o titulo de Conquiſtador das ſuas Minas a Franciſco Barreto, que de ſeu valor, e integridade tinha dado claros argumentos, aſſim quando moderou as redeas do Eſtado da India, como na famoſa expediçaõ da conquiſta do Penhaõ de los Veles; e poſto que eſte lugar, em que agora era nomeado, foſſe muito inferior ao que tinha exercitado, mais attento ao ſerviço do ſeu Principe, que ao decóro da ſua peſſoa, partio de Lisboa a dezaſeis de Abril deſte anno de 1569, com tres náos, ſendo Capitaõ da ſegunda Lourenço de Carvalho, e da terceira Vaſco Fernandes

Parte Franciſco Barreto por Governador das Minas do Monomotapa.

Faria *Aſia Portug.* Tom. 2. part. 3. cap. 15. §. 3.

des Homem; levavaõ de guarniçaõ mil homens, entre os quaes se distinguiraõ Antonio Mendes de Vasconcellos, Ruy Nunes Barreto, Francisco de Miranda, filho de Fernando de Miranda, Antonio Gonçalves de Magalhães, filho de Sebastiaõ da Costa de Magalhães, Antonio Pereira Brandaõ, Antonio Mascarenhas, filho de Vasco Fernandes Homem, Antonio de Mello, filho de Gaspar de Mello, Pedro de Sousa Camello, filho de Henrique Camello Pereira, Leonel de Lima Pereira, Joaõ Gomes da Sylva, filho de Sebastiaõ de Anaya, Joaõ Moniz de Figueiredo, e Domingos Pestana de Brito.

Infortunios, que padece na jornada Francisco Barreto.

118 Ao disferir das vélas logo experimentaraõ funestos presagios desta empreza, pois descendo as náos pelo Tejo, ao salvar a Ermida de Nossa Senhora da Ajuda, rebentou huma peça, offendendo hum pedaço ao chapeo de Francisco Barreto, e maltratando outro a verga do masto grande. Desembocada a barra se voltou o vento por proa; e porque a marè vazava, foy preciso lançar ancoras, até que subisse. Obrigadas as náos pelo impulso do vento, vieraõ buscar o surgidouro de Belem, onde estiveraõ ancoradas dezoito dias, e sahindo segunda vez da barra, sobreveyo taõ furiosa tormenta, que fez arribar a Lisboa a náo de Lourenço de Carvalho, com hum dos mastos rendidos. Proseguiraõ as duas a jornada, e havendo tolerado na linha pelo espaço de seten-

ta

ta e ſete dias continuas calmarias, foraõ conſtrangidas a buſcar o Braſil, e entrando a quatro de Agoſto na Bahia de todos os Santos, ſe proveraõ do que ſe neceſſitava para proſeguir a viagem. Já quando chegavaõ ao Parcel do Cabo das Agulhas deſandaraõ com outra tormenta duzentas legoas, e pairando trinta e ſeis dias, no fim delles chegaraõ a Moçambique em dezaſeis de Mayo de 1570, havendo paſſado mais de hum anno, que tinhaõ ſurgido de Lisboa.

CAPITULO XXII.

Parte Gonçalo Pereira de Ternate para Amboino, onde precedendo glorioſas victorias funda huma Fortaleza. Perſegue cruelmente ElRey de Aeyro a Chriſtandade de Moro, e da conſtancia, com que os novos convertidos toleraraõ a perſeguiçaõ.

119 PAra fundar huma Fortaleza no porto de Ito ſahio de Ternate Gonçalo Pereira Marramaque, e querendo antes da partida prender ao fementido Rey Aeyro, com todos os ſeus filhos, lhe naõ correſpondeo o ſucceſſo ao intento, que podera ter executado hum anno antes, quando o barbaro ſe offereceo à prizaõ, confiado na ſua aſtucia, e em a noſſa ſinceridade.

1569

Souſa *Oriente Conquiſt.* Part. 2. Conq. 3. Div. 1. §. 24.

ceridade. Vencidas oitenta legoas, que correm de Ternate a Amboino, ſurgio a Armada Portugueza em Cova, celebre enſeada, pois dentro nella ſe encoſtavaõ os galeoens tanto à terra, que com pranchas eſtavaõ taõ ſeguros como em huma caſa. Mandou Gonçalo Pereira lembrar pelo Capitaõ Lopo de Noronha a Genulio, Governador dos Itoanos a promeſſa, que lhe dera, de permittir ſe levantaſſe huma Fortaleza na foz do ſeu rio. Como Genulio eſperava por huma Armada de Jaos, expedida em ſeu ſoccorro pela Rainha do Japara, naõ attendeo à propoſta do noſſo Capitaõ, e reſoluto a caſtigar a inſolencia deſte barbaro, ordenou, que ſahiſſe Mem de Ornellas por Cabo dos galeoens a encontrarſe com os Jaos, que já navegavaõ demandando a Ilha. Com o animo os eſperou, e com promptidaõ os deſtruio, queimando-lhe humas embarcações, e obrigando a outras a ſerem pelas prayas deſpedaçadas.

He deſtroçada a Armada dos Jaos por Mem de Vaſconcellos.

120 Alcançada eſta victoria como feliz preludio de outras mais glorioſas, amanheceo Gonçalo Pereira em o lugar de Ito, onde determinava fundar a Fortaleza. Deſconfiados os inimigos de lhe reſiſtir em campo aberto, ſe refugiaraõ quatrocentos a huma ſerra altiſſima, providos de tudo quanto lhe era neceſſario para o ſuſtento, e defenſa. Vencida primeiramente huma tranqueira, que difficultava o caminho, ſubiraõ

os

os noſſos Soldados por fragas, e deſpenhadeiros pelo eſpaço de tres dias, donde conſtrangidos da falta da agua, e do exceſſo do frio, voltaraõ ao plaino. Reſtaurados de forças intentaraõ por outro caminho combater aos barbaros, e divididos em duas partes, que governavaõ Simaõ de Mendoça, e Gonçalo Pereira, inveſtiraõ aos Itoanos, e derrubado o recinto de pedras, que lhe ſervia de parapeito, ſe travou o conflicto a corpo deſcuberto, onde foraõ mortos trezentos inimigos, com a fortuna de que nenhum dos noſſos perdeſſe a vida. Aquelles que eſcaparaõ do noſſo ferro, ſe deſpenharaõ da ſerra com acelerada confuſaõ. A gente principal ſe recolheo a huma Meſquita, onde cercada ſe entregou à piedade do vencedor.

Segunda victoria de Gonçalo Pereira contra os Jaos.

121 Com eſta heroica acçaõ ſe habilitou Gonçalo Pereira para outra ſemelhante, atacando Atutili, povoaçaõ grande, ſituada ao pé da ſerra, para a parte do mar. Marchava elle na retaguarda levando a vanguarda D. Duarte de Menezes. Sahiraõ reſolutos ao campo os inimigos; porém ſacudidos das noſſas balas, ſe recolheraõ precipitadamente aos muros. Converteraõ os Portuguezes o furor contra os Palmares, que ornavaõ a campanha, de cujo eſtrago penetrados os barbaros, ſahiraõ taõ orgulhoſos, que dando a primeira deſcarga, nos inveſtiraõ com a eſpada. Foraõ heroicamente rebatidos, deixando para teſ-

Terceira victoria contra os meſmos inimigos.

temunhas do nosso triunfo innumeraveis mortos, entre os quaes se distinguiraõ o Cacis mór, e o Capitaõ Genulio. O Lugar com huma sumptuosa Mesquita foraõ entregues ao fogo, seguindo-se destas gloriosas acções o socego da Ilha de Amboino, e a fundaçaõ da Fortaleza com tanta brevidade, que principiando em Mayo, se acabou em Julho deste anno de 1569, concorrendo espontaneamente para a sua fabrica naõ sómente os Christãos, mas ainda os Gentios, pela conveniencia da paz, segurada com o dominio Portuguez.

Perseguiçaõ em Moro contra os Christáos.

122 Ao tempo que em Amboino triunfava a Religiaõ Christãa, era horrivelmente perseguida na Provincia de Moro, que constava de muitas Ilhas, florecendo em tres dellas a Ley Evangelica, com innumeraveis sequazes dos seus sagrados dogmas. Contra taõ numerosa Christandade se armou o odio delRey Aeyro, igualmente inimigo da Fé de Christo, que da naçaõ Portugueza. Para totalmente extinguir a semente do Evangelho, que naquelle terreno taõ abundantemente fecundara, como tivesse partido a nossa Armada para Amboino se aproveitou de occasiaõ taõ opportuna, mandando levantar gente em Mocanora, e Sabubo, Lugares de Morotia, e Ilha Doy, e com elle guarneceo trinta embarcações. O Lugar de Pune foy o primeiro, que experimentou a violencia deste rayo, sendo mortos trezen-

trezentos Chriſtãos, e cativos outros. Cauſavaõ horror as barbaras tyrannias, que executavaõ os Mouros, extrahindo violentamente dos ventres maternos os fetos, e degolando por recreaçaõ os que ſahiraõ animados. Opprimidos os Chriſtãos com taõ horroroſa fatalidade, ſe renderaõ aos Mouros, largando exteriormente a Fé, e occultando as Cruzes, e Imagens, para naõ ſerem ultrajadas; e aquelles que conſtantes perſeveravaõ na Religiaõ Chriſtãa, eraõ victimas do ferro, e do fogo.

123 Retumbavaõ em Ternate os laſtimoſos eccos de taõ execrandas violencias; e para naõ ſer accuſado por author dellas ElRey Aeyro, ſe fingia na prezença dos Portuguezes triſte no ſemblante, e laſtimado no coraçaõ, jurando, que eſtava innocente naquelles exceſſos, pois os Cabos da Armada, inſtrumentos de tantas tyrannias, eraõ rebeldes à ſua Coroa, e como inimigos da ſua felicidade o queriaõ fazer ſuſpeitoſo à naçaõ Portugueza. Para diſſimulaçaõ da ſua falſidade, mandava eſte barbaro humas embarcações, para derrotar as primeiras, as quaes por ordem ſecreta ſe uniaõ, ou voltavaõ, com a deſculpa de naõ ſe terem encontrado com os rebeldes. Toleravaõ os Portuguezes eſtes malevolos fingimentos, por eſtarem em Moloco faltos de forças, para vingar as injurias, que recebiaõ de taõ fementido Principe, o qual logo que recebeo

Artificios, com que ElRey Aeyro deſculpa a ſua falſidade.

a noti ia de que Gonçalo Pereira fundada a Fortaleza em Amboino, ſe apreſtava com a Armada para a India, tirou a maſcara, dizendo abertamente aos Portuguezes, que era profeſſor da Ley de Mafoma, e inimigo acerrimo da Cruz de Chriſto, e que delle naõ eſperaſſem ſenaõ guerra. Das ameaças paſſou a execuções, matando a muitos Portuguezes, que vagavaõ diſperſos pela Ilha; e roubando todas as embarcações, que ſahiaõ do Morro carregadas de mantimentos para provimento da Fortaleza de Ternate.

CAPITULO XXIII.

Relataõ-ſe os progreſſos da Fé Catholica nas regiões Orientaes, de que era incançavel promotor o zelo delRey D. Sebaſtiaõ.

1569

124 NAõ ſatisfeito o ardente zelo delRey D. Sebaſtiaõ de recomendar na inſtrucçaõ, que deu para o governo da India a D. Luiz de Ataide, o promover a Chriſtandade em taõ vaſtiſſimas regiões, lhe eſcreveo em treze de Março, deſte anno de 1569, huma Carta, cujas clauſulas animadas do catholico ardor, que alimentava no peito, eraõ as ſeguintes.

Carta delRey D. Sebaſtiaõ para o Vice-Rey D. Luiz de Ataide.

„ Viſorey amigo. Eu ElRey vos envio
„ muito ſaudar. Huma das principaes couſas que
„ de-

,, deſejo, que nas partes da India haja conforme
,, à obrigaçaõ, que a iſſo tenho, e ao ſerviço de
,, Deos, que diſſo ſe ſegue, he a obra da con-
,, verſaõ, como de palavra vos diſſe, quando de
,, mim vos deſpediſtes: ſobre o qual negocio vos
,, mandey dar aqui huns apontamentos das couſas,
,, que na Meſa do deſpacho da Conſciencia ſe aſ-
,, ſentaraõ para o bem, e particular deſta obra:
,, os quaes, e todas as proviſoens, que ſobre iſſo
,, ſaõ paſſadas, vos encomendo muito façais in-
,, teiramente cumprir, e guardar; e conforme aos
,, apontamentos, trabalheis quanto vos for poſ-
,, ſivel, para que eſta obra da converſaõ vá em
,, grande augmento, ajudando, honrando, e fa-
,, vorecendo os novamente convertidos, de ma-
,, neira, que o exemplo do muito, que lhes fi-
,, zerdes, mova aos Gentios, e infieis a ſe conver-
,, terem à noſſa ſanta Fé, e vejaõ claramente naõ
,, ſómente elles, mas todos os Chriſtãos, quan-
,, to mais eſtimais eſta obra, que todas as ou-
,, tras. Para o qual ajudará muito naõ conſentir-
,, des, que os novamente convertidos ſejaõ oppri-
,, midos, nem ſe lhes faça aggravo algum, an-
,, tes os liberteis, e honreis, como eſtá ordena-
,, do: e quando alguem os aggravar, mandeis caſ-
,, tigar os que niſſo forem culpados, e aſſim to-
,, dos os que de alguma maneira impedirem, e
,, contradiſſerem eſta taõ ſanta obra da converſaõ,
,, os quaes ſe devem haver por ſuſpeitos na Fé;

,, e para

,, e para que eu ſaiba o que àcerca diſto ſe faz,
,, vos encomendo muito, que cada anno parti-
,, cularmente me eſcrevais quantos bautiſmos ſo-
,, lemnes ſe fizeraõ: nos quaes vós com toda a
,, a Nobreza vos deveis ſempre, quanto for poſſi-
,, vel, achar preſente; e juntamente me eſcreve-
,, reis do numero dos Chriſtãos, e qualidade das
,, peſſoas, que em cada hum houve, e vo lo agra-
,, decerey muito, &c.

125 Naõ era neceſſario taõ forte eſtimulo para deſpertar o cuidado do Vice-Rey em materias pertencentes à dilataçaõ do Evangelho, por ſer ornado de coraçaõ pio, e zeloſo. Em todas as partes começou a frutificar a ſemente Evangelica, ainda que ſe empenhavaõ a ſofocalla os ſequazes da idolatria. Em Verná ſe bautizaraõ cento e trinta e ſete peſſoas; em Rachol cento e quarenta; em Morgaõ duzentos e trinta e quatro; e cento e ſete em Orlim. Tres Gentios de idade provecta, como cervos feridos da divina graça vieraõ buſcar as aguas do Bautiſmo em Salcete. Ao numero de oitocentos e cincoenta Chriſtãos em Curtalim ſe aggregaraõ cento e cincoenta ovelhas para o rebanho do Divino Paſtor.

Bautiſmos de diverſos Gentios na Ilha de Salcete.

126 Com iguaes triunfos ſe coroou a Fé em Cochim, pois vindo viſitar ao ſeu Rey, que eſtava enfermo, o Regulo de Porcá, alcançou delle, que concedeſſe aos Chriſtãos, ſeus vaſſal-

Triunfa a Fé em Cochim.

los,

los, os meſmos privilegios, que Sua Mageſtade tinha concedido aos ſeus ſubditos, e que as Igrejas fundadas pelos Miſſionarios foſſem aſylo de Chriſtãos, e Gentios. Dous Regulos, para alcançar a benevolencia dos Portuguezes, pediraõ Prégadores Evangelhos para os ſeus Eſtados. Excederaõ o numero de ſetecentos os que foraõ regenerados com a graça bautiſmal, abjurando a cegueira do Paganiſmo.

127 No Principado de Amacura, ſituado na parte mais Occidental de Ximo, dominava hum Regulo rico, e poderoſo, o qual mandando pedir ao Padre Coſme de Torres, Jeſuita, hum Prégador, que o inſtruiſſe na Fé de Chriſto, foy eleito para eſta empreza o Irmaõ Luiz de Almeida, o qual explicando os Myſterios da noſſa Religiaõ na preſença da nobreza, e plebe, ſe colheraõ em o feſtivo dia da Reſurreiçaõ do Redemptor do Mundo as primicias deſte Evangelico fruto, em que recebeo o Bautiſmo o Governador da Cidade, chamando-ſe D. Leaõ, com cincoenta peſſoas da ſua familia, cujo exemplo ſeguio ſeu ſogro com mais cento e cincoenta peſſoas familiares da caſa do Regulo. Penetrados os Bonzos de que todos abraçavaõ a Ley Evangelica, e naõ reſtava quem os alimentaſſe com eſmolas, ſe conſpiraraõ contra D. Leaõ, em cujos hombros ſe ſuſtentava ſegura a Fé, perſuadindo a ſeus dous irmãos, General das Armas hum, e outro Rege-

Converte-ſe em Ximo hum Regulo com a ſua familia.

dor

dor do Civel, para que declaraſſem guerra a D. Leaõ, pois com o affectado pretexto de melhorar de Ley, ſe tinha conſtituido cabeça da innumeravel multidaõ dos convertidos, donde ſe ſeguiria ſer abſoluto arbitro daquelle Principado. Pareceo aos irmãos do Regulo juſtificada a propoſta dos Bonzos, e ſe prepararaõ com ſetecentos homens armados, para de madrugada ſer victima do ſeu furor a innocencia de D. Leaõ, e ſendo eſte aviſado de taõ malevolo intento, cingio o ſeu Palacio com forte eſtacada aberta em ſeteiras, que preſidiavaõ ſeiſcentos Chriſtãos, cujo apparato deſarmou as maquinas, que levantara a malicia dos Bonzos, e a potencia dos dous irmãos de D. Leaõ.

CAPITULO XXIV.

Inſta Filippe Prudente na concluſaõ do caſamento delRey D. Sebaſtiaõ, para cujo effeito manda por Embaixador a D. Joaõ de Borja. Parte para Caſtella com o meſmo caracter D. Alvaro de Caſtro. Eſcreve o Biſpo D. Jeronymo Oſorio a ElRey ſobre a meſma materia.

1570

128 TInha Filippe Prudente tratado com ſummo deſvélo, e naõ menor madureza concluido o caſamento delRey D. Sebaſtiaõ

tiaõ com a Infanta de França D. Margarida de Valois, e por mais instancias, que lhe fez aquelle Monarca, para que mandasse procuraçaõ ao Embaixador desta Coroa D. Francisco Pereira, para affinar o contrato matrimonial; nunca pode conseguir o que tantas vezes lhe supplicou; e vendo que neste negocio estava empenhada a sua Real authoridade para abrandar o animo inflexivel de seu sobrinho, obstinadamente irresoluto em huma materia, de que resultava a conservaçaõ da sua Monarchia, mandou por Embaixador a D. Joaõ de Borja, filho daquelle Heroe, que sendo grande no seculo, foy mayor quando se alistou na Companhia de JESUS, o insigne S. Francisco de Borja, confiando da eloquencia deste Cavalhero, persuadisse a ElRey D. Sebastiaõ, que deposta a repugnancia, que affectava, se determinasse a concluir os desposorios com a Infanta Margarida de Valois, de cujo consorcio haviaõ resultar grandes conveniencias ao Reyno de Portugal. Chegou o Embaixador à presença do nosso Principe, e em breves palavras lhe significou o empenho do seu Soberano, que todo redundava em gloria de D. Sebastiaõ, a quem escreveo sua mãy D. Joanna de Austria sobre a mesma materia, persuadindo-o efficazmente a ceder da irresoluçaõ, em que estava, como injuriosa à sua Real Pessoa. As Cartas de Filippe Prudente, e da Princeza D. Joanna, escritas para este

Manda Filippe Prudente por seu Embaixador a D. Joaõ de Borja, para concluir o casamento delRey D. Sebastiaõ.

negociaçaõ, que trasladamos das originaes, saõ as seguintes.

Carta de Filippe Prudente para ElRey D. Sebastiaõ.

„ Señor. Se ubiera de escrivir a V. A. to-
„ do lo que se ofrece en respuesta de su ultima
„ Carta, y resolucion en lo tocante a su matri-
„ monio, ubiera esta de ser muy larga, pero de
„ D. Juan de Borja entendrà V. A. tan particu-
„ larmente todo lo que yo le pudiera dizir, que
„ me podre muy bien escusar en esta parte, por-
„ que lo lleba muy bien entendido, y por espe-
„ rar a que fuesse con esta comission, y por otras
„ consideraciones concernientes al proprio nego-
„ cio nò he respondido antes. A V. A. pido
„ muy encarecidamente le crea como a mi mis-
„ mo lo que le dixere de mi parte, que todo
„ ello procede de un amor tan verdadero, y tan
„ endereçado pura, y sencillamente al beneficio
„ de V. A. y de sus Reynos, que correspondien-
„ dome con el que en esta parte deve, y yo
„ confio de V. A. tiene obligacion a tomar mi
„ parecer, y consejo pues es el que pudiera dar
„ a mi proprio hijo, entendiendo ser esto lo que
„ le cumple en todas razones, y consideracio-
„ nes; y assi espero que sin embargo de las difi-
„ cultades, que se le abian representado, vendra
„ V. A. en lo platicado como en cosa, que tan-
„ to le importa, que por selo esto serà para mi
„ del contentamiento, que D. Juan dirà a V.
„ A. cuya muy Real Persona guarde Nuestro
„ Se-

,, Señor como deſeo. De Madrid a 9 de Deziem-
,, bre de 1569.

Buen Tio de V. A.

YO ELREY.

Carta da Princeza D. Joanna de Auſtria para ſeu filho El-Rey D. Sebaſtiaõ.

,, Señor. He dexado de reſponder a la Car-
,, ta de V. A. de xxvii. de Setiembre, en que me
,, eſcrebia la reſolucion, que ſe avia tomado en
,, lo de ſu caſamiento, eſperando la partida de
,, D. Juan de Borja, a quien mi hermano embia
,, a V. A. por ſu Embaxador Ordinario, y lleva
,, particular comiſſion de tratar deſte negocio por
,, advertir a V. A. con mas fundamento de lo que
,, a mi me parece, aviendo entendido primero
,, que mi hermano viſto la reſpueſta, que ſe le em-
,, biò determinava, y ſu determinacion ha ſido tal,
,, que con razon devemos agradecer, y eſtimar
,, en mucho el amor, y cuidado con que trata
,, nueſtras coſas, y con el que procede en eſta que
,, tanto nos và teniendo ſolo fin el beneficio, y
,, autoridad de V. A. y haziendo oficio de verda-
,, dero padre poſpueſto todo lo de mas, y nò em-
,, bargarſe la ocaſion, que nò ſe puede negar
,, averſele dado con eſta ultima reſpueſta a reſeo-
,, mirſe, y alçar la mano del negocio, ha queri-
,, do tornar a inſiſtir, y tratar del, y a conſolar-
,, nos, y advertirnos, de cuyo conſejo, y pare-
,, cer yo nò puedo dexar de hazer mas caſo, que
,, de lo que V. A. me eſcribe; porque entiendo,

„ que es lo que mas le conviene, y que procede
„ de tan buena voluntad, y es de tanta autori-
„ dad, que devemos hazer mucho caſo del, y
„ darle mucho credito para le ſeguir, y nò apar-
„ tarnos del. Nò ſe deve V. A. maravillar, que
„ yo aya mudado de parecer en eſta materia, y
„ de que nò aviendo aprovado al principio el ca-
„ ſamiento en Francia, antes pueſto inconvenien-
„ tes en el, aora venga en que ſe haga, y tenga
„ eſcrito, y eſcriba de nuevo a V. A. que ſe de-
„ ve proceder a la concluſion, y embiar los po-
„ deres haviendo avido para eſta mudança tantas
„ cauſas por los ſuceſſos que ſobrevinieron, de
„ que reſultò impedirſe el matrimonio, que eſta-
„ va tratado de mi ſobrina, el qual yo avia an-
„ tepueſto, y tenido por mejor, y en reſpecto
„ del nò me parecia bien el de Francia, mas avien-
„ do ceſſado aquel, ſin ſe poder eſcuſar, y conſide-
„ rando juntamente, que lo de Francia en la au-
„ toridad, y en la conveniencia de la edad, y en
„ la perſona, y calidades della es conveniente, ni
„ he podido, ni puedo dexar de incurrir en ello,
„ y parecerme muy bien, y a conſejarlo, y los
„ que en eſſe Reyno al principio ſubieron eſto
„ de Francia por tan conveniente, que aun le pre-
„ ferian a lo de mi ſobrina, quando avia tanbien
„ en que eſcoger, nò ſè como lo podràn agora
„ juzgar por nò tal, quando ſomos venidos en ter-
„ mino, que nò ſolo es bueno, pero neceſſario.

„ El

,, El eſtado de las coſas de Francia nunca fuè tal,
,, que cauſaſſe impoſſibilidad, ni impedimiento a
,, la promeſa, y cumplimiento dello; que para el
,, efecto deſte matrimonio era neceſſario, y mu-
,, cho menos lo ſerà para pues con los buenos ſu-
,, ceſſos, que Dios ha ſido ſervido de darles, eſtà
,, en tan diferente termino; y ſi eſta dificultad
,, fue parte para la reſolucion que ſe tomò, caſan-
,, do aquella, ſe puede muy bien mudar de pare-
,, cer, que lo del caſamiento de V. A. ſe aſiente
,, con reputacion, y autoridad ſuya, y beneficio
,, de ſus Reynos, es muy juſto, y eſto es lo que
,, todos pertendemos, y muy principalmente mi
,, hermano; mas deveſe mirar, que a eſta autori-
,, dad, y reputacion enteramente ſe ſatisface con
,, caſamiento tan calificado, y al beneficio, y ſa-
,, tisfacion de ſus Reynos con caſarſe V. A. y
,, aſegurar ſu ſuceſſion, que es lo que nòs, y to-
,, dos los que nos và tanto en ello, devemos pro-
,, curar; y en lo de las pertenciones de la Isla de
,, la Madera, y demarcacion, ſeria muy bien que
,, Francezes dieſſen ſatisfacion, mas eſtos nò ſon
,, puntos de calidad, que por ellos ſe aya de dexar
,, de efectuar el matrimonio en que tanto và. Bien
,, veo que la edad de V. A. parece que dà lugar
,, a eſperar, y que nò dexaràn de repreſentarſe
,, algunas ocaſiones, que con el tiempo adelante
,, eſtarian bien, mas deve V. A. conſiderar, que
,, eſtas ocaſiones ſon muy inciertas, y dudoſas,

,, y en

„ y en que nò se puede hazer fundamento, y el
„ tiempo desbarantandose lo de Francia ha de ser
„ muy largo para que se pueda ofrecer casamien-
„ to con efecto, que estè bien a V. A. en el qual
„ tiempo pueden venir, y ofrecerse muchos ca-
„ sos a que todos estamos sugetos, y la obliga-
„ cion, que V. A. tiene a dexar sucession en es-
„ sos Reynos, que es tan forçoso en conciencia,
„ y en estado, nò se satisfaze con diferirla con
„ esperanças tan dudosas, y nò puedo dexar de
„ poner delante a V. A. el estado en que rota es-
„ ta platica quedan sus cosas, quedando impos-
„ sibilitado a casarse en muchos annos dexarà
„ ofendido alRey de Francia, que con tanta ra-
„ zon lo estarà; agraviarà mucho a mi hermano
„ a quien tanto se deve, y a la Reyna mi Seño-
„ ra, y a mi dà tanta causa de dolor, y senti-
„ miento, y todo lo que se pretende queda con
„ peyor termino, y assi nò sè quien puede dar con-
„ sejo a V. A. de que resultan tantos inconvenien-
„ tes; tieneme esto cierto en gran cuidado, y se-
„ ria muy mayor si nò confiase en Dios que ha de
„ alumbrar, y guiar a V. A. y en la razon que
„ tiene tanta fuerça, y es tan grande, y clara en
„ esto, que mi hermano aconseja a V. A. y en la
„ que ay para que siga su parecer, y assi reme-
„ tiendome a lo que mas larga, y particularmen-
„ te dirà a V. A. de su parte D. Juan, nò dirè mas
„ de pedir mucho a V. A. quiera embiar los po-
„ deres

„ deres a D. Francifco Pereira, de quien puede
„ V. A. tener toda fatisfación, que le ha fervido
„ en efto, como lo ha hecho fiempre, dandole
„ orden para que fe proceda en efte negocio a la
„ conclufion, y efecto, que efpero en Dios ferà
„ para mucho fervicio fuyo, y contentamiento de
„ todos; el guarde a V. A. como yo defeo. De
„ Madrid a XIIII. de Deziembre.

Buena Madre de V. A.

LA PRINCEZA.

129 Naõ poderaõ eftas perfuações, que fe faziaõ mais efficazes pela authoridade de Filippe, e ternura da Princeza D. Joanna mover o inflexivel animo delRey, para que defiftiffe da refoluçaõ, em que perfiftia de naõ cafar, antes para fatisfazer a eftas exhortações, que lhe eraõ fummamente odiofas, e moleftas, defpedio ao Embaixador de Caftella, dizendo-lhe, que brevemente mandaria a feu tio, e a fua mãy a ultima refoluçaõ do negocio, que lhe viera practicar. Para fatisfaçaõ defta promeffa mandou nefte anno de 1570, por feu Embaixador a D. Alvaro de Caftro, que com grande credito do feu talento tinha diverfas vezes exercitado efte minifterio, pelo qual reprefentou a Filippe Prudente a grande obrigaçaõ em que eftava a S. A. por ter tratado com tanto amor, e defvélo o feu cafamento, em que

Parte D. Alvaro de Caftro por Embaixador a Caftella.

que ſe fundava a felicidade da ſua Monarchia, de cuja negociaçaõ fora eloquente interprete D. Joaõ de Borja, mas que eſperava tempo mais opportuno para a concluſaõ deſte negocio. Eſta reſoluçaõ mandou declarar a ſua mãy, da qual taõ altamente ſoy penetrado o ſeu coraçaõ, que logo no aſpecto ſe lhe deſcobriraõ os effeitos do ſentimento.

130 Eſta contumacia, em que permanecia obſtinado ElRey D. Sebaſtiaõ, intentou abrandar a ſuprema authoridade de S. Pio V. e poſto que haviaõ cinco annos perſuadira a eſte Principe antepor o caſamento de Alemanha ao de França, conſiderando agora com paternal providencia ſer conveniente caſar D. Sebaſtiaõ para eſtabilidade da Coroa Portugueza, e naõ haver outra Princeza para ſua conſorte, que a Infanta de França, por eſtarem deſtinadas para eſpoſas de Filippe Prudente, e Carlos IX. as duas Archiduquezas de Auſtria, mandou ao Doutor Luiz de Torres, ſeu Camereiro, a exhortallo ſegunda vez da ſua parte a concluir os ſeus deſpoſorios com Margarida de Valois, irmãa delRey Chriſtianiſſimo, ſobre cuja materia tinha o anno paſſado eſcrito a D. Sebaſtiaõ, pois da ſua demora ſe ſeguiaõ graves damnos a eſte Reyno. As palavras do Breve expedido em 6 de Agoſto deſte anno de 1570, com que inſtantemente exhortava o Summo Paſtor a ElRey D. Sebaſtiaõ, eraõ as ſeguintes.

Eſcreve S. Pio V. a ElRey, para que caſe com a Infanta de França.

„ Quæ

„ Quæ verò idem Ludovicus de matrimonio inter „ Majeſtatem Tuam, & Chariſſimi in Chriſto fi- „ lii Regis Chriſtianiſſimi ſororem contrahendo „ cum eàdem Majeſtate Tua locutus eſt, & egit „ noſtro nomine, ac pro certo habere debes illum „ juſſu, mandatoque noſtro omnia egiſſe; quam- „ vis enim in ipſis litteris ad te noſtris XIV. die „ Martii datis nihil tale adſcriptum eſſe, id ob „ eas cauſas factum eſt, quæ ſibi à prædicto Lu- „ dovico expoſitæ fuerunt: noſtra verò voluntas „ eadem nunc, & quo ſemper fuit ab ex tempo- „ re quoad hujuſmodi matrimonium Majeſtatem „ Tuam hortari cœpimus, ut ſcilicet quamprimùm „ fieri poteſt, ad effectum adducatur; videmus „ enim tali matrimonio non ſolùm provideri peri- „ culis quæ iſti, quâ Majeſtas Tua eſt, ætati im- „ mineri ſolent, à variis voluptatum illecebris, „ ſed etiam iſtius regni proſperitati conſuli; & „ quod maxime exiſtimamus Reipublicæ Chriſ- „ tianæ tranquillitatem ſummopere adjuvari. Ni- „ hil enim ad Chriſtianorum Principum concor- „ diam ſtatuendam, hac eorum inter ſe affini- „ tatum conjunctione firmiùs eſſe exiſtimamus. „ Pertinere hoc etiam ad dignitatem noſtram, & „ hujus Sanctæ Sedis Apoſtolicæ majeſtatem pu- „ tamus, ut de quo matrimonio nobis authori- „ bus, neque invitâ Majeſtate Tua ſemel agi cœ- „ ptum eſt, id potiſſimum perficiatur. Denique „ quia noſtræ erga Majeſtatem Tuam paternæ be-

Apoſt. Epiſt. Pii V. lib. 4. Epiſt. 28.

,, nevolentiæ nobis ipſis conſcii ſumus, illud quo-
,, que ſcimus nos nullas ob privatas, vel noſtras,
,, vel cujuſcumque alterius rationes tale matrimo-
,, nium Majeſtati Tuæ ſuadere, ſed ob eam tan-
,, tummodò cauſam quia illud, & privatim ſibi,
,, regniſque ſuis utile, & communi Reipublicæ
,, Chriſtianæ tranquillitati conducibile fore non
,, dubitamus. Quæ quidem, vel ſola cauſa vide-
,, tur Majeſtatem Tuam ad obſequendum noſtræ
,, voluntati impellere debere, cum nihil ei explo-
,, ratius eſſe debeat, quàm nos id cupere quod in
,, rem Majeſtatis Tuæ ſit. Quæ cum ita ſint, Ma-
,, jeſtatem Tuam hortamur, ut ad tale matrimo-
,, nium quàmprimum contrahendum animum ad-
,, jiciat. Qua de re copioſius locuti ſumus cum
,, dilecto Filio Majeſtatis Tuæ apud nos Orato-
,, re; & ut illam ad eumdem rem noſtro nomine
,, ipſe quoque hortaretur, poſtulavimus: quæque
,, ad te ſcribimus omnia cum ipſo communicavi-
,, mus; ut ſuſpicari non debeat Majeſtas Tua nos
,, aliquid earum rerum ignorare, quas nobis per
,, eum notas eſſe voluerit. Quod ſi aliquæ fortè
,, difficultates ſunt, quæ impediant, quominus
,, tale matrimonium concludatur, de his Majeſtas
,, Tua ſi nos certiores fieri curaverit, eas omnes
,, auctoritate noſtra interpoſita tollere conabimur.
,, Quod idem pro parte ſua Majeſtas quoque Tua
,, facere debebit, ut ſcilicet in accipiendis hujuſ-
,, modi matrimonii conditionibus æquam ſe, ac
,, faci-

„ facilem præbeat, neque omnia ſummo jure pro-
„ ſequatur, ſed communis utilitatis cauſâ de his
„ quæ ſibi juſta eſſe videantur, nonnihil remittat,
„ quemadmodum ex prædicto Ludovico de Tor-
„ res ſubtiliùs, & copioſiùs cognoſcet, cui, &
„ hæc ipſa, quæ ſcripſimus, & alia etiam Majeſ-
„ tati Tuæ noſtro nomine in eandem ſententiam
„ exponenda mandavimus.

131 A eſtas repetidas exhortaçóes com que o Summo Paſtor ancioſamente procurava a concluſaõ do caſamento do noſſo Principe com a Infanta de França, reſpondeo com a ſeguinte Carta, em que claramente moſtrava a indeciſaõ do ſeu animo, para effeituar eſtes deſpoſorios, da qual ſómente ſe tranſcreve o que pertence a eſta materia.

Repoſta delRey ao Pontifice.

„ Porro autem, quod ad me ſcribit Sanctitas Tua
„ de nuptiis in Gallia celebrandis ſuper eo Beati-
„ tudinis Tuæ nomine mecum verba fecit Ludo-
„ vicus de Torres rationibus etiam adhibitis, qui-
„ bus ego adductus, id ad meam ipſius Regno-
„ rumque meorum, Chriſtianæque Reipublicæ
„ utilitatem facere deberem. Equidem omnibus
„ in rebus Beatitudinis Tuæ in me benevolentiam
„ agnoſco, atque res meæ, quantæ curæ ei ſint,
„ planè perſpicio. Quibus ego maximis, ac plu-
„ rimis ei adjunctus officiis ſacratos pedes tuos
„ venerabundus oſculor, Tuæque Beatitudini in
„ mentem revoco id, quod antea ad eam ſcripſi,
„ ac per Joannem Tellum meum Conſiliarium,

Apoſt. Epiſt. Pii V. lib. 4. Epiſt. 29.

„ & apud Sedem iſtam Oratorem, ac proinde per
„ Ludovicum de Torres mandavi referendum San-
„ ctitati Tuæ me nimirum ab ejuſmodi conſilio
„ longè adhuc animo abfuiſſe. Quod ſi cogita-
„ tionibus meis ſic anteverterit Deus, ut id ali-
„ quando faciendum eſſe conſtituam; nihil tamen
„ abſque Beatitudinis Tuæ conſilio, judicioque
„ diſcernendum putabo. At verò quoniam res jam
„ eo loco ſunt, ut quidquam aliud de illis conſti-
„ tuere mihi non ſit integrum, uti Beatitudini
„ Tuæ exploratum eſt; ab ea ſupplex peto, atque
„ oro, ut quemadmodum eam facturam eſſe con-
„ fido, conſiliorum meorum rationes omnes æqui,
„ bonique conſulat. Cætera porro, quæ ad hæc
„ attinent, Sanctitas Tua facilè intelliget, tum
„ ex ipſo Ludovico, tum etiam ex meo iſtic Le-
„ gato: quorum ego ſententiæ planè ſubſcribam.
„ Sanctiſſime in Chriſto Pater, ac Beatiſſime Do-
„ mine, Sanctitatem Tuam in multos annos ad
„ Eccleſiæ ſuæ ſanctæ utilitatem Deus incolumem
„ ſervet. Sintiæ XVIII. Kal. Octob. M.D.LXX.

132 Ponderando o prudente juizo do inſigne D. Jeronymo Oſorio, que neſte tempo governava a Mitra do Algarve, as conveniencias, que reſultavaõ a ElRey D. Sebaſtiaõ de celebrar o ſeu caſamento com a Infanta de França, lhe eſcreveo a ſeguinte Carta, onde cada clauſula he hum manifeſto argumento da fidelidade do ſeu animo, e madureza do ſeu talento.

Se-

„ Senhor. Corre fama por eſta terra, que
„ V. A. he caſado em França, ſe aſſim he, ſerá
„ para gloria de Noſſo Senhor, e proſperidade
„ deſtes Reynos, e grande nome de V. A. o qual
„ já neſte negocio naõ póde ſer pouco; porque
„ dizem, que naõ caſa V. A. por ſua vontade,
„ mas pelo que convém à paz, e proveito dos
„ ſeus Reynos, e Senhorios; no que ſe vê a gran-
„ de merce, que nos faz a todos o Senhor Deos,
„ pois nos deu Rey, que em taõ pouca idade ſe
„ naõ governa por apetites, ſenaõ por juizo de
„ prudencia ſingular. Muitas differenças aſſinaõ
„ Filoſofos entre tyrannos, e Reys, mas eu cui-
„ do que huma ſó baſta, que he a vontade, e
„ razaõ; a vontade por ſi ſem obediencia do
„ entendimento he deſconcerto, e tyrannia, e
„ mais certa eſtrada do inferno, que ſabemos, e a
„ boa razaõ he luz natural, e divina; pelo que
„ com muito fundamento ſe virmos hum homem
„ fazer muitos milagres, e juntamente ſouber-
„ mos, que he voluntario, podemos determinar,
„ que nem he juſto, nem virtuoſo, e que os mi-
„ lagres ſaõ falſos, como os do Antichriſto. Pe-
„ lo contrario, quando puzermos os olhos em ho-
„ mem deſafeiçoado em ſeu proprio parecer, e
„ que facilmente ſegue a razaõ dos outros quan-
„ do he melhor, que a ſua, podemos preſumir,
„ que eſte tal naõ ſómente governará bem a ſi,
„ mas a Imperios muito grandes. Naõ ha quem
„ per

Carta de D. Jeronymo Oſorio para ElRey D. Sebaſtiaõ.

„ per ſi alcance tudo o que lhe convém, por iſſo
„ quiz Deos para ſupplemento deſta falta dar a
„ Reys tamanhos eſtados, para que de infinito
„ numero de homens pudeſſem eſcolher alguns
„ ſingulares para ſeu conſelho, os quaes lhe naõ
„ trataſſem fallar à vontade por ſeus reſpeitos par-
„ ticulares, mas tratar em verdade pura a fim do
„ bem commum, pelo qual naõ ſaõ obrigados ſó-
„ mente os Principes a enfrear ſuas affeições, mas
„ tambem a pôr a vida pela dos ſeus.

„ Tudo o que digo he para ver mais clara-
„ mente quam digno de louvor foy o feito que
„ V. A. fez; porque quanto mais fóra eſtava de
„ ſe caſar, tanto mais Real animo moſtrou em
„ reſiſtir à ſua propria vontade, e obedecer à ra-
„ zaõ, ou para melhor dizer à Ley de Deos, em
„ ſe negar a ſi meſmo por acudir à neceſſidade dos
„ ſeus; e para que veja quanto contentamento
„ deve ter deſta victoria, ainda que pareça pou-
„ co neceſſario, direy em ſumma alguma parte
„ os frutos, que deſte caſamento podem reſultar.

„ França tem forças, ſitio, e diſpoſiçaõ
„ para muito mal, e para muito bem; o mal ſen-
„ timos aſſaz nos grandes roubos, e damnos, que
„ a eſte Reyno tem feito, e iſto naõ havendo
„ guerra apregoada, pois que fora ſe a houvera!
„ Ao grande Emperador Carlos V. atava os pés,
„ e as mãos, de tal maneira, que ſe naõ ſabia
„ dar a conſelho, nem podia levar avante ſuas
„ em-

„ emprezas, como desejava. O bem parece que
„ tem Deos posto nas mãos de V. A. sendo isto
„ assim, que mór gloria póde ser de V. A. que
„ mudar com este seu casamento o estado das cou-
„ sas de tal sorte, que a fonte de tantos males se
„ remedee, e converta em fonte de muitos, e
„ grandes bens. O que Portugal tem, naõ está
„ no cofre, tudo anda fóra. O comercio de Flan-
„ des, de Alemanha, de Italia naõ teremos, se os
„ Francezes naõ quizerem; o senhorio das Ilhas
„ de Guiné, e da India custará em se defender
„ trabalho, perigo, e despeza intoleravel.

„ Nas cousas de Religiaõ, em que tanto
„ vay, naõ poderemos consultar a Sede Apostoli-
„ ca sem grande risco, se França nos cerrar os
„ pórtos. O trigo nos póde muitas vezes faltar em
„ nossas necessidades; todos estes males se evita-
„ raõ por meyo deste casamento, com a confor-
„ midade dos Principes Catholicos, que com el-
„ le se segura, póde haver effeito. Naõ sem cau-
„ sa he desejado tantos annos hà este matrimonio,
„ nem sem mysterio o procura ElRey de Castel-
„ la vosso tio, naõ sem conselho de Deos insta
„ tanto nelle o Padre Santo. Huma das mais ale-
„ gres merces, que Portugal recebe da maõ de
„ Nosso Senhor foy o nascimento de V. A. naõ
„ será menos alegre a merce deste casamento; por-
„ que naõ sómente dos homens, mas dos mon-
„ tes, e dos valles será festejado. Além de tudo
„ isto

„ iſto cumprirá V. A. com o que deve a ſeus vaſ-
„ ſallos; porque lhe deve Principes, que ſe pare-
„ ceraõ com os Reys de glorioſa memoria, ſeus
„ avós. He eſta obrigaçaõ tamanha, que obri-
„ gou a alguns Principes ſahir de ſeu Moſteiro,
„ por naõ haver outros mais chegados à Coroa,
„ até naõ ſómente reynarem, e terem filhos; por-
„ que de outra maneira correriaõ os Reynos riſ-
„ co de ſe perderem com diſcordias, ou pelo me-
„ nos perderem a liberdade. E pois V. A. naõ
„ he frade, em caſar naõ ha que ter eſcrupulo,
„ deve-o ter muy grande na dilaçaõ, porque tar-
„ da em officio de juſtiça, que he pagar o que
„ deve aos ſeus. Lembro tambem a V. A. que
„ quando nos dizem, que mata muitos porcos,
„ ou veados, eſmorecemos com medo de algu-
„ ma quéda perigoſa: pois como tomaremos paſ-
„ ſar V. A. em Africa ſem deixar primeiro filhos em
„ Portugal; pelo que ſe V. A. deſeja de pôr em
„ effeito ſeus altos penſamentos, e deſtruir por
„ ſua parte, quanto nelle for, a infernal Seyta
„ de Maſamede, e ter para grandes prazeres in-
„ teira liberdade, convém muito, que naõ ponha
„ ſeu caſamento em dilaçaõ, para que ſe naõ di-
„ late ſua gloria. Muitas outras razões tenho,
„ de que naõ trato, por naõ enfadar mais a V. A.
„ naõ faltará por ventura quem diga, que ſaõ ra-
„ zões humanas, e que muitas vezes ſuccede a
„ quem as ſegue, o contrario do que imagina,
„ he

„ he muy grande verdade, mas que ſazemos,
„ porque em quanto naõ temos revelaçaõ divina
„ do contrario obrigados ſomos a ſeguir a razaõ.
„ Quem tiver eſpirito de profecia, ſaya ao cam-
„ po, e dé ſinaes, que nos moſtre ſer elle pro-
„ feta verdadeiro, e diga a grandes vozes *Hæc*
„ *dicit Dominus Deus*; quem iſto naõ fizer, e
„ ſem revelaçaõ inſiſtir em contrariar taõ eviden-
„ tes razões, denos licença que o tenhamos por
„ protervo, e voluntario, e naõ eſpiritual, ou
„ prudente; mas bem cuido, que ninguem ſerá
„ de contrario parecer, do que tenho dito. Naõ
„ he conſelho, porque naõ ſou taõ atrevido, que
„ o dé ſem ſer chamado, mas he feſtejar a victo-
„ ria, que V. A. de ſi meſmo alcançou, e moſ-
„ trarlhe as razões, que tem para ter, do que
„ ſegundo ſe affirma fez, muy grande contenta-
„ mento. Do que me fica por fazer, terey eu muy
„ grande cuidado, que he pedir a Noſſo Senhor
„ em minhas orações, e ſacrificios, que o Real
„ Eſtado de V. A. proſpere, e augmente com
„ geraçaõ glorioſa, e bemaventurada.

CAPITULO XXV.

Gratifica a Deos a Cidade de Lisboa com solemnes applausos o beneficio da extinçaõ da peste, cuja gratificaçaõ se executa por ordem delRey.

1570

133 EXtinctos os rayos, com que a Divina Justiça tinha severamente fulminado o povo de Lisboa, começou pela declinaçaõ do contagio a respirar de taõ fatal calamidade, e já quando chegou o Natal, estava a Cidade restituida à sua antiga saude. Os pobres opprimidos com a fome, sem temor ao perigo, concorriaõ para a Corte; porém os poderosos, e ricos consternados com o receyo de que na Primavera se renovasse o contagio, como tinhaõ prognosticado os Medicos, se naõ resolviaõ a deixar os lugares, que buscaraõ para asylo, e conservaçaõ das suas vidas. Assistia neste tempo ElRey D. Sebastiaõ em Salvaterra, a quem expoz por huma Carta o Senado de Lisboa, como Deos lembrado da sua piedade, e esquecido dos peccados, com que fora provocada a sua Justiça, suspendera o formidavel flagello da peste, que devorara grande parte dos moradores de Lisboa. Conhecendo ElRey, que taõ grande beneficio devia

devia ſer publicamente gratificado, eſcreveo a ſeguinte Carta.

Ordena ElRey ao Senado de Lisboa ſe rendaõ graças a Deos por ter ſuſpendido a peſte.

„ Vereadores, e Provedores dos Miſteres „ da Cidade de Lisboa. Eu ElRey vos envio „ muito ſaudar. Vi voſſa Carta de 10 deſte mez, „ e os teſtemunhos dos Fiſicos, que com ella „ me enviaſtes ſobre a ſaude deſſa Cidade, pelos „ quaes parece, que louvado Noſſo Senhor, eſ„ tá agora ſãa; e porque he já tempo de ſe fazer „ a Prociſſaõ ſolemne, que me eſcreveſtes, que „ tinheis aſſentado, que ſe fizeſſe, para ſe darem „ graças a Deos por taõ grande merce, como eſ„ ta he, vos encomendo, que ordeneis como lo„ go ſe faça a dita Prociſſaõ com toda a ſolem„ nidade, devoçaõ, e demonſtraçoens de reco„ nhecimento, que ſe deve a Noſſo Senhor por „ eſta merce ſua taõ mal merecida dos homens, „ e taõ propria da ſua Miſericordia; e deveis tam„ bem ter muy particular cuidado de fazer proſe„ guir com toda a diligencia a obra do Templo „ do Bemaventurado S. Sebaſtiaõ, conforme ao „ que vos tenho eſcrito, e ao voto, que eu fiz, „ e aſſim ao que vós tendes feito em nome da Ci„ dade, eu o hey. Eſcrita em Salvaterra a treze „ de Abril de mil quinhentos e ſetenta.

REY.

134 Em obſervancia deſta Real ordem mandou o Senado de Lisboa, que a vinte de Abril

Prociſſaõ de acçaõ de graças por ter ceſſado a peſte.

ſe fizeſſe huma Prociſſaõ ſolemne, para cujo apparato concorreraõ os moradores de taõ nobre Cidade. Na veſpera ſe illuminaraõ de noite todos os Edificios, e torres das Igrejas, formando os ſinos huma plauſivel, e eſtrondoſa conſonancia. Precediaõ à Prociſſaõ varias danças, e jocoſas invenções, que augmentavaõ o jubilo univerſal. Compunha-ſe toda a comitiva do Clero, Familias religioſas, Parochias, e Confrarias, ſendo taõ numeroſa, que ſahindo da Sé pela menhãa, eraõ duas horas depois do meyo dia, quando entrou na Igreja do Convento de S. Domingos. Sobre hum precioſo andor era levada a Imagem da Senhora da Saude, a cuja protecçaõ era a Cidade devedora da que experimentava depois de taõ horrivel contagio. No fim de toda a Prociſſaõ ſe via outro andor, no qual eſtavaõ collocadas as mais inſignes Reliquias, que ſe veneraõ neſta Corte. Depois de entrar a Prociſſaõ, ſubio ao pulpito o Meſtre Fr. Joaõ da Sylva, da Ordem dos Prégadores, e narrou os calamitoſos effeitos da peſte, cuja violencia arrebatara a cincoenta mil peſſoas, e convertendo o paſſado horror em a preſente alegria, exhortou ao numeroſo auditorio a render graças ao Altiſſimo por beneficio taõ grande.

135 Recebendo a vinte e dous de Mayo aviſo o Senado de Lisboa, de que ElRey partira de Salvaterra, para ſe apoſentar no Real Convento

to de Belem, e como naquella ſemana ſe celebrava a Feſta do Corpo de Deos, imaginaraõ todos que vinha acompanhar a Prociſſaõ, que a Igreja Catholica inſtituira em applauſo de taõ amoroſo Myſterio. A brevidade do aviſo naõ permittio, que ſe executaſſe o recebimento, que o amor, e ſaudade dos vaſſallos queriaõ fazer ao ſeu Principe. Ordenou-ſe que todas as náos ancoradas no Tejo levantaſſem as amarras, e que embandeiradas velejaſſem para ſalvar com feſtivas deſcargas da artilharia, quando ElRey atraveſſaſſe o rio, além de outras embarcações cheyas das danças, que eſtavaõ preparadas para a Prociſſaõ com muitas caravellas cheyas de luſtroſas companhias de Soldados; porém todo eſte apparato ſe fruſtrou chegando ElRey de noite, quando já ſe naõ eſperava. Aſſiſtio huma ſemana no Convento de Belem, donde ſem entrar na Corte partio para Cintra. A Rainha ſe reſtituhio de Villa-Franca a Lisboa a dezaſeis de Junho com a Infanta D. Maria, apoſentando-ſe eſta nas caſas junto a Santa Apollonia, e aquella no Palacio de Xabregas; e a vinte e oito de Julho ſe abriraõ todas as portas da Cidade, em ſinal de eſtar totalmente extincta a peſte.

Feſtas, que preparou Lisboa para receber a ElRey.

136 Saõ dignas de eterna memoria algumas acções, que ElRey obrou no tempo que vio o ſeu povo conſternado com o contagio, pois além de diſpender da ſua Real fazenda mil cruzados

cada

Edifica-ſe o Recolhimento de Santa Martha, que depois foy Convento de Religioſas Franciſcanas.

cada dia para cura dos infermos, compadecido do deſamparo, e orfandade das mulheres, e filhas dos ſeu criados, extinctos pela violencia do contagio, lhes mandou fazer hum Recolhimento dedicado a Santa Martha, para nelle viverem, aſſinando-lhe para ſua ſuſtentaçaõ de renda annual mil cruzados, e vinte moyos de paõ. Com a virtuoſa, e prudente direcçaõ da ſua Regente Maria dos Anjos, ſe reſolveraõ todas a profeſſar a Ordem de Santa Clara, e alcançada faculdade do Cardeal D. Henrique, Legado Apoſtolico, e Rey deſta Monarchia, paſſou o Recolhimento a Caſa Religioſa, em cujo Edificio ſe lançou a primeira pedra a ſeis de Fevereiro de 1580. Vieraõ do Convento de Santa Clara de Santarem, com licença do Summo Pontifice Gregorio XIII. as primeiras Fundadoras, e Meſtras dos eſtylos Monaſticos; e a cinco de Novembro de 1583, por ordem do Arcebiſpo de Lisboa D. Jorge de Almeida, a cuja obediencia havia eſtar a nova Communidade, ſe entregou o governo della à Madre Soror Maria do Prezepio, nomeada por Abbadeſſa. Era eſta Religioſa parenta muito chegada dos Condes de Sortelha, por ſer filha de Henrique da Sylveira, e D. Iſabel Pereira, a qual acompanhada de duas ſobrinhas, filhas de ſeu irmaõ Antonio da Sylveira, e D. Brites de Mendoça, eſtabeleceraõ a fórma regular, com tanta prudencia, que paſſados poucos annos ſahiraõ

Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 2. cap. 2.

raõ deſte Clauſtro Fundadoras do Convento do Salvador de Evora, conſervando até o tempo preſente eſte reformado Convento ſer a paleſtra da mais exemplar obſervancia do Serafico Inſtituto.

CAPITULO XXVI.

Supplica ElRey ao Pontifice a erecçaõ da Cathedral de Elvas, e de quem foy o ſeu primeiro Biſpo. Viſita o Real Convento da Batalha, e ſe relata a pompa, com que foy recebido pela Academia Conimbricenſe.

137 PAra complemento dos glorioſos tymbres, com que ſe ennobrecia a Cidade de Elvas, antiga por fundaçaõ, magnifica em edificios, e fecunda em todo o genero de frutos, foy neſte anno a nove de Junho ſublimada à Dignidade Epiſcopal por Bulla de S. Pio V. expedida às piedoſas inſtancias delRey D. Sebaſtiaõ, que ſinalou para territorio do novo Biſpado as Villas de Olivença, Campo-Mayor, e Ouguella, pertencentes ao Biſpado de Ceuta, que vagara por morte de D. Jayme de Lencaſtre, filho de D. Jorge de Lencaſtre, Duque de Coimbra, e Meſtre de Santiago, como tambem as Villas de Barbacena, Monforte, Cabeço de Vide, Alter Pedroſo, Alter do Chaõ, Fronteira, Vey-

1570

Erecçaõ da Cathedral de Elvas.

Veyros, Alandroal, Jurumenha, Villa-Boim, e Villa-Fernando com ſeus termos, que ſe deſmembraraõ do Arcebiſpado de Evora, com conſentimento de ſeu Prelado D. Joaõ de Mello, a quem ficou ſuffraganeo o novo Biſpado. Foy nomeado primeiro Paſtor deſta Dioceſe o Doutor Antonio Mendes de Carvalho, natural da Villa de Caminha, que eſtudando em a Univerſidade de Pariz, taes foraõ os progreſſos, que fez a ſua eſtudioſa applicaçaõ, que o chamou ElRey D. Joaõ o III. para illuſtrar a de Coimbra com o ſeu magiſterio, lendo huma Cadeira de Letras humanas. Provido em huma Abbadia do Biſpado do Porto o nomeou ElRey D. Sebaſtiaõ Prior mór da Ordem Militar de Aviz, cuja Dignidade naõ aceitou pelo amor que tinha às ſuas ovelhas, em cujo paſto ſe enſayou o ſeu zelo paſtoral para governar mayor rebanho, ſendo eleito primeiro Biſpo da Cidade de Elvas, em cuja Dignidade foy ſagrado em o Real Convento de S. Vicente de Fora na terceira Dominga de Setembro de 1571, por D. Franciſco Caõ, Biſpo de S. Thomé, e Aſſiſtentes D. Fr. Jorge de Lemos, Biſpo do Funchal, e D. Fr. Jeronymo Pereira, Biſpo de Sale, Coadjutor do Infante Cardeal, ambos da illuſtre Ordem de S. Domingos. No anno ſeguinte de 1572 celebrou Synodo, em que approvou, com conſentimento de todo o Clero, as Conſtituiçoens do Arcebiſpado de Evora, pelas quaes

Quem foy o ſeu primeiro Biſpo.

Barboſ. *Faſt. Polit. e Milit. da Luſit.* Tom. 1. pag. 115.

quaes se governou até o anno de 1634. Assistio nas Cortes de Thomar, celebradas no anno de 1581. Nunca faltou às Horas Canonicas, sendo o primeiro que entrava no Coro. Todos os Domingos, e dias Santos instruía no pulpito, e no confessionario as suas ovelhas, visitando pessoalmente aos enfermos: e como ministrasse a hum o Viatico, a tempo, que em Elvas assistia Filippe Prudente, perguntou se fizera aquella acçaõ por elle estar presente; e sendo informado de que era seu antigo costume, o mandou chamar, para o prover em hum Arcebispado opulento, que naõ aceitou, julgando-se indigno de governar rebanho mais numeroso. Tudo quanto percebia do rendimento do Bispado, repartia com os pobres; de tal sorte, que com grande repugnancia deu seiscentos mil reis de dote a sua sobrinha; quando se casou com Antonio da Gama, que possuia hum rendoso Morgado em Elvas. Comia parcamente com a sua familia, e do melhor manjar fazia esmola pela propria maõ a algum pobre. Dormia no chaõ sobre huma esteira, e quando estava enfermo usava de hum colchaõ muito delgado. Cheyo de annos, e merecimentos faleceo entre as suas ovelhas a nove de Janeiro de 1591, cujo dia tinha prognosticado. Foy transferido por seu successor D. Antonio de Mattos de Noronha, do pavimento da Capella mór, que novamente edificara, para o presbyterio da parte

da Epiſtola, e ſobre a ſepultura tem gravado eſte Epitafio.

Sepultura de D. Antonio Mendes, primeiro Biſpo deſta Cidade, e Biſpado de Elvas. Falleceo a 9 de Janeiro de 1591 annos.

Intenta viſitar a Univerſidade de Coimbra.

138 Dilatava-ſe a fama dos progreſſos literarios da celebre Univerſidade de Coimbra, naõ ſó em o Reyno, mas por todo o Mundo, com que a providencia delRey D. Joaõ o III. reſtaurara eſta Athenas Luſitana, florente em o numero, e qualidade de Cathedraticos inſignes em todas as Faculdades; e como eſte auguſto Reſtaurador a tinha illuſtrado com a ſua preſença no anno de 1550, ſe reſolveo D. Sebaſtiaõ, imitando o exemplo de ſeu avó, viſitar a meſma Univerſidade, e aſſiſtir aos actos literarios, de que tinha baſtante conhecimento. Para eſte fim eſcreveo de Cintra a vinte e ſeis de Setembro deſte anno de 1570, ao Senado de Coimbra, ordenando-lhe, que queria ſer recebido com ſemelhante ceremonial, que ſe practicara com ſeu avó D. Joaõ o III. Dirigio a jornada pela Villa da Batalha, para viſitar o ſumptuoſo Convento, que fora magnifica fundaçaõ delRey D. Joaõ o I. onde habitaõ os ſabios filhos do nobiliſſimo Patriarca S. Domingos. Recebido D. Sebaſtiaõ com exceſſivo jubilo por taõ authoriſada Communidade, quiz examinar com os olhos o corpo incorrupto delRey D. Joaõ o II.

que

que descansa naquelle Mosteiro esperando unir-se ao seu espirito no dia do Juizo final; e admirando como a morte naõ sómente respeitara o cadaver, mas as roupas, que tinha vestido, se encheo de hum reverente pavor, venerando-o como Santo. Desta piedosa acçaõ passou a outra dictada pelo impulso do seu coraçaõ, mandando, que se puzesse o cadaver em pé, e metendo-lhe na maõ direita a propria espada do Rey defunto, disse para o Duque de Aveiro D. Jorge de Lencastre, que beijasse a maõ a seu Bisavó, o que promptamente executou, beijando primeiramente a maõ de quem o mandava; e olhando para o Duque, lhe disse: *Este foy o melhor official, que houve do nosso officio*; reduzindo a estas breves palavras os elogios, que merecia o militar valor de D. Joaõ o II. que para argumento da estimaçaõ, que fazia da memoria deste Principe, o intitulava muitas vezes o seu Rey.

Entra ElRey em o Convento da Batalha, e o que nelle obrou.

139 Chegada a noticia de que ElRey a doze de Outubro pernoutara na Villa de Soure, se juntou todo o corpo da Universidade de Coimbra às duas horas da tarde no terreiro com o Reytor D. Jeronymo de Menezes, filho de Henrique de Menezes, Governador da Casa do Civel, e D. Brites de Vilhena, filha de Ruy Barreto, Alcaide mór de Faro (que depois illustrou com o seu grande talento as Cathedraes de Miranda, e do Porto) esperar a ElRey a S. Martinho do

He recebido em Coimbra com toda a pompa.

Cunha *Catalog. dos Bisp. do Port.* cap. 80.

Biſpo. O Biſpo de Coimbra D. Fr. Joaõ Soares com D. Affonſo de Caſtellobranco, Conego Magiſtral, Franciſco Fernandes, Proviſor do Biſpado, Joaõ Pimentel, Vigario Geral, e Sebaſtiaõ de Madureira, Prior da Igreja de S. Martinho de Salreo, ſe adiantaraõ a cumprimentar a ElRey, que entrou na Cidade às quatro horas da tarde de treze de Outubro, acompanhado do Cardeal D. Henrique, e o Senhor D. Duarte, filho dos Infantes D. Duarte, e D. Iſabel. Beijou a maõ o Reytor a ElRey, e ao Cardeal, e fez huma profunda inclinaçaõ ao Senhor D. Duarte, que lhe correſpondeo tirando o chapeo. Semelhante ceremonial obſervaraõ os Lentes, e Doutores da Univerſidade, e mais Officiaes. Montados a cavallo os dous Principes, e o Senhor D. Duarte, com toda a Univerſidade foraõ caminhando pela ponte do Mondego até o arco da Portagem, onde eſperava a ElRey o Senado da Cidade, em cujo nome o congratulou o Doutor Jorge de Sá Sottomayor, Commendador da Ordem de Santiago, e Lente de Veſpera de Medicina, explicando a ſublime honra, que recebia com a ſua auguſta preſença, por eſtas vozes.

Oraçaõ do Doutor Jorge de Sá Sottomayor, com que congratulou a ElRey D. Sebaſtiaõ em nome da Cidade de Coimbra.

„ Muito alto, e muito poderoſo Rey, e „ Senhor noſſo. O grande Alexandre, Rey de „ Macedonia, viſitando as Cidades, que conquiſ- „ tara, a nenhuma lemos, que fizeſſe taõ avan- „ tejadas merces, e viſitaſſe com tamanho alvo-

„ roço

,, roço como Troya, assim por ser taõ celebra-
,, da de Poetas Historiadores, como por nella es-
,, tar sepultado o corpo do valeroso Grego Achi-
,, les, donde elle se gloriava, que procedia por
,, linha materna; mas tudo bem considerado,
,, muito mais razaõ tem V. A. Rey de muitos
,, Reys muito alto, e muito poderoso Christia-
,, nissimo Senhor, de vir com grandes desejos pa-
,, ra ver huma cousa taõ antiga, e insigne, e leal
,, como he, e sempre foy, esta vossa Cidade de
,, Coimbra, que se Troya foy affamada pela gran-
,, de destruiçaõ, e estrago, que nella fizeraõ qua-
,, tro Gregos mal avindos, esta o he em primei-
,, ramente ser fundada pelo affamado Hercules,
,, depois pelas sobrenaturaes victorias, que nella
,, residindo houveraõ vossos Progenitores contra
,, os perfidos Agarenos, sequazes da má, e de-
,, pravada secta do torpe Mafamede, sem nunca
,, se intrometer cousa que interrompesse este feli-
,, cissimo curso de victorias.

,, Aqui por esse proprio lugar, em que ora
,, está V. A. partio o grande, e sempre triumfa-
,, dor Rey D. Affonso Henriques, rodeado dos
,, seus Leoens Coimbrãos, e de alguns outros
,, Portuguezes a presentar batalha a cinco pode-
,, rosos Reys Mouros, e qual fosse o seu poder,
,, e multidaõ, que se ajuntaraõ, além de no lo
,, mostrarem as breves, mas verdadeiras Chroni-
,, cas Portuguezas, se collige claramente dos al-
,, vitres

„ vitres dos Mouros, que por muito tempo com
„ ſuas falſas prégações, e damnoſas ſuperſtições
„ convocaraõ todo o poder da Mouriſma, e o
„ ſucceſſo de taõ animoſa empreza nos moſtraraõ
„ as Quinas das ſuas Reaes Armas, que entaõ ſe
„ vio pelos deſpojos com que os Templos, e tor-
„ res deſta Cidade foraõ ornamentados.

„ Deſta Cidade partio o meſmo Rey, de-
„ pois de paſſar muitos tranzes, e vencer outras
„ naõ menos milagroſas batalhas, e tomar a in-
„ explicavel Villa de Santarem, e em hum bre-
„ ve momento a tomou; couſa que neſte tempo
„ parece impoſſivel a todo o poder humano. Deſ-
„ te lugar partio o meſmo Rey aſſentado em hum
„ carro, que com mais razaõ ſe podera chamar
„ triumfante, que a dos antigos ſoberbos Roma-
„ nos carregado de muitas armas, e minguado já
„ de forças corporaes, mas naõ de reaes heroicos
„ eſpiritos a ſoccorrer o Principe D. Sancho, ſeu
„ filho, que eſtava cercado na Villa de Santarem
„ de muitos Reys Mouros, e de tanta infinida-
„ de de barbaros, que ſecavaõ os rios perenaes,
„ cobriaõ a terra, e pareciaõ como novo, e nun-
„ ca ouvido genero de diluvio, querendo outra
„ vez alagar o Mundo, e a fama do ſeu ſoccorro,
„ poz tal eſpanto naquella deſcrida, e humanavel
„ canalha, que naõ ouſando experimentar a in-
„ vencivel eſpada Portugueza, a ſi ſe deciparaõ,
„ como o rijo vento decipa as leves folhas, e em

„ fim,

„ fim, Senhor, daqui ſe conquiſtou a mayor par-
„ te deſtes voſſos grandes, e poderoſos Senhorios,
„ ou para melhor dizer, todos elles; e em toda
„ eſta larga, e perigoſa conquiſta ſempre os Leões
„ Coimbrãos foraõ os primeiros, que com mais
„ promptidaõ, que todos os outros ſe offerece-
„ raõ aos perigos, pondo a cada paſſo a deſejada
„ vida a riſco da temeroſa, e abreviada morte;
„ e quem vio o que neſta Cidade aconteceo à
„ poucos dias, o goſto, e preſſa com que todos
„ corriamos, a quem mais podia, a morrer pelo
„ ſerviço de Deos, e voſſo, poderá com razaõ
„ affirmar, que naõ degeneramos de noſſos ante-
„ paſſados: eu farey certo, que em todo o diſ-
„ curſo da Hiſtoria dos animoſos Lacedemonios
„ naõ ſe contaõ tantos ditos animoſos, como ſe
„ diſſeraõ neſta Cidade em eſpaço de hora, e me-
„ ya, em que ſe juntaraõ duzentos de cavallo,
„ e paſſante de tres mil de pé, em que nunca ſe
„ ouvio, nem ouvira, que em tanta multidaõ de
„ homens naõ ſe achaſſe hum, que recebeſſe a ſi
„ meſmo taõ legitima eſcuſa, como he, aleijaõ,
„ doença, e velhice: e ſe eſtando V. A. taõ lon-
„ ge, ſó com o ſeu venturoſo nome aſſim ſe eſ-
„ queceraõ das mulheres, e da propria vida, que
„ ſerá eſtando voſſa real Peſſoa preſente, mas que
„ ſerá ſendo partecipante dos perigos? Que eſ-
„ quadraõ por creſpo, e conjurado que ſeja naõ
„ romperáõ com muita facilidade, e que muro
„ por

„ por alto, e forte que seja, que Marrocos naõ
„ levaraõ nas unhas do primeiro impeto? Quan-
„ to havia que contar, quanto que encarecer,
„ quanto de que espantar; mas, Senhor, conso-
„ laçaõ he desta vossa Cidade, que tambem a
„ mi abrange, como natural della, ter grandes
„ animos para servir, e nenhuma lingua para en-
„ carecer serviços: e se algum envejoso, e ami-
„ go detrair, que naõ havia Turcos, nem Lu-
„ theranos, com que pelejar; a este responderey
„ com Plinio mais moço, que tanto monta ha-
„ vellos, como ir com firme presumpçaõ que os
„ ha, e mais perto.

„ E o porque deve mais estimar V. A. esta
„ Cidade he, porque nos tempos duvidosos nun-
„ ca o foy; mas antes com muy grande gosto,
„ e perigosa lealdade, toda inteira seguio a voz
„ de seus naturaes Reys, e Senhores, o que he
„ muito de notar, e que nunca se lêo, nem ou-
„ vio, que Cidade alguma fizesse em todo o Mun-
„ do; nesta ponte os meninos della vestidos co-
„ mo melhor poderaõ, fizeraõ o que até aquel-
„ le tempo naõ ousaraõ fazer arriscados Cavallei-
„ ros, e Senhores de titulo; porque remetendo
„ ao magnanimo de Aviz D. Joaõ o I. de glorio-
„ sa memoria, com grandes gritos o alevantaraõ
„ por Rey, dizendo: Venha embora o nosso
„ Rey, sem nunca deixarem sua milagrosa pro-
„ fia, até se pegar a todos os circunstantes; hou-
„ veraõ

,, veraõ vergonha as outras Cidades ver, que até
,, os meninos desta confessaraõ taõ justa causa;
,, dalli por diante todos de commum consenti-
,, mento o publicavaõ por Rey, e como tal obe-
,, deceraõ, e serviraõ. Deixo de contar outras,
,, que naõ daõ menos testemunho da nobreza, e
,, lealdade desta Cidade, porque hey medo, que
,, creça o arresoamento mais do que eu quizera,
,, e do que o tempo requere. E se ao mesmo Ale-
,, xandre pareceo sufficiente causa de se alegrar na
,, entrada de Troya, e de lhe fazer honras, e
,, merces por seu parente Achilles, que nella es-
,, tava sepultado, quanto mayores as tem V. A.
,, de fazer a esta Cidade outras muito grandes pe-
,, los parentes, que nella tem. Que he Achilles,
,, naõ digo eu para se comparar com o grande
,, D. Affonso Henriques, mas com hum de seus
,, Capitães? Quem será taõ falto do juizo, que
,, compare tantas Cidades tomadas, tantos Se-
,, nhorios, e Reynos conquistados, tantos Reys
,, vencidos, e prostrados a seus pés com o desa-
,, fio que teve Achilles com Hector! Pela mes-
,, ma razaõ comparey eu o escasso lume aos es-
,, plendissimos rayos do Sol, ou huma pequena
,, formiga com hum Elefante: mais victorioso que
,, Alexandre, e mais animoso que Hercules, mais
,, bem afortunado que Julio, que taõ celebrado
,, nome deixou a seus successores, o vereis no an-
,, tigo Mosteiro de Santa Cruz; o seu retrato ti-

„ rado ao natural eſtá ſobre ſua ſepultura ; mais
„ ao diante o eſcudo, e eſpada, que por meyo
„ da barbara, e cega Mouriſma abrio o caminho
„ por onde depois ſe houveraõ taõ eſtremadas, e
„ eſpantoſas victorias.

„ Se Alexandre julgou a Achilles por dito-
„ ſo por ter Homero por pregoeiro de ſeus lou-
„ vores, com quanta mais cauſa devemos todos
„ ter a eſte magnifico Rey por bemaventurado,
„ aſſim por ſuas extremadas excellencias, e virtu-
„ des, como por ter a V. A. por ſucceſſor, por-
„ que iſto tenho eu por mais felicidade, que tu-
„ do o que ſe póde contar ; a V. A. com muita
„ razaõ ſe deve ter na meſma conta por deſcen-
„ der do tronco magnifico, e invencivel Rey ;
„ mas qual o ſeria mais era de averiguar, ſe o
„ tempo o permittira, porque ſe o Proverbio dos
„ Gregos he verdadeiro, que pelas unhas ſe co-
„ nhece o Leaõ, já agora podemos comparar
„ voſſas futuras proezas a hum grande mar, e as
„ ſuas, poſto que grandes, a hum pequeno rio,
„ ou regato ; e ſe V. A. pelas cauſas ditas, e por
„ outras muitas que callo, tem razaõ de vir ver
„ Cidade taõ inſigne, e leal, que diremos do
„ grande alvoroſſo com que vos eſpera ? Para
„ moſtra de que baſtaõ os extremos, que ſe nel-
„ la fizeraõ quando o Mundo eſtava ſuſpenſo por
„ voſſo milagroſo naſcimento : que eſpirito hou-
„ ve taõ deleixado, que naõ eſpertaſſe, ou naõ
„ ſentiſſe

„ ſentiſſe em ſi hum novo cuidado, que por tra-
„ balhos, que tiveſſe, pode entregar o corpo ao
„ pezado ſomno, e que naõ foſſe banhado em
„ lagrymas: bem podera entaõ dizer toda a Ci-
„ dade com tanta razaõ o que David dizia. Re-
„ garey os meus olhos com minhas lagrymas; mas
„ era o noſſo intento, eſquecido de tudo o mais
„ andar de Reliquia em Reliquia, de Igreja em
„ Igreja; até as inquietas Praças, amado Senhor,
„ e Rey noſſo, ſe tornaraõ devotas Caſas de Ora-
„ ções; pois que aſſim foy pelo goſto da voſſa
„ vinda à noſſa luz, com que alvoroſſo vos eſpe-
„ ra, com que lagrymas de prazer, que ſois Rey
„ alcançado por ellas, amado de todos: em fim,
„ he tal o alvoroſo de taõ exceſſiva gloria, que
„ naõ ha lingua em que dignamente ſe poſſa de-
„ clarar, e por iſſo imitando ao celebrado Pin-
„ tor Zeuxis cubrirey com o ſilencio o que ſe naõ
„ póde declarar com palavras; e imagino eu que
„ até as couſas que carecem de alma, ſe nellas po-
„ dera caber hum pequeno ſentir, naõ deraõ neſ-
„ ta parte ventagem aos homens; e o noſſo Mon-
„ dego, perpetuo companheiro deſta Cidade,
„ trabalhara de alevantar tanto ſuas apraziveis on-
„ das te ver voſſa Sereniſſima, e Real preſença;
„ e porque em tempo de tanta alegria naõ haja
„ aſſim couſa, que com razaõ a diminua, corta-
„ rey o fio; ſómente peço ſe haja V. A. por ſer-
„ vido de paſſar pelas ceremonias acoſtumadas na

„ entrada de tal Rey em tal Cidade; de lhe con-
„ firmar os antigos privilegios, e immunidades,
„ que pelos Reys voſſos anteceſſores, de glorio-
„ ſa memoria, foraõ com muita razaõ concedi-
„ dos. Pouco pede eſta Cidade taõ leal, e de tan-
„ to ſerviço a Rey taõ liberaliſſimo; mas V. A.
„ inſtigado de ſua natural magnificencia fará as
„ merces conforme ſua grandeza; porque taõ ne-
„ ceſſario he para o bom governo agalardoar ſer-
„ viços, como caſtigar delictos; e aſſim ſe haja
„ V. A. de tomar eſta chave, que por mim lhe
„ entregaõ os nobres Regedores, que eſtaõ pre-
„ ſentes, em nome dos Fidalgos, Cidadãos, e
„ povo deſta Cidade, para o tornarem a receber
„ de ſuas Reaes mãos com preito, e omenagem,
„ que fazemos a V. A. de morrermos todos por
„ defenſaõ de mais pequena ameya, e mais roto,
„ e velho muro della, e de em todo o tempo re-
„ cebermos voſſa Real Peſſoa com a fé, e leal-
„ dade, que noſſos antepaſſados receberaõ ſem-
„ pre ſeus naturaes Reys, e Senhores, e com
„ mais ainda, ſe elle mais poder ſer.

140 Acabada a Oraçaõ foy ElRey levado entre vivas, e acclamações à Cathedral, onde o recebeo veſtido de Pontifical o Biſpo Conde, e ſe hoſpedou no ſeu Palacio. Ao dia ſeguinte quatorze de Outubro quiz ElRey ver a ſala da Uniſidade, para cujo effeito ſe fabricou hum theatro mais alto hum degrao que os Doutoraes, ornado de

Viſita ElRey a Univerſidade de Coimbra.

de precioſos panos, o qual ſe coroava com hum docel, e debaixo delle duas cadeiras para ElRey, e o Cardeal, e hum coxim para o Senhor D. Duarte. Sentado ElRey, orou na lingua Latina o Doutor Luiz de Caſtro Pacheco, Lente de Veſpera de Canones, ſignificando com elegantes expreſſoens o jubilo que recebia todo o congreſſo Academico na occaſiaõ em que ſeu Monarca authoriſava com a preſença aquella famoſa Athenas. Na ſegunda feira dezaſeis de Outubro foy ElRey com o Cardeal D. Henrique, e o Senhor D. Duarte à hora de Prima viſitar as Aulas das quatro Faculdades, onde ouvio com igual goſto, que attençaõ aos Lentes, que regentavaõ as Cadeiras. Ultimamente querendo ver o acto de hum Doutoramento, aſſiſtio na ſala da Univerſidade a vinte de Outubro, onde para que foſſe mais plauſivel era o Candidato D. Jeronymo de Menezes actual Reytor da meſma Univerſidade, e depois de fazer o acto de Veſperas, orou elegantemente D. Franciſco de Menezes. Ao dia ſeguinte, aſſiſtindo ElRey, recebeo em o Convento de Santa Cruz as inſignias Doutoraes na Faculdade de Theologia, ſendo ſeu Padrinho Martim Gonçalves da Camera. Conferio-lhe o gráo o Meſtre Fr. Martinho de Ledeſma, da Ordem dos Prégadores, Lente de Prima; recitaraõ as Oraçoens Latinas Fr. Franciſco de Chriſto, Eremita de Santo Agoſtinho, Lente de Veſpera, e Fr.

Aſſiſte a hum acto de Doutoramento, que fez D. Jeronymo de Menezes, Reytor da Univerſidade.

D. Nic. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 10. cap. 1. §. 11.

Fr. Francisco de Caceres, Franciscano Claustral, Lente de Durando. Acompanhado dos Bedeis levou as luvas (propina que se costuma dar em semelhantes Actos) a ElRey o Mestre das Ceremonias, as quaes depois de as receber, as entregou a D. Pedro de Menezes, parente do Doutorado.

141 Como entre os edificios, que ornaõ a Cidade de Coimbra, seja o Convento de Santa Cruz o mayor, assim na antiguidade da fundaçaõ, como na magnificencia da obra, determinou ElRey visitallo, principalmente por ser augusto deposito dos primeiros Monarcas de Portugal. Avisado pelo Cardeal D. Henrique o Prior mór D. Lourenço Leyte desta resoluçaõ delRey, o esperou revestido de Pontifical com toda a Communidade à porta da Igreja, onde ElRey posto de joelhos beijou reverente o Santo Lenho, e logo levantou o Cantor mór o Cantico *Benedictus*, que foy proseguido pelos Conegos com suave harmonia. Chegando ElRey à Capella mór, tomou o hyssope da maõ do Prior mór, e lançou agua benta sobre as sepulturas dos Reys D. Affonso Henriques, e seu filho D. Sancho I. que estaõ collocadas aos lados do Altar mór. O Prior mór lhe mostrou a espada de D. Affonso Henriques, a qual tomou D. Sebastiaõ, e com grande veneraçaõ a beijou, dizendo aos Fidalgos da sua comitiva. *Bom tempo, em que se*

Visita a Igreja do Real Convento de Santa Cruz, onde venera a espada delRey D. Affonso Henriques.

Nic. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 10. cap. 20. §. 6. e 7.

ſe peleijava com eſpadas taõ curtas! Eſta he a eſpada, que libertou todo Portugal do cruel jugo dos Mouros ſempre vencedora, e por iſſo digna de ſe guardar com toda a veneraçaõ; e entregando-a ao Prior Geral, de quem a recebera, lhe diſſe. *Guarday Padre eſta eſpada, porque ainda me hey-de valer della contra os Mouros de Africa.* Paſſados oito annos, lembrado ElRey deſtas palavras, a mandou pedir ao Geral de Santa Cruz D. Pedro da Aſſumpçaõ, para com ella derrotar na expediçaõ de Africa aos ſequazes de Mafoma, de cujos fulminantes golpes tinhaõ ſido ſanguinolentas victimas: porém como eſtava determinada a ultima ruina deſta Coroa, naõ permittio a Providencia, que foſſe vencida huma eſpada ſempre victorioſa, ficando por eſquecimento na Armada, em que ElRey navegou para Africa.

Nic. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 10. cap. 22. §. 14.

CAPITULO XXVII.

Parte para o Braſil o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo com trinta e nove Companheiros Jeſuitas, e do glorioſo martyrio, que na viagem alcançaraõ em obſequio da Religiaõ Catholica.

142 NOmeado por Governador do Braſil D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, ſahio da barra de Lisboa a cinco de Julho

1570

Sahe do porto de Lisboa o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, e trinta e nove Companheiros Jeſuitas.

lho deſte anno de 1570, acompanhado de ſete náos, e huma caravella. Era Sotocapitanea deſta Frota a náo Santiago, onde ſe embarcou o Padre Ignacio de Azevedo com trinta e nove Religioſos da Companhia de JESUS, dos quaes huns eraõ Theologos, e Filoſofos, outros artifices de varias artes, e todos inſtruidos por taõ inſigne Meſtre na eſcola da perfeiçaõ Evangelica. Chegando à Ilha da Madeira, foraõ benevolamente hoſpedados no Collegio novo, que mandara neſte anno edificar ElRey D. Sebaſtiaõ pelos Padres Manoel de Sequeira, Belchior de Oliveira, e Pedro Quareſma. Eſperava D. Luiz de Vaſconcellos, receoſo das calmarias da linha, tempo propicio para continuar a jornada; porém como a náo Santiago levava fazendas de diverſas peſſoas para ſe comutarem com outros generos na Ilha de Palma, huma das Canarias, rogava o ſeu Capitaõ inſtantemente ao Governador lhe concedeſſe licença, para que deixando a Frota, navegaſſe ao porto, deſtinada baliza das ſuas conveniencias. Condeſcendeo o Governador a eſta ſupplica, e partio a náo a trinta de Junho, onde o Veneravel Padre Azevedo, Capitaõ daquella virtuoſa eſquadra a animava com coraçaõ preſágo a ſacrificar as vidas em obſequio da Fé de Chriſto. Paſſados ſete dias com proſpera viagem, como a náo diſtaſſe duas legoas e meya do porto que buſcava, retrocedeo por cauſa do vento ſer muito

to escasso, descahindo em hum surgidouro chamado *Terca-Corte*, donde depois de tres dias sahio com vento pouco favoravel, e quando rompia a manhãa se achou defronte da Ilha de Palma, que lhe augurava as que haviaõ empunhar triunfantes da pravidade heretica o Padre Ignacio de Azevedo, e seus heroicos Companheiros. Interrompeo o alvoroço dos navegantes com a vista do porto a voz do gageiro, clamando do topo do masto grande, que descobria huma náo alterosa, com quatro de menor grandeza. Capitaneava a principal Jaques Soria, nascido em o Condado de Aux, da Provincia de Normandia, acerrimo fautor da facçaõ dos Hugonotes, Almirante da Princeza de Bearne Joanna de Lebrit, intrusa Rainha de Navarra, o qual sahindo de Rochela, buscava com intrepido animo a Armada Portugueza; e posto que D. Luiz de Vasconcellos sahio velozmente a castigar o atrevido pensamento daquelle astuto pirata, como este soubesse por hum navio Flamengo, que a náo Santiago se tinha apartado da nossa Armada, e nella vinhaõ embarcados Jesuitas, cujos nomes lhe eraõ summamente odiosos, por serem declarados Antegonistas das blasfemias de Calvino, fugio tanto ao estrago, que o esperava, e se resolveo a empregar toda a furia contra aquellas innocentes victimas. A Capitania inimiga, que vinha guarnecida de trezentos Soldados, e bastan-

Encontra-se a náo Portugueza com cinco de hereges, de que era Capitaõ Jaques Soria.

te artilharia, tanto que aviſtou a náo Santiago, pertendeo abalroalla, para cujo effeito ſaltou o Patraõ com dous Francezes, que correndo da xareta para a popa, foraõ mortos, e precipitados ao mar. Irritados os inimigos com eſte ſucceſſo, inveſtiraõ ſegunda, e terceira vez inutilmente, até que da quarta, conduzindo para ſeu auxilio as quatro náos da ſua conſerva, a ferraraõ pela proa, e cercada de todas, foy o centro para onde ſe diſparava toda a artilharia, e arcabuzaria. Por huma, e outra parte ſe ſuſtentava com valeroſa reſiſtencia o combate, animando a huma a cauſa da Religiaõ, e da liberdade, e impellindo a outra o furor do odio, e a ambiçaõ da preza. Entrada finalmente a náo pelos hereges, aſſiſtia o Padre Ignacio de Azevedo junto do maſto grande, com huma Imagem de Maria Santiſſima, copiada do original, que pintara S. Lucas (cujo ſagrado penhor conſervou ainda depois de morto) animando com fervor apoſtolico aos Portuguezes para ſacrificar as vidas pela Fé, de que tinhaõ ſido infames deſertores aquelles por quem eraõ acomettidos. Hum delles enfurecido com eſtas palavras, como injurioſas à ſua crença lhe deſcarregou hum golpe ſobre a cabeça, que fendida deſcobrio o cerebro, e ao meſmo tempo foy penetrado com quatro feridas, que o derrubaraõ por terra. Envolto no proprio ſangue, que por tantas bocas copioſamente manava, proteſtou

Cahe por terra o Padre Ignacio de Azevedo com cinco feridas.

tou em voz alta, e intelligivel, que morria pela Fé do Crucificado, e ſua amada Eſpoſa a Igreja Romana. Naõ ceſſavaõ os Soldados da Companhia de JESUS, vendo morto ſeu Capitaõ, de exhortar com palavras, e obras aos noſſos, para que naõ cedeſſem a huma taõ deſigual batalha, pois perdendo as vidas alcançavaõ duplicadas coroas.

143 Ao tempo que eſtava mais travado o conflicto, conſiderando os hereges, que mayor oppoſiçaõ recebiaõ das vozes dos Padres, que das armas dos Portuguezes, converteraõ todo o furor contra elles, ſendo os primeiros Pedro de Caſtro, Diogo Pires, Joaõ de Mayorga, Gonçalo Henriques, Manoel Rodrigues, Manoel Pacheco, e Eſtevaõ Zurara, naufragantes huns no proprio ſangue, e outros em as correntes do mar, aonde foraõ precipitados. Semelhante atrocidade experimentaraõ os Irmãos Braz Ribeiro, Pedro de Fontoura, e Antonio Correa, ſendo ſanguinolentos deſpojos das eſpadas inimigas. No meyo da náo jazia com os braços eſtendidos, em fórma de Cruz, o cadaver do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, o qual arrebatado com incrivel barbaridade por ſete Francezes, o lançaraõ ao mar, onde por muito tempo andou boyante contra o pezo natural do corpo. Para ultimo argumento da ſacrilega ferocidade de Jaques Soria, mandou, que os Jeſuitas, que ainda reſ-

Saõ mortos todos os Companheiros do Padre Azevedo.

tavaõ foſſem lançados ao mar, para que naõ permaneceſſe a menor reliquia de gente que com a ſua doutrina defendiaõ os falſos dogmas da Igreja Romana. Em obſervancia de taõ abominavel ordem, foraõ precipitados às ondas os Padres Diogo de Andrade, Domingos Fernandes, Antonio Soares, Franciſco Peres Godoy, Nicolao Diniz, Marcos Caldeira, Simaõ da Coſta, Luiz Rodrigues, Joaõ de Safra, e Gonçalo Henriques. Que eſpectaculo mais feſtivo para o Ceo, e laſtimoſo para a terra, que ver a eſtes inſignes Athletas, de que era theatro a immenſidade do mar Athlantico convertido em vermelho, lutando com as aguas, de cujo naufragio haviaõ ſurgir proſperamente no porto da Bemaventurança! Feliz Ilha de Palma, a cuja triunfal ſombra ſe coroaraõ tantos Heroes, para entrar no Capitolio da Eternidade, permittindo o Ceo, que a gloria de taõ grande triunfo foſſe patente ao Serafico eſpirito da mayor Heroina do Carmelo Santa Thereſa, diſtinguindo entre eſte victorioſo eſquadraõ a hum ſeu parente, ornado com laureola de eſtrellas! Eſta victoria alcançada da impiedade heretica ſuccedeo a quinze de Julho de 1570, digna certamente de ſe immortalizar nos Faſtos da Religiaõ Catholica, e da Companhia de JESUS, pois ſerviraõ eſtes quarenta Heroes de glorioſo ornato aos dogmas de huma, e aos Clauſtros de outra, merecendo pela animoſa conſtancia,

He revelado eſte triunfo a Santa Thereſa.

Yepes *Vid. de S. Thereſ.* liv. 3. cap. 17.

cia, com que foraõ holocauſtos do furor heretico paſſar das aras do martyrio à veneraçaõ dos Altares, como brevemente ſe eſpera da Declaraçaõ Pontificia, aſſegurada com o Breve expedido pela Santidade reinante de Benedicto XIV. a vinte e hum de Setembro de 1742.

144 Concluida eſta tyranna tragedia, depois de aſſiſtir tres dias a Armada inimiga na Ilha Gomeira, huma das Canarias, chegou a Rochela, abominavel Babilonia de erros hereticos; e poſto que a Rainha de Navarra D. Joanna, eſtimava muito a Jaques Soria, lhe eſtranhou a barbara tyrannia, que uſara com os Religioſos da Companhia, de cujo horrendo ſacrilegio tomou o Ceo juſta vingança, morrendo ſeu infame author arrebatado de huma raiva canina, como tambem os quatro Soldados foraõ privados da viſta por deſpojarem da vida ao Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, famoſo Capitaõ de taõ valeroſa eſquadra.

Morre infelizmente Jaques Soria.

145 Naſceo eſte inſigne Varaõ na Cidade do Porto, accreſcentando novos brazoens a ſeus illuſtres pays D. Manoel de Azevedo, Commendador de S. Martinho, Moſteiro antigo do Arcebiſpado de Braga, e de D. Filippa de Azevedo. Atrahido da efficacia das apoſtolicas vozes do Padre Franciſco de Eſtrada, Jeſuita, preferio as mortificações do Clauſtro às vaidades do ſeculo, e renunciando o Morgado da ſua opulenta Caſa em

Elogio do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo.

Vasconc. *Chron. da Comp. de Jesus da Prov. do Bras.* liv. 4. §. 56. e seg.

Rocha *Americ. Portug.* liv. 3. pag. 175.

em seu segundo irmaõ D. Francisco de Azevedo, se alistou na Companhia de Jesus, em o Collegio de Coimbra, no anno de 1547. Em o Noviciado foy Veterano em todo o genero de virtudes, principalmente em a humildade, exercitando-se em diversos officios mecanicos, que aprendeo para totalmente extinguir na memoria, e abater no coraçaõ a herdada nobreza dos seus Mayores. Pela sympathia das virtudes contrahio com elle estreita amisade o Veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, exemplar dos Prelados da primitiva Igreja, sendo seu companheiro na visita das terras de Barroso, onde competiaõ estes dous apostolicos espiritos no exercicio de obras meritorias, assim em obsequio de Deos, como beneficio do proximo. Em retribuiçaõ do infatigavel desvélo com que zelava a salvaçaõ das almas, fundou o Veneravel Arcebispo o Collegio da Cidade de Braga, de que foy primeiro Reytor o Padre Ignacio de Azevedo, devendo-se à sua edificaçaõ o augmento do edificio mais ennobrecido com pessoas virtuosas, do que dilatado em obras magnificas. Por morte do Geral da Companhia o Padre Diogo Laynes, succedida no anno de 1565, foy eleito para ir a Roma com o lugar de Procurador da India, e Brasil: e como subisse ao Generalato S. Francisco de Borja, o nomeou Visitador das Provincias do Brasil. Chegou à Bahia a vinte e oito de Agos-

to

to de 1566, e entre as cousas memoraveis, que fez, foy accrescentar o edificio do Collegio, para melhor commodo de seus moradores, e erigir casa de Noviciado, em que florecessem as plantas, que deviaõ fecundar a Religiaõ. Tendo visitado a Provincia com prudente direcçaõ voltou a Portugal em quatorze de Agosto de 1568, onde foy benevolamente recebido da Magestade delRey D. Sebastiaõ, experimentando semelhantes significações de affecto de S. Pio V. e S. Francisco de Borja, quando assistio em Roma no anno de 1569. Huma das mayores merces, que recebeo da liberalidade Pontificia, foy permittir, que se copiasse a Imagem de MARIA Santissima, que o Evangelista S. Lucas, mais a impulsos da graça, que direcções da arte, excellentemente pintara. Della fez em Portugal quatro copias, de que huma conservou até ser violentamente morto, naõ consentindo a Providencia, que lha podesse arrebatar a impiedade heretica. Restituido ao Reyno se preparou para a jornada do Brasil, e acompanhado de trinta e nove Varões, gloriosos emulos do seu ardente zelo, sahio de Lisboa a cinco de Julho de 1570, para entrar passados dez dias no Empyreo ornado com a laureola de Martyr, fazendo-lhe o triunfo mais augusto a heroica esquadra de que fora Capitaõ.

CAPI-

CAPITULO XXVIII.

Morre o insigne Historiador Joaõ de Barros, a cuja memoria se dedica hum breve Elogio.

1570

146 FAtal será sempre em os Annaes Portuguezes o dia vinte de Outubro deste anno de 1570, em que pagou o tributo de mortal o celebre Historiador Joaõ de Barros, merecendo pela excellencia da sua penna o applauso de todo o Orbe Literario. Teve o berço em a Cidade de Viseu no anno de 1496, sobejando esta unica producçaõ para mortal credito do seu nome. Foy filho de Lopo de Barros, que era neto de Alvaro de Barros, Senhor do Morgado de Moreira, junto a Braga, cuja geraçaõ elle nobilitava com a antiga posse de varios lugares com jurisdicçaõ. O Palacio delRey D. Manoel foy a escola em que aprendeo as primeiras letras: e como a natureza o ornara de entendimento perspicaz, e comprehensaõ sublime, sahio egregiamente versado nas linguas Latina, e Grega, humanidades, e disciplinas Mathematicas. Imitou na Poesia a magestade de Virgilio, e o furor de Lucano, e na Historia a gravidade de Tito Livio, e a elegancia de Salustio. Ainda naõ excedia a idade da adolescencia, quando admirando ElRey D.

Onde, e quando nasceo.

D. Manoel a madureza do ſeu talento o nomeou Guarda-roupa de ſeu filho o Principe D. Joaõ, e como nunca interrompia a cultura das ſciencias, naquellas horas que tinha vagas do ſeu miniſterio, as occupou na compoſiçaõ da Hiſtoria fabuloſa do Emperador Clarimundo, que foy o preludio, em que exercitou o eſtylo para obra de mayor argumento. Tanto ſe agradou D. Manoel deſtas primicias do ſeu eſtudo, que lhe mandou eſcrever as façanhas obradas em o Oriente pelos Portuguezes; porém quando dava principio a taõ nobre empreza, foy obrigado a interrompella pela infauſta morte daquelle Monarca.

147 Naõ experimentou menor attençaõ Joaõ de Barros em D. Joaõ o III. do que experimentara com ſeu auguſto pay, nomeando-o em o anno de 1522 Capitaõ de S. Jorge da Mina, cujo lugar adminiſtrou com tanto deſintereſſe, e vigilancia, que foy remunerado pelo meſmo Monarca com o officio de Theſoureiro da Caſa da India, Mina, e Ceuta. O contagio, que vorazmente devorou grande parte dos moradores de Lisboa no anno de 1530, o conſtrangeo a retirarſe à ſua quinta da Ribeira de Alintem, junto da Villa do Pombal, onde conſumia o tempo em compoſições moraes, e politicas. Extincto o contagio, ſe reſtituìo à Corte, onde foy nomeado por El-Rey no anno de 1532 Feitor proprietario da Caſa da India, officio igualmente honorifico, e ren-

Lugares que adminiſtrou.

doſo; e ainda que eſta occupaçaõ lhe levava muito tempo, aſſim na expediçaõ das Armadas, como em outros negocios, em que era intereſſada a Coroa, a natural inclinaçaõ, que tinha ao eſtudo, o impellio a offerecerſe a ElRey para eſcrever a Hiſtoria da Aſia, que ElRey D. Manoel lhe encommendara, cuja offerta lhe aceitou D. Joaõ o III. com affectuoſas expreſſoens. Para deſempenho de taõ ardua empreza, que lhe fazia ſuave o amor da patria, ſe applicou com tanto deſvélo, que no eſpaço de onze annos publicou tres Tomos das *Decadas da India*, imitando neſta diviſaõ a Tito Livio na Hiſtoria Romana. Em todo o Mundo foy recebida eſta Obra com os mayores applauſos, pòis nella ſe viaõ exactamente obſervadas as partes integrantes da Hiſtoria, quaes ſaõ, verdade, clareza, e juizo. Para naõ ſer accuſada no tribunal da Critica a ſua penna de menos verdadeira, examinou as Chronicas dos Principes Orientaes; leo as Cartas dos Vice-Reys, e Capitães, que relatavaõ os ſucceſſos mais memoraveis; conſultou aos Pilotos mais experimentados em a navegaçaõ daquelles mares, e ſituaçoens dos pórtos, donde procedeo emendar em muitas partes a Ptolomeo, e Arriano, Geografos antigos. Reprehendeo os vicios com liberdade; louvou as virtudes com moderaçaõ, naõ ſe deixando arraſtar de algum affecto liſongeiro.

Deſvélo, que applicou para eſcrever as *Decadas da India.*

De-

148 Determinado a ſe preparar para a eternidade, de cuja reſoluçaõ eraõ continuos deſpertadores o numero dos annos, e a obſtinaçaõ dos achaques, renunciou no anno de 1567 o officio de Feitor da Caſa da India, cuja demiſſaõ lhe aceitou ElRey D. Sebaſtiaõ, dando-lhe o foro de Fidalgo da ſua Caſa, com huma tença de mil cruzados de renda. Retirou-ſe no principio do anno de 1568, para a ſua quinta da Ribeira de Alintem, onde privado de toda a communicaçaõ viveo tres annos, no fim dos quaes paſſou a lograr o premio eterno, quando contava ſetenta e quatro annos de idade. Foy ſepultado na Ermida de Santo Antonio, ſituada além do rio Arunca, no termo da Cidade de Leiria. Teve o roſto veneravel, olhos vivos, nariz aquilino, barba comprida, e toda branca.

Onde morreo, e foy ſepultado.

CAPITULO XXIX.

Relataõ-ſe varios ſucceſſos militares em Amboino, e Ternate, onde triumfaõ felizmente as noſſas armas governadas por Gonçalo Pereira Marramaque, cuja morte he geralmente lamentada.

1570

149 A Morte, com que foy punida a aleivoſia delRey Aeyro, conſternou com tal exceſſo a toda a Ilha de Ternate, que

acclamado ſeu filho o Principe Babû Rey de Moluco, ſe reſolveo com ſolemne voto de conquiſtar a noſſa Fortaleza, e expulſar de todas aquellas Ilhas aos Portuguezes, como fataes perturbadores da quietaçaõ publica. Suſtentava com heroico brio Diogo Lopes de Meſquita os horroroſos aſſaltos, com que os Mouros inveſtiaõ a Praça, e o rigoroſo aſſedio, que lhe impedia todo o genero de ſoccorro. Aſſiſtia neſte tempo em Amboino Gonçalo Pereira Marramaque obrando acções, que lhe adquiriaõ a antenomaſia de invencivel; e querendo o novo Rey de Moluco divertillo do ſoccorro de Ternate, expedio huma Armada compoſta de cinco Coracoras, de tal grandeza, que a menor era de noventa remos, e por Capitaõ mór a ſeu tio Calaſinco, o qual paſſando pela Ilha de Bouro armou mais ſete, e com todo eſte poder naval atacou a Fortaleza de Ito: e certamente a renderia, ſe Belchior Vieira naõ matara hum Cacis, cuja morte obrigou aos inimigos a retirarſe, levando em ſatisfaçaõ deſte infeliz ſucceſſo atoadas duas das noſſas Fuſtas.

Defende valeroſamente a Fortaleza de Ternate Diogo Lopes de Meſquita.

Souſa *Orient. Conquiſt.* Part. 2. Conq. 3. Diviſ. 1. §. 37.

150 Voltaraõ animoſos os inimigos a aſſaltar a Fortaleza; porém o inſigne Gonçalo Pereira os eſperou reſoluto, e depois de hum diſputado combate fugiraõ os barbaros, deixando para teſtemunho da victoria duas Coracoras principaes, e morto o ſeu General Calaſinco por Lourenço Furtado. Era tal a falta de mantimentos, que

Saõ derrotados os inimigos querendo aſſaltar a Fortaleza de Ito.

que ſe experimentava na Fortaleza, que para ſuſtentar a vida os ſeus defenſores, lhes era preciſo comer animaes immundos; e vendo o Principe Babû, que os naõ podia render por fome, ſe reſolveo confederado com ElRey de Tidor a conquiſtalla por aſſalto. Inveſtiraõ com tanta deſeſperaçaõ, que entradas as tranqueiras degollaraõ a vinte Portuguezes; porém rebatidos os barbaros valeroſamente, ſe retiraraõ deſtroçados. Segunda vez aſſaltaraõ a Fortaleza no ſilencio da noite, e ſaqueada a povoaçaõ, intentaraõ eſcalar o baluarte, de cujo deſignio deſiſtiraõ penetrados com a morte do ſeu General, a quem privou da vida Belchior Vieira, alcançando pelas heroicas acções obradas neſte combate o ſobrenome de Ternate.

Segunda, e terceira vez ſaõ vencidos os barbaros.

151 Guarnecida a Fortaleza de Ito por Gonçalo Pereira com cem Soldados Portuguezes, armou com oitenta huma Galeota, huma Fuſta, e quatro Coracoras, e com todas eſtas embarcações partio ao ſoccorro de Ternate. Duas legoas antes de chegar a eſta Fortaleza ſe encontrou com trinta e ſete Coracoras dos inimigos, divididas em duas eſquadras, das quaes governava huma ElRey de Moluco, e a outra ElRey de Tidor. Naõ aſſuſtou ao animo do heroico Capitaõ taõ deſigual batalha, antes deſprezando o perigo, inveſtio a Armada inimiga; e depois de durar o combate deſde o meyo dia até ſe fechar a noi-

Triunfa Gonçalo Pereira dos Reys de Moluco, e Tidor.

a noite, ficou com eterno applauſo da ſua valentia Senhor do mar, e da victoria. Retiraraõ-ſe os inimigos desbaratados, e confuſos, e Gonçalo Pereira ao repontar a manhãa introduzio na Praça o ſoccorro de que neceſſitava.

152 Naõ foy baſtante remedio da extrema penuria, que padeciaõ os Portuguezes em Ternate, o ſubſidio dos mantimentos, que com taõ manifeſto perigo introduzira Gonçalo Pereira, pois voltando a conduzir outros de Bachaõ, experimentaraõ os ſeus companheiros o mal de que morriaõ os cercados. Opprimido eſte valeroſo Capitaõ de huma profunda melancolia cauſada pelas calamidades, que padecia Moluco, perdeo o juizo, e conduzido a Amboino faleceo no eſpaço de tres dias, para cuja mortalha ſe pedio de eſmola hum lançol. Em premio de ſeu grande deſintereſſe, e ardente zelo com que promoveo a Fé nas Ilhas de Amboino, lograria a felicidade de voar o ſeu eſpirito ao Empyreo, quando ſeu corpo ainda depois de morto naõ melhorou de fortuna; pois ſendo transferido em o galeaõ S. Franciſco da Fortaleza de Ito para Rocanive, na ponta deſta Ilha infelizmente com o navio naufragou o cadaver.

Morre Gonçalo Pereira, e o ſeu cadaver naufraga.

CAPI-

CAPITULO XXX.

He cercada a Cidade de Goa pelo Hidalcaõ, e a de Chaul pelo Nizamaluco, com exercitos formidaveis; e do heroico valor com que rebateo o Vice-Rey D. Luiz de Ataide taõ poderosos inimigos.

1570

153 A Continuada torrente de victorias, assim terrestes como navaes, com que o braço Portuguez, sempre invencivel, tinha humilhado o orgulho dos mayores potentados da Asia, penetrou taõ altamente ao Hidalcaõ, Nizamaluco, e Samorim, que colligados se resolveraõ a romper as cadeas, que injuriosamente arrastavaõ, e extinguir huma naçaõ, que era fatal escandalo das suas poderosas armas. Lembravaõ-se de serem inuteis para a ruina destes seus antegonistas as numerosas Armadas, que expedira o Turco, e o Achem contra Malaca; os formidaveis exercitos de Cambaya contra Dio, e Damaõ; as disciplinadas tropas del Rey de Decan contra Chaul, Baçaim, e Goa, cujo poder por mar, e terra sempre fora lamentavel despojo das suas fulminantes espadas; e receando prudentemente, que os seus Estados padecessem o mesmo infortunio, sahiraõ resolutos ao campo, confiados na armada potencia de seus exercitos,

Conspiraõ contra o Estado o Hidalcaõ, Nizamaluco, e Samorim.

citos, e na soberba fantasia de seus pensamentos, distribuindo antes de conquistados o Hidalcaõ para si Goa, Onor, e Bracellor; o Nizamaluco, Chaul, Damaõ, e Baçaim; e o Samorim, Cananor, Mangalor, Cochim, e Chale.

154 Chegou à noticia do Vice-Rey D. Luiz de Ataide o formidavel apparato militar, com que era ameaçado todo o Imperio Asiatico Portuguez; e como no seu heroico coraçaõ nunca entrou a vil paixaõ do temor, consultou taõ grande empreza com o seu prudente juizo, dispondo o modo com que havia rebater a inimigos taõ poderosos, conjurados ao mesmo tempo por diversas partes para arruinar o Estado fundado sobre tantas victorias; e posto que muitos dos nossos Capitães o persuadiaõ a que largasse Chaul, para que todo o poder concorresse a animar Goa, que era a cabeça do Estado, desprezou estes votos como injuriosos ao credito das nossas armas, e expedio para Chaul a D. Francisco Mascarenhas, de cujo natural esforço tinha dado multiplicados argumentos, acompanhado de quatro Galés, e cinco Fustas, guarnecidas de seiscentos Soldados, entre os quaes se distinguiaõ Fernaõ Telles de Menezes, D. Henrique de Menezes, D. Duarte de Lima, D. Nuno Alvares Pereira, Pedro da Sylva de Menezes, Nuno Velho Pereira, Ruy Gonçalves da Camera, D. Gonçalo de Menezes, e D. Rodrigo de Sousa.

Parte D. Francisco Mascarenhas a soccorrer Chaul.

O Vice-

155 O Vice-Rey, que em todas as ſuas emprezas era ſummamente vigilante, e acautelado, empenhou todo o deſvélo para a defenſa de Goa, reſpeitado Emporio do noſſo Eſtado, mandando fortificar o rio, por onde havia principiar a invaſaõ: e como eſte ſe prolongue pelo eſpaço de tres legoas, e meya, que correm do Paſſo Seco até Agaçaim, e pelo ſeu circuito houveſſem dezanove lugares, preſidiou os principaes com gente, e artilharia, como tambem a Fortaleza de Bardez, ſituada ſobre a barra de Goa, e a de Norva em a Ilha de Divar, e de Rachol. Conſtava a gente militar, que lhe aſſiſtia de ſeiſcentos e cincoenta Portuguezes, entre Fidalgos, e Cidadãos, com duzentos e cincoenta homens, que por annos, e indiſpoſições eraõ inuteis para a guerra. Para guarda da Cidade foraõ deſtinados o Cabido, e Clero, com os Religioſos de S. Franciſco, e S. Domingos, que chegariaõ ao numero de trezentos, cuja incumbencia deſempenharaõ felizmente, orando, e combatendo contra os ſequazes de Mafoma. Sobre os outeiros collocou quatro bandeiras de eſcravos Chriſtãos, e de outros formou mil e quinhentos debaixo da diſciplina de Capitães experimentados, para preſidio dos Paſſos, e Fortalezas, ſituadas fóra do circuito da Ilha. Eſcolheo cincoenta cavallos, de que fez Capitaõ a Joaõ de Souſa, para ſoccorrer velozmente a alguma parte, que neceſſitaſſe

Diſpoſições do Vice-Rey para a defenſa de Goa.

Caſtilho *Comment. de Goa, e Chaul* fol. 8.

de prompto ſoccorro. Comettidos os lugares de mayor perigo a Capitães de valor experimentado, reſervou para ſi o Vice-Rey a eſtancia do Paſſo Seco, que havia ſer o alvo da invaſaõ mais vigoroſa. Fortificados os pórtos com artilharia, e todo o genero de armas offenſivas, preparou vinte e cinco embarcaçoens, de que fez General a D. Jorge de Menezes, o *Baroche*, para que diſcorrendo pelo rio defendeſſem as eſtancias, e offendeſſem aos inimigos.

156 Eraõ paſſados quaſi doze dias do mez de Dezembro, quando o exercito do Hidalcaõ começou a deſcer a ſerra do Gate, que ſaõ os Alpes de Aſia, a qual ſendo de grande altura, e aſpereza, corre da ponta de Dio por huma corda ao longo do mar duzentas legoas para o Sul, até finalizar no Cabo do Comorim, em cujo cume ſe extende huma dilatada planicie, que comprehende muitas terras ferteis, e abundantes. Em vinte e oito de Dezembro chegou Noricaõ General do Hidalcaõ com trinta mil homens a aviſtar as noſſas eſtancias, e ſe poz defronte do Paſſo de Benaſtarim, que cercado de agua era por natureza mais inconquiſtavel. Reſolveo-ſe D. Luiz de Ataide inveſtir ao barbaro, antes que ſe juntaſſe o reſtante do exercito; porém foy diſſuadido deſte intento, como temerario, pois ſemelhante empreza podia ſer felizmente conſeguida por induſtria, e naõ por violencia.

Chega o General do Hidalcaõ com trinta mil homens.

Ao

157 Ao tempo, que em Goa principiava o Hidalcaõ o ſitio de Goa, experimentava ſemelhante invaſaõ a Fortaleza de Chaul. Jaz eſta Cidade na Coſta da India, da parte do Norte, diſtante de Goa cincoenta e ſete leguas, ſituada em campo razo, ſem muro, nem cava, na boca de hum rio de que recebe o nome. Governava eſta Fortaleza Luiz Freire de Andrade, benemerito da fama, que tinha alcançado por ſuas proezas, o qual aſſiſtido de cincoenta ginetes, e poucos pioens, naõ perdoava a inſtante algum, em que o achaſſem os inimigos menos vigilante. Soccorrido por D. Franciſco Maſcarenhas com ſeiſcentos Soldados, que conduzira de Goa, eſperava com menos cuidado ao Nizamaluco, quando a quinze de Dezembro foy precurſor da ſua vinda o General Faretecaõ, de naçaõ Abexim, que moſtrara o ſeu valor, e diſciplina militar no ſegundo cerco de Dio defendido por D. Joaõ Maſcarenhas, ſervindo a ElRey de Cambaya. Conduzia oito mil cavallos, vinte mil Infantes, e vinte elefantes armados. Mais confiado na certeza da conquiſta, que obſervante dos preceitos da milicia, começou a provocar ao campo aos ſitiados com o horroroſo eſtrondo de bellicos inſtrumentos. Sahio animoſamente armado de eſpada, e rodella Sebaſtiaõ Gonçalves de Alvellos, e deſafiando aquella barbara multidaõ, naõ houve hum homem, que aceitaſſe o deſafio. Por or-

Sitia o Nizamaluco a Fortaleza de Chaul.

Caſtilho *Comment. de Goa, e Chaul*, fol. 23.

Faria *Aſia Portug.* Tom. 2. Part. 3. cap. 9. §. 2. e 3.

Aviſta Chaul o General do Nizamaluco.

Pereira *Vid. de D. Luiz de Ataid.* liv. 2. cap. 10.

dem do Capitaõ da Fortaleza marcharaõ ſeu irmaõ Alexandre de Souſa com ſeu ſobrinho Franciſco de Souſa Tavares, acompanhado de quinze cavallos, para reconhecer o exercito inimigo, quando foraõ acomettidos por cinco mil barbaros, contra os quaes valendo-ſe os Portuguezes do ſeu natural valor em taõ deſigual conflicto, ſe recolheraõ à Fortaleza com a falta de dous companheiros, que deixaraõ vingada com a morte de muitos Mouros.

158 Ambicioſo Faretecaõ de obrar alguma acçaõ, que déſſe a conhecer os eſpiritos de Soldado, e as diſpoſições de General, determinou antes de chegar o ſeu Principe entrar na Cidade, para cujo effeito valendo-ſe do furor dos elefantes, e do numero dos combatentes, a invadio por mar, e terra, donde foraõ heroicamente rebatidos por D. Henrique de Menezes, Jorge da Sylva Pereira, Henrique de Betancurt, Agoſtinho Nunes, Fernaõ Pereira de Miranda, Rodrigo de Souſa, Ruy Pires de Tavora, Chriſtovaõ de Bovadilha, Gomes Freire, D. Franciſco de Almeida, Rodrigo Homem da Sylva, Joaõ Cayado, e Diogo Soares de Albergaria, cujos heroicos braços pelo eſpaço de tres horas, que durou o conflicto, fizeraõ tal eſtrago em os Mouros, que Faretecaõ aſſombrado da reſiſtencia, ſignificou ao Nizamaluco, que muitas vezes lhe diſſera ſer hum curral a Fortaleza de Chaul, certamente o era

Sahe derrotado Faretecaõ do primeiro aſſalto, que deu a Chaul.

era de Leões, a cuja ferocidade naõ podia oppor-ſe a potencia de toda a Aſia. Naõ ceſſavaõ os expugnados, e expugnadores de adiantar os ſeus progreſſos, dividindo eſtes os ſeus quarteis, e aquelles fortificando a Praça como lhe permittia o tempo, e demolindo alguns edificios, que eſtavaõ diſtantes da Fortaleza.

159 Aſſentou Faretecaõ o ſeu campo a vinte e hum de Dezembro com varias tendas poſtas pela praya, e palmares, ſobre as quaes tremolavaõ muitas bandeiras de diverſas cores. Junto do Moſteiro de S. Franciſco armou huma mageſtoſa tenda, para a ſua peſſoa, e julgando os noſſos por demaſiada arrogancia o lugar, que elegera, por ſer muito viſinho à Cidade, ſahiraõ com alguns Capitães ao campo, onde travada huma valeroſa eſcaramuça, perſeguiraõ com tal impeto aos Mouros, que naõ eſcaparia hum para contar do conflicto, ſe o preceito do Capitaõ mór os naõ obrigara, que voltaſſem para a Fortaleza.

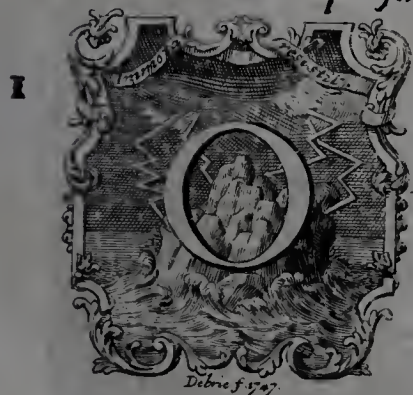
Em que parte aſſentou o ſeu campo o General inimigo.

LI-

LIVRO II.

CAPITULO I.

Determina a Rainha D. Catharina retirarſe para Caſtella conſtrangida das deſattenções de ſeu Neto, cuja reſoluçaõ naõ ſe executa, por ſer muito prejudicial ao Reyno.

1

ABSOLUTO dominio, que tinha adquirido Martim Gonçalves da Camera, colligado com ſeu irmaõ o Padre Luiz Gonçalves da Camera, ſobre a vontade delRey, ſe dirigia a governar diſpoticamente a Monarchia; e para que lhe naõ ſerviſſe de obſtaculo à ſua ambiçaõ a Rainha

1571

nha D. Catharina, procurava com artificiosas maquinas, que seu neto se separasse totalmente da sua presença, quando devia instruirse com os prudentes conselhos, e saudaveis exhortações de huma Heroina, que pela authoridade da pessoa, e madureza da idade merecia duplicado respeito. Desenganada de que eraõ inuteis todas as diligencias, que descubrio a sua prudencia para moderar o genio de seu neto, entre as quaes fora a principal o seu casamento; recorreo aflicta a Filippe Prudente, e à Princeza D. Joanna de Austria, para que interpondo hum a authoridade de tio, e outra a ternura de mãy, estranhassem a desobediencia de hum Principe, que com tanto desvélo, e amor tinha educado. Promptamente escreveraõ ambos a ElRey D. Sebastiaõ, arguindo-o de huma acçaõ, que era escandalosa à mesma natureza, negando a veneraçaõ a huma Princeza, que além dos vinculos do parentesco lhe era devedor do amor mais fino, pelo beneficio da educaçaõ. Naõ foraõ efficazes estas exhortações para se conseguir o fim pertendido; e como fosse certificado Filippe Prudente de que continuavaõ com mayor excesso as discordias entre seu sobrinho, e sua irmãa, mandou a Portugal D. Gomes Soares de Figueiroa, primeiro Duque de Feria, seu Conselheiro de Estado, para serenar esta politica tempestade, o qual conseguindo sagazmente a uniaõ delRey com sua avó, partio para

Representa a Rainha D. Catharina a Filippe Prudente, e a D. Joanna de Austria a separaçaõ de seu neto com a sua pessoa.

Escrevem estes Principes a ElRey D. Sebastiaõ, e se naõ consegue o effeito.

Haro *Nobil. Genealog.* Tom. 1. pag. 453.

para Caſtellá. Pouco tempo ſe paſſou, que entre eſtes Principes novamente ſe augmentaſſe a diſcordia: e como della ſe podiaõ originar irreparaveis damnos, ſe reſolveo a Rainha retirarſe para Caſtella, eſperando que com taõ eſtranha novidade cedeſſe ElRey da ſua obſtinaçaõ. Deſta determinaçaõ fez participante a ſeu irmaõ Filippe Prudente, o qual por ſeu Embaixador D. Joaõ de Borja, que ainda aſſiſtia em Portugal, mandou, que alcançaſſe faculdade de D. Sebaſtiaõ, para que a Rainha D. Catharina partiſſe para Caſtella. Eſtranhou exceſſivamente o noſſo Principe, que ſeu tio concorreſſe para a auſencia, que pertendia fazer deſte Reyno a Rainha D. Catharina, cuja reſoluçaõ ainda meditada, quanto mais concluida, era injurioſa à ſua peſſoa, e a toda a Monarchia.

Intenta a Rainha auſentarſe para Caſtella.

2 Divulgada por todo o Reyno a noticia de ſé auſentar para Caſtella a Rainha D. Catharina, foy geral a conſternaçaõ, que occupou os coraçoes dos zeloſos da Patria, conſiderando, que com a auſencia de taõ prudente Heroina ſe havia precipitar em mayores abſurdos ElRey D. Sebaſtiaõ, liſonjeado pela ambicioſa malicia de alguns Miniſtros, que com a ruina deſte Principe fabricavaõ a propria exaltaçaõ. Empenharaõ-ſe as principaes peſſoas de ambas as jerarchias, para que a Rainha mudaſſe o ſeu intento, repreſentando-lhe com efficazes razões as pernicioſas fatalidades,

Conſternaçaõ, que houve no Reyno com o intento da Rainha ſe auſentar para Caſtella.

que padeceria o Reyno de Portugal com a ſua auſencia, deixando hum Principe pouco experimentado entregue ao dominio de quem lhe fomentava os apetites. Entre os vaſſallos, que previa os damnos do Reyno com a auſencia da Rainha, ſe diſtinguio o celebre D. Jeronymo Oſorio, Biſpo do Algarve, eſcrevendo-lhe a ſeguinte Carta, em que igualmente expreſſou a fidelidade do ſeu animo, como a elegancia da ſua penna.

Carta do Biſpo do Algarve D. Jeronymo Oſorio para a Rainha.

„Senhora. Correm por eſta terra novas bem „triſtes para todos em univerſal, e muito mais „triſtes em particular, para quem melhor póde „entender quanto niſſo vay. As novas ſaõ, que „V. A. deſampara eſtes Reynos, e ſe vay para „Caſtella; iſto naõ póde deixar de ſe ſentir mui„to, porque perdemos Mãy, e Senhora; e per„demos hum fructo de taõ grandes, e excellen„tes virtudes, como ſaõ as de que Deos dotou „a V. A. e o peyor de tudo he, que de taõ real „virtude, e de taõ provida conſtancia em gran„des negocios naõ ſe póde preſumir mudança „ſem juſta cauſa, e quanto ella for mais juſta, „tanto o Reyno ficará mais infamado, de ma„neira, que naõ ſómente perdemos todos mui„to, mas ainda cobraremos fama de gente bar„bara, e deſconhecida.

„Bem vejo, que fallar eu neſta materia ſe„rá grande atrevimento; porque convém ſómen„te

,, te a peſſoas de muito mayor authoridade do que
,, a minha póde ſer: mas o amor, e lealdade naõ
,, tem pejo; pelo que apontarey a V. A. algu-
,, mas razoens, pelas quaes me parece, que naõ
,, devia fazer tal abalo; e confio que V. A. quan-
,, do vir de que principio eſta minha ouſadia tem
,, naſcimento, me levará facilmente em conta; e
,, para que comece por aqui, lhe lembro, que
,, muy poucas vezes deixou de ſe arrepender,
,, quem ſe aconſelhou com a indignaçaõ por mui-
,, to juſta, que ella foſſe; o conſelho ha de to-
,, mar primeiramente com o eſpirito de Deos, e
,, depois com a razaõ muito deſapaixonada; com
,, eſte preſuppoſto ſó fallarey com V. A. confor-
,, me a razaõ, pois ſey, que nunca della fugio.

,, O officio de Principes virtuoſos, e ſan-
,, tos, he fazer merce a bons, e caſtigar a roins;
,, V. A. ſe ſe for, fará tudo ao contrario, porque
,, os bons ſentiraõ muito ſua hida, e os máos fa-
,, raõ folias eſtranhas com lhes parecer, que ſe
,, vingaõ tambem. Naõ parece juſtiça, que por
,, culpa de poucos padeçaõ muitos innocentes;
,, lembre-ſe V. A. de tantos pobres, e de tantas
,, Caſas de Religiões como ſaõ della conſolados,
,, os quaes ficaraõ orfãos com a auſencia; e dado
,, caſo, que o meſmo ſe póde fazer em Caſtella,
,, por ventura, e neceſſidade ſerá lá tamanha,
,, nem a eſmola tambem empregada. Lembre-ſe
,, V. A. tambem, que a terra de Portugal, ainda

„ que naõ ſeja muy groſſa como a de Caſtella,
„ he de ares muito mais benignos, e mais con-
„ venientes para ſe paſſar a vida ; e de menos
„ accidentes; e a natureza de V. A. naõ he Flan-
„ des, nem Caſtella, mas Portugal, onde rey-
„ nou quarenta e cinco annos, pouco mais, ou
„ menos, ſendo a mayor parte deſte tempo a mais
„ venerada, e honrada Princeza, que póde ha-
„ ver no Mundo. Sendo eſtudante em Pariz, ou-
„ vi dizer a hum criado da Rainha voſſa irmãa
„ D. Leonor, que eſtando em practica a meſma
„ Rainha ſobre materia deſta qualidade, diſſera:
„ finalmente naõ ſe engane ninguem, que nenhu-
„ ma Emperatriz, nem outra Princeza alguma
„ ſe póde chamar Rainha ſenaõ a de Portugal.
„ Se iſto, que diſſe a Rainha D. Leonor, naõ he
„ taõ perfeitamente ao preſente em V. A. como
„ devia ſer, ao menos foy-o já, e ſe-lo ha daqui
„ em diante; e a fruta de que Deos nos fez mer-
„ ce no milagroſo naſcimento delRey noſſo Se-
„ nhor, chegará à madureza, e perfeiçaõ, que
„ deſejamos, e terá V. A. em ſatisfaçaõ de alguns
„ deſgoſtos muitos, e muy grandes contentamen-
„ tos. Quanto mais, que o eſpirito de V. A.
„ mais eſtá poſto nos negocios da vida eterna,
„ que nas opinioens deſta miſeravel, que taõ pou-
„ co ha de durar. E para que àcerca diſto me
„ reſolva em poucas palavras, ſe V. A. vay buſ-
„ car deſcanſo temporal a Caſtella, taõ pouco o
„ ha

„ ha lá como cá; ſe vay buſcar ſalvaçaõ, naõ
„ he mais longe de Portugal, que de Caſtella.

„ Devia-ſe V. A. tambem neſta materia de
„ lembrar muito do ſanto Rey D. Joaõ o III.
„ que taõ verdadeiro amor lhe ſempre teve, e
„ naõ devia querer deſamparar a terra onde ſeus
„ oſſos eſtaõ ſepultados. Veja quaõ glorioſa ſe-
„ pultura ſerá a ſua, ſe aſſim como foy compa-
„ nheira na vida de quem tanto amou, o for tam-
„ bem no enterramento, e naõ conſentir, que
„ haja no Mundo terra, que tenha depoſitado ſeu
„ corpo, ſenaõ a meſma, que tem em ſi as reli-
„ quias de taõ Catholico Principe, a quem V. A.
„ tanto deve. Conſidere V. A. todos eſtes in-
„ convenientes, como ſaõ ſentimento de bons,
„ goſto de máos, deſamparo de pobres, auſen-
„ cia da ſepultura de taõ virtuoſo, e ſanto Com-
„ panheiro. E lembre-ſe que neſta ſua partida
„ (o que Deos naõ permitta) no temporal ſe ga-
„ nha pouco, e no eſpiritual ſe perde muito; e
„ quando V. A. naõ perder, perderá ElRey, e o
„ Reyno, e podem ſucceder deſgoſtos, e enfa-
„ damentos, aos quaes V. A. por ſua grande vir-
„ tude, e pela grande obrigaçaõ, que tem a eſ-
„ tas ſuas terras, he obrigada atalhar. Se fica no
„ Reyno cumpre com a charidade, com o bem
„ univerſal, que lhe ha de lembrar muito mais,
„ que o proprio; ſerve a Noſſo Senhor, ganha
„ huma grande coroa: pelo contrario ſe ſe vay,
„ que

„ que mais ſe ganha, que ſatisfaçaõ da vontade,
„ e triunfos de malicioſos; por derradeiro, El-
„ Rey noſſo Senhor he neto, filho, e criado, e
„ de ſua natural inclinaçaõ virtuoſo, e baſta naõ
„ ter V. A. outra imagem na terra delRey ſeu
„ avô, pelo que como qualquer homem do povo,
„ ainda que mais naõ ſeja, peço a V. A. pelas
„ Chagas de Noſſo Senhor JESUS Chriſto, que
„ mude ſeu propoſito, e naõ deſampare terra,
„ nem injurie oſſos, e memoria de taõ virtuoſo
„ Principe, e queira em paga de alguns deſgoſ-
„ tos ter tantos, e taõ grandes contentamentos,
„ como eſpero em Noſſo Senhor, que ha de re-
„ ceber. Em dizer iſto, cumpro com o officio
„ devido à lealdade, e com o deſejo de ſervir a
„ V. A. e tudo o que me fica para fazer, he pe-
„ dir a Noſſo Senhor em todas minhas orações,
„ e ſacrificios, que inſpire a V. A. o que houver
„ de ſer mais ſeu ſanto ſerviço, e ſeu real eſtado
„ conſerve. De Sylves 7 de Fevereiro de 1571.

3 Conhecendo a Rainha a fidelidade, com que o Biſpo Oſorio a exhortava a naõ deixar o Reyno, lhe reſpondeo neſtas ſinceras clauſulas o motivo da ſua partida.

Repoſta da Rainha à Carta do Biſpo Oſorio.

„ Reverendo Biſpo, &c. Vi a voſſa Carta
„ de 7 do preſente, em que me fazeis a ſaber a
„ dor, que tinheis, por me haver de ir deſtes Rey-
„ nos, e me quereis perſuadir por muitas razões
„ a que o naõ faça; naõ poſſo deixar de vos agra-
„ decer

„ decer a vontade de que vos procede doervos
„ de me auſentar deſta terra, nem de louvarvos
„ o zelo com que trabalhais induzirme ao con-
„ trario; o que naõ ſey ſe com tanto valor fize-
„ reis entendidas as razões, que me deraõ animo
„ para intentar eſta ida; porque naõ he indigna-
„ çaõ a que me aconſelha, nem paixaõ a que me
„ move, nem deſèjo de deſcanſos, o que me leva:
„ mas o amor grande, que tenho ao Senhor Rey
„ meu neto, he o author deſta mudança; por-
„ que delle naſceo a vontade de lhe tirar a occa-
„ ſiaõ de couſas, que nem à ſua peſſoa, nem à
„ ſua honra, nem à ſua alma convém; e deſéjo
„ de ſer com a minha hida hum deſpertador de ſe
„ conhecerem, e emendarem tantos males, que
„ trazem eſta Republica eſcandaliſada, e deſcon-
„ tente; e que ſaõ elles taõ graves, e que os ſin-
„ to eu tanto, que me fazem violentar minha na-
„ tureza, e apartarme do que meu coraçaõ ama
„ ſobre todas as couſas deſta vida, e aventurar-
„ me a perdella, ou ao menos a perder o goſto,
„ que della podia ter; porque nem vós me acon-
„ ſelhareis, que veja naõ querer bem geralmen-
„ te a quem eu tanto bem quero, e irſe perden-
„ do diante de meus olhos, o que eu tanto eſti-
„ mo, ſem haver couſa, que me dé eſperança
„ diſſo ter algum remedio; pois os de que ſe po-
„ dia eſperar, que o procuraſſem, ſaõ authores
„ hoje, e defenſores deſta perdiçaõ; e geralmen-

„ te

„ te todos choraõ, eu tambem o chorarey onde
„ quer que estiver; e se minha ida aproveitar pa-
„ ra alguma cousa, terey por bem empregada a
„ dor, que me ha de custar partirme, e o con-
„ tentamento de saber, que ha emenda, me mi-
„ tigará a tristeza, que me ha de causar a sauda-
„ de desta terra, e ao do vivo, e a do morto,
„ que deixo nella: posto que meu intento he fa-
„ zerem meus ossos companhia depois de minha
„ morte aos delRey meu Senhor, que Deos tem,
„ com quem a tiveraõ taõ bemaventurada nesta
„ vida. Pareceo-me alargarme mais comvosco do
„ que costumo, como quem nesta materia me
„ falla, ou me escreve, porque vossa vontade, e
„ zelo a isso me obrigaraõ, e particularmente o
„ cuidado, que tendes de fazer por mi oraçaõ
„ ao Senhor, que vos encommendo muito, que
„ prosigais com aventejado fervor, pois naõ ha
„ cousa que agora por sua Misericordia mais de-
„ seje, que acertar em seu serviço, e naõ me
„ affastar da obediencia da sua santa vontade. Em
„ Lisboa a 22 de Fevereiro de 1571.

Representa o Senado de Lisboa a ElRey naõ ser conveniente a ausencia da Rainha.

4 Como ElRey D. Sebastiaõ naõ impedia a determinaçaõ da Rainha, lhe apresentou o Senado de Lisboa o seguinte Memorial, em que mostrava naõ ser decorosa à sua Real Pessoa, como à Monarchia, que governava, a ausencia de sua Serenissima Avó, sendo estas as clausulas de que se formava.

„ Esta

,, Esta insigne Cidade de Lisboa, que por
,, sua preeminencia, e antiga lealdade do povo
,, della mereceo o nome que tem de Princeza de
,, nossos Reynos, vendo claramente, que da ida
,, da Rainha nossa Senhora para fóra delles nasce-
,, ria grande quebra na reputaçaõ da Real Pessoa
,, de V. A. e considerando outros muitos incon-
,, venientes, que tambem della poderiaõ nascer
,, continuando seu louvado costume, e leal zelo
,, do serviço de V. A. como cabeça, que he de
,, vosso Real Estado, quiz os dias passados fazer
,, chamamento de algumas das principaes pessoas
,, de todos os Estados della (como outras muitas
,, vezes fez em cousas de menos qualidade) para
,, elegerem doze pessoas, que com a Camera del-
,, la consultassem o melhor modo, que se pode-
,, ria ter para Vossas Altezas se conformarem, de
,, maneira, que se atalhasse o grande escandalo
,, da ida da Rainha nossa Senhora côm muita
,, quietaçaõ, e gosto de V. A. utilidade, e so-
,, cego de vossos subditos; porque além de ser
,, cousa decentissima tratarem-se as cousas arduas
,, com parecer de muitos, as que tocaõ a todos
,, em commum, a todos pertence a communica-
,, çaõ dellas.

,, E sendo este intento do vosso povo, de
,, tanto vosso serviço, e taõ conforme à tençaõ
,, de V. A. que he impedir a ida da Rainha nos-
,, sa Senhora naõ faltaraõ pareceres em contra-

„ rio; porque V. A. o impedio, de que ao po-
„ vo ficou grandissimo escandalo, parecendo-lhe,
„ que se havia por suspeita sua leal tençaõ ante
„ V. A. e toda via em alguma maneira se satisfez
„ com V. A. tomar sobre si impedir esta ida; po-
„ rém agora, que a vê publicada, e que se naõ
„ atalhou, e considerando quaõ feya cousa pare-
„ cerá em toda a parte sahirse de vossos Reynos a
„ Rainha vossa avó, e Senhora nossa, que em caso
„ que de sua parte della houvera alguns defeitos,
„ a V. A. e a seu povo convinha encubrir tudo,
„ sofrendo sua semrazaõ, sem permittir, que por
„ alguma via se fosse; quanto mais sendo como
„ he em todo o Mundo notoria sua muito alta, e
„ Real virtude, seus grandes merecimentos, e as-
„ sim para com V. A. como para a Republica,
„ e sobre tudo sua Christandade, e boa tençaõ,
„ e considerando tambem todos os mais inconve-
„ nientes, e escandalos, que disso podem recre-
„ cer. O povo de dous em dous, e de quatro
„ em quatro com os vinte e quatro vem à Came-
„ ra, e feraõ pelas casas dos officiaes della dando-
„ nos muita culpa de passarmos taõ brevemente
„ por cousa de tanto pezo, requerendonos, que
„ acudamos a isso, e que ajudemos a tençaõ de
„ V. A. que he naõ deixar sahir a Rainha nossa
„ Senhora de vossos Reynos, pelo que somos
„ constrangidos assim pela lealdade, que devemos
„ ao serviço de V. A. como pelo que o povo nos
„ reque-

,, requere a pedir a V. A. por merce, e com quan-
,, ta humildade podemos, e requeremos da parte
,, de Deos haja por bem, que nós profigamos o
,, primeiro intento, e façamos ajuntamento fó-
,, mente para eleiçaõ de algumas peffoas de fãos
,, juizos, e defintereffadas tenções, que tratem
,, a concordia entre Voffas Altezas, de maneira,
,, que a ida da Rainha noffa Senhora, naõ haja
,, effeito, tendo V. A. por muito certo, como de-
,, ve ter, que já mais fe moverá coufa, nem fa-
,, rá, de que V. A. naõ feja primeiro fabedor, e
,, que naõ deve de fer muito feu ferviço, e gof-
,, to para em tudo feguirmos o que V. A. orde-
,, nar, e mandar com o mefmo zelo, e lealdade,
,, que noffos antepaffados fempre tiveraõ ao fer-
,, viço do feu Rey, e natural Senhor.

,, E em cafo que V. A. nos impida coufa taõ
,, jufta, e taõ conforme a feu ferviço, efta Prin-
,, ceza de voffo Eftado em feu nome, e de to-
,, dos os póvos de voffos Reynos, e Senhorios
,, pede a V. A. por merce muy affinalada, e da
,, parte de Deos lhe requere, e fobre iffo lhe en-
,, carrega fua confciencia, que V. A. para con-
,, folaçaõ de feus póvos ponha em effeito as cou-
,, fas feguintes.

,, Que naõ fie V. A. de feu juizo, nem de
,, pareceres de póvos a determinaçaõ de taõ gra-
,, ve negocio, como he efte da ida da Rainha
,, noffa Senhora, e que dé delle conta a mais pef-

„ ſoas , que as que traz ordinariamente no ſeu
„ Conſelho , como ſempre fizeraõ os Reys ſeus
„ anteceſſores em caſos de menos qualidade; por-
„ que ainda que nos de voſſo Conſelho concor-
„ raõ , como concorrem, todas as boas qualida-
„ des , e ſãas conſciencias , que para eſte , e to-
„ dos os mais negocios do ſerviço de V. A. ſe re-
„ querem ; toda via como a Rainha noſſa Senho-
„ ra eſtá poſta em negar a V. A. e a elles ſua fi-
„ cada , como vemos , que até agora fez , con-
„ vém que lha ajudem outros a requerer , e que
„ por muitos ſerá S. A. certificada do eſcandalo ,
„ que ficará neſte Reyno de ſua ida , e que ſejaõ
„ muitos os que lho peçaõ , e requeiraõ da par-
„ te do povo , a quem convém naõ permittir por
„ alguma via, que ſe ella vá , mas antes que V.A.
„ a tenha a par de ſi , e lhe peça , que o ajude
„ no governo de ſeu Eſtado, como ſohia por ſua
„ chriſtianiſſima tençaõ , ſingular ſaber , expe-
„ riencia de muitos annos , que ſaõ as qualidades
„ de que pende o bem commum , e acertado go-
„ verno das Reſpublicas.

„ Que V. A. modere o exercicio dos cami-
„ nhos , e caças pelo perigo de ſua Real Peſſoa;
„ porque o Rey , de cuja vida , e ſaude pende
„ o remedio , e conſolaçaõ de ſeus póvos , naõ
„ póde com conſciencia aventuralla a tantos pe-
„ rigos.

„ E aſſim que com toda a brevidade effectue
V.A.

„ V. A. ſeu caſamento; porque além da neceſſi-
„ dade geral, que ha em todos os Reynos de te-
„ rem Principes jurados para quietaçaõ delles,
„ neſtes Reynos, por ſer V. A. ſó nelles, ha mui-
„ to mais razaõ de pedirmos com toda a inſtan-
„ cia a V. A. que nos dé Principe para conſerva-
„ çaõ, e quietaçaõ de voſſos póvos; e que para
„ iſſo effectue logo ſeu caſamento além de outras
„ urgentiſſimas razões, que para iſſo ha, como
„ ſaõ ſatisfazer ao Summo Pontifice, a ElRey
„ de Caſtella, e a ElRey de França, que de aſ-
„ ſim naõ ſer, ſabemos notoriamente que rece-
„ be cada hum particular deſprazer, e ſobre tu-
„ do entendemos, que a muita conſolaçaõ, que a
„ Rainha noſſa Senhora receberá de ver poſta em
„ effeito couſa taõ neceſſaria, ſerá parte para ella
„ ſe naõ ſahir de voſſos Reynos, que ainda que
„ naõ houvera outros muitos, eſte ſó reſpeito
„ baſtava para V. A. vir neſte parecer.

„ Couſas ſaõ eſtas que pedimos a V. A. taõ
„ juſtas, e taõ conformes ao ſerviço de Deos,
„ que as naõ poderá V. A. negar ſem muita of-
„ fenſa de ſua Divina Mageſtade; porém em ca-
„ ſo que Sua Alteza tenha concebidas em ſeu jui-
„ zo algumas razões para deixar de effectuar al-
„ gumas deſtas couſas, que eſte ſeu leal povo lhe
„ pede com tanta efficacia por muy ſingular mer-
„ ce com leal zelo, e devido acatamento, lhe
„ lembramos a fraqueza, e variedade dos enten-
„ dimentos

„ dimentos humanos, e que para remedio disto
„ desde o principio do Mundo se ordenaraõ ajun-
„ tamentos de muitos para determinaçaõ de ne-
„ gocios graves, e se fizeraõ sempre conselhos
„ publicos, em que se practicaraõ, e assentaraõ as
„ cousas, que convém ao socego, e bom gover-
„ no das Respublicas; e deixados outros exem-
„ plos dignos de muita memoria, lesse nos livros
„ de Josué, e de Samuel, que se fizeraõ muitas
„ vezes estes ajuntamentos no povo de Israel,
„ quando era governado por Deos; e o mesmo
„ costume guardou sempre a Igreja Catholica nos
„ Concilios Universaes, que celebra, começando
„ desde o tempo dos Apostolos, e seguindo este
„ antigo, e louvavel costume os Reys, ainda
„ que tenhaõ experiencia de muitos annos de go-
„ verno de seus Estados, costumaõ muitas vezes
„ fazer estes ajuntamentos dos Procuradores de
„ todas as Cidades, e Villas de seus Reynos,
„ para tratarem, e assentarem o que mais con-
„ vém para serviço de Deos, e bom governo del-
„ les; porque nos taes ajuntamentos concorrem
„ pela mayor parte muy escolhidos juizos, e ten-
„ ções de fóra, livres de paixaõ, e de respeitos
„ particulares, com que os Reys saõ desengana-
„ dos do que mais convém ao serviço de Deos,
„ seu, e bem commum de seus subditos; pelo
„ que deve V. A. de ter por certo, que negando
„ a seu povo cousas taõ justas, como saõ as que
„ lhe

,, lhe pedimos com tanto zelo do ſeu ſerviço, ſem
,, encommendar a determinaçaõ de ſuas razões a
,, conſelho publico; offenderá a Deos gravemen-
,, te; pelo que pedimos a V. A. com todo o de-
,, vido, e leal acatamento, que devemos a voſ-
,, ſa Real Peſſoa, que ſe tem algumas razoens
,, particulares para naõ pôr em effeito as couſas,
,, que lhe pedimos neſta lembrança, que queira
,, manifeſtallas em Cortes, e fazer chamamento
,, publico de Prelados, e peſſoas notaveis das Ci-
,, dades, e Villas de ſeus Reynos, que coſtumaõ
,, vir a ellas, e com parecer de muitos homens,
,, e leaes vaſſallos tome conveniente aſſento neſtas,
,, e em outras couſas de ſeu ſerviço, que o ſerá
,, muito grande de Noſſo Senhor, e muita con-
,, ſolaçaõ, e quietaçaõ de ſeus póvos, que niſto
,, receberaõ aſſinalada merce; porque procedendo
,, V. A. deſta maneira, quando a Rainha noſſa
,, Senhora naõ quizeſſe ficar no Reyno (o que ſe
,, naõ crê da ſua grande virtude) ficará o Mundo
,, entendendo, que tinha V. A. da ſua parte cum-
,, prido com a ſua obrigaçaõ; e em quanto aſſim
,, naõ fizer, ſempre ficará nodoa na honra de V. A.
,, que voſſos leaes vaſſallos eſtimaõ, e amaõ mui-
,, to mais, que ſuas proprias vidas.

,, E naõ querendo V. A. deferir a nenhuma
,, deſtas couſas, que taõ juſtas, e razoadas ſaõ,
,, proteſtamos, que da noſſa parte temos cumpri-
,, do com tudo aquillo, que em nós foy para
,, com

„com Deos, e V. A. e com todo o povo; e
„aſſim o faremos ſaber com licença de V. A. por
„noſſas Cartas aos póvos do Reyno, para que
„a todos ſeja notorio, que eſta Cidade, Prince-
„za do voſſo Eſtado, naõ faltou com todas as
„lembranças, e proteſtações devidas de voſſo ſer-
„viço, e ao ſer, e bem commum delles: po-
„rém confiamos da chriſtianiſſima tençaõ, e mui-
„ta virtude, e ſingular ſaber de V. A. que con-
„ſiderará todas eſtas razões, e conformarſeha
„com o parecer de muitos, e leaes vaſſallos, e
„prevenirá com iſſo o grande aggravo, e eſcan-
„dalo, que do contrario ficará em ſeu povo,
„que o tanto ama, e ha de amar, e que o tam-
„bem ſerve, e ſempre ha de ſervir, o qual com
„muita humildade pede a V. A. lhe mande reſ-
„ponder brevemente como eſte negocio reque-
„re, porque niſſo receberá aſſinalada merce.

5 Penetrado ElRey da efficacia das razões, que ſe continhaõ neſte Memorial, como tambem das perſuaſoens do Cardeal D. Henrique, mandou por Franciſco de Sá, Senhor de Matoſinhos, ſaber da Rainha ſe ainda permanecia na determinaçaõ de ſe auſentar deſte Reyno, confiando da authoridade, e prudencia de taõ inſigne Varaõ a fizeſſe mudar do ſeu intento. A Rainha com ſagacidade reſpondeo, que naõ declararia a ſua vontade ſem primeiro ſaber a de ſeu neto, a qual podia manifeſtar a Filippe Prudente, e à Prince-
za

Manda ElRey a Franciſco de Sá para ſaber da Rainha a ſua ultima reſoluçaõ.

za D. Joanna de Auſtria, a quem eſtava comettido eſte negocio. Como a Rainha naõ cedia da ſua reſoluçaõ, ſe lhe eſcreveo a ſeguinte Carta, em que ſeveramente foy arguida de querer deixar o Reyno, onde ſe admira a liberdade unida com o zelo de quem a eſcreveo.

,, Senhora. Os mais dos Reys do Mundo, ,, aſſim os que tiveraõ verdadeiro conhecimento ,, de Deos, como os que o naõ tiveraõ, por bom ,, conſelho, e ordem de bom governo naõ ſe go- ,, vernaraõ, nem governaõ pelas Rainhas, naõ ,, deixando por iſſo de lhes fazer todo o bom tra- ,, tamento devido com muito amor, e affeiçaõ, ,, e os Reys, que o contrario fizeraõ, naõ lhes ,, ſuccederaõ bem ſuas couſas, nem ganharaõ boa ,, fama, tendo-os em pouco pelo Mundo, e os pe- ,, rigos, e trabalhos, que por iſſo lhe ſuccederaõ ,, foraõ muitos, e muy continuos.

,, ElRey, que Deos haja, alguns annos ,, ſeguio a ordem, que ſeguiraõ os Reys, que ,, ſe naõ governaraõ por ſuas mulheres, depois ,, affeiçoou-ſe tanto a V. A. pela voſſa muita vir- ,, tude, que ſe vos entregou de todo (o que lhe ,, naõ foy bem recebido neſte Reyno, nem nos ,, eſtranhos) de que principalmente ſe ſeguio hum ,, dos mayores perigos, que ſe neſte Reyno teve, ,, que ſó pelo conſelho de V. A. caſou ſua filha ,, com o Principe de Caſtella, naõ tendo mais ,, que hum ſó filho, ſem dar conta delle caſa-

„ mento aos Grandes do ſeu Reyno, nem ou-
„ tras muitas peſſoas, com que os ſemelhantes ca-
„ ſos ſe coſtumaõ de aconſelhar os Reys, ſe naõ
„ depois de feito a algumas peſſoas, e poucas,
„ que ſe acharaõ preſentes na Corte, os quaes
„ por mais que lho contradiſſeraõ por muy claras
„ razões, que para iſſo havia, naõ deixou de o
„ effectuar, naõ tendo mais filhos, como digo,
„ que o Principe que Deos tem, ſete annos mui-
„ to doente, e V. A. reſpondia aos homens, que
„ lhe naõ preguntava ElRey ſeu Senhor ſe faria
„ o tal caſamento, porque já o tinha feito, ſe
„ naõ como mandaria a Princeza, a que V. A.
„ deu muita preſſa a ir para Caſtella, onde naõ
„ foy tambem tratada do Principe, como devera,
„ nem de alguns Grandes; e como Deos ſempre
„ ſe lembra deſte Reyno, levou-a para ſi muito
„ de preſſa, e o filho, que lhe naſceo, naõ o vio
„ ElRey, que Deos tem, por conhecer a culpa,
„ que teve neſte caſamento; e que tinha neto em
„ Caſtella, e que podia ſucceder neſte Reyno,
„ e naõ bem inclinado, principalmente a eſta noſ-
„ ſa naçaõ Portugueza, ordenou vir a Princeza
„ noſſa Senhora ſendo o Principe de dezaſeis an-
„ nos, e de dezaſete faleceo, ficando a Princeza
„ prenhe, e ſendo a ſua morte mais ſentida de
„ Principe, nem de Rey que houve neſta terra,
„ ficando ElRey vivo, e naõ velho, e V. A. de
„ idade para poder parir, ſem ſer milagre, e El-
„ Rey,

„ Rey, que Deos haja, criara a ElRey noſſo Se-
„ nhor com tanto amor, que ſe alguma hora o
„ via agaſtado pelo V. A. caſtigar, naõ ſe lhe po-
„ diaõ ter as lagrymas nos olhos. Em ſua vida
„ naõ lhe deu Ayo, nem Camereiro mór, nem
„ homens, que olhaſſem por elle, houve-ſe Deos
„ por ſervido levallo para ſi ſem fazer teſtamento,
„ e pelas muitas obrigações, que V. A. tinha a
„ ElRey, que Deos haja, e a eſte Reyno, jun-
„ to com a ſua muita virtude, naõ lhe contradiſ-
„ ſeraõ governar o Reyno, como governava com
„ ElRey em ſua vida, ſem ſe guardar a ordem,
„ que naõ ſómente he de obrigaçaõ terſe com os
„ Governadores, mas que ſe ſempre teve com os
„ proprios Reys, quando tomaõ o governo, e ad-
„ miniſtraçaõ de ſeus Reynos, e entrando deſta
„ maneira no governo, lhe obedeceraõ, como ſe
„ niſſo concorreraõ todas aquellas couſas, que
„ eraõ devidas, e já tinhaõ concorrido em tem-
„ po delRey D. Affonſo V. e V. A. naõ taõ ſó-
„ mente naõ quiz fazer Cortes, para ſe entender
„ no que cumpria ao governo, e com quem, e o
„ modo que ſe teria na criaçaõ delRey, mas ain-
„ da, como quiz, deu ao ſeu Mordomo por Ayo
„ delRey, e elegeo Sumilheres, e Capitaõ da
„ Guarda pela ordem de Caſtella, e o Biſpo D.
„ Juliaõ de Alva fez ſeu Capellaõ mór, e o me-
„ teo no Conſelho, e lhe deu por Meſtre Luiz
„ Gonçalves Apoſtolo, e o mandou vir de Ro-

„ ma para isso por contemplaçaõ do Padre Tor-
„ res vosso Confessor, e Castelhano, e elle veyo
„ a isso, naõ querendo ser Confessor delRey, que
„ Deos haja.

„ Todo o tempo que V. A. quiz governar,
„ foy muito obedecida, e acatada, e fez todas
„ as cousas mais como Rey absoluto, que como
„ Governador, quando se determinou em deixar o
„ governo, muito mais amor, e affeiçaõ lhe mos-
„ traraõ, que ao Cardeal, a quem o quiz largar,
„ sabendo que podia succeder neste Reyno, pos-
„ to que Sacerdote; e a esta intençaõ respondeo
„ todo o Reyno a V. A. que o naõ largasse, pe-
„ gando-se às palavras das Cartas de V. A. em
„ que lhes dizia, que sempre anteporia a sua vi-
„ da, e descanso ao que cumprisse ao bem destes
„ Reynos: e vistas por V. A. taes repostas dei-
„ xou tal proposito, e tornou a proseguir seu go-
„ verno, e dahi a hum anno mudada disto cha-
„ mou a Cortes sem manifestar, que queria lar-
„ gar o governo, nem lhe mandar fazer muitas
„ lembranças, que lhe devera mandar fazer pela
„ larga experiencia, que tinha dos negocios, e
„ do governo, e da inclinaçaõ do Cardeal, que
„ era mais devoto do Ecclesiastico, que do Se-
„ cular; mas antes tirou V. A. liberdades, que
„ as Cortes tem, mandando apartar os homens,
„ e abbreviallas tirando-lhe nisso, e a muitas cou-
„ sas o poder que de direito, e costume tem, e
„ por

,, por parecer aos que eraõ juntos, que V. A.
,, dava eſta preſſa por naõ ſe ordenar alguma cou-
,, ſa, que foſſe do ſeu ſerviço, e deſconfiada del-
,, les as acabaraõ mais por lhe obedecer, que pe-
,, las couſas para que ſe ajuntaraõ, ſerem acaba-
,, das, fazendo niſto tanto o que naõ deviaõ,
,, que fora bem differente, ſe V. A. declarara, co-
,, mo devera, que queria deixar o governo, di-
,, zendo-lhes, que ſobre iſſo trataſſem tudo o que
,, cumpriſſem a bem deſtes Reynos, e à criaçaõ,
,, e vida delRey noſſo Senhor, e ſe iſto fizera,
,, ficaraõ as couſas aſſentadas, que nos naõ vira-
,, mos no perigo, e trabalho, que nos agora ve-
,, mos, e no que temos paſſado.

,, Nas Cortes requereo-ſe, que fizeſſem ou-
,, tro Ayo a ElRey noſſo Senhor, e que lhe deſ-
,, ſem Camereiro mór, e que lhe tiraſſem Sumi-
,, lheres, e o Meſtre Apoſtolo, e que fizeſſem
,, Eſcrivaõ da Puridade, e outros officiaes, e ſe
,, deſſem ordem nas couſas da Juſtiça, e Fazen-
,, da, e defenſaõ do Reyno, declarando como
,, ſe haviaõ de fazer, e que ſe devaſſaſſe dos cul-
,, pados neſtas materias, para que ſe allumiaſſe o
,, caminho, que no remedio diſſo lhe devia ter,
,, e que foſſe em tempo, que ElRey ficaſſe livre
,, de eſcandalo, e das ſatisfações, que no apu-
,, rar deſtas couſas, recreceſſem, pois fazendo-ſe
,, aſſim por ordem das Cortes o deſobrigavaõ.
,, V. A. impedio naõ ſe effeituarem eſtas couſas,

,, e en-

,, e entregou o governo ao Cardeal ſem a ordem
,, que ſe tivera o declarara no principio, pelo
,, qual V. A. fica de tudo com a culpa.

,, Pelo que eſtá obrigada a naõ deixar ſeu
,, neto, e eſte Reyno, ainda que algumas cou-
,, ſas particulares a obriguem a paixaõ, pois ſe
,, quer ir delle ſem cauſas licitas, antes de mui-
,, ta afronta, e deſcredito ſeu, moſtrando clara-
,, mente, que o faz por lhe dar mais trabalho,
,, e o pôr em mais neceſſidades, perigo, e diſcor-
,, dia, por onde parece que o intento de V. A.
,, foy ſempre eſte aſſim pelas couſas paſſadas, que
,, já diſſe, como pelas preſentes; e vay niſſo con-
,, tra ſua conſciencia, honra, e quietaçaõ devida,
,, porque em Caſtella ſabe V. A. muy bem como
,, governou a Emperatriz, quando o Emperador
,, naõ era preſente, e a Princeza noſſa Senhora,
,, que nenhum poder tinha, e que naõ eſtavaõ
,, por mais que fórma, e aſſim como foraõ tra-
,, tadas as Rainhas ſuas irmãas, e quaõ pouco
,, tempo duraraõ vivas, e que ſe ſe veyo a Rai-
,, nha de França, foy porque naõ tinha lá filhos,
,, nem netos; e porque naõ foy nunca Rainha,
,, ſenaõ hum meyo de honeſtar as pazes, e o que
,, ſofreo, he notorio a todos; e a Rainha Ma-
,, ria naõ tinha Reyno, e era Regente de Flan-
,, des. As Rainhas deſte Reyno ſaõ tidas por to-
,, do o Mundo por mais poderoſas, que todas
,, as outras, principalmente V. A. que fez ſem-
,, pre

„ pre nelle tudo o que quiz, como agora verá.

„ Quiz caſar D. Iſabel de Lencaſtro com o „ Duque de Bragança, em que lhe pez, e ca- „ ſou, e affirma-ſe que valeo o dote, que lhe de- „ raõ, hum conto de ouro. D. Iſabel de Mene- „ zes com o Capitaõ da Ilha da Madeira, da meſ- „ ma maneira deraõ-lhe trezentos mil reis de ju- „ ro, e doze, ou treze mil cruzados, que o Ca- „ pitaõ devia a ElRey, tiraraõ-lhe a ſua Caſa da „ ley mental duas vezes, deraõ-lhe os officios da „ Ilha, caſaraõ-lhe huma irmãa com o Almiran- „ te, a quem ſe deu tudo o que tinha para hum „ filho, e por ſe fazer eſte caſamento do Capitaõ, „ ſe fizeraõ muitas vexaçoens a ſua mãy muito „ honrada, pelo naõ querer conſentir, e manda- „ raõ-na embarcar para a Ilha com ſuas filhas, „ donde naõ tinha nenhuma couſa, e depois que „ caſaraõ ſeu filho, a mandaraõ tornar com ſuas „ filhas para logo ſe poder D. Iſabel ir para a Ilha: „ ora o que ſe fez ao Capitaõ em o mandarem vir „ com ſua mulher, e caſa foy a mais eſtranha cou- „ ſa, que ſe fez neſte Reyno, e parece que Deos „ permittio, que dous filhos deſta mulher hum „ Meſtre, e Confeſſor delRey, e outro ſeu Eſ- „ crivaõ da Puridade pareça agora a V. A. que „ elles ſejaõ cauſadores de ſua paixaõ, e deſcon- „ tentamento delRey ſeu neto. D. Magdalena „ de Granada caſou a furto com D. Luiz de Len- „ caſtro, deraõ-lhe cinco contos de renda para „ ſeus

„ seus filhos, ou filhas com mais de vinte mil cru-
„ zados. A D. Filippa de Alencastro com o Mar-
„ quez de Villa-Real deraõ outro dote como o
„ mayor destes, e fóra outras muitas Damas,
„ que se poderaõ contar, a que se deraõ poços
„ de ouro. Ora o favor, honras, e merces que
„ se fizeraõ aos seus criados, e aceitos, seria nun-
„ ca acabar; o que se fez a D. Fernando de Fa-
„ ro, e a todos seus filhos, e a sua filha, que ca-
„ sou com D. Joaõ de Menezes; e a D. Aleixo
„ vivo, e morto, e a sua mulher, e filhos; ora a
„ Pedro de Alcaçova, por dar a entender a A.V.
„ que a fizera Governadora destes Reynos; mui-
„ tas infinitas honras, e merces, e pôr a Casa de
„ Figueirò, que nunca ElRey, que Deos tem,
„ quiz fazer della o que V. A. fez, nem a mu-
„ lher, filho, e mãy de Diogo de Sousa dester-
„ rados por esse respeito, e por lhe tolherem re-
„ querer sua justiça. A dous Clerigos Castelha-
„ nos, que V. A. troxe, que por seus avôs, e
„ letras naõ mereciaõ nada, as Prelasias, e Dig-
„ nidades, que se lhe deu; aos Teyves, e Zuni-
„ gas, e outra muita gente a fidalguia, e mer-
„ ces que se lhe fez, seria nunca acabar. O per-
„ daõ que fez dar a ElRey nosso Senhor ao irmaõ
„ do Mestre Cano, foy mais que darlhe huma
„ Prelasia. Ora o que ElRey, que Deos haja,
„ deu a V. A. na India, e os serviços que lhe de
„ lá fizeraõ, naõ tem comparaçaõ. Estas cousas
„ naõ

„ naõ teve a Emperatriz, nem a Princeza voſſa
„ filha, nem outra Rainha de Portugal.

„ Quando ſe entendeo, que V. A. ſe que-
„ ria apartar delRey noſſo Senhor, e naõ queria
„ ir a Cintra, e depois a Almeirim, pareceo
„ que o faria com o meſmo intento, que o Empe-
„ rador ſeu irmaõ deixou o Imperio, e muitos
„ Reynos ao Principe ſeu filho mancebo ſem ex-
„ periencia, e notado o Principe de muita affei-
„ çaõ, que tinha a muitas mulheres; porque fez
„ muito, e faz hoje em dia; e o Emperador ſem
„ ter mais conta, que com a ſua alma, ſe reco-
„ lheo em differente parte das que V.A. tem para
„ fazer o meſmo, tendo mais obrigaçaõ para iſſo.
„ Agora ſe entende, que naõ ſe arredou V. A.
„ delRey ſenaõ por alguma paixaõ particular,
„ porque ſe fora ſómente por lhe parecer, que he
„ mal governado o Reyno, e por naõ querer ca-
„ ſar ElRey, e pelo que cumpre à vida, e ſau-
„ de ſua, e ſeu Eſtado, e pelo bem commum,
„ e porque ſe aconſelha com alguma gente, que
„ lhe naõ convém, poſto que ſeja a mayor par-
„ te della a que V. A. lhe deixou, fizera o que
„ faz a Rainha de França com ElRey ſeu filho,
„ que trazendo tantas guerras, e poſto em tan-
„ tos perigos com Lutheranos, traz alguns deſta
„ liga no ſeu Conſelho, e diſſimula, porque aſ-
„ ſim lhe convém. O meſmo podera V. A. fazer
„ ſe ſe metera com alguns do Conſelho delRey

„ ſeu neto, e atalhara muitas couſas de que ſe po-
„ dem ſeguir muitos males, e damnos, os quaes
„ accreſcenta com ſe querer ir ſem conſelho, ten-
„ do muita obrigaçaõ a pedillo, e tomallo de mui-
„ tos, que tem feito a V. A. muitos ſerviços com
„ muito amor, e lealdade, e deſta maneira po-
„ dera V. A. melhor curar o deſcontentamento
„ que tem, mas apartarſe V. A. deſtas obriga-
„ ções, e irſe para Caſtella, donde ha quarenta
„ e ſeis annos que veyo muito moça, e para on-
„ de ſua filha naõ viveo contente os dias que vi-
„ veo, e o filho que pario, morreo em prizaõ co-
„ mo Deos ſabe, e a Princeza, que lá eſtá he
„ mãy delRey noſſo Senhor, a qual nunca teve
„ a V. A. por amiga, e mais agora por reſpeito
„ de ſeu filho, parece deſatino.

„ Pois, Senhora, ſe V. A. quizer fazer mer-
„ ce do que leva deſtes Reynos às peſſoas, que
„ por iſſo haõ de eſperar, e que volo haõ de pe-
„ dir, virá V. A. a pedir eſmola muito depreſſa,
„ como fez outra Rainha, que lá foy com mais
„ juſta cauſa, ſendo ſua filha Rainha de Caſtella,
„ e ſe V. A. naõ quizer ſer larga neſtas merces,
„ porque haõ de eſperar, gente he taõ ſolta, que
„ lhe faraõ deſprezos, e deſcortezias.

„ Erro taõ claro como V. A. quer fazer taõ
„ ſem razaõ, deve de cuidar que he caſtigo de
„ Deos, que os Reys da terra naõ podem caſti-
„ gar, e por iſſo póde ſer que ordene Deos, que
„ V. A.

,, V. A. ponha a ſentença contra ſi, e ſeja a execu-
,, tora della com pregaõ, que a deſnaturaliza dos
,, ſeus verdadeiros, e leaes vaſſallos, que com tan-
,, to amor a tem ſervido, e obedecido. Lembre-
,, ſe tambem V. A. que em comparaçaõ dos luga-
,, res, que quer deixar em Portugal, em que pó-
,, de viver, e morrer quietamente, com muita eſ-
,, perança de ſua ſalvaçaõ, naõ ſe póde pôr em
,, nenhum em Caſtella, que lhe naõ pareça S.
,, Thomé, ou a Ilha de Santa Helena, e que pa-
,, ra a ſalvaçaõ muito mais perigoſos.

,, Deve-ſe V. A. de lembrar, que queren-
,, do-ſe a Infanta D. Maria ir para Caſtella, onde
,, eſtava a Rainha ſua mãy, e taõ eſcandalizada
,, delRey, que Deos haja, e de V. A. por ſer
,, mais licito caſarem-na com o Principe de Caſ-
,, tella, que a ſua filha pelo bem, e ſegurança
,, deſtes Reynos, e por outras cauſas ſemelhan-
,, tes, que depois aconteceraõ, a que lhe naõ acu-
,, diraõ como deveraõ, quaõ pezaroſo ficou El-
,, Rey, que Deos haja, com ſua ida, e quantas
,, couſas lhe offerecia porque ſe naõ foſſe. Mor-
,, reo ElRey, foy-ſe ella ver com ſua mãy, e por
,, mais que com ella trabalhaſſe pela fazer ficar em
,, ſua companhia, offerecendo-ſe a darlhe logo tu-
,, do o que tinha, que era muito, e que ſe naõ
,, ficaſſe, que podia perder tudo; quiz antes eſ-
,, ta excellente Princeza aventurarſe a perder o
,, amor de ſua mãy, e ſuas riquezas, que deixar

 ,, o Rey-

„ o Reyno no estado em que estava ; e por sa-
„ ber quanto todos o sentiaõ foy , e veyo sem re-
„ ceber por isso outro premio ; e por isso foy re-
„ cebida nesta terra com *Te Deum laudamus.* En-
„ tendo que muito mais sentimento se fará , se se
„ V. A. for , e muito mais louvores lhe daraõ , se
„ ficar.

„ Pelo amor de Deos , que converta V. A.
„ sua paixaõ , e cegueira em lhe pedir misericor-
„ dia , e perdaõ dos peccados , que disto podem
„ ser causa , para que a livre das trevoas , e escu-
„ ridaõ em que está , para que naõ perca em hu-
„ ma hora alma , vida , e honra , apressada com
„ muitos trabalhos , e naõ dê authoridade a pes-
„ soas , de que se deve guardar , e benzer , como
„ dos diabos , e naõ aventure a sua virtude por
„ quem a naõ tem , nem a sua consciencia , e ani-
„ mo livre , pelos que tem os seus cativos de
„ odios , e vicios , e a sua nenhuma cobiça pelos
„ sobejamente cubiçosos , e o seu zelo de justiça ,
„ pelos que a naõ fazem , e a sua humildade pe-
„ la soberba , ingratidaõ , e malicia destes lhe naõ
„ façaõ perder tanta cousa em tempo para aceitar
„ tudo.

„ Lembre-se V. A. que pelo conselho des-
„ ta gente , parece que mandou vir a este Reyno
„ o Duque de Feria , com as mais cousas , que
„ a isto precederaõ , que foy taõ ignominiosa vin-
„ da para ElRey nosso Senhor , que em nenhum
„ tem-

„ tempo ſe lerá nas Chronicas de Portugal, e
„ Caſtella, que ſe naõ tenha pela mayor offenſa,
„ a que ſe niſſo fez a eſta Coroa, que a tomada
„ da Ilha da Madeira; eſcrevendo-ſe primeiro de
„ Caſtella a eſte Reyno, que trazia varas para
„ açoutar eſtes niños em Portugal, e o fruto que
„ V. A. diſto tirou, foy ficarem no deſpacho Pe-
„ dro de Alcaçova, D. Franciſco de Faro, e o
„ Biſpo D. Juliaõ.

„ ElRey noſſo Senhor muitas occaſioens
„ teve na criaçaõ, que V. A. lhe deu, para po-
„ der fazer muitos deſconcertos, e a Deos aprou-
„ ve de o livrar delles, e os que lhe poem arre-
„ darſe das Damas, a quem era muito affeiçoa-
„ do em menino, naõ entendem o perigo, que
„ ſua conſciencia, e honra de ſeus vaſſallos cor-
„ riaõ, e V. A. ſabe quanto cuſtou a ElRey ſeu
„ avô, e a ſeu Eſtado, a que fez por eſte reſpei-
„ to, ſendo caſado com V. A. a quem todas as
„ perſeições do Mundo ſobejavaõ; e V. A. ſo-
„ freo com muita prudencia, e bom conſelho, e
„ por iſſo venceo ſeu marido demaſiadamente en-
„ tregue a ſeus privados. Ora veja V. A. quan-
„ to mais facil fora vencer o animo de ſeu neto,
„ taõ deſejoſo de acertar, e de fazer juſtiça, e
„ com tamanho animo para accreſcentar ſeu Eſ-
„ tado, e deſvelado por iſſo, e que todo o exer-
„ cicio, que faz, he a eſte fim, e que todas as
„ merces, que faz, lhe parecem pequenas, e
„ naõ

,, naõ ſente ſer pobre, ſenaõ pelas naõ poder fazer
,, grandes, e ſe as naõ faz, he porque lho eſtro-
,, vaõ, porque elle ſempre para iſſo tem vonta-
,, de, amigo dos nobres, e Cavalleiros. Outra
,, culpa ſe dá a V. A. muito grande, que he
,, quando fracamente reſiſtio a ElRey noſſo Se-
,, nhor, que naõ largaſſe a juriſdicçaõ da Coroa,
,, e que naõ uſaſſe de motu proprio das Commen-
,, das, ſabendo que nenhuma deſtas couſas quiz
,, ElRey de Caſtella conceder, mas antes dizem
,, que o Papa lhe concedeo de novo muito gran-
,, des rendas da Igreja, e ſabendo nós, que diz
,, o Papa, que o das Commendas fez a requeri-
,, mento do Cardeal, e dos Padres da Compa-
,, nhia. O Cardeal pelos deſejos, que tem de
,, ſer Papa, e os Padres da Companhia para naõ
,, entenderem os Papas as ſuas demaſiadas cubi-
,, ças, e poder. Se V. A. ſe puzera a defender
,, eſtas couſas, e as devaſſar, foraõ por outra or-
,, dem, livrara a ElRey ſeu neto de muitos tra-
,, balhos, neceſſidades, e eſcandalos, e houvera
,, miſter pouca força, ſegundo elle he bem incli-
,, nado; e deſta maneira ſe canoniſara V. A. ſe
,, quizera ficar no ſeu canto, e naõ ſeguir ſua pai-
,, xaõ indo-ſe deſta terra, e apartando-ſe da ſe-
,, pultura de ſeu bom Rey, e marido, e filhos,
,, aonde por razaõ ſe deve de enterrar, quando
,, a Deos aprouver, e cuidar agora onde ſe pó-
,, de agazalhar, e enterrar fóra deſtes Reynos.

,, E

„ E por remate lembro, que pede V. A.
„ conta a ElRey ſeu neto, que vay em dezoito
„ annos de governo, em que o deixou, e que
„ vo-la poderá elle pedir, e ao Cardeal mais li-
„ citamente, de que ſe pedio ao Infante D. Pe-
„ dro, mas elle he tal, que lhe naõ póde nin-
„ guem fazer mór offenſa, que trazerlhe iſto à
„ memoria, nem mór ſerviço, que affirmarem-
„ lhe, que o naõ quer V. A. deixar.

CAPITULO II.

Eſcreve S. Pio V. à Rainha D. Catharina, diſſuadindo-a da partida para Caſtella, a cuja determinaçaõ adverte ao noſſo Principe, ſe opponha como prejudicial à ſua Coroa; e ſe relataõ outras noticias concernentes a eſte negocio.

1571

6 CHegando aos ouvidos do Summo Pontifice S. Pio V. a deliberaçaõ da Rainha D. Catharina, com que deixando Portugal ſe retirava para Caſtella, como zelaſſe os intereſſes deſta Coroa, com paternal affecto a exhortou efficazmente a deſiſtir de hum intento, que era muito prejudicial a eſta Coroa, ſendo as clauſulas, de que ſe formava eſta exhortaçaõ as ſeguintes.

Eſcreve S. Pio V. à Rainha D. Catharina.

„ Hija nueſtra en Chriſto chariſſima, ſalud,
„ y apoſtolica bendicion. Nò poderiamos facil-
„ mente

„ mente acabar de explicar con palavras, quan-
„ ta admiracion, y juntamente dolor nos causa lo
„ que estos dias passados entendimos, que V. Mag.
„ tratava de apartarse de sus Reynos, e irse pa-
„ ra Castilla, principalmente porque entendido
„ tenemos averse assentado intimamente en el co-
„ raçon de V. Mag. alguna molestia, que hà re-
„ cebido de las cosas desse Reyno, que se hà for-
„ çado a tener esse animo, y parecer, porque se
„ esto assi nò fuera en ninguna manera pensamos
„ ser possible, que V. Mag. en edad yà quasi aca-
„ bada se quiziesse apartar dessas partes, en las
„ quales por tanto tiempo hà tenido entera, y fir-
„ me salud, y desamparar los pueblos, de que con
„ tanto servicio de amor, y reverencia ansi es ama-
„ da, y reverenciada, que en ninguna parte po-
„ dria ser tratada con mas reverencia, y amor,
„ y lo que de todas las cosas es lo principal desem-
„ parar aquiel nieto, o por mejor dizir hijo cha-
„ rissimo, en cuya compañia devia consolar, y
„ ablandar todas las perturbaciones, y las inco-
„ modidades, que la vejez suele padecer. Yerra
„ por cierto V. Mag. grandemente si piensa po-
„ der sofrir tal apartamiento, y ausencia del Se-
„ renissimo Rey su nieto, y por ella criado sin
„ gran detrimiento de la salud, y perturbacion,
„ y molestia del coraçon, para lo qual con el ma-
„ yor afecto de nuestro animo, que podemos,
„ rogamos en el Señor a V. Mag. que si las cosas,
„ con

„ con que es compelida a tomar tal consejo, son
„ de qualidad, que Nós podamos darle alguna
„ medecina, y remedio, nò las quiera azer saber
„ persuadindo-se por cierto, que ninguna de aque-
„ llas cosas dexaremos de azer, y que buscaremos
„ poder satisfazer al dezeo, y voluntad de V. Mag.
„ Pero en el entretanto exhortamos en gran ma-
„ nera en el mismo Señor a V. Mag. y por nues-
„ tro Redemptor le rogamos, que deponga, y
„ lance de si todo consejo, y voluntad de su par-
„ tida, y camino por ser llenissimo de muchos pe-
„ ligros, y danos, los quales màs queremos de-
„ xarlos a su prudencia para que los considere,
„ que confiarlos de Cartas. Ciertamente en nin-
„ guna manera podremos callar esto, que V. Mag.
„ deve pensar, que su consejo, authoridad, y
„ presencia es a esse Reyno muy necessaria entre
„ tanto que el Serenissimo Rey su nieto està en
„ edad tan dispuesta a mudarse, y que nò pueda
„ V. Mag. sin grande offensa de Dios Omnipo-
„ tente dexarlo desnudo de su ayuda, y consejo.
„ A estas justissimas, y honestissimas causas se
„ allega tambien otra, la qual nò solamente por
„ nuestra paternal benevolencia para V. Mag. mas
„ tambien por la reverencia, que tiene para Nós,
„ y para esta Santa Sede Apostolica deve tener
„ àcerca de V. Mag. nò pequeño pezo. Que si
„ V. Mag. condeciendendo, como es justo a
„ nuestras paternales admonestaciones, y exorta-

„ ciones dexado el parecer de irſe, perſeverare
„ como haſta ora hizo, y ayudare con ſu conſejo
„ a eſſe Sereniſſimo Rey ſu nieto, y favoreciere
„ con ſu preſencia a eſſe pueblo amiciſſimo de ſu
„ ſervicio, nos recebieramos dello gran alegria en
„ el Señor, y V. Mag. alcançara de Dios deſte
„ ſu tan pio, y provechoſo trabajo premio de la
„ eterna Bienaventurança, y con tal reconocimi-
„ ento de devocion, y obediencia para Nós eſta-
„ remos ſiempre aparejados a reſponder con todos
„ los officios, y demonſtraciones de nueſtra pater-
„ nal voluntad, que a V. Mag. pudieramos dar
„ con la ayuda del Señor. Dada en Roma acer-
„ ca de S. Pedro al primero de Mayo de 1571 de
„ nueſtro Pontificado año ſexto.

Eſcreve S. Pio V. a ElRey D. Sebaſtiaõ àcerca da partida para Caſtella da Rainha D. Catharina.

7 Naõ ſatisfeito o zelo do Summo Paſtor com as efficazes razões eſcritas à Rainha D. Catharina para naõ executar a auſencia deſte Reyno para o de Caſtella, eſcreveo a ſeu neto com igual efficacia perſuadindo-o em naõ conſentir na determinaçaõ de ſua avó pois della ſe ſeguiriaõ fataes conſequencias à ſua Real Peſſoa, e a todo o Reyno de Portugal, e que concluiſſe com ſumma brevidade o ſeu caſamento com a Infanta de França, por ſer digniſſima para o tal conſorcio. O Breve conſtava das clauſulas ſeguintes.

„ Chariſſime in Chriſto Fili noſter, ſalutem,
„ & Apoſtolicam benedictionem. Cum dilectus
„ Filius

,, Filius Majeſtatis Tuæ apud nos Orator ſuperio-
,, ribus diebus nobis expoſuiſſet chariſſimam in
,, Chriſto Filiam noſtram Portugalliæ Reginam
,, ejuſdem Tuæ Majeſtatis aviam de ſuo ex iſto
,, Regno diſceſſu, atque in Hiſpaniam profectio-
,, ne cogitare; adjeciſſetque etiam Sereniſſimum
,, Regem Catholicum ei ipſi Amitæ ſuæ volun-
,, tat cogitationique vehementer favere; deque
,, eo negotio ad Majeſtatem Tuam ſcripſiſſe; in-
,, credibile eſt, quantam ex ea re animi moleſ-
,, tiam, doloremque acceperimus. Intelligimus
,, namque propter ſummam in rebus iſtius Reg-
,, ni gubernandis ipſius prudentiam, & experien-
,, tiam, magnum illius diſceſſu Majeſtati Tuæ,
,, Regnoque ſuo detrimentum illatum iri; peri-
,, culoſumque eſſe, nè ex ejuſmodi profectione
,, multa accidant, quæ nollemus; quæque non
,, minus ſibi, quàm nobis moleſta eſſent futura.
,, Quibus juſtiſſimis cauſis illa quoque accedit,
,, quòd ne ipſa quidem Majeſtas Tua æquo ani-
,, mo, ac ſine magno dolore caritura eſt aſpectu,
,, & conſuetudine chariſſimæ aviæ, nutriciſque
,, tuæ, quæ ob eam quoque cauſam parentis lo-
,, cum apud ipſam obtinere, & ab ſe magna pie-
,, tate, reverentiâquæ coli debet; quòd Majeſta-
,, tis Tuæ non ſolùm educandæ, ſed etiam Re-
,, giis moribus, virtutibuſquê inſtituendæ laborem
,, magna ex parte pertulit. Quocirca Majeſtatem
,, Tuam in Domino vehementer hortamur, ut ad

„ ea officia , quibus ſponte ſua antehac functa
„ eſt , ut illam ab ejuſmodi conſilio , menteque
„ revocaret , noſtra cauſa alia poſthac adjiciat ,
„ quæcumque ad eam iſto Regno retinendam uti-
„ lia , accommodataque eſſe judicaverit. Quod
„ quidem Majeſtas Tua ea potiſſimùm ratione ef-
„ ficere poterit , ſi ſingularem quemdam amorem,
„ reverentiam , gratique animi memoriam ab il-
„ lius in ſe beneficia ſuſcepta illi declarabit , ſi in
„ omnibus actionibus ſuis , tum privatis , tum pu-
„ blicis præ ſe tulerit , illius conſilia , opinioneſ-
„ que omnes magni apud ſe ponderis eſſe ; quan-
„ do nemo præter eam alius Majeſtati Tuæ , aut
„ fideliora , aut amantiora conſilia dare poſſe exiſ-
„ timandus eſt ; ſi denique , ut illi obſequatur ,
„ præter eam moremque gerat , præſertim in ex-
„ tremo vitæ ſuæ curriculo jam conſtitutæ , non-
„ numquam de propriæ voluntatis ſtudio aliquid
„ remittendum , & multa contra animi ſui ſen-
„ ſum agenda eſſe decreverit. Quæ ſi Majeſtas
„ Tua fecerit , præpterquamquod pro certo ha-
„ bemus illam nihil tibi ſuper manſione ſua peten-
„ ti negaturam , Nos ipſi præterea maximam ex
„ ea re lætitiam in Domino ſumus accepturi. Ju-
„ dicamus enim talem Sereniſſimæ Reginæ aviæ
„ tuæ tractandæ rationem non ſolùm officio , exiſ-
„ timationi , gloriæque tuæ vehementer conve-
„ nire , ſed etiam tuorum Regnorum quieti , ac
„ tranquillitati eſſe utiliſſimam ; & quoniam hæc
„ nobis

„ nobis ad Majeſtatem Tuam ſcribendi occaſio
„ ſemel eſt oblata, nè illud quidem in præſentia
„ prætermittere voluimus Nos, poſteaquam dile-
„ ctus filius, Aloiſius de Torres ex iſto Regno re-
„ verſus eſt, idcirco nihil de ſuo cum chariſſimi
„ Regis ſorore matrimonio ad ipſam ſcripſiſſe,
„ quia juſtis de cauſis nobis viſa eſt Majeſtas Tua
„ ab ejuſmodi negotio tam citò concludendo ab-
„ ſtinuiſſe. Verumtamen illud, quod nullo mo-
„ do diſſimulare debemus, Majeſtatem quoque
„ Tuam meminiſſe volumus, ejus ipſius matrimo-
„ nii celerem concluſionem magnam nobis in Do-
„ mino lætitiam eſſe allaturam. In quam quidem
„ ſententiam non ſolùm eiſdem cauſis impellimur,
„ de quibus antea ad Majeſtatem Tuam ſcripſi-
„ mus, ſed etiam quia eam virginem eximia pie-
„ tate præditam, & omni virtutum genere præ-
„ ſtantiſſimam intelleximus, non ſolùm ex ordi-
„ nariis Nuntiis, Miniſtriſque noſtris, quos in eo
„ Regno jam diu habemus, ſed etiam ex his,
„ quos illuc dedita operâ ad hoc inveſtigandum
„ miſimus. Quod ad Majeſtatem Tuam ſcribere
„ voluimus, non ſolùm ut ſcire nobis in tali ne-
„ gotio ea curæ fuiſſe, quæ eſſe debuerunt, ſed
„ etiam ut intelligeret nobis ob noſtram erga Ma-
„ jeſtatem Tuam paternam benevolentiam gratiſ-
„ ſimum futurum, talem conjugem ſibi potiſſi-
„ mum, quemadmodum optamus, contigiſſe.
„ Datum Romæ apud Sanctum Petrum ſub An-
„ nulo

„ nulo Piſcatoris die prima Maii M.D.LXXI.
„ Pontificatus noſtri anno ſexto.

T. Aldobrandinus.

Naõ conſente D. Sebaſtiaõ, que a Rainha ſe auſente para Caſtella.

8 Foy taõ efficaz eſta exhortaçaõ dictada pelo Apoſtolico zelo do Summo Paſtor, que promptamente moveo a D. Sebaſtiaõ, para que partindo de Almeirim, onde aſſiſtia, vieſſe juntamente com o Cardeal D. Henrique viſitar a ſua avó, à qual com affectuoſas expreſſoens diſſuadio da jornada, que intentava; porém ella obſtinadamente reſoluta lhe reſpondeo, que eſte negocio dependia do beneplacito de Filippe Prudente, o qual por ſeu Embaixador D. Joaõ de Borja naõ ceſſava de promover a partida de ſua tia, inſinuando-lhe, que vieſſe habitar na Villa de Ocaña, ſituada no Reyno de Toledo, por ſer ſaudavel pelo clima, e abundante de todo o genero de mantimentos, devendo derigir a jornada pelo Santuario de Guadalupe. D. Sebaſtiaõ repreſentou a Filippe por D. Duarte de Caſtello-branco, Embaixador neſte tempo na Corte de Madrid, que naõ era conveniente à ſua Real Peſſoa a auſencia da Rainha D. Catharina, quando neceſſitava para a direcçaõ das ſuas acções a aſſiſtencia de huma taõ prudente Heroina. Para lhe conciliar a vontade naõ havia genero algum de obſequio, que com ella naõ practicaſſe, pertendendo, que ſe eſqueceſſe das diſcordias, de

que

que tinha ſido ingrato author. Atrahida eſta Princeza das inſtancias, com que ſeu neto ſolicitava impedir a ſua ſeparaçaõ, cedeo da contumacia, em que perſiſtia de ſe auſentar deſte Reyno, e com mais lagrymas, que vozes, rogou a D. Sebaſtiaõ, que para tranquillidade do animo, e recta adminiſtraçaõ da juſtiça, ſe apartaſſe de alguns Miniſtros, que com pretexto de zeloſos tyranizavaõ a Monarchia; que naõ continuaſſe em diſcorrer pelo Reyno com manifeſto perigo da vida; e que para evitar outros apetites, em que ſe perdia a ſaude da alma, e do corpo, ſe reſolveſſe a caſar, para firmemente eſtabelecer a Coroa herdada de ſeus Mayores. A eſta ultima advertencia reſpondeo D. Sebaſtiaõ, que como Sua Alteza poſſuia as terras, que eraõ patrimonio das Rainhas, naõ tinha rendas para comoda ſuſtentaçaõ de ſua eſpoſa, o que poderia executar ſe Sua Alteza ſe recolheſſe no Moſteiro da Madre de Deos, de Religioſas Franciſcanas, ſituado fóra dos muros de Lisboa. Tanto era o affecto, e ardente o deſejo, com que a Rainha queria ver eſtabelecida a ſucceſſaõ da Coroa com o caſamento de ſeu neto, que eſteve reſoluta a aceitar a condiçaõ propoſta de largar o ſeculo pelo Clauſtro, a qual foy impedida pela ſagaz politica de Filippe Prudente, de que foy interprete o Padre Miguel de Torres, Confeſſor da Rainha, que lhe aconſelhou fundar hum Convento recoleto,

Advertencias ſaudaveis, que a Rainha deu a ſeu neto.

leto, junto do Real Mosteiro de Belem, onde jazia sepultado seu real consorte, e nelle recolhida à imitaçaõ de seu irmaõ o Emperador Carlos V. acabasse em santo ocio os ultimos dias da sua vida. Dissimulou a Rainha prudentemente este arbitrio do Padre Torres, o qual pedindo-lhe licença para ir a Coimbra, lha concedeo com ordem de ficar naquella Cidade, pois tinha eleito por seu Confessor ao Mestre Fr. Francisco de Bovadilha, da Illustrissima Ordem dos Prégadores. Era este insigne Varaõ illustre por nascimento, como filho de D. Pedrarias Davila, Governador da Terra Firme do Perû, e D. Isabel de Bovadilha, filha de Francisco Fernandes de Bovadilha, Senhor de Pinos, e Bees, e sobrinho de D. Joaõ Arias de Avila, quarto Senhor, e primeiro Conde de Punhon-Rostro, e muito mais por virtudes, e letras, que o constituiraõ duas vezes Provincial desta Provincia de Portugal. A causa motora desta resoluçaõ foy querer a Rainha evitar as murmurações de todo o Reyno, de que sendo seu Confessor o Padre Torres, de seu neto o Padre Luiz Gonçalves da Camera, è do Cardeal D. Henrique o Padre Leaõ Henriques, todos tres Jesuitas, vivessem os Confessores taõ unidos, e os Confessados taõ discordes.

Elege por seu Confessor a Rainha a Fr. Francisco de Bovadilha Dominico.

Sousa *Agiolog. Lusitan.* Tom. 4. pag. 183. col. 2.

Telles *Chron. da Companhia de Jesus de Portug.* Part. 2. liv. 6. cap. 48. num. 2.

CAPI-

CAPITULO III.

Informa occultamente a Rainha D. Catharina a Filippe Prudente do miſeravel eſtado a que eſtava reduzido o Reyno pela cavilloſa politica de alguns Miniſtros, donde ſe originava a averſaõ, que lhe moſtrava ſeu Neto, e declara os remedios por onde ſe deve atalhar taõ prejudicial damno.

1571

9 OBrigada a Rainha D. Catharina dos eſtimulos da ſua timorata conſciencia, e juntamente do geral eſcandalo cauſado pela uniaõ dos dous irmãos Martim Gonçalves da Camera, e o Padre Luiz Gonçalves da Camera, com que ſe conſervavaõ no valimento delRey, mandou a D. Joaõ de Borja, Embaixador de Caſtella neſta Corte, para que partindo com brevidade informaſſe a Filippe Prudente com as inſtrucções, que lhe dava, eſperando da ſua poderoſa authoridade impediſſe o progreſſo de taõ graves damnos, que padecia eſte Reyno, dos quaes tambem informava ao Cardeal Alexandrino, Legado do Papa, e a S. Franciſco de Borja, Geral da Companhia de Jesus, que com elle vinha, para que chegando a eſtá Corte ſe empenhaſſem em o remedio de hum mal taõ pernicioſo, que parecia incuravel. A Inſtrucçaõ para ElRey de

Caſtella era a ſeguinte, eſcrita a 4 de Outubro deſte anno de 1571.

Inſtrucçaõ da Rainha D. Catharina para Filippe Prudente.

„ Lo que haveis de dizir al Señor Rey mi
„ hijo es lo ſeguiente, que yo roguè al Embaxa-
„ dor de S. A. quizieſſe tomar eſte trabajo deſte
„ camino para por el poder comunicar a S. A.
„ las coſas, que me parecen neceſſarias para las
„ que ſe tratan del ſervicio de Dios, y del Rey
„ mi nieto, y del bien deſta tierra, con las mas,
„ que tocan a lo que es neceſſario para mi cami-
„ no, porque por Cartas nò ſe pueden tan par-
„ ticularmente eſpecificar, y que por los papeles,
„ que S. A. allà tiene viſtos, y yo è embiado
„ ternà entendido las cauſas, que yo apuntè al
„ Señor Rey mi nieto, que me movian a eſta ida,
„ y que para el eſtado en que oy todo eſtà, pa-
„ rece que ſe ſufrirà tratar de las principales, pues
„ es el Embaxador el que và de quien yo tengo
„ tanta razon de confiar, y de las mas que S. A.
„ mandare, podra eſcoger de las que allà tiene, el
„ primero es el caſamiento del Señor Rey mi nie-
„ to, en el qual le hè hablado muchas vezes, y
„ pedido con toda la inſtancia, que he podido,
„ lo quiera efectuar. Trateſe tambien con el en
„ lo que cumple para ſu ſalud en lo qual parece
„ que tiene alguna emienda. En los peligros de
„ ſu perſona aſſi por mar, como por tierra, en que
„ por diverſas maneras ſe pone en ellos, arriſcando-
„ ſe tanto contra lo que todos avemos meneſter,
„ y en

,, y en eſto nò ſe ha pueſto el remedio que con-
,, viene a la authoridad de ſu dignidad, y eſtado,
,, y en eſto nò ay ſinò muy poca emienda, o
,, por mejor dizir ninguna. Pedile, que adqui-
,, rieſſe la benevolencia de ſus vaſſallos, que es
,, la coſa de que mas neceſſidad tienen los Reys
,, deſte Reyno, y con que mas los vaſſallos ſe
,, contentan, y con que ſe pagan por ſus ſervi-
,, cios, y con que mas ſe animan a hazerlos.
,, Lembrèle quan cautivo eſtava de las perſonas
,, a quien ſe ſugeta, y el eſcandalo que con eſto
,, dava, y de los deſordenes, que daqui nacian,
,, aſſi por lo que tocava a ſu real perſona, como
,, por nò ſer perſonas, que tengan profeſſion, ni
,, partes para el lugar que tienen; y quanto a eſ-
,, to cada dia ſe ſugeta màs a ellas, y mas ſe de-
,, xa apoderar dellos; en lo que toca a mi nò tra-
,, to, porque de màs de eſtar olvidada de mi en
,, eſta parte, eſpecialmente que teniendo yo a
,, S. A. nò tengo, que tener cuidado de mi, por-
,, que ſè que lo que toca a mi authoridad, y to-
,, do lo mas tiene a ſu cuenta como propria coſa
,, ſuya. Y pues en eſtas coſas nò ſe hà pueſto re-
,, medio, lo que S. A. deve atender, es ver ſi con
,, la venida del Legado ſe han de remediar, ò a lo
,, menos las principales, y que màs importan al
,, bien univerſal de todos, porque ſegun lo que ſe
,, entendiere, aſſi parece que deve S. A. diſponer
,, de mi; y ſepa que en todas eſtas coſas, como

„ el Embaxador le dirá, si ElRey estuviesse en
„ su libertad, y le dexassen abrir los ojos, ni le
„ faltaria entendimiento, ni condicion, ni volun-
„ tad para hazerlo todo muy bien, y si nò lo haze,
„ es por nò ayudarlo.

„ Conviene que S. Mag. entienda estar las
„ cosas delRey su sobrino, y de sus Reynos en
„ tales terminos, que si en esta conjuncion nò se
„ les dà remedio, los males iran cada dia en cre-
„ cimiento, y estè muy persuadido, que ningu-
„ na persona tiene tanta obligacion a procurar es-
„ te remedio como el; que nadie es poderoso pa-
„ ra darlo sinò el, y que en el tienen puestas las
„ esperanças los moradores destes Reynos; y que
„ es cosa dignissima de su grandeza remediar un
„ Rey moço, que muchas vezes confiessa tener
„ por hijo, y que nò deve parecer, ni ser bien
„ haver puesto tanto caudal con deseo de su re-
„ medio, si aora al tiempo de ponerse en efecto,
„ se quedase sin el, haviendo entendido en que
„ consiste el principal daño, y teniendo poder pa-
„ ra evitallo. Por lo qual aquellas cosas, que se
„ le representaren, que son de alguna utilidad,
„ deve con su auctoridad hazer, que se pongan
„ en execucion, y responder a las esperanças, que
„ en el estan puestas, y cumplir con lo que deve
„ a quien es, y al lugar, que Dios le diò en la
„ tierra, y al amor que dize tener al Rey, y al
„ beneficio de sus Reynos, sin pensar, que puede
„ haver

„ haver con que ſe le pueda impedir; y que deſ-
„ pues de efectuado le pueda dar alguna pena.
„ Nò es tiempo de blanduras; ni tienen los ſu-
„ getos diſpoſicion, ni los males eſtan en eſtado
„ para con ellas eſperar yà remedio; neceſſario es
„ hierro, y cauterio; y que ſe entienda en el
„ mundo que S. Mag. lo tiene en ſu mano para
„ curar lo que le pareciere; y que ſe vea que lo
„ aplica en la dolencia de un hijo, de quien ò
„ por ſu poca edad, o por haverlo demandado,
„ deve entender que es neceſſario uzar con el de
„ las medicinas que al parecer màs abomina, y
„ de que mas huye. La raiz deſte mal humor eſtà
„ nel Maeſtro, que el es Confeſſor, y principal
„ Conſejero, y obliga como Confeſſor a que ſe
„ execute lo que enſeña, y aconſeja: que coſa
„ puede haver màs facil a S. Mag. que quitar eſte
„ hombre deſte lugar con la mano de ſu Superior,
„ ſi el mueſtra querello, y que tiene razon para
„ quererlo, nò le an de reſiſtir, ni el Maeſtro ha
„ de reſiſtir a lo que el Superior le mandare. Ha-
„ viendoſe de hazer eſto, por mejor conſejo ter-
„ nia mandarle llamar dende Caſtilla con titulo
„ que el, y el Legado ſe quieren informar de los
„ negocios del Rey, y del Reyno, pues es la per-
„ ſona que mas intelligencia ternà dellos, y de
„ quien ſe deven informar para proceder en ellos
„ conforme a lo que Su Santidad les mandò. El
„ dia que eſta nueva ſonare en Portugal, ſe albo-
„ rotarà

,, rotarà con nuevas esperanças de ser remediado;
,, y los animos de aquellos que desean remedio se
,, esforçaran; y por lo contrario se enflaqueceran
,, los de los favorecedores destos daños faltando-
,, les el Capitan, y el machinador, y inventor de
,, novedades, y de todas estas desinquietaciones;
,, y con esto hallaran el Illustrissimo Legado, y
,, Reverendissimo General mas dispuesta la mate-
,, ria para la obra que quieren hazer, si S. Mag.
,, quiere que la hagan.

,, Estando el Maestro en Castilla, y havien-
,, dole dado a entender (y aun que nò lo entien-
,, da) ser el y su hermano auctores desta perdicion
,, podrianlo obligar a que avizasse al hermano, que
,, se apartasse del ministerio en que està, porque
,, sabe estar animado Su Santidad, y su Legado
,, para poner remedio en ello (por la informacion
,, que tiene de sú modo de proceder) quando el
,, nò lo huviera remediado. Toda la dificultad
,, està en la repugnancia delRey, y en el desgus-
,, to que recibirà, y en lo que se puede temer,
,, que de su disgusto puede resultar. Mas quien
,, es padre nò repara en la repugnancia del hijo
,, moço, y que mal entiende en las cosas, que sa-
,, be, y tanto quanto màs repugna, y nò se dexa
,, llevar de la razon, tanto conviene proceder con
,, mas violencia, en la qual nò se puede temer
,, peligro, pues toda la republica, y diversos es-
,, tados della quieren esto, como a principal re-
,, medio

„ medio de ſu perdicion, y an de perſuadir al Rey
„ que entienda haverle ſido neceſſario, lo qual
„ nò ſerà dificultoſo de darſelo a entender, ſi ſe le
„ declarare el miſerable cautiverio en que eſtà
„ pueſto; de donde puede reſultar, que le ſea
„ guſtoſo, lo que aora parece, que le darà pe-
„ ſadumbre. En lo que puede adelante ſuce-
„ der, nada ay que temer, porque la grandeza de
„ S. Mag. confiança ha de tener para ſufrir a un
„ ſobrino daquella edad, que diga que nò quiere
„ ſer ſu amigo por las obras de tanta amiſtad, que
„ le haze; quanto màs, que eſtos hombres ſon
„ de cuyo entendimiento hà ſalido perſuadir al
„ Rey que ſu poder puede reſiſtir, y ofender al
„ de todos, mas quitando eſtos hombres, todos
„ los que tienen juizio tratan de quan provecho-
„ ſa, y quan neceſſaria es la amiſtad del Rey ſu
„ tio, y le moſtraran haverle echo obra de gran-
„ de amor, en querer que ſea Rey, y quite el eſ-
„ candalo, que por eſtos hombres recibe ſu Rey-
„ no; y de màs deſto ha le traido Dios a las ma-
„ nos los inſtrumentos con que eſto ſe ha de execu-
„ tar, que ſon el Illuſtriſſimo Legado, y el Re-
„ verendiſſimo General, que por comiſion de S.
„ Santidad viendo la importancia deſtas coſas, y
„ quanto ſe deve a la Mageſtad del Rey Catoli-
„ co, holgarà de complacerle en lo que tanta ra-
„ zon moſtrare deſear; y ſi nò pone eſte remedio
„ tan honroſo, aunque nò uviera otra razon,

„ ſi-

„ ſinò haverlo deſeado, y pedido la Reyna que
„ llama madre, y Señora ſuya, podrà ſer juzga-
„ do por remiſſo en una coſa en que de màs de
„ lo que toca a la Reina, al Rey, y a eſta Re-
„ publica es muy importante; y ſe S. Mag. quie-
„ re acabar peſadumbres con llevar de aqui a S.A.
„ ſin haver otra emienda en las coſas, deve ad-
„ virtir, que yendoſe ella (como eſtà en la mano)
„ empeyorandoſe, es impoſſible dexar de tener
„ muy gran pezadumbre, y deſconſuelo, y aun
„ remordimiento de conciencia por haver dexa-
„ do la ocaſion de remedio, y haver buſcado por
„ remedio lo que ſirve para mayor daño, y que-
„ riendo S. Mag. abſolutamente llevar a S. A. (lo
„ qual nò es aſſi, pues ſe entiende tener otros in-
„ tentos ſu bondad) nò es bien llevarla en tiem-
„ po, que và como vencida de los que le han
„ ofendido, pues los dexa ſeñoreando el Reyno,
„ y ella ſe và del viendo tal coſa, nò la deve per-
„ mitir S. Mag. pues tan a ſu cargo eſtà eſta Se-
„ ñora, y las coſas que convienen a ſu autoridad,
„ con lo qual ſe podria mejor ir quando dexaſſe
„ derribados los que a ella y al Rey ſu nieto han
„ echo la traicion que ſabemos, y a todo el Rey-
„ no han dado eſcandalo que vemos.

10 Naõ era menos cheya de advertencias im-
portantes a inſtrucçaõ, que em nome da Rainha
D. Catharina deu o ſeu Secretario Franciſco Ca-
no ao Embaixador D. Joaõ de Borja, para ſeu
Vene-

Veneravel Pay S. Francisco de Borja, Geral naquelle tempo da Companhia de Jesus, o qual se estava esperando neste Reyno juntamente com o Cardeal Alexandrino. Constava a instrucçaõ das clausulas seguintes.

„ Muy illustre Senhor. Lembre V. S. a sua „ Paternidade Reverendissima, que o Santo Pa- „ dre, ElRey Catholico, Roma, Italia, Hes- „ panha; e França, e todos os que sabem da sua „ vinda estaõ aguardando o fruto della, e sabem „ em que o póde haver, e que Portugal está sus- „ pirando por elle; e que toda a Christandade en- „ tende, que posto que juntamente venha o Le- „ gado de S. Santidade, o pezo do negocio car- „ rega sobre elle, assim pela authoridade, que jun- „ tamente tem com o Legado, como pela intel- „ ligencia, que tem das cousas de cá, como tam- „ bem porque o remedio de muitas dellas, don- „ de outras dependem, direitamente pertence a „ sua Paternidade Reverendissima. Trata-se de ti- „ rar muitas offensas de Deos de todos os Estados „ destes Reynos, e de consolar huma Republica „ Christãa escandalizada, e de desafrontar a gran- „ deza, e bondade de huma Rainha, qual esta „ Senhora he, e descativar hum Rey moço de „ muy boas esperanças. Trata-se de restituir o „ credito à Companhia de Jesus, e de sua parte „ naõ perder o Ceo, e de repayrar o proveito „ espiritual, que nas almas a Companhia costu-

Instrucçaõ dirigida a S. Francisco de Borja em nome da Rainha D. Catharina.

,, mava fazer. Trata-se que o zelo de Sua Santi-
,, dade para as cousas dos Principes do povo Chris-
,, taõ he proveitoso, e que a authoridade delRey
,, Catholico, para o que convém a ElRey, que
,, tem por filho, e consolaçaõ da Rainha, que
,, tem por mãy, he de muito momento; e de fa-
,, zer, que as diligencias de V. S. filho de sua Pa-
,, ternidade Reverendissima, e Embaixador de
,, S. Mag. e desejoso da quietaçaõ da Rainha naõ
,, sejaõ vãas.

,, Lembre-lhe V. S. quanto se deve guar-
,, dar das informações do Cardeal Infante, e de
,, suas palavras brandas, por quaõ suspeito he nes-
,, te negocio pela inimizade, que ha entre os mo-
,, radores deste Reyno, e elle pela pouca amisa-
,, de, que tem às cousas da Rainha, pela condi-
,, çaõ, que tem de querer sempre mandar pelo
,, que interessa em deixar estar as cousas como es-
,, taõ pelo modo de entendimento, que tem del-
,, las. O aviso de se naõ haver de admittir do Pa-
,, dre Luiz Gonçalves, nem de outros Padres,
,, ou pessoas de sua opiniaõ, sem lho V. S. lem-
,, brar, o terá sua Paternidade Reverendissima en-
,, tendido, pois haõ de procurar por todos os mo-
,, dos, que poderem, defender seu partido. Deve-
,, selhe advertir, que he tamanho o medo, que
,, tem todos a Luiz Gonçalves, e seu irmaõ, e
,, de cuidar, que seu senhorio ha de conservarse,
,, que apenas ha de haver quem lhe use ir fallar;
,, pelo

„ pelo que devia mandar chamar algumas peſſoas
„ de zelo chriſtaõ, a quem encarregue a conſcien-
„ cia para lhe manifeſtarem o eſtado da terra, en-
„ carregando-ſe juntamente do ſegredo, porque
„ o temor de ſe ſaber lhes naõ faça encobrir a ver-
„ dade, ou pedindo-lhes a informaçaõ por eſcri-
„ to, ſe aſſim parecer mais conveniente para o
„ ſegredo.

„ Muito advertido deve eſtar ſua Paterni-
„ dade Reverendiſſima, de que tem poſto ElRey
„ em deſconfiança, perſuadindo-lhe, que he deſ-
„ autoridade ſua virem de Roma ao açoutar co-
„ mo a menino, e darem-lhe ordem em ſuas cau-
„ ſas, e que ſerá afronta ſua mudar algumas del-
„ las; ſervirá o proceder com eſta advertencia
„ para o tirar deſte engano, moſtrando-lhe, que
„ antes niſto ganha honra, e que iſto naõ he ſo-
„ geitallo, ſenaõ tirallo de huma afrontoſa ſo-
„ geiçaõ em que eſtá, e porque eſtá infamado em
„ todo o Mundo ſem o elle ſentir, e ſervirá tam-
„ bem para apercebimento de ſe naõ deixar de fa-
„ zer o que convém pelas moſtras de deſgoſto,
„ que poſſa dar; pois quando entender que ſe tra-
„ ta do remedio delle, e de ſeu Reyno, terá o
„ agradecimento, que he razaõ ter a taõ grande
„ beneficio.

„ Entenda ſua Paternidade Reverendiſſima,
„ que ſe approva eſte eſtado da Companhia ſer
„ Cortezaõ, e continua na Caſa, e Paço del-

„ Rey, e Governadora do Reyno, e outras
„ cousas com que muitas almas pias se offendem,
„ que ficará confirmada neste Estado, e sua Pa-
„ ternidade com perpetuo discredito será o con-
„ firmador, esperando de seu santo zelo, que fos-
„ se o Reformador, que restituisse esta parte da
„ sua Congregaçaõ à sua primeira Instituiçaõ.
„ Veja que segundo o espirito Evangelico nunca
„ danou o desprezo das cousas, que no Mundo
„ costumaõ ser estimadas, e querer conservarse
„ nellas com perdas taõ grandes como saõ as das
„ almas deste Reyno, e da consolaçaõ, e quieta-
„ çaõ delles, he cousa por extremo contraria ao
„ Instituto apostolico da Companhia, e os que
„ fingem naõ sey que fins para defensaõ deste mo-
„ do de viver; pois trataõ de se conservar em va-
„ lia, e mando temporal, bem clara tem a suf-
„ peita contra si.

„ Esteja sua Paternidade Reverendissima
„ muito firme em que males taõ arreigados que-
„ rem rigor, e efficacia no que se houver de fazer
„ para seu remedio, e que a experiencia tem mos-
„ trado naõ se dever fiar de palavras, e promes-
„ sas, posto que sejaõ de pessoas de sangue Real,
„ e de quem professa vida espiritual, porque se
„ com effeito as cousas se naõ puzerem em ordem
„ em voltando a cabeça, voltaraõ para traz sem
„ cumprir o promettido. Ponha diante dos olhos
„ mil damnos, e perigos de se a Rainha ir deste
„ Rey-

,, Reyno, e por outra parte em que naõ póde fi-
,, car nelle ſem afronta, e ſem perigo de lhe fa-
,, zerem deſacatos, e zombarem della, e delRey
,, Catholico, e do Legado, e delle meſmo, ſe
,, Luiz Gonçalves ficar no lugar, e mando, em
,, que eſtá; veja quaõ indigna couſa he de todos
,, ficar eſta Senhora em que eſtá, e quaõ abomi-
,, navel, que ſe tenha por mais importante a aſ-
,, ſiſtencia de Luiz Gonçalves com ElRey, com
,, tantos damnos, e tantos eſcandalos do Mundo,
,, que a aſſiſtencia da Rainha no Reyno deſejada
,, de todo o Mundo; e ora a Rainha ſe vá, ora
,, naõ ſe vá repreſentelhe a ſua Paternidade Re-
,, verendiſſima os clamores, que neſta terra fica-
,, ráõ, ſe iſto fica ſem emenda, e melhoria; e o
,, eſcandalo, que ficará nas almas deſte povo, e
,, deſeſperaçaõ, que teráõ de cuidar terem reme-
,, dio, pois em tal conjunçaõ ſe lhe naõ deu.

,, Peça-lhe V. S. que por amor de Jesus
,, Chriſto, ſe renove aqui o eſpirito antigo da
,, Companhia, e que ſe lembre de qual era o do
,, Padre Meſtre Ignacio de glorioſa memoria, e
,, do que parece que ainda durava quando tiraraõ
,, daqui o Meſtre Simaõ, e das couſas porque o
,, daqui deitaraõ, faça que o Mundo veja que a
,, cabeça veyo curar, e dar novos eſpiritos a eſ-
,, tes ſeus membros enfermos, e naõ poſſaõ jul-
,, gar, que ſua vinda foy para adoecer com elles,
,, e da meſma doença.

De

De ſemelhantes advertencias ſe compunha a Inſtrucçaõ, que a Rainha mandou ſignificar pelo Embaixador D. Joaõ de Borja ao Cardeal Alexandrino, Legado do Summo Pontifice, o qual ſe eſtava eſperando neſte Reyno, de cujo authoriſado caracter, e efficaz perſuaçaõ confiava a Rainha emendaſſe ſeu neto aquelles defeitos, que eraõ injurioſos à ſua ſoberania, ſendo o principal admittir à ſua preſença algumas peſſoas, que com o affectado pretexto do zelo do bem publico, ſómente cuidavaõ do proprio, conſeguindo taõ diſpotico dominio na ſua vontade, que ſómente executava o que ellas lhe perſuadiaõ com geral eſcandalo da Monarchia, e manifeſta injuria do ſeu Soberano.

CAPITULO IV.

Inflama-ſe o catholico zelo delRey contra os Infieis intentando paſſar à India, cuja reſoluçaõ muda para Africa. Edifica hum ſumptuoſo Templo a S. Sebaſtiaõ. Congratula ao Pontifice S. Pio pela celebre victoria do Lepanto.

1571

11 A Natural inclinaçaõ, que deſde os primeiros annos teve D. Sebaſtiaõ para a guerra, ſe augmentava mayormente com o progreſſo da idade, acuzando de ſeculos os annos,

nos, que lhe dilatavaõ o complemento de ſeus impacientes deſejos. As heroicas emprezas de ſeus coroados Aſcendentes, como as memoraveis façanhas dos Capitães, e Generaes Portuguezes, obradas nos campos da Europa, Aſia, e Africa, eraõ vehementes eſtimulos naõ ſómente para a imitaçaõ, mas ainda para o exceſſo, com que queria teſtemunhar o ſeu valor, e a ſua Religiaõ contra os ſequazes de Mafoma. Deliberado a taõ alta empreza, intentou paſſar à India, famoſo Oriente de heroicidades Portuguezas, perſuadido, que depois de debellados todos os Principes da Aſia com a ſua preſença, ſe ſometeriaõ ao ſuave jugo do Evangelho. Contra eſta idéa ſe oppoz o Cardeal D. Henrique, por ſer muito perniciofa à conſervaçaõ do Reyno, propondo a ElRey o perigo de taõ prolongada jornada, e o diſpendio, que era preciſo para huma Armada capaz de conduzir a ſua Real Peſſoa, e cauſar terror a todo o Oriente. Convencido deſtas razões dictadas pelo zelo do Cardeal D. Henrique, mudou ElRey o lugar, e naõ o intento de ſahir armado fóra do Reyno, diſpondo a ſua jornada para Africa, onde ſe tinhaõ immortaliſado com a gloria de vencedores muitos de ſeus Reaes Aſcendentes. Para eſte effeito applicou todo o deſvélo em formar huma Armada taõ formidavel pelo numero dos navios, como dos combatentes. Querendo diſſuadillo deſta reſoluçaõ o Padre

Intenta ElRey paſſar à India, cujo penſamento mudou para Africa.

dre Luiz Gonçalves, ſeu Meſtre, e Confeſſor, ſe affirma lhe diſſera, que antes de a executar, eraõ preciſas tres condiçoẽs, quaes eraõ deixar eſtabelecida a ſucceſſaõ da Coroa em quatro filhos, naõ offerecer o Reyno a perigo evidente, e fazer os apreſtos militares ſem oppreſſaõ dos pobres. Naõ ouvio ElRey com ſemblante alegre eſta advertencia por ſer contra o ſeu genio guerreiro; e poſto que ſuſpendeo a execuçaõ da ſua vontade, paſſados poucos annos a executou com irreparavel ruina deſte Reyno.

Cienfueg. *Vid. de S. Franciſco de Borja* liv. 5. cap. 15. §. 5.

12 Para deſempenho do voto, que fizera D. Sebaſtiaõ em o anno paſſado de edificar no Terreiro do Paço hum Templo ao Inclyto Martyr do ſeu nome, em obſequioſa gratificaçaõ de ter ſuſpendido o flagello da peſte, cujo furor conſumio na Corte de Liſboa cincoenta mil moradores, ſe determinou o dia em que foſſe lançada a primeira pedra. Chegou o dia 19 de Abril deſte anno de 1571, e no lugar em que havia eſtar a Capella mór, ſe levantou hum Altar, armada toda a circunferencia de precioſos panos. Sahio da Caſa da Miſericordia huma Prociſſaõ compoſta do Cabido, Capellães delRey, e todo o Clero até o ſitio do Templo, acompanhada delRey, o Cardeal D. Henrique, e o Senhor D. Duarte, com toda a Nobreza. Eſperava veſtido de Pontifical D. Jorge de Almeida, Arcebiſpo de Liſboa, eſta pompoſa comitiva, e depois de ben-

Lança ElRey a primeira pedra no Templo dedicado a S. Sebaſtiaõ.

zer

zer a pedra em que eſtava eſculpida huma Coroa ſobre tres ſettas, foy levada em huma paviola forrada de ſetim encarnado pelos Vereadores da Cidade D. Antonio de Almeida, irmaõ do Arcebiſpo, Joaõ de Mendoça, e o Deſembargador Antonio Dias da Maya à preſença delRey, que a lançou no aliceſſe, e logo outra pedra em nome da Rainha D. Catharina, e outra o Cardeal D. Henrique. Concluio-ſe o Ceremonial deſta religioſa funçaõ lançando agua benta o Arcebiſpo, aſſiſtido dos ſeus Capitulares, por toda a circunferencia demarcada para o ſitio do Templo.

13 Com igual deſvélo, que magnificencia ſe foy continuando a obra, e já chegava à ſua ultima perfeiçaõ, quando ſuccedeo a tragedia ſempre lamentavel em os Campos de Alcacer, de que foy fatal conſequencia paſſar eſta Coroa para o dominio de Filippe Prudente, o qual entrando em Lisboa, poſto que admiraſſe a mageſtade do edificio naõ approvou a eleiçaõ do ſitio, pois occupava huma das melhores praças da Cidade. Reſoluto Filippe a mudar para outro ſitio o Templo, lhe ſupplicaraõ o Prior, e Conegos do Real Moſteiro de S. Vicente, da Canonica Ordem Auguſtiniana, que como aquelle Convento era depoſito do braço do invicto Martyr S. Sebaſtiaõ, que a D. Joaõ o III. mandara ſeu cunhado Carlos V., e eſtava muito damnificado o edificio pela ſua antiguidade, o podia piamente

Por ordem de Filippe Prudente ſe transfere o Templo do Terreiro do Paço para S. Vicente de Fóra.

reſtaurar com a pedraria, e materias do Templo, que queria do Terreiro do Paço transferir. Condeſcendeo ElRey a taõ juſtificada ſupplica, ordenando, que foſſem Tutelares do Templo os dous valeroſos Martyres S. Sebaſtiaõ, e S. Vicente, cuja invocaçaõ foy confirmada pela Santidade de Gregorio XIII. Para a nova conſtrucçaõ do Templo conſignou ElRey dous mil e quinhentos cruzados na Alfandega de Lisboa, em quanto duraſſe a obra, que ainda permanece, ſendo a mais ſumptuoſa, e magnifica com que ſe ennobrece a Corte de Lisboa.

14 Será eternamente memoravel nos Faſtos da Chriſtandade o dia 7 de Outubro deſte anno de 1571, em que a Fé Catholica alcançou a mais glorioſa victoria dos torpes ſequazes de Maſoma em o Golfo do Lepanto, Cidade da Grecia na Achaya, que Bajazet II. tinha violentamente uſurpado aos Venezianos. Soberbo, e vanglorioſo Selim, Emperador dos Turcos, com o feliz progreſſo das ſuas armas em a Ilha de Chipre, de que já eraõ deſpojos Nicoſia, e Famaguſta, applicou toda a ſua potencia na preparaçaõ da mais alteroſa Armada, que tinha ſurcado o Oceano, para com ella derrotar a da Liga Catholica, de que era Generaliſſimo D. Joaõ de Auſtria, irmaõ de Filippe Prudente, cujo valor, e diſciplina militar competia com a ſoberania do naſcimento. Era composta a Armada inimiga de duzen-

Prepara o Turco huma Armada formidavel contra os Catholicos.

duzentas e oitenta Galés, guarnecida de Capitães, e Soldados escolhidos de todo o Imperio Ottomano, sendo seu General Ali Baxa, e Cabos subalternos Farta, Casan, Siroco Governador de Alexandria, e Aluch, todos Baxás, e o Cossario Caracosa. Constava a Armada Catholica de duzentas e oito Galés, seis Galeões, e cincoenta e sete fragatas. Levava a vanguarda André Doria com cincoenta e quatro Galés com bandeiras verdes. Seguia-se D. Joaõ de Austria, acompanhado dos Principes de Parma, e Urbino, do Commendador mór de Castella seu lugar Tenente, e dos Generaes do Papa, e da Republica de Veneza Antonio Colona, e Sebastiaõ Venero, e outros Fidalgos, com bandeiras azuis. Tremolava na Galé real o Estandarte da Liga, onde no meyo estavaõ bordadas as Armas do Pontifice, à parte direita as delRey de Castella, e as de Veneza à esquerda. Ultimamente navegava o Provedor Barbarigo com cincoenta e cinco Galés com bandeiras amarellas, o qual havia na batalha occupar o lado esquerdo. Na retaguarda deste apparato naval hia o Marquez de Santa Cruz com trinta Galés ornadas de bandeiras brancas, para acudir promptamente à parte onde se necessitasse de soccorro.

Sahe a Armada Catholica contra a Ottomana, e quem era seu General.

Ferreras *Hist. de Hesp.* Part. 15. al an. 1571. n. 6. e seg.

15 Certificado o General Turco, de que a Armada Catholica o vinha buscar, consultou com os Capitães Farta, Amet Rey, e outros

Baxás, se era conveniente aceitar a batalha, e resolvendo que naõ, seguiraõ contrario voto Aluch, Ali, e Hacen, naõ sómente por ser expressa ordem do Graõ Senhor, e credito das suas armas, mas porque a Armada Catholica impedida pela inclemencia do tempo tinha chegado a 4 de Outubro à Ilha de Zefalonia. Navegando pelo Golfo do Lepanto avistou a 7 a Armada inimiga, e com summa brevidade se formou em ordem de batalha, tomando Doria o lado direito, D. Joaõ de Austria, com os Generaes do Papa, e de Veneza o centro, e Barbarigo o lado esquerdo. Temeroso começou Ali a formar a sua Armada, conhecendo que era inferior à Catholica, e dispondo de todo o poder naval huma meya Lua, intentava abarcar dentro do semicirculo toda a Armada Catholica. Occupava a ponta direita Farta com oitenta Galés, e a esquadra Muhameth, e Aluch com cincoenta e tres. Assistia no centro para animar taõ vasta circunferencia o General Ali com cento e trinta Galés. Governava vinte e duas Hazen, Governador de Tripoli, e neto de Barbaroxa, para soccorrer a parte onde fosse mayor o perigo.

Formaõ-se em batalha as duas Armadas no Golfo do Lepanto.

16 Dividida pelo impulso da artilharia em varias partes a meya Lua formada pelos Turcos, se começou o combate de ambas as Armadas com aquelle ardor, e constancia, que promettiaõ nações taõ belicosas. O estrondo da artilharia, o alarido

alarido das vozes, o fogo envolto em fumo, os gemidos dos agonizantes, a copia de ſangue derramado, e o mar cuberto de corpos mortos, e vivos, repreſentavaõ o mais horroroſo eſpectaculo, igualmente ingrato aos olhos, como aos ouvidos. Diſtinguiaõ-ſe no furor do conflicto as Capitaneas dos Generaes, anhelando cada huma coroarſe com os louros da victoria. Por duas vezes foy entrada a de Ali, donde ſahiraõ rechaſſados os Catholicos: porém ſendo-lhe derrubada a popa pela artilharia da Galé real, em que eſtava D. Joaõ de Auſtria, como ficaſſe deſcuberta a praça de armas naõ perdia tiro a eſpingardaria Heſpanhola na multidaõ de Genizaros, que a guarneciaõ. Paſſadas duas horas de combate foy abordada a Capitanea inimiga por D. Lopo de Figueiroa, D. Bernardino de Cardenas, e D. Miguel de Moncada, e achando morto o General Ali de huma bala, foy cravada a ſua cabeça em hum alto pique, e abatido o Eſtandarte Turco, ſobre elle ſe arvorou a Imagem de Chriſto crucificado, cuja viſta cauſou novos alentos aos Catholicos, e os ultimos deſmayos aos Turcos, perdendo os eſpiritos, que ſe animavaõ com a vida do ſeu General. Naõ podendo já os barbaros reſiſtir ao heroico valor dos Catholicos, deixaraõ para indeleveis teſtemunhas deſte naval triunfo trinta mil mortos, dez mil cativos, e quinze mil Chriſtãos libertados. Augmentou-ſe a gloria de taõ

Deſcreve-ſe o furor do Combate.

Triunfa a Armada Catholica com a mais fatal derrota dos inimigos.

taõ plauſivel dia com trinta Galés ſubmergidas, vinte e cinco abrazadas, e cento e trinta prizioneiras. Morreraõ na batalha ſete mil Catholicos renaſcendo immortaes, e victorioſos em mais alto triunfo. No inſtante em que ſe alcançou a victoria, foy revelada ao eſpirito de S. Pio V. em premio do ardente zelo com que promovera a liga Catholica contra o inimigo commum. Ao tempo que o Summo Paſtor eſtava converſando com o ſeu Theſoureiro Bartholomeu Buſtos, ſe apartou delle, e pondo os olhos no Ceo, ſe lhe encheo o entendimento de luz ſuperior, e o coraçaõ de jubilo exceſſivo pela certeza da victoria, que Deos lhe revelara: e voltando ao Theſoureiro, lhe diſſe derramando copioſas lagrymas, haver triunfado a Armada Catholica da Ottomana, por cujo beneficio diſpenſado pelo Supremo Arbitro das victorias ſe lhe deviaõ render multiplicadas graças.

He revelada a victoria a S. Pio V.

17 A plauſivel noticia de taõ celebrada victoria recebeo ElRey D. Sebaſtiaõ a 3 de Novembro, a tempo que aſſiſtia com a Rainha em Almeirim, e depois de ſer generoſamente premiado o portador, ſe ordenou foſſe ſolemnemente applaudido o triunfo, que as armas Catholicas tinhaõ alcançado dos inimigos da Cruz. Sahio a 8 de Novembro da Cathedral de Lisboa até o Convento de S. Domingos huma Prociſſaõ compoſta de todas as Confrarias, Communidades Religio-

Recebe D. Sebaſtiaõ a noticia deſta victoria, e a manda applaudir publicamente.

ſas,

ſas, e Clero, que ſe fechava com o Cabido, e o Arcebiſpo D. Jorge de Almeida. No fim ſe recitaraõ dous Sermões, hum na Igreja de S. Domingos, e outro no Clauſtro, em que ambos os Oradores expuzeraõ o valor heroico, e ardente zelo, com que os Catholicos tinhaõ humilhado o orgulho, e deſtruido o poder naval do inimigo commum da Chriſtandade.

18 Naõ permittio o terniſſimo affecto com que S. Pio V. amava ao noſſo Monarca de lhe dilatar a noticia do glorioſo ſucceſſo das armas Catholicas contra as Ottomanas, e como conhecia experimentalmente o ſagrado ardor que animava ſeu peito contra os ſequazes de Mafoma, lhe ſupplicou, que colligado com os outros Principes Catholicos expediſſe a ſua Armada para total ruina do Mahometiſmo. Todos eſtas expreſſoens ſe incluiaõ na ſeguinte Carta.

Participa S. Pio V. a ElRey D. Sebaſtiaõ a noticia da victoria.

„ Pius Papa V. Chariſſime in Chriſto Fili „ noſter, ſalutem, & Apoſtolicam benedictio„ nem. Cum placuerit Omnipotenti Deo pro ſua „ ineffabili miſericordia Claſſi noſtræ ſancti fœde„ ris apud ſinum Corinthiacum inſignem, & glo„ rioſiſſimam victoriam contra Turcas concedere, „ & ſi ejus notitiam, ac famam jam ad Majeſta„ tem Tuam perveniſſe credimus, tamen ex noſ„ tris quoque litteris idem illam cognoſcere volui„ mus, ut nobis congaudens, debitaſque exerci„ tuum Domino, & totius conſolationis Deo gra-

„ tias

„ tias agens, ipsa etiam cogitare incipiat de San-
„ cto hoc fœdere suis viribus, atque potentia for-
„ titer adjuvando; adeo autem gravem, & in-
„ gentem cladem accepit immanissimi hostis orna-
„ tissima Classis tercentarum, & eò amplius na-
„ vium cum defensoribus à nostris partim capta,
„ partim deleta, ut conspirantibus in unum, si-
„ cut decet, Christianis Principibus, & ipsum
„ undique terrà, marique invadentibus, minimè
„ dubium sit meliores res Christianorum, secun-
„ dioresque indies eventus, ac successus habituras.
„ Itaque, Charissime Fili, cum tuæ, & maiorum
„ tuorum laudis proprium sit contra infideles assi-
„ due bellum gerere, Christique fidem augere,
„ optamus, ut sicut in India, & Africa gloriosum
„ Portugalliæ Regum nomen maximè celebratur,
„ ita in his quoque Europæ locis non minori laude,
„ & gloria decoretur, tuaque de Fide, & Chris-
„ tiana Religione merita indies, magis illustrentur.
„ Quemadmodum Majestatem Tuam pro sua præ-
„ stanti virtute, & pietate, animique magnitudi-
„ ne facturam confidimus, & persuasum habemus;
„ quemadmodum, Deo dante, propediem Ma-
„ jestati Tuæ pluribus exponet dilectus filius nos-
„ ter Michael Cardinalis Alexandrinus Apostolicæ
„ Sedis Legatus. Datum Romæ apud S. Petrum
„ sub Annulo Piscatoris die vigesima sexta Octo-
„ bris 1571 Pontificatus nostri anno sexto.

CÆS. GLORIERIUS.

Com

19 Com as ſignificações mais obſequioſas agradeceo ElRey D. Sebaſtiaõ ao Summo Paſtor a feliz noticia, que lhe participara, a qual tinha a fama divulgado por todo o Mundo em applauſo da Fé Catholica, e confuſaõ do Imperio Ottomano; e poſto que já tinha por ſeu Embaixador, aſſiſtente na Curia, congratulado ao Pontifice por taõ fauſto triunfo, expreſſou o jubilo do ſeu coraçaõ por eſtas palavras.

Gratifica D. Sebaſtiaõ aõ Pontifice a noticia da victoria.

,, Muito Santo em Chriſto Padre, e muito Bemaventurado Senhor. D. Sebaſtiaõ por graça de Deos Rey de Portugal, &c. Com toda a humildade envio beijar ſeus ſantos pés. He tamanha a merce, que Noſſo Senhor fez a V. Santidade para toda a Chriſtandade na grande victoria, que deu à Armada Chriſtãa contra a do Turco, que continuamente nos devemos alegrar com ella, e darlhe ſempre por eſta merce muitas graças: e por iſſo, ainda que eu logo mandaſſe ao meu Embaixador neſſa Corte de V. Santidade, lhe deſſe da minha parte as emboras deſta taõ deſacoſtumada victoria, ſignificando-lhe o grandiſſimo contentamento, com que eu della ficava, depois me tornaſſe a alegrar ſobre iſto com o Reverendiſſimo Cardeal Alexandrino, Legado, e ſobrinho de V. Santidade, meu como irmaõ muito amado, e lhe eſcreveſſe tambem por elle ſobre a meſma victoria, me pareceo toda via couſa muy devida

 fazer

,, fazer efte officio com mais demonftraçaõ da mi-
,, nha obrigaçaõ, e do filial amor, que tenho a
,, V. Santidade, e enviar a efte fó effeito correyo
,, proprio com efta vifitaçaõ para o meu Embai-
,, xador a fazer da minha parte, e tornar em meu
,, nome a dar a V. Santidade os parabens defta vi-
,, ctoria, que Noffo Senhor lhe deu, porque ain-
,, da que haja muitos dias que paffou, affim nos
,, devemos alegrar com ella agora, como fe hoje
,, em dia fora, e affim parecerá a quem trouxer
,, na memoria as calamidades dos tempos, e o
,, que elles promettiaõ em todas as coufas antes
,, defta tamanha merce de Noffo Senhor, feita
,, em tempo de V. Santidade, que dá grande ef-
,, perança naõ fómente de cobrar o perdido em
,, taõ largo tempo, mas de em outro muito bre-
,, ve fe haverem novos, e grandes ganhos efpiri-
,, tuaes, e temporaes para a Igreja Catholica, e
,, para toda a Chriftandade; e prazerá a Noffo Se-
,, nhor, que affim como foy fervido de moftrar a
,, V. Santidade, o que naõ viraõ os Santos Pon-
,, tifices feus Anteceffores, que tanto o defejaraõ,
,, permittirá, que efta empreza da deftruiçaõ do
,, Turco, em que V. Santidade por todas as vias
,, tem metido tanto cabedal de orações, e po-
,, der, fe acabe em tempo de V. Santidade, e
,, que colha o fruto do que à cufta de tanto feu
,, trabalho femeou, para que em breve tempo re-
,, duza V. Santidade à obediencia da Igreja Ca-
,, tholica

,, tholica o Mundo todo, ou parte delle. Mui-
,, to Santo em Christo Padre, e muito Bemaven-
,, turado Senhor. Nosso Senhor por muitos tem-
,, pos conserve a V. Santidade a seu santo servi-
,, ço. Escrita em Almeirim a 12 de Fevereiro
,, de 1572.

CAPITULO V.

Parte para França com o carecter de Embaixador João Gomes da Sylva, e da instrucção, que levou da Rainha D. Catharina. Morre alentadamente em o mar D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, Governador do Brasil, acomettido por cinco náos de Piratas, onde são victimas da sua impiedade o Padre Pedro Dias com 17 Companheiros Jesuitas. Representa D. Sebastião pelo Embaixador a ElRey de França os insultos cometidos por seus vassallos contra esta Coroa, dos quaes manda tomar o merecido castigo por D. João de Mendoça.

1571

He elcito Embaixador para França João Gomes da Sylva.

20 PAra a Corte do mayor Rey da Europa elegeo com madura resolução o nosso Principe o mayor politico, e Soldado, que tinha em o seu Reyno, qual era João Gomes da Sylva, Alcaide mór, e Commendador da Villa de Cea em a Ordem de Aviz, Védor da Fa-

Fazenda, e Conſelheiro de Eſtado, filho de Braz Telles da Sylva, Alcaide mór de Moura, Camereiro mór, e Guarda mór do Infante D. Luiz, e de D. Catharina de Brito, filha de Ruy Mendes de Brito, e D. Margarida Figueira ſua ſegunda mulher. Havendo manifeſtado os ſeus marciaes eſpiritos na Armada em que navegou para a India com o poſto de Capitaõ mór no anno de 1567, ſe reſtituhio a Portugal, onde ſendo venerado o ſeu talento, igualmente capaz para a Campanha, como para o Gabinete, partio para Pariz com o caracter de Embaixador, cujo miniſterio deſempenhou como promettiaõ a ſua incorrupta fidelidade, e maduro juizo.

Salazar *Hiſt. Geneal. de la Caſa de Sylva* liv. 9. cap. 15.

Faria *Aſia Portug.* Tom. 3. pag. 543.

21 Recebida a inſtrucçaõ do ſeu Soberano, lhe ordenou a Rainha D. Catharina, que entregando as ſuas Cartas eſcritas a ElRey Chriſtianiſſimo, e à Rainha ſua eſpoſa, lhe ſignificaſſe a hum o ſincéro jubilo que tivera, quando recebeo a fauſta noticia de ter celebrado deſpoſorios com ſua ſobrinha, e a eſta o exceſſivo amor que lhe tinha, fundado em os eſtreitos vinculos do parenteſco, e excellentes dotes de que a natureza beneficamente a ornara, eſperando que brevemente o Author de todas as felicidades, lhe abençoaſſe o thalamo com dilatada deſcendencia, para com ella ſe illuſtrarem os mayores Thronos da Europa. Semelhante obſequio mandou practicar com a Rainha, mãy delRey, e a irmãa deſte Prin-

Inſtrucçaõ que levou da Rainha D. Catharina.

Principe a Infanta Margarida de Valois; e ultimamente ao Duque de Anjù, irmaõ delRey Christianissimo exaltando com grandes elogios o intrepido valor, e sagrado zelo, com que, parcial dos interesses delRey, se tinha heroicamente opposto aos atrevidos intentos dos sequazes do Calvinismo.

22 Havendo recebido o Governador do Brasil D. Luiz Fernandes de Vasconcellos em a Ilha da Madeira a infausta noticia do successo da náo Santiago, que era da sua conserva, onde foraõ victimas do furor heretico o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo com trinta e nove Companheiros do seu heroico espirito, sahio com duas náos, que capitaneava, e emproando na altura de Cabo-Verde, foy obrigado pela violencia de repetidas tormentas a fazerse na volta de Guinè, onde pelo excesso das doenças originadas da intemperança do clima, se converteraõ as náos em Hospitaes. Vencidos varios infortunios, avistou o Brasil, destinado termo da sua navegaçaõ, e por mais que forcejou vencer o Cabo de Santo Agostinho, o naõ póde conseguir, antes obedecendo à furia dos ventos, e corrente das aguas, aportou à Ilha de S. Domingos, e a outra náo à de Cuba, em as Indias de Castella. Reparada a sua náo, tornou a buscar o Brasil, porém a fortuna conspirada contra a sua pessoa, fez que voltasse às Antilhas, e demandando as Ilhas Terceiras,

Sahe D. Luiz Fernandes de Vasconcellos da Ilha da Madeira para o Brasil, e dos infortunios, que lhe succederaõ.

ras, ancorou em o porto de Angra, donde com a outra náo que fóra aportar à Cuba, ſahio a 6 de Setembro deſte anno de 1571. Chegando com vento favoravel à altura das Canarias, aviſtou a 12 do dito mez quatro náos Francezas, e huma Ingleza, que tinhaõ ſahido de Rochela, cuja Capitanea era a meſma, em que o anno paſſado Jaques Soria triunfara da náo Santiago com a ſacrilega morte de quarenta Padres Jeſuitas. Era Capitaõ deſta náo Joaõ Cadavilho, ſemelhante ao Soria em o odio aos dogmas da Igreja Romana, como em a obſervancia dos delirios de Calvino. Conheceo D. Luiz o perigo a que eſtava expoſto, e fortificado com os Sacramentos animou aos ſeus Companheiros, a que valeroſamente ſacrificaſſem as vidas em obſequio da Fé, e ſerviço do ſeu Principe. Deu principio o Capitaõ inimigo poſto a tiro de bombarda das noſſas náos com dous tiros ſem bala, para que amainando as vélas, lhe naõ diſputaſſemos a victoria. A eſte atrevido penſamento reſpondeo D. Luiz pelas bocas de quaſi toda a artilharia, de que recebeo grave damno a Capitanea dos inimigos. Furioſo Cadavilho com eſte eſtrago, por tres vezes intentou ferrar a noſſa Capitanea, porém outras tantas foy heroicamente rebatido com morte de trinta Soldados, e evidente perigo da ſua náo, ſendo paſſada com huma bala ao lume da agua, e com outra quebrado o maſto grande.

Combate D. Luiz com cinco náos de Piratas.

Re-

23 Receando Cadavilho, que ſe ſubmergiſſe a ſua náo, inveſtio quarta vez a noſſa com taõ grande numero de Soldados, que logo mataraõ a cinco Portuguezes, que defendiaõ a proa. D. Luiz, poſto que eſtava paſſado pelos peitos com huma bala, e quebradas as pernas com outra, como ſe fora inſenſivel ſuſtentava a batalha, até que de huma lançada cahindo morto, voou o ſeu eſpirito a receber a coroa na Patria Celeſte. O ſeu cadaver ſem ſer conhecido foy com os dos ſeus companheiros no valor, e na deſgraça, lançado ao mar. Naſcendo eſte Heroe illuſtre por naſcimento, accreſcentou mais nobres brazões com heroicas acções ao ſeu nome. Todo o curſo da vida paſſou entre infortunios, dos quaes levantou a ſi proprio a Eſtatua da Tolerancia. Nomeado Capitaõ mór de cinco náos para a India no anno de 1557, antes de ſahir do porto ſe abrio a ſua náo, até que partindo em Mayo, e invernando no Braſil, aportou no ſeguinte anno em Goa. Voltando para o Reyno naufragou junto à Ilha de S. Lourenço, ſalvando-ſe em hum batel com trinta homens. Segunda vez paſſou o Oriente, donde ſe reſtituhio a Portugal taõ falto de cabedaes, como abundante de deſgraças. Paſſados dez annos foy eleito Governador do Braſil para ſubſtituir a Mendo de Sá; e navegando junto da Ilha da Madeira ſe encontrou com as náos, que vinhaõ da India, que lhe deraõ a infauſta noticia

Morre valeroſamente D. Luiz, de cuja peſſoa ſe faz hum breve elogio.

Franco *Imag. da Virtud. em o Nov. de Coimb.* Tom. 2. liv. 1. cap. 41.

cia de ſeu filho D. Fernando de Vaſconcellos acabar glorioſamente a vida no celebre cerco de Goa. Ultimamente cançada já a fortuna adverſa de naõ poder contraſtar a tolerancia deſte inſigne Varaõ, permittio que finalizaſſe a vida com taõ heroica morte, de que foraõ inſtrumentos os inimigos da Religiaõ Catholica. A ſua piedade Chriſtãa deixou recomendada à poſteridade S. Pio V. em hum Breve, expedido a 6 de Julho de 1569, onde o exhortava para que no Braſil, de que eſtava eleito Governador, promoveſſe entre a Gentilidade o augmento da Fé, como do ſeu zeloſo eſpirito ſe eſperava.

Apoſtol. Epiſt. D. Pii V. liv. 3. Epiſt. 25.

Saõ mortos pelos hereges o Padre Pedro Dias com doze Companheiros.

24 Neſte triunfo que alcançou a impiedade heretica, triunfou com mais alta victoria o Padre Pedro Dias, com doze Companheiros Jeſuitas, que emulos da conſtancia do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, e os outros Heroes da ſua eſquadra, foraõ ſacrificados por holocauſtos da Fé nas aras do martyrio, em 13, e 14 de Setembro deſte anno de 1571, naufragantes huns no proprio ſangue, e outros nas correntes do mar, donde ſurgiraõ glorioſos em o porto da Bemaventurança. O author deſta ſacrilega tragedia Joaõ Cadavilho acabou na ſua patria Solies, Cidade da Provincia de Gaſconha, violentamente morto.

Tanner *Soc. Jeſu uſq. ad ſang. & vit. proſ. milit.* pag. 174, e 178.

25 Eſcandaliſado ElRey D. Sebaſtiaõ dos barbaros, e ſacrilegos inſultos, que contra os ſeus vaſſallos tinhaõ obrado os Piratas Francezes, eſ-

creveo

creveo a Joaõ Gomes da Sylva, ſeu Embaixador na Corte de Pariz, para que da ſua parte repreſentaſſe a ElRey Chriſtianiſſimo os damnos comettidos por alguns ſeus vaſſallos contra os da Coroa de Portugal, ſendo os principaes Jaques Soria, e Joaõ de Cadavilho, rigidos ſequazes do Calviniſmo, privando com impia ferocidade da vida aos promulgadores das verdades Evangelicas, e a D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, nomeado Governador do Braſil, que eſperava da piedade de ſeu real animo, caſtigaſſe ſeveramente aos authores de taõ abominaveis delictos, e ſe lhe reſtituiſſem as náos, que injuſtamente tinhaõ tomado. A Carta era a ſeguinte.

Repreſenta D. Sebaſtiaõ a ElRey de França a inſolencia dos Piratas para ſer ſeveramente caſtigada.

„Joaõ Gomes da Sylva. Eu ElRey vos „envio muito ſaudar. Eu ſoube agora o acon„tecimento de D. Luiz Fernandes de Vaſconcel„los, que mandava por Governador às partes do „Braſil, e como no caminho fora tomado por „dous navios de Coſſarios Lutheranos, que en„traraõ a ſua náo por ſer mercante, carregada de „mulheres, Religioſos, e moradores, que todos „hiaõ para o Braſil, para onde D. Luiz partio „daqui em Mayo do anno paſſado, e foy ter às „Antilhas, e depois às Ilhas dos Açores, onde „de ſua náo ſe mudou a eſta, em que agora hia „taõ mal apercebido de tudo, como vaõ os a „que no mar acontecem eſtes deſaſtres, e en„trando os Lutheranos na ſua náo, por ſerem

Carta delRey para Joaõ Gomes da Sylva.

,, muitos em comparaçaõ dos que nella hiaõ, e
,, pelejando D. Luiz com os poucos, que nisso
,, o podiaõ seguir, os mataraõ, e assim alguns Pa-
,, dres da Companhia de JESUS, e os outros Re-
,, ligiosos della, que tambem hiaõ na náo, lança-
,, raõ vivos ao mar, do qual caso tenho taõ gran-
,, de sentimento, como he razaõ; e tambem por-
,, que sou informado, que estes mesmos Cossarios
,, fizeraõ o anno passado o insulto da morte de ou-
,, tros muitos Padres, e Religiosos da Companhia,
,, que tomaraõ em outra náo, em que elles hiaõ
,, para o Brasil, e naquelle tempo antes, ou de-
,, pois disso foy tomada a caravella, em que vi-
,, nha da Ilha de S. Miguel Francisco de Mariz,
,, que nella foy Provedor de minha Fazenda, com
,, sua mulher, e casa; e posto que este aconte-
,, cimento, e o sentimento que delle tenho, me
,, move, e obriga a fazer nelle o que tenho as-
,, sentado, e espero de mandar pôr em effeito,
,, tanto que o tempo der a isso lugar, me pare-
,, ceo, que nem por isso devia de deixar de fa-
,, zer logo as outras cousas devidas, e necessarias
,, em tal caso, como he mandar pedir ao Chris-
,, tianissimo Rey de França, meu irmaõ, e pri-
,, mo, que proveja logo nelle conforme a obriga-
,, çaõ, que tem à minha amisade, e a castigar as
,, culpas de seus vassallos, mormente sendo ellas
,, taes, e comettidas contra os meus; pelo que
,, vos encomendo, que logo, tanto que vos esta
,, for

„ for dada, falleis a ElRey, e lhe deis a Carta mi-
„ nha, que com esta para elle vos envio, e pela
„ crença dello lhe referireis o que atraz vos digo,
„ exagerando-lhe o caso com o respeito devido
„ da opiniaõ dos Portuguezes; e para isso lhe sig-
„ nificareis o modo de que estes foraõ tomados,
„ e que lhe rogo queira logo sem dilaçaõ mandar
„ justiçar as culpas como o merecem por tama-
„ nhos insultos, e que se restituaõ estas duas náos,
„ e tudo o mais que nellas foy tomado, ajudan-
„ dovos de todas as razões, que em tal caso lhe
„ deveis dar para boa, e breve resoluçaõ neste
„ negocio, que procurareis, por se tomar breve-
„ mente; porque se se logo assim naõ fizer, poder-
„ seha recear haver nisso dilaçaõ, que he em mui-
„ to prejuizo das cousas desta qualidade; e por
„ quanto eu mando ora huma Armada em busca
„ destes Cossarios Lutheranos, e que os siga até
„ os achar, ainda que seja tempo de Inverno, pe-
„ direis tambem a ElRey da minha parte queira
„ mandar aos Governadores, e Justiças dos seus
„ lugares, que hindo a minha Armada ter a elles
„ lhe dem para este effeito toda a ajuda, e favor,
„ pois além de ser para satisfaçaõ deste caso (se
„ a elle póde ter sendo taõ grave) resultará tam-
„ bem disso o castigo aos reveis dessa Coroa, com
„ o que ElRey deve muito folgar; e nesta ma-
„ teria fallareis tambem à Rainha sua mãy, e ao
„ Duque de Anjù, e a quem mais for necessario,

Sahio esta Armada a 28 de Agosto, e della foy General D. Joaõ de Mendoça, Capitaõ mór da Armada da Costa.

 „ e vin-

„ e vindo a propoſito, e parecendovos bem, lhe
„ direis como ainda até agora naõ tenho viſto
„ caſtigo algum dos inſultos paſſados, e ſobre iſ-
„ to, ou accreſcentareis, ou moderareis o que
„ vos bem parecer, ſegundo o que virdes, que
„ em tal caſo, e conjunçaõ de tempo ſe deve
„ fazer, e ey por eſcuſado encomendarvos iſto
„ mais particularmente, pois vedes o caſo, e im-
„ portancia delle; e eſcrevermeheis logo com di-
„ ligencia, o que nelle ſe fizer, e o effeito que
„ nos parecer que terá. Eſcrita em Almeirim a
„ 30 de Outubro de 1571.

REY.

CAPITULO VI.

Chega o Cardeal Alexandrino a eſte Reyno, e da pompa com que nelle foy recebido. Propoem a D. Sebaſtiaõ a cauſa da ſua vinda, e da repoſta que mandou ao Pontifice S. Pio V.

1571

26 A Vigilante providencia com que o Summo Paſtor S. Pio V. zelava o rebanho de toda a Chriſtandade, eſtimulava ao ſeu ardente zelo, para que nunca padeceſſe o menor damno, principalmente do commum inimigo, e pode-

poderoſo antegoniſta da ſua conſervaçaõ. Tinha elle com infatigavel deſvélo convocado a ElRey de Caſtella, e a Republica de Veneza, para que unidos com o poder naval da Igreja, felizmente conſpiraſſem contra a potencia Ottomana, de cuja confederaçaõ foy proſpera conſequencia a fatal derrota da ſua Armada em o Golfo do Lepanto, onde foraõ ſubmergidos trinta mil barbaros, e ſepultadas em injurioſo eclypſe as Luas, que ſoberbas tremolavaõ nos ſeus Eſtandartes. Animado o Santo Pontifice de novos eſpiritos com eſta memoravel victoria, com que ſe tinha abatido o orgulho do Imperio Ottomano, querendo totalmente extinguir eſte fatal eſcandalo da Chriſtandade, convocou para nova Liga ao Emperador de Alemanha, os Reys de França, e de Polonia, e ao noſſo Monarca como mais zeloſo propagador da Religiaõ Catholica, mandando para eſte effeito por ſeu Legado ao Cardeal Alexandrino Fr. Miguel Bonello, ſeu ſobrinho, e profeſſor do Inſtituto Dominicano, por cujos motivos lhe era ſummamente aceito. Como a incumbencia, que lhe fora comettida, neceſſitava de grande madureza, para naõ perigar a ſua execuçaõ, lhe nomeou por Companheiros doze Varões dotados de conſummada prudencia, de cujos conſelhos dependeriaõ as reſoluções do Legado, entre os quaes ſe diſtinguiaõ Hypolito Aldobrandino, Auditor da Rota, que depois ſubio

Convoca S. Pio V. a nova Liga contra o Turco aos Principes Catholicos.

O Cardeal Alexandrino Legado do Papa he eleito para a convocaçaõ dos Principes.

bio ao Throno Pontificio com o nome de Clemente VIII. Alexandre Riario, Auditor da Camera, Patriarca de Alexandria, Joaõ Franciſco S. Jorge, Governador de Roma, e Biſpo Aquenſe Datario deſta Embaixada, Franciſco Maria Taruzio, da Congregaçaõ do Oratorio, que depois foy Cardeal, Fr. Bartholomeu de Lugo, da Ordem dos Prégadores, e S. Franciſco de Borja, Geral da Companhia de Jesus.

27 Sahio o Legado de Roma a 30 de Junho deſte anno de 1571, e tendo atraveſſado Italia, Saboya, e França, chegou a Madrid, onde demorando-ſe pouco tempo, entrou em Portugal a 28 de Novembro. Foy recebido na raya por D. Conſtantino de Bragança, a cujo irmaõ o Duque de Bragança D. Joaõ, lhe eſcreveo ElRey eſta Carta.

He recebido na raya por D. Conſtantino de Bragança.

Carta delRey para o Duque de Bragança, copiada do Original.

„ Honrado Duque Sobrinho Amigo. Eu „ ElRey vos envio muito ſaudar, como aquelle „ que muito amo, e prézo. O Cardeal Alexan- „ drino, Legado, e Sobrinho do Santo Padre, „ que Sua Santidade ora envia a mi, ha de fazer „ o caminho por eſſa voſſa Villa de Villa-Viçoſa, „ por o eu aſi ter ordenado; e poſto que eſtá mui- „ to certo ſer de vós taõ bem recebido, e guaza- „ lhado, como o deveis a meu ſerviço, e ao me- „ recimento do Cardeal Legado, e a que vós „ ſois, e podera por iſſo eſcuſar de volo enco- „ mendar, quiz toda via, que ſoubeſſeis por eſ-

„ ta

,, ta minha Carta como ha de fazer o caminho
,, por hi, e quaõ grande contentamento recebe-
,, rey de elle entender de vós o muito, que eu
,, tenho desta sua vinda nas demonstrações, que
,, nella fizerdes, que vos agradecerey muito. Es-
,, crita em Almeirim a XXVII. de Outubro de 1571.

REY.

28 Em observancia desta insinuaçaõ delRey sahio o Duque fóra de Villa-Viçosa a receber o Legado com toda a comitiva da sua grande Casa, em cujo Palacio, preciosamente ornado, foy magnificamente hospedado, donde por Estremoz entrou em Evora. Tres legoas fóra desta Cidade o esperava o Arcebispo D. Joaõ de Mello com o seu Cabido, e D. Pedro de Castro, Capitaõ da Cidade, com quatrocentos cavallos. Augmentava o apparato deste recebimento o Senado com todos os Ministros de Justiça, vestidos de preciosas galas, o qual se fazia mais plausivel com diversos instrumentos musicos, que enchiaõ os ouvidos de harmonia, e os corações de jubilo. Com toda esta pomposa comitiva chegou o Legado à porta de Aviz, sobre a qual estava pintada a imagem da Fé, com a cabeça coroada de flores, o coraçaõ se abrazava em vivos incendios, sustentando na maõ direita huma espada, e na esquerda hum livro. Tinha os pés firmados sobre huma rocha, e o corpo despido como o da verdade.

Como foy recebido o Legado em a Cidade de Evora.

dade. Na parte inferior ſe lia a ſeguinte inſcripçaõ *Talem ſuam, Luſitanorumque fidem Santiſſimo Pio V. pius offert Sebaſtianus.* Por eſta porta entrou o Legado na Praça, em que eſtá a fonte da Prata, que em abundante, e cryſtallina copia lançava agua por diverſas bicas. Como o tempo eſtava chuvoſo, e era já noite, naõ viſitou o Legado a Cathedral, onde igualmente ſe liſonjeava o olfato com a variedade de perfumes, como os olhos com a precioſidade dos ornamentos. Recolhido ao Palacio do Arcebiſpo, foy hoſpedado com aquella magnificencia digna do ſeu authoriſado caracter. Toda a Cidade explicou pelas linguas de diverſos fógos, que ardiaõ em as torres das Igrejas, e caſas das principaes peſſoas, o ſeu exceſſivo, e ſincéro jubilo. Depois de ouvir Miſſa ao dia ſeguinte na Cathedral partio para Monte mór, donde veyo a Palmella; e chegando ao Barreiro, achou preparado pelo Védor do Cardeal Infante D. Henrique huma ſumptuoſa habitaçaõ em que dormio. Neſta noite ſe anticipou Lisboa a reſtituir em applauſo de taõ grande Hoſpede as luzes, que lhe roubaraõ as ſombras, naõ ſómente com a illuminaçaõ dos Templos, e edificios, mas com diverſos artificios de fogo, parecendo a Cidade ao longe hum verdadeiro Mongibello.

29 Ao dia ſeguinte, ſuſpenſa de tarde a copioſa agua, que chovera, ſe embarcou o Legado

do em hum bargantim, ornado de precioſos panos, e navegando pelo Tejo entre varias embarcações, embandeiradas com ſedas de diverſas cores, e o feſtivo eſtrondo da artilharia de dezaſeis náos, que eſtavaõ ancoradas, chegou ao Caiz da Rainha, onde o eſperavaõ o Cardeal Infante com o Arcebiſpo D. Jorge de Almeida, Cabido, e Clerezia, para ſer conduzido em prociſſaõ à Cathedral: mas como foſſe já tarde, ſe reſolveo voltar o Arcebiſpo com o Cabido à Sé, para nella lançar a agua benta ao Legado. Tanto que deſembarcou, o recebeo com affectuoſas ſignificações o Cardeal Infante, e montados a cavallo ſe aviſtou com o Legado junto da porta da Capella Real ElRey D. Sebaſtiaõ, acompanhado do Senhor D. Duarte, e toda a Nobreza, e depois de lhe fazer huma cortezia, deſcobrindo a cabeça, ſe ouvio huma harmonica conſonancia de inſtrumentos. Intentou o Legado dar a maõ direita a ElRey, e eſte a elle, e neſta politica contenda começaraõ a marchar, indo o Legado à maõ eſquerda delRey, e a poz elles o Cardeal Infante, e o Senhor D. Duarte. Precedia a taõ mageſtoſa comitiva o Patriarca de Alexandria, levando arvorada a Cruz de prata com a Imagem de Chriſto. Por eſta ordem foy diſcorrendo pelos Armazens, Tanoaria, Rua nova, e Padaria, eſtando todas as janellas ornadas de ouro, e prata, tecidas em diverſas ſedas. Chegando El-

Entra em Lisboa, e como foy recebido por ElRey, que o acompanhou até à Cathedral.

„ difficile eſt, cæterorum quoque Chriſti fidelium,
„ quanta ejuſdem rei nomine futura ſit voluptas,
„ conjicere. Quod cùm ita ſit, una nobis illa
„ cura incumbit, cæteros Chriſtianos Reges, ac
„ Principes eodem fœdere nondum comprehen-
„ ſos, ut ad illud primo quoque tempore ſe ad-
„ jungant, paternis noſtris vocibus, ac monitis
„ excitare, atque hortari. Nam, ut nunc ſe res
„ habet, communis Reipublicæ Chriſtianæ ſalu-
„ tis hoc fœdere ineundo quaſi fundamenta quæ-
„ dam jacta eſſe videntur, parum tamen ad reli-
„ quum publicæ ſecuritatis ædificium ſtatuendum
„ firma futura, niſi cæterorum Chriſtianorum
„ Principum ad idêm conſentientium animi, vi-
„ reſque acceſſerint; quippe uſque adeò enim noſ-
„ tris diſcordiis, noſtraque ſocordiá crevit Tur-
„ carum potentia, ut non niſi communibus om-
„ nium illorum armis atrociſſimæ gentis impetus
„ ſuſtineri, frangique poſſit. Quæ res Nos impu-
„ lit, ut ad Majeſtatem Tuam dilectum hunc fi-
„ lium fratrem Michaelem tituli Sanctæ Mariæ
„ ſupra Minervam, Presbyterum Cardinalem Ale-
„ xandrinum nuncupatum, noſtrum ex ſorore
„ pronepotem, de Venerabilium fratrum noſtro-
„ rum Sanctæ Romanæ Eccleſiæ Cardinalium
„ conſilio, & aſſenſu, noſtrorum, & Sedis Apoſ-
„ tolicæ de Latere Legatum, mitteremus; ut is
„ eam, de cujus præcipuo erga Rempublicam
„ Chriſtianam ſtudio omnia nobis egregia pollice-
„ mur,

„ mur , noſtro nomine vehementer hortetur in
„ Domino , & quo maiore poteſt animi ſui ſtu-
„ dio requirat , & obteſtetur , ut huic fœderi ad-
„ jutor quàm primum accedere velit ; magnam
„ enim , ſi hoc feceris , rei Chriſtianæ publicæ
„ bene gerendæ ſpem in tua virtute , ſuorumque
„ militum fortitudine repoſitam habere poterimus,
„ quos quidem in præliis contra Turcas gerendis
„ exercitatiſſimos magno ad communem expedi-
„ tionem adjumento futuros eſſe intelligimus. Ut
„ autem Majeſtatem Tuam id prompto animo fa-
„ cturam eſſe ſperemus , non ſolùm ea de cauſa
„ adducimur, quia ſuum in propaganda Religio-
„ ne Chriſtiana ſtudium perſpectiſſimum habemus;
„ ſed etiam , quia proprium eſſe videtur Portugal-
„ liæ Regum bella libenter ſuſcipere , & cum in-
„ fidelibus præliari ; quod ex rerum ab ipſis con-
„ tra eos geſtarum magnitudine facilè quivis cog-
„ noſcere poteſt. Quam quidem ad rem ſi un-
„ quam opportunitas affuit , maxima certè adeſſe
„ cernitur hoc tempore , quo maiores Chriſtiani
„ Principes nullis diſſenſionibus diſcordes , ſed po-
„ tiùs ferè omnes mutuis inter ſe affinitatum vin-
„ culis adſtricti , ad impetum ſæviſſimi tyranni
„ frangendum magna ex parte conſpirare jam cœ-
„ perunt , ut niſi per alios ſteterit , egregium in-
„ eundæ inter ſe contra communes hoſtes concor-
„ diæ initium feciſſe videantur. Quod quidem
„ initium Te , chariſſime in Chriſto fili , potiſſimum
„ decet

„ decet adjuvare, cui hæc ipsa communibus ar-
„ mis suscipienda adversùs Turcas expeditio non
„ solùm in posterum gloriosa, sed etiam in præ-
„ sens utilis est futura; cui enim dubium est, si
„ undique communis hostis consociatis omnium
„ Christianorum Principum viribus urgeatur, Ma-
„ jestati Tuæ facilè fore Regnorum suorum fines
„ in Africa sibi vicina propagare? Quod tam &
„ si ita non esset, ipse tamen communis hostis
„ metus deberet Majestatem Tuam ad hoc fœdus
„ intrandum excitare. Neque enim arbitrari de-
„ bet eum, qui omnium Regum Christianorum
„ Regna spe, atque animo jam devoravit, non
„ etiam de tui Regni excidio, ac pernicie cogi-
„ tare. Ad hæc omnia accedit ratio communis
„ omnium Christi fidelium salutis, quæ te ad hoc
„ vocat, & proprium Tuæ Majestatis officium,
„ cui nisi oblata tibi tam præclara sanctissimi fœ-
„ deris occasione hoc tempore satisfeceris, nullo
„ modo te Redemptori nostro excusare poteris in
„ illo extremo Judicii die, cùm ante illius Judi-
„ cis tribunal veneris, cui omnia nuda, & aper-
„ ta sunt. Accedunt etiam paterna nostra moni-
„ ta, & Sedis Apostolicæ voces, quibus quò no-
„ bis, atque illi fidelior, atque obsequentior exis-
„ timaris; eò magis te obtemperare decet, ut au-
„ ctoritate, exemploque tuo reliqui etiam charis-
„ simi Principes commoti ad idem faciendum ex-
„ citentur, quemadmodum idem Legatus Majes-
„ tati

„ tati Tuæ præſenti præſens copioſiùs exponet.
„ Cui ſuper hoc, atque aliis rebus eamdem fidem
„ adhibebis, quam nobis ipſis adhiberes, cùm
„ ſcire poſſis illum omnium noſtrorum conſilio-
„ rum, & cogitationum participem eſſe; qua ex
„ re intelligere potes, quantæ nobis curæ ſit id,
„ de quo tecum acturus eſt, cùm tali adjutore,
„ qui noſtros labores, & curas levare ſolitus eſt,
„ carere maluerimus, quàm Reipublicæ Chriſtia-
„ næ ſaluti ea, qua magis expedire putavimus,
„ ratione deeſſe. Datum Romæ apud S. Petrum
„ ſub Annulo Piſcatoris die vigeſima quinta Ju-
„ nii milleſimo quingenteſimo ſeptuageſimo pri-
„ mo, Pontificatûs noſtri anno ſexto.

T. ALDOBRANDINUS.

31 Na tarde do dia em que o Legado propoz a ElRey a inſtrucçaõ da ſua Embaixada, foy acompanhado da Nobreza viſitar a Rainha D. Catharina, que morava nos Paços de Xabregas, e o meſmo obſequio practicou com a Infanta D. Maria, aſſiſtente a Santa Apollonia. Ao Domingo, que ſe contavaõ 9 de Dezembro, foy ElRey com o Cardeal Infante, e o Senhor D. Duarte ao Convento de Noſſa Senhora da Graça dos Eremitas de Santo Agoſtinho, render a Deos as graças pelo fauſto naſcimento do Principe de Caſtella D. Fernando, que o Ceo concedera a Filippe Prudente; e aſſiſtindo a eſta funçaõ o Legado,

Viſita o Legado a Rainha D. Catharina, e a Infanta D. Maria.

Assiste com ElRey à acçaõ de graças pelo nascimento do Principe de Castella.

gado, ElRey mais Catholico, que politico, o levou à maõ direita, e sentados cada hum debaixo de diferentes doceis, ouviraõ a Missa solemne, e o Sermaõ gratulatorio, que recitou o Padre Ignacio Martins, da Companhia de JESUS. Na tarde deste dia, sendo convidado o Cardeal Alexandrino por ElRey para ver hum exercicio militar no campo de Santo Amaro, partio este por mar, e aquelle por terra, com o Cardeal Infante; e chegando a tempo que estava formada a gente, se executou o exercicio com grande satisfaçaõ do Legado, concorrendo a serenidade do dia para complemento do applauso.

Reposta, que ElRey mandou ao Papa, sobre o que lhe propoz o Legado.

32 Querendo D. Sebastiaõ satisfazer à proposta da Embaixada do Legado, que se ausentava deste Reyno, lhe significou o excessivo jubilo, que recebera o seu coraçaõ com a Liga, para que era convocado, pois nella entravaõ tantos Principes a debellar o inimigo commum da Christandade, para cuja empreza concorreria com seis galeões, doze galés, e quatro galeaças guarnecidas de cinco mil combatentes, desejando que fosse mayor este apparato naval, de que era impedimento o grande numero de gente extincta pelo flagello da peste, como a expediçaõ de tantas náos para o Oriente, para resistir à violencia da mayor invasaõ, que testemunhara a Asia, cercando ao mesmo tempo Goa, e Chaul, o Hidalcaõ, e Nizamaluco. No que respeitava ao seu

ſeu caſamento com a Infanta Margarida de Valois, irmãa delRey de França, o aceitava com a condiçaõ, de que eſte Principe entraſſe na Liga, e para mais ſe facilitar eſta negociaçaõ, deſiſtia dos quatrocentos mil ducados do dote da Infanta, e lhe empreſtaria ſemelhante quantia, para que com mayor empenho continuaſſe a guerra contra os Hugonotes. Tudo expreſſava o noſſo Monarca neſta elegantiſſima Carta Latina ao Summo Pontifice.

Carta delRey D. Sebaſtiaõ a S. Pio V. mandada pelo Cardeal Alexandrino ſeu Legado.

„ Sanctiſſime in Chriſto Pater, ac Beatiſſime Domine. Beatitudinis Tuæ litteras, ſummæ „ in Deum pietatis, ardentiſſimi ſtudii, & in ejus „ Eccleſiæ charitatis, ac ſingularis erga nos benevolentiæ plenas, accepimus; quibus nos ad rem „ Chriſtianam tum tutandam, tum etiam augendam, vehementer ſane ſumus incenſi. Et quidem pro incredibili vigilantia, & quam Tu, Sanctiſſime, & Beatiſſime Domine, in Dominico „ grege non ſolùm diligenter cuſtodiendo, ſed „ etiam amplificando geris ſolicitudinem, ad nos „ eximia cum pietate datis litteris non contentus, „ pro eâ, quâ nos complecteris paterna charitate, „ benigne quoque voluiſti ad nos mittere, tamquam optimum iſtius teſtem voluntatis ampliſſimum Cardinalem Alexandrinum Sanctitatis „ Tuæ, Sanctæque Sedis Apoſtolicæ Legatum à „ Latere, ſororis tuæ nepotem, vel poſthabitis „ iis levamentis, commodis, & officiis, quæ ipſe

Apoſtol. Epiſt. S. Pii V. lib. 5 Epiſt. 5.

„ in ampliſſimis, graviſſimiſque negotiis Beatitu-
„ dini Tuæ præſtare conſuevit. Ex cujus quidem
„ præſentia, & ſermonibus inter nos ultrò, ci-
„ troque habitis, ex ejuſque pietate, ac religio-
„ ne quantum ceperimus voluptatis, vix à nobis
„ poterit explicari. Nam in eo, tamquam in ſpe-
„ culo, præclaris earum omnium, quas ille abs
„ Te tam ſancto avunculo ſuo acceptas habet,
„ virtutum ornamentis decoratam imaginem elu-
„ cere perſpeximus. Quantam porro lætitiam,
„ ac jucunditatem univerſæ Luſitaniæ optatiſſi-
„ mus ejus adventus attulerit, ex magna homi-
„ num frequentia illi obviam prodeuntium, ex
„ inuſitatoque ad eum honorifice excipiendum, at-
„ que ſpectandum omnium facto concurſu agnoſ-
„ cis facile potuit. Enim vero cunctis veniebat in
„ mentem cogitare, ipſum eſſe, & Legatum,
„ & affinem ejus Pontificis, cui multò pluris, &
„ antiquior ſit Chriſtiana Religio, ſoluſque mor-
„ talium, quàm vita ipſa, quæ alioqui cæteris re-
„ bus omnibus charior hominibus eſſe ſolet. Ac
„ tanto quidem gaudio cunctorum animi perfuſi
„ ſunt, vix ut poſſit æſtimari; fereque triumphum
„ agentibus, ſubibat memoria glorioſiſſimæ victo-
„ riæ, Beatitudinis Tuæ diligentia, vigiliis, ac
„ precibus aſſiduis de crudeliſſimo Chriſtiani no-
„ minis hoſte reportatæ; ob idque ad eum conſ-
„ picandum ardentiſſimis animis certatim omnes
„ confluebant. Nam poſt natos homines de Chriſ-
„ tianæ

„ tianæ Religionis hoſte tam illuſtrem, præcla-
„ ramque victoriam navalem Chriſtiani Principes
„ numquam retulerunt: de qua Tu, Sanctiſſime,
„ ac Beatiſſime Domine, quâ es in omnes huma-
„ nitate, ac pro eo, quo nos, Regnumque noſ-
„ trum ſummo complecteris amore, nos commo-
„ nefacere voluiſti. Ex quo quidem nuntio nos
„ incredibilem ſane percepimus voluptatem, non
„ ſecùs ac ſi hæc, quæ Sanctitatis Tuæ propria
„ eſt, noſtra victoria fuiſſet; atque, ut par eſt,
„ quantas maximas potuimus, Deo potentiſſimo
„ gratias egimus: cui benigne placuerit, pias Bea-
„ titudinis Tuæ lacrymas, aſſiduaque jejunia,
„ quibus in iſta tam gravi, devexaque jam æta-
„ te te ipſe diutiùs afflictaſti, clementer aſpicere,
„ ac voti compotem facere; quique ardentiſſimas
„ precationes tuas, gemituſque, quibus Divinæ
„ Majeſtatis oculos inclinaſti, voluerit exaudire.
„ Summo præterea ſtudio faciendum imperavimus
„ uti Regno noſtro toto pro tam ſingulari divi-
„ nitùs accepto beneficio, magna celebritate ſup-
„ plicationes inſtituantur, atque ut à ſacris Con-
„ cionatoribus per omnes ditionis noſtræ populos
„ ineffabilis clementiſſimi Dei miſericordia prædi-
„ cetur, ut ſcilicet univerſi gratiſſimi hujus nun-
„ tii participes effecti quiſque per ſe Chriſto Deo,
„ ac Domino noſtro gratias agerent immortales.
„ Neque verò quiſpiam eſt omnium, qui ore ple-
„ niſſimo non confiteatur, hoc tam inexpectatum

,, bonum primò quidem Deo Optimo Maximo,
,, tum verò Beatitudinis Tuæ meritis jure esse re-
,, ferendum. Venio nunc ad litteras, ac Legatio-
,, nem Beatitudinis Tuæ. Ego vero, Sanctissi-
,, me in Christo Pater, ac Beatissime Domine,
,, posteaquam ipse mecum rem omnem diligenter
,, consideravi, atque prout sanè tanti negotii à me
,, dignitas, ac magnitudo postulabat, cuncta ma-
,, turo consilio perpendi, ad ejusmodi expeditio-
,, nem libentissimo animo conspirandum mihi esse
,, constitui; cùm propter ipsius rei splendorem,
,, & amplitudinem (utpotè cùm hîc totius Chri-
,, tianæ Reipublicæ salus agatur) tum etiam, ut
,, prompto, magnoque animo paream Sanctissi-
,, mo Christi Domini Vicario. Cui quidem ego
,, Vicario me præter cæteros omnes sane pluri-
,, mum debere intelligo, & propter maxima, quæ
,, ille in me benigne contulit beneficia, & ob
,, summam ejus in me benevolentiam; tum deni-
,, que ne forte cuiquam Christiano Principi veni-
,, ret in mentem suspicari, utcumque velle me ex-
,, emplo meo, vel minimam occasionem dare, ut
,, nonnulli ab hoc Sanctissimo jungendo fœdere
,, aliquando possint retardari. Quòd si Potentis-
,, simi Dei clementiâ res fuerit eò loci, ut cæte-
,, ri Christiani Principes gloriosissimam hanc ex-
,, peditionem simul aggredi decernant; polliceor
,, ego, & constanter affirmo (quamquam utpo-
,, tè in extremis terrarum finibus à Turcarum Im-
,, perio

,, perio longiſſime abſim) velle me primum in hanc
,, ſacri belli ſocietatem adſcribi, ipſique expeditio-
,, ni præſentem intereſſe. At licet id belli jam fe-
,, liciſſime inſtituti, ſi privata commoda reſpicia-
,, mus, non tam ad me, quàm ad alios Chriſtia-
,, nos Principes pertinere videatur; quippe quo-
,, rum regnis ſibi propinquioribus maxima damna
,, Turcæ olim intulerint, maioraque ſint indies
,, illaturi, niſi impiis illorum conatibus obſiſtatur:
,, tamen quando tanti refert Chriſtianæ Reipubli-
,, cæ iſtos ſceleſtos hoſtes è medio tolli, ut nul-
,, la mayor hoc tempore nobis incumbere neceſ-
,, ſitas poſſit; cumque id bellum ſit Sanctæ Eccle-
,, ſiæ cauſâ ſuſceptum, cujus gubernacula pro ſua
,, providentia Deus Optimus Maximus hoc infe-
,, liciſſimo tempore tradidit Beatitudini Tuæ; at-
,, que ego, cùm res ipſius Eccleſiæ, ac Sancti-
,, tatis Tuæ æque, ac meas, vel gravi fortuna-
,, rum mearum, ſive etiam vitæ cum detrimento
,, defendere debeam; ſacroſanctæ huic ſocietati,
,, & me ipſum, & fortunas, & opes meas, ſeu
,, quæ in Luſitania, ſeu quæ mihi ſunt in India,
,, ſponte mea offero, devoveoque, modò res eo,
,, quo dixi, loco ſint. Atque hæc, ut Eccleſia
,, Chriſti Domini, ac Salvatoris noſtri tot, tan-
,, tiſque tempeſtatibus, atque immaniſſimæ tyran-
,, nidis æſtibus conflictata, in tuto, ac tranquil-
,, lo libertatis portu aliquando tandem conquieſ-
,, cat: ut proinde Sanctiſſima Jeroſolymitana Do-

,, mus

„ mus pretiosissimo Redemptoris nostri sanguine
„ resperſa , pristinum in statum „ ac dignitatem
„ suam vindicetur : ut denique Christianorum in
„ Europa , in Asia , & in Africa summo sævæ
„ tyrannidis oppressæ scelere provinciæ, demum
„ à tam intolerabili servitutis jugo liberatæ divi-
„ num cultum , & honorem Christo Deo , ac Do-
„ mino nostro tribuere , & quam debent sacro-
„ sanctæ Sedi Apostolicæ, Romanæque Ecclesiæ
„ observantiam præstare queant. Interim igitur
„ dum optimi istius rerum status cogitationes ipsos
„ recreat , & consolatur , dumque hoc faustum
„ initium optimos successus pollicetur , novum
„ quiddam aliud nobis sese offert decernendum.
„ Nam etsi res Indiæ eo loco sunt hoc tempo-
„ re , ut cunctis perfidis Regibus continenter in
„ eâ conjurantibus, magis quàm cætera loca sub-
„ fidiis indigeant ; nihilo seciùs nos diligentissime
„ mandabimus , ut ingens classis adornetur , &
„ commeatibus , & veterano milite , bellisque in
„ Turcas gerendis assueto, egregie communiatur:
„ quâ quidem classe ad mare rubrum hostem ag-
„ grediantur. Cui sane rei si clementissimus Deus,
„ uti speramus , aspiraverit ; maximo id sanctæ
„ huic societati erit adjumento. Enim vero cùm
„ Reges Arabum dira Turcarum tyrannide pre-
„ mantur, in eo potissimùm laborant , ut à cervi-
„ cibus suis gravissimum illud servitutis jugum ex-
„ cutiant ; quippe qui jam ab illis defecerint ,
„ ali-

„ aliquotiesque terrestri commisso prælio victores
„ evaserint: sed tamen navalibus pugnis congre-
„ diendi, aut certè navibus, ne suppetiæ feran-
„ tur hostibus, impediendi, haud pares vires ha-
„ bent. Itaque, & nostro fœdere, & à nobis ex-
„ pediendâ classe ipsi vehementiùs incitati, divi-
„ noque auxilio præmuniti, hostilibus minis, ac
„ terroribus contemptis stabunt à nobis. Hac
„ enim classe Turcarum portus, atque perfugia,
„ quæ sunt maritimis in illis oris, permittente Deo,
„ conflictabuntur. Hac classe deinceps interclu-
„ detur aditus eorum navibus, quibus pretiosissi-
„ mis mercibus, orientalibusque divitiis onustis
„ tyrannicum imperium suum ditare consueve-
„ runt. Hac classe fiet, ut in posterum illis fa-
„ cultas omnis eripiatur habendi remiges, alios-
„ que homines navigandi peritos, & exercitatos,
„ quos ille Tyrannus ad classium suarum usum,
„ vel ex Arabia solet evocare; quorum etiam
„ hoc tempore, ob gravissimam acceptam cla-
„ dem, summa laborat inopia. Tanta scilicet est
„ in Arabia hujus generis hominum copia, ut fere
„ omnes, quorum servitio in navigationis utun-
„ tur Lusitani, Arabes sint. Hujus præterea clas-
„ sis ope maximum illud Æthiopum Imperium,
„ cujus salus, & restitutio continenter solicitat
„ Beatitudinem Tuam, quodque Turcæ sæpiùs
„ invaserunt, ac pro eâ qua ejus potiundi (quod
„ omninò Deus avertat, id enim magno Christia-
„ næ

„ næ Religioni eſſet incommodo) ſpe, & cupi-
„ ditate flagrant, inflammati, animis inſoleſcunt,
„ divina favente clementia, reſpirabit; atque ad
„ Sanctæ Eccleſiæ Dei præſtandam obedientiam
„ excitabitur. Præter hæc autem hoc toto Lu-
„ ſitano Regno militem, munitiones, commea-
„ tum, naves, & omnia quibus ad inſtruendam
„ claſſem opus fuerit, confeſtim imperabimus: ut
„ id ſubſidii, vel ex toto, vel ex parte, ſanctæ
„ huic belli ſocietati opem queat afferre, ni for-
„ te neceſſitas aliqua, cui non obtemperari non
„ poſſet, id nobis conſilii præpediret; aut Lu-
„ therani, aut etiam Africani Saraceni colligerent
„ copias, quibus copiis nos obſiſtere oporteret.
„ Id quod accidit hoc ipſo anno. Etenim cum
„ ipſi Lutherani validiſſimam ſexaginta, aut ſep-
„ tuaginta navium claſſem ædificaviſſent, qua fu-
„ renter has Occidentis oras, impr imiſque Luſi-
„ tanos dirigere, & vexare moliebantur, ubi claſ-
„ ſem noſtram ad bellum gerendum expeditum eſ-
„ ſe cognoverunt, pernicioſam illam cogitatio-
„ nem ſtatim abjecerunt, atque inde factum, ut
„ eorum è faucibus ingens præda ſit erepta. Nam
„ ſi malo aliquo fato contigiſſet, & iſtæ ex Orien-
„ te, Occidenteque profectæ naves, utriuſque
„ Indiæ divitiis onuſtæ, quas ipſi ſpe quadam,
„ & cogitatione devoraverant, eorum in poteſ-
„ tatem deveniſſent, facile cruento bello Chriſ-
„ tianam Rempublicam afflictare potuiſſent. Hac
„ nos

„ nos adducti neceſſitate, & verò quoniam Lu-
„ dovicus de Torres ſerò admodùm Beatitudinis
„ Tuæ mandata retulit, exacto vere proximo,
„ id quod vehementer optabamus, ſanctæ iſti ſo-
„ cietati auxilium mittere nequivimus. Quod ſi
„ etiam rerum difficultate coacti hoc anno pari-
„ ter claſſem in id belli ſubſidium mittere non po-
„ tuerimus; curabimus tandem, ut aliquo ſaltem
„ numero navium, præter eas, quæ in mare ru-
„ brum derigentur ex Indiis, fœderatorum claſſi-
„ bus opem feramus. Quod autem ad matrimo-
„ nium attinet, narro tibi, Sanctiſſime in Chriſto
„ Pater, ac Beatiſſime Domine, nos id, quemad-
„ modum, vel quam ſuſtinemus perſonæ digni-
„ tas, vel etiam hujus Regni noſtri honor, &
„ ſalus poſtulabat, adhuc tractaviſſe. Sed nunc
„ maximè Reverendus Cardinalis Alexandrinus
„ eâdem ſuper re Beatitudinis Tuæ nomine me-
„ cum ſermonem contulit. Quod quidem Sancti-
„ tatis Tuæ juſſa feciſſe illum cognovimus, non
„ ſolùm, ut vel rebus noſtris optimè conſuleres,
„ Regiique nominis noſtri rationem haberes, vel
„ ut ſummam tuam in nos charitatem, atque cle-
„ mentiam pleniùs omnes agnoſcerent, vel deni-
„ que ut poſteris noſtris tantæ, imprimiſque me-
„ morabilis rei teſtimonium relinqueres; ſed etiam
„ eò ampliùs, ut per ejuſmodi occaſionem affli-
„ ctis Galliæ rebus, cujus ſalus tibi dies, nocteſ-
„ que ob oculos obverſatur, opem ferre tua poſ-

„ ſet Beatitudo: idque ut ea Provincia aliquando
„ tandem priſtinum in ſtatum reſtituatur, atque
„ in poſterum conſervetur incolumis: atque ideo,
„ ut Chriſtianos Reges omnes, quorum quidem
„ mutua benevolentia, charitaſque magis, ac ma-
„ gis indies refrigerari videtur, ad Chriſtianæ pa-
„ cis, & concordiæ ſe vinculis conjungendos ac-
„ cenderes, atque inflammares. Hinc verò, San-
„ ctiſſime Pater in Chriſto, ac Beatiſſime Domi-
„ ne, Sanctitas Tua confidit fore, ut Sacroſan-
„ ctæ huic, quæ adverſus crudeliſſimum Tyran-
„ num, Chriſtianique nominis hoſtem conflatur,
„ ſocietati proſpera cuncta, fauſtaque ſint even-
„ tura. Quæ quidem omnia cùm ita revera ſeſe
„ habeant, cognoverimuſque non ſolùm à Beati-
„ tudine Tua, ſed etiam ex aliorum cùm ſermo-
„ nibus, tum litteris Chriſtianiſſimi Galliæ Re-
„ gis ſororem maximis, clariſſimiſque virtutum
„ ornamentis ita fulgere, ut ea jure optimo no-
„ bis placare poſſit; faciendum eſſe decrevimus,
„ ut ea de re cum eodem Cardinali Alexandrino
„ apertiùs ageremus, idque negotii ipſius in ma-
„ nu poneremus, ut ipſe Beatitudinis Tuæ nomi-
„ ne, cum primùm pervenerit in Galliam, quò
„ nunc ab ipſa Legatus contendit, eâdem ſuper
„ re loquatur cum Oratore noſtro ibidem agente.
„ Quod ſi Gallicæ res, quoad negotium attinet,
„ eo loco fuerint, ut ſalvâ, & auctoritate, &
„ exiſtimatione noſtra, de iis agi poſſet videatur;
„ tunc

„ tunc folùm ad præpotentis Dei honorem, &
„ gloriam, àd Sanctæque Matris Ecclefiæ falu-
„ tem, & tutelam, atque ad Chriftianorum Prin-
„ cipum inter fe concordiam, & pacem retinen-
„ dam libenti animo feram, ut hujufce matri-
„ monii, affinitatifque vinculis Beatitudo Tua me
„ obliget, atque devinciat. Enim verò fi un-
„ quam antea, nunc certe commodiffima, atque
„ opportuniffima fefe offert occafio, quâ Chriftia-
„ ni Principes fuam in Deum pietatem, propen-
„ famque ad officia promerenda voluntatem, at-
„ que in Ecclefiam Catholicam amorem mortali-
„ bus optime declarare queant. Nunc enim præ-
„ clariffima datur opportunitas Chriftianam Rem-
„ publicam non tutandi folùm, fed etiam ampli-
„ ficandi. Nunc aditus patet ad gloriofum Chrif-
„ ti Dei, & Domini Noftri fepulchrum, cæte-
„ raque ampliffima divinæ fuæ in nos charitatis
„ monumenta priftinum in ftatum, & honorem
„ reftituenda. Nunc optata nobis tribuitur facul-
„ tas, quâ immanis illius, atque importuniffimæ
„ belluæ feritatem, nefariofque conatus reprime-
„ re, ac labefactare facilè poffimus. Nunc egre-
„ giam nobis defert Deus commoditatem debi-
„ tas à fceleratiffimo tyranno pœnas fumendi.
„ Ad hanc porro tam illuftrem, tam gloriofam,
„ Chriftianifque Principibus tantopere dignam ex-
„ peditionem nos clementiffimus Deus adhorta-
„ tur, hac ipfa gloriofiffima conceffà victoria cum

 „ arrha-

„ arrhabone, certiſſimaque ſpe, foro ut inde „ triumphos omnes agamus. Deus immortalis! „ Vos nunc appello Reges, ac Principes Chriſ- „ tiani, quouſque tandem per diſſenſiones noſ- „ tras, ac temeritatem fieri patiemur, ut ſordidiſ- „ ſimis Turcarum pedibus conculcentur ea loca, „ quæ Sacratiſſimo JESU Chriſti Dei, & Domini „ noſtri madefacta ſunt ſanguine? Hæc, hæc, „ inquam, ſunt bella Domini, hæ veræ, Chriſ- „ tianoque nomine dignæ expeditiones. Cum „ igitur ad has conficiendas nuptias, Chriſti Do- „ mini, ac Liberatoris noſtri Sponſæ, & ſalutis, „ & libertatis ſtudio moveamur; ac licet nobis „ perſuaſum ſit Chriſtianiſſimum Gallorum Re- „ gem fratrem noſtrum in hoc ſanctiſſimo fœdere „ ita ſe geſturum, uti antea in rebus ejuſmodi „ perpetuò ſe geſſit; atque ad rem Chriſtianam, „ & tutandam, & etiam augendam, eam cha- „ ritatem adhibiturum eſſe, ac pietatem, quam „ majores ejus ſemper contulerunt, ex quo etiam „ Chriſtianiſſimorum Regum ſibi nomen pepere- „ runt: tamen ut huic Regi nonnullam optimæ „ noſtræ in eum voluntatis ſignificationem demus, „ univerſoque declaremus orbi, quanti faciamus, „ & affinitatem illius, & etiam totius Eccleſiæ „ Catholicæ conſervationem; nos ſane ampliſſi- „ mæ, atque opulentiſſimæ dotis loco ponemus „ ſi hanc ipſe nobiſcum belli ſocietatem coire vo- „ luerit, unàque nobiſcum in hunc Chriſtianæ

„ Rei-

,, Reipublicæ, omniumque ſalutis hoſtem infeſ-
,, tiſſimum conjurare. Sanctiſſime in Chriſto Pa-
,, ter, & Beatiſſime Domine, Deus Optimus Ma-
,, ximus Beatitudinem Tuam diutiſſimè ſervet in-
,, columem ad noſtrûm, totiuſque Chriſtianæ Rei-
,, publicæ utilitatem. Datum Oliſipone XIII. Ka-
,, lend. Januarii M.D.LXXI.

33 Satisfeito o Cardeal Alexandrino com a feliz concluſaõ da ſua Embaixada, ſe deſpedio delRey com terniſſimas expreſſoens de agradecimento, pela veneraçaõ, que da ſua ſoberana peſſoa recebera como Legado da Sé Apoſtolica, e pela profuſa generoſidade, com que fora hoſpedado, e toda a ſua numeroſa comitiva. O Cardeal D. Henrique o acompanhou até o bargantim, em que partio para Aldea Gallega a 23 de Dezembro, onde practicaraõ mutuamente os ultimos obſequios. Foy conduzido até a raya de Caſtella por D. Conſtantino de Bragança; e chegando à Corte de Madrid, onde ſe demorou poucos dias, paſſou a Pariz, e tratando dos deſpoſorios do noſſo Monarca com a Infanta Margarida de Valois, irmãa de Carlos IX. ſe naõ effeituou, por eſtar já deſtinada para conſorte do Principe de Bearne Henrique de Borbon, aquelle heroico Marte, que da propria eſpada formou o Sceptro para ſer adorado entre os Monarcas Francezes.

CAPI-

CAPITULO VII.

Continua o Hidalcaõ o sitio de Goa, donde depois de varios successos o levanta com igual perda de gente, que abatimento da sua soberba.

1571

34 NAõ podendo tolerar o Hidalcaõ, que a mais illustre porçaõ do seu Principado, qual era a Ilha de Goa, fosse dominada pelos Portuguezes, de cuja antiga posse privara a seus antepassados aquelle animado rayo o grande Affonso de Albuquerque, se resolveo a recuperalla, avistando os seus muros a 6 de Janeiro deste anno de 1571. Para fim de empreza taõ gloriosa marchou acompanhado do apparato militar de cem mil combatentes, que se formavaõ de diversas nações, como eraõ Mogores, Rumes, Panseos, Caracores, Laiz, e Abexins, com varios aventureiros atrahidos da cobiça dos despojos, e da fermosura das Damas de Goa. Distinguiaõ-se entre os Capitães Hener Maluco, genro de Noricaõ, Rumecaõ, e Daliticaõ, a cuja disciplina estava comettido o governo do exercito, igualmente numeroso, que formidavel, pois além de setenta e cinco mil Infantes, e trinta e cinco mil cavallos, se augmentava o seu horroroso apparato com dous mil elefantes, e tre-

Chega o Hidalcaõ a sitiar Goa, e de que constava o seu exercito.

zentas

zentas e cincoenta peças de artilharia de grandeza taõ extraordinaria, que lançavaõ pelouros de ſete palmos e meyo de circunferencia, e de trezentos e vinte arrateis de pezo.

35 Alojado o inimigo pela dilatada planicie dos campos circumviſinhos repreſentava huma populoſa Cidade permanente, e naõ errante, ſendo a ſua primeira operaçaõ levantar varias eſtancias com valos, e trincheiras, divididas em tal fórma, que mutuamente concorreſſem para a expugnaçaõ. Occupava Rumecaõ de huma parte, e Cogercaõ de outra a paſſagem do rio com tres mil cavallos, cento e trinta elefantes, e nove peças de artilharia. Noricaõ com Hener Maluco aſſiſtiaõ fronteiros à Ilha de Joaõ Lopes com ſete mil cavallos, cento e oitenta elefantes, e oito peças grandes. Camilcaõ, e Deleticaõ ſe alojaraõ no Paço de Benaſterim com nove mil cavallos, duzentos elefantes, e trinta e dous canhões; e na parte ſuperior a Benaſterim Soleymaõ Agá com mil e quinhentos cavallos, e duas peças de campanha. Eſtava defronte do Sapal Xatiarvataõ com mil e quinhentos Ginetes, ſeis elefantes, e ſeis bombardas. Dominavaõ o Paço de Agacaim Xatiatimanayque, Chiticaõ, e Codemecaõ, aſſiſtidos de nove mil cavallos, duzentos elefantes, e vinte e ſeis peças de artilharia.

Diſpoſiçaõ do exercito para o ſitio.

36 A eſte numeroſo exercito, que podia cauſar terror ao animo mais deſtemido, eſtava obſervando

ſervando com ſemblante inalteravel o inſigne D. Luiz de Ataide, e como conheceſſe, que o primeiro intento dos inimigos era impedir a corrente do rio, para lhe ſer facil a entrada na Ilha, mandou a D. Pedro de Caſtro, Miguel de Caſtro, Fernando de Vaſconcellos, e Diogo Barradas, com tres peças de campanha, que derrubaſſem as maquinas, que os barbaros tinhaõ com incrivel trabalho fabricado, cuja ordem executaraõ com igual promptidaõ, que valentia, lançando pelas correntes do rio a faxina, e inſtrumentos com que o inimigo pertendia conſeguir a paſſagem. A Fortaleza de Benaſterim por eſtar proxima ao rio, foy a primeira, que experimentou a bataria, para a qual paſſou o Vice-Rey, deixando o Paço Seco comettido a D. Pedro de Almeida, Capitaõ experimentado, por querer aſſiſtir em a parte em que era mais evidente o perigo. Como o ſitio, onde ſe alojaraõ os inimigos, era ſuperior à Fortaleza, cahio huma das torres, e parte da Igreja de Santiago ao violento impulſo das balas, diſparadas com taõ inceſſante movimento, que ſómente das que paſſaraõ por elevaçaõ excederaõ o numero de ſeiſcentas de cinco palmos de circunferencia, que cahiraõ na fortificaçaõ de André de Mendoça, diſtante de Benaſterim hum tiro de bombarda. Para reparo das muralhas demolidas mandou o Vice-Rey fabricar hum muro de madeira terraplenado, contra o qual

Aſſiſte o Vice-Rey em a Fortaleza de Benaſterim.

asſeſtaraõ os barbaros mayor bataria, que ſem interpolaçaõ jogava de dia, e noite.

37 Naõ correſpondia o effeito ao ardor com que os inimigos anhelavaõ a noſſa ruina, antes como os Portuguezes eraõ practicos em os paſſos da terra, e do rio, ſahiaõ muitas vezes, quando ſe lhes offerecia occaſiaõ opportuna, e privavaõ a huns da vida, e a outros da liberdade. Neſtes aſſaltos mereceo diſtincta memoria o feliz ſucceſſo, que conſeguiraõ D. Jorge de Menezes, o *Baroche*, e D. Pedro de Caſtro, entrando pelo rio com ſeis navios pequenos, e deſcendo a terra, ſe travou huma eſcaramuça taõ ſanguinolenta, que das cabeças dos inimigos carregaraõ os dous victorioſos Capitães dous carros, que o Vice-Rey mandou aos Cidadãos de Goa, para alivio do ſuſto, a que os tinha reduzido taõ formidavel cerco. Naõ foy inferior no valor, e felicidade a acçaõ, que obrou Lançarote Picardo com ſete Capitães, e cento e trinta Soldados, aſſaltando intrepidamente no ſilencio da noite as eſtancias inimigas, onde foraõ mortos innumeraveis Mouros, paſſando grande parte do ſomno temporal ao eterno. Como ſe foſſemos expugnadores, e naõ expugnados, ſe repetiaõ os aſſaltos contra os inimigos, provocando-os a choques, e combates, em que a fortuna eſtipendiaria das noſſas bandeiras nos concedia repetidas victorias.

Succeſſo glorioſo, que alcançou D. Jorge de Menezes com D. Pedro de Caſtro.

38 Irritado o Hidalcaõ do infructuoſo progreſſo das ſuas armas, julgava por injuria da Mageſtade, que lhe diſputaſſe a conquiſta de Goa a obſtinada reſiſtencia de taõ poucos defenſores; e para diminuirlhe as forças com a diverſaõ de nova guerra, mandou grande copia de dinheiro, e de Soldados à Rainha de Garcopa, para ſe declarar contra o Eſtado pela parte de Onor, a tempo que perſuadia aos Reys da Coſta do Canará; que nos invadiſſem pela parte de Bracellor, de cuja malevola aſtucia ſendo certificado D. Luiz de Ataide, evitou com prevenidos ſoccorros a ſua execuçaõ. Sabendo eſte Heroe, que o Hidalcaõ deſvanecido com a propria grandeza, determinava entrar montado a cavallo em Goa, para nella receber as acclamações honorificas de Conquiſtador, lhe enviou por Antonio Mendes de Caſtro hum cavallo, digno da ſua Peſſoa, ſignificando-lhe pelo portador, que elle com ſummo jubilo eſperava receber por hoſpede a hum dos mayores Potentados da Aſia. Recebeo o Hidalcaõ com benigno aſpecto o preſente, poſto que eſtevè indifferente em aceitallo, por naõ receber o portador inſtruido pelo Vice-Rey a ſatisfaçaõ do donativo. Continuavaõ os combates de huma, e outra parte, em que ſempre o valor Portuguez triunfava da barbara multidaõ.

Aſtucias do Hidalcaõ contra os cercados.

39 Para impedir os mantimentos, que ſe conduziaõ ao campo do inimigo, entrou Antonio

nio Cabral com quatro fuſtas no rio de Chaporâ, e penetrando a terra com cincoenta homens, abrazou quatro Aldeyas, e cincoenta navios de carga, de que recolheo abundantes deſpojos. Neſte tempo ſe coroou com igual triunfo D. Paulo de Lima em Rachol, reduzindo a cinzas duas povoações, e cativando ſeus moradores. Era preciſo aſſeſtar no Paço de Benaſterim huma peça de extraordinaria grandeza: porém a innundaçaõ de balas, que choviaõ do arrayal inimigo, intimidava aos noſſos para a ſua conduçaõ. O Vice-Rey para communicar eſpiritos aos Soldados timidos, lançou maõ a hum calabre para conduzir o canhaõ, quando huma bala lhe tocou levemente o braço eſquerdo, e raſgando-lhe o veſtido lhe naõ deixou a menor lezaõ. De outro mais fatal perigo o livrou a Divina protecçaõ, pois eſtando na Igreja de Santiago cahio a mayor parte do tecto com o impulſo da artilharia, e acudindo com prompta fidelidade Manoel de Souſa Coutinho, a receber na ſua peſſoa a ruina, em que certamente ficava ſepultado o Vice-Rey, eſte lhe increpou a acçaõ, como ſentindo, que houveſſe quem lhe roubaſſe a gloria de ſacrificar a vida em obſequio do ſeu Soberano.

De dous graves perigos he livre o Vice-Rey.

40 Quanto mais ſe dilatava o cerco, tanto mais ſe diminuia o orgulho do Hidalcaõ, ponderando com animo penetrado de deſeſperaçaõ os eſtragos recebidos de taõ poucos Soldados contra

tra hum exercito formidavel pelo numero de combatentes, e de inſtrumentos militares. Receava prudentemente, que naõ poderia reduzir à ſua obediencia huma naçaõ vangloriosa com os triunfos alcançados por D. Diogo de Menezes de toda a Armada do Malabar, e de Luiz de Mello da Sylva, victorioſo do poder naval do Achem no rio Fermoſo, cujas eſquadras tinhaõ chegado a Goa para ſoccorro dos ſitiados, e fatal ruina dos expugnadores. Eſtes penſamentos lhe inquietavaõ com tanta vehemencia o animo, que vacillante entre a guerra, e a paz, naõ determinava ſe havia de continuar huma, ou pedir outra.

Chegaõ as Armadas de D. Diogo de Menezes, e de Luiz de Mello da Sylva a ſoccorrer os ſitiados.

41 Animado o Vice-Rey com a chegada das duas victorioſas eſquadras, e juntamente com o grande eſtrago padecido pelos inimigos em ſitio taõ prolongado, que já paſſava de tres mezes e meyo, continuou na defenſa de Goa, onde havia deixar ſepultada a arrogancia do Hidalcaõ. Depois de desbaratar Antonio Fernandes de Chale com cento e vinte homens a tres mil barbaros, que reſolutos entraraõ na Ilha de Joaõ Lopes fronteira a Goa, inſiſtindo os inimigos em entupir o rio para fazer paſſagem à Cidade, ao tempo que tinhaõ concluido metade da obra, foraõ acomettidos por ordem do Vice-Rey no ſilencio da noite pela parte onde eſtava aquartelado o Hidalcaõ, ſendo o inſtrumento deſta facçaõ Manoel Dias Picoto com ſeis navios, o qual faltando

Saõ mortos tres mil inimigos.

tando em terra fez taõ repentino deſtroço em os expugnadores, que quaſi todos foraõ mortos, e derrubada a maquina, que lhe tinha cuſtado tanto trabalho. Semelhante deſgraça experimentaraõ em outras partes pelos Capitães Damiaõ de Souſa, D. Antonio de Caſtro, Joaõ Gomes da Sylva, e Martinho de Vaſconcellos, naõ havendo lugar proximo, ou diſtante, que naõ ſentiſſe os effeitos do furor Portuguez.

42 O Nizamaluco confederado do Hidalcaõ, conſiderando a lentidaõ com que procedia no cerco de Goa, o increpou, que della naſcia a pertinacia com que ſe defendia Chaul, que elle eſtava cercando, de cuja reprehenſaõ eſtimulado o Hidalcaõ, reſolveo paſſar a Goa com todo o poder militar, para que de hum golpe cortaſſe todos os obſtaculos, que lhe impediaõ o rendimento de huma Cidade, afrontoſo eſcandalo das ſuas armas: e para teſtemunho, e deſengano deſta facçaõ levou ao Embaixador do Nizamaluco. No quarto da Alva do dia 13 de Março ſahiraõ embarcados em almadias cinco mil Mouros pela Ilha de Mercantor, diſtante duzentas legoas do continente de Goa, contra os quaes ordenou o Vice-Rey deſembarcar trezentos homens, capitaneados por Luiz de Mello, e D. Fernando de Monroy, com outra gente capaz de vadiar o rio. Principiou-ſe o combate com furioſa reſoluçaõ dos barbaros, animados com a preſença do ſeu Prin-

Inveſte Goa o Hidalcaõ com cinco mil Mouros, dos quaes ſaõ tres mil mortos.

Principe, e depois de ſe peleijar de ambas as partes com incrivel ardor, deſordenados os inimigos deixaraõ para teſtemunha da noſſa victoria, e do ſeu eſtrago tres mil mortos, e ſeiſcentos que fugitivos acabaraõ naufragantes. Nobilitou-ſe eſte glorioſo ſucceſſo com a morte de Solimar Agà, Capitaõ da Guarda Real, e com o cativeiro de Abdelmelic, cunhado do Hidalcaõ, e outros Capitães de diſtinçaõ grande. Voltou o Embaixador ao Nizamaluco, repreſentando-lhe mais com admirações, do que vozes, ſer Goa taõ inexpugnavel, como Chaul ſeria à obſtinada porfia das ſuas armas, pois os defenſores de huma, e outra Cidade lhes tinha a fortuna concedido o privilegio de invenciveis.

43 Ao meſmo tempo que os Portugues triunfavaõ com taõ repetidas victorias de ſeus inimigos, receavaõ ſerem vencidos pela falta de mantimentos, e munições, que já ſe experimentava, cujo provimento fazia difficil o Inverno: porém naõ era poderoſo taõ prudente receyo, augmentado com o eſtrago das muralhas, e inceſſante bataria dos canhões, para lhes diminuir a conſtancia, e esfriar o ardor, proſeguindo os aſſaltos nas eſtancias dos inimigos, e impedindo, que foſſem provîdos de armas, e mantimentos.

Cerca a Rainha de Garcopa a Fortaleza de Onor donde ſe aparta deſtroçada.

44 Seria já paſſada a mayor parte do mez de Julho, quando chegou noticia ao Vice-Rey de eſtar cercada pela Rainha de Garcopa com cinco

co mil Infantes, e quatrocentos cavallos a Fortaleza de Onor. Sem demora expedio duas galés, e oito fuſtas à ordem do Capitaõ Antonio Fernandes de Chale, o qual chegando no breve eſpaço de cinco dias acompanhado de gente militar de Onor, que defendia D. Jorge de Moura, acometteo aos inimigos pela frente, e retaguarda, com tal impulſo, que fugindo tumultuariamente deixaraõ toda a artilharia, que conduziraõ para a conquiſta deſta Fortaleza.

45 Deſenganado o Hidalcaõ de naõ poder ſugeitar ao ſeu dominio a Cidade de Goa, combatida taõ vigoroſamente por tantos inſtrumentos bellicos, e Soldados animoſos, em o largo eſpaço de dez mezes, cuja dilaçaõ, ſendo immortal gloria dos cercados, era injurioſa confuſaõ dos expugnadores, ſe retirou ao ſeu Reyno lançando em ſinal de deſeſperaçaõ o turbante da cabeça, e blasfemando do ſeu Profeta. Para memoravel padraõ do valor Portuguez em taõ glorioſo cerco foraõ cortados a ferro, conſumidos em fogo, e ſepultados em agua doze mil homens, trezentos elefantes, quatro mil cavallos, e ſeis mil boys, ſendo o arbitro de taõ illuſtre triunfo, mayor que todos, que celebrou a antiguidade nos Faſtos Gregos, e Romanos o inſigne Heroe D. Luiz de Ataide, de cujos eſpiritos animada a Cabeça do noſſo Eſtado, abateo, confundio, e desbaratou a armada arrogancia dos mayores Potentados da Aſia.

Levanta o ſitio o Hidalcaõ com grande perda do ſeu exercito.

CAPI-

CAPITULO VIII.

Chega o Nizamaluco a aviſtar Chaul acompanhado de formidavel exercito, e das primeiras operações do ſitio, que poz a eſta Cidade.

1571

46. SEpultada com tanta gloria do nome Portuguez a ſoberba do Hidalcaõ debaixo dos muros da Cidade de Goa, experimentou ſemelhante fortuna, ao meſmo tempo em os de Chaul a arrogancia do Nizamaluco, naõ ſendo poderoſa a colligada potencia deſtes dous taõ formidaveis barbaros para esbulhar aos Portuguezes da antiga poſſe de vencedores. Contava o Nizamaluco vinte e dous annos de idade, havendo já cinco, que reynava por aſtucia de ſua mãy; era de eſtatura pequena, membros robuſtos, olhos vivos, a côr parda, e a condiçaõ affavel, inclinado à guerra, e naturalmente valeroſo. O exercito que conduzia, conſtava de cento e vinte mil Infantes, em que entravaõ doze mil bombardeiros, e frecheiros, dezoito mil gaſtadores, trinta e quatro mil cavallos, trezentos e ſeſſenta elefantes com muitos bufaros, e boys, e quarenta canhões, entre os quaes era o mayor, que lançava balas de pedra de ſete palmos e meyo de circunferencia,

Pereir. *Vid. de D. Luiz de Ataid.* liv. 2. cap. 14.

De que gente ſe formava o exercito do Nizamaluco.

cunferencia, e de trezentos e vinte arrateis de pezo. Quatro mil officiaes de diverſas nações, experimentados na arte militar, governaraõ o immenſo numero de tantos Soldados, que obedientes às ſuas ordens promptamente executavaõ as mais arduas, e difficultoſas emprezas. Foy recebido o Nizamaluco com feſtivas demonſtrações de todo o exercito, ardendo continuos fógos em quanto durava a noite, armando-ſe para habitaçaõ da ſua peſſoa huma mageſtoſa tenda em o monte do Agao, fronteiro da Cidade de Chaul. Ao dia ſeguinte diſtribuiraõ os inimigos as eſtancias alojando-ſe o General Faretecaõ junto da Ermida da Madre de Deos com ſete mil cavallos, e duzentos elefantes, donde lançou huma trincheira pelo campo de S. Sebaſtiaõ até o Paço de cima da Cidade, em que eſtava Caluſcaõ, Capitaõ Abexim, com ſeis mil cavallos, e Ximiricaõ com dous mil em as caſas de Diogo Lopes, ficando por eſte modo cercada a Cidade de mar, a mar. Infeſtavaõ ao meſmo tempo Baylimacaõ, e Farate Maluco com quatro mil cavallos as terras de Baçaim, vendo-ſe no contorno de duas legoas occupados de huma, e outra parte todos os lugares circumviſinhos a Chaul de tendas, eſtancias, e munições dos inimigos.

Caſtilho *Comm. de Goa, e Chaul*, fol. 30. verſ.

47 Toda eſta multidaõ de homens, brutos, e inſtrumentos militares ſe conſpirava contra huma Cidade, cujas muralhas eraõ de taypa, a

Fortaleza huma caſa, e os defenſores taõ poucos, que a cada hum correſpondiaõ quinhentos barbaros. Animavaõ aos cercados D. Franciſco Maſcarenhas, e Luiz Freire de Andrade, Capitaõ da Fortaleza, para naõ recear o exceſſivo numero dos expugnadores, porque a juſtiça da cauſa porque peleijavaõ, lhes havia conceder a mais glorioſa victoria. Para que as trincheiras naõ pudeſſem ſer entradas ſem eſcadas, as levantaraõ a mayor eminencia, e repartiraõ os Soldados por vinte eſtancias, conforme o ſitio, e a neceſſidade os enſinava, começando deſde a Roſa, que corria junto da Fortaleza velha até à Coſta brava, que ſahia ao Convento de S. Domingos. Foy nomeado Aleixo de Souſa, irmaõ do Capitaõ da Fortaleza, que tinha dado da ſua militar diſciplina ſingulares argumentos, para ſuſtentar o preſidio do Convento de S. Franciſco. Defendiaõ algumas caſas ſituadas na praya Nuno Alvares Pereira, que em o nome trazia vinculada a victoria, Nuno Velho Pereira, D. Gonçalo de Menezes, Manoel Pereira de Lacerda, Heytor de Sampayo, e Luiz Xira Lobo.

Como ſe diſpuzeraõ os noſſos para ſuſtentar o cerco, e defender a Fortaleza.

48 Para deſempenho da palavra, que tinha dado Noricaõ ao Nizamaluco de ſer o primeiro que entraſſe victorioſo na Fortaleza de Chaul, a aſſaltou pela parte das eſtancias, que defendiaõ Henrique de Betancurt, e Fernando Pereira de Miranda; porém com taõ infeliz ſucceſſo, que ſe

Succeſſo infeliz, que padece Noricaõ em hum aſſalto.

ſe retirou com morte de trezentos Soldados. Mayor foy a irrupçaõ, que experimentou o preſidio de S. Franciſco, onde era taõ continua a bataria dos canhões, que ſe occultava a luz do dia com as denſas nuvens do fumo, e ſe illuminavaõ as ſombras da noite com o fogo vomitado por tantas bocas de metal, ſendo taõ deſtra a pontaria dos artilheiros, que ſe encontravaõ no ar as balas expedidas do campo inimigo, e da noſſa Fortaleza. Naõ permittiaõ os cercados o menor intervallo de deſcanço aos expugnadores, pois até nas horas deſtinadas para o ſomno os obrigavaõ a deſiſtir das obras com que ſe chegavaõ ao preſidio. Entre as ſahidas ao campo merece diſtincta memoria o Capitaõ Sebaſtiaõ de Souſa, acomettendo em 19 de Janeiro com fortuna igual ao ſeu valor a huma Fortaleza fabricada pelos inimigos, onde pereceraõ muitos à violencia do fogo, e do ferro.

Acçaõ glorioſa de Sebaſtiaõ de Souſa.

49 Irritado o Nizamaluco com eſte ſucceſſo, ordenou, que em a noite ſeguinte ſe aſſaltaſſe o preſidio de S. Franciſco, por dous Capitães de valor conhecido. Acompanhados de cinco mil Laſcarins acometteraõ por tres partes o preſidio, onde ſe começou a diſputar hum ſanguinolento combate; e poſto que os barbaros eraõ heroicamente rebatidos para que naõ rompeſſem o muro, continuavaõ com feroz deſeſperaçaõ o aſſalto, até que ſoccorrido Nuno Velho com qua-

Perdem os inimigos oitocentos Soldados em outro aſſalto.

quarenta arcabuzeiros por D. Francisco Mascarenhas, obrigou a que confusamente se retirassem os inimigos deixando trezentos mortos, e quinhentos feridos. Neste feliz successo he digno de eterna memoria Christovaõ Curvo de Sequeira, que examinando por tres vezes lançado fóra de huma fresta com huma tocha se os inimigos minavaõ a parede da Fortaleza, recebeo na rodela, e nas armas onze frechadas, sem padecer a menor lezaõ.

50 Depois desta derrota se assestaraõ por ordem do Nizamaluco duas peças grossas contra o mesmo presidio, cuja bataria pelo espaço de tres dias fez taõ espantoso estrago, que raro era o Soldado que naõ fosse ferido, ou sepultado em as ruinas de pedra, e madeira, de que se formavaõ os muros. Para se evitar este damno levantaraõ os nossos hum reparo, onde naõ sómente se conservavaõ illezos aos tiros dos barbaros, mas os precipitaraõ duas vezes com grande mortandade, e perda de muitas bandeiras, que já tinhaõ arvorado, obrigando-os a que com summa velocidade se recolhessem aos seus valos. A' felicidade desta acçaõ se seguio outra naõ menos gloriosa, pois sahindo os nossos a soccorrer aos seus companheiros dispersos no campo do combate passado, se accendeo outro mais furioso, a que concorreraõ varios Turcos, e Abexins, vestidos de armas brancas, contra os quaes prevaleceo o nosso

so

ſo valor, e diſciplina, matando a quatrocentos, quando dos noſſos faltaraõ ſómente ſeis.

Largaõ os Portuguezes o Forte de S. Franciſco.

51 Reduzido o Forte de S. Franciſco a hum monte de eſtragos pela violenta, e continua impreſſaõ da artilharia, naõ podendo os ſeus heroicos defenſores ſuſtentar as vidas quaſi ſepultados em tantas ruinas, ſe deliberaraõ a largar hum lugar, cuja defenſa era impoſſivel para preſidiar outro, em que os inimigos recebeſſem mayor damno, e elles merecida fama. Certificados os Mouros, de que tinhamos deſamparado o Forte, entraraõ ſem receyo de perigo; porém de hum revelim, em que ainda aſſiſtiaõ poucos Portuguezes, foraõ precipitados. Semelhante eſtrago padeceraõ os barbaros em mayor numero, pois combatendo em campo aberto com a noſſa gente pelo eſpaço de duas horas, fugiraõ deſcompoſtamente deixando regada a campanha de copioſo ſangue. Diminuio a gloria deſte ſucceſſo a infauſta morte de D. Fernando de Menezes, neto de D. Henrique de Menezes o *Roxo*, Governador da India, o qual na primavera dos annos ſe ornava com os frutos de valeroſo, e prudente.

Couto *Decad. da Ind. VIII.* cap. 26.

Morre em hum choque D. Fernando de Menezes.

52 Em toda a parte triunfava com igual fortuna o valor Portuguez, pois ſendo acomettida a Fortaleza de Caranja, ſituada entre Chaul, e Damaõ, de que era Capitaõ Eſtevaõ Pereſtrello, por dous mil cavallos, e ſeis peças de artilharia,

ſahio

Triunfa Estevaõ Perestrello dos inimigos, que vinhaõ cercar a Fortaleza de Caranja.

sahio animoso ao campo acompanhado de setenta Portuguezes, e ainda que foy advertido por Manoel de Mello Pereira, se naõ empenhasse na defensa de huma Fortaleza pouco importante ao Estado, e applicasse todas as forças na conservaçaõ de Baçaim, desprezou esta advertencia como injuriosa ao seu credito, e investindo improvisamente os quarteis dos inimigos os desalojou com incrivel felicidade, deixando para final da victoria as armas, e mantimentos, que conduziaõ para a conquista de Caranja. Tal foy a confusaõ, que penetrou ao General desta empreza, que para naõ ser victima do furor do Nizamaluco, fugio para Cambaya com os principaes Soldados, que governava.

53 Arruinada a mayor parte das casas, que serviaõ de antemural à Fortaleza de Chaul, pela incessante bataria dos canhões, naõ se podiaõ sustentar as de Manoel Pereira, e Luiz Xira Lobo, pois como estavaõ situadas defronte da Cidade eraõ certo alvo das batarias inimigas. Antes de serem entradas pelos barbaros as de Luiz Xira, se fabricou huma mina por hum Condestavel Flamengo, que tinha servido na Praça de Dio. Ajudava a esta obra o Sargento mór Manoel Raposo, o qual menos acautelado recolheo os barris de polvora, destinados para a mina, em hum armazem cheyo de munições, e artificios de fogo. Presumindo os Mouros, que as casas

estavaõ

eſtavaõ deſamparadas, entraraõ nellas confiadamente às nove horas do dia 18 de Fevereiro, a tempo que ſe eſtava fabricando a mina, e arvoraraõ varias bandeiras em ſinal de triunfo. Para os lançar fóra ſahiraõ das tranqueiras D. Duarte de Lima, e Fernaõ Telles com muitos Soldados de diſtincçaõ, e como os Mouros eſtavaõ na parte ſuperior, hum delles lançou huma panella de polvora contra os noſſos, que ateando-ſe repentinamente em outras, ſe communicou o fogo aos barris, e caixões, que eſtavaõ para atacar a mina, de cujo fatal incendio foraõ abrazados quarenta Portuguezes, ſendo os de mayor diſtincçaõ Heytor de Sampayo, Duarte de Lima, Jorge da Cunha, Ayres Ferreira, Joaõ de Ornellas, Antonio de Sampayo, Luiz Xira Lobo, e Manoel Rapoſo, author de taõ infauſto ſucceſſo. Outros ſahiraõ taõ denegridos do incendio, que ſeus amigos, e parentes, imaginando que eraõ Mouros os mataraõ, ſe com a voz naõ evitaſſem taõ fatal perigo.

Faria *Aſia Portug.* Tom. 2. Part. 3. cap. 10.

Fatal eſtrago, que padeceraõ os noſſos por cauſa do fogo.

54 Altivos os barbaros com eſte ſucceſſo, ſe animaraõ ſeiſcentos a combater ao dia ſeguinte, por ordem de Xiricaõ o baluarte da Cruz, que eſtava muito damnificado pelo impulſo da artilharia. Eraõ vigilantes ſentinellas diſtribuidos aos quartos Fernaõ Telles, e Fernaõ Pereira, e conhecendo do movimento dos barbaros a ſua determinaçaõ, foraõ promptamente rebatidos matando

Aſſalto no baluarte da Cruz.

tando a tres que tinhaõ entrado os entulhos; e travando-ſe hum choque com os que acometteraõ os valos, ſoccorridos os noſſos do Capitaõ mór, lhes tomaraõ cinco bandeiras, que atrevidamente intentavaõ fixar no baluarte, cahindo huns precipitados, e outros feridos. Mereceraõ neſta acçaõ diſtincto louvor Henrique de Betancurt peleijando com a maõ eſquerda, por ter perdido a direita em outro conflicto; e Domingos do Alamo, que ſentado, por ter abrazados os pés no incendio da mina, com huma lança fez horroroſo eſtrago em os inimigos, morrendo neſte aſſalto cento e cincoenta, dos quaes muitos pela côr branca eraõ Europeos.

Outro aſſalto, de que ſahem deſtroçados os inimigos.

55 Por eſtarem apartadas das tranqueiras as caſas de Nuno Velho Pereira, eraõ o principal alvo das armas inimigas, e como padeceraõ a bataria pelo largo eſpaço de quarenta e dous dias, eſtavaõ reduzidas a hum acervo de pedras. Ordenou Nizamaluco a Faretecaõ, que logo foſſem acomettidos, e que ſe naõ apartaſſe ſem as render à ſua obediencia para caſtigo das afrontas, que lhe faziaõ ſeus defenſores. No quarto da Alva ſe fez a invaſaõ com quatro mil Soldados eſcolhidos, cuja barbara multidaõ foy rebatida por quarenta Portuguezes, que unicamente ſe achavaõ defendendo aquellas ruinas, donde como naõ ſe perdia golpe, nem tiro, ſe retiraraõ os barbaros confuſos, e deſtroçados. Raivoſo o Nizama-

Nizamaluco com eſta fatalidade, inſtou com ſegundo aſſalto, mandando aſſeſtar a artilharia contra a noſſa Armada, da qual recebia graviſſimo damno. Para facilitar o rendimento das caſas fabricaraõ os Mouros humas paredes groſſas como baluartes, a cujo deſignio ſe oppoz Agoſtinho Nunes com Gomes Ferreira, armando hum cavalleiro onde plantou hum ſalvagem, de cujas balas foy desbaratada a maquina dos inimigos. Os eſtrondoſos eccos das batarias diſparadas contra o Convento de S. Domingos eraõ taõ formidaveis, que tinhaõ deſpovoado o ar de aves, e o mar de peixes, ſervindo de deſpertadores aos Portuguezes para ſe conſervarem conſtantes, e inſuperaveis entre taõ horroroſa confuſaõ.

56 Reduzidas ao ultimo eſtrago as caſas de Nuno Velho, para que os inimigos ſe naõ ſenhoreaſſem dellas, ſem grande perda, ſe fabricou huma mina, a qual ao tempo que os Mouros eſtavaõ celebrando com deſcompoſtas vozes a ventura da ſua poſſe, rebentou com improviſa violencia, arrebatando a innumeraveis, com muitas bandeiras, entre as quaes eſtava huma, que tinha pintada a torpe figura de Mafoma. Paſſado o eſtrondo, e o eſtrago, acometteo o Capitaõ mór aos barbaros, que deixara vivos o incendio, e outros, que acodiraõ ao ſeu ſoccorro, e fez nelles taõ grande mortandade, que ſómente Nuno Velho deſpojou a cincoenta da vida.

Morrem muitos bárbaros abrazados em huma mina.

CAPITULO IX.

Continua o Nizamaluco o cerco de Chaul, o qual depois de varios assaltos se retira totalmente derrotado. Pede pazes ao Estado, que lhas concede, como ao Hidalcaõ. D. Antonio de Noronha chegando a Goa nomeado Vice-Rey.

1571

57 TAõ obstinado permanecia o Nizamaluco na conquista de Chaul, que o furor que lhe animava o peito contra os seus heroicos defensores, o reduzia a insensivel para se naõ penetrar dos estragos, e ruinas que tinha experimentado. Com o principio de Abril começou meditar novas operações, levantando diversas tranqueiras contra os cercados, que impacientes sahiraõ sem ordem do seu Capitaõ ao campo, e acomettendo aos inimigos por entre hum diluvio de balas, fizeraõ victimas das suas fulminantes espadas a cento e cincoenta, entre os quaes participou desta desgraça hum Capitaõ alentado, a quem era muito affecto o Nizamaluco.

Saõ mortos cento e cincoenta inimigos.

58 Persuadido este barbaro, que a continuaçaõ do sitio tivesse quebrantado as forças, e diminuido os espiritos aos Portuguezes, posto que nunca contra elles prevalecera em tantos combates, e assaltos, determinou dar hum geral à Fortaleza,

,, dir o meu pelo modo que deve ser, e como he
,, razaõ.

,, E porque o Cardeal Legado, segundo a
,, ordem, que para esta materia do casamento
,, tem de S. Santidade, vay com esta minha repos-
,, ta, e commissaõ, que leva, muy determinado
,, de nisso fazer o que tem a cargo, e ha de jun-
,, tamente com vosco de proceder nelle, bem ve-
,, des, que agora he o tempo, em que convém,
,, que mais vos advirtais, e veleis no que se de-
,, ve fazer, e modo que nisto se deve ter, pois
,, o negocio he taõ grande, e tanto mayor cada
,, vez mais, quanto se vay mais chegando a ter-
,, mos de se poder tomar nelle conclusaõ, e por
,, isto naõ vos deveis satisfazer do muito, que fi-
,, zerdes, senaõ quando for tanto, que nem o
,, que possa parecer pouco, fique por fazer, en-
,, tendendo que naõ pode haver em tamanha cou-
,, sa, alguma que se deva ter por pequena, ain-
,, da que seja das muito accessorias.

,, Encomendo-vos, que tanto que o Lega-
,, do chegar a essa Corte, e vos for dada esta Car-
,, ta, que a elle daqui mando ora com outras pa-
,, ra S. Santidade, o vades visitar, e logo entaõ,
,, ou ao outro dia, segundo vos bem parecer, e o
,, tempo vos der lugar, lhe direis, como tendes
,, aviso meu da commissaõ, que lhe tenho dada,
,, para juntamente com vosco poder tratar de meu
,, casamento; e que eu vos mando, que com elle

„ o trateis, e lhe communiqueis tudo o que desta materia tiverdes entendido, e o que nella por meu mandado tendes feito até aqui, para tambem com seu parecer, e conforme a reposta, que lhe dey, e ao que vos atraz escrevo, procederdes no que se mais houver de fazer: guardando nisso as cousas, que atraz saõ apontadas, e tocaõ à minha authoridade, e reputaçaõ; e posto que o Legado sabe já de mi como aceitarey por dote do Christianissimo Rey de França, entrarmos ambos na Liga; tratareis mais particularmente este ponto com elle, para ambos ordenardes o modo de que se deve propor, para que suavemente se digna, e assi se receba, fundando as palavras, e tençaõ dellas no muito desejo, que tenho desta Liga se proseguir com grande authoridade da Christandade, e geral uniaõ de todos os Principes della, e que ainda que tenha por certo, que o Christianissimo Rey de França, meu irmaõ, e primo, fará para este effeito da Liga o officio, que sempre fizeraõ em cousas desta qualidade os Christianissimos Reys seus antecessores, que com tudo para mais clara demonstraçaõ deste meu animo aceitarey por dote entrarmos ambos nesta Liga, de que se devem, e podem esperar (se toda a Christandade se ajuntar, e fizer em hum corpo contra as barbaras nações dos Infieis, que tanta parte do Mundo, com

„ tanta

„ tanta offenſa dos Chriſtãos, tem occupado)
„ grandiſſimos effeitos nas merces, que eſtaõ cer-
„ tas da parte de Noſſo Senhor, quando da noſ-
„ ſa fizermos couſa taõ devida, e obrigatoria, e
„ neceſſaria em geral, e em particular, como he
„ entrarmos todos na Liga.

„ E tambem fallareis com o Padre Franciſ-
„ co, Geral da Companhia de Jesus, e lhe da-
„ reis conta de todas eſtas materias, e as commu-
„ nicareis com elle muy particularmente, dizendo-
„ lhe como vos mandey o fizeſeis aſſi, e por elle
„ correreis com o Legado naquellas couſas, que
„ pela qualidade dellas, e conjunçaõ do tempo,
„ em que as houverdes de tratar, vos parecer,
„ que ſerá por entaõ melhor uſar deſte meyo do
„ Padre Franciſco, que communicarlhes por vós
„ peſſoalmente, porque ſegundo o que ſe enten-
„ de de voſſas Cartas de às vezes ſe conferirem
„ lá algumas couſas de outras, póde ſer, que vos
„ pareça deverdes eſcuſar a muita continuaçaõ em
„ caſa do Legado, mas naõ que por eſte reſpei-
„ to deixeis de ir a ella todas as vezes, que for
„ neceſſario, para ſe entender a conta, que com
„ elle tenho por ſua dignidade, e officio, e por-
„ que iſto hey por mais importante, que o que
„ particularmente me toca neſta parte, e ſobre
„ eſte meu particular naõ ſe me offerece que vos
„ diga, além do que vos atraz advirto, ſenaõ
„ tornarvos a encomendar muito encarecidamen-

„ te,

„ te, que vendo vós quanto neſta materia confio
„ de vós, que he o que mais póde ſer, viſta a
„ qualidade della, e o muito que toca à minha
„ propria peſſoa por tantas vias, e a particular
„ obrigaçaõ, que tendes a meu ſerviço, pois já
„ com eſte intento me comecey a ſervir de vós
„ neſſe lugar em que eſtais, e folgo agora mui-
„ to de vos ter nelle; aſſi me ſirvais em tudo iſ-
„ to, que correſpondaõ voſſas obras ao que pro-
„ mette a obrigaçaõ, em que eſtas couſas vos
„ poem, como eu creyo, e eſpero de vós, e de
„ tudo o que neſta materia paſſardes aſſi agora no
„ principio, como indo ella mais adiante me avi-
„ ſareis, tendo niſſo tal ordem, e modo, que ve-
„ nhaõ voſſas Cartas com a ſegurança, e brevi-
„ dade, que ſe requere em tamanho negocio, e
„ de que convém, que eu muito a miudo, e muy
„ particularmente ſeja aviſado, e advertido; e
„ para iſſo viraõ voſſas Cartas por via do Lega-
„ do, ou por correyos proprios, qual vos me-
„ lhor parecer, e entre as particularidades, que
„ tratardes com o Padre Franciſco, lhe direis tu-
„ do o que vos parecer para impedimento da pra-
„ ctica de Navarra, que he couſa em que eu
„ (ainda que ſe naõ houvera de tratar da com-
„ miſſaõ, que tenho dado ao Legado, e por eſ-
„ ta Carta vos dou) fizera, e mandara fazer to-
„ do o bom officio, que fora poſſivel pela obri-
„ gaçaõ, que tenho ao bem da Chriſtandade,
„ que

afronta padecida, ſervindo-lhe os cadaveres de degraos para a ſubida. O ar cuberto do fumo exhalado de tantos artificios de fogo; o eſtrepito inceſſante das armas, os gemidos dos moribundos, os clamores dos cercados, e as vozes laſtimoſas das mulheres, e meninos, que diſcorriaõ pela Cidade, implorando o Divino auxilio contra os inimigos do ſeu Santo Nome, repreſentavaõ o mais horrivel, e medonho eſpectaculo. Naufragavaõ no ſangue derramado por varias feridas, e cahiaõ paſſados das balas os inimigos: porém incitados de furor cego repetiaõ os aſſaltos, eſquecidos das leys da humanidade, com que viaõ o eſtrago de ſeus companheiros, e obſtinadamente conſtantes na ultima extincçaõ dos cercados. Reconhecendo os barbaros, que todo o ſeu esforço naõ podia prevalecer contra os Portuguezes, ſe retiraraõ às ſeis horas da tarde de taõ porfiado combate, deixando ſemeado o campo de tres mil cadaveres, mudos pregoeiros da noſſa gloria, e do ſeu eſtrago. O numero dos mortos foy excedido incomparavelmente pelo dos feridos, ſendo hum delles Faretecaõ, General do exercito, que com o proprio ſangue teſtemunhou a valentia do ſeu braço. Dos noſſos ſómente morreraõ cinco, que como ſe naõ tiveſſem ſuſtentado taõ duro aſſalto convidavaõ para ſegundo aos inimigos com as eſpadas empunhadas, e as bandeiras tremolantes. O Nizamaculo antes do tragico

Retiraõ-ſe os Mouros do ſegundo aſſalto com perda de tres mil mortos.

gico fim do aſſalto ſe retirou opprimido de tal triſteza, que naõ permittio que algum dos ſeus Capitães lhe viſſe no ſemblante a afflição, que o atormentava, e recolhido a huma Meſquita deſafogou a ſua paixaõ vituperando a Mafoma de naõ concorrer benevolo para o feliz ſucceſſo de huma empreza, em que eſtava empenhada a potencia do ſeu Reyno, e o credito da ſua peſſoa, onde em trinta e nove combates deixou extinctos pelo ferro, e fogo quarenta mil Soldados. O Capitaõ da Fortaleza com os officiaes participantes da gloria do triunfo, ordenaraõ huma Prociſſaõ, em que renderaõ as graças ao Supremo Arbitro das victorias. Inſtado o Nizamaluco de ſeus vaſſallos para celebrar pazes com o Eſtado, pois tinha conhecido com taõ lamentavel experiencia ſer conveniente à ſua conſervaçaõ a noſſa amizade, nomeou para Plenipotenciarios a Faretecaõ, General do ſeu exercito, e a Caſacaõ, Védor da ſua Fazenda, e no Convento de S. Domingos a 24 de Julho deſte anno de 1571, ſe aviſtaraõ com D. Franciſco Maſcarenhas, D. Jorge de Menezes, Capitaõ da Cidade de Chaul, e por adjuntos Antonio de Teive, e Pedro da Sylva, e propoſtas as condições ſe celebraraõ as pazes com grande conveniencia do Eſtado. O Hidalcaõ, que era alliado do Nizamaluco, experimentando o meſmo infortunio em o cerco de Goa, que eſte tivera em o de Chaul, ſendo ſeu imitador

Pede pazes o Nizamaluco, e ſe lhe concedem.

O Hidalcaõ pede pazes ao Eſtado.

dor na desgraça, o quiz ser na celebraçaõ das pazes, que naõ aceitou prudentemente o Vice-Rey, por esperar tempo em que fossem mais gloriosas à reputaçaõ do Estado.

63 Nesta conjunçaõ de tempo chegou a Goa por Vice-Rey D. Antonio de Noronha, filho de D. Martinho de Noronha, Senhor de Villa-Verde, e de D. Guiomar de Albuquerque, sobrinha do grande Affonso de Albuquerque, o qual sahindo em Março passado de Lisboa com cinco náos capitaneadas por Antonio Moniz Barreto, Ruy Dias Pereira, Antonio de Valladares, e Francisco de Figueiredo, foy recebido por D. Luiz de Ataide no mez de Setembro, commettendo-lhe para feliz principio de seu governo a celebraçaõ das pazes com o Hidalcaõ, as quaes foraõ estipuladas a 13 de Dezembro, com grande gloria da naçaõ Portugueza.

Chega a Goa por Vice-Rey D. Antonio de Noronha.

Celebra pazes com o Hidalcaõ.

CAPITULO X.

Acomette o Samorim a Fortaleza de Chale com exercito numeroso, e depois de huma heroica defensa se rende àquelle barbaro.

64 AO tempo que com tanto credito do valor Portuguez se tinha abatido o orgulho do Hidalcaõ em Goa, e do Nizamalu-

1571

co em Chaul, acometteo o Samorim, colligado deſtes dous Principes, a Fortaleza de Chale, perſuadido de que a ſua conquiſta deſaggravaſſe as injurias, que receberaõ das noſſas armas. Com prudente aſtucia, e ſagaz artificio, foy diſſimulando eſte intento, até que no fim de Junho, principio na Aſia do Inverno, em que naõ podiaõ ſahir de Goa as noſſas Armadas, inveſtio ſubitamente a Fortaleza de Chale com cem mil combatentes, cercando-a de mar a mar com valos, e trincheiras, guarnecidas de quarenta peças de bronze, das quaes mandou plantar vinte do rio até a barra, para impoſſibilitar o ſoccorro aos ſitiados. Governava a Fortaleza D. Jorge de Caſtro, taõ illuſtre por naſcimento, como provecto na idade, e prudente no diſcurſo, o qual pelas repetidas vezes que fora Capitaõ deſta Fortaleza, ſempre tinhaõ ſido os ſeus muros reſpeitados do Samorim, e como naõ preſumia a doloſa reſoluçaõ deſte barbaro, naõ tinha provido a Fortaleza de mantimentos, e gente, a qual naõ excedia de ſeſſenta Soldados, entre velhos, e moços. Começou o Samorim a bater a Praça com inceſſantes deſcargas da artilharia, que eraõ reſpondidas com fatal damno dos inimigos, ſem ordenar, que ſe deſſe algum aſſalto, por eſperar reduzir à ſua obediencia os cercados com guerra mais violenta, qual era a inteſtina cauſada pela fome.

He cercado Chale com cem mil homens.

Prompta-

65 Promptamente aviſou o Governador ao Vice-Rey D. Antonio de Noronha, do calamitoſo eſtado a que eſtava reduzido por falta de Soldados, e mantimentos, para ſuſtentar huma Praça invadida por taõ numeroſo exercito. Eſta noticia cauſou tal conſternaçaõ em os Cidadãos de Cochim, onde eſtava o Vice-Rey, que lhe ſupplicaraõ partiſſe logo com o Capitaõ Vaſco Lourenço de Barbuda para ſoccorrer Chale, antes que ſe rendeſſe com injuria do Eſtado. Sahio o Vice-Rey com huma náo, e duas fuſtas, e chegando brevemente à barra de Chale, a naõ pode entrar impedido da artilharia inimiga, aſſeſtada ao longo do rio, e de quarenta paraos, que diſcorriaõ por aquelle lugar para o meſmo effeito. Penetrado Franciſco de Souſa Pereira Camello da oppreſſaõ, que padecia Chale, eſquipou huma almadia com quatro Soldados, e alguns mantimentos, e munições, e depois de arribar a Cananor, donde ſahira, por cauſa do tempo invernoſo, chegou à barra de Chale a 17 de Agoſto, onde eſtava ſurto D. Antonio de Noronha, e comettendo com heroica reſoluçaõ a boca do rio, animados os companheiros com largas promeſſas, ſem receyo das ballas, e ſettas, que ſobre elle choviaõ, ainda que foy morto o marinheiro do leme, varou à porta da Fortaleza, onde de huma bombarda ſe lhe abrio a embarcaçaõ, da qual ſahio com os mantimentos, e munições, ſendo

Soccorre peſſoalmente o Vice-Rey a Chale, e o naõ conſegue.

Introduz ſoccorro na Fortaleza Franciſco de Souſa.

ſendo recebido com inexplicavel alegria por D. Jorge de Caſtro, e lhe encomendou o lanço do muro, que corria ſobre a porta da Fortaleza, já derrubado pelo impulſo da artilharia: porém por diligencia de Franciſco de Souſa ſe reparou, para ſuſtentar o impulſo dos expugnadores.

Parte D. Diogo de Menezes ao ſoccorro de Chale.

66 Certificado o Vice-Rey pelas Cartas de D. Jorge de Caſtro do perigo, e conſternaçaõ, em que ſe achava, ordenou logo a D. Diogo de Menezes, que com duas galés, e a Armada que eſtava em Onor, ſoccorrer Chale, antes que o Samorim a rendeſſe. Vencidas as dilações, cauſadas pelos ventos rijos, e tempeſtuoſos, ſurgio ſobre a barra de Chale. Tanto que D. Jorge de Caſtro deſcobrio a Armada, mandou ſignificar ao Capitaõ mór a neceſſidade de munições, mantimentos, e medicamentos, que padecia, como o perigo a que eſtava expôſto de ſer deſtroçado pela artilharia dos inimigos, collocada em tantas partes, que raro ſeria o tiro, que naõ cauſaſſe graviſſimo damno. D. Diogo de Menezes, conhecendo que a Armada, que conduzia, naõ era capaz do effeito que pertendia, voltou a Cochim, e reforçado com treze navios, e tres galés, ſurgio defronte de Chale, e deſpedindo a ſua manchua, de que era Capitaõ Luiz Fernandes, valeroſo Soldado, como levava por marinheiros Malavares, muito practicos naquelles mares, embocou a barra pequena, e chegando junto da Fortaleza,

taleza, correraõ Mouros, e Nayres de huma, e outra parte empenhados a tomar a manchua, de cujo intento os fruſtrou o esforço de Luiz Fernandes.

67 A eſte tempo foy aſſaltada a Fortaleza por todas as partes com horriveis alaridos, e varios inſtrumentos de fogo. D. Jorge de Caſtro, que conſervava na provecta idade de oitenta annos o vigor da adoleſcencia, diſcorria pelo muro com a eſpada na maõ animando aos Soldados, para que conſtantes rebateſſem a invaſaõ, da qual, havendo obrado os inimigos valeroſamente, ſe retiraraõ deſtroçados. Victorioſo D. Jorge de Caſtro com o eſtrago, que fizera nos expugnadores, repreſentou a D. Diogo de Menezes a urgente neceſſidade de ſer ſoccorrido com gente, e munições, pois ſem ellas naõ poderia ſuſtentar a Fortaleza contra hum taõ numeroſo exercito. Convocou a conſelho D. Diogo de Menezes aos Capitães, para ſe reſolver o modo com que havia ſer ſoccorrido Chale, ainda que foſſe com evidente eſtrago de toda a Armada. Reſolveo-ſe, que navegaſſem os navios ligeiros defendidos pelas galés, donde foſſem varejados os inimigos diſperſos pelas prayas, e impediſſem aos paraos do Samorim, que vagavaõ pelo rio, naõ cauſar damno aos noſſos navios. Deſprezando heroicamente toda a oppoſiçaõ dos barbaros D. Diogo de Menezes, entrou a 30 de Setembro

Aſſaltaõ os inimigos a Fortaleza, donde ſe retiraõ deſtroçados.

Soccorre a Fortaleza D. Diogo de Menezes.

bro pelo rio, e contra huma furiosa tempestade de balas, e settas, chegou à porta da Fortaleza, donde sahio D. Jorge de Castro a receber a nossa gente, a tempo que Francisco de Sousa Pereira com quarenta Soldados avançou os valos dos inimigos, da parte do Norte, onde se havia fazer a principal desembarcaçaõ, cuja empreza executou com tal esforço, que precedendo hum sanguinolento combate, foraõ mortos quatrocentos barbaros, seguindo-se o introduzirse o soccorro na Fortaleza. Tanto que D. Diogo de Menezes deixou soccorrida Chale, deu final de sahir a Armada, porque repontava a maré, e em cada instante de demora padecia naõ pequeno damno a sua gente, podendo justamente gloriarse de ter conseguido huma empreza por entre diluvios de balas, e settas, e varios instrumentos de fogo, naõ perdendo em taõ perigosa acçaõ mais que vinte homens na sua galé, onze em a de Diogo da Azambuja, e nove em a de Matthias de Albuquerque.

Couto *Decad. VIII. da Ind.* cap. 41.

68 Para naõ ceder à violencia dos expugnadores Chale, expedio o Vice-Rey huma Armada, de que era Capitaõ mór Francisco de Sousa Tavares, e logo mandou outra governada por D. Fernando de Monroy: porém como se destinassem estes soccorros para outras partes, partio ao soccorro de Chale segunda vez D. Diogo de Menezes com mil e quinhentos homens, mas com

Parte com segunda Armada D. Diogo de Menezes para soccorrer Chale.

com taõ infaufto fucceffo, que achou a Fortaleza rendida pela culpavel inercia de D. Jorge de Caftro, que preferindo injuriofamente as inftancias de fua mulher D. Filippa de Caftro às obrigações do feu officio, facrificou huma Fortaleza, que confervada era fatal efcandalo da ambiciofa arrogancia do Samorim. D. Diogo de Menezes levou para Cochim a gente que fahira de Chale, e junto com Matthias de Albuquerque, affugentaraõ quantos Coffarios infeftavaõ aquelles mares, donde paffaraõ a defmantellar a Fortaleza, que na boca do rio Sanguicer tinha levantado hum Nayque, vaffallo do Hidalcaõ, cuftando efta facçaõ a vida de Antonio Fernandes Chale, de naçaõ Malavar, e Cavalleiro da Ordem Militar de Chrifto, o qual com fuas heroicas acções nobilitou a fua peffoa, adquirindo com a virtude propria os brazões, que lhe negou a natureza. Foy conduzido o feu cadaver a Goa, onde lhe deraõ fepultura com pompa fómente concedida aos Governadores do Eftado.

Rende-fe a Fortaleza ao Samorim.

Faria *Afia Portug.* Tom. 2. Part. 3. cap. 12. n. 3.

Quem era Antonio Fernandes Chale.

CAPITULO XI.

Instrue D. Sebastiaõ ao seu Embaixador em França Joaõ Gomes da Sylva das negociações, que lhe propoz o Cardeal Alexandrino, das quaes faz participantes a sua prima a Senhora Princeza de Parma, e ao Conde de Vimioso D. Affonso de Portugal.

1572

69 SEndo os principaes negocios da vinda do Cardeal Alexandrino a este Reyno ajustar a Liga entre os Principes Catholicos, contra o inimigo commum da Christandade, e o casamento do nosso Monarca com a Infanta de França, tanto que o Cardeal Legado se ausentou de Portugal escreveo D. Sebastiaõ ao seu Embaixador Joaõ Gomes da Sylva, assistente na Corte de Pariz, onde brevemente havia de chegar o mesmo Legado, huma larga instrucçaõ, que he a seguinte, onde se comprehende tudo quanto tinha resoluto em os negocios propostos pelo Cardeal Legado.

Instrucçaõ delRey ao seu Embaixador em França Joaõ Gomes da Sylva.

„ O Cardeal Alexandrino, Legado, e Sobrinho do Santo Padre, quando agora veyo a „ mi por mandado de S. Santidade, me fallou da „ sua parte sobre haver de entrar na Liga contra „ o Turco, e casar em França; pedindo-me com „ mui-

„ muita inſtancia quizeſſe tomar reſoluçaõ em am-
„ bas eſtas couſas pelas razões, que para ellas
„ me repreſentou; a iſto lhe reſpondi com muita
„ ſatisfaçaõ ſua, conformando-me em tudo com
„ o que S. Santidade ſobre iſſo me enviou dizer
„ por elle.

„ E porque quanto à Liga aſſentey entrar
„ nella, e que diſpondo-ſe as couſas da Chriſtan-
„ dade para alguns Reys Chriſtãos ſe acharem pre-
„ ſentes neſta empreza, eu me offereci a ſer o
„ primeiro nella, ainda que eſtiveſſe mais longe,
„ e tiveſſe os meus Eſtados mais alongados do
„ Turco, e ajudaria em tal tempo a Liga com
„ minha peſſoa, e poder, aſſim com o deſtes Rey-
„ nos, como com o que tenho no Eſtado da In-
„ dia, por ſe levar avante taõ ſanta empreza, e
„ que para ſe logo ella ir proſeguindo pelo modo,
„ que agora eſtavaõ as couſas da Liga, em quan-
„ to nellas ſe naõ dava outra fórma, e aſſento,
„ ajudaria pelas partes da Aſia, e mar Roxo com
„ huma Armada, que foſſe ſó a eſte effeito, de
„ por alli ſe fazer guerra ao Turco, e além diſ-
„ ſo mandaria logo em meus Reynos fazer aper-
„ cibimentos de gente, munições, e navios, pa-
„ ra huma groſſa Armada, para toda, ou parte
„ della ſer em ajuda da Liga, ſe as neceſſidades
„ preſentes deſſem a iſſo lugar.

„ E quanto ao caſamento, conſiderando eu
„ como até aqui tinha procedido niſſo como con-

„ vinha à minha reputaçaõ, à honra da minha Co-
„ roa, e bem de meus Reynos, e como S. San-
„ tidade me enviava agora fallar nisso por tal pes-
„ soa, como era o Legado seu Sobrinho, movi-
„ do naõ sómente do que particularmente nisto
„ me cumpria a mi (a que S. Santidade taõ gran-
„ de amor mostra) mas do que convinha à con-
„ servaçaõ do Reyno de França, e à quietaçaõ,
„ e conformidade dos outros da Christandade, que
„ taõ desunida está, (cousa assaz necessaria para o
„ effeito da Liga, e sem o qual parece, que ella
„ naõ poderá permanecer) e como da irmãa do
„ Christianissimo Rey de França, meu irmaõ, e
„ primo, e das suas grandes virtudes, e qualida-
„ des eu tinha por S. Santidade, e por outras vias
„ particulares (das quaes a vossa he huma das mais
„ principaes) tal informaçaõ, de que com mui-
„ ta razaõ me podia satisfazer nesta parte, assen-
„ tey de me declarar mais em meu casamento, e
„ dar minha commissaõ, e consentimento ao Car-
„ deal Legado, para da parte de S. Santidade
„ tratar delle em França, onde S. Santidade o
„ manda ir, e ora vay, intervindo vós tambem
„ nisso juntamente com elle, e estando nesse Rey-
„ no as cousas desta materia dispostas para se pro-
„ ceder nella com a authoridade, ẽ respeito de-
„ vido a mi, por ter cessado a practica, que se
„ dizia, que corria sobre o casamento de Navar-
„ ra, e por em França se entender estimar, e pe-
„ dir

taleza, para de huma vez extinguir os antegoniſtas da ſua formidavel potencia. Para eſte fim foy batida no eſpaço de huma noite com cento e trinta e quatro tiros, até que ao romper da Alva conheceraõ os ſitiados pelos rinchos dos cavallos, e urros dos elefantes, que o exercito marchava. Com incrivel furor, e valeroſa reſoluçaõ, que lhes infundia a preſença do ſeu Principe, inveſtiraõ os barbaros as trincheiras, diſparando huma continuada tempeſtade de balas, e ſettas, que cubriaõ os ares, que ſe fazia mais horroroſa com o ſom das trombetas, e confuſaõ dos alaridos. Contra o baluarte de Santa Cruz dirigiraõ a primeira invaſaõ, e como eſtiveſſe preſidiado por Fernaõ Telles, D. Henrique de Menezes, Fernaõ Pereira, e Henrique de Betancurt, foy tal a innundaçaõ de panellas de polvora, e outros inſtrumentos de fogo, que atemoriſados com os relampagos, trovões, e rayos, deſta marcial tempeſtade, ſe retiraraõ taõ confuſos, como derrotados. Acomettidas outras eſtancias pelos barbaros, ſahiraõ os Portuguezes como leões furioſos daquellas cavernas, que ſerviaõ de reparos à Cidade, e empregando a ſua colera naquella barbara multidaõ, privaraõ da vida a quinhentos, entre os quaes foraõ muitos de diſtincta qualidade. Dos noſſos ſómente faltaraõ tres, ſendo delles o mais lamentado Joaõ de Lima. Taõ altamente deixou penetrados aos inimigos a infelicidade deſta

Acomettem os inimigos o baluarte de Santa Cruz onde ſaõ derrotados.

Repetem o aſſalto, em que morreraõ quinhentos barbaros.

acçaõ, que por muitos dias ſe naõ atreveraõ chegar à Fortaleza, ſatisfazendo a ſua injuria com alguns tiros vagos.

Solicita o Nizamaluco huma diverſaõ, e a naõ conſegue.

59 Vendo o Nizamaluco o infeliz progreſſo das ſuas armas no dilatado ſitio, que contra taõ formidavel poder ſuſtentava a conſtancia Portugueza, ſolicitou com largas promeſſas, e terriveis ameaças a alguns Principes ſeus confinantes, para que rompendo guerra aos Portuguezes, foſſem conſtrangidos com eſta nociva diverſaõ a diminuir o animo, e as forças, com que defendiaõ Chaul. Todas eſtas maquinas desfez a politica vigilancia de Alvaro Pires de Tavora, Capitaõ de Damaõ, prevenindo a ElRey de Sarcetas, que ſe naõ declaraſſe contra os Portuguezes, pois deſte rompimento ſe poderia occaſionar irreparavel damno aos ſeus Eſtados, cuja perſuaſaõ foy taõ efficaz, que quando chegou o Embaixador do Nizamaluco, lhe reſpondeo naõ ſer conveniente à ſua conſervaçaõ o rompimento com os Portuguezes, de quem ſempre recebera multiplicados beneficios.

He ſoccorrida a Fortaleza.

60 A eſte tempo chegaraõ de ſoccorro à Fortaleza duas galés capitaneadas por Ruy Gonçalves da Camera, e Manoel de Mello, com gente, e munições, enviada pelo Vice-Rey, a quem o ardor militar entre os cuidados da conſervaçaõ de Goa, invadida pelo Hidalcaõ, lhe eſtava infundindo novos alentos, para ſe naõ eſquecer da defenſa

defenſa de Chaul. A eſte ſoccorro ſe ſeguio outro de quatorze embarcações com duzentos Soldados, que mandava Jorge Pereira, o qual deſembarcando em Galeana, ſe lhe oppoz Famecaõ, Capitaõ Abexim, com mil e quinhentos Soldados, que ſendo glorioſamente desbaratados com a morte de ſeſſenta e dous, ſem querer entrar na Cidade entregou à voracidade do fogo todo o ſeu arrabalde, em que foraõ conſumidas precioſas mercadorias.

Triunfa Jorge Pereira do Famecaõ.

61 Deſmanteladas todas as caſas, que eraõ os propugnaculos da Fortaleza de Chaul, já os inimigos eſtavaõ taõ chegados a ella, que era domeſtica a guerra entre os cercados, e os expugnadores; e intentando eſtes em 11 de Abril entrar na Cidade por humas hortas, foraõ rebatidos vigoroſamente por D. Gonçalo de Menezes, e Franciſco Barradas. Segunda vez acometteraõ no ſilencio da noite, que por ſer muito tenebroſa lhe facilitava o deſignio, onde ſe fortificaraõ com tal arte, que naõ poderaõ ſer deſalojados por Ruy Gonçalves da Camera, e os ſeus companheiros, que velozmente correraõ a ſoccorrer D. Gonçalo de Menezes. Favorecidos eſtes animoſos Capitães com mayor numero de gente, ao romper da manhãa cercaraõ as caſas, em que eſtavaõ os Mouros: e poſto que na entrada acharaõ forte reſiſtencia de quinhentos, naõ eſcaparaõ cinco vivos, levando para ſinal da victoria os Portugue-

Deſtroço grande do inimigo.

zes

zes cinco bandeiras, que tinhaõ os Mouros arvorado.

62 Deſenganado o Nizamaluco da valeroſa conſtancia, e invencivel valor, com que pelo largo eſpaço de nove mezes ſuſtentavaõ os Portuguezes a Fortaleza de Chaul, contra o mais formidavel exercito, que tinha aliſtado o mayor Principe da Aſia, ſe reſolveo a applicar os ultimos esforços, com que ou ſe coroaſſe triunfante, ou ſe retiraſſe vencido. Para ver eſte horroroſo eſpectaculo ſubio a hum lugar eminente, que eſtava proximo ao Convento de S. Franciſco, ordenando, que ao brandir no ar huma lança, de que eſtava pendente huma touca amarella, ſe deſſe o aſſalto geral. Era o dia conſagrado às illuſtres memorias dos ſagrados Principes do Apoſtolado, que com o ſeu ſangue ennobreceraõ a Cabeça do Mundo, quando tumultuariamente acometteo aquella barbara multidaõ, que ſe formava de ſetenta mil homens, com eſpantoſos alaridos, e vozes deſentoadas, e cingiraõ todos os valos, preſidiado cada hum de cincoenta Portuguezes, a quem correſpondiaõ ſete e oito mil Mouros. Da primeira avançada ſe fizeraõ ſenhores dos valos, em que arvoraraõ algumas bandeiras: porém com repetidas deſcargas da eſpingardaria, foraõ quinhentos mortos, perdendo os póſtos, que com tanto valor tinhaõ alcançado. Com mayor furia remeteraõ ſegunda vez para vingar a afronta

Ordena o Nizamaluco, ſe dé aſſalto geral à Fortaleza.

Saõ mortos quinhentos Mouros na primeira avançada.

,, que he a principal, que me move a fazer nisſo tanto, e a que em todas as couſas antepo-
,, nho a tudo.

,, E quanto à practica do meu caſamento,
,, por quanto o Legado ha de entrar nella por or-
,, dem de S. Santidade, e commiſſaõ minha, ain-
,, da que juntamente com voſco, tereis toda via
,, viſto, e em todas as dependencias deſta materia
,, os reſguardos, que convém, para que ſe enten-
,, da, que ſe trata deſte negocio por parte de S.
,, Santidade, e ainda que eu tome por dote en-
,, trar o Chriſtianiſſimo Rey de França, meu ir-
,, maõ, e primo na Liga, naõ deve eſquecer a
,, ſegurança de minhas demarcações, annullaçaõ
,, de Cartas de mar, e caſtigo de inſultos paſſa-
,, dos, e eſtando as couſas de França em tal eſ-
,, tado, que ElRey naõ aceite entrar por agora
,, na Liga, neſte caſo ſe póde por ſua parte offe-
,, recer o dote, e condiçaõ, que deve haver no
,, caſamento, o que communicareis com o Lega-
,, do, e com o Padre Franciſco, e de tudo me
,, aviſareis pelo modo, e com a diligencia, que
,, atraz vos digo. De Almeirim a 3 de Janeiro
,, de 1572.

Participa D. Sebaſtiaõ à Princeza de Parma a Embaixada do Cardeal Alexandrino.

70 Deſtas negociações, para cujo effeito fora mandado a Portugal o Cardeal Alexandrino, participou ElRey D. Sebaſtiaõ a ſua prima a Sereniſſima Senhora D. Maria, Princeza de Parma, congratulando-a do heroico valor, que oſtentara na Armada

Armada Catholica contra a Ottomana no Golfo do Lepanto, ſeu eſpoſo, o grande Alexandre Farneſi, cujo conflicto fora o feliz prologo das memoraveis, e inſignes façanhas, que havia de obrar o ſeu braço nas campanhas de Flandes, ſendo a Carta, que lhe eſcreveo a ſeguinte.

Copiada do Original.

„ Illuſtriſſima Princeza, minha muito ama-
„ da, e prezada Prima. Por muito bem empre-
„ gado deveis haver o trabalho da auſencia do
„ Principe, meu muito amado, e prezado pri-
„ mo, quando andou na Armada Chriſtãa cõn-
„ tra a do Turco, pois tudo reſultou em tama-
„ nho louvor, e merecimento ſeu, como he o
„ que tem pela boa determinaçaõ, que tomou,
„ e ſucceſſo della; de que eu por ſua parte, e pe-
„ la voſſa recebi mór contentamento do que vos
„ neſta poſſo ſignificar, lembrando-me o que fez;
„ o exemplo que deu de ſi, e quaõ bem corref-
„ pondeo ao que ſe delle eſperava; e por tudo
„ vos dou os parabens com aquella vontade, que
„ tenho para voſſas couſas, que hey por minhas
„ proprias como he razaõ, e affectuoſamente vos
„ rogo, que por eſte correyo me eſcrevais mui-
„ tas novas de voſſa ſaude, que queria foſſem ſem-
„ pre taes, como as que deſejais ſaber de mi; e
„ as que agora vos poſſo dar, ſey que ſeraõ de
„ grande contentamento para vós: pois entro na
„ Liga, como tereis ſabido, e procedo em meu
„ caſamento, e ſobre ambas eſtas couſas tenho
„ reſ-

„ respondido ao Santo Padre pelo Cardeal Ale-
„ xandrino, seu Legado, e Sobrinho, por quem
„ me mandou fallar nellas com muita satisfaçaõ
„ sua, e contentamento meu. Illustrissima Prin-
„ ceza, minha muito amada, e prezada Prima.
„ Nosso Senhor vos haja sempre em sua santa guar-
„ da. Escrita em Almeirim a XV. de Fevereiro
„ de M.D.LXXII.

REY.

71 Como entre todos os vassallos desta Coroa se distinguisse pelos vinculos do parentesco, e capacidade do talento o Conde do Vimioso D. Affonso de Portugal, lhe escreveo ElRey a seguinte Carta, em que lhe communicava as noticias de que informara a Serenissima Princeza de Parma.

Escreve ElRey D. Sebastiaõ ao Conde do Vimioso.

„ Conde Sobrinho Amigo. Eu ElRey vos
„ envio muito saudar, como aquelle que muito
„ amo. O Senhor Padre me mandou fallar pelo
„ Cardeal Alexandrino, seu Legado, e Sobrinho,
„ quando ora o enviou a mi sobre dever de en-
„ trar na Liga contra o Turco, e tomar resolu-
„ çaõ em meu casamento, e em ambas estas cou-
„ sas, que eu tinha procedido, como era obriga-
„ do pelas razões, que para isso ha, assentey de
„ fazer o que S. Santidade me pedio com tanta
„ instancia, e como o amor, que mostra, e tem
„ a todas as que me tocaõ, e conforme a isso

Copiada do Original, que se conserva em o Archivo da Excellentissima Casa do Vimioso.

„ respondi ao Legado com muita sua satisfaçaõ,
„ e por estas cousas estarem em taes termos, e
„ serem de taõ grande importancia, e qualidade,
„ houve por bem darvos conta dellas, porque
„ pela que em vós tenho, e muito que de vós
„ confio, folgo de vo las communicar, como he
„ razaõ. Escrita em Almeirim a 25 de Janeiro
„ de 1572.

REY.

CAPITULO XII.

Manda a Republica de Veneza a ElRey D. Sebastiaõ hum Embaixador, para que entre na Liga contra o Turco, e da reposta, que lhe mandou.

1572

72 COmo o Estado da Republica de Veneza era o alvo das armas Ottomanas, das quaes eraõ gloriosos troféos as Cidades de Nicosia, e Famagusta, em a Ilha de Chipre, receando prudentemente, que com o progresso feliz dos seus exercitos fosse Republica taõ florente fatal despojo de inimigo taõ poderoso, recorreo ao Summo Pastor, para que como Pay da Christandade, convocasse os Principes Catholicos, e que colligados se oppuzessem ao Turco,

co, e rebateſſem a formidavel invaſaõ, que intentava contra toda a Europa. Sendo entre os Principes convocados para taõ ſagrada empreza o noſſo Monarca, lhe mandou o Doge de Veneza Luiz Mocenigo por ſeu Embaixador a Antonio Tiepoli, repugnando-lhe com vehementes expreſſoens, quizeſſe libertar com as ſuas auxiliares armas aquella Republica reduzida ao ultimo perigo. Em repoſta deſta Embaixada eſcreveo D. Sebaſtiaõ as ſeguintes Cartas, pelas quaes ſe conhece toda eſta negociaçaõ.

Recebe ElRey hum Embaixador da Senhoria de Veneza.

„ Illuſtriſſimo, e poderoſo Principe. Eu „ D. Sebaſtiaõ, &c. Pelo voſſo Embaixador Antonio Tiepoli, que me enviaſtes, recebi agora „ a voſſa Carta de 15 de Outubro, e o ouvi „ ſobre a materia da Liga, em que me fallou da „ voſſa parte; e antes que elle chegaſſe a mi, tinha eu já reſpondido ao Cardeal Alexandrino, „ Legado do Santo Padre, que niſſo me fallou „ da parte de Sua Santidade, que era contente „ de entrar na Liga contra o Turco, conforme ao „ que lhe diſſe; e agora tambem reſpondi ao voſ„ ſo Embaixador, e neſta reſoluçaõ, que tomey „ à inſtancia de Sua Santidade, tive o reſpeito „ devido a eſſa Senhoria, e à antiga amizade, „ que os Reys meus anteceſſores ſempre com ella „ tiveraõ, que eu deſejo muito continuar, como „ he razaõ, aſſim por eſtes reſpeitos, como pelo „ muito que a Senhoria tem feito, e faz neſta Li-

Carta delRey para a Senhoria de Veneza.

„ ga com tanto louvor ſeu, e merecimento dian-
„ te de Deos; e bem ſe moſtra quaõ aceito he a
„ Noſſo Senhor, iſto que a Senhoria faz, e o ze-
„ lo que tem da Religiaõ Chriſtãa, e pureza da
„ Fé, pois lhe deu tamanha victoria de ſeus ini-
„ migos, como foy a que a Armada da Liga
„ houve o anno paſſado contra a do Turco, cou-
„ ſa maravilhoſa, e digna de perpetuamente ſe
„ darem por ella muitas graças a Noſſo Senhor,
„ e de que eu recebi grandiſſimo contentamento,
„ e muito o tive tambem de entaõ ſaber o ſuc-
„ ceſſo da batalha, e certeza da victoria, por hu-
„ ma Carta voſſa, que me enviou o meu Embai-
„ xador, que rèzide na Corte do Sereniſſimo Rey
„ de Caſtella, meu tio, e o cuidado, que diſto ti-
„ veſtes (que he conforme ao que vos mereço a
„ prompta vontade, e muito deſejo, que tenho
„ para todas as couſas deſſa Senhoria) eſtimey
„ grandemente, e o recebi de vós em muy ſingular
„ prazer: e eſpero de por outra Carta de me tor-
„ nar a alegrar com voſco por eſta tamanha mer-
„ ce, que Noſſo Senhor fez a eſſa Senhoria, e a
„ toda a Chriſtandade; e porque ſobre a mate-
„ ria da Liga falley largamente com o voſſo Em-
„ baixador, que me pareceo peſſoa, que tem
„ qualidades, conforme a conta que delle fazeis,
„ a elle me remeto, para vos referir mais parti-
„ cularmente, o que vos neſta digo. Illuſtriſſi-
„ mo, e poderoſo Principe. Noſſo Senhor, &c.

„ Eſcri-

„ Escrita em Almeirim a XXIIII. de Janeiro de
„ M. D. LXXII.

„ Illustrissimo, e poderoso Principe. Eu
„ D. Sebastiaõ, &c. vos envio muito saudar,
„ como aquelle que muito amo, e prézo. De-
„ pois de ter respondido à vossa Carta, que me
„ deu o vosso Embaixador Antonio Tiepoli, por
„ outra que elle leva, e de lhe mandar dar por
„ escrito mais largamente a reposta, que vos elle
„ referirá sobre a Liga, em que me fallou de vos-
„ sa parte, me tornou a pedir em nome dessa Se-
„ nhoria, que para melhor, e com mais forças
„ se poder fazer a guerra ao Turco, como eu já
„ tinha assentado, quizesse ordenar, como en-
„ trasse em ajuda della o Sofi Rey da Persia: e
„ vendo eu quaõ conforme isto era, ao que eu
„ desejava para a importancia desta guerra, e se
„ ella poder fazer ao Turco por diversas partes,
„ e divertindo elle por todas ellas seu poder, o
„ enfraquecer mais; e por folgar muito de em
„ tudo comprazer a essa Senhoria, assentey ago-
„ ra de logo mandar hum Embaixador àquelle
„ Rey da Persia, para que da minha parte o per-
„ suada, pelo que particularmente lhe convém,
„ e pela amizade, que folgarey, que meus Vice-
„ Reys, e Capitães, com elle sempre tenhaõ, a
„ que prosiga com todo seu poder a guerra con-
„ tra o Turco, seu inimigo, e se ajude para ella
„ de taõ boa occasiaõ, como a que agora tem
„ com

Segunda Carta delRey para a Senhoria de Veneza.

„ com a Liga, para que aſſim como ſe lhe ha de
„ fazer guerra por eſtas partes da Europa, lhe fa-
„ ça tambem pela Aſia com o poder delle Sofi,
„ e com o que eu tenho no Eſtado da India, e
„ além diſto, mando logo, que por nenhuma
„ via haja comercio com os Turcos por Ormuz,
„ e Baſſorà, nem por outro algum lugar daquel-
„ las partes; e por eu ora tomar reſoluçaõ neſtas
„ couſas, depois de vos ter eſcrita a outra Car-
„ ta me pareceo devervolas fazer ſaber por eſta,
„ e para tambem nella vos ſignificar a muita pru-
„ dencia, zelo, e cuidado, com que o voſſo
„ Embaixador ſe houve nas lembranças, que de
„ voſſa parte me fez ſobre eſta materia da Liga,
„ a que o enviaſtes a mi conforme a confiança,
„ que delle tendes, e as qualidades da ſua peſſoa.
„ Illuſtriſſimo, e poderoſo Principe. Noſſo Se-
„ nhor vos haja ſempre em ſua ſanta guarda. Eſ-
„ crita em Almeirim ao derradeiro dia de Janeiro
„ de M.D.LXXII.

CAPI-

CAPITULO XIII.

Manda preparar ElRey huma formidavel Armada, ſobre cuja expediçaõ ſe formaõ diverſos diſcurſos, a qual laſtimoſamente ſe derrota em o rio de Lisboa.

73 PAra deſempenhar D. Sebaſtiaõ a promeſſa feita ao Summo Pontifice por ſeu ſobrinho o Cardeal Alexandrino, de concorrer com as ſuas auxiliares armas contra o inimigo commum da Chriſtandade, mandou apreſtar huma Armada taõ formidavel pelo numero dos navios, como dos combatentes, da qual nomeou General ſeu tio o Infante D. Duarte, Duque de Guimarães, e ainda que era ornado de dotes dignos do ſeu alto naſcimento, como lhe faltaſſe a experiencia militar, elegeo para ſeus Conſelheiros a Lourenço Pires de Tavora, e D. Alvaro de Caſtro, de cuja prudencia, e valor tinhaõ ſido teſtemunhas as campanhas de Africa, e as Cortes da Europa. Por ſer preciſa grande deſpeza para eſta expediçaõ, e eſtar exhauſto o erario real, mandou ElRey Cartas circulares para todos os Biſpos, e Cabidos do Reyno, em que lhe pedia dinheiro preſtado, que ſeria promptamente ſatisfeito. A fórma das Cartas ſe vê da ſeguinte,

1572

He eleito General da Armada o Senhor Infante D. Duarte.

guinte, que eſcreveo ao Cabido da Cathedral de Evora.

Carta delRey para o Cabido de Evora.

„ Deaõ, Dignidades, Conegos, e Cabido „ da Sé de Evora. Eu ElRey vos envio muito „ ſaudar. Eu tenho mandado fazer preſtes huma „ Armada para a enviar em ajuda da Liga contra „ o Turco, e nomeado por General della D. Du„ arte, meu muito amado, e prezado tio, e ven„ do eu ora a muy grande deſpeza, que ſe niſto „ ha de fazer, que naõ ſómente ſe naõ póde eſ„ cuſar, nem diminuir, mas antes ſe deve haver „ toda por muy neceſſaria, e bem empregada, „ pois he para couſa taõ commum, taõ impor„ tante a toda a Chriſtandade, e de tanta honra „ a meus Reynos, e para cumprir com a repoſ„ ta, que inviey a S. Santidade pelo Cardeal Ale„ xandrino, ſeu Legado, e Sobrinho, porque „ ſobre eſta materia me mandou fallar, e tam„ bem para defenſaõ de meus Reynos, ſendo a „ dita Armada, ou parte della, neceſſaria para „ eſte effeito, e para reſiſtir aos Hereges, que „ eſtaõ confederados, e com determinaçaõ de „ fazerem por todas as vias todos os inſultos, que „ poderem nas Coſtas deſtes Reynos, terras, e „ Ilhas de meus Senhorios; me pareceo pois ſó„ mente de minha Fazenda, pelas grandes, e con„ tinuas neceſſidades della, ſe naõ podia ao pre„ ſente fazer huma tamanha, e extraordinaria deſ„ peza, que depois de para ella tirar de minhas

„ rendas

„ rendas tudo o que fosse possivel, com escusar
„ muitas despezas, ainda que necessarias, e suspendo outras mais obrigatorias; devia ordenar
„ por outras vias se supprissem, como agora o faço, mandando vender algumas cousas de minha Coroa, e outras, em que entra a renda
„ das Apozentadorias, com consentimento dos
„ póvos de Lisboa, Evora, e Santarem, que as
„ deraõ para meus moradores; e porque meu intento em toda esta materia he pertender o effeito della sem oppressaõ de meus vassallos, ou
„ com a menor, que for possivel, e pelo modo,
„ que lhe for mais suave, considerando a ajuda,
„ que tambem querer dos Prelados, e Cabidos
„ das Sés de meus Reynos, me pareceo, que a
„ mais conveniente de todas, e que melhor lhes
„ viria, seria ajudarme nisto por causa de taõ urgente, e geral necessidade usa, concedendo o
„ mesmo aos Principes Christãos; o que eu queria escusar, e por isso busco todos os meyos pelo muito desejo, que tenho de as Pessoas, e
„ cousas Ecclesiasticas naõ receberem oppressaõ,
„ nem ficarem nesse costume; e porque confio de
„ vós, que todos por estes respeitos, que saõ os
„ que vedes, folgareis muito de em huma tál
„ occasiaõ, e necessidade como esta he, ajudardes por vossa parte a cumprir com a obrigaçaõ
„ della, vos encomendo muito me queirais emprestar cinco mil cruzados, que se repartiraõ

„ por todo o Cabido, como vos bem parecer,
„ conforme a renda, que cada hum tiver, e ſe
„ entregaráõ a João de Orta, que vos eſta dará,
„ de que cobrareis ſeu conhecimento, porque ſe
„ obrigue a vos enviar logo outro em fórma do
„ Theſoureiro Mattheus Mendes de Carvalho, e
„ Proviſaõ minha nas coſtas delle, para o dito di-
„ nheiro vos ſer pago no Almoxarifado, que pe-
„ dirdes em quatro annos, que ſe começaráõ da
„ entrega delle em diante, ſem para iſſo ſer ne-
„ ceſſaria outra Proviſaõ, como vos diria de mi-
„ nha parte o dito Joaõ de Orta, e agradecervoſ-
„ hey muito fazerſe eſta entrega logo com toda a
„ brevidade, porque cumpre aſſim muito à gran-
„ de diligencia, com que convém que ſe a di-
„ ta Armada acabe de aperceber, que naõ ſofre
„ dilaçaõ. Eſcrita em Almeirim a 15 de Março
„ de 1572.

REY.

Preparaçaõ da Armada.

74 Da meſma diligencia uſou ElRey com os Fidalgos, e mercadores ricos, que ſem dilaçaõ offereceraõ tudo quanto poſſuiaõ. Mandou embargar por todos os pórtos do Reyno as náos nelles ancoradas, capazes de peleijarem, e ao toque de tambores ſe convocou toda a gente militar, que eſtava na Corte, e ſe deu perdaõ aos criminoſos, que viviaõ ocultos, para que de todo eſte numero ſe guarneceſſe a Armada. Mui-

tos

tos Fidalgos ſe embarcaraõ voluntariamente ambicioſos da gloria, que eſperavaõ deſta expediçaõ, e alguns delles armaraõ navios, e caravellas à ſua cuſta, entre os quaes ſe diſtinguio D. Martinho de Caſtellobranco, que em o ſeu ornado de flamulas, e galhardetes, navegou até o Convento de Xabregas, e ſalvou a Rainha D. Catharina com muitos tiros da artilharia, que ſe faziaõ mais plauſiveis com o toque de diverſos inſtrumentos muſicos. O Duque de Bragança mandou ſeiſcentos vaſſallos pompoſamente veſtidos, que ſe embarcaraõ na famoſa náo Chagas, que conduzira da India a eſte Reyno ſeu tio D. Conſtantino de Bragança. Chegado o primeiro de Agoſto, como eſtiveſſe já a Armada, que ſe compunha de trinta navios já prompta, mandou El-Rey, que embarcada toda a gente, a quem os deſpenſeiros deſſem de comer, navegaſſe até Belem, onde em 22 de Agoſto, eſtando toda junta a foy ver, cauſando-lhe ſummo goſto eſte apparato naval, com que exceſſivamente ſe adulava o ſeu genio guerreiro.

Varios juizos ſobre a expediçaõ da Armada.

75 Em quanto a Armada naõ ſahia do porto eraõ diverſos os diſcurſos, que ſe formavaõ da ſua expediçaõ; julgando muitos, que naõ ſe deſtinara para a Liga contra o Turco, pois o numero dos navios excedia aos que promettera El-Rey ao Legado do Papa: e certamente naõ era errado eſte juizo, pois ſendo ElRey informado

por Joaõ Gomes da Sylva, ſeu Embaixador em Pariz, que Carlos IX. tinha prompta hum groſſa Armada, a qual por ſecretas intelligencias alcançara, que vinha ao porto de Caſcaes, ſe preparou o noſſo Principe para rebater eſta temida invaſaõ. Corroborou-ſe eſta ſuſpeita com a falſa delatayaõ, que fez a ElRey, de D. Antonio de Caſtro, Senhor de Villa-Verde, Joaõ Soares, ſeu criado, affirmando que fora por elle mandado varias vezes a França, para entregar aos Hereges eſte Reyno, dando-lhe a entrada pelo porto de Caſcaes, de cuja aleivoſa correſpondencia ſe achariaõ varias Cartas no ſeu eſcritorio. Unida eſta accuſaçaõ ao aviſo recebido de França, além de D. Antonio de Caſtro ſer amigo do Baraõ de la Guarda General das galés Francezas, deſde o tempo que aſſiſtira com huma eſquadra no porto de Caſcaes, e viver pouco ſatisfeito delRey D. Sebaſtiaõ, por lhe ter negado a Capitanía mór da Ordenança de Lisboa, e a Tenencia da Torre de S. Giaõ, eraõ vehementes preſumpções contra a ſua fidelidade, e circunſtancias conducentes, para que foſſe prezo, o que ſe executou a 5 de Agoſto em a Villa de Caſcaes, e ſendo conduzido à cova do Caſtello de Lisboa, foy recluſa toda a ſua familia no Limoeiro com o criado author deſta tragedia. Examinada com toda a ſeveridade a innocencia de D. Antonio, ſahio purificado dos crimes, de que fora falſamente arguido.

He falſamente accuſado D. Antonio de Caſtro, e como ſahio purificada a ſua innocencia.

guido. ElRey lhe efcreveo huma Carta cheya de expreſſoens taõ honorificas, que com ellas foraõ abundantemente compenſadas as injurias da prizaõ. O delator opprimido da violencia dos tratos, confeſſou, que ambicioſo do premio da Ley promulgada contra os fautores dos Hereges, onde ſe promettia metade dos bens do accuſado, e de conciliar a graça delRey, maquinara aleivoſamente contra ſeu amo aquelle crime, e ſendo condenado ao ultimo ſupplicio, o livrou delle o generoſo animo de D. Antonio de Caſtro, inſtando a ElRey lhe perdoaſſe por ſer o inſtrumento, que fez patente a ſua incorrupta fidelidade, para com o ſeu Soberano.

76 Naõ faltavaõ outros juizos, que ſe diſcurſavaõ ſer eſta Armada contra algum intento de Filippe Prudente, deſgoſtoſo de que havendo tantas vezes propoſto a ElRey D. Sebaſtiaõ o ſeu caſamento com a Infanta de França, nunca ſe reſolvera, antes uſara de diverſas tergiverſações para nunca ter a deſejada concluſaõ, por cuja cauſa podia juſtamente ElRey de Caſtella deſafogar a ſua paixaõ, invadindo algum porto do Reyno, ou das ſuas Conquiſtas. Outros ſeguiaõ a parte de que taõ grande apparato fora armado para ſoccorrer ElRey de França opprimido com a guerra inteſtina dos Hereges, de cuja determinaçaõ eſtavaõ informados ElRey de Caſtella, e o Pontifice, reſolutos a concorrer com as ſuas armas

mas para eſta empreza. Eſte juizo naõ deixou de ſer o mais bem fundado, pois tanto que chegou a fauſta noticia do triunfo dos Catholicos, alcançado dos Hereges a 24 de Agoſto, ſendo mortos em Pariz vinte mil com o ſeu principal fautor Gaſpar de Coligni, Almirante de França, com que ſe reſtituhio a publica tranquillidade a taõ florente Monarchia, logo ſe deſarmou a Armada ſurta no rio de Lisboa, e ſe ſoube claramente, que naõ ſómente ſe apreſtara contra o Turco, mas para ſoccorrer a ElRey de França, quando ſe ſentiſſe mais vexado dos ſequazes do Calviniſmo, eſperando qualquer aviſo da Mageſtade Chriſtianiſſima, para ſer velozmente ſoccorrida.

Intenta ElRey, que ſe dé hum rebate de noite em a Cidade de Lisboa.

77 Ao tempo que ſe formavaõ taõ diverſos diſcurſos àcerca da expediçaõ de taõ groſſa Armada, propoz ElRey D. Sebaſtiaõ no Conſelho hum arbitrio dictado pelos eſtimulos do ſeu inquieto animo, o qual conſtava de que em o ſilencio da noite ſe déſſe em Lisboa hum rebate falſo, com a noticia de ter entrado pela barra huma Armada inimiga, ſendo o intento deſte Principe conhecer de taõ repentina conſternaçaõ a promptidaõ da gente para a defenſa da Cidade, moſtrar aos Eſtrangeiros reſidentes nella, ſer impoſſivel a ſua conquiſta, eſtando habitada de povo taõ vigilante, e animar aos Soldados para os rebates ſem perigo, quando ſuccedeſſem os verdadeiros.

Pro-

Propoſtas por ElRey aos Conſelheiros eſtas conveniencias, que imaginava ſe ſeguiriaõ do rebate, lhes preguntou ſe o mandaria começar pelas Torres da Barra, fingindo eſtarem combatidas, ou já ganhadas, ou ſe dentro da Cidade? Como alguns dos Conſelheiros attendiaõ mais ao goſto delRey, que à conſternaçaõ do povo, diſcorreraõ o modo mais conveniente para ſe executar: porém D. Joaõ de Caſtellobranco, ſegundo Conde de Villa-Nova, igualmente fiel, e prudente, reſpondeo no ſeguinte voto com heroica liberdade os inconvenientes deſta intempeſtiva deliberaçaõ.

,, O privilegio, que os muitos annos alcan-,, çaõ, além de grande intelligencia em deſcubrir ,, inconvenientes ocultos no lugar em que menos ,, ſe temem, recompenſando a natureza a ſaude, ,, e forças, que nos tira, com eſte beneficio parti-,, cular da experiencia, e a muita, que neſtas cãas ,, ſe deve conſiderar, me daõ ouſadia, e diſcul-,, paõ de me naõ conformar em tudo com pare-,, ceres taõ qualificados, e com o intento, e vir-,, tuoſa tençaõ de V. A. quando ſem aventurar ,, tanto, ſe podem por via mais facil conſeguir os ,, meſmos effeitos, que ſe lhe approvaõ. A ra-,, zaõ do eſtado em melhorar o governo da Re-,, publica das proprias adverſidades do tempo ha ,, de ſer com advertencia, que dellas ſe naõ ſigaõ ,, outras mayores, porque os bens tirados de ma-

,, les,

„ les, raras vezes deixaõ de levar comſigo algu-
„ ma propriedade de ſua origem; occaſiaõ pare-
„ ce que deraõ eſtes rumores paſſados para per-
„ ſuadir ao povo qualquer aſſalto de inimigos, e
„ acudir ao rebate com o perigo certo, mas naõ
„ para que V. A. com os do ſeu Conſelho moſ-
„ tre, acudindo a elle, que o tem por verdadei-
„ ro; porque além de com iſto qualificarem por
„ certas materias taõ duvidoſas, e dar indicio do
„ ſeu animo em couſas que haõ de julgar, he moſ-
„ trarmos ao Reyno de França, que de todo o
„ porto temos perdida a fé, e confiança da ſua
„ antiga amiſade, e gerar nelle hum eſcrupulo,
„ que as mais das vezes vem a reſultar em rompi-
„ mento manifeſto: e aſſim contrapezados os pe-
„ rigos, que podem reſultar da occaſiaõ, com as
„ conveniencias (quando ſejaõ certas) da propoſ-
„ ta, peza mais qualquer dos primeiros, que to-
„ das as outras juntas.

„ Porque a primeira utilidade de ver o nu-
„ mero da gente, e concerto de armas deſta Ci-
„ dade, e o fruto, que nella tem feito o conti-
„ nuo exercicio da milicia, ſe póde facilmente
„ conſeguir, fazendo-a ſahir à reſenha geral de-
„ baixo de ſuas bandeiras, e obediencia de ſeus
„ Capitães, onde cada qual com a ſorte de ar-
„ mas, que uſa, moſtrará o que tem aproveita-
„ do, o que naõ ſuccederá no rebate, onde a
„ gente atonita, e perturbada com o perigo, e

„ ſobre-

„ ſobreſalto naõ eſperado, acudirá mal veſtida
„ com as primeiras armas, que lhe offerecer a
„ occaſiaõ, diſcorrendo no meyo do tumulto, e
„ confuſaõ da noite, e acudindo aos lugares on-
„ de a chamarem os gritos, e mayor eſtrondo, e
„ ainda ſuccederá, que muitos obrigados do peri-
„ go, e lagrymas de ſuas mulheres, e filhos, e ain-
„ da do proprio medo deſampararáõ a cauſa com-
„ mua por acudirem à ſua particular, e buſcaráõ
„ a ſua ſegurança; com que em lugar de ver hum
„ batalhaõ de gente déſtra, e bem exercitada, ve-
„ rá V. A. huma confuſaõ popular acompanhada
„ de gritos, e vozes deſordenadas, e huma re-
„ preſentaçaõ da Cidade perdida, e entrada de
„ inimigos.

„ Nem eſpero melhor effeito da ſegunda ra-
„ zaõ; porque ſendo a grandeza deſta Cidade,
„ e a opiniaõ de ſuas forças taõ eſtimada entre as
„ nações Eſtrangeiras, que affirmaõ poder ella ſó
„ por ſi armar tanta gente, como hum Reyno in-
„ teiro; e além de impoſſivel para conquiſtada,
„ ſer baſtante, e poderoſa para conquiſtar, e ſer
„ Senhora de hum grande Imperio, quando com
„ ſeus olhos vejaõ (couſa ordinaria em Cidades,
„ e Reynos, que a larga paz tem deſacoſtuma-
„ dos de ſemelhantes aſſaltos) a confuſaõ, o me-
„ do, as vozes, a deſordem, e deſacordo, com
„ que a gente acode ao perigo commum, e par-
„ ticular, de mais de perderem eſta opiniaõ taõ

„ necessaria para conservar grandes estados, co-
„ nheceráõ a via por onde se póde emprender o
„ saque desta Cidade, e a facilidade com que se
„ póde conseguir, o que entre elles se tinha por
„ taõ impossivel.

„ Menos me persuado das commodidades
„ da terceira, considerando o muito, que a tro-
„ co dellas se arrisca, porque como esta Cidade
„ naõ he fronteira, onde convém que o povo
„ ande déstro, e prevenido para os assaltos (cou-
„ sa que brevemente introduz o uso) naõ impor-
„ ta muito inquietallo com esta sombra de guer-
„ ra, sendo assim que de hum só rebate antes fi-
„ caráõ atemorisados, que déstros; e conhecen-
„ do depois o fingimento servirá de nem teme-
„ rem, nem darem credito aos verdadeiros, quan-
„ do succedaõ, occasionando tal vez damno, que
„ se poderia evitar, naõ precedendo este engano.

„ E além de se naõ conseguir o effeito, que
„ se pertende, considere V. A. o perigo, a que
„ no meyo de taõ grande confusaõ se expoem a
„ honestidade de tantas Donas, e Donzellas, que
„ descompostas, e desacordadas com o sobresal-
„ to, [illegible]õ pouco imaginado, e desamparadas de
„ pays, e maridos (que por acudir à defensa da
„ patria, de força haõ de desamparar suas pro-
„ prias casas) ficaraõ sugeitas aos desacatos, e
„ violencias, que na escuridaõ da noite, e em ta-
„ manha alteraçaõ de casas, e fazendas, que se
„ co-

„ cometteráõ em quanto cada hum por acudir às
„ cousas de menos pezo, e mais valor, desampa-
„ ra, e tem em pouco os de mayor volume, e
„ os estragos dessas mesmas cousas, e desarranjos,
„ seraõ perda intoleravel, infallivel, irremediavel,
„ e sem proveito, como digo.

„ E passando do profano ao sagrado, que
„ Templo haverá seguro, que Clausura de Reli-
„ giosas guardada, e isenta dos desacatos, e vio-
„ lencias, que a occasiaõ permittir à gente male-
„ vola, atrevida, e Estrangeiros tocados de he-
„ resia.

„ Às duas razões seguintes quizera escusar
„ reposta, se o sangue Portuguez, que tenho nas
„ veas, me naõ obrigara a dar huma amorosa quei-
„ xa, e pedir huma justa satisfaçaõ a V. A. de
„ pôr o amor, e lealdade de seus vassallos em jui-
„ zo taõ facil de experiencia, tendo-as a naçaõ
„ Portugueza dado taes em paz; e em guerra,
„ que a vemos sempre arriscar vidas, honras, e
„ fazendas, e peccar muitas vezes contra as leys
„ do seu proprio entendimento, por naõ contra-
„ vir ainda ao menos gosto dos seus Principes mais
„ adorados entre nós, que obedecidos; e se to-
„ dos muito, nenhum tanto como V. A. alcan-
„ çado de Deos, por meyo de tantas orações,
„ jejuns, e disciplinas, que o podemos chamar
„ verdadeiramente filho do sangue, e lagrymas
„ do seu povo (de algumas poderaõ testemunhar

„ eftas brancas, que viraõ defcer per fi nefte tem„ po) de quem fendo taõ defejado, antes de o „ ter, claro eftá, que depois de alcançado efti„ maremos todos em menos as vidas à menos ad„ verfidade, que poffa tocar no eftado de V. A.

„ Com ifto fique refpondido ao aborreci„ mento da traiçaõ, nome, que até para caftiga„ do fe ouve mal entre Portuguezes, e para fa„ vorecido naõ fabemos tempo, em que noffos „ Mayores o conheceffem; por efta antiga fé, e „ lealdade, peço a V. A. que nas fufpeitas, e „ rumores paffados, que efcandalifaraõ a Nobre„ za, e inquietaraõ o povo proceda com a mo„ deraçaõ, e duvida, que a importancia do ca„ fo requer; porque viftas as circunftancias, me „ parece que haõ de vir as coufas a termos, que „ dé mais cuidado a V. A. o modo de fatisfazer „ à lealdade offendida, e pofta em duvida, do „ que agora lhe dá o defejo de caftigar efta offen„ fa, e quaõ facil ferá o que deftes rebates, e ru„ mores de armas fe accrefcentar nos offendidos, „ que as afrontas dos inferiores remedeaõ os Reys, „ mas as fuas fó no Tribunal Divino tem emen„ da; a que minha liberdade merece mande V. A. „ dar a efte animo, que nunca foy atrevido, fe „ naõ quando lhe importou fer leal.

78 Perfuadido ElRey das prudentes, e folidas razões do Conde de Villa-Nova, defiftio do rebate com alguma mortificaçaõ do feu gofto,

fuman-

fomentado por outros juizos mais attentos à propria conveniencia, que à publica do Reyno. Certificado pelo Exbaixador de França João Gomes da Sylva em 6 de Setembro da derrota dos Hugonotes com o seu principal fautor Gaspar de Coligni, se celebrou em Lisboa com luminarias, e repiques. Ao dia oito consagrado ao Nascimento da Mãy de Deos, se fez huma solemne Procissaõ por successo taõ plausivel à Religiaõ Catholica, triunfante da heretica perfidia, e sahindo da Cathedral até o Convento de S. Domingos, acompanhada do Cardeal Infante, e o Senhor D. Duarte, prégou ao recolher o insigne Varaõ Fr. Luiz de Granada, eterno esplendor da Ordem Dominicana, exhortando ao povo ao rendimento de graças a Deos pelo heroico valor com que Carlos IX. verdadeiro Hercules Gallico destroçara a Hydra da Heresia mais perniciosa, que a de Lerna. Concluio o Sermaõ lendo a Carta do nosso Embaixador, escrita a ElRey, para que incitados os Catholicos concorressem a favorecer huma causa, em que era interessada a verdadeira Religiaõ.

Acçaõ de graças pela derrota dos Hugonotes em Pariz.

79 Naõ socegava o espirito delRey D. Sebastiaõ na empreza de acções gloriosas, propondo-lhe a fantasia algumas, que facilitava o desejo, e impossibilitava a prudencia. Certificado de já naõ ser necessaria a Armada, que primeiramente aprestara contra o Turco abatido com a famo-

ſa victoria do Lepanto, e tratar com eſte inimigo commum pazes a Republica de Veneza, por ſer falecido o Summo Pontifice S. Pio V. principal author da Liga, como tambem naõ neceſſitar do ſeu auxilio ElRey de França, pelo feliz ſucceſſo, que teve contra os Hugonotes, entrou outra vez no penſamento de paſſar ao Oriente em taõ formidavel Armada, e quando eſtava mais conſtante neſta reſoluçaõ, foy ſuſpendida por Decreto de Providencia mais alta, permittindo que todo aquelle apparato naval foſſe totalmente deſtroçado no rio de Lisboa. Era Sabbado 13 de Setembro, quando à meya noite começou a ſoprar o vento Sul com taõ impetuoſa violencia, que obrigou as ondas ſubir aos mais altos edificios donde precipitadas empregaraõ o mayor impeto em todas as embarcações, e navios, que no Tejo eſtavaõ ancorados. Quebradas as amarras começaraõ a chocar confuſamente huns com outros, e deſcahindo com o impulſo do vento, ſe reduziraõ em diverſos pedaços pelas prayas do Corpo Santo, Caes da Rainha, Caes da pedra, e Alfandega, ſem reſtar hum navio de taõ poderoſa Armada, que ſem utilidade ſe formara com igual diſpendio, que deſvélo. Naõ foy menos lamentavel o eſtrago, que ſuccedeo na terra voando muitos telhados das caſas, e arrancando grande numero de arvores, de que procederaõ ruinas, deſgraças, e mortes. Eſte foy o tragico ſucceſſo

Laſtimoſamente ſe deſtroçou toda a Armada no rio de Liſboa.

Hiſt. dos Var. Illuſt. de Tavor. pag. 289.

fucceffo defta Armada, a que deu principio o zelo da Religiaõ, o augmento, a politica do eftado, e o fim o furor da tempeftade, com que impedindo a Providencia, que na Afia experimentaffe ElRey algum infortunio, o refervou para em Africa padecer o ultimo.

CAPITULO XIV.

Morre S. Pio V. Efcreve ElRey ao Conclave fobre a eleiçaõ de feu Succeffor. He affumpto ao Pontificado Gregorio XIII. a quem congratula o noffo Principe, que he exhortado pelo novo Pontifice a continuar a Liga contra o Turco.

1572

80 FUnefto amanheceo para toda a Igreja Catholica o dia primeiro de Mayo defte anno de 1572, por fe lamentar defpojada do feu Supremo Paftor S. Pio V. a quem o zelo ardente da Religiaõ contra os feus mayores Antegoniftas conftituhio hum dos mais venerados Principes do Solio do Vaticano. Sendo informado D. Sebaftiaõ por feu Embaixador em a Curia D. Joaõ Tello de Menezes, de noticia taõ fatal aos intereffes da Chriftandade, fignificou pela Carta feguinte ao Conclave, o profundo fentimento, que experimentara com a morte do Summo Pontifice, em cujo efpirito fe admiravaõ imitadas,

Morre S. Pio V.

tadas,

tadas, e ainda excedidas as heroicas virtudes dos Vigarios de Chriſto, que floreceraõ na Infancia da Igreja, por cuja cauſa rogava aos Cardeaes elegeſſem para o Throno Pontificio hum Varaõ, que foſſe igualmente ſucceſſor da dignidade, como da virtude do Supremo Paſtor, que lamentavaõ defunto.

Carta delRey para o Conclave ſobre a eleiçaõ do Pontifice.

„ Reverendiſſimos em Chriſto Padres meus, „ como irmãos muito amados. Depois da devi- „ da recomendaçaõ vos faço ſaber, que por Car- „ tas de D. Joaõ Tello de Menezes, do meu „ Conſelho, meu Embaixador neſſa Corte (que „ agora chegaraõ por hum correyo, que com „ ellas deſpachou) ſoube, que ſe houve Noſſo „ Senhor por ſervido de levar para ſi o Santo Pa- „ dre Pio V. de louvada memoria, em dia dos „ Apoſtolos Santiago, e S. Filippe, de que te- „ nho aquelle grande ſentimento, que he razaõ „ em tamanha perda, taõ geral a toda a Chriſ- „ tandade, e taõ particularmente minha; e por- „ que a toda ella he muy importante a eleiçaõ de „ novo Pontifice, que eſpero em Noſſo Senhor, „ que por quem he a dará, qual convém, que ſeja, „ para proſeguir as ſantas obras, e as grandes ex- „ emplares virtudes de ſeu Anteceſſor, me pare- „ ceo dever fazer da minha parte neſta materia „ todo aquelle bom officio, a que todos os Reys, „ e Principes Chriſtãos devemos eſtar diſpoſtos „ com grande cuidado, e deſejo de o pôr em

„ effei-

„ effeito, em eſpecial eu; que particularmente
„ me acho muy obrigado a eſſa Santa Sé Apoſ-
„ tolica, e ao ſerviço della, e proſeguindo neſta
„ minha obrigaçaõ (que eſpero cumprir ſempre
„ como devo) eſcrevi logo aos Prelados da Cle-
„ reſia, e Ordens de meus Reynos, ordenaſſem
„ como em todas as Igrejas delles ſe encomendaſ-
„ ſe a Noſſo Senhor cada dia eſta eleiçaõ taõ de-
„ ſejada, e taõ neceſſaria à Igreja Catholica, e a
„ toda a Chriſtandade, fazendo-ſe por ella ora-
„ ções, e prociſſoens, e dizendo-ſe Miſſas, co-
„ mo o ſagrado Concilio, e eſta taõ grande, e
„ geral neceſſidade o requere, e aſſim me pare-
„ ceo dever logo mandar deſpachar eſte correyo
„ ao meu Embaixador com eſta minha Carta, que
„ lhe mando vos dé logo; porque ainda, que por
„ haver taes peſſoas neſſe ſagrado Collegio, de
„ que ſe eſpera eſtaráõ promptos, e diſpoſtos pa-
„ ra o Eſpirito Santo concorrer com elles, e os
„ allumiar com ſua graça neſta ſanta eleiçaõ. Eu
„ podera eſcuſar de vos lembrar quanto importa
„ ao ſerviço de Noſſo Senhor poſpordes nella to-
„ do o humano reſpeito, e attenderdes ſómente
„ ao ſeu ſerviço, e bem da Univerſal Igreja: to-
„ da via pareceo-me, que naõ cumpria com mi-
„ nha obrigaçaõ ſe vo lo naõ lembraſſe por eſta
„ Carta, e por iſſo movido mais della, que de
„ cuidar, que póde ſer neceſſaria em tal materia,
„ e a que tanto eſtais obrigados por voſſas gran-

„ des virtudes, e muitas qualidades alguma per-
„ suasaõ, ou lembrança, vos rogo muy affectuo-
„ samente, e com toda a instancia queirais nesta
„ eleiçaõ mostrar ao Mundo, que sómente per-
„ tendestes nella conformardesvos com vossas cons-
„ ciencias, e com o que deveis a Nosso Senhor,
„ que vos poz nesse lugar por columnas firmes da
„ sua Igreja; porque com isso naõ poderá elle dei-
„ xar de assistir em tal obra por meyo do Espiri-
„ to Santo, e allumiar vossos corações, para es-
„ ta eleiçaõ ser breve, e santa, como se deve de-
„ sejar, e procurar, de que mais gloria, e lou-
„ vor se seguirá a cada hum de vós, que subir ao
„ Summo Pontificado; e porque sobre esta ma-
„ teria escrevo mais largo ao meu Embaixador
„ para vo lo communicar, vos rogo muito o ou-
„ çais, e lhe deis credito, no que àcerca disso de
„ minha parte vos disser, e hajais por certo, que
„ para todas as cousas, que tocarem a bem des-
„ sa Santa Sé Apostolica, me achareis sempre taõ
„ promp o, como eu o devo ser, e o foraõ os
„ Reys meus antecessores, e vo lo dirá o meu
„ Embaixador, a que em todo me remeto. Nos-
„ so Senhor vos haja sempre em sua santa graça,
„ e allumie o Espirito Santo vossos corações nes-
„ ta santa eleiçaõ, e em todas vossas obras, pa-
„ ra que lhe sejaõ aceitas.

81 Ao tempo que esta Carta chegou à Cu-
ria, já estava feita a eleiçaõ do Pontifice, pois
entran-

entrando em o Conclave cincoenta e dous Cardeaes, ſahio unanimemente eleito a 13 de Mayo o Cardeal Hugo Bomcompagno, com o nome de Gregorio XIII. A Cidade de Bolonha lhe deu o berço a 7 de Fevereiro de 1507, ſendo ſeus progenitores Chriſtovaõ Bomcompagno, e Angela Mareſcalcha, de igual nobreza à de ſeu conſorte. Tantos foraõ os progreſſos, que fez no eſtudo da Juriſprudencia Ceſarea, que pelo eſpaço de oito annos a dictou com applauſo em a Univerſidade patria. A madureza do juizo unida com a affabilidade do genio o habilitaraõ para diverſas Legacias, ſendo por duas vezes mandado aſſiſtir em o Concilio de Trento, até que ornado com a Purpura Romana pela Santidade de Pio IV. ſubio ao Throno Apoſtolico com univerſal jubilo de toda a Chriſtandade.

He eleito Pontifice Gregorio XIII.

Ciacon. *Hiſt. Pontif. Roman.* Tom. 4. pag. 1.

82 Recebida por ElRey D. Sebaſtiaõ a noticia de eſtar eleito Gregorio XIII. lhe mandou duas Cartas, eſcrita a primeira a 30 de Junho, em que explicava a exceſſiva alegria, que recebera com a ſua exaltaçaõ ao Solio Pontificio, e a ſegunda em 15 de Julho, onde proteſtava a ſua obediencia à Sé Apoſtolica, ratificando a promeſſa feita ao ſeu anteceſſor de expedir huma Armada ao Levante, quando os outros Principes colligados mandaſſem as ſuas contra o inimigo commum da Chriſtandade. Como as Cartas, que eſte Principe mandara a S. Pio V. por ſeu ſobri-

nho o Cardeal Alexandrino as naõ leſſe impedido pela morte, ſe entregaraõ a Gregorio XIII. o qual reſpondeo a D. Sebaſtiaõ na forma ſeguinte.

„ Chariſſimo in Chriſto filio noſtro Sebaſ-
„ tiano Portugalliæ Regi illuſtri. Gregorius Pa-
„ pa XIII. Chariſſime in Chriſto fili noſter, ſa-
„ lutem, & Apoſtolicam benedictionem. Quam-
„ quam in litteris Majeſtatis Tuæ ad nos datis 30
„ Junii, & 15 Julii omnia erant Te digna, hoc
„ eſt, ſingularis prudentiæ, humanitatis, & pie-
„ tatis pleniſſima, tamen nihil erat, quod non
„ antea eſſet de Te omnium conſenſu, & ſermo-
„ ne celebratum: bonus enim Chriſti odor eſt,
„ quo ejus domus ſumma cum piorum omnium
„ lætitia eſt repleta, itaque magis putavimus
„ agendas gratias Deo virtutum omnium Aucto-
„ ri, quàm reſpondendum ad ea, quæ Tu tam
„ piè, tamque ſapienter in illis litteris diſſerebas
„ de hoc tam gravi, tamque periculoſo Pontifi-
„ catûs munere, deque omni ſpe in ſumma Dei
„ benignitate figenda, & locanda; unam illam
„ litterarum tuarum particulam minimè agnoſce-
„ bamus, in qua, ſive quod ita putabas, ſive
„ quod cupiebas, tam multa nobis tribuebas; lau-
„ damus nos quidem deſiderium ea in nobis cer-
„ nendi, quæ ipſe commemorabas, noſtræ autem
„ ad omnia infirmitatis ipſi nobis conſcii ſummus.
„ Lectis verò aliis tuis litteris, multò ante Car-
„ dinali Alexandrino Legato Apoſtolico datis ad
„ San-

„ Sanctissimum Pontificem Pium V. quas idem
„ Pius videre non potuit, tanto gaudio exultavi-
„ mus in Domino, ut neque legendo, neque tua
„ insigni pietate collaudanda, neque Deo gratiis
„ agendis nobis satisfacere possemus : tantum in
„ illis cernebamus studium Majestatis Tuæ, tam
„ ardens desiderium, triremibus, navibus, ar-
„ mis, omni denique bellico apparatu, itaque
„ omnibus opibus Christianam Ecclesiam juvan-
„ di, nec solùm nobis auxilio veniendi, sed à ru-
„ bro etiam mari Turcas adoriendi, insequendi-
„ que; neque illos usquam quietos relinquendi,
„ atque omnem eis, quem ingentem ex Orienti
„ percipiunt fructum adimendi, eosque hac ratio-
„ ne à nobis avertendi. An potest quisque maio-
„ ra auxilia desiderare, quàm quæ Majestas Tua
„ pollicetur? Imperabimus, inquis, copias, mu-
„ nitiones, naves, atque reliquas res necessarias
„ ad instruendam, ornandamque classem, statim
„ in hoc Lusitaniæ Regno comparari; ut vel to-
„ ta, vel ejus pars sancto fœderi auxilium ferat.
„ Benedicat tantæ virtuti Omnipotens Deus,
„ eamque augeat, & remuneretur omni terrena,
„ ac Cœlesti prosperitate; nam nos quidem nihil
„ aliud possumus, nisi Sedis hujus Apostolicæ, at-
„ que universæ Ecclesiæ nomine gratias agere Ma-
„ jestati Tuæ, eique amplissima præmia polliceri
„ ab eo, qui cùm Ecclesiæ suæ sponsus sit, san-
„ guinisque cariore eam sibi prætio adjunxit, eo
„ ma-

„ maiora habet reposita præmia iis, qui eam tuen-
„ tur. In quo etiam insigniorem facit pietatem
„ tuam locus ipse; quò enim à nostro periculo,
„ atque ab hostium metu remotior est, eò in te
„ apertior apparet charitas Christi, quæ non quæ-
„ rit quæ sua ipsius sunt; tametsi nihil potest esse
„ nostræ Matris Ecclesiæ, quod nostrum quoque
„ non sit. Hæ igitur litteræ, quas non minus ad
„ nos, quàm ad Pium V. scriptas esse arbitramur,
„ (perspicuum enim est Majestatem Tuam, non
„ personam, sed Ecclesiam, non tempus illud,
„ sed causam spectasse) incredibilem nobis spem,
„ atque alacritatem attulerunt. Itaque & Deo,
„ & Majestati Tuæ gratias agendas duximus,
„ postulandumque totius Ecclesiæ nomine, ut
„ eam in annum sequentem iis auxiliis juves, quæ
„ tam prolixè polliceris; quod tametsi Te factu-
„ rum non dubitamus, tamen pro nostro summo
„ desiderio facere non possumus, quin etiam, at-
„ que etiam rogemus. Nos enim noctes, dies-
„ que, ut æquum est, de Ecclesia cruciamur, nec
„ cessamus charissimos filios Maximilianum in Im-
„ peratorem electum, & Regem Christianissi-
„ mum ad hoc sanctissimum fœdus vocare; cum-
„ que iis quantum possumus agimus, nec despe-
„ ramus; sed sive illi venerint, sive non, quod
„ Deus avertat, quod impedimenti erit; tu cer-
„ tè, charissime fili, tuo nos auxilio nè destitue:
„ animadvertimus enim te in illis ad Pium V. lit-
„ teris

„ teris duo polliceri, alterum de fœdere, cum
„ illa exceptione, ſi cæteri quoque Chriſtianorum
„ Principes adduci potuerint; quod utinam faxit
„ Deus, noſque hoc videre permittat, ut Te, at-
„ que alios tam glorioſi fœderis ſocios, & con-
„ ſortes habeamus: alterum de auxiliis mittendis,
„ deque hoſtibus à rubro etiam mari adoriendis,
„ cum illa exceptione, niſi ſi neceſſitas aliqua,
„ cui parendum ſit, id prohibeat; quam quidem
„ neceſſitatem nullam fore ſperamus, Chriſtia-
„ namque Eccleſiam, ſi primum illud non pote-
„ rit, tuo certe beneficio tua, ac tuorum maio-
„ rum perpetua fide, pietate, virtute in Chriſti
„ hoſtibus arcendis, inque ejus honore, & gloria
„ tuenda, & propaganda digniſſimo fruiturum;
„ ſublatis divina manu impedimentis iis, quæ ha-
„ ctenus Majeſtati Tuæ ſcribere voluimus per di-
„ lectum filium Joannem Tellum Meneſium tuum
„ apud nos Oratorem, cujus gravitatem, mo-
„ deſtiam, ac ſummam in tuis rebus fidem, &
„ diligentiam, & ſanctæ memoriæ Pius V. &
„ nos experti ſumus; confirmamuſque magnam
„ illum huic ab omnibus laudem, & benevolen-
„ tiam reportare, quibus etiam nominibus cum
„ Majeſtati Tuæ commendatiſſimum eſſe non du-
„ bitamus. Tibi vero, cui totum debemus, quid-
„ quid valemus, offerre ſupervacaneum putamus:
„ quidquid tamen valebimus Tibi, ac tuis valebi-
„ mus. Datum Romæ apud S. Petrum ſub An-
„ nulo

„ nulo Piſcatoris die 17 Septembris 1572, Ponti-
„ ficatus noſtri anno primo.

83. Naõ ſatisfeito o Pontifice de exaltar com grandes elogios o ſagrado ardor, que no ſeu peito alimentava ElRey D. Sebaſtiaõ contra os inimigos da Igreja Romana, lhe eſcreveo o ſeguinte Breve, onde louva o zelo, com que ſe offereceo a Carlos IX. de França, para debellar os hereges Hugonotes, que fatalmente foraõ deſtroçados em a noite do dia de S. Bartholomeu, (de cuja derrota ſe fez breve memoria no Capitulo antecedente) e o exhortou a expedir promptamente a Armada ao Levante, como promettera.

„ Gregorius Papa XIII. Chariſſime, &c.
„ Summa cum voluptate accepimus à dilecto filio
„ Antonio Pinto, quàm piè Majeſtas Tua fuerit
„ per litteras gratulata Regi Chriſtianiſſimo de
„ Hugonotorum extinctione, quam ei multa con-
„ ſuleris, quàm benevolè, quàm verè, quàm
„ congruenter ad ipſius munus, atque ad præſen-
„ tem opportunitàtem optatiſſimam illam quidem,
„ ſed non hoc tempore expectatam, ab ipſo au-
„ tem Rege, conſilio, & prudentiâ, ac Dei be-
„ nignitate repræſentatam; quàm promptè, at-
„ que alacriter denique tua ei auxilia obtuleris;
„ quæ omnia, & ſi nunc primùm accepimus, ta-
„ men in ea ipſa, quæ Majeſtati Tuæ intrinſecus
„ in animo verſatur, hoc eſt in Chriſti gloriæ,
„ Eccle-

,, Ecclesiæque suæ tranquillitatis, atque amplitu-
,, dinis desiderio, pervetera sunt; nostroque, at-
,, que omnium de tua insigni pietate judicio ma-
,, ximè consentanea. Itaque has statim ad Te lit-
,, teras dedimus, ut & virtuti tuæ gratularemur,
,, & quàm illa nobis grata acciderint, significa-
,, remus. Ut autem omnis bonæ in nobis volun-
,, tatis Auctorem Deum agnoscere debemus, sic
,, ejus benignitati gratias agere oportet omnes,
,, quibus facultas datur, ea, quæ rectè concupi-
,, erunt, agendi facultatem, qui eam quampri-
,, mum arripere, & quoad perficiant tenere opor-
,, tet. Nulla verò potest hoc tempore esse præ-
,, clarior ea, quam in manibus habemus, Turca-
,, rum nimirum Christi, atque ejus nominis ho-
,, stium immanissimorum furorem, & rabiem fran-
,, gendi; & non solùm à sacris altaribus, à San-
,, ctis Sacerdotibus, ab innocentibus pueris, vir-
,, ginibusque, ab universa denique Christiana Re-
,, publica procul arcendi, sed etiam, quod à Di-
,, vina benignitate speramus, universam eam luem
,, delendi; quod nos certè curamus, atque agi-
,, mus quantum possumus; & quidem animo, ut
,, ab ea Hugonotorum metu libero, ac soluto,
,, sic in hanc causam intentissimo. Hanc quoque
,, facultatem quantopere cupiamus Majestatem
,, Tuam amplecti, & ex superioribus litteris in-
,, telligere potuisti, & ex hoc ipso facilè cognos-
,, ces, quia non cessamus sæpiùs tecum agere ea

,, de re, quam Te pro tua pietate vehementer
,, cupere ex tuis litteris cognovimus. Itaque ſic
,, exiſtimabis has noſtras eſſe, non illas quidem
,, Majeſtatis Tuæ quòd ſummi deſiderii indices.
,, Nihil enim longius habemus, quam dum Te
,, hujus glorioſi incepti ſocium videamus. Novi-
,, mus enim quantum tua potentia, ac tuorum
,, militum virtus in Chriſti cauſá tuenda præſtantiſ-
,, ſima, atque exercitatiſſima Chriſtianorum Claſ-
,, ſi roboris, atque alacritatis, hoſtium furori ter-
,, roris, univerſa Eccleſia ad ſperatam victoriam
,, momenti, allatura ſit. Itaque expectamus, ut
,, Veris initio, quo maturè poſſumus ad hoſtes
,, contendere, inque in eorum oris bellum gere-
,, re, non in noſtris. Suſtinere Claſſem tuam,
,, cujus in bellando virtus, & felicitas perſpectiſ-
,, ſima eſt, omnibus rebus quàm inſtructiſſimam
,, mittas Chriſto, qui ſeſe teſtatus eſt quæri, &
,, trucidari in membris ſuis: cujus quidem Claſſis
,, adventum ipſi jam, atque animo percipientes
,, gratias agimus Deo, quod ad Regiam iſtam
,, Majeſtatem, ac potentiam adjunxerit animum
,, vero regium, atque ad ejus cauſam paratiſſi-
,, mum. Datum Romæ apud Sanctum Petrum
,, ſub Annulo Piſcatoris 8 Novembris 1572, Pon-
,, tificatûs noſtri anno primo.

Todas as diligencias, que applicava com tanto deſvélo o noſſo Pontifice para ſuſtentar a Liga contra o Turco, ſe deſvaneceraõ por cau-

ſa

ſa dos Venezianos, que mediando a guerra pelos intereſſes preſentes, ſem prevenir os damnos futuros, celebraraõ pazes com o Sultaõ, por mediaçaõ de França, ſem communicar eſta reſoluçaõ ao Pontifice, e ElRey de Caſtella, principaes authores da Liga, que ſe tinha formado à inſtancia, e conveniencia de Veneza.

Celebra Veneza pazes com o Turco, de que ſe ſeguio desfazerſe a Liga.

CAPITULO XV.

Chega a Lisboa D. Luiz de Ataide, e da pompa com que foy recebido eſte Heroe, do qual ſe faz hum breve elogio.

84 CUmulado de victorioſos troféos, e coroado de triunfaes louros o inſigne D. Luiz de Ataide, no feliz tempo, que moderou as redeas do Imperio Aſiatico Portuguez, onde excedeo aos ſeus primeiros Conquiſtadores em direcções politicas, e emprezas militares, voltou para Portugal a receber no ocio da paz os premios merecidos no tumulto da campanha. Aviſtou a foz do Tejo a 3 de Julho deſte anno de 1572, e impedido pela furia do vento Norte ſe paſſaraõ dezaſete dias para embocar a barra. Em Domingo 20 de Julho, quando o Sol ſe avizinhava aos Antipodas, ſurgio D. Luiz da parte de Almada, e deſembarcando na ſegunda fei-

1572

Chega a Lisboa D. Luiz de Ataide.

ra, beijou a maõ a ElRey, o qual querendo distinguir nas honras a hum vassallo, que taõ heroicamente tinha representado a sua soberana Pessoa em o Oriente, ordenou, que se fizesse na sexta feira seguinte, dedicada ao Apostolo Santiago, huma solemne Procissaõ em acçaõ de graças pelas victorias alcançadas na India contra os seus mayores Potentados. Fechava toda a Procissaõ a Magestade delRey D. Sebastiaõ, levando à sua maõ direita a D. Luiz de Ataide, de cuja honorifica demonstraçaõ se conhecia a generosidade do Principe, como o merecimento do vassallo.

Inexplicavel honra, que recebe delRey.

85 Chegada a Procissaõ ao Convento de S. Domingos, que sahira da Cathedral, se cantou Missa solemne, assistindo sentado debaixo do docel ElRey, e ao seu lado D. Luiz de Ataide, na forma que viera na Procissaõ. Subio ao pulpito o Padre Ignacio Martins, da Companhia de Jesus, onde para eterno monumento de taõ grande Heroe, lhe erigio huma estatua da artilharia, que em tantos combates terrestes, e navaes, ganhara o seu incomparavel valor. Ornava-se o seu pedestal com diversos quadros, em que se admiravaõ dibuxadas as suas mayores façanhas. Representava huma a colligada potencia de tres formidaveis corpos, naõ fabulosos como os de Geriaõ, quaes foraõ o Hidalcaõ, Nizamaluco, e Samorim, derrotados por este Lusitano

Elogio de D. Luiz de Ataide.

tano Hercules, em Goa, Chaul, e Chale. Viaõ-ſe em outro as Fortalezas de Onor, Bracellor, Parnel, e Aſſari deſmantelladas, ſobre cujas ruinas tremolavaõ victorioſos os Eſtandartes Portuguezes. Em outros ſe diviſavaõ diverſas Armadas expedidas a impulſos da ſua vigilancia, entre as quaes ſe diſtinguiaõ a de Martim Affonſo de Miranda, triunfante dos Malavares; a de Paulo de Lima, derrotando a dos Reys de Colles, e Sarcetas; a de Nuno Velho Pereira, em Cambaya abrazando a de Surrate; a de D. Diogo de Menezes, rendendo a Cidade de Villachiraõ; a de Fernaõ Telles, aprizionando em Podiaõ Gale quatro galeotas, com grande mortandade dos inimigos; a de D. Luiz de Mello da Sylva deſtroçando a formidavel do Achem, compoſta de ſeſſenta navios; a de D. Franciſco Maſcarenhas, ſoccorrendo Chaul invadido pelo Nizamaluco.

86 Eſta elegantiſſima narraçaõ, em que o Orador Evangelico compendiou as heroicas emprezas de D. Luiz de Ataide, ſendo plauſivel a taõ auguſto auditorio, foy para os ſeus ouvidos ſummamente moleſta; mas ainda que com ingrato ſilencio as ſepultaſſe o Orador em obſequio da ſua modeſtia já a Fama por cem bocas as tinha divulgado por todo o ambito do Univerſo, certamente merecedoras de que o Sol as coroaſſe com os ſeus rayos, por ſerem obradas onde eſte Planeta Principe tem o ſeu berço.

Acaba-

87 Acabada a funçaõ, em que este Heroe recebeo a inexplicavel honra de estar sentado à maõ direita delRey, ainda naõ satisfeito de huma acçaõ, que parecia o elevava de vassallo a soberano, lhe deu hum esplendido banquete no Paço, em que competio a profusaõ com a delicadeza. De tarde se coroou taõ festivo dia com jogo de Canas em o campo de Alcantara, em que entraraõ D. Luiz de Ataide com ElRey D. Sebastiaõ, e outros Fidalgos, que acompanhavaõ ao Senhor D. Duarte. Passados dez dias se repetio no mesmo sitio semelhante duello com mayor apparato, que o antecedente, para o qual concorreo a mayor parte da Fidalguia, preciosamente vestida, e ayrosamente montada em soberbos cavallos. Assistio a este espectaculo a Infanta D. Maria, acompanhada das suas Damas, a quem convidara ElRey, que se distinguio de todos os Cavalleiros na destreza, e agilidade com que mandava os cavallos.

Em applauso de Luiz de Ataide faz ElRey duplicadas honras.

CAPI-

CAPITULO XVI.

Funda a Rainha D. Catharina em Lisboa o Collegio de Noſſa Senhora da Eſcada, cujo governo comette aos Religioſos da Ordem dos Prégadores.

88 PAra a Sereniſſima Rainha D. Catharina immortalizar o ſeu nome em os Faſtos da piedade Catholica naõ podia idear fabrica mais glorioſa, que a erecçaõ do Real Collegio de Noſſa Senhora da Eſcada, junto do Convento de S. Domingos, em a Corte de Lisboa, para ſer paleſtra dos Parochos, que com a ſua doutrina deviaõ inſtruir as almas para o caminho da vida eterna. Entre todas as ſagradas Familias, com que ſe orna a Igreja Catholica, elegeo para Adminiſtrador, e Cathedraticos do novo Collegio aos alumnos da clariſſima Ordem dos Prégadores, onde a ſabedoria illuſtrada com os rayos do Sol de Aquino ſe conſerva hereditaria ſem a menor diminuiçaõ das ſuas luzes, confiando da ſua profunda literatura, e virtuoſa obſervancia, ſatisfariaõ exactamente a obrigaçaõ, que ſe lhes comettia. Eſtava junto o Definitorio do Capitulo Provincial, celebrado em Santarem, que ſe compunha de Fr. Franciſco Foreiro, Vigario Geral

1572

Erecçaõ do Collegio Real de Noſſa Senhora da Eſcada.

ral da Provincia, cujo nome deixou eternizado no Concilio de Trento; Fr. Martinho de Ledesma, Cathedratico de Prima da Universidade de Coimbra; Fr. Manoel da Veiga, Mestre em Theologia; Fr. Jeronymo Borges, Prior do Convento de Santarem; e Fr. Thomás de Sousa Presentado, todos quatro Definidores: e sendo proposto como a Rainha ordenara a erecçaõ do Collegio, e nomeado para Mestres os Religiosos Dominicos, se obrigaraõ em nome da Provincia a aceitar a administraçaõ, e Cadeiras do dito Collegio, com as condições ordenadas por Sua Alteza, que se continhaõ na Carta seguinte.

Alvará da Rainha D. Catharina, pelo qual institue o Collegio de Nossa Senhora da Escada.

„ D. Catharina por graça de Deos Rainha „ de Portugal, e dos Algarves, &c. Infanta de „ Alemanha, de Castella, e Leaõ, das duas Si„ cilias, de Jerusalem, &c. A todos, que esta „ Carta de Instituiçaõ, e Fundaçaõ de Estudo vi„ rem, faço saber, que considerando eu, que „ hum dos mais principaes, e mais aceitos servi„ ços, que a Deos Nosso Senhor se podem fazer, „ he aquella esmola, que ajudando à sustentaçaõ „ corporal dos proximos, resulta della proveito „ para remedio, e salvaçaõ das almas pelo Sangue „ do mesmo Senhor remidas, e entendendo, que „ o principal adjutorio para se aproveitarem des„ ta Redempçaõ, e serem salvas, he o que po„ dem receber pelo ministerio dos Sacerdotes, a „ quem por Nosso Redemptor he comettido o

„ San-

,, Santo Sacramento da Penitencia, o juizo, e re-
,, medio dellas; e vendo outro si quaõ necessario
,, seja aos taes Sacerdotes terem o saber, que a
,, importancia de cousa taõ necessaria requere pa-
,, ra nella serem Ministros idoneos, e sufficientes
,, (pois sendo como saõ Juizes das culpas, e Me-
,, dicos das infirmidades da alma, falecendo nel-
,, las o conhecimento, e prudencia, que para cou-
,, sas taõ difficultosas he necessario, naõ poderáõ
,, ser acertados seus juizos, nem saberáõ applicar
,, proveitosos remedios) com vontade, e desejo
,, de que o Senhor seja de mi servido em obra,
,, que tanto he para gloria sua, e bem, e salva-
,, çaõ de suas creaturas, ordeno, e mando, que
,, dos quinhentos mil reis de juro, que para este
,, effeito tenho deputados, se dem de esmola pa-
,, ra ajuda da sustentaçaõ de trinta Clerigos ouvin-
,, tes, e de dous Mestres Religiosos, por quem
,, sejaõ ensinados em casos de consciencia, e nas
,, determinaçóes, que no juizo da Confissaõ se
,, deve dar nelles, e em tudo o mais, que para
,, serem Confessores, e Curas de almas he neces-
,, sario; porque posto, que nos estudos das Uni-
,, versidades se criem Theologos, e Canonistas em
,, sciencia sufficiente, para o ministerio, ordina-
,, riamente os que saõ Letrados aspiraõ a cousa de
,, mais proveito, e honra, ou os encarregaõ del-
,, las de modo, que se naõ empregaõ no serviço
,, particular das Igrejas, e em ouvir as Confissóes,

„ e curar por si as almas, sendo isto de taõ gran-
„ de importancia para salvaçaõ dellas, pareceo
„ (como dito tenho) ser grande serviço de Nos-
„ so Senhor criarem-se Clerigos, que tendo suf-
„ ficiencia para ser Curas, e Confessores, nisto
„ se occupem por si mesmos sem pertençaõ das
„ cousas, em que os mais fundados se costumaõ
„ occupar, para cuja doutrina ordeno esta Insti-
„ tuiçaõ, e para ajuda da sustentaçaõ dos que hou-
„ verem de ser doutrinados, e dos Mestres, que
„ os andem doutrinar applico os ditos quinhentos
„ e vinte mil reis de juro, repartindo-se na ma-
„ neira adiante declarada, e hey por bem, que
„ em tudo se tenha, e guarde inteiramente o por
„ mi ordenado nesta minha Carta de Instituiçaõ,
„ e fundaçaõ, por quanto com o parecer de pes-
„ soas doutas, e Religiosas, que para isso tomey,
„ o hey assim por bem, serviço de Deos, e per-
„ petuaçaõ da dita Instituiçaõ. Feita em Xabre-
„ gas a 21 de Julho de 1572, e eu Francisco Ca-
„ no, Secretario de S. A. a fiz escrever.

RAINHA.

Clausulas da Instituiçaõ do novo Collegio.

89 As condições da Instituiçaõ do novo Collegio, escritas em vinte e dous Capitulos, eraõ as seguintes. Seriaõ dous os Lentes de Theologia Moral (e naõ hum como modernamente escreve o Padre D. Antonio Caetano de Sousa, *Hist. Geneal. da Cas. Real Portug.* Tom. 1. liv. 4. pag.

pag. 528.) cuja leitura principiaria a 15 de Setembro, para acabar em 15 de Julho; e que no dia 14 consagrado à Exaltaçaõ da Santa Cruz, Vespera do principio da Leitura, cantariaõ os Religiosos Dominicos em o Convento de Lisboa huma Missa solemne, pedindo nella a Deos a sua protecçaõ, com a qual perpetuamente se estabelecesse o novo Collegio. As lições dos dous Mestres se dividiriaõ entre a manhãa, e a tarde, durando a do Lente da manhãa, desde a Exaltaçaõ da Cruz até à Quaresma, das oito até às nove horas, e do principio da Quaresma até à Exaltaçaõ da Cruz, das sete até às oito. O Lente de Vespera leria todo o anno das tres até às quatro. A materia da Leitura de hum dos Mestres fosse o Cathecismo ordenado por S. Pio V. para instrucçaõ dos Parochos, e do outro Mestre explicaria a Summa de Caetano, ou o Manual de Navarro, observando-se tal ordem, que o Lente do Cathecismo explicasse em lugares convenientes algumas materias incluidas na Summa, e Manual, de maneira, que se naõ deixe de ler o que he necessario, e em quanto poder ser, nunca se repita o que se tem lido huma vez. Para satisfaçaõ dos dous Lentes, e do Administrador do Collegio o Prior do Convento de S. Domingos de Lisboa, assinou a Rainha hum juro perpetuo de cem mil reis. Os Collegiaes seraõ Sacerdotes, ou de Ordens Sacras, e naõ excederáõ a idade de quaren-

ta annos, excepto naõ havendo outros capazes ao tempo da vacatura; de limpa geraçaõ, para que a ſua doutrina, e miniſterio ſeja aceito do povo; de vida inculpavel, ſem beneficio, renda, patrimonio, ou gráo de Theologia, e Canones, para que naõ occupem os lugares daquelles, que neceſſitaõ de ſer enſinados; e ſe por falta de verdadeira informaçaõ fórem recebidos alguns contra a fórma declarada, certificado o Adminiſtrador de naõ ter as qualidades expreſſadas, os poderá livremente deſpedir. Antes de admittidos ſeraõ examinados pelo Adminiſtrador, e os dous Lentes, de cujos votos penderá a ſua approvaçaõ. O numero dos Collegiaes ſerá de trinta (como eſtá eſcrito nos Eſtatutos originaes, que vimos, e naõ de trinta e dous, como eſcreveo o Padre Fr. Luiz de Souſa na *Hiſt. de S. Domingos da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 3. cap. 40.) dos quaes dez ſeraõ naturaes de Lisboa, e vinte fóra della, e deſtes ſe preferiráõ os naſcidos nas terras da Rainha, como ſaõ Alenquer, Obidos, Cintra, e outros que poſſue em o Reyno do Algarve, e de todos ſempre ſerá aceito o mais pobre. Succedendo naõ ſe acharem tantos Clerigos de Ordens Sacras, que cheguem ao numero dos trinta, ſeraõ admittidos para ſeu complemento alguns mancebos, que ao menos tenhaõ dezanove annos de idade, de cuja vontade, e modo de vida haja provavel certeza de eſtarem promptos para receber

as ditas Ordens. Se o pertendente for desta Cidade, ou do seu Arcebispado, se informará o Administrador da limpeza do sangue, integridade de costumes; porém sendo de parte mais distante, bastará, que o pertendente apresente informação authentica dos requisitos acima nomeados feita pelo Ordinario do seu Bispado, ou do Prior de S. Domingos, havendo Convento desta Ordem em a terra, onde for morador. O juro perpetuo de quatrocentos e vinte mil reis, que a Rainha generosamente applicou para estabilidade do Collegio, ordenou se repartisse nesta fórma. Ao Collegial nascido em Lisboa, ou seu Termo, dará o Administrador cada anno doze mil reis, por necessitar de menor despeza, para a sua sustentação; porém ao que for nascido fóra do Termo de Lisboa, quinze mil reis, cujos ordenados se lhes pagaráõ aos quarteis, descontando em cada hum as multas, em que forem condemnados, e nunca se lhes dará dinheiro anticipado. Ordenou mais a Rainha, que todos os Domingos do anno dissessem huma Missa rezada os Religiosos Dominicos na Igreja de Nossa Senhora da Escada pela alma de seu esposo D. Joaõ o III. e a sua, e que os Collegiaes seriaõ obrigados duas vezes no anno ir ao Convento de Belem, huma no dia anniversario da morte de D. Joaõ o III. que he a 11 de Junho, e se cahir ao Domingo, no dia antecedente, e a outra em o dia anniversario da

mesma

mesma Rainha; e nestes dous dias os que forem Sacerdotes, diraõ Missa pelas almas destes dous Principes, e os que o naõ forem, rezaráõ pelas ditas almas o Officio dos Defuntos com tres Noctúrnos. Determinou a Real Instituidora com vigilante providencia, que para se cumprir exactamente tudo quanto tinha disposto para conservaçaõ do novo Collegio, fizesse huma visita cada anno no mez de Abril, ou Mayo, o Capellaõ mór del Rey pessoalmente, e na falta delle o Deaõ de sua Real Capella, cuja visita encomenda muito a ElRey seu neto, e seus successores, pois della se segue haver Confessores, que nas Igrejas do seu Reyno, e particularmente em as de seu Padroado, e Ordens Militares, possaõ dignamente exercitar o seu ministerio. Para que a todos fosse notoria a fundaçaõ deste Collegio, mandou passar huma Carta assinada pela sua Real maõ, em que se incluiaõ ós vinte e dous Capitulos dos Estatutos do novo Collegio, e da dita Carta se fizeraõ tres traslados passados pela Chancellaria, e no fim de cada hum se escreveo a verba do seu Testamento, em que falla desta Instituiçaõ, mandando, que hum se guardasse na Torre do Tombo, o segundo em o Mosteiro de S. Domingos de Lisboa, e o terceiro em o Cartorio da Cathedral de Lisboa. Ultimamente querendo esta prudente Heroina, que esta obra ideada por seu ardente zelo ficasse solidamente estabelecida,

belecida, pedio a ſeu neto ElRey D. Sebaſtiaõ, que a recebeſſe na ſua Real protecçaõ, a cuja juſtificada ſupplica deferio eſte Principe com o ſeguinte Alvará.

Recebe D. Sebaſtiaõ debaixo do ſeu Real patrocinio o novo Collegio.

„ D. Sebaſtiaõ por graça de Deos Rey de
„ Portugal, &c. Faço ſaber aos que eſta Carta
„ virem, que a Rainha minha Senhora, e Avó,
„ me enviou a dizer, que ella tinha ora nova-
„ mente ordenado, que no Moſteiro de Saõ Do-
„ mingos da Cidade Lisboa, ſe leſſe para ſempre
„ em cada hum dia duas lições de caſos de conſci-
„ encia para trinta Clerigos as ouvirem, e apren-
„ derem as couſas neceſſarias para ſerem Curas, e
„ Confeſſores, e que para perpetuaçaõ das Ca-
„ thedraes das ditas lições, e continuaçaõ dos
„ Curſos, dos que as houverem de ouvir, orde-
„ nara, que ſe deſſem aos Padres do dito Moſ-
„ teiro cem mil reis em cada hum anno pela obri-
„ gaçaõ das ditas lições, e pelas mais contheudas
„ nos Eſtatutos da dita fundaçaõ, em quanto as
„ cumpriſſem, e aos trinta Clerigos para ſua ſuſ-
„ tentaçaõ quatrocentos e vinte mil reis, em ca-
„ da hum anno, repartidos em a ordem, e obri-
„ gações declaradas no dito Eſtatuto; e que pa-
„ ra cumprimento do ſobredito tinha applicado à
„ dita fundaçaõ quinhentos e vinte mil reis de
„ juro, que ſe montava no que haviaõ de haver
„ os ditos Padres de S. Domingos, e aſſi os di-
„ tos Clerigos, deſmembrando-os, e ſeparando-os
„ dos

„ dos ſeis contos ſetecentos e tres mil e duzentos
„ e vinte e nove reis, que tinha de minha Fazen-
„ da de juro, por minhas Proviſoens, que lhe fo-
„ raõ dadas em pagamento do ſeu dote, e arras,
„ pedindo-me S. A. houveſſe por bem de appro-
„ var, e confirmar a fundaçaõ, e Inſtituiçaõ das
„ Cathedraes das ditas lições, e dos Curſos, que
„ nellas haviaõ de ouvir os ditos trinta Clerigos,
„ para mais ſegura perpetuaçaõ della, e a quizeſ-
„ ſe tomar debaixo da minha protecçaõ, para a
„ favorecer em tudo o que foſſe neceſſario à ſua
„ conſervaçaõ, e accreſcentamento, aſſi no que
„ tocaſſe ao Curſo das ditas lições, como no que
„ cumpriſſe para os ouvintes dellas ſerem provi-
„ dos, e favorecidos, ſendo idoneos, para ſervir
„ nas couſas da ſua profiſſaõ, e havendo reſpei-
„ to à fundaçaõ, e Inſtituiçaõ das ditas lições,
„ e Curſos, ſer de grande ſerviço de Deos, e bem
„ das almas dos póvos de meus Reynos, e por
„ mo pedir a Rainha minha Senhora, e Avô, a
„ quem deſejo comprazer em tudo, como he ra-
„ zaõ, por eſta Carta, de minha certa ſciencia,
„ poder Real, e abſoluto, approvo, e confirmo
„ a dita fundaçaõ, e Inſtituiçaõ, para que haja
„ cumprido, e plenario effeito, para todo ſem-
„ pre, e ſuppro, e hey por ſupprido qualquer fal-
„ ta, que nella haja defeito, ou de direito, ſem
„ embargo de quaeſquer Leys, Ordenações, e
„ Eſtatutos de quaeſquer Univerſidades, e Pro-

„ viſoens,

„ visoens, que forem feitas, ou ao diante se passarem, que em tudo, ou em parte, sejaõ contra o effeito da dita fundaçaõ, ou impidaõ, as quaes todas hey por derogadas, no que a isto tocar, como se de *verbo ad verbum* fossem trasladadas nesta Carta, e como se da substancia dellas fosse aqui feita especificada mençaõ, sem embargo da Ord. do 2. liv. tit. 49. que dispoem se naõ entenda ser derogada por mi Ordenaçaõ alguma, se da substancia della naõ for feita expressa mençaõ, e assi me apraz de tomar debaixo de minha protecçaõ, e fundaçaõ das ditas Cathedras, e a instituiçaõ dos Cursos dos trinta Clerigos ouvintes, conforme aos Estatutos della, para a favorecer em tudo o que for necessario para sua conservaçaõ, accrescentamento, e perpetuaçaõ, como he razaõ, pelos respeitos acima declarados: e rogo, e encomendo aos Reys meus successores, que assi o façaõ, para que em tempo algum por falta de seu favor naõ haja cousa que impida o effeito da dita fundaçaõ, e Instituiçaõ, e mando aos Védores da minha Fazenda, e a quaesquer outros Officiaes a quem pertencer, que façaõ fazer os pagamentos dos ditos quinhentos e vinte mil reis de juro, applicados a esta fundaçaõ, aos quarteis de cada hum anno, com todo o favor necessario aos Lentes, e ouvintes serem bem pagos,

,, e poderem com a quietaçaõ, que se requere,
,, continuar seu estudo; e assi mando a todos os
,, Officiaes de Justiça de meus Reynos, e Se-
,, nhorios, que naõ sejaõ em tudo, nem parte
,, contra a fundaçaõ, e Instituiçaõ das ditas Ca-
,, thedras, nem contra os Estatutos delles, an-
,, tes em tudo, que a seus cargos tocar, a favo-
,, reçaõ, e façaõ o que for necessario para con-
,, servaçaõ, e accrescentamento della. Encomen-
,, do ao dito Prior do Mosteiro de S. Domingos
,, de Lisboa, que ora he, e ao diante for, que
,, havendo falta nisto, ou em outra alguma cou-
,, sa das que cumprirem a este effeito, me façaõ
,, disso lembrança para eu mandar logo prover
,, nisso; e para firmeza de tudo o que dito he
,, mandey passar esta Carta por mi assinada, e
,, sellada de meu Sello pendente. Lopo Soares
,, a fez na Cidade de Evora a 21 dias do mez de
,, Dezembro anno do Nascimento de Nosso Se-
,, nhor JESUS Christo de 1572.

ELREY.

CAPI-

CAPITULO XVII.

Trasladaõ-ſe por ordem da Rainha D. Catharina os corpos de ſeu auguſto conſorte D. Joaõ o III. e ſeus Sereniſſimos genros os Monarcas D. Manoel, e D. Maria, em o Real Convento de Belem, e da magnifica pompa com que ſe fez eſta funebre funçaõ. Morre D. Fr. Joaõ Soares, Biſpo de Coimbra, de quem ſe faz hum breve elogio.

1572

90 NAõ houve acçaõ obrada pelo ſublime eſpirito da Rainha D. Catharina, que deixaſſe de ſer hum eterno monumento da grandeza do ſeu coraçaõ, e da piedade de ſeu animo. Entre ellas mereceo mais diſtincta memoria a magnifica trasladaçaõ dos cadaveres de ſeus auguſtos genros D. Manoel, e D. Maria, e de ſeu amado conſorte D. Joaõ o III. Para ſe executar eſte intento mandou proſeguir a Capella mór do Real Convento de Santa Maria de Belem, habitado pelos Religioſos de S. Jeronymo, cuja obra ſe ſuſpendera por eſtarem applicadas as rendas Reaes para a fortificaçaõ dos lugares de Africa. Acabada a fabrica da Capella, onde a mageſtade da Architectura ſe ornava de marmores de diverſas cores, competindo a arte com a natureza para a ſua ultima perfeiçaõ, ſe levantaraõ

Intenta a Rainha D. Catharina trasladar os oſſos de ſeu eſpoſo, e genros.

raõ quatro ſoberbos Mauſoléos, dous ao lado do Evangelho, e dous ao da Epiſtola. Era cada hum ſuſtentado por dous elefantes de marmore, cuja parte ſuperior ſe rematava com huma Coroa dourada. Determinado o dia 14 de Outubro deſte anno de 1572, para eſta funebre ceremonia, paſſou a Rainha D. Catharina a 2 do referido mez para o Convento da Eſperança de Religioſas Franciſcanas, por eſtar mais proximo ao de Belem, em que ſe havia de fazer a trasladaçaõ, donde a 12 foy morar nas caſas do Duque de Aveiro, ſituadas junto daquelle magnifico Moſteiro. Neſte dia, que era Domingo, ſagrou o Biſpo de Vizeu D. Jorge de Ataide o Altar da nova Capella, formado de hum precioſo porfido. Na Sacriſtia do Moſteiro de Belem, ſobre hum eſtrado cuberto de brocado, e cercado de muitas tochas acezas, eſtava hum feretro, e nelle tres caixões pequenos, de fórma quadrada, cubertos de damaſco branco, com fechaduras douradas, nos quaes tinhaõ depoſitado, em quanto ſe faziaõ os novos Mauſoléos, os oſſos dos Sereniſſimos D. Manoel, D. Maria, e D. Joaõ o III. o Biſpo do Funchal D. Fr. Fernando de Tavora, Eſmoler mór delRey D. Sebaſtiaõ, D. Joaõ de Caſtro, Capellaõ deſte Principe, e Fr. Heytor Pinto, Provincial da Ordem de S. Jeronymo, bem conhecido em o Orbe literario pelas ſuas Obras Eſcriturarias.

Que-

91 Querendo ElRey D. Sebaſtiaõ authoriſar com a ſua preſença eſta funebre acçaõ, depois de ter jantado no Paço de Santos, partio para Belem acompanhado do Senhor D. Duarte, e de toda a Nobreza. Convocado o Cabido de Liſboa, e a Capella Real com todas as Communidades Religioſas, que chegariaõ ao numero de quinhentos e ſeſſenta e nove Sacerdotes, foraõ pelas ſuas antiguidades entrando pela porta da Sacriſtia, e cantando cada huma ſeu Reſponſo ſahiaõ para o Clauſtro. No fim deſtes ſuffragios tomaraõ aos hombros o feretro ElRey D. Sebaſtiaõ, o Senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro, e ſeu tio D. Affonſo de Lancaſtro, cubertos de grande luto, e acompanhados de todos os Fidalgos com tochas acezas. Seguiaõ-ſe o Arcebiſpo de Lisboa D. Jorge de Almeida, os Biſpos de Vizeu, Funchal, e Angra; o Deaõ da Capella Real, e no fim de todos o Cardeal D. Henrique, veſtido de Pontifical. Fechava toda eſta authoriſada comitiva os Criados, e Officiaes da Caſa Real, enlutados, e com tochas acezas. Depois de diſcorrer eſta comitiva em fórma de Prociſſaõ pelo Clauſtro, ſahio ao Cruzeiro da Igreja, em cujo meyo eſtava hum eſtrado de dous degráos, cuberto de brocado, onde ſoy collocado o feretro. Pouco diſtante deſte lugar aſſiſtio ElRey ſem ſitial, nem cortina, e proximo à entrada da Capella mór D. Joaõ de Borja, Embaixador

Pompa com que ſe fez a traſladaçaõ.

baixador de Castella, e da outra parte o Senhor D. Duarte com o Duque de Aveiro, e D. Affonso de Lancastro. Toda a Nobreza estava sentada em bancos cubertos de luto, que se estenderaõ até o corpo da Igreja. A Rainha com a Infanta D. Maria, e suas Damas assistiaõ a toda esta funçaõ em huma tribuna fabricada no Coro da Igreja.

Que Prelados officiaraõ as Vesperas, e Matinas do Officio.

92 O Cardeal D. Henrique revestido de Pontifical, e assistido dos Prelados, que o acompanharaõ na Procissaõ, capitulou as Vesperas de Defuntos. Acabadas estas, entoou Matinas o Bispo de Vizeu, ornado das vestes Pontificaes, que se acabaraõ com duas horas de noite. Todas as Pessoas Reaes (excepto a Rainha, e a Infanta D. Maria) como os Prelados, Clero, e Regulares, dormiraõ no Mosteiro, aos quaes deu El-Rey huma magnifica cea, chegando as ultimas mesas até à meya noite. Na madrugada do dia seguinte, que se contavaõ 14 de Outubro, celebraraõ Missa todos os Sacerdotes Regulares, e Seculares, pelas almas dos Reys defuntos em trinta Altares, que se levantaraõ pelo circuito do Claustro, paramentados com ornamentos negros, e ao lado de cada hum duas tochas ardendo. O Cardeal Infante por naõ estar capaz de cantar a Missa, a celebrou rezada no Altar mór, e no fim della rezou o Responso sobre o feretro. Chegado o tempo competente se cantaraõ Laudes, a que pre-

presidio o Arcebispo de Lisboa, e cantou a Missa com toda a solemnidade. Ao Offertorio mandou a Rainha pelo seu Esmoler mór D. Diogo Manoel, irmaõ do Conde de Odemira, seu Mordomo mór, offerecer huma Cruz de prata dourada, duas Custodias muito preciosas, em que estavaõ duas cabeças das valerosas Virgens, companheiras de Santa Ursula, hum Sacrario de crystal, guarnecido de ouro, hum Pontifical de grande preço, e outras peças de igual valor, que artificio, sendo todas levadas em pratos de prata por vinte e cinco Religiosos do Convento, com sobrepelizes. Recitou a Oraçaõ Funebre o insigne Theologo Diogo de Paiva de Andrade, cuja profunda sciencia foy admirada no Concilio Tridentino, sendo o argumento da sua Oraçaõ as virtudes de D. Joaõ o III. que encheo o espaço de duas horas. Ultimamente cantado com grande solemnidade o Responso, assistindo El-Rey, a Nobreza, e Ecclesiasticos com velas acezas, incensou o feretro o Arcebispo de Lisboa, e cantou a Oraçaõ, que dispoem o Ceremonial Romano. Segunda vez tomou aos hombros El-Rey D. Sebastiaõ acompanhado do Senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro, e D. Affonso de Lancastro o feretro, e o levaraõ até à Capella mór, do qual tiraraõ o Bispo do Funchal, e Fr. Heytor Pinto a caixa dos ossos do Serenissimo Rey D. Manoel, e o conduziraõ para o Mauso-

Offerece a Rainha preciosas peças ao tempo do Offertorio da Missa.

léo

léo da parte da Epistola, e advertindo o Cardeal D. Henrique nesta acçaõ, lhe foy respondido, que ordenara a Rainha como fundadora da Capella, que para a parte do Evangelho se haviaõ collocar os ossos de seu augusto esposo. A esta determinaçaõ se oppoz o Cardeal, dizendo, que o lugar mais digno era sempre do Fundador daquelle Convento, qual fora D. Manoel, e com manifesto dissabor da Rainha se collocaraõ os ossos delRey D. Manoel, e de sua consorte a Rainha D. Maria em os Mausoléos da parte do Evangelho, e da parte da Epistola os delRey D. Joaõ III.

Collocaõ-se os Reaes cadaveres em soberbos Mausoléos.

93 Seriaõ duas horas da tarde quando se deu fim a esta funebre funçaõ, dando ElRey hum esplendido jantar a todos os assistentes, e assim elle como o Cardeal se restituiraõ ao dia seguinte à Corte. A Rainha assistio mais quatro dias nas casas situadas junto do Convento de Belem, ouvindo em cada dia Missa cantada pelas almas dos Reys defuntos, e mandou dizer multiplicados suffragios à sua memoria. Ao Sabbado seguinte, que se contava 18 de Outubro, se restituio de tarde ao Palacio de Xabregas, sendo todo o seu piadoso desvélo satisfazer as obrigações da alma de seu esposo, posto que se ignoravaõ, por morrer abintestado. Para este effeito mandou publicar pelo Reyno, que todo o criado, que tivesse servido a ElRey seu marido, e naõ estivesse satisfeito, ou outra qualquer pessoa

a quem

a quem o meſmo Principe foſſe devedor, vieſſem requerer diante dos Miniſtros, que tinha eleito, o premio do ſeu ſerviço, e a ſatisfaçaõ da ſua divida. Aſſinou renda perpetua para os Capellães delRey em o Convento de Belem, e ſeus, quando chegaſſe o tempo de neceſſitar de ſuffragios.

94 A 27 de Novembro deſte anno ſentio a Jerarchia Eccleſiaſtica a falta de hum dos ſeus mayores Heroes, que produzio Portugal, qual foy o Illuſtriſſimo Biſpo de Coimbra D. Fr. Joaõ Soares. Deixando a Patria, e ſeus nobres pays Diogo Dias de Urrò, e Luciana de Alcantara, abraçou em Salamanca o Inſtituto de Eremita Auguſtiniano a 11 de Abril de 1523, onde aprendeo as Sciencias eſcolaſticas, e as virtudes religioſas. Incorporado na Provincia de Portugal, com faculdade do Geral, foy tanta a eſtimaçaõ, que fez do ſeu talento D. Joaõ o III. que o nomeou ſeu Confeſſor, Prégador, Eſmoler, e Meſtre de ſeus filhos D. Filippe, e D. Joaõ. Sendo Deputado do Conſelho Geral do Santo Officio, ſubio à Cathedral de Coimbra a 22 de Mayo de 1545, em cuja Dignidade encheo as obrigações paſtoraes, aſſim na diſtribuiçaõ das eſmolas, como na fabrica, e ornamento dos Templos. Conduzio com grande apparato da Cidade de Badajoz à de Lisboa a Senhora D. Joanna de Auſtria, quando veyo a deſpoſarſe com o Principe D. Joaõ. Aſſiſtindo por ordem delRey D. Sebaſtiaõ em o Concilio Triden-

Morre D. Fr. Joaõ Soares, Biſpo de Coimbra, de quem ſe faz o elogio.

tino, deixou eternas memorias da ſua inſigne eloquencia, e grande literatura. Concluido o Concilio, viſitou os Santos Lugares de Jeruſalem, onde deu hum precioſo ornamento em o Templo do Santo Sepulchro. Reſtituido à ſua Dioceſe, continuou a exercitar as obras meritorias, que lhe alcançaraõ feliz morte. Jaz ſepultado em a Capella do Santiſſimo Sacramento da ſua Cathedral. Os doutos eſcritos, em que recomendou o ſeu nome à poſteridade, ſe podem ver no II. Tomo da minha *Bibliotheca Luſitana*, onde ſe faz mais diſtincta, e larga memoria deſte inſigne Varaõ.

CAPITULO XVIII.

Parte por Embaixador a França o Commendador mór, e da Inſtrucçaõ, que lhe deu ElRey D. Sebaſtiaõ.

1572

Parte o Commendador mór por Embaixador a França.

95 O Commendador mór da Ordem de Chriſto D. Affonſo de Lancaſtro, em cuja peſſoa competia o eſplendor do naſcimento com a capacidade do juizo, tinha com tanta gloria do ſeu Soberano exercitado o miniſterio de Embaixador na Corte de Roma, que partio por ordem delRey D. Sebaſtiaõ ſegunda vez com o meſmo caracter à Corte de Pariz, para ſignificar a Carlos IX. o exceſſivo jubilo, que recebera com a fauſta noticia de ter deſtroçado a hydra da hereſia,

resia, confirmando com acçaõ taõ heroica a illustre antenomasia de Christianissimo. De tudo quanto devia obrar o Commendador mór nesta Embaixada, lhe deu ElRey D. Sebastiaõ a Instrucçaõ seguinte, escrita em Evora a 29 de Novembro deste anno de 1572.

Instrucçaõ, que lhe deu El-Rey.

„ Commendador mór, Sobrinho amigo. „ Offerecendo-se agora de haver de mandar visi- „ tar o Christianissimo Rey de França, meu Ir- „ maõ, e Primo, pela santa, e honrosa determi- „ naçaõ, que tomou, e execuçaõ della contra „ os Lutheranos, inimigos da nossa Santa Fé, e „ reveis à sua Coroa, e confiando de vós, que „ por vossas qualidades, e experiencia, que ten- „ des em semelhantes cousas, fareis muy bem es- „ te officio, e me servireis nelle a todo meu con- „ tentamento, hey por bem de vos enviar a El- „ Rey Christianissimo para o visitardes de minha „ parte nesta occasiaõ, e lhe fazerdes algumas „ lembranças importantes à mesma materia, no „ que tereis a maneira seguinte.

„ Ireis na posta, e no numero aos cavallos „ com que haveis de correr, e vestidos, com que „ vós, e os vossos haveis de levar, e com que „ haveis de andar em França, seguireis a limita- „ çaõ, que já disto vos foy dito de minha parte, „ e fareis o caminho agora à ida pela Corte de „ Castella, e visitareis de minha parte a Prince- „ za minha Senhora, e mãy, e ao Serenissimo

„ Rey meu tio, dando-lhes conta do a que vos
„ mando a França, e que naõ quiz, que passas-
„ seis sem que primeiro a visitasseis, e a commu-
„ nicardes, e saberdes particularmente da saude
„ de ambos, e lhes dardes novas da minha, por-
„ que ainda que o Meirinho mór, meu Embai-
„ xador, por minha ordem, e por obrigaçaõ de
„ seu cargo; continue sempre com este officio,
„ me pareceo devido mandarvos, que o fizesseis
„ tambem agora, para juntamente com elle me
„ poderdes logo escrever taõ boas novas da saude
„ de ambos, como espero; e porque a Princeza
„ minha Senhora estava estes dias passados mal
„ disposta, e ElRey meu tio tocado de gota,
„ de que prazerá a Nosso Senhor achareis taõ
„ bem como desejo, o visitareis em particular por
„ estas indisposições, e que me façaõ merce man-
„ darem-me dizer se estaõ já de todo fóra dellas,
„ como eu queria, que sempre fosse, e que com
„ as novas da saude do Principe meu tio recebi
„ muito contentamento.

„ Tambem visitareis da minha parte a Se-
„ renissima Rainha minha tia com estas palavras
„ mesmas, accrescentando a ellas as emboras do
„ nascimento de sua sobrinha, e escrevermeis a
„ reposta destas visitações, e direis da minha par-
„ te ao Meirinho mór, que com ella despache
„ correyo na diligencia, que lhe parecer, e por
„ sua ordem fareis saber à Princeza minha Senho-
„ ra,

„ ra, e a ElRey meu tio de voſſa chegada à ſua
„ Corte, e trabalhareis por vos deſpedir della com
„ a mais brevidade, que puderdes, para que façais
„ menos detença em voſſo caminho a França, on-
„ de convém, que procureis por chegar com a
„ mais brevidade, e diligencia, que vos for poſ-
„ ſivel para bem dos effeitos, a que vos mando
„ àquelle Reyno, mormente naõ partindo vós
„ já agora daqui taõ cedo, como pareceo, que
„ foſſeis.

„ Tanto que embora chegardes à Corte de
„ França, e fallardes com Joaõ Gomes da Sylva,
„ do meu Conſelho, que nella reſide, com quem
„ pouzareis, e com cuja informaçaõ, e parecer
„ hey por meu ſerviço, que procedais em tudo
„ o que por eſta Inſtrucçaõ vos cometto pelas
„ couſas, que elle deve ter ſabido, de que vos
„ poderá advertir; fareis por ſua via ſabedor de
„ voſſa chegada a ElRey Chriſtianiſſimo, e à
„ Rainha Chriſtianiſſima ſua mãy, e o dia que
„ tiverdes licença ſua para ir ao Paço, o fareis,
„ e perante Joaõ Gomes da Sylva (que ſerá pre-
„ ſente a todos os officios, que fizerdes) dareis
„ a ElRey Chriſtianiſſimo a Carta minha, que
„ para elle levais, e lhe direis, como vos envio a
„ elle para o viſitardes de minha parte, e me ale-
„ grar com elle pela grande, e maravilhoſa mer-
„ ce, que Noſſo Senhor quiz fazer a ſeus Rey-
„ nos, e a toda a Chriſtandade em beneficio com-

„ mum

„ mum della na cousa mais principal de todas,
„ que he a conservaçaõ da nossa Santa Fé por
„ meyo delle Christianissimo Rey, que taõ claro
„ mostrou ao Mundo na santa, e honrosa deter-
„ minaçaõ, que tomou, executada com tanto ze-
„ lo da Fé contra os Hereges inimigos, e pertur-
„ badores della, e reveis à sua Coroa, que se já
„ naõ tivera o graõ titulo de Christianissimo, que
„ lhe ficou dos antigos Reys de França, a quem
„ Deos quiz, que fosse dado pelo muito que por
„ muitas vezes fizeraõ em materias da Fé, e em
„ beneficio da Igreja Catholica, o podera nova-
„ mente merecer agora para si, e para todos os
„ Reys seus successores, os quaes já agora fica-
„ ráõ herdando delle os louvores devidos a seu
„ grande merecimento por tamanha obra, e taõ
„ notavel effeito, para que o Deos tomou por
„ instrumento, e Ministro seu, em que ha tan-
„ tas cousas, que considerar, e tantas mais por-
„ que se devem dar perpetuas graças a Nosso Se-
„ nhor, que por mais, que o entendimento faça
„ em as particularisar, e o conhecimento dellas
„ em as receber todas da sua poderosa maõ, nun-
„ ca acabaráõ de chegar à correspondencia devi-
„ da a taõ grande merce, e Misericordia sua; e
„ que estando taõ certo ser o meu contentamen-
„ to nesta materia tamanho, como tambem he
„ grande a causa, podera escusar fazer nisso de-
„ monstrações, que bem se deve cuidar de mi,
„ que

„ que naõ pudera agora ſucceder no Mundo cou-
„ ſa, que mais me alegraſſe, que eſta, cujo effei-
„ to começou logo a prometter, e dar a certa
„ eſperança, que de cada vez ſe vay confirmando
„ mais de Noſſo Senhor querer reſtaurar as cou-
„ ſas, a que elle ſó podia dar remedio; e que me
„ acho taõ obrigado a elle Chriſtianiſſimo Rey,
„ por aſſim acudir pela honra de Deos, e pela ſua,
„ tratar com tanto zelo da obrigaçaõ, que a ella
„ tem, e acabadas com taes demonſtrações de de-
„ clarar como ſuas obras paſſadas neſta materia fo-
„ raõ endereçadas a eſte fim, e feitas com propo-
„ ſito de conſeguir, paſſando por todos os reſpei-
„ tos, e conſiderações humanas; que ſe me do-
„ brou agora o amor, que lhe ſempre tive, ven-
„ do a grande, e extraordinaria prudencia, com
„ que ſe governou em hum tamanho, e impor-
„ tantiſſimo negocio, que por ſer tal, ſe vê clara-
„ mente, que o conſelho, que nelle tomou, lhe
„ foy inſpirado por Deos, que ſó lho podia dar;
„ que eu o mandey logo entaõ viſitar por Joaõ
„ Gomes da Sylva, e darlhe por elle os parabens,
„ que ſe lhe deviaõ por eſta obra, que tanto tem
„ ſatisfeito, e hoje em dia alegra toda a Chriſtan-
„ dade, me pareceo, que tambem devia agora
„ mandar fazer eſte officio por vós, e para junta-
„ mente lhe ſignificardes (o que fareis quaõ en-
„ carecidamente poder ſer) a grandeza deſta taõ
„ maravilhoſa merce de Noſſo Senhor, que quiz,

„ que

„ que ſe executaſſe, e puzeſſe em effeito por elle
„ Chriſtianiſſimo Rey, e em dia taõ ſinalado co-
„ mo foy o de S. Bartholomeu, Veſpera do Bem-
„ aventurado Rey S. Luiz, de que elle deſcen-
„ de, a que Noſſo Senhor quiz que ſe juntaſſe pa-
„ ra mais gloria daquelle dia o milagre da arvo-
„ re ſeca, que nelle ſubitamente floreceo na meſ-
„ ma Cidade de Pariz; o muito que elle de ſua
„ parte fez neſta obra, para depois de Deos ficar
„ toda ſendo ſua; a ſingular prudencia, que nel-
„ la moſtrou; o grande ſegredo, e extraordina-
„ rio modo, com que procedeo por tanto eſpa-
„ ço de tempo; o ſofrimento, que teve; o riſ-
„ co, a que ſe aventurou de ſuas obras poderem
„ ſer julgadas no Mundo differentemente da ten-
„ çaõ, que nella tinha, por ſegurar o effeito, que
„ pertendia, que tanto importava; e que eſtas,
„ e outras couſas, que neſta materia houve, e
„ tenho por certo, que elle fez de ſua parte, lhe
„ deu tanto, e taõ grande merecimento nella, e
„ moſtraõ tanto o valor da ſua Real Peſſoa, que
„ me daõ occaſiaõ para vos mandar, que com
„ elle vos largueis muito mais neſta minha viſita-
„ çaõ; e perſuadido eu deſtes reſpeitos, do gran-
„ de amor, que lhe tenho, e da obrigaçaõ em
„ que de novo me poem; o modo de que o vejo
„ proceder, me movi ao offerecimento, que lhe
„ mandey fazer por Joaõ Gomes da Sylva com
„ aquella vontade, e amor, que deve haver, e he

„ razaõ,

„ razaõ, que haja entre Reys Christãos irmãos,
„ e taõ parentes, e amigos, e que tanta obriga-
„ çaõ tem a se ajudarem, e conformarem no que
„ cumpre à honra de Deos; e no fim desta pra-
„ ctica lhe dareis da minha parte os emboras pe-
„ la filha, que ora lhe Nosso Senhor deu, e que
„ prazerá a elle lhe dará os filhos, que deseja, e
„ espero que tenha, para bem da Coroa de seus
„ Reynos, e muy grande contentamento seu.

„ Depois disto lhe direis, que tendes outro
„ recado meu para elle, que lhe dareis em outro
„ dia, quando para isso vos der licença, ou logo
„ como elle mais quizer, e ficando isto em vós,
„ fareis o que naquella conjunçaõ vos melhor pa-
„ recer, segundo o tempo, e lugar em que en-
„ taõ vos achardes com ElRey Christianissimo,
„ e quando lhe assi fallardes, ora seja logo, ou
„ depois, lhe direis de minha parte, que como
„ irmaõ, que o tanto ama, e grandemente lhe
„ deseja prosperos successos nesta importantissima
„ empreza, que tem entre mãos, e em que tem
„ tanto feito, e cada dia faz mais, me pareceo
„ naõ diffirir para outro algum tempo, o que en-
„ tendo, que convém tratarse logo neste presen-
„ te, mormente segurando-me o amor, que en-
„ tre nós ha, e a qualidade das mesmas cousas,
„ que seraõ recebidas delle com a tençaõ com que
„ lhas lembro; e que supposto estes respeitos, e
„ razões, que me persuadem, e obrigaõ a fazer

„ com elle eſte officio, lhe faço lembrança de
„ quanto importa ao bem da Fé Catholica, e de
„ ſua Coroa, proſeguir o que tem feito, como
„ vay fazendo, e ſeguir a victoria com grande
„ preſſa, e arrancar de todo as raizes aos Here-
„ ges, por quaõ prejudicial ſeria a dilaçaõ neſte
„ caſo, da qual poderiaõ tornar a reſultar os ma-
„ les, e perturbações, que até agora houve em
„ ſeus Reynos, e que naõ deve conſentir nunca
„ mais andarem a par de ſi taes peſſoas, inda que
„ ſeja com taõ boa tençaõ, e reſpeito, como he
„ de crer, que elle tem em tudo, ſenaõ os que
„ forem Catholicos approvados, e de cuja chriſ-
„ tandade ſe tiver longa experiencia, e que pela
„ obrigaçaõ que tem a uſar da força, conſelho,
„ e authoridade, que lhe Noſſo Senhor deu em
„ huma taõ grande obra, qual tem feito, deve
„ querer ir nella mais avante, como pelos pro-
„ cedimentos, e circunſtancias da meſma obra ſe
„ vay entendendo, que a encaminha para a aca-
„ bar de todo, e lhe dar perfeito remate, e que
„ a eſte propoſito naõ poſſo deixar de tambem lhe
„ fazer lembrança, que deve ordenar como haja
„ em ſeus Reynos o Santo Officio da Inquiſiçaõ,
„ e ſe caſtigue rigoroſamente o caſo de Genebra,
„ taõ eſcandaloſo à Chriſtandade, e ſe ſatisfaça
„ em tudo iſto ao deſejo commum della pondo em
„ effeito couſas de que tanto merecimento ſe lhe
„ ſeguirá ante Deos; taõ grande louvor terá no

„ Mun-

,, Mundo, e que tanto o ajudaraõ tambem à con-
,, fervaçaõ temporal de feus Reynos; e pois efta
,, tamanha occafiaõ de que elle já tem dado à
,, execuçaõ, e effeito, até agora moftra que fe
,, póde emprender, e efperar tudo, o que for em
,, favor da Chriftandade, e em total deftruiçaõ
,, dos Hereges, inimigos, e perturbadores della,
,, deve tambem fazer por fua parte, o que for ne-
,, ceffario, como eu farey da minha parte fe re-
,, duzir o Reyno de Inglaterra, e tratar de todas
,, as mais coufas defta materia; e porém antes de
,, nella lhe fallardes, e lhe dardes efte meu fegun-
,, do recado, que fe contém nefte Capitulo, o
,, practicareis, e communicareis com Joaõ Go-
,, mes da Sylva, a que já efcrevi, a que come-
,, çaffe a fazer efte officio com ElRey Chriftia-
,, niffimo, e o difpuzeffe neftas coufas, e delle
,, fabereis como lhe foraõ recebidas, e tratareis
,, ambos do modo, que deveis ter nellas, as quaes
,, vos hey por muito encomendadas; e pois ve-
,, des a grande importancia defte negocio, e co-
,, mo para effeito delle principalmente vos man-
,, do a efta vifitaçaõ, para juntamente com ella
,, mifturardes eftas coufas, e fazerdes nellas de
,, minha parte com ElRey Chriftianiffimo efte taõ
,, devido officio, e trabalhardes por o deixar per-
,, fuadido para execuçaõ de tudo ifto, que tanto
,, importa para bem, e reformaçaõ da Chriftan-
,, dade, por certo tenho, que cumprireis quan-

„ to vos for possivel em todo este negocio a vossa obrigaçaõ, para que eu fique satisfeito do serviço, e espero, que nelle me façais; e por isso hey por escusado encomendarvolo mais encarecidamente, nem dizervos sobre isto mais palavras.

„ Tambem visitareis logo da minha parte as Christianissimas Rainhas minhas irmãas, e primas, e ao Duque de Anjù, dizendo-lhes por via de recado o que couber a cada hum do que vos aqui digo, e referindo-lhe o mais, que vos parecer, do que vos mando dizer a ElRey Christianissimo, e à Rainha sua mãy dareis minha Carta, e lhe engrandecereis a muita parte, que tem no conselho, determinaçaõ, e effeito de taõ grande, e notavel negocio, e com ella vos largareis nesta practica quanto o tempo vos der lugar, significando-lhe como todo o Mundo está cheyo do seu maravilhoso governo, e quanto espera o mesmo Mundo, e em especial os Principes Christãos, que ella faça agora, e ao diante, para augmento do que já tem feito nas cousas passadas, e vay fazendo nas presentes, e conservaçaõ dellas, e seguindo a sustancia do que vos mando por esta Instrucçaõ lhe direis todas as mais palavras, a que vos obrigar a practica, que com ella tiverdes nesta materia, de maneira, que entenda de vós por quaõ grande parte está havida neste negocio, o mui-

„ to

„ to, que tem feito nelle, e a quanto mais por isso
„ mesmo está obrigada assi pelo que deve a Deos,
„ (que he o principal respeito, que em tudo se
„ deve ter) como pela satisfaçaõ, que deve que-
„ rer dar de si ao Mundo, que della tem este con-
„ ceito. E ao Duque de Anjù fallareis quasi por
„ estes mesmos termos, e apoz isso lhe significa-
„ reis quaõ affeiçoado lhe sou, e fuy sempre por
„ suas obras serem de quem elle he, nas quaes se
„ tem bem visto com quaõ grande valor da sua
„ muita christandade, prudencia, e esforço tem
„ procedido nellas, e assi visitareis as Rainhas
„ Christianissimas pelo nascimento da neta, e fi-
„ lha, que lhe Nosso Senhor ora deu, e lhes da-
„ reis os parabens della de minha parte, e que
„ espero em Deos seja isto começo para outros
„ mayores contentamentos.

„ Tambem visitareis o Duque de Alençon,
„ irmaõ del Rey Christianissimo, e Madama Mar-
„ garida, e o Principe seu marido, estando elle
„ já em estado, que naõ devais ter duvida algu-
„ ma em o fazer, e sabendo primeiro, que o vi-
„ sitou o Marquez de Ayamonte por mandado do
„ Serenissimo Rey de Castella, meu tio, e pa-
„ recendo a vós, e a Joaõ Gomes, pelo que ti-
„ verdes entendido da materia, que ElRey Chris-
„ tianissimo, e a Rainha sua mãy receberaõ sa-
„ tisfaçaõ, e contentamento disso, e as palavras
„ destas tres visitações, seraõ, que lhes rogo, e
„ peço

„ peço affectuoſamente me mandem dizer como
„ eſtaõ, porque de ſer tambem como elles deſe-
„ jaõ, e eu queria, receberey muito contenta-
„ mento; e ao Principe dareis os emboras da pro-
„ fiſſaõ da Fé, que fez, ſignificando-lhe quanta
„ alegria com iſto tem dado a toda a Chriſtanda-
„ de, e a mi particularmente.

„ Trabalhareis por vos ver no Paço com o
„ Duque de Guiſa, e com o Duque de Aumale,
„ ſeu tio, e lhes direis da minha parte, que ſem-
„ pre lhes tive muito boa vontade por ſua chriſ-
„ tandade, lealdade, e esforço, e por em todos
„ os tempos (mormente naquelles em que ſua Ca-
„ ſa teve mais trabalho) moſtrarem o valor deſ-
„ tas ſuas qualidades, que ſempre empregaraõ no
„ ſerviço de Deos, no do ſeu Rey, e em bene-
„ ficio da patria, e agora muito mais neſte honro-
„ ſo feito, que o Chriſtianiſſimo Rey, meu irmaõ,
„ e primo, por elles mandou dar à execuçaõ, que
„ accreſcentou em mi eſta boa vontade, que lhes
„ tenho, que lhes ſempre moſtrarey em tudo o
„ que ſe offerecer como elles merecem por ſuas
„ obras, e por quem ſaõ; e que lhes rogo muito,
„ que lhes lembre, o que eu creyo, que lhes naõ
„ poderá nunca eſquecer, de quanto mais obriga-
„ çaõ tem agora a proſeguir, e que ſempre fize-
„ raõ, e a folgar de andar na Corte para eſte effei-
„ to, e para eſtarem mais perto delRey Chriſtia-
„ niſſimo, e do que cumprir a ſeu ſerviço, e eſtado.

„ Se

,, Se achardes ainda em França o Marquez
,, de Ayamonte, Enviado do Sereniſſimo Rey de
,, Caſtella, meu tio, communicarvoseis com elle
,, ſegundo vos parecer, e for neceſſario para bem
,, deſtas materias; e quando agora fallardes a El-
,, Rey meu tio, ſerá bem, que ſaiba iſto de vós.

,, Depois de terdes feitas eſtas viſitações,
,, e ſerdes deſpedido com a repoſta dellas, e do
,, mais que vos mando fazer por eſta Inſtrucçaõ,
,, vos vireis embora a mi, fazendo caminho di-
,, reito ſem nelle haver dilaçaõ.

CAPITULO XIX.

Intenta o Mogor a conquiſta de Damaõ, e naõ a podendo conſeguir, celebra pazes com o Eſtado. He livre do cerco Bracellor com grande eſtrago dos ſeus expugnadores.

96 PEla caviloſa induſtria de Itimicaõ, tutor de Sultaõ Mahamud, herdeiro do Reyno de Cambaya, ſe tinha ſenhoreado delle Gelalle Mamet Hecbar, Rey dos Mogores, privando da vida, e da Coroa a ſeu legitimo poſſuidor, e como as celebres Fortalezas de Baçaim, e Damaõ, conquiſtada eſta com tanta gloria por D. Conſtantino de Bragança, e aquella por Martim Affonſo de Souſa, eſtavaõ ſituadas

1572

Faria *Aſia Portug.* Tom. 2. Part. 3. cap. 12. §. 7. 8. e 9.

das no Continente de que o Mogor tinha cingido a Coroa, se empenhou a conquistar primeiramente a Damaõ, para que aquelles Portuguezes, que a guarneciaõ, lhe naõ alterassem a quietaçaõ do seu dominio. Para se resistir a esta premeditada invasaõ, avisou promptamente D. Luiz de Almeida, Capitaõ da Fortaleza, ao Vice-Rey, o qual vencidos todos os obstaculos, sahio de Goa com cinco galeões, nove galés, oito galeotas, e noventa fustas, e com este naval apparato occupou a barra, e rio de Damaõ, de cuja vista consternado o Mogor, ainda que tinha igual poder, se resolveo a pedir paz, do que experimentar os fataes effeitos do furor Portuguez. Com soberbo fausto foy recebido o seu Embaixador pelo Vice-Rey, cuja galé estava cuberta de preciosos panos, e coroada de varios galhardetes, quando ao mesmo tempo huma horrorosa descarga de artilharia de toda a Armada fazia a funçaõ mais plausivel. Ouvio com severo semblante o Vice-Rey a proposta do Mogor, em que lhe offerecia perpetua amisade com o Estado, a cuja supplica respondeo por Antonio Cabral, dotado de igual authoridade, que talento, que aceitava a condiçaõ, e se celebrou a paz com jubilo de huma, e outra parte. Restituido o Vice-Rey a Goa, mandou o Mogor, para se estabelecer no throno de Cambaya, cortar a cabeça a Itimicaõ, que fora o perfido author de que a elle subisse,

Sahe o Vice-Rey com grande apparato naval contra o Mogor.

Pede o Mogor pazes, e se lhe concedem.

ſubiſſe, pagando com hum ſó golpe os abominaveis crimes de tyranno, e traidor.

97 Naõ podiaõ os moradores de Bracellor tolerar a Fortaleza, que havia tres annos tinha fundado o grande D. Luiz de Ataide, por ſer duro freyo das ſuas liberdades, e reſolutos à ſua conquiſta, a ſitiaraõ com ſeis mil homens. Era Capitaõ da Fortaleza Ruy Gonçalves da Camera, que aviſando ao Vice-Rey do intento dos inimigos, ſe diſpoz com valor, e diſciplina à ſua defenſa. Foy promptamente ſoccorrido com duas Armadas, conſtando a primeira de cinco fuſtas, e a ſegunda de doze, ſendo deſta Capitaõ mór D. Jorge de Menezes, que antes de chegar a Bracellor, derrotou ao Nayque de Sanguicer, e tomou huma náo de Meca. Quando chegou a Bracellor, já eſtava livre da oppreſſaõ dos inimigos, que confuſos largaraõ o ſitio vendo o ſoccorro, que lhe chegava na grande Armada.

Bracellor livre do ſitio.

98 Navegava para o Norte D. Henrique de Menezes, capitaneando huma galé, e ſete fuſtas, em que hiaõ Manoel Maſcarenhas, Fernando de Souſa Coutinho, Gonçalo Guedes de Roboredo, Vicente Carvalho, Manoel de Lima, Alvaro Peixoto, e Martim de Aguiar, quando nas Ilhas de Angerola, diſtante oito legoas de Chaul, renderaõ valeroſamente duas alteroſas náos do Idalcaõ; porém aſſaltados de huma improviſa tormenta, as eſpalhou de ſorte, que D. Henrique de

Infortunio, que padeceo D. Henrique de Menezes com outros Capitães.

Menezes ſahio derrotado à praya, onde perdeo a liberdade, e ſeus companheiros cahiraõ nas mãos dos Malavares, a quem ſe entregaraõ a partido pelo indiſcreto arrojo de Manoel Maſcarenhas, que lhe cuſtou a vida, e de Fernando de Souſa Coutinho. D. Henrique de Menezes com os outros Portuguezes foraõ prezos na Fortaleza de Bilgaõ, donde ſahiraõ com grande repugnancia do Idalcaõ, altamente offendido do procedimento, que ſe tinha uſado com os ſeus vaſſallos.

CAPITULO XX.

Diſcorre D. Sebaſtiaõ por diverſos lugares do Alentejo, onde recebe a infauſta noticia da morte de ſua mãy a Sereniſſima Princeza D. Joanna de Auſtria, de cujas virtuoſas acções ſe faz hum breve elogio.

1573

Diſcorre ElRey por diverſos lugares do Alentejo.

99 O Inquieto animo delRey D. Sebaſtiaõ naõ permittia, que aſſiſtiſſe muito tempo em huma parte, buſcando em continuas jornadas por todo o Reyno deſafogo às ſuas idéas, que ſempre o eſtimulavaõ a novas emprezas. Deixada a Corte de Lisboa, paſſou a Evora, onde depois de aſſiſtir com ſeus tios D. Henrique, e D. Duarte a hum Auto da Fé, que ſe celebrou a 14 de Dezembro do anno paſſado, em que foraõ relaxados

laxados à Justiça Secular dezasete pessoas, estando no theatro o Alferes mór D. Luiz de Menezes com o estoque desembainhado, com que se significava ser ElRey Defensor da Fé, sahio de Evora a 2 de Janeiro deste anno de 1573, com intento de fortificar os pórtos maritimos contra a invasaõ dos Mouros. Formava-se a sua comitiva do Senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro D. Jorge de Lencastre, D. Pedro Diniz de Lencastre, seu irmaõ, o Conde de Vimioso D. Affonso de Portugal, com dous filhos, D. Diogo da Sylveira, Conde de Sortelha, Guarda mór del-Rey, D. Alvaro de Castro, D. Martim Pereira, Védor da Fazenda, Francisco de Tavora, Reposteiro mór, D. Luiz de Menezes, Alferes mór, Filippe de Aguilar, Védor da Casa Real, Sancho de Tovar, que servia de Monteiro mór, Balthazar de Faria, Almotace mór, D. Martinho de Sousa, D. Joaõ de Castro, Joaõ Gonçalves da Camera, D. Joaõ da Sylveira, Christovaõ de Tavora, e Pedro Guedes, com os Secretarios Manoel Quaresma, e Miguel de Moura. Os Moços Fidalgos eraõ D. Alvaro da Sylva, que servia do pendaõ, D. Luiz, seu irmaõ, D. Alvaro, e D. Joaõ de Castro, D. Lucas, e D. Joaõ de Portugal, filhos do Estribeiro mór D. Francisco de Portugal, que hum servia com a mala, e o outro com a caldeirinha, e D. Alvaro da Sylveira, filho de D. Diogo da Sylveira, Conde de

Sortelha. A primeira Cidade, que ElRey viſitou, foy Béja, onde entre as publicas demonſtrações de jubilo, com que ſe ſolemnizou a ſua entrada, ſe diſtinguio hum combate de touros, com as pontas ſerradas, como ordenara Gregorio XIII. cujo barbaro exercicio tinha ſeveramente prohibido ſeu anteceſſor S. Pio V. Chegando ao Campo de Ourique, glorioſo Solàr deſta Monarchia, onde o Supremo Arbitro dos Imperios deu a ſua inveſtidura ao Principe D. Affonſo, eſtranhou, que em gratificaçaõ de taõ admiravel beneficio ſe naõ tiveſſe levantado algum monumento, em que eternamente permaneceſſe gravada a ſua memoria: e para emendar taõ ingrato deſcuido, mandou erigir hum nobiliſſimo arco, em cujos marmores ſe abrio a ſeguinte Inſcripçaõ, compoſta à ordem do meſmo Monarca pelo inſigne antiquario André de Rezende.

Manda levantar hum arco com Inſcripçaõ em o Campo de Ourique.

Rezende de *Antiq. Luſit.* lib. IV.

Heic contra Iſmarium, quattuorque alios Saracenorum Reges, innumeramque barbarorum multitudinem pugnaturus felix Alphonſus Henricus ab exercitu primus Luſit. Rex adpellatus eſt. & à Chriſto, qui ei crucifixus adparuit ad fortiter agendum commonitus. Copiis exiguis tantam hoſtium ſtragem edidit, ut Cob ris, ac Tergis fluviorum confluentes cruore inundarint. ingentis, ac ſtupendæ rei. ne in loco ubi geſta eſt.

eſt. per infrequentiam obſoleſceret. Sebaſtianus I Luſit. Rex bellicæ virtutis admirator. & maiorum ſuorum gloriæ propagator erecto titulo memoriam renovavit.

100 De Ourique paſſou ElRey a Lagos, onde os ſeus moradores lhe celebraraõ o ſeu dia natalicio com hum combate de touros, e em recompenſa deſte applauſo elevou Lagos de Villa a Cidade. Entrou em Mertola, e querendo abbreviar o caminho, paſſou por Cheles, onde intentando os Caſtelhanos recebello com pallio, naõ aceitou eſte obſequio. De Serpa foy a Villa-Viçoſa, e na Tapada dos Sereniſſimos Duques de Bragança, ſe divertio na caça, como viva imagem da guerra, para onde propendia naturalmente o ſeu genio. Reſtituido a Evora em 14 de Fevereiro, mandou receber fóra dos muros pelo Arcebiſpo D. Joaõ de Mello a D. Bernardo Marini, Arcebiſpo Lauciano, e Nuncio Apoſtolico em Caſtella, que vinha por Embaixador de Gregorio XIII. a perſuadir a Liga contra o Turco, que naõ teve effeito. Chegou o Embaixador a 19 de Fevereiro, e foy conduzido pelo Metropolitano de Evora, e todo o Clero ao Palacio, em que eſtava ElRey com o Cardeal Infante, e no Domingo ſeguinte aſſiſtio na Cathedral à Miſſa ſolemne.

Hiſt. dos Var. de Apellid. de Tavor. pag. 295.

Souſa *Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* Tom. 6, liv. 6. pag. 141.

He recebido em Evora D. Bernardo Marini, Embaixador de Gregorio XIII.

101 De Evora paſſou ElRey a Lisboa pela poſta, para viſitar a Rainha ſua avó, que com a pre-

presença do neto mitigou as suas saudades. Brevemente se restituio D. Sebastiaõ a Evora, onde em o primeiro de Mayo houve hum festivo combate de touros, a que sahiraõ ElRey, o Senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro, o Conde do Vimioso, o Conde da Vidigueira, Bernaldim de Tavora, e D. Diogo de Sousa. Repetio-se este combate em o dia de Corpo de Deos, sendo os mantedenores, por ordem delRey, Fernaõ da Sylva, Gonçalo de Sousa, e Vasco da Sylveira. Mais plausivel foy a contenda, que se representou na Horta do Palacio, em que entraraõ quinze mancebos casados, e quinze solteiros, de que eraõ mantedenores o Alferes mór D. Luiz de Menezes, e D. Fernando de Noronha, depois Conde de Linhares. Ultimamente sahio ElRey ao campo a tornear com o Senhor D. Duarte, que o fez com igual valor, que destreza.

102 Segunda vez visitou ElRey ao Algarve, já quando estava no fim o mez de Julho, por onde discorreo até Setembro, e recebendo em a Cidade de Lagos a infausta noticia da morte de sua mãy a Serenissima Princeza D. Joanna de Austria, se recolheo ao Mosteiro do Cabo de S. Vicente, de Religiosos Capuchos, taõ penetrado de sentimento, que cedeo a soberania da magestade à ternura do coraçaõ. Tanto que chegou a Lisboa, mandou celebrar solemnes Exequias à memoria de taõ esclarecida Princeza em o Real Convento

Recebe ElRey a noticia da morte de sua mãy, e lhe manda celebrar Exequias no Convento de Belem.

vento

vento de Belem, e no fim recitou o Panegyrico Funebre o Doutor Antonio Pinheiro, cuja eloquente facundia era naquelle tempo geralmente applaudida. Semelhante obſequio lhe dedicou a Univerſidade de Coimbra em 19, e 20 de Novembro, para o qual ſervio hum precioſo Pontifical, que a Rainha D. Catharina mandara fazer para o Anniverſario de ſeu eſpoſo D. Joaõ o III., e por naõ eſtar ainda acabado, ſe preparou com ſumma brevidade para eſta funçaõ. Nas Veſperas orou na Capella da Univerſidade o Doutor Fr. Franciſco de Chriſto, Eremita de Santo Agoſtinho, Lente de Theologia. Cantou a Miſſa o Reytor D. Jeronymo de Menezes, ſendo Diacono Fr. Agoſtinho da Trindade, Lente de Theologia, Eremita Auguſtiniano; e Subdiacono Luiz de Caſtro Pacheco, Lente dos ſagrados Canones. Prégou Fr. Martinho Ledeſma, da Ordem dos Prégadores, e Lente de Prima de Theologia, reduzindo a hum breve mappa as virtuoſas acções da Princeza D. Joanna, das quaes em obſequio da ſua memoria ſe fórma o ſeguinte elogio.

A Univerſidade de Coimbra lhe dedicou o meſmo obſequio.

103 A imperial Villa de Madrid ſe gloriou de ſer o feliz berço deſta Sereniſſima Princeza, onde ornada dos influxos da graça, e dotes da natureza, ſahio ao Mundo a 23 de Junho de 1536, de cujo nome foy precurſor o dia do grande Baptiſta, que em ſeu obſequio lhe foy impoſto na fonte baptiſmal. Na ſoberana eſcola de ſeus auguſtiſſimos

Elogio da Sereniſſima D. Joanna de Auſtria.

gustissimos pays Carlos V., e a Emperatriz D. Isabel, filha do nosso Monarca D. Manoel, aprendeo os documentos da mais solida virtude, pela qual mereceo ser pertendida para esposa dos mayores Principes, cuja felicidade destinou a Providencia para seu primo o Principe D. Joaõ, filho dos nossos Reys D. Joaõ o III., e D. Catharina, recebendo as benções nupciaes da maõ do Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, a 7 de Dezembro de 1552, na Cathedral da mesma Cidade. Naõ era passado muito tempo da celebraçaõ deste desposorio, quando deu evidentes sinaes de ter concebido, e sendo esta noticia applaudida em todo o Reyno, se converteo tragicamente em a fatalidade de ser despojada de seu amado consorte pela violencia da morte, a 2 de Janeiro de 1554, na florente idade de dezasete annos. Este fatal golpe, que altamente lhe penetrou o coraçaõ, foy instrumento, para que resignada em a Divina vontade venerasse os inscrutaveis segredos da Providencia, que compadecida das ardentes supplicas dos Portuguezes, permittio, que no fim de dezoito dias deste tragico successo renascessem com excessivo jubilo as esperanças da successaõ desta Monarchia, estabelecidas na pessoa delRey D. Sebastiaõ, que deu à luz publica em o dia dedicado a este heroico Athleta da Igreja Catholica.

Ante-

104 Antepondo a vontade de ſeu irmaõ Filippe Prudente ao amor maternal, deixou o filho, em que eſtava fundada a conſervaçaõ deſta Coroa, partindo a 17 de Mayo para Caſtella, ſendo conduzida por huma numeroſa, e illuſtre comitiva, entre a qual ſe diſtinguiaõ o Infante D. Luiz, e o Duque de Bragança. Tanto que chegou a Alcantara, a recebeo com amoroſas expreſſoens Filippe Prudente, e a nomeou Regente da Monarchia Caſtelhana, em quanto partia para Inglaterra deſpoſarſe com a Rainha D. Maria, herdeira daquella Coroa. Na adminiſtraçaõ de lugar taõ ſupremo deu claros argumentos da ſua madura prudencia, e perſpicaz juizo, naõ permittindo, que houveſſe merecimento ſem premio, como crime ſem caſtigo. Lembrada da caduca gloria, que experimentara em o eſtado conjugal, fugia de todos os divertimentos, que podiaõ liſongearlhe os olhos, de cujo ſevero recato ſendo amoroſamente advertida pelo Emperador ſeu pay, e ſeu irmaõ ElRey de Caſtella, moderou em obſequio do ſeu reſpeito o exceſſo, com que ſe mortificava. Querendo ſantificar as copioſas rendas, que poſſuia, fundou em Madrid o Convento das Religioſas Deſcalças da penitente Familia do Serafim Humano, onde ſe obſerva exactamente o ſeu primitivo Inſtituto, a cujo Clauſtro ſe retirou ſua irmãa a Emperatriz D. Maria, e profeſſou ſua ſobrinha D. Margarida a Se-

Santos *Hiſt. Sebaſt.* liv. 1. cap. 2.

rafica Regra, renaſcendo das cinzas do ſayal ſoberana Fenix à vida da graça. Ainda que alcançara faculdade de S. Pio V. para que eſte Moſteiro ſe ſuſtentaſſe com rendas perpetuas, eſcrupuloſa de que ſe violaſſe a pobreza Serafica, as converteo em precioſos ornatos do Templo, e dos Altares, como tambem em o numero de Miniſtros, ordenando treze Capellães em memoria do Collegio Apoſtolico, a que preſide hum com o titulo de Capellaõ mór, dos quaes muitos tem illuſtrado varias Cathedraes com exemplares acções. Naõ ſe limitou a ſua ardente piedade a eſte edificio, pois junto delle erigio a Caſa da Miſericordia, ſemelhante à que vira em Portugal, onde deixou grandes dotes para vinte orfãs; quinze naturaes de Madrid, e cinco de Lisboa. Inſtituhio huma Cadeira de Theologia Moral em o Collegio da Companhia de Jesus de Madrid, e fundou hum Collegio em Alcalá para os Eremitas de Santo Agoſtinho. Tanto ſe abrazava no zelo da converſaõ da gentilidade, que para ſua inſtrucçaõ deixou quinhentos mil reis de juro annual aos Conventos de Santo Eſtevaõ de Salamanca, e de Coimbra, da Ordem dos Prégadores, para que foſſem promulgar o Evangelho em ambas as Indias, e deſde o berço do Sol até o Ocaſo foſſe adorado, e conhecido o Creador do Univerſo.

105 Naõ era poderoſa a diſtancia, em que vivia

vivia de ſeu filho D. Sebaſtiaõ, para que deixaſ-ſe de continuamente o inſtruir com ſolidos documentos, dictados pelo ſeu prudente juizo, e amor maternal, advertindo-o em huns a moderar os exceſſos da idade juvenil, e em outros a deſpoſarſe com huma conſorte digna da ſua auguſta peſſoa; e poſto que eſtas ſaudaveis exhortações eraõ infructuoſas, as repetia por diverſas Cartas, em que fielmente copiava a ternura do ſeu coraçaõ, e a madureza do ſeu juizo. Foy fervoroſa cultora da Virgem Santiſſima, coroando-a quotidianamente com as myſterioſas flores do ſeu Roſario. Naõ era menos ardente a devoçaõ do grande Baptiſta, de quem recebera o nome, e do invicto Martyr S. Sebaſtiaõ, em cujo dia dera à luz do Mundo hum Principe taõ ſuſpirado pelos votos de toda eſta Monarchia, levantando a cada hum deſtes dous Heroes da Santidade ſeu Altar, que ſervem de collateraes em a Igreja onde recebeo a primeira graça. Acomettida da ultima enfermidade em o Real Convento do Eſcurial a 28 de Agoſto ſe preparou com actos catholicos para a morte, e recebidos os Sacramentos eſpirou placidamente a 8 de Setembro deſte anno de 1573, quando contava trinta e oito annos de idade, e muitos ſeculos de virtude. Conduzido o cadaver ao Convento, que em Madrid fundara, ſe collocou em hum Mauſoléo fabricado de jaſpe, e na parte ſuperior a ſua figura retratada

Cabrera *Hiſt. de Filippe II.* liv. 10. cap. 14.

ao natural, e por epitafio ſe lhe gravaraõ as ſeguintes palavras, que igualmente repreſentaõ a ſublimidade do ſeu eſpirito, como o caracter da ſua Peſſoa.

D. O. M
Joanna virtutis exemplar
Caroli V; & Iſabellæ auguſtæ
Filia
Joannis Luſitanorum Principis uxor;
Sebaſtiani Regis Mater
H. S. E
Obiit anno M.D.LXXIII *ætatis ſuæ*
XXXVIII.

CAPITULO XXI.

Promulga ElRey D. Sebaſtiaõ novos Eſtatutos ſobre a diſtribuiçaõ das Commendas das Ordens Militares. Celebra Capitulo da Ordem Militar de Chriſto; e recebe de Gregorio XIII. huma Setta com que foy martyrizado S. Sebaſtiaõ.

1573

106 A Natural inclinaçaõ, que deſde a puericia teve ElRey D. Sebaſtiaõ para conquiſtar Africa, e ſometer ao ſuave jugo do Evangelho a ſeus barbaros habitadores, ſe augmentava com o progreſſo da idade, meditando os meyos mais efficazes para conſeguir fim taõ deſejado.

ſejado. Conhecendo que o intento de ſeus reaes predeceſſores, quando inſtituiraõ as Ordens Militares fora para debellar os inimigos da Cruz de Chriſto, e que pelo decurſo dos annos ſe tinha abuzado da ſua primitiva inſtituiçaõ, dandoſe as Commendas a muitos, que entorpecidos no ocio da Corte nunca empunharaõ a eſpada, ou brandiraõ a lança contra os ſequazes de Mafoma, ſe reſolveo a reformar com Eſtatutos novos as Tres Ordens Militares, e para nobre eſtimulo dos novos Cavalleiros, a quem diſpunha dar o Habito conforme a ſua idéa, determinou accreſcentar em os das ditas Ordens huma Setta, em memoria de ſer o inſtrumento, com que foy martyrizado S. Sebaſtiaõ, a cujo Heroe devia o nome, e a protecçaõ. Deſte devoto penſamento fez participante a S. Pio V. que com terniſſimas expreſſoens lhe louvou o ſeu zelo, eſtranhando a culpavel inercia dos Cavalleiros, que contra o ſeu Inſtituto naõ ſahiaõ a caſtigar, e opprimir a inſolencia dos barbaros, que infeſtavaõ o Mediterraneo, de que eraõ laſtimoſas conſequencias os cativeiros de innumeraveis Chriſtãos, que gemiaõ em as maſmorras de Africa. A Bulla com que o Summo Pontifice deferio à ſupplica do noſſo Principe, foy expedida a 23 de Agoſto de 1571, a qual começa: *Ad regiæ Majeſtatis faſtigium*, ſendo a clauſula, que pertencia a collocar a Setta em os Habitos das Tres Ordens a ſeguinte: *Sed ut ſigni differentia*

Intenta ElRey accreſcentar huma Setta aos Habitos das Tres Ordens Militares.

Carvalho *de Ord. Milit. Enucl.* 2. Comprob. 6. pag. 219.

tia Militum animos ad fortiter faciendum vehementius accendat, prædicto Sebaſtiano Regi; & Adminiſtratori indulgemus, ut in memoriam B. Sebaſtiani Martyris, cujus feſto natalis ipſius dies accidit, ipſe Sebaſtianus Rex unam ſagittam veteri Militum inſigni addere; atque ita componere poſſit, ut aliter, qui reſidentiæ ſuæ tempus non expleverint, aliter vero, qui illud abſolverint, dictam ſagittam ferant.

Promulga ElRey novos Eſtatutos para as Ordens Militares.

107 Para que exactamente ſe obſervaſſe tudo quanto ſe diſpunha na Bulla, promulgou ElRey novos Eſtatutos, taõ conformes a ella, que parecia animava o meſmo zelo ao noſſo Principe, que ao Summo Pontifice em a reforma das Ordens Militares, os quaes em beneficio da curioſidade tranſcrevemos.

„ D. Sebaſtiaõ per graça de Deos Rey de „ Portugal, & dos Algarves dáquem, & dalém „ mar em Africa, Senhor de Guiné, & da Con„ quiſta navegaçaõ, Commercio de Ethiopia, „ Arabia, Perſia, & da India, &c. Como Go„ vernador, & perpetuo Adminiſtrador, que ſou „ das Tres Ordens Militares de noſſo Senhor Je„ ſu Chriſto, Santiago, & Aviz, faço ſaber aos „ que eſtes Eſtatutos, & Regimentos virem, que „ conſiderando como todas as ditas Tres Ordens, „ aſſi a de Chriſto, que ſocedeo dos Templarios, „ como as de Santiago, & Aviz, que ſaõ mais „ antiguas, foraõ fundadas, e inſtituidas pelos „ Summos Pontifices, ſegundo conſta das Bullas

„ de

,, de ſuas fundaçoens, para os Cavalleiros dellas
,, pelejarem continuamente em defenſaõ da Fé,
,, & do Reyno contra Mouros, & Infieis, que
,, entaõ eſtavaõ ſenhores da môr parte de Heſpa-
,, nha, & dos Reynos de Portugal, & dos Al-
,, garves; os quais para cumprirem iſto melhor
,, viviaõ juntos em Conventos como muros, &
,, amparo, que eraõ do Reyno, naõ ſómente de-
,, fendendo o ganhado, mas ganhando tambem de
,, novo terras, & Lugares, até que lançando os
,, Mouros de Heſpanha, com a longa paz, & fal-
,, ta do exercicio militar, que dantes tinhaõ taõ
,, continuos foraõ desfazendo os Conventos, &
,, ficaraõ nelles ſómente os Freires, que ſe criaõ
,, para Sacerdotes; & os Cavalleiros das Ordens
,, de Santiago, & Aviz pouco a pouco ſe foraõ
,, havendo por livres, e eſcuſos de pelejar, como
,, de feito agora naõ pelejaõ; & conſiderando
,, tambem que as rendas das ditas Tres Ordens
,, pela mayor parte ſaõ de Beneficios, & frutos
,, Eccleſiaſticos, os quais os Summos Pontifices
,, tiráraõ às Igrejas, & Miniſtros dellas, & do
,, Culto Divino, & dotaraõ-nos aos Cavalleiros
,, por ſe entender que pelejando elles continua-
,, mente pela Fé, que lhe podiaõ fazer os Miniſ-
,, tros Eccleſiaſticos, cujas as ditas rendas eraõ;
,, com a qual obrigaçaõ as ditas Ordens ſegundo
,, o eſtado, em que eſtaõ, em grande parte naõ
,, cumprem; porque nem os Commendadores de

,, San-

,, Santiago, nem os de Aviz ſervem já na guerra
,, por bem de ſuas Commendas, ſendo muitas
,, dellas de grande rendimento; nem os Commen-
,, dadores da Ordem de Chriſto, que tem as Com-
,, mendas, a que commummente chamaõ velhas,
,, que ſaõ as principaes, & de maior rendimen-
,, to, & ſómente ſervem os que tem as Commen-
,, das novas, que pelo Papa Leaõ Decimo foraõ
,, concedidas a ElRey D. Manoel meu viſavô,
,, que Santa Gloria haja; & vendo outroſi a obri-
,, gaçaõ, que como Governador, & perpetuo
,, Adminiſtrador das ditas Ordens tenho de as re-
,, formar, & reduzir quanto em mim for a ſeu
,, antiguo, & verdadeiro eſtado, & tirar as abu-
,, ſoens, que nellas pelo tempo ſe foraõ introdu-
,, zindo; & principalmente neſtes tempos, em
,, que a dita reformaçaõ naõ ſómente he neceſſa-
,, ria pera os Commendadores della ſe reduzirem
,, à ſua antigua inſtituiçaõ, & coſtume, & cum-
,, prirem com as obrigaçoens de ſuas Ordens, &
,, Habitos, & pera ſe juſtificar taõ larga conceſ-
,, ſaõ de rendas Eccleſiaſticas; mas tambem pera
,, defenſaõ deſtes Reynos de Portugal, & dos Al-
,, garves, & ſegurança dos Lugares, que os Reys
,, meus antepaſſados ganharaõ em Africa, & pe-
,, la conſideraçaõ dos hereges, & pelo poder do
,, Xariſe inimigo veſinho, & fronteiro dos ditos
,, lugares de Africa, ſeja taõ grande por mar, &
,, por terra, que com muita rezaõ ſe póde arre-

,, cear;

„ cear; que ſaõ todas couſas taõ urgentes, que
„ ainda que as ditas Ordens naõ foraõ inſtituidas,
„ como ſaõ, pera fazerem guerra aos Mouros,
„ & pera defenſaõ deſtes Reynos, ſe puderá pe-
„ dir com muita rezaõ ao Santo Padre que de no-
„ vo lhes puzeſſe eſta obrigaçaõ. Por eſtes reſ-
„ peitos, & por outros de muita importancia,
„ como Governador, & perpetuo Adminiſtrador
„ das ditas Ordens Militares, determiney de en-
„ tender na reformaçaõ de todas ellas; mas por-
„ que pera eſta reformaçaõ ſe fazer como con-
„ vem, era neceſſario autoridade, juriſdicçaõ,
„ & póder do Santo P. Pio V. ora na Igreja de
„ Deos Preſidente, mormente ſegundo deſte ne-
„ gocio taõ importante lhe foy dada primeira re-
„ laçaõ, & enformaçaõ, para que interpuzeſſe
„ ſua autoridade, ſuppriſſe, & aſſi acentaſſe o que
„ foſſe neceſſario; & Sua Santidade paſſou ſobre
„ iſſo huma Bulla, porque revoga, & extingue
„ os privilegios, exempçóes, diſpenſaçóes, &
„ indultos de todas as ditas Tres Ordens Milita-
„ res, & dos Commendadores, & Cavalleiros
„ dellas, & todos os coſtumes, eſtatutos, decla-
„ raçóes, & decretos, & quaiſquer outras cou-
„ ſas, que poſſaõ impedir o effeito deſta reforma-
„ çaõ, como mais largamente na dita Bulla ſe
„ contém, por virtude da qual ordeno, & man-
„ do as couſas ſeguintes.

„ Primeiramente ordeno, que daqui em

„ diante ſe naõ lance o Habito Regular de qual-
„ quer das ditas Ordens a peſſoa alguma, ſenaõ
„ aos que tiverem primeiro ſervido na guerra de
„ Africa tres annos continuos; ou aos que tendo
„ ſervido na India, pelo menos o dito tempo de
„ tres annos tiverem feito ſerviços taõ notaveis,
„ que me pareça que o merecem; nem ſejaõ ad-
„ mittidos ao ſerviço, & merecimento de Habi-
„ to, ou Commendas, ſenaõ os que forem ao
„ menos de dezoito annos cumpridos, & tiverem
„ diſpoſiçaõ pera ſervir na guerra, & as mais qua-
„ lidades, que ſe requerem conforme as Diffini-
„ çoens, & Eſtatutos ſobre iſſo feitos; que naõ
„ tenhaõ raça de Mouro, nem de Judeu, nem
„ ſejaõ filhos, nem netos de official macanico;
„ & provando hum que ſervio em Africa o dito
„ tempo de tres annos continuos, & que tem as
„ qualidades acima ditas, ſerá admittido ao Ha-
„ bito da Ordem, & Milicia, que eſcolher, &
„ ſerá havido por idonio pera poder alcançar
„ Commenda quando lhe couber ſem ſer neceſſa-
„ ria ſobre iſſo outra alguma determinaçaõ, ou
„ carta minha.

„ No dar das Commendas daqui em dian-
„ te ſe guardará eſta ordem: as que renderem
„ cem mil reis forros dos encargos velhos, & por-
„ çaõ do Reytor, & dahi pera baixo ſe naõ pro-
„ veraõ por antiguidade de tempo, ſenaõ por nu-
„ mero de homens, que tem de cavallo, de ma-
„ neira,

„ neira, que ſe dem à aquelles, que quando va-
„ gar a Commenda conſtar que tem ſervido com
„ mais homens de cavallo, contando os homens
„ de cavallo de todo o tempo de ſua reſidencia
„ em Africa com tal declaraçaõ, que ſe naõ con-
„ te por homem de cavallo ſenaõ o que for de
„ dezoito annos cumpridos, como acima he di-
„ to; & pera ſe ſervirem, & vencerem as Com-
„ mendas deſta ſorte, baſtará provarem os ſobre-
„ ditos que tem as qualidades, que ſe requerem,
„ ſem ſerem neceſſarias cartas minhas, como até-
„ gora ſe coſtumava.

„ E por quanto muitas peſſoas de nobre ge-
„ raçaõ, & que na guerra podem fazer muito
„ ſerviço, ſaõ taõ pobres, que naõ poderáõ ſuſ-
„ tentar o numero de homens de cavallo, que
„ lhes ſeraõ neceſſarios para poderem ſer provi-
„ dos, ou o ſeraõ mais tarde do que convem;
„ as Commendas, que paſſarem de cento até du-
„ zentos mil reis de renda *incluſivè*, naõ ſe pro-
„ veraõ por numero de homens de cavallo, co-
„ mo as de cem mil reis para baixo; mas por an-
„ tiguidade no ſerviço da guerra, de maneira,
„ que ſejaõ admittidos a ellas, & preferidos os
„ que quando vagarem as tais Commendas, juſ-
„ tificarem que tem ſervido na guerra mais tem-
„ po; e pera ſervir eſtas Commendas naõ ſerá ad-
„ mittida peſſoa alguma ſenaõ per carta minha em
„ fórma, como atégora ſe acuſtumou; & além

„ diſſo ſervido com hum homem de cavallo ao
„ menos além do cavallo de ſua peſſoa ; mas con-
„ correndo dous , ou mais , ſerá preferido aquel-
„ le, que conſtar que ſervio com mayor numero
„ de homens de cavallo , de maneira que acima
„ fica declarado.

„ As outras Commendas , que paſſarem de
„ duzentos mil reis forros , & da maneira acima
„ dita , naõ as ſerviraõ , nem proveráõ ſenaõ por
„ numero de homens de cavallo , & por cartas
„ minhas em fórma, que os que ſervirem as tais
„ Commendas de duzentos mil reis pera cima ,
„ vagando alguma outra de mayor quantia, po-
„ deraõ , ſe quizerem , ſer providos della , ou por
„ numero de homens de cavallo , ou por antigui-
„ dade de ſerviço, ſegundo a differença da Com-
„ menda ; & da meſma maneira os que per car-
„ tas minhas ſervirem Commendas de cem mil reis
„ até duzentos , poderáõ ſer providos de outra
„ Commenda de mayor quantia , ſe vagar ; mas
„ no ſerviço de Commendas de qualquer quantia,
„ & de qualquer das Ordens , naõ ſe contaráõ a
„ peſſoa alguma , ſenaõ ſómente os homens de
„ cavallo, com que ſervir à ſua cuſta, & naõ da
„ minha fazenda.

„ Os que ſervirem Commendas por cartas
„ minhas ſeraõ obrigados a ſervir em Africa por
„ tempo de cinco annos inteiros , contando to-
„ do tempo depois que começarem a ſervir ; &
„ os

,, os que houverem de ſer providos de Commen-
,, das de oitocentos mil reis pera cima ſerviraõ
,, mais hum anno, de maneira que ſejaõ ſeis; &
,, os outros que naõ ſervirem por cartas minhas
,, ſerviráõ tambem por tempo de ſeis annos intei-
,, ros; o qual tempo acabado, aſſim huns, como
,, outros ficaráõ deſobrigados da tal reſidencia:
,, mas os que forem reſidentes em Africa, & ſer-
,, virem depois de acabado ſeu tempo ſeraõ prefe-
,, ridos auſentes *cæteris paribus* pera effeito de ſe-
,, rem providos de Commendas, ou melhorados,
,, ou por numero de homens de cavallo, ou per
,, antiguidade do tempo, como acima he dito: &
,, todas as peſſoas, que daqui em diante ſe hou-
,, verem de habilitar pera Habitos, ou Commen-
,, das, ſerviráõ na Cidade de Tangere, e naõ em
,, outro algum lugar de Africa.

,, Naõ poderáõ ſer providos de Commen-
,, das, nem melhorados nellas, ſenaõ os que ao
,, tempo que ellas vagaõ, forem preſentes, &
,, ſervirem em Africa, tirando os que já tem ſer-
,, vido, & cumprido todo o tempo de ſua reſi-
,, dencia, & obrigaçaõ; porque eſtes poderáõ
,, ſer providos como fica dito: & aquelles, que
,, durando o tempo de ſua reſidencia, & ſerviço
,, ſe quizerem auſentar, o poderáõ fazer com ex-
,, preſſa licença dos Viſitadores; a qual elles lha
,, daraõ, achando que tem juſta cauſa pera lha
,, pedirem; mas o tempo, que aſſim forem au-
,, ſentes,

„ ſentes, naõ lhe ſerá contado no tempo do ſer-
„ viço.

„ Os que já forem providos de Commendas
„ ſe poderáõ melhorar a outras de mayor quantia
„ quando vagarem, ou por mayor numero de ho-
„ mens de cavallo, ou por antiguidade de ſervi-
„ ço, ſegundo a differença, & natureza das Com-
„ mendas, & ordem acima dita; & o modo, que
„ ſe terá neſtes melhoramentos, ſerá o ſeguinte.

„ No que houve Commenda de menos de
„ cem mil reis, que ſervio por carta minha por
„ numero de homens de cavallo, poderá ſer me-
„ lhorado de outra de mayor quantia, que naõ
„ paſſe de cem mil, tambem por numero de ho-
„ mens de cavallo, contando todos os que teve
„ depois que começar a ſervir até o tal tempo,
„ em que ſe prover a Commenda: & o que hou-
„ ve Commenda de cem mil reis pera cima, &
„ de menos de duzentos, & a ſervio com carta
„ minha, poderá ſer melhorado doutra mayor até
„ duzentos mil reis, ſe ao tempo que ſe prover
„ a tal Commenda ſe achar que tem mais tempo
„ de ſerviço que os outros; & tambem poderá
„ o tal ſer melhorado de Commenda, que paſſe
„ de duzentos mil reis, naõ per antiguidade de
„ ſerviço, ſenaõ per numero de homens de caval-
„ lo: & o que houve Commenda, que paſſe de
„ duzentos mil reis, & a ſervio por carta minha,
„ poderá outroſim ſer melhorado a mayor quan-
„ tia

„ tia por numero de homens de cavallo, contan-
„ do todos os que conſtar que teve depois que
„ começou a ſervir até o tempo, em que ſe pro-
„ vé a tal Commenda; & os que ſerviaõ per car-
„ tas minhas poderáõ ſer providos de Commen-
„ das de mayores quantias, ou por antiguidade
„ de ſerviço nas Commendas, que renderem du-
„ zentos mil reis, ou por numero de homens de
„ cavallo nas que forem dahi pera cima.

„ Peſſoa alguma naõ poderá ter duas Com-
„ mendas juntamente; mas o que tendo huma for
„ melhorado a outra, aceitando a ſegunda, ſerá
„ totalmente obrigado a deixar logo a que dan-
„ tes tinha; a qual por eſſe meſmo feito ficará va-
„ ga pera ſe prover por ſua ordem; & doutra ma-
„ neira ſerá tambem privado da em que for me-
„ lhorado.

„ Por quanto algumas peſſoas tem já ſervi-
„ do por cartas minhas em Africa dous annos, ou
„ mais, & outros tambem com cartas, naõ ten-
„ do acabados dous annos, & eſtaõ ainda ſervin-
„ do, & outros ſerviraõ algum tempo ſem car-
„ tas, & foraõ depois havidos por benemeritos
„ pera poderem ſer providos de Commendas, baſ-
„ tará aos que preſentes eſtaõ em Africa ſervirem
„ quatro annos inteiros; & aos que já ſaõ vindos
„ de lá tres annos, pera poderem ſer providos de
„ maneira, que acima he ordenado, ajuntando
„ todo tempo, que atégora tem ſervido com o

„ que

„ que daqui em diante ſervirem ; & tendo ſervi-
„ do tres annos inteiros ſe lhe poderá lançar o Ha-
„ bito, & poderaõ ſer providos de Commendas
„ pela maneira acima dita, como que tiveraõ ſer-
„ vido todo o tempo que acima he declarado; &
„ iſto ſe naõ entenderá nas peſſoas, que tenho no-
„ meadas naquellas Commendas, que ao preſen-
„ te eſtaõ vagas de qualquer das ditas Ordens,
„ nem nas outras Commendas, que vagarem per
„ renunciaçaõ das peſſoas, a que eſtas ſe prove-
„ rem; & os Habitos ſe lhe lançaraõ pera os te-
„ rem a titulo de ſeu patrimonio em quanto naõ
„ forem providos das Commendas, que lhe cou-
„ berem.

„ E de todas as ditas peſſoas, que ſem car-
„ tas minhas forem acabar de ſervir o dito tempo
„ de tres annos em Africa, ou eſtando já la con-
„ tinuarem nos quatro, como no capitulo acima
„ fica dito, naõ poderáõ ſer providos de Com-
„ mendas de mayor quantia, que até cem mil
„ reis, & por numero de homens de cavallo,
„ contando-lhe tudo o que atégora ſerviraõ, &
„ ao diante ſervirem: mas os que acabarem o
„ tempo dos ditos tres, ou quatro annos ſem mi-
„ nha Carta, ſeraõ providos de Commendas de
„ mayor quantia, ou per antiguidade de ſerviço,
„ ou per numero de homens de cavallo, confor-
„ me a differença das Commendas, que pertende-
„ rem ſer providos; & ſerlhes-ha contado todo o
„ tem-

„ tempo atraz, & todos os homens de cavallo,
„ com que atégora ferviraõ, & ao diante fervi-
„ rem: & por quanto algumas das ditas peſſoas
„ tem ſervido em Galès na Coſta do Reyno do
„ Algarve, contarſe-lhes-ha tambem eſte ſerviço;
„ mas de tal maneira, que ſómente ſe lhe leve em
„ conta os mezes, que ſerviraõ nas ditas Galés;
„ & os que nellas ſerviraõ com Soldados à ſua
„ cuſta poderſe-haõ contar dous Soldados por hum
„ homem de cavallo, & daqui em diante ſe lhes
„ poderá tambem contar o ſerviço das Galés; &
„ tambem por eſta ordem os que nellas ſervirem
„ poderaõ ſer providos de Commendas.

„ E porque algumas vezes ſerá neceſſario
„ ter reſpeito a algumas peſſoas, cujo esforço,
„ & valentia na guerra he conhecida, ou por te-
„ rem feito boas couſas ſaõ dignos de merces, os
„ quais nem em antiguidade de ſerviço, nem em
„ numero de cavallos excederaõ a outros, nem
„ acabaraõ ſeu tempo de ſerviço, a quinta Com-
„ menda, que daqui em diante for vagando de
„ todas as ditas Ordens de qualquer via, valor,
„ & rendimento que ſeja, ficará livre das ſobre-
„ ditas condiçoens, & reſervada pera diſpor del-
„ la livremente; & ſendo das antiguas da Ordem
„ de Chriſto, ou de S. Tiago, ou de Aviz, a
„ poderey prover a peſſoa, que me bem parecer,
„ ainda que naõ tenha ſervido na guerra contra
„ infieis, & que ſe haja por benemerito.

„ No numero de homens de cavallo, aſſim
„ pera ſe vencerem Commendas, como pera ſe-
„ rem melhorados nellas, ſe contaraõ tambem to-
„ dos eſtes homens de cavallo, cujas peſſoas ſer-
„ viraõ do dia que começaraõ a ſervir pera lhe
„ ſer lançado o Habito.

„ Tanto que huma peſſoa tiver ſervido tres
„ annos, & lhe for por eſſe reſpeito lançado o
„ Habito de qualquer das ditas Ordens, ficará ha-
„ bilitado pera logo poder ſer provido de Com-
„ menda, naõ lhe precedendo outro em numero
„ de homens de cavallo, ou em antiguidade de
„ tempo de ſerviço conforme ao acima dito.

„ E aquelles que ſe quizerem vir de Africa
„ acabado ſeu tempo tiraraõ ſuas Certidoens aſſi-
„ nadas pelos Viſitadores do tempo que ante elles
„ juſtificarem que tem ſervido, & do numero de
„ homens de cavallo, com que ſerviraõ, pera por
„ ellas ſerem providos de Commendas, ou me-
„ lhorados, ſe ainda o naõ forem; & os que naõ
„ tiverem acabado ſeu tempo, & vagar Com-
„ menda, de que pretendaõ ſer providos, reque-
„ reraõ ſobre iſſo aos ditos Viſitadores, pera que
„ elles me enviem Certidaõ do tempo de ſeu ſer-
„ viço, & do numero dos homens de cavallo,
„ com que ſerviraõ, & a mais informaçaõ neceſ-
„ ſaria, para que eu proveja da tal Commenda
„ aquelle, que conforme a eſtes Eſtatutos a hou-
„ ver de haver; por ter ſervido com maior nume-

„ ro

„ ro de homens de cavallo, ou por ter mais tem-
„ po de ſerviço, como nellas ſe contém, na qual
„ juſtificaçaõ do ſerviço de cada hum os Viſita-
„ dores faraõ todo o exame, e diligencia ne-
„ ceſſaria pera que naõ haja niſſo enleyo, & en-
„ gano algum; & os deſpachos das ditas Com-
„ mendas enviarey aos ditos Viſitadores, pera
„ que elles as dem às peſſoas a que pertencerem
„ ſem as virem requerer à minha Corte; o que aſſi
„ hey por bem, por eſcuſar trabalhos, & deſpe-
„ zas.

„ Daqui em diante ſe naõ lançará o Habi-
„ to à peſſoa alguma, ſenaõ pelo ſerviço feito nas
„ partes de Africa, ou na India, conforme ao
„ acima dito; nem aſſim meſmo ſe proverá Com-
„ menda alguma de qualquer qualidade, que ſeja,
„ tirando a quinta de que acima ſe faz mençaõ,
„ ſenaõ nas peſſoas, que a ſervirem em Africa,
„ como dito he.

„ Além do ſobredito, que o Santo Padre
„ houve por bem de ordenar pera reſtituir, &
„ conſervar a diciplina militar das ditas Ordens,
„ ſe fará em Africa hum Seminario, em que ſe
„ ſuſtentem, & criem em exercicios de guerra al-
„ guns homens de nobre geraçaõ, mas pobres;
„ & pera a dotaçaõ delle ordena Sua Santidade
„ que ſe tire por juſta, & igual diſtribuiçaõ ren-
„ da de doze mil cruzados de ouro cada anno das
„ rendas Meſtraes, & das Commendas, que paſ-

„ ſam de quinhentos cruzados de renda ; & iſto
„ ſem prejuiſo dos que ao preſente as tem , & a
„ dita renda ſe applicará , & converterá toda em
„ ſuſtentaçaõ de tantos Fidalgos dos ſobreditos ,
„ quantos della ſe poderem boamente ſoſtentar em
„ hum , ou em muitos Lugares de Africa ; & em
„ quanto ſe ajuntar eſta renda , eſte gaſto , & obri-
„ gaçaõ ſerá à cuſta de minha fazenda.

„ No dito Seminario ſe naõ receberaõ ſenaõ
„ Fidalgos de nobre ſangue , & geraçaõ por pays,
„ & por māys , & de boa vida , & coſtumes , &
„ por oppoſiçaõ , & juſtificaçaõ , que ſe primei-
„ ro fará aſſi ſobre iſto , como tambem na deſtre-
„ za das armas , & exercicio de cavalgar , & for-
„ ças ; & ſeraõ preferidos para ſerem recebidos
„ *cæteris paribus* os filhos , & decendentes da-
„ quelles , que morreraõ em Africa pelejando con-
„ tra os infieis , ou na guerra o fizeraõ esforçada-
„ mente.

„ Os que forem recebidos , ainda que vi-
„ vaõ apartados cada hum em ſua caſa , comeraõ
„ todos juntos a huma meſa , & lugar idoneo ,
„ onde depois de ſe benzer a meſa , & haver ſi-
„ lencio ſe lhes lerá primeiro huma breve liçaõ de
„ couſas ſantas ; & depois pera acrecentar os eſ-
„ piritos , & animo dos Cavalleiros , ſe lhes lerá
„ outra das Chronicas , & Hiſtorias antiguas dos
„ Reys deſtes Reynos de Portugal , & eſpecial-
„ mente dos homens esforçados , que na India ,
„ ou

„ ou em Africa fizeraõ alguma cousa assinalada,
„ ou morreraõ honradamente.

„ Haverá Visitador deste Seminario orde-
„ nado por mim, o qual se informará cada anno
„ da vida, & costumes de cada hum dos que fo-
„ rem recebidos, & castigará, & emendará se-
„ gundo o que for necessario.

„ E para os Cavalleiros das ditas Ordens,
„ & todos os sobreditos fazerem o que devem à
„ sua obrigaçaõ, & Habito, & pera melhor or-
„ dem de seu estado se faraõ hum, ou mais Jui-
„ zes, & todos os que parecer que convém; &
„ assi mesmo Visitadores, os quais seraõ dos Com-
„ mendadores mais approvados, & de mais con-
„ fiança das ditas Ordens, ou outras pessoas, que
„ eu escolher; & tambem se ordenaráõ os mais
„ officios, que me parecer que convém.

„ O officio dos ditos Juizes, & Visitado-
„ res será conhecer do tempo dos serviços; da an-
„ tiguidade; do numero de homens de cavallo;
„ dos cargos; a ventagem, & qualidades de ca-
„ da hum dos Cavalleiros; & do dito tempo das
„ Commendas vagas, que a elles saõ devidas, &
„ de tudo o mais necessario; para que depois con-
„ forme a suas Certidoens, & enformaçoens exe-
„ cute, & mande passar Cartas, & Provisoens
„ em fórma; & além disso faraõ guardar inteira-
„ mente todos os Estatutos, & letras Apostoli-
„ cas, & visitar cada anno todos os Commenda-

„ dores,

„ dores, & Cavalleiros, que estiverem em Africa, enformando-se de sua vida, & costumes, & „ se guardaraõ sua Regra, & como despende cada hum a renda de sua Commenda, & castigar „ aos que acharem culpados com as penas devidas, & multarem seus bens, & finalmente usar „ da jurdiçaõ necessaria pera todas estas cousas „ haverem effeito, sem haver appellaçaõ, quando eu assim especialmente o conceder.

„ E pera os Commendadores, & mais pessoas da Ordem de Christo saberem melhor o que „ saõ obrigados a fazer, conforme a Regra, & „ a estes Estatutos, & Regimento; mando ora „ acrecentar, & imprimir de novo a dita Regra.

„ Ordenar-se-ha em Africa hum lugar idoneo, em que morem seis Freyres da Ordem de „ Christo, & dous da Ordem de S. Tiago, & „ outros dous da Ordem de Aviz, os quais administrem os Santos Sacramentos aos Cavalleiros de suas Ordens, & façaõ tudo o mais que „ está ordenado pelas Regras, & Estatutos de „ cada huma dellas.

„ Por tanto, como Governador, & perpetuo Administrador das ditas Ordens, & por „ virtude da dita Bulla do Santo Padre, ordeno, „ & mando, como tambem manda Sua Santidade a todos, & acada hum dos Commendadores, Cavalleiros, & professos das ditas Tres Ordens Militares de qualquer qualidade, & con-

„ diçaõ

,, diçaõ que ſejaõ, que ſem eſperar mais outra al-
,, guma determinaçaõ, nem declaraçaõ de noſſa
,, intençaõ, & vontade, obedeçaõ inteiramente
,, em todo tempo, & lugar ao que ſe contém
,, neſtes Eſtatutos, & Regimento, & todas as
,, ſentenças, declarações, & mandados, que por
,, virtude, & autoridade delles ſe fizerem, de-
,, clarando que nenhuma appellaçaõ, proteſta-
,, çaõ, ou reclamaçaõ feita em Juizo, ou fóra del-
,, le poſſa impedir alguma hora as couſas ſobredi-
,, tas, nem pera iſſo tenha força, nem vigor al-
,, gum; & aos que ſob qualquer conſelho, ou
,, arte ouſarem contradizer a eſtes Eſtatutos, &
,, reformaçoens, ou as couſas, que por virtude
,, delles ſe fizerem, ou ordenarem, o Santo Pa-
,, dre Pio V. os priva de ſuas Commendas, &
,, faz inhabiles pera as couſas ſobreditas por eſſe
,, meſmo effeito; determinando que todas as cou-
,, ſas conteudas neſtes Eſtatutos, & Regimento
,, ſe cumpraõ, & guardem inteiramente pera to-
,, do ſempre ſem ſe poder mudar couſa alguma
,, dellas nem per mim, nem pelos Reys, que ao
,, diante forem Adminiſtradores das ditas Ordens,
,, com pretexto de qualquer privilegio, ou facul-
,, dade; antes tudo o que contra o ſobredito per
,, qualquer peſſoa, & com qualquer authoridade
,, ſe tentar fazer ſciente, ou ignorantemente, ſeja
,, de nenhum vigor.

,, E confiando o Santo Padre da boa von-
,, tade,

„ tade, que tenho às ditas Ordens, & deſejo gran-
„ de de as reduzir quanto em mim he a ſeu an-
„ tiguo, & verdadeiro eſtado, & que com con-
„ ſelho, & cuidado farey o que convir pera a di-
„ ta reformaçaõ, me concede à mim, & aos Reys
„ Adminiſtradores dellas, que pelo tempo forem
„ pera todo ſempre, que pera execuçaõ, & fir-
„ meza das couſas ſobreditas poſſaõ mais livre-
„ mente ordenar quaiſquer outras couſas, que pe-
„ la condiçaõ, & qualidades dos tempos, luga-
„ res, & peſſoas, ou em geral, ou em particu-
„ lar parecer que convém; emendar as que forem
„ prejudiciaes, ou ſem proveito, & declarar quaiſ-
„ quer duvidas, que das couſas ſobreditas nace-
„ rem; & finalmente fazer executar tudo o mais,
„ que pera o bom eſtado, augmento, & conſer-
„ vaçaõ das meſmas Ordens Militares for neceſſa-
„ rio, ou de qualquer maneira conveniente.

„ Pera que a differença no Habito acenda
„ mais os animos dos Cavalleiros ao fazerem eſ-
„ forçadamente, me concedeo Sua Santidade que
„ à honra do Bemaventurado Martyr S. Sebaſtiaõ,
„ em cujo dia foy o meu naſcimento, pera man-
„ dar accreſcentar huma ſetta ao habito de alguns
„ Cavalleiros das ditas Ordens, que no ſerviço da
„ guerra ſe aſſinalaraõ, & fizeraõ feitos notaveis.

„ E pera melhor execuçaõ no ſobredito o
„ Santo Padre Pio V. dá licença a mim, & aos
„ Adminiſtradores, que pelo tempo forem das di-
„ tas

„ tas Ordens, pera que poſſaõ mais livremente
„ conceder aos Cavalleiros ainda profeſſos, & que
„ tem Commendas de qualquer dellas, que dei-
„ xadas as tais Commendas, & ficando com o
„ Habito de ſua meſma Ordem, poſſaõ receber,
„ & ter licitamente outras de quaiſquer das ditas
„ Ordens, que pertençaõ à minha diſpoſiçaõ, ou
„ do Adminiſtrador, que pelo tempo for, ſegun-
„ do eſta reformaçaõ, ſe ao tempo, que as tais
„ Commendas vagarem, conſtar legitimamente
„ que elles procedem, & fazem ventagem, ou
„ em numero de homens de cavallo, ou em an-
„ tiguidade de ſerviço feito na guerra de Africa,
„ ſegundo a fórma deſta meſma reformaçaõ a to-
„ dos os outros daquella Ordem, de quem ſaõ
„ as Commendas, que aſſim eſtaõ vagas; mas
„ quando forem iguais ſeraõ preferidos os Caval-
„ leiros da meſma Ordem, de que ſaõ as tais Com-
„ mendas.

„ E pera que tudo o que neſtes Eſtatutos,
„ & Regimento ſe contém venha à noticia de to-
„ dos, & ſe cumpra, & dé à inteira, & devi-
„ da execuçaõ, mando ao Chançarel das ditas Or-
„ dens que pubrique os ditos Eſtatutos na Chan-
„ cellaria dellas, & envie logo cartas com o treſ-
„ lado delles ſob ſeu ſinal, & ſello de huma das
„ ditas Ordens aos Capitaens dos lugares de Afri-
„ ca, a que mando que os façaõ logo pubricar
„ nos ditos lugares, & regiſtar nos livros dos Con-

„ tos delles ; & assim enviará as ditas cartas aos
„ Corregedores, Ouvidores das Comarcas, &
„ aos Ouvidores das terras, em que os ditos Cor-
„ regedores naõ entraõ por via de Correiçaõ ; aos
„ quais Corregedores, & Ouvidores mando que
„ os pubriquem logo nos Lugares onde estiverem,
„ & os façaõ pubricar em todos os lugares de
„ suas Comarcas, & Ouvidorias, & registar nos
„ livros das Comarcas delles, & no das Chan-
„ cellarias das ditas Correiçoens, & Ouvidorias,
„ pera que todos possaõ saber o que nos ditos Es-
„ tatutos se contém ; & assim se registaraõ no li-
„ vro da Mesa da Conciencia, & Ordens, & es-
„ tes proprios com a Bulla do Santo Padre se po-
„ raõ no Cartorio do Convento de Thomar Ca-
„ beça da Ordem de Christo pera nelle estarem
„ em toda boa guarda ; & o treslado authentico
„ da dita Bulla, & dos ditos Estatutos se leva-
„ raõ aos Cartorios dos Conventos de cada huma
„ das Ordens de Santiago, & Aviz. Jorge da
„ Costa a fez em Almeirim a seis dias do mez de
„ Fevereyro anno do Nacimento de nosso Senhor
„ Jesu Christo de 1572.

REY.

108 Promulgados estes Estatutos, em cujas extensas clausulas se conhecia o ardente zelo, e prudente direcçaõ, com que ElRey desejava restaurar as Ordens Militares, querendo na fórma delles

delles dar o Habito a alguns Cavalleiros, e praticar outras acções em beneficio, e augmento das mesmas Ordens, celebrou Capitulo Geral da Ordem Militar de Christo em a Villa de Santarem, para cuja solemnidade elegeo o dia 8 de Dezembro deste anno de 1573, dedicado à Immaculada Conceiçaõ da Senhora, e a Igreja Parochial de Marvilla, a qual se armou de magestosa tapeçaria, e se cubrio o pavimento de preciosas alcatifas, que ao nosso Principe mandara como seu tributario ElRey de Ormuz. Estava ElRey D. Sebastiaõ assistido do Cardeal D. Henrique, o Senhor D. Duarte, e o Senhor D. Antonio, Prior do Crato. Ao lado direito sustentava em pé Fernaõ da Sylveira o estoque, como Condestavel, e no meyo do Capitulo o Alferes mór D. Luiz de Menezes com a bandeira real levantada. Todos os Commendadores estavaõ sentados por seus gráos, conforme a antiguidade de cada Ordem. Rompeo ElRey o silencio, que observava taõ nobilissimo congresso com as seguintes palavras.

Celebra ElRey Capitulo da Ordem de Christo.

„ Vendo, e ponderando a honra, que à „ Ordem fiz, e considerando o lugar, conjun„ çoens, e tempo, que nella concorrem, por „ principio do fim, conclusaõ, e effeito della, „ me pareceo dizervos a honra, que a ella, e a „ vós agora faço, tanto mayor que as estimadas „ por grandes; quanto mais conforme à natureza

Practica delRey.

„ dos Portuguezes, e propria obrigaçaõ nellas,
„ da que me pareceo fazervos neste lugar, e tem-
„ po vos fallar; sendo de vós taõ entendido de-
„ ver, e haver de fazer eu esta honra à Ordem,
„ e a vós, como esperado, desejado, e perten-
„ dido de vós, e verdes o effeito della; e vendo
„ que dizia hum Santo dos na Escritura celebra-
„ dos, que a esperança do que esperava tinha no
„ seu peito collocada, e firmemente posta, e
„ dos seus olhos havia de ser vista, e entenden-
„ do quaõ largamente podeis dizer isto desta hon-
„ ra, e o effeito della; para que me naõ deterey,
„ e me abreviarey a volo dizer, como para o ef-
„ feituar, que he haverme de servir da Ordem,
„ e dos Commendadores della honrada, e naõ
„ onerosamente; como para os effeitos, que se
„ haõ de seguir, convém.

109 Acabada esta breve practica, com que ElRey declarou o fim para que convocara o Capitulo Militar da Ordem de Christo, se levantou o Doutor Antonio Pinheiro, e fazendo huma profunda inclinaçaõ a ElRey, com que tacitamente lhe pedia licença, para fallar, recitou a Oraçaõ seguinte, de cujas elegantes expressoens esteve pendente taõ augusto como nobilissimo auditorio.

Oraçaõ do Doutor Antonio Pinheiro.

„ A suave disposiçaõ da Ordem, em que a
„ Divina Providencia conserva as cousas, que
„ criou em igual, e perpetua perseverança, se co-
„ nhece sempre em serem conformes os principios
„ à ulti-

,, à ultima fórma, e perfeiçaõ, para que as cou-
,, ſas foraõ ordenadas; e eſta admiravel ordem da
,, Sabedoria, quiz o meſmo Deos, que foſſem
,, mais ſemelhantes as religioſas milicias, que pa-
,, ra ſeu ſerviço, e louvor debaixo do nome de
,, Ordens foraõ na terra eſtabelecidas, e fundadas,
,, o que neſta excellente, e animoſa milicia, que
,, debaixo do glorioſo nome de Jesu Chriſto Noſ-
,, ſo Salvador, e Redemptor foy inſtituida, logo
,, em ſeu naſcimento, e criaçaõ ſe vio muy cla-
,, ro, que em ſeu progreſſo, e creſcimento ficou
,, cada vez mais claro, e manifeſto, fazendo ſeu
,, principio taõ conforme ao alto fim, que por
,, deſcurſo de tempo havia de alcançar, que or-
,, denou que o primeiro author della foſſe ElRey
,, D. Diniz, unico, e primeiro deſte nome, e
,, ſexto da ordem dos Reys deſtes Reynos, que
,, por graça de Deos, e por ſeu grande esforço
,, vieraõ a ſer Reys de muitos Reynos, e a ter
,, por vaſſallos muitos Reys, e por ſubditos mui-
,, tos Senhores, que antes de lhe ſerem ſubditos,
,, eraõ em ſeus Eſtados Principes abſolutos, e ſo-
,, beranos; entaõ com o favor de Deos, merces
,, dos Reys deſtes Reynos, e authoridade do Pa-
,, pa Joaõ II. Supremo Vigario de Chriſto em to-
,, da a Igreja Catholica Militante, foy taõ con-
,, forme ſeu ſucceſſo, que ſendo dotado em ſeu
,, principio ſómente dos bens, que os Cavalleiros
,, chamados do Templo antes de ſua milicia ſer
,, extin-

,, extincta pelo Papa Clemente V. Vienense, nes-
,, tes Reynos possuiaõ por seus muitos serviços,
,, e grandes merecimentos dos Mestres, e Caval-
,, leiros della, alcançou outros muitos, com os
,, quaes em pouco tempo foy muito dilatada, e
,, ampliada, principalmente com grande zelo, e
,, cuidado daquelle excellente Infante D. Henri-
,, que, filho delRey D. Joaõ o I. de gloriosa me-
,, moria, perpetuo Governador, que foy desta
,, milicia, ao qual naõ sómente deve a Ordem o
,, patrimonio das Ilhas, e terras, que na Costa
,, de Africa exterior, quasi até o Cabo da boa Es-
,, perança, pela navegaçaõ do mar Oceano até
,, seu tempo dos nossos naõ sabida, descubrio,
,, povoou, e sogeitou; mas tambem lhe he em
,, muita obrigaçaõ a Coroa destes Reynos, por
,, abrir caminho aos Reys delles de novos des-
,, cubrimentos, Conquistas, e Comercios; pelos
,, quaes além do esperitual merecimento da con-
,, versaõ de tantas almas, o temporal estado da
,, Coroa destes Reynos, ficou em augmento da
,, reputaçaõ muito accrescentado, pela qual ra-
,, zaõ succedeo alguns annos despois ElRey D.
,, Manoel, de louvavel memoria, a ElRey D.
,, Joaõ o II. seu primo, por fallecer seu filho,
,, que fosse natural, e legitimo successor, naõ dei-
,, xou a administraçaõ perpetua desta milicia, que
,, antes de ser Rey tinha; mas para que crecesse
,, em reputaçaõ, e honra, ficando juntamente em
,, sua

„ ſua Real Peſſoa a governança della, foy dos
„ Reys deſtes Reynos o primeiro, que em ſeu
„ Real dictado ajuntou o titulo de Governador,
„ e perpetuo Adminiſtrador della, e para que taõ
„ alto titulo ficaſſe mais eſclarecido creſcendo o
„ patrimonio da Ordem para a ſuſtentaçaõ de ma-
„ yor numero de Cavalleiros della, além das ren-
„ das, que novamente lhe applicou, alcançou do
„ Papa Leaõ X. uniaõ das rendas Eccleſiaſticas,
„ que repartidas em Preceptorias, e Commendas,
„ cuja nomeaçaõ foſſe ſua, e dos Reys ſeus ſuc-
„ ceſſores, ajudaſſem a temporal ſuſtentaçaõ dos
„ esforçados Cavalleiros della, que na guerra con-
„ tra os Infieis, por mar, e terra gaſtaraõ ſuas
„ rendas em defenſaõ de noſſa Santa Fé, em ſer-
„ viço dos Reys deſtes Reynos, e por honra da
„ Ordem aventuraraõ honradamente ſuas vidas,
„ e peſſoas com eſtas merces, e favores, e hon-
„ ras, que delRey D. Manoel a Ordem recebeo,
„ ficou em tanto ſer, e dignidade, que ſucceden-
„ do ElRey D. Joaõ o III. avò delRey noſſo Se-
„ nhor, a ElRey D. Manoel, ſeu pay, por lhe
„ pertencer a legitima, e natural ſucceſſaõ na Co-
„ roa deſtes Reynos, ſuccedeo juntamente por
„ conceſſaõ Apoſtolica na perpetua governança
„ deſta Ordem em ſua vida, e deſejando que a
„ honra que a Ordem alcançava em ſer regida por
„ Reys ſe perpetuaſſe nella, impetrou do Papa
„ Julio III. que entaõ na Catholica, e Univerſal
„ Igreja

,, Igreja residia, a uniaõ desta Ordem com a Co-
,, roa destes Reynos para sempre; para que sem-
,, pre os Cavalleiros della tivessem como Freyres
,, na Ordem por Governador, quem como vas-
,, sallos, e criados tinhaõ por seu natural Senhor
,, e Rey, accrescentando a merce, que ElRey
,, D. Manoel, seu pay, fizera a esta Ordem em
,, lhe unir a dita administraçaõ em sua vida com
,, sua Real Pessoa a perpetuar com uniaõ insepa-
,, ravel della, que foy a mayor honra, que a Or-
,, dem podia desejar, nem se cuidava, que outra
,, mayor se lhe podesse accrescentar, até que o
,, muito alto, e muito poderoso Rey D. Sebas-
,, tiaõ, nosso Senhor, primeiro deste nome, ins-
,, pirados por Deos antes, que puzesse em obra
,, seu desejo accezo com ardente zelo da defen-
,, saõ de nossa Santa Fé contra os inimigos della
,, unio, e ajuntou a obrigaçaõ de Cavalleiro pro-
,, fesso desta Ordem com a magestade de sua Real
,, Pessoa; com taõ alta determinaçaõ de voto mi-
,, litar, e taõ substancial vinculo de obrigaçaõ,
,, que tem os Cavalleiros desta milicia, com as
,, que como Catholico Rey antes tinha, que fi-
,, cando as delRey, e Mestre em hum só sogei-
,, to de sua Real Pessoa sem prejuizo de cada hu-
,, ma dellas, e conservando em ambas sua natu-
,, ral obrigaçaõ, por sua profissaõ nesta milicia
,, a Ordem recebesse accrescentamento de nova
,, honra ante os homens, e sua Real Pessoa al-
,, cançasse

„ cançasse novo merecimento ante Deos, e com
„ hum glorioso exemplo, que dava aos Reys seus
„ successores fizesse taõ alta sua profissaõ, que
„ cumprindo com a obrigaçaõ de Cavalleiro de
„ Christo, cuja milicia professava em presença de
„ poucos, ficasse melhor cumprida a obrigaçaõ
„ de Rey, que no principio do seu Reyno pri-
„ meiramente, e com solemne juramento profes-
„ sara, dando por este acto de devota, e militar
„ profissaõ tanto mais à Ordem, que os Reys
„ seus Progenitores; quanto de mayor estima he
„ darlhes sua Real Pessoa com o titulo de Caval-
„ leiro della, que todas as honras, favores, e mer-
„ ces com que os Reys seus Antecessores a ti-
„ nhaõ levantado. Louvor he (diz o Anjo a To-
„ bias) publicar o segredo de seu Divino Conse-
„ lho, de quem lhe guarda segredo nelle; pelo
„ que na profissaõ, que S. A. fez nesta milicia,
„ quiz Deos declarar ao Mundo, que com espan-
„ to o havia de saber, que a honra desta obra era
„ toda sua, que só de S. A. era o merecimento
„ todo della; Deos foy o Author, que em seu
„ eterno Conselho a ordenou; ElRey nosso Se-
„ nhor foy temporal executor, que fielmente obe-
„ deceo ao que sentio, que por Deos era ordena-
„ do; e assi o mesmo Deos, que inspirou a Re-
„ ligiosos, de aspera, e santa vida, que com mos-
„ tras de penitencia, e devoçaõ, lhe pedissem o
„ effeito desta profissaõ, no mesmo tempo moveo

 „ o real

„ o real coraçaõ de S. A. a efficazmente deſejala
„ com taõ admiravel concorrencia de tempo, lu-
„ gar, e peſſoas, que ſem proceder communica-
„ çaõ alguma deſtes deſejos, no meſmo tempo,
„ e lugar, que S. A. com attenta conſideraçaõ de
„ ſeu juizo buſcou para effeituar eſta profiſſaõ,
„ ſe acharaõ para o ſervir nas ceremonias della al-
„ guns dos Religioſos, que com taõ grande inſ-
„ tancia a pediraõ, tanto que aos que coube ma-
„ yor parte no deſejo, coube o principal miniſ-
„ terio no ſerviço della; e porque onde ſe Deos
„ moſtra efficaz movedor da vontade faz ſuave,
„ e facil a execuçaõ della, naõ he de eſpantar ſe
„ o que poſto em razaõ humana pudera ter moſ-
„ tras de difficultoſo, e perigoſo, pareceo, co-
„ mo verdadeiramente o foy, facil, e ſeguro a
„ ElRey noſſo Senhor, que ſentio em ſeu Real
„ deſejo ſer o que effeituava obra naõ da eleiçaõ
„ humana, mas de inſpiraçaõ Divina; e para que
„ tudo o que em taõ catholica profiſſaõ ſuccedia,
„ reſpondeſſe ao ſanto zelo com que ſeu Real pei-
„ to a fazia, ordenou Deos, que eſcolheſſe para
„ o tratar a Villa de Sagres, que he fóra deſte
„ Reyno de Portugal, no ſeu Reyno do Algar-
„ ve; e para o fazer Moſteiro de S. Franciſco da
„ Piedade, que he no Cabo de S. Vicente, cha-
„ mado dos antigos Promontorio Sagrado, e que
„ buſcaſſe eſte lugar, e chegaſſe a elle navegando
„ pelo mar Oceano vencendo algumas apparen-
„ cias

„ cias dos perigos, que geralmente a imaginaçaõ
„ pudera offerecer a quem naõ tivera ſeu alto eſ-
„ pirito em idade de dezanove annos com admi-
„ ravel ſeguridade, e confiança, para que o proſ-
„ pero, e quaſi miraculoſo effeito deſta obra fi-
„ zeſſe mais certa a eſperança dos milagres, que
„ o Senhor Deos nos moſtra querer fazer no diſ-
„ curſo da ſua idade vindoura, como os já moſ-
„ trou aſſi em ſeu naſcimento como em todo o
„ progreſſo da idade já paſſada. Tem (diz hum
„ Santo) os milagres ſua lingua, e aos attentos
„ entendimentos he o que ſe nelles faz, a lingua
„ com que Deos nos falla nelles; chamarſe o Ca-
„ bo Sagrado nos declara a modeſtia, e diſcipli-
„ na de ſeus coſtumes; ſer Cabo, nos diſſe, que
„ eſte foy o mais eminente Cabo, e mais alto cu-
„ me da honra, que a Ordem podia receber; pro-
„ por ella o Rey, que na terra he Soberano, foy
„ imitando a Chriſto Noſſo Senhor, cuja Milicia
„ profeſſava pela uniaõ de Cavalleiro em ſua Real
„ Peſſoa, ſe faria como irmaõ de todos os Caval-
„ leiros della; e o que com exemplo de ſuas vir-
„ tudes excellentes continuamente nos enſina por
„ eſta devota incorporaçaõ na Ordem, ſem obri-
„ gaçaõ regular de Meſtre della, fica verdadeiro
„ Meſtre do esforço, grandeza, e zelo, que ou-
„ tros Reys em taõ catholico exemplo poderaõ
„ imitar, e ſeus ſubditos aprender. A nova inſig-
„ nia da Setta, que por devoçaõ do glorioſo Mar-

,, tyr S. Sebastiaõ, seu Protector, e Padroeiro
,, destes Reynos, S. A. novamente accrescentou
,, ao pé da Cruz, que he antigo, e substancial
,, habito da dita Milicia, em final de mayor honra
,, que se nella póde alcançar, declara o desejo,
,, que tem de fazer novas merces, e honras a
,, quem por novos, e naõ costumados serviços
,, as merecer; e como as occasioens de taõ gran-
,, des serviços sejaõ raras, e mais raros os que nel-
,, las os costumaõ fazer, ficará esta accidental dif-
,, ferença sendo substancial premio, que muitos
,, desejem conseguir com mayor reputaçaõ, e esti-
,, ma, por serem poucos os que com merecimen-
,, tos iguaes a tanta honra a possaõ pelo tempo
,, alcançar; as outras accidentaes differenças na
,, honra inferiores guardada sempre a substancia
,, do habito essencial desta Ordem, que com vos-
,, co espera tratar, ou ordenar as cousas da refor-
,, maçaõ dellas, daõ evidente significaçaõ da von-
,, tade, que S. A. tem de honrar a muitos; por-
,, que assi quiz ordenar a divisa da Setta no pé da
,, Cruz, que fosse como branco, e summo pre-
,, mio de poucos; que ficasse esperança de mais
,, ordinaria honra a muitos, que por costumados
,, serviços a podem mais geralmente merecer; e
,, naõ sómente por esta reformaçaõ de acciden-
,, taes differenças se representa a policia dos Ro-
,, manos, que na disciplina militar, e premio del-
,, la sobre todas as nações do Mundo floreceraõ,
,, fican-

„ ficando as differentes fórmas dos habitos ſeme-
„ lhantes às Coroas Muraes, e Caſtrenſes, com
„ que ellas remuneravaõ as differenças dos ſerviços
„ na guerra, mas tambem póde com razaõ pare-
„ cer, que por eſta nova Ordem, que para ma-
„ yor perfeiçaõ da antiga, e mayor honra della
„ S. A. eſpera dar, fica eſta Milicia temporal, e
„ humana mais conforme aſſi à Celeſtial do exer-
„ cito Angelico, onde tambem ſe vem tres Je-
„ rarchias de Eſpiritos, repartidas cada huma en-
„ tre ſi em tres Ordens differentes, como a or-
„ dem divina, que as criou, e Chriſto Noſſo Se-
„ nhor tem em ſeu Reyno eterno, nas differen-
„ ças das honras com que ſatisfaz aos Santos; os
„ trabalhos, e ſerviços, que na vida peleijando
„ contra os eſpirituaes inimigos lhe fizeraõ; onde
„ por naõ terem iguaes os merecimentos dos que
„ ſerviraõ fica ſendo com juſtiça differente, e deſ-
„ igual a honra do premio, ſendo porém tal o
„ eſſencial objecto de todos, que fiquem com a
„ clara viſta delle honrados, bemaventurados, e
„ contentes; onde finalmente naõ ſómente ſe ve-
„ rá a differença na gloria dos corpos depois da
„ geral Reſurreiçaõ, pela qual razaõ ſe compara
„ o reſplendor delles ao do Sol, da Lua, das
„ Eſtrellas, mas ainda nos premios accidentaes
„ como ſaõ as Coroas chamadas Aureolas; os eſ-
„ tados dos Martyres, dos Doutores, das Vir-
„ gens, entre ſi, e dos outros Santos ſeraõ ſepa-

„ rados,

„ rados, e diſtinctos. Deſta vontade que S. A.
„ tem de honrar eſta Ordem, e os Cavalleiros
„ della, procedem as ceremonias da ſolemnidade,
„ e apparato com que quer ordenar em melhor
„ fórma os mantos antigamente uſados nella, e as
„ Feſtas, tempos, e lugares em que ſe uſaraõ os
„ collares de ouro, e outras inſignias de mayor
„ demonſtraçaõ da authoridade, e honra, que a
„ Ordem por S. A. profeſſar as obrigaçoens dos
„ Cavalleiros della, conſeguio, ficando por eſta
„ profiſſaõ o Cabo de S. Vicente, a Villa de Sa-
„ gres, e o Moſteiro de S. Franciſco edificado,
„ onde o corpo do Santo Martyr aportou, por ſe-
„ rem buſcadas todas eſtas circunſtancias de lu-
„ gar, e de tempo com eleiçaõ deliberada de S. A.
„ com mayor fama, e nome, que pelos grandes
„ accreſcentamentos de patrimonio, e honra, que
„ do meſmo lugar por mar, e terra a Ordem neſ-
„ tes tempos paſſados ganhou, e adquirio; ma-
„ yormente moſtrando S. A. devoçaõ particular
„ ao glorioſo Martyr S. Vicente, em cuja preſen-
„ ça, e das ſagradas reliquias de ſeu corpo S. A.
„ fez profiſſaõ tomando-o primeiro por padrinho
„ no acto que ſe armou Cavalleiro, como que de
„ ſua maõ recebia o eſtoque com as palavras com
„ que o esforçado em ſuas victorias glorioſo Ca-
„ pitaõ Machabeo a recebeo da maõ do Profeta
„ Jeremias, quando lhe diſſe, que recebeſſe aquel-
„ la eſpada para defenſaõ da Religiaõ Catholi-
„ ca,

„ ca, e verdadeira, e para abatimento, e con-
„ fuſaõ dos inimigos della; pelo qual reſpeito do
„ voto reverencial accreſceo a S. A. o glorioſo
„ Martyr S. Sebaſtiaõ, ſeu padroeiro, tomaſſe
„ S. Sebaſtiaõ a ſeu cargo a ſaude corporal del-
„ Rey noſſo Senhor, que em ſeu dia naſcera deſe-
„ jado para Rey, e ficaſſe a cargo de S. Vicen-
„ te a honra, e augmento da Milicia de Chriſto,
„ que em ſua preſença, e em ſua Caſa recebia,
„ e iſto em dia de S. Mattheus, em que ſeus Ca-
„ pitães em Africa valeroſamente contra os Mou-
„ ros pelejaraõ, e ſendo tanto à viſta della o lugar
„ onde profeſſava, que pareceo querernos Deos
„ augurar as eſperanças às victorias, que nas Con-
„ quiſtas delles, no progreſſo do tempo, e com
„ as preparações de taõ alta empreza neceſſarias
„ nos promette o reſplendor admiravel de ſuas vir-
„ tudes; ſeu invencivel coraçaõ nos perigos, ſua
„ ſingular paciencia nos trabalhos, que em mui-
„ tas obras ſuas extraordinarias, ſeus bem afor-
„ tunados ſucceſſòs por mar, e por terra; como
„ o foraõ os da navegaçaõ, e caminho, que pa-
„ ra effeito deſta obra S. A. buſcou, e ordenou;
„ e ſe com olhos humanos ſe pudera ver o fogo
„ do fervente zelo, que em ſeu real peito ardia
„ quando ſe determinou a eſte effeito de ſua mi-
„ litar profiſſaõ, vira-ſe a inſignia da Cruz com
„ que S. A. ſe armara ſer viva imagem daquella
„ em cuja virtude eſperamos, que ſeja feliciſſimo

„ ven-

„ vencedor. O eſtoque declara ſua firmeza, e
„ conſtancia em defenſaõ de ſeus vaſſallos; a ban-
„ deira repreſenta que naõ ſerá menos ſua gloria
„ de quando proceder com ſeus Cavalleiros em
„ fórma de exercito militar do que he agora o con-
„ tentamento de ſe verem todos em fórma de con-
„ gregaçaõ religioſa. Deſta merce feita à Ordem,
„ deſta honra feita aos Cavalleiros della; deſta
„ ſua devota determinaçaõ de que ſerá teſtemu-
„ nho perpetuo na memoria dos homens a Cruz
„ muito mais impreſſa em ſeu coraçaõ, do que
„ póde ſer de fóra no veſtido expreſſa, e figura-
„ da; deſta nova fórma, e ordem que reforman-
„ do em melhor, e mais honroſo modo o antigo
„ eſtado della S. A. ora pertende ordenar, pare-
„ ceo-lhe bem a S. A. darvos conta neſte dia da
„ Conceiçaõ ſagrada de Noſſa Senhora, por ſer
„ Feſta, que a Ordem tem propria, e ſer dia que
„ S. A. tem particular devoçaõ, por ſer o em que
„ os Sereniſſimos Principes D. Joaõ, e D. Joan-
„ na, de ſaudoſa, e louvavel memoria, depois
„ de celebrarem o Sacramento do matrimonio com
„ as ſolemnidades devidas, ſe recolheraõ em ſuas
„ caſas, o que deu a todos certa eſperança da ſuc-
„ ceſſaõ, que de ambos ſe vio, como todo o
„ Reyno deſejava; pelo que tambem he a Feſta
„ de commum, e geral obrigaçaõ de todos os
„ Reynos, e Senhorios, e Eſtados, que debaixo
„ do amparo de S. A. vivem ſeguros, e conten-
„ tes,

,, tes, e isto sendo todos congregados para este
,, Capitulo Geral, que passado este dia ha de co-
,, meçar a celebrar, para que tendo perfeita in-
,, formaçaõ de sua catholica tençaõ, e voluntaria
,, profissaõ nas obrigaçoens, que tem os Cavallei-
,, ros della, com mayor amor, e cuidado cum-
,, praes as obrigaçoens da vossa religiosa, e mili-
,, tar por mar, e por terra; e como por mar, e
,, por terra esta sagrada, e animosa milicia se di-
,, latou, e quando mayor semelhança, e confor-
,, midade de todos vem a S. A. pela insignia da
,, Cruz, que declara a obrigaçaõ em que se poz
,, de empregar sua Real Pessoa, e estado em ser-
,, viço de Nosso Senhor Jesu Christo, tanto ma-
,, yores merces, e honras espereis de grandeza,
,, e virtude de S. A. todos os que lembrados da
,, vossa profissaõ nesta Milicia no comprimento
,, della foreis dignos das merces, e honras, que
,, representaõ insignias de premios differentes, pa-
,, ra que naõ faltasse o summo premio aos pou-
,, cos, nem a esperança aos muitos, e assi ficasse
,, fazendo merce, e honra a todos.

110 Entre as supplicas, que ElRey D. Sebastiaõ fez a S. Pio para a reforma das Ordens Militares, era a principal huma Setta com que fora martyrizado S. Sebastiaõ, para dignamente a collocar no magnifico Templo, que em Lisboa estava erigido a este sagrado Heroe; porém como a morte intempestiva do Summo Pontifice

Manda Gregorio XIII. a El-Rey huma Setta com que foy martyrizado S. Sebastiaõ.

impediſſe ſatisfazer ao deſejo do noſſo Principe, lho cumprio ſeu ſucceſſor Gregorio XIII. mandando ſignificar por Pompeyo Lanoya, ſeu Camereiro Secreto, o ſentimento, que recebera com a noticia da morte da Princeza D. Joanna de Auſtria, e juntamente lhe entregou a Setta banhada no ſangue do valeroſo Martyr S. Sebaſtiaõ, e para infallivel ateſtaçaõ de ſer verdadeira expedio o ſeguinte Breve.

„Gregorius Papa XIII. Chariſſimo in Chriſ-
„to Filio Noſtro Sebaſtiano, &c. Permagnum
„eſt, quod cupit Majeſtas Tua, ut tibi largia-
„mur unam ex ſagittis illis quibus invictus Chriſ-
„ti Martyr Sebaſtianus pro illius nomine confra-
„ctus fuit; quarum duæ in ejus Templo, quod
„in hac Urbe eſt, ſanctiſſime ſervantur, ſummâ-
„que cum populi veneratione, & lacrymis, ac
„votis viſuntur, &c. Harum igitur ſagittarum
„unam innocentiſſimo imbutam ſanguine mitti-
„mus Majeſtati Tuæ per dilectum filium Pom-
„peum Lanoyam Cubicularium noſtrum Secre-
„tum; quam te omni honore accepturum, ac
„convocata populi multitudine, pie, ſancteque
„alicui Templo dicaturum non dubitamus, &c.
„Datum Romæ apud Sanctum Petrum ſub An-
„nulo Piſcatoris die 8 Novembris 1573 Pontifi-
„catus noſtri anno ſecundo.

111 Deſte ſagrado donativo, com que a liberalidade Pontificia ſatisfez os ardentes deſejos

do

do noſſo Principe ſe lembrou o Virgilio Portuguez com eſtas canoras expreſſoens.

MUy alto Rey a quem os Ceos em ſorte
Derão o Nome auguſto, e ſublimado,
De aquelle Cavalleiro que na morte,
Por Chriſto foy de ſetas mil paſſado;
Pois delle o fiel peito caſto, e forte
Co o Nome Imperial tendes tomado,
Tomay tambem a Setta veneranda
Que a vos o ſuceſſor de Pedro manda.

Camões *Rim. Var.* Tom. 4. Part. 2. Oit. 3.

112 Aſſiſtia ElRey em Almeirim, quando chegou à ſua preſença o Enviado do Papa, e lhe entregou a Setta envolta em ſeda encarnada, e fechada em hum cofre de prata forrada de tella carmezim. Para ſe celebrar com o devido culto tão precioſa reliquia ſe convocou o Clero da Villa de Santarem, e das terras circunviſinhas, e formada huma numeroſa Prociſſão, levava a reliquia o Arcebiſpo de Lisboa D. Jorge de Almeida debaixo do pallio, cujas varas ſuſtentavão o Cardeal D. Henrique, o Senhor D. Duarte, o Enviado do Papa, o Embaixador de Caſtella, e D. Pedro Diniz. Recolhida a Prociſſão, e celebrada Miſſa de Pontifical pelo Arcebiſpo D. Jorge de Almeida, recitou huma elegante Oração o Doutor Antonio Pinheiro, cuja facundia era ſempre o ultimo ornato das mais celebradas funções.

Pompa com que foy recebida a Setta, que mandou o Pontifice.

CAPITULO XXII.

Ordena ElRey por diverſas Cartas ao Vice-Rey D. Antonio de Noronha como deve governar o Eſtado. Morrem Lourenço Pires de Tavora, e André de Rezende, de cujas peſſoas ſe faz merecida memoria.

1573

113 O Eſpirito militar delRey D. Sebaſtiaõ naõ ſómente animava aos Soldados para as emprezas da Africa, mas tambem ſe extendia às da Aſia, ſendo todo o ſeu deſvélo, que naõ prevaleceſſem contra o nome Chriſtaõ os torpes ſequazes do Mahometiſmo. Conhecendo que em toda a idade fora o Oriente theatro glorioſo das façanhas Portuguezas, onde a fortuna aliſtada debaixo das noſſas bandeiras nos concedera multiplicados triunfos, e que voltando a ſua inconſtante roda ſe fizera parcial das armas do Samorim no infeliz ſitio de Chale, eſcreveo com ſeveridade ao Vice-Rey D. Antonio de Noronha, para que comettidos os miniſterios da Juſtiça, e da Fazenda a homens dignos de taõ altas incumbencias ſe applicaſſe unicamente a promover as emprezas militares, ſendo a principal abáter o orgulho do Samorim, e purificar com o ſangue deſte barbaro a injuria, que recebera o Eſtado em a tragica expediçaõ de Chale. Entre diver-

diverſas Cartas, que ſobre eſta materia lhe eſcreveo ElRey, ſe diſtinguia a ſeguinte, eſcrita em Evora a 8 de Março deſte anno de 1573.

Carta delRey para D. Antonio de Noronha, Vice-Rey da India.

„ O caſo de Chale, em que já vos comecey a fallar por duas vezes, neſta Carta houvera ſer a primeira, e a derradeira couſa, que vos nella eſcrevera: vi o que ſobre iſſo me eſcreveis em huma de voſſas Cartas, e inconvenientes, que vos foraõ apontados, querendo vós logo proceder na guerra contra o Samorim para o deixardes entaõ de fazer, e ſendo eſte caſo quaõ eſpantoſo, e vergonhoſo póde ſer, e nunca viſto em Portuguezes, nem eſperado delles, naõ podia deixar de haver niſto muitas culpas, e de muitos; e ſuppoſto, que algumas ſeriaõ mayores, que outras, mal ſe poderia recuperar a honra, e reputaçaõ deſte Eſtado, ſe naõ deſſeis logo hum grande, e extraordinario caſtigo ao Samorim, e naõ o tendo vós poſto em effeito em tal maneira, de que eu me deva ſatisfazer (o que eu naõ poſſo cuidar, que em tal materia houveſſe tamanho deſcuido, grande abatimento da opiniaõ Portugueza he tardar tanto) pelo que vos encomendo, e mando, que niſto vos deſveleis, e em couſas taõ viſtas naõ ha para que ſeja neceſſario conſelho, ſenaõ no modo de as fazer; e quanto ao fazer da Fortaleza de Chale, e lugar della fareis o que for mais meu ſerviço, &c.

Merece

Elogio de Lourenço Pires de Tavora.

114 Merece diſtincta lembrança neſtas Memorias Lourenço Pires de Tavora, cujas acções politicas, e militares lhes ſervem de decoroſo ornato. Recebendo de ſeus illuſtres progenitores Chriſtovaõ de Tavora, e D. Franciſca de Souſa a mais qualificada nobreza, ſubio a ſer mais auguſta com o ſeu proprio merecimento. Deſde o berço ſe enſayou para Heroe, ſuffocando como outro Hercules na idade de dezaſeis annos as ſerpentes Africanas no infeliz combate de Arzilla, onde ſacrificou a vida em obſequio da patria ſeu irmaõ Alvaro Pires de Tavora. Depois de exercitar neſta marcial paleſtra os ſeus eſpiritos, reſtituido à Corte acompanhou no anno de 1535 ao Sereniſſimo Infante D. Luiz em a famoſa expediçaõ de Tunes, em que deu de ſua valentia naõ vulgares argumentos. Intentando ElRey D. Joaõ o III. confederarſe com Muley Aamet, Rey de Fez, o nomeou Embaixador a eſte barbaro no anno de 1541, donde voltando foy eleito pelo meſmo Monarca Ayo de ſeu filho natural D. Duarte, a quem terniſſimamente amava, para que o inſtruiſſe nas artes dignas de ſeu naſcimento. Para adquirir novos timbres ao ſeu nome, ſahio da barra de Lisboa no anno de 1546, capitaneando ſeis náos para a India, e informado em Cochim do formidavel poder com que ElRey de Cambaya tinha cercado a Fortaleza de Dio, defendida pela valeroſa conſtancia de D. Joaõ Maſcarenhas,

Barboſ. *Faſt. da antig. e nov. Luſit.* Tom. 1. pag. 547. §. 7.

carenhas, paſſou valeroſamente a eſta Praça para ſer companheiro dos perigos, e das glorias de ſeus defenſores, onde para ſe diſtinguir de todos foy o primeiro, que intrepidamente montou a trincheira, em que peleijavaõ o Vice-Rey D. Joaõ de Caſtro, ſendo hum dos glorioſos inſtrumentos da victoria, com que totalmente ſe humilhou o orgulho delRey de Cambaya. Coroado de glorioſos troféos ſe reſtituhio à Patria, e depoſtas as armas, empunhou o Caduceo para repreſentar com o caracter de Embaixador aos ſeus Soberanos em as mais celebres Cortes da Europa. A Mageſtade de D. Joaõ o III. o mandou no anno de 1548 a Alemanha ajuſtar com ſeu cunhado Carlos V. os deſpoſorios da Princeza D. Joanna de Auſtria com ſeu filho o Principe D. Joaõ, a qual acompanhou no anno de 1552, com pompa digna de taõ plauſivel funçaõ, até entrar em Portugal. Com o meſmo caracter foy a Inglaterra, para que a herdeira deſta Coroa ſe deſpoſaſſe com o Infante D. Luiz: e ſuppoſto que foy inutil eſta negociaçaõ, deſcobrio com prudente ſagacidade os motivos porque ſe naõ concluio. Semelhante miniſterio exercitou na Curia Romana ſendo eleito no anno de 1559, pela Rainha D. Catharina na menoridade de ſeu neto ElRey D. Sebaſtiaõ, onde nos Pontificados de Paulo IV. e Pio IV. alcançou para eſte Reyno ſingulares indultos da liberalidade Pontificia. Tanta era a authoridade,

Andrade *Chron. delRey D. Joaõ o III.* Part. 4. cap. 95.

O Excellentiſſimo Conde do Vimioſo *Vid. do Inf. D. Luiz* pag. 97.

thoridade, que conciliou na Cabeça do Mundo, que além dos elogios, com que os Principes do Vaticano louvaraõ a sua prudencia, e piedade, se resolveo o Senado Romano pelos votos dos Consules Paulo Bubalo, e Marcello Altamirano nomeallo Senador Romano, e que este honorifico titulo fosse hereditario na sua esclarecida descendencia. Restituido a Lisboa em o anno de 1562, mereceo por premio desta Embaixada a gratificaçaõ do Principe, e o applauso do povo. Como o seu talento era igualmente capaz para o Gabinete, que para a Campanha, nunca esteve ocioso em beneficio da Patria, alternando venturosamente as negociações de Mercurio, com as emprezas de Marte. Ameaçada a Praça de Tangere pelo altivo animo de Xarife Muley Abdala Rey de Marrocos foy nomeado Governador desta Praça para onde partio a 15 de Abril de 1564 com huma poderosa Armada, onde entre as muitas victorias, que alcançou dos Mouros, se distinguiraõ duas, alcançada a primeira do Alcaide mór de Arzilla Cide Boho Bontuda, e a segunda no anno de 1566 dos filhos deste barbaro, com que coroou a vigilante providencia do seu governo. Ornado de tantas acções politicas, e militares, em que deixou immortalizado o seu nome, se retirou ao lugar de Caparica fronteiro à Cidade de Lisboa, onde se preparou com actos religiosos para alcançar a Coroa promettida aos Jus-

Menezes *Hist. de Tanger.* liv. 2. §. 53.

tos.

tos. Avizado pela violencia de huma enfermidade ſer chegado o termo da ſua vida, recebeo com grande ternura os Sacramentos, e faleceo a 15 de Fevereiro de 1573, quando contava o anno clymaterico de 63. Foy caſado com D. Catharina de Tavora, Dama da Rainha D. Catharina, filha de Ruy Lourenço de Tavora, Conſelheiro de Eſtado, que morreo na viagem, quando hia nomeado Vice-Rey da India, e de D. Joanna da Cunha. Deſte matrimonio teve a D. Chriſtovaõ de Tavora, que foy muito aceito a El-Rey D. Sebaſtiaõ, a Alvaro Pires de Tavora, e Ruy Lourenço de Tavora, herdeiros de ſeu marcial eſpirito, e politica capacidade. Jaz em a Capella mór do Convento dos Religioſos Arrabidos do lugar de Caparica, fundaçaõ ſua, e ſobre a ſepultura eſtá gravado o ſeguinte Epitafio.

Sepultura de Lourenço Pires de Tavora do Conſelho de Eſtado delRey D. Sebaſtiaõ Inſtituidor, e Padroeiro deſta Caſa de Capuchos da Santa Provincia da Arrabida. Falleceo de idade de ſeſſenta, e tres annos em 15 de Fevereiro de 1573 havendo ſó ſinco ſemanas que deſcanſava em ſua caſa dos muitos ſerviços, que fez a eſte Reyno na paz, e na guerra aſſim na Aſia, como na Africa, e Europa.

Fr. Antonio da Pied. *Chron. da Prov. da Pied.* Part. 1. liv. 2. cap. 3.

115 Naõ foy menos lamentavel para Portugal neſte fatal anno de 1573 a morte do inſigne

Elogio de André de Rezende.

Antiquario André de Rezende ſuccedida a 9 de Dezembro em a Cidade de Evora, onde teve feliz oriente em o anno de 1498. Na tenra idade de dous annos orfaõ de ſeu pay Pedro Vaz de Rezende, foy vigilantemente educado por ſua mãy Angela Leonor Vaz de Goes, de igual nobreza à de ſeu conſorte, que conhecendo a viveza de engenho de que liberal o dotara a natureza, o mandou inſtruir em os documentos capazes da ſua comprehenſaõ. Aliſtado em a ſagrada milicia da Ordem dos Prégadores aprendeo em Salamanca letras humanas com Antonio Nebriſſa, e Ayres Barboſa, Oraculos da lingua Grega, e Latina, em cujos idiomas ſahio peritiſſimo, naõ ſendo inferior o progreſſo, que fez nas ſciencias ſeveras recebendo as inſignias Doutoraes na faculdade da Theologia. Para augmentar a erudiçaõ ſagrada, e profana, paſſou a Pariz, onde conciliou as eſtimações de Joaõ Vazeo, e Rogerio Reſcio, egregios profeſſores das letras humanas. De Pariz paſſou a Bruxellas obrigado das ſupplicas de D. Pedro Maſcarenhas, Embaixador delRey D. Joaõ o III. a Carlos V. para que o inſtruiſſe na erudiçaõ profana, a que muito o inclinava o genio, onde recebeo a funeſta noticia de ſer morta ſua mãy, por cuja cauſa voltando à Patria no anno de 1534, o nomeou ElRey D. Joaõ o III. Meſtre de ſeus irmãos D. Affonſo, D. Henrique, e D. Duarte, para cujo effeito impetrou

petrou do Pontifice o meſmo Monarca, que mudaſſe o habito religioſo pelo Clerical; e poſto que viveo o largo eſpaço de trinta e cinco annos fóra do Clauſtro, obſervou ſempre exactamente a diſciplina regular. Na ſua Patria edificou huma quinta, em que a copia das plantas competia com a abundancia das aguas, e a eſte ameno domicilio ſe retirava alguns dias altercando com peſſoas eruditas controverſias literarias. Em caſa propria contigua ao Palacio Archiepiſcopal abrio huma paleſtra, que era frequentada dos principaes moradores de Evora atrahidos da ſua vaſta erudiçaõ. Imitou na Poeſia lyrica a Horacio, e na heroica a Virgilio. Obſervou religioſamente os preceitos da lingua Latina affectando algumas vezes termos menos uſados em obſequio da veneravel Antiguidade. Practicou com felicidade a Arte da Muſica, cantando ſuave, e tangendo déſtro diverſos inſtrumentos. Foy inſigne na Oratoria Eccleſiaſtica, merecendo ſer Prégador delRey D. Joaõ o III. e do Cardeal D. Henrique. Em a indagaçaõ dos Monumentos Romanos foy incanſavel, levando nas jornadas, que fazia, diverſos inſtrumentos para os extrahir das entranhas da terra. Eſtes ſingulares dotes lhe conciliaraõ a eſtimaçaõ de grandes Principes, e dos mais celebres Filologos de todas as nações, como foraõ Jeronymo Oſorio, Damiaõ de Goes, Achilles Eſtaço, Jeronymo Cardoſo, Eraſmo Roteredamo, o Cardeal An-

tonio Paccio, Martim Asplicueta Navarro, e Ambrosio de Morales, com os quaes conservou perpetua communicação. Mandou edificar a sua sepultura à entrada da casa do Capitulo do Convento dos Dominicos de Evora, onde entre a frialdade das cinzas conserva o ardente affecto com que sempre amou a tão illustre Mãy. Morreo quando contava setenta e cinco annos de idade, podendo competir com este numero o das suas eruditas obras, das quaes, como da sua pessoa, se faz extença memoria no Tom. I. da minha *Biblioth. Lusit.* desde pag. 161. até 170.

CAPITULO XXIII.

Prosegue Francisco Barreto a empreza de Monomotapa, onde morre com saudade devida aos seus merecimentos.

1573

116 REduzidos à obediencia das nossas armas os Mouros da Ilha de Pate, navegou Francisco Barreto de Moçambique com vinte embarcações a 13 de Novembro de 1571 ao grande rio de Cuama, e a 18 de Dezembro do referido anno chegou a Sena, lugar ainda que humilde habitado de Portuguezes, e Mouros, que de Melinde, Mombaça, Quiloa, Sofala, e Moçambique commutavão varios generos pelos negros

negros da Cafraria. Capitaneava Francisco Barreto setecentos arcabuzeiros, e receando os Mouros visinhos a Sena este apparato militar, como lhe naõ pudessem resistir, se valeraõ da perfida astucia de contaminar com veneno as carnes, que haviaõ comer os Portuguezes, de que alguns inficionados morreraõ, entre os quaes se distinguio Ruy Nunes Barreto, filho do Capitaõ mór. Descuberta por hum dos barbaros a traiçaõ, castigou severamente aos authores della Francisco Barreto, sendo huns degollados, e outros reduzidos a breves pedaços pelo impulso das bombardas.

Traiçaõ dos barbaros contra os Portuguezes.

117 Como o principal intento de Francisco Barreto era a conquista das Minas da prata, e a naõ podia conseguir sem a sogeiçaõ dos barbaros, que habitavaõ desde Sena até à Provincia de Chicova, berço fecundo deste estimado metal, e firmar as pazes com o Monomotapa, Emperador da Cafraria, que he Senhor do Chicova, lhe mandou por Embaixadores a Francisco de Magalhães, e Francisco Rafaxo. Partiraõ a 15 de Novembro de 1572, com hum Enviado do Emperador, que lhe pedira o nosso Governador. Falecido em Tete Francisco de Magalhães, foy o seu companheiro continuando a jornada, e chegando a Massapà, povoaçaõ de Portuguezes, a 17 de Fevereiro deste anno de 1573, esperou pelo Enviado do Emperador, e com elle entrou em Simbaoè, Cidade Imperial do Monomotapa, e havendo

Manda Francisco Barreto Embaixadores ao Monomotapa.

vendo varias controversias sobre o ceremonial, com que havia ser recebido, teve Francisco Rafaxo a primeira audiencia do Emperador a 28 de Abril, a quem propoz os Capitulos da sua instrucçaõ, dictados, e assinados por Francisco Barreto, que eraõ os seguintes.

Capitulos da Embaixada, que mandou Francisco Barreto ao Monomotapa.

„ Primeiramente dizey ao Monomotapa, „ que eu sou mandado pelo muito alto, e muy „ poderoso, e Christianissimo Rey D. Sebastiaõ, „ meu Senhor, a renovar pazes com elle, assen- „ tar o trato, e commercio desta terra, e alim- „ par todas as espinhas, que impedem aos Por- „ tuguezes o caminho para as suas terras, e que „ por essa razaõ comecey pela terra do Mongaz, „ e me fico fazendo prestes para ir alimpar os es- „ pinhos de outras terras, e abrir estrada franca „ para communicar com Sua Alteza, com que „ ElRey meu Senhor deseja muito ter commer- „ cio, e amizade.

„ Em segundo lugar lhe dizey se lembre „ S. A. de que por sua propria vontade, e de al- „ guns vassallos, e Senhores do seu Reyno, e de „ sua mãy consentio ser bautizado pelo Padre D. „ Gonçalo, e por tanto ficou obrigado a seguir „ a Fé Catholica, e guardar os Mandamentos da „ Ley de Deos, o que até agora naõ fez. Que „ a queira guardar com os mais daqui por dian- „ te, vivendo como verdadeiro Christaõ, e que „ para isso lhe mandarey lá Padres, se os quizer;

„ e que

,, e que se assim o naõ fizer perderá sua alma, e
,, ficará excluido da Gloria, e Bemaventurança
,, eterna, e que esta he a principal lembrança,
,, que lhe manda fazer ElRey meu Senhor.

,, Dizey-lhe em terceiro lugar, que os Mou-
,, ros com as muitas mentiras, e falsidades, que
,, disseraõ a S. A. o constrangeraõ a mandar ma-
,, tar alguns Portuguezes, e principalmente ao
,, Padre D. Gonçalo, de cuja maõ recebeo o san-
,, to Bautismo, e a Fé de Jesu Christo, e por
,, quanto este Padre foy à sua Corte como Em-
,, baixador, e Legado do Visorey, que entaõ
,, era da India, posto por ElRey meu Senhor,
,, e confiando na sua palavra, e verdade, deve
,, S. A. dar a devida satisfaçaõ destas mortes man-
,, dando-me entregar todos os Mouros, que in-
,, tervieraõ nestes negocios, mormente na morte
,, do Padre D. Gonçalo, ou lançallos das suas
,, terras em hum anno, que começará da notifi-
,, caçaõ desta lembrança, da qual se fará assento,
,, e quanto mais cedo os lançar mais brevemente
,, se faraõ as pazes, que naõ podem ser firmes,
,, havendo Mouros na terra.

,, Em quarto lugar lhe direis, que para sa-
,, tisfaçaõ dos muitos, e grandes gastos, e despe-
,, zas, que se fizeraõ com as Armadas, em que
,, vim de Portugal, e se fazem de presente com
,, a gente, e Soldados, que trago nestes rios à
,, custa da fazenda delRey meu Senhor, e em sa-
,, tisfaçaõ

„ tisfaçaõ da morte do Padre D. Gonçalo, e mais
„ Portuguezes, que tambem foraõ mortos, me
„ ha de dar para a Coroa, e Eſtado delRey meu
„ Senhor todas as minas de prata, que ha nas ſuas
„ terras, e de que ſe naõ ſerve, e as minas de
„ ouro da Maſſapà, e Matao, e as mais, que
„ S. A. quizer dar, e conceder com algumas ter-
„ ras perto dellas para eu me ir aſſentar nellas com
„ os Portuguezes, e eſtar mais perto de S. A. pa-
„ ra melhor o poder ſervir.

Repoſta do Emperador ao Embaixador.

118 Ouvio attentamente o Emperador todas as clauſulas contheudas na inſtrucçaõ de Franciſco Barreto, e reſpondeo ao primeiro Capitulo, que eſtimava muito a chegada do Capitaõ mór, e que logo que foſſe recebido na ſua Corte determinariaõ o modo, com que ſe haviaõ vencer os obſtaculos, que impediaõ o commercio, e a amizade entre a ſua Peſſoa, e ElRey de Portugal. Ao ſegundo Capitulo reſpondia confeſſando ter recebido o bautiſmo da maõ do Padre D. Gonçalo, a quem mandara privar da vida pelos maliciofos artificios dos Grandes do ſeu Reyno, de cuja injuſta, e barbara execuçaõ eſtava ſummamente arrependido. Ao terceiro Capitulo diſſe, que para conhecer por mentiroſos os Mouros baſtava a falſidade, com que Munhe Maça, Capitaõ delles, affirmara, que Franciſco Barreto trazia comſigo o Quiteve, que reynava entre Sofala, e Manica, ao qual mandara matar em caſti-

go

go da ſua mentira. Ultimamente ao quarto Capitulo reſpondeo, que voluntariamente cedia a ElRey de Portugal as minas de prata, pois ſe dignava de o mandar viſitar de parte taõ remota do ſeu Imperio, querendo conſervar com elle paz inalteravel. Naõ correſpondeo o effeito à promeſſa, pois toda a vigilancia deſte barbaro ſe empregava, em que naõ foſſem deſcubertas as minas, como a experiencia moſtrou a Franciſco Barreto.

119 Tinha eſte valeroſo Capitaõ triunfado de ſeis mil Cafres em a Cidade de Mongàz, e chegando a Chicova aſſentou o ſeu arrayal. Entenderaõ os barbaros, que o intento do noſſo Capitaõ era deſcobrir as minas da prata, e para naõ ſerem obrigados a eſte deſcobrimento deſampararaõ a terra. Hum delles com doloſo artificio conduzio a alguns Portuguezes a huma parte, em que tinha occultado quatro arrateis de prata diſtantes huns dos outros, e como affirmaſſe, que cavando achariaõ o imaginado Potoſi, ſe lhe deu largo premio; porém auzentando-ſe de noite o barbaro, ſe achou ao dia ſeguinte ſómente a prata que elle tinha ſepultado. Conhecendo Franciſco Barreto o engano, e por conſequencia fruſtradas as eſperanças do deſcubrimento das minas, voltou para Tete, deixando em Chicova duzentos Soldados, e por ſeu Cabo Antonio Cardoſo de Almeida. Para ſe defenderem dos Cafres, formaraõ os Portuguezes huma trincheira, em quanto ſe

Engano armado por hum barbaro em o deſcobrimento das Minas da prata.

esperava o descobrimento das minas. Os Cafres sentindo-se vexados com a visinhança dos Portuguezes, se resolveraõ quebrar aquelle jugo, para cujo fim convidaraõ aleivosamente ao nosso Capitaõ para lhes mostrar o lugar das minas em remuneraçaõ da benevolencia, que com elles usava. Sahio o Capitaõ com cem Soldados a huns matos conduzidos pelos Cafres, aos quaes acomettendo improvisamente tres mil feras, reduziraõ a mayor parte a varios pedaços, e supposto que venderaõ as vidas muito caro, ainda se retiraraõ alguns à tranqueira. Victoriosos os Cafres, cercaraõ aquelles, que a guarneciaõ, que naõ podendo tolerar o rigor da fome, sahiraõ desesperados contra os inimigos, que a naõ serem soccorridos de huma grande multidaõ, certamente seriaõ despojo das suas espadas, acabando infelizmente naquellas incultas Provincias taõ famosos, e illustres Soldados.

Morte infeliz dos Soldados Portuguezes.

Morre Francisco Barreto, e se faz o seu elogio.

120 A infausta noticia deste successo penetrou taõ altamente a Francisco Barreto, que em breves dias o privou da vida neste anno de 1573. Foy este insigne Varaõ filho de Ruy Barreto, Alcaide mór de Faro, e de D. Branca de Vilhena, filha de Manoel de Mello, Alcaide mór de Olivença. Dos seus heroicos espiritos foy a primeira palestra a Regiaõ de Africa, donde passando à Asia com o posto de Governador do Estado fez immortal o seu nome. Restituido à Patria foy General

Sousa *Orient. Conquist.* Part. 2. Conq. 5. D.vis. 1. §. 12.

General da Armada, que ElRey D. Sebastiaõ expedio a favor de Filippe Prudente para a conquista do Pinhaõ de los Velez, em cuja empreza obrou taes façanhas, que lhas agradeceo este Monarca com dadivas generosas, e expressoens honorificas. Nunca deixou de servir ao seu Soberano, ainda que fosse com diminuiçaõ do seu caracter, pois tendo sido o decimo nono Governador do Imperio Asiatico Portuguez, obedeceo prompto para a expediçaõ de Monomotapa, a que naõ correspondeo o effeito às prudentes disposições do seu juizo. Casou com D. Brites de Ataide, que faleceo dous dias depois da sua partida. Sempre durará a sua memoria nos Fastos da piedade Catholica, por ser zeloso Propagador do Evangelho, assim na India, como na Cafraria.

CAPITULO XXIV.

Acomette o Achem a Fortaleza de Malaca com huma formidavel Armada, que he destruida pelo insigne Capitaõ Tristaõ Vaz da Veiga.

121 CEgamente obstinado, e barbaramente contumaz persistia ElRey do Achem na conquista da Fortaleza de Malaca, naõ lhe servindo de fataes documentos para o seu desengano as famosas victorias, que delle alcan- 1573

çaraõ D. Leoniz Pereira, e Mem Lopes Carrasco, dos quaes fizemos distincta memoria nos annos de 1568, e 1569, como tambem o sentimento, que profundamente lhe penetrou o peito com a espantosa derrota do Hidalcaõ, e Nizamaluco, seus confederados, cuja arrogancia ficou sepultada debaixo dos muros de Goa, e de Chaul. Esquecido de successos taõ infaustos, e estimulado do rancor, que tinha aos Portuguezes, terceira vez se animou a conquistar Malaca, e para este effeito appareceo em 13 de Outubro deste anno de 1573, com huma formidavel Armada de noventa e tantas velas, entre as quaes se distinguiaõ vinte e cinco galés, e trinta e quatro fustas com sete mil Soldados. Sendo noite desembarcou improvisamente, ordenando se lançasse fogo à povoaçaõ do Ilher, situada na parte Occidental de Malaca, que certamente seria breve despojo da voracidade do fogo, se naõ fora extincto por huma copiosa chuva, que pareceo milagrosa.

Formidavel Armada do Achem contra Malaca.

Lemos *Cerc. de Malac.* Part. 1. cap. 6. 7. e 8.

122 Acodio a impedir o progresso desta fatalidade com mayor zelo, que prevençaõ, D. Joaõ de Bandara, Capitaõ dos Gentios, onde perdeo lastimosamente a vida, merecedora de mais larga duraçaõ pelas acções obradas nos cercos passados. Intentou o Achem abrazar as nossas náos, que estavaõ ancoradas debaixo da Fortaleza, mas recebeo dellas tanto damno, que sahio com a Armada para o rio Muar, cinco legoas distante de

Morre infelizmente D. Joaõ de Bandara.

de Malaca, onde impedia todo o genero de soccorro para a nossa Fortaleza, a qual se via reduzida à ultima miseria, taõ exhausta de mantimentos como de defensores, atenuados huns com as doenças, e consumidos outros com a fome, e sobre tudo com as esperanças perdidas de soccorro, para o qual eraõ precisos seis mezes de demora. Conhecendo os moradores de Malaca, que pelos excessos da cubiça, e sensualidade era a Ninive do Oriente, o fatal estrago, que lhes ameaçava aquelle arrogante barbaro, merecido pela enormidade das suas culpas vagavaõ pelas ruas implorando a Divina Misericordia, para que naõ permittisse fossem as suas vidas sanguinolento despojo dos inimigos de seu santo Nome. A estes lastimosos clamores condescendeo o auxilio superior, chegando casualmente àquelle porto Tristaõ Vaz da Veiga com huma náo, que hia carregar de pimenta à Ilha de Sunda, ao qual instantemente rogaraõ, que quizesse ser o redemptor do calamitoso perigo a que estavaõ expostos, para cuja gloriosa empreza lhe offereceraõ os navios, que estavaõ ancorados debaixo dos muros da Fortaleza.

Oppressaõ em que estavaõ os sitiados.

123 Naõ duvidou o alentado Capitaõ de aceitar a incumbencia, que pela desigualdade de forças era certamente temeraria, constando todo o poder, com que buscava taõ formidavel Armada, da sua náo, outra de hum Mercador de Cochim,

Resolve Tristaõ Vaz da Veiga acometter a Armada do Achem.

chim, tres galeotas velhas, e cinco fuſtas, taõ faltas de artilharia, e munições, como de gente ſem diſciplina da navegaçaõ, e muito menos de guerra. Antes do combate ſe preparou Triſtaõ Vaz da Veiga com as invenciveis armas dos Sacramentos, ſegurando que ſe Deos lhe concedeſſe victoria dos inimigos do ſeu Nome, nunca pediria por eſte ſucceſſo remuneraçaõ a ElRey, porque o Ceo o deſtinara inſtrumento da felicidade, que ſe eſperava. Ao romper da manhãa navegou para o rio Fermoſo, diſtante doze legoas de Malaca, por eſtar informado, que nelle eſtava a Armada inimiga. Tanto que a aviſtou, deixando entregue a ſua náo a Manoel Ferreira com inſtrucçaõ do que havia obrar no conflicto, ſe meteo em huma galeota, onde com a eſpada na maõ ordenou a ſua Armada, e animou aos Soldados, que lembrados da Fé, que profeſſavaõ, e do credito da naçaõ, que tantas vezes tinha vencido aquelles barbaros, naõ receaſſem o combate de que haviaõ ſahir victorioſos.

Faria *Aſia Portug.* Tom. 2. Part. 3. cap. 13. §. 5.

124 O eſtrondo da artilharia deu principio ao conflicto, ſendo feliz prologo da victoria abordar Triſtaõ Vaz da Veiga a Capitanea do Achem, de que ſe ſeguio triunfar de huma galé Fernaõ Peres de Andrade, e fundar outra Fernaõ de Lemos, render outra com a eſpada Franciſco de Lima, ſubmergir tres, e deſmaſtrear quatro Manoel Ferreira. Temeroſo o Achem, que toda a Armada

Trava-ſe a batalha com que foy desbaratado o Achem.

mada naufragasse pelo impulso dos Portuguezes, fugio com eterna injuria do seu nome, perdido o pendaõ da Capitanea, à qual confusamente seguiraõ as outras náos, que escaparaõ da ultima desgraça, deixando onze fustas consumidas pelo fogo, e derrotadas pelo ferro, e setecentos Soldados entre mortos, e feridos, faltando unicamente cinco dos nossos. Triunfante de inimigo taõ poderoso esteve tres dias Tristaõ Vaz da Veiga esperando no lugar do conflicto, para se coroar com segunda victoria, e no fim delles voltou a Malaca, onde foy recebido com festivas acclamações, por ter libertado aquella Fortaleza da formidavel invasaõ de inimigo taõ poderoso, como obstinado.

CAPITULO XXV.

Morre alentadamente em Tangere Ruy de Sousa de Carvalho, Governador desta Praça, de cuja pessoa se faz hum breve elogio.

125 TInhaõ corrido dez annos, quando com a memoravel defensa da Praça de Mazagaõ havia immortalizado o seu nome o insigne Capitaõ Ruy de Sousa de Carvalho, e para que a fama lhe continuasse as acclamações devidas à heroicidade do seu peito, o nomeou em

1573

em o anno de 1572 ElRey D. Sebaſtiaõ, Governador da Praça de Tangere, confiando que ao dominio da ſua Coroa ſogeitaria toda Africa menos ardente que o eſpirito de taõ grande Heroe.

Parte para Tangere Ruy de Souſa de Carvalho.

Acompanhado com quinhentos Cavalleiros, repartidos em nove Companhias, compoſta cada huma de cincoenta Soldados, de que eraõ Capitães D. Fernando de Menezes, D. Joaõ de Azevedo, Pedro da Sylva, irmaõ de Lourenço da Sylva, Regedor da Juſtiça, Pedro Moniz, filho de Febos Moniz, Franciſco Barreto de Lima, D. Franciſco de Caſtellobranco, irmaõ do Meirinho mór, D. Gilianes da Coſta, Diogo Lopes da Franca, Contador de Tangere, e o Adail Simaõ Lopes de Mendoça, chegou Ruy de Souſa a Tangere, onde paſſado pouco tempo lhe offereceo a fortuna hum conflicto como preliminar obſequio à valentia do ſeu braço. Eſquecidos os Mouros do lamentavel eſtrago, que tinhaõ padecido em Mazagaõ a impulſos deſte grande General, ſe animaraõ os Alcaides de Alcacer, Arzilla, e Tetuaõ, com dous mil cavallos a provocar a noſſa gente a 21 de Setembro, no campo chamado *A decida*. Promptamente ſahio Ruy de Souſa contra os inimigos, e travando-ſe hum formidavel combate pelo eſpaço de duas horas, naõ podendo os Mouros romper o noſſo eſquadraõ, ſe retiraraõ confuſos, e deſtroçados, mandando para ſinal da victoria o Capitaõ mór tocar as trombetas,

Alcança huma victoria dos Mouros.

betas, cujo armonico eſtrondo ſendo plauſivel aos vencedores era funeſto aos vencidos.

126 Como no peito de D. Sebaſtiaõ ardia intenſamente o deſejo de reduzir Africa ao ſeu dominio, lhe pareciaõ lentos, e vagaroſos os progreſſos, que naquella Regiaõ obravaõ as noſſas armas, e arrebatado deſte penſamento, eſcreveo a Ruy de Souſa de Carvalho, increpando-o de ſer pouco activo na guerra, que devia promover contra os Mouros, de cuja inercia era cauſa o deſpoſorio, que celebrara com D. Maria da Sylveira, preferindo as delicias do thalamo aos perigos da campanha. Eſtimulado Ruy de Souſa com eſta reprehenſaõ, que arguia de imprudente o ſeu governo, e de remiſſo o ſeu valor, deſprezando os caſos funeſtos à ſua vida, que precederaõ ao ſahir de caſa acompanhado de trinta cavallos acudio ao rebate da tranqueira, chamada da *Fome*, onde ſe encontrou com dous mil cavallos, capitaneados pelos Alcaides Cid Albequerim Bentud de Arzilla, e Cid-Azut Bentud de Alcacere, filhos de Cid Hamet Bentud, que levavaõ quaſi vencidos aos Fronteiros Antonio Pereira de Berredo, que depois governou Tangere, e Thomé da Sylva. Naõ eſperou por mayor ſoccorro Ruy de Souſa, e acomettendo primeiramente Franciſco Barreto de Lima, D. Antonio Pereira, D. Franciſco de Menezes, Lourenço de Lima, Pedro da Sylva, D. Antonio da Cunha, e ſeu irmaõ

He increpado por ElRey D. Sebaſtiaõ.

Sahe ao campo com trinta Soldados contra dous mil cavallos dos inimigos.

maõ Pedro da Cunha, Bento Rozeima, cunhado de D. Joaõ Lobo, Manoel de Macedo, e Manoel Mendes Collaço delRey, peleijaraõ valerósamente perdendo a vida Bento Rozeima, e a liberdade D. Antonio da Cunha; ferido no rosto, e privado de hum olho D. Antonio Pereira, e fora cativo D. Diogo de Menezes, se o naõ salvara Joaõ de Ramos.

127 No tempo que o conflicto estava mais furioso na entrada da tranqueira, como os inimigos fossem em o numero muito superiores aos nossos, vieraõ correndo pela parte onde estava sómente com a sua Companhia Ruy de Sousa de Carvalho, que era a tranqueira da *Sylveirinha*, que edificara em obsequio do appellido de sua esposa. Armado de generosos espiritos naõ recuzou entrar em taõ desigual combate, onde depois de ter por largo tempo disputado a victoria aos inimigos, cahio trespassado com cento e dez feridas, naõ havendo parte em o seu corpo em que podessem os barbaros empregar os instrumentos da sua vingança. Deste sanguinolento espectaculo era unica testemunha sua mulher, que assustada, e solicita clamava de huma janella, que se soccorresse aquelle Cavalleiro, que taõ heroicamente peleijava contra multidaõ taõ immensa, ignorando que era seu marido. Passado o conflicto, como os Fidalgos que peleijaraõ na vanguarda fossem carregados pelos Mouros, e naõ podes-

He lastimosamente morto.

podessem ser soccorridos intentaraõ voltar; porém achando occupada a retaguarda pelos inimigos, abriraõ com as lanças enristadas caminho por onde se restituiraõ à Cidade, e ignorando o lugar onde estivesse o Capitaõ mór, depois de feita a diligencia, que pedia o seu cuidado, o acharaõ morto, e despojado dos vestidos, causando-lhe o mayor espanto o numero de feridas, que recebera seu corpo, que eraõ tantas bocas, que publicavaõ o caro preço porque vendera a vida, conservando nas mãos grande copia de cabellos arrancados das cabeças dos Mouros. Foy conduzido o cadaver para a Sé, onde se lhe deu honorifica sepultura. Sentio com tanto excesso ElRey D. Sebastiaõ a morte deste grande Capitaõ, que em final do seu sentimento mandou fechar as janellas do Paço, e escreveo a D. Maria da Sylveira com taes expressoens, que lhe diminuiraõ o pezar da falta de seu marido, fazendo merce da Commenda de Béja, que vagara por elle, a seu filho Pedro Alvares de Carvalho, que ainda era menino. A mayor demonstraçaõ passou a estimaçaõ, que ElRey fazia de taõ distincto vassallo, pois na primeira jornada, que fez a Africa, perguntou, em que parte jazia o Capitaõ Ruy de Sousa de Carvalho, e sendo conduzido à Cathedral de Tangere, lhe lançou agua benta sobre a sepultura, rezando-lhe hum responso, cujas ceremonias mandou ao Bispo que fizesse.

Honra ElRey com grandes expressoens a memoria de Ruy de Sousa de Carvalho.

128 Foy Ruy de Sousa de Carvalho filho de Pedro Alvares de Carvalho, e de D. Maria de Sousa, filha de Martim de Tavora. A nobreza que lhe concedeo liberal a fortuna, a fez mais respeitada com as suas heroicas acções, de que foy glorioso theatro a Praça de Mazagaõ invadida no anno de 1562 por Muley Hamet, filho delRey de Marrocos, com cento e cincoenta mil combatentes. Pelo dilatado espaço de vinte e cinco annos servio a Patria como Soldado, e como Capitaõ em as occasiões de mayor perigo alcançando acclamações de valeroso, e elogios de prudente. Consumio em beneficio da Coroa mais de doze mil cruzados, que recebera em dote de sua mulher. Nunca correspondeo o premio ao seu merecimento, por ser superior a tudo que lhe podia dar a fortuna; e para naõ ser accuzado de menos attento ao respeito do Cardeal D. Henrique, quando governava ao Reyno pela menoridade delRey D. Sebastiaõ, aceitou huma Commenda de Santiago em Béja, de lote de quatrocentos mil reis. Como se vaticinara a breve duraçaõ da sua vida, supplicou pouco antes da sua morte a ElRey se lembrasse de sua mulher, e filhos, pois estava onerado de muitas dividas, que contrahira em seu real serviço, e que se naõ attendesse a supplica taõ justificada, estava resoluto a vir recolherse no Castello de Lisboa, para segurança de seus acredores, até que S. A. ordenar

Elogio de Ruy de Sousa de Carvalho.

nar que ſe lhes pagaſſe. Seja eterno brazaõ da ſua memoria o elogio, que lhe fez Filippe Prudente, quando entrando em Lisboa lhe apreſentou ſeu filho Pedro Alvares de Carvalho a camiza de ſeu pay banhada em ſangue, e raſgada em muitas partes pelas lanças Africanas. *Dios te haga tan buen Cavallero como fue tu padre*; e lhe lançou o habito militar da Ordem de Chriſto. Mandou ſua mulher D. Maria da Sylveira edificar na Capella do Eſpirito Santo do Convento de Xabregas, fóra dos muros de Lisboa, que he a primeira da parte direita ao entrar na Igreja, huma ſepultura para ſeu jazigo, e de ſeu eſpoſo, cujos oſſos foraõ transferidos para a dita Capella, na qual ſe gravou eſta inſcripçaõ.

Soled. *Hiſt. Seraf.* Part. 3. livr. 1. cap. 32. §. 207.

Eſta Capella he de Ruy de Souſa de Carvalho do Conſelho dos Reys deſte Reyno, o qual ſendo Capitaõ da Villa de Mazagaõ a defendeo do Xariſe do cerco, que ſobre ella teve anno de 1562 e ſendo Capitaõ, e Governador da Cidade de Tangere o mataraõ os mouros pelejando com elles no campo a 2 de Julho de 1573 ſendo de idade de trinta e ſete annos. D. Maria da Sylveira ſua mulher fez eſta Capella para elle, e ſeus herdeiros, a qual falleceo a 16 de Novembro de 1581, e eſtá aqui tambem ſepultada.

CAPI-

CAPITULO XXVI.

Determina D. Sebaſtiaõ paſſar a Africa, para cuja expediçaõ nomea por Governador de Tangere ao Senhor D. Antonio, Prior do Crato, e da inſtrucçaõ que lhe deu. Aſſiſte à bençaõ do Eſtandarte, que levou o Senhor D. Duarte, e da Oraçaõ que neſte acto recitou D. Antonio Pinheiro.

1574

129 O Eſpirito ambicioſo de fama, a natural inclinaçaõ para as armas, e a robuſta ſymetria do corpo concorreraõ uniformemente na peſſoa delRey D. Sebaſtiaõ, para ardentemente anhelar as mayores emprezas militares, com que conſeguiſſe immortal gloria ao ſeu nome, como vaſta dilataçaõ ao ſeu Imperio. Adulado o genio com a liçaõ das heroicas façanhas de ſeu auguſto avò Carlos V., e dos memoraveis triunfos de Jorge Caſtrioto, Rey dos Epirotas, cuja vida lhe dedicou ſeu Author, como tambem com as bellicoſas acçoẽs de ſeus coroados predeceſſores D. Affonſo Henriques, D. Joaõ o I., e D. Affonſo V., que com a propria eſpada lavraraõ a Coroa que cingiraõ, ſe inflamava o ſeu animo naõ ſómente na imitaçaõ, mas ainda no exceſſo de taõ famoſos exemplares, cujas Imagens eraõ o mais decoroſo ornato dos Templos

plos de Marte, e de Bellona. Seguindo taõ heroicos veſtigios, ſe reſolveo paſſar a Africa para reduzir ao ſeu dominio as Praças de Arzilla, Azamor, e Alcacere, que com perniciosa politica, e deteſtavel deliberaçaõ tinha largado aos Mouros ſeu avò D. Joaõ o III. Eſte intento unicamente conſultado com a propria vontade o naõ revelou a peſſoa alguma, antes para naõ ſer penetrado mandou chamar a D. Diogo de Souſa, morador em Evora, e o nomeou Governador do Algarve, para que deſte Reyno expediſſe a gente, que foſſe neceſſaria embarcarſe para Africa; e poſto que eſte Fidalgo conheceo o fim da incumbencia, que lhe dava, como era dotado de grande prudencia o naõ divertio de reſoluçaõ taõ temeraria, conhecendo que eraõ infructuoſos os conſelhos em hum animo dominado de cega paixaõ de conquiſtar o alheyo, e naõ conſervar o proprio.

Reſolve ElRey paſſar a Africa.

Elege por Governador do Algarve a D. Diogo de Souſa.

130 Para eſta meditada expediçaõ nomeou ElRey para Governador da Praça de Tangere ao Senhor D. Antonio, Prior do Crato, querendo com o pretexto deſte lugar occultar o deſignio de que lhe fizeſſe prompto tudo quanto era neceſſario à conquiſta que intentava. A 2 de Julho deſte anno de 1574, ſe lançou bando ao ſom de caixas, e trombetas, para que toda a gente que quizeſſe aliſtarſe na Infantaria, ou Cavallaria acompanhaſſe ao Senhor D. Antonio, o qual como

Nomea ao Senhor D. Antonio Governador de Tangere.

como era mais verſado nas eſpeculações Theologicas, que nos exercicios militares lhe nomeou ElRey para Conſelheiros D. Duarte de Menezes, depois Conde de Tarouca, D. Joaõ de Menezes, Governador que fora da Praça de Tangere, D. Alvaro Coutinho, D. Fernaõ Maſcarenhas, D. Gaſtaõ Coutinho, D. Jorge de Menezes, Joaõ de Mendoça, e D. Antonio de Caſtro, igualmente diſtinctos pelo explendor do naſcimento, como pela ſciencia practica da guerra de Africa, onde foraõ Capitães, e Fronteiros. A taõ illuſtre comitiva ſe juntaraõ outros Fidalgos ambicioſos de alcançar fama, e outros Cavalleiros Africanos, que na Corte aſſiſtiaõ, requerendo o premio dos ſeus ſerviços, aos quaes mandou ElRey dar cavallos, que com os de Tangere ſe formou o corpo de oitocentos.

Fidalgos que acompanharaõ ao Senhor D. Antonio.

131 Preparado o apparato militar, com que o Senhor D. Antonio paſſou a Tangere, pareceo a ElRey inſtruillo com varios documentos por onde havia regular as ſuas acções, aſſim politicas como militares, os quaes ſe reduziaõ às clauſulas ſeguintes.

Inſtrucções que recebeo delRey o Senhor D. Antonio.

„ Honrado D. Antonio Primo. He de taõ „ grande importancia a voſſa ida a Tangere, on„ de vos ora mando pelos effeitos, que eſpero em „ Noſſo Senhor, que de lá ſe ſigaõ para muito „ ſeu ſerviço, reputaçaõ deſtes Reynos, conten„ tamento meu, e honra voſſa, que me pareceo

„ dever-

„ devervos eſcolher para iſto, ſendo por muy cer-
„ to, que pelo que toca ao que vos aſſim comet-
„ to, é tambem a vós particularmente, e ſobre
„ tudo a meu ſerviço, correſpondereis inteira-
„ mente à obrigaçaõ, que a elle tendes, e ao
„ amor, e muito boa vontade que vos tenho,
„ com tudo o que de vós eſpero, e como me
„ deveis ſempre conhecer, e ſervir por filho do
„ Infante D. Luiz meu tio voſſo pay, que Deos
„ tem, e pela muita que por iſſo faço de vós.

„ E devendo vós levar inſtrucçaõ minha ſo-
„ bre o que deveis fazer naquella Cidade, me pa-
„ receo mandarvola dar em taõ poucas palavras
„ como eſtas ſeraõ, aſſim pela muy grande con-
„ fiança que de vós tenho, como por ſe naõ po-
„ derem pôr regras particulares em couſas de guer-
„ ra, em que as mais certas ſaõ as que dá o bom
„ conſelho das peſſoas de que elle ſe deve tomar,
„ ſegundo os caſos, e acontecimentos o reque-
„ rem. Pelo que vos encomendo, e encarrego
„ muito, que procedais com conſelho em tudo
„ o que houverdes de fazer, e eſpecialmente neſ-
„ tas couſas de guerra, e com iſſo podereis de-
„ pois melhor, e mais ſeguramente tomar aſſen-
„ to, e determinaçaõ nellas; e por certo tenho,
„ que aſſim o fareis, inda que o naõ levareis por
„ minha inſtrucçaõ, e as peſſoas, com que vos
„ aconſelhardes, ſeraõ as que tiverem idade, ex-
„ periencia, e as mais qualidades, que para iſſo

„ ſe requerem, ou ſendo peſſoas de tal qualidade,
„ que por eſſe reſpeito os devais chamar para con-
„ ſelho. Eſcrita em Lisboa a 14 de Julho de 1574.

„ Honrado D. Antonio Primo. Por huma
„ minha Inſtrucçaõ geral, que levais, vos enco-
„ mendo que procedais nas couſas, que houver-
„ des de fazer, e eſpecialmente em as da guerra
„ com conſelho das peſſoas, que tiverem idade,
„ experiencia, e as mais qualidades, que para iſſo
„ ſe requerem, ou ſendo peſſoas de tal qualidade,
„ que por eſſe reſpeito os devais chamar para con-
„ ſelho: e porque hey por meu ſerviço, que niſ-
„ to procedaes em outra maneira, como vos lo-
„ go diſſe, volo quiz declarar por eſta em ſegre-
„ do, tendo reſpeito ao que convém à voſſa au-
„ thoridade em Tangere, e com os Fidalgos, e
„ Fronteiros, que me vaõ ſervir àquella Cidade.

„ Hey por muito meu ſerviço, bem dos
„ effeitos a que vos mando, e honra voſſa, que
„ façais tudo com conſelho deſtas peſſoas Martim
„ Correa da Sylva, D. Joaõ de Menezes de Se-
„ queira, D. Alvaro Coutinho, D. Franciſco de
„ Menezes, Ruy Barreto, Pedro Alvres de Car-
„ valho, Capitaõ de Mazagaõ, e dous outros
„ moradores de Tangere, que tiverem mais ex-
„ periencia da guerra, e hum delles ſerá o Con-
„ tador Diogo Lopes da Franca; eſpecialmente
„ nas couſas da guerra naõ fareis alguma ſem pa-
„ recer das ditas peſſoas aqui nomeadas, ſeguin-
„ do

„ do a mór parte dos votos, quando naõ forem
„ todos conformes, ou presentes, e em outra ma-
„ neira naõ fareis cousa alguma; e dos pareceres
„ das outras pessoas, que pela instrucçaõ geral
„ vos permitto que possais chamar para conselho,
„ naõ fareis conta para mais, que para as ditas
„ pessoas terem aquelle lugar, e os ouvirdes alli
„ naquelles casos sómente em que vos parecer que
„ os deveis chamar, mas naõ para seguirdes os
„ votos, e parecer delles, nem de mais pessoas,
„ que dos nomeados por seus nomes nestas ins-
„ trucções.

„ Ordenareis que haja hum livro, em que
„ se assentem os pareceres do conselho sobre as
„ materias, que nelle propuzerdes, e tratardes,
„ com os principaes fundamentos, em que for a
„ mór parte dos votos, que he o que haveis de
„ seguir, como se contém no Capitulo atraz, nos
„ quaes assentos se assinaraõ sómente as pessoas,
„ que ao conselho se acharem dos nomeados nes-
„ ta instrucçaõ, e se declarará nos ditos assentos,
„ que foraõ conformes nos mais votos, e assim
„ os que tiveraõ differente parecer; e hey por
„ bem que o Doutor Diogo da Fonseca, que
„ vay comvosco por Ouvidor Geral seja Secre-
„ tario do dito conselho para fazer os ditos assen-
„ tos, e ter o dito livro em seu poder pela con-
„ fiança que delle tenho. E por este Capitulo,
„ que mostrareis às pessoas atraz nomeadas nesta

„ instrucçaõ lhe mando, que sejaõ taõ continuos
„ comvosco, e em vos acompanhar, como eu
„ tenho por certo, para que quando houverdes
„ de sahir fóra, os acheis sempre com vosco to-
„ dos, ou os mais, que puder ser, para effeito de
„ vos poderdes com elles aconselhar, e tomar seu
„ parecer.

„ Os Mouros de nova, e avizo, que vos
„ vierem, será muito meu serviço, que os ou-
„ çais (podendo sempre assim ser) com huma das
„ pessoas do conselho, dos que para isso vos no-
„ meo nesta instrucçaõ, alternativamente, ora
„ hum, ora outro, e com tambem ser presente
„ Diogo Lopes da Franca, pela practica, e ex-
„ periencia, que tem destas cousas, e pelo me-
„ nos os ouvireis sempre com o dito Diogo Lo-
„ pes pela informaçaõ que vos poderá dar sobre
„ as cousas, que deveis saber dos taes Mouros,
„ e assim o fareis em todo o caso.

„ E porque em materia taõ grande, e de
„ tal qualidade o conselho, e resguardo saõ muy
„ necessarios para authoridade, e para segurança
„ do modo, assim para naõ pelejar fóra de tem-
„ po, como para se naõ perder as occasiões de o
„ fazer, quando forem taes que se naõ devaõ dei-
„ xar passar. Bem vedes que se naõ podem con-
„ seguir estas cousas, e fazer o que nellas tanto
„ cumpre a meu serviço, e à reputaçaõ de meus
„ Reynos, sem tambem se fazer, o que con-
„ vém

„ vém à noſſa honra, com que eu tenho parti-
„ cular conta; e por iſſo vos mando, que cum-
„ prais inteiramente eſta inſtrucçaõ, eſpecialmen-
„ te em ſeguir os mais votos das peſſoas, que vos
„ nella nomeo, para com elles vos aconſelhardes;
„ e ſabey que tendes a iſto obrigaçaõ como cou-
„ ſa, que vos encarrego debaixo de caſo mayor,
„ e eu tenho por certo, que ſempre vos ſerá pre-
„ ſente a honra da Coroa deſtes Reynos, e o lu-
„ gar em que vos eu ponho, e que para iſſo vos
„ lembrará tambem, que ſobre eſte caſo de to-
„ mardes conſelho ſegundo a fórma deſta inſtruc-
„ çaõ me fizeſtes menagem. Eſcrita em Lisboa
„ a 14 de Julho de 1574.

REY.

„ D. Sebaſtiaõ por graça de Deos Rey de
„ Portugal, &c. Faço ſaber aos que eſta Carta
„ virem, que eu envio ora D. Antonio, meu mui-
„ to amado, e prezado primo à Cidade de Tan-
„ gere para de lá fazer guerra aos Mouros, de que
„ eſpero em Noſſo Senhor ſe ſigaõ effeitos de mui-
„ to ſeu ſerviço, reputaçaõ deſtes Reynos, con-
„ tentamento meu, e honra ſua delle, e conſi-
„ derando de quaõ grande importancia ſerá eſta
„ ſua ida a Tangere, e quanta razaõ he, que eu
„ lhe dé juriſdicçaõ larga para bem das couſas,
„ que por meu ſerviço ha de fazer naquella Cida-
„ de, e que elle he tal, que uſará della inteira-
„ mente,

Juriſdicçaõ geral cometida por ElRey ao Senhor D. Antonio.

,, mente, e com a moderaçaõ devida conforme a
,, sua obrigaçaõ, e a muy grande confiança, que
,, delle tenho pelo muy conjunto devido que co-
,, migo tem, e por filho do Infante D. Luiz meu
,, tio, que Deos tem, e me servirá em tudo,
,, como eu o tenho por muy certo, me praz, e
,, hey por bem de lhe dar, como de feito dou por
,, esta presente Carta na minha Cidade de Tange-
,, re toda a jurisdicçaõ civel, e crime, mero, e
,, misto imperio, e que a tenha, e use della nas
,, cousas da justiça em todos os delitos, que na
,, dita Cidade se cometterem, e possa mandar cas-
,, tigar as pessoas, que nelles forem culpadas de
,, qualquer qualidade, e condiçaõ, que sejaõ, até
,, morte natural inclusivè, sem delle haver appel-
,, laçaõ, nem aggravo, por quanto quero, e hey
,, por meu serviço, que tudo nelle faça fim, e
,, use da jurisdicçaõ, que lhe assim dou por esta
,, Carta taõ inteiramente, como eu fizera, se
,, presente fora: e outro sim quero, e me praz,
,, que nas cousas civeis tenha jurisdicçaõ até quan-
,, tia de trinta mil reis sem appellaçaõ, nem ag-
,, gravo: notifico assim a todos os Fidalgos, que
,, ora me vaõ servir à dita Cidade de Tangere, e
,, aos que nella estaõ, e ao diante a ella forem,
,, e a todos os officiaes assim de justiça, de guer-
,, ra, como de minha fazenda, e da governança
,, da dita Cidade, e a todos os Cavalleiros, e
,, moradores della, e a todas, e quaesquer ou-

,, tras

,, tras pessoas que agora, ou ao diante nella esti-
,, verem de qualquer qualidade, preeminencia,
,, e condiçaõ que sejaõ, e mando-lhes a todos em
,, geral, e a cada hum em particular, que obe-
,, deçaõ a D. Antonio meu primo em tudo o que
,, lhes elle mandar, assim nos tempos da guerra,
,, como nos da paz, taõ inteiramente como o fa-
,, riaõ, e devem fazer a mi mesmo; por quan-
,, to quero, e hey por meu serviço, que elle seja
,, obedecido em tudo, como minha propria pes-
,, soa; e fazendo alguns o contrario, (que naõ
,, he de crer, nem eu espero) em tal caso elle
,, os poderá mandar castigar segundo o merecer a
,, culpa de cada hum conforme ao poder, e ju-
,, risdicçaõ, que por esta Carta lhe dou, de que
,, usará inteiramente, e assim lho encomendo, e
,, mando por firmeza de tudo o que dito he, man-
,, dey dar esta Carta por mi assinada, e sellada
,, com o sello de minhas armas. Lopo Soares o
,, escreveo em Lisboa a 14 de Julho do anno de
,, Nosso Senhor JESU Christo de 1574.

Jurisdicçaõ particular.

,, Honrado D. Antonio Primo. Pela Car-
,, ta de poder que levais, vos dou nas cousas da
,, Justiça toda a jurisdicçaõ, mero, e misto im-
,, perio até morte natural inclusivè em toda a pes-
,, soa de qualquer qualidade, e condiçaõ que seja,
,, e pareceo-me naõ levardes nisto limitaçaõ algu-
,, ma naquelle poder, que ha de ser publico, e
,, que seria melhor de darvos por esta Provisaõ
,, em

„ em ſegredo, como hey por bem, que façais
„ ſuſpender a execuçaõ das ſentenças dadas em ca-
„ ſo de morte natural, ou civel contra Fidalgos,
„ que o forem em meus livros, ou de Linhagem,
„ até mo fazerdes a ſaber, e eu mandar o que
„ niſſo ſe fará; o que naõ haverá lugar nos cri-
„ mes, que acontecerem na guerra dos muros
„ para fóra, ou em motins, ou levantamentos,
„ que ſe fizerem, inda que ſejaõ dos muros para
„ dentro, ou nas culpas, que houver nas guar-
„ das dos muros de noite, porque neſtes caſos
„ podereis mandar dar à execuçaõ as taes ſenten-
„ ças nos ditos Fidalgos, poſto que ſeja em caſo
„ de morte natural; e aſſim hey por meu ſerviço
„ havendo reſpeito a ſer a adminiſtraçaõ da juſti-
„ ça couſa propria de Letrados, que para o fa-
„ zerdes executar de maneira, que fique deſen-
„ carregada minha conſciencia, e aſſim a voſſa,
„ e os delictos caſtigados juſtamente, e confor-
„ me a direito, e naõ façais couſa alguma das
„ que tocaõ à Juſtiça ſem o parecer do Doutor
„ Diogo da Fonſeca, que mando com voſco por
„ Ouvidor Geral, e vos conformeis niſſo ſempre
„ com elle, muito vos encarrego, que com as
„ declarações, que neſta Proviſaõ ſe contém, go-
„ zeis da juriſdicçaõ que levais, porque com as di-
„ tas declarações vola concedo, e naõ em outra
„ maneira. E nos caſos de morte além do Dou-
„ tor Diogo da Fonſeca ſeraõ tambem quatro Fi-
„ dalgos

„ dalgos dos oito, que por huma inſtrucçaõ par„ ticular que levais, vos tenho nomeado para „ com elles vos aconſelhardes para ſerem cinco „ conforme as minhas Ordenanças; e todos aſſi„ naráõ os deſpachos, e ſentenças, e paſſaráõ em „ meu nome, e nos outros caſos em que o Dou„ tor Diogo da Fonſeca ha de ſer ſó com voſco, „ elle ſómente aſſinará os deſpachos. Eſcrita em „ Lisboa a 14 de Julho de 1574.

Benze-ſe o eſtandarte, que levou o Senhor D. Antonio.

132 Determinou-ſe que ſe benzeſſe o eſtandarte, que havia levar o Senhor D. Antonio, com as ceremonias coſtumadas, para cuja funçaõ foy deſtinado o dia 15 de Julho, aſſiſtindo ElRey D. Sebaſtiaõ com toda a Corte em o Real Convento de Santa Maria de Belem, no fim da qual ſubio ao pulpito o Biſpo de Miranda D. Antonio Pinheiro, e com aquella diſcreta elegancia, e natural energia, de que era ſummamente ornado, recitou a Oraçaõ ſeguinte.

Confortare, & eſto robuſtus, quoniam tecum eſt Dominus Deus tuus. Joſ. cap. 1.

Oraçaõ do Biſpo D. Antonio Pinheiro.

„ Naõ carece de myſterio ordenar o Eſpi„ rito Santo, como conſta da Sagrada Eſcritura, „ que nas illuſtres victorias tiveſſem tanta parte „ de honra matronas; na victoria delRey Siſara „ coube a principal parte a Debora; na de Olo„ fernes a Judith, como nos Canticos della conſ-

„ ta; na victoria de Farao quando elle, e seu
„ poder foy alagado no mar roxo, juntando-se as
„ aguas que pouco antes tinhaõ parecido terra so-
„ lida, e dado passo enxuto aos Hebreos a Maria
„ irmãa de Moysés se dá muita parte do louvor
„ della, ella foy a que de huma parte com as mu-
„ lheres a mais festejou. Quiz o Espirito Santo,
„ que por estas figuras entendessemos, que a Vir-
„ gem Santissima figurada por estas matronas era
„ a que depois de Deos, mayor esperança nos da-
„ va da victoria naõ menos contra os inimigos
„ exteriores, e visiveis com seu soccorro, que
„ contra os interiores, e invisiveis com sua aju-
„ da da graça. Aquella era a torre de David don-
„ de estaõ dependurados mil escudos, e donde
„ aos esforçados procedia toda a fortaleza: e pois
„ entre seus muitos titulos, tambem he intitula-
„ da da victoria; o meyo para a qual tambem ha
„ graça, a ella peçamos que no la alcance offere-
„ cendo-lhe a saudaçaõ costumada. Ave Maria.

Confortare, & esto robustus, &c.

„ Muito alto, e muito poderoso Rey, e
„ Senhor nosso. Estas palavras disse Deos a Jo-
„ sué successor de Moysés no governo do povo
„ dos Hebreos, e no cargo de conquistar a ter-
„ ra da Promissaõ, que havia de repartir pelo po-
„ vo, que lha ajudara a conquistar: querem di-
„ zer. Está confiado, e peleija com esforço, por-
„ que

„ que o Senhor he contigo, e esta foy a instruc-
„ çaõ, que deu quando o meteo em posse do car-
„ go de Capitaõ Geral daquella gente.

„ Posto que conste pelos Annaes, e Chro-
„ nicas modernas, e antigas dos Romanos, Gre-
„ gos, barbaros, e pelos Poetas, que em seus fin-
„ gimentos guardaõ o decoro do que convém;
„ que sempre foy costume ordinario, e approva-
„ do, exhortar os exercitos ao tempo, que se
„ punhaõ em ordem de partida; nesta empreza,
„ que das que ElRey nosso Senhor faz em seu no-
„ me, he a primeira, me pareceo devido a este
„ lugar, e cargo abster quanto poder ser de ex-
„ emplos seculares, e profanos, e conformarme
„ com a qualidade da mesma empreza, da qual
„ como seja o principal intento, serviço de nos-
„ so Senhor, e dilataçaõ de nossa Santa Fé, naõ
„ he menos catholica, que esforçada; menos pia,
„ que honrosa; menos religiosa em fim que bel-
„ licosa nos meyos para o conseguir; porque na
„ verdade as razões christãas, e devotas saõ mais
„ solidas, e mais certas, e as que mais animaõ o
„ esforço verdadeiro, e mais asseguraõ successo
„ felice, e glorioso.

„ Entre os muitos exemplos que o Espiri-
„ to Santo deixou na Sagrada Escritura para regra
„ de negocios semelhantes, pois diz S. Paulo,
„ que tudo o que nella he escrito para nossa dou-
„ trina se escreveo; e outro lugar que tudo que

„ aos antigos aconteceo em figura, he para nós
„ exemplo de verdade; a mais propria fó ma de
„ exhortaçaõ neste dia me pareceo ser aquella que
„ usou o glorioso, e victorioso Capitaõ Judas,
„ do qual se lé no capitulo ultimo do segundo li-
„ vro dos Machabeos, que todos deveis de pro-
„ curar de ler, que vendo Nicanor soberbo com
„ grande exercito, e mayor presumpçaõ, com pa-
„ lavras de intoleravel blasfemia, estando o va-
„ leroso Judas com menor poder, mas com ma-
„ yor, e mais certa confiança da victoria, por-
„ que a tinha em Deos, que a dá aos poucos con-
„ tra os muitos quando he servido, exhortou seus
„ Soldados, e Capitães para a batalha, usando
„ de quatro motivos para os incitar, e animan-
„ do-os depois com algumas revelações, que de
„ noite lhe foraõ descubertas. *Hortabatur* (diz a
„ Escritura) *ut in mente haberent adjutoria sibi fa-
„ cta de Cælo, & sperarent ab Omnipotente sibi
„ affuturam victoriam. Et allocutus eos de lege,
„ & Prophetis, admonens etiam certamina, quæ
„ fecerunt priùs . . . . singulos autem illorum arma-
„ vit non clypei, & hastæ munitione sed sermonibus
„ optimis, & exhortationibus, exposito digno fide
„ somnio per quod universos lætificavit.* Esta ordem
„ que o Espirito Santo quiz que nos ficasse escrita
„ quizera hoje proseguir com seu favor, e ajuda.

„ A primeira razaõ para os exhortar diz,
„ que foy a memoria das merces, e favores, que
„ Deos

,, Deos fizera daquelle povo. Bem vos podera
,, allegar as que elle lhes lembraria, que feriaõ as
,, maravilhas, que Deos fez em Egypto, onde
,, primeiro com mofquitos, e rãas, e com outras
,, moftras de poder fobre os elementos venceo a
,, dureza de Farao, e o modo com que depois
,, fubmergio no mar roxo feu exercito, e a elle
,, abrindo o mefmo mar para caminho dos He-
,, breos, e affim as miraculofas victorias, que no
,, deferto deu a feu povo contra os Reys, que
,, lhe impediaõ o caminho, como os proveo de
,, paõ do Ceo, e da agua, que os feguiffe; e de
,, tudo o mais naõ fómente do que a neceffidade
,, lhes pedia, mas do que a gula defejava; lem-
,, bralheshia as victorias de Jofué, de Gedeaõ,
,, Jethè, Barach, Sanfaõ, as de Saul, David,
,, Salamaõ, Ezechias, Jofafat, e outros muitos,
,, os quaes efcufo lembrarvos, naõ por antigas,
,, nem acontecidas a outra gente, pórque o mef-
,, mo he o noffo Deos *Tu autem idem ipfe es*; e
,, feu poder naõ he abreviado, nem menor do que
,, entaõ era, que affim o fentia Elizeo dizendo
,, *Ubi eft Deus Eliæ etiam nunc*: nem porque feja
,, o povo Chriftaõ, que Deos fubjugou em lu-
,, gar do Hebreo menos mimofo delle, e menos
,, favorecido, de que daõ certo teftemunho as vi-
,, ctorias de Theodofio, de Conftantino, e de
,, Carlos Magno, e muito mais aquella famofa,
,, que em noffos dias deu a Carlos V. avò del Rey
,, noffo

,, noſſo Senhor, com muita razaõ chamado de
,, Paulo III. Carlos Maximo, antepondo neſte
,, titulo aos que antes delle tiveraõ titulo de gran-
,, des, que foraõ Alexandre, Ceſar, Pompeo,
,, Conſtantino, e Carlos, o qual o meſmo Em-
,, perador conhecendo ſer miraculoſa, e divina
,, diſſe alludindo às palavras de Ceſar, que viera,
,, e vira aos inimigos Filippe Lanſgrave, e Joaõ
,, Federico, Capitães da conjuraçaõ dos Rebel-
,, des, mas que Deos Noſſo Senhor fora o que
,, vencera; e com razaõ, porque naquella inſigne
,, victoria naõ menos claro moſtrou Deos ſeu po-
,, der, e favor para elle a alcançar, do que moſ-
,, trou a Conſtantino quando no ar vio figurada
,, ſua Cruz, e ouvio a voz que lhe dizia *In hoc*
,, *ſigno vinces*; e do que moſtrou a Theodoſio
,, quando todos viraõ, que as ſettas, e lanças,
,, que os inimigos tiravaõ, ſe voltavaõ com mayor
,, furia contra elles meſmos; e do que moſtrou a
,, Carlos Magno (de cujo ſangue elle procedia)
,, quando lhe appareceraõ S. Pedro, e S. Paulo,
,, aſſegurando-o da victoria, que contra Logum-
,, bardos havia de alcançar em defenſaõ da Santa
,, Sé Apoſtolica Romana, cuja authoridade elles
,, tinhaõ opprimido. Mas eſtes, e outros exem-
,, plos ſaõ deſneceſſarios para animar, e exhortar
,, Portuguezes taõ ricos de exemplos proprios em
,, que Deos lhes deu grandes victorias moſtrando
,, ſeu favor com milagres, que mais ſe podem to-
,, mar

,, mar delles exemplos para animar outros, que de
,, outros para ſerem com elles animados; mais po-
,, demos ſer exemplo para outros, que outros o
,, podem ſer para nós. A fundaçaõ do Reyno de-
,, dicada foy com milagres, o augmento, e ex-
,, tenſaõ primeiro foy a tantas Ilhas, e a tantas
,, partes, e lugares de Africa deſde Ceuta ora do
,, mar mediterraneo por toda a Coſta maritima do
,, mar Oceano, depois por mares ignotos, e eſ-
,, trellas antes nunca viſtas; a navegaçaõ, e con-
,, quiſta dos Reynos, e Provincias taõ remotas;
,, a conſervaçaõ, defenſaõ, e regimento de eſta-
,, dos taõ diſtantes continuo milagre he: mas co-
,, mo diz Santo Agoſtinho, que os milagres or-
,, dinarios com o coſtume perderaõ o eſpanto;
,, aſſim viemos a fazer mayor admiraçaõ dos par-
,, ticulares milagres das victorias, que deſte gran-
,, de, e admiravel milagre; mas em huns, e ou-
,, tros quiz ſempre Deos moſtrar, que ainda que
,, os Reys deſtes Reynos ſejaõ muito poderoſos
,, por terra, e por mar com o esforço de ſeus vaſ-
,, ſallos, ſempre lhes ſeria mayor honra, e poder
,, ſerem poderoſos em Deos, que em ſi, e pode-
,, rem pela protecçaõ da aſſiſtencia Divina, que
,, pelo apparato da potencia humana. Para iſto
,, ordenou que ſendo muy esforçado em ſeu tem-
,, po ElRey D. Affonſo Henriques, author, e
,, fundador deſtes Reynos tiveſſe por ajudadores
,, em ſuas victorias S. Bernardo, e S. Theotonio

,, em

,, em aquella famosa batalha, em que desbaratou
,, cinco Reys Mouros em campo. O mesmo Deos
,, na Cruz, que se lhe apresentou para o animar,
,, lhe poz obrigaçaõ perpetua a elle, e a seus suc-
,, cessores de procurarem com suas armas a Exal-
,, taçaõ da mesma Cruz proseguindo a guerra con-
,, tra os inimigos della; em memoria da qual obri-
,, gaçaõ dahi em diante ajuntou à Cruz propria
,, da nobilissima Casa de Lorena, donde descen-
,, dem, as Chagas figuradas pelas Quinas, obri-
,, gando por este exemplo aos Reys successores,
,, que sempre inteiramente zelassem a honra da
,, Cruz, e exteriormente empregassem suas armas
,, para a destruiçaõ dos inimigos della; dando-lhe
,, JESU Christo a sentir, que delle descenderiaõ
,, Reys, que trazendo-a em seu coraçaõ impres-
,, sa com fervor, representassem o amor em que
,, ardiaõ para a exaltar com mostrarem no peito
,, exterior, e tratos de seu uso expressa, e viva
,, imagem della; e este, e outros milagres com
,, que Deos honrou as victorias daquelles Santos
,, Reys, obrigaraõ o Papa Alexandre III. ao
,, mandar visitar confirmando-lhe seus novos titu-
,, los, accrescentando-lhe graças, e prerogativas,
,, como quem inspirado por Deos já sentia a per-
,, petua, e nunca interrupta obediencia, que os
,, Reys destes Reynos tiveraõ, e teraõ sempre à
,, Santa Sé Apostolica; e o zelo com que procu-
,, raraõ sempre sugeitar a seu jugo, e obediencia

,, novos

„ novos Reynos, e novas Provincias, e taõ na-
„ tural ficou ſempre nos Reys deſtes Reynos o
„ deſejo de extirpar quanto nelles foſſe a malvada,
„ e abominavel ſeita dos Mouros, que ElRey D.
„ Affonſo IV. naõ tendo Mouros já no Reyno
„ que conquiſtar, ajudou a ElRey de Caſtella ſeu
„ ſogro na conquiſta delles, e ſoy tanta parte na
„ victoria do Sallado, quanta moſtraõ os deſpo-
„ jos, e troféos, de cuja honra ſe contentou, e
„ hoje ſe moſtra na ſua ſepultura. ElRey D.
„ Joaõ o I. alguns annos depois começou a con-
„ quiſta de Africa tomando a Ceuta propugnacu-
„ lo da Chriſtandade, chave de toda Heſpanha,
„ porta do comercio do Ponente para Levante.
„ Eſte zelo ſeguiraõ os Reys ſeus ſucceſſores, to-
„ mando lugares para delles mais facilmente lhes
„ fazerem guerra, até que ſobre os paſſados El-
„ Rey D. Manoel com o felice progreſſo do ſeu
„ tempo ſenhoreou muita parte do campo, que
„ reſpondia aos lugares, que tomara, cujas for-
„ ças eſpalhadas, e ſogeitas a cuſtoſos accidentes
„ de cercos, ElRey D. Joaõ o III. ſeu filho re-
„ colheo depois em menos lugares fazendo-os de-
„ pois mais fortes, e mais defenſaveis donde com
„ o meſmo zelo infeſtou aos inimigos com guer-
„ ra continua, e deixou aberta a porta aos Reys
„ ſeus ſucceſſores, que houveſſem de proſeguir,
„ e ainda que neſtas emprezas nunca faltaraõ moſ-
„ tras de as Deos favorecer, como ſuas proprias,

„ toda via porque nas partes remotissimas do Orien-
„ te convinha mais mostrarnos este favor, vio-se
„ no rompimento das Armadas do Soldaõ, e no
„ desbarato, e rota, que duas vezes o Turco taõ
„ desacostumado a ser vencido nos cercos de Dio
„ recebeo; na ruina das suas galés no estreito de
„ Ormuz; quaõ propicio Deos era às nossas Ar-
„ madas, e quanto à sua conta, e honra dellas
„ nem faltaraõ em nossos dias sinaes, e visoens
„ do Ceo em que aos Nizamalucos, Idalcoens,
„ Achens, e outros barbaros confessaraõ, que
„ Deos peleijava por nós, e essa confissaõ lhes era
„ desculpa do damno, que das armas dos Portu-
„ guezes recebiaõ; e assim podemos dizer: *Non*
„ *enim Deus noster, ut Dij eorum, & inimici nos-*
„ *tri sunt judices*; e elles por nós o que pelos He-
„ breos diziaõ os Egypcios. *Fugiamus Israelem,*
„ *Dominus enim pugnat pro eo.* Ora vede quem
„ com tanta certeza de soccorros do Ceo deixa-
„ rá de ser esforçado, e robusto, pois vemos,
„ que Deos naõ menos favorece o fruto da con-
„ versaõ das almas, que os Reys com tanto ze-
„ lo procuraraõ por doutrina, de que favorece as
„ armas com que reprime a soberba, dos que a
„ querem perturbar, e impedir, e assim fica sen-
„ do este o primeiro motivo dos quatro, com que
„ Judas exhortou seus Soldados lembrando-lhe os
„ milagres, com que do Ceo foraõ sempre ajuda-
„ das *in mente haberent adjutoria sibi facta de Cœlo.*

„ O se-

„ O ſegundo motivo de Judas, que foy que
„ puzera a confiança da victoria em Deos, e naõ
„ em ſeu braço, e esforço, avizo neceſſario aos
„ belicoſos, e esforçados, e aos Portuguezes mui-
„ to mais, cujo invencivel ardor nas armas foy
„ ſempre tal, que mais trabalhos deraõ aos Capi-
„ tães, em os reger, e temperar, que em os ani-
„ mar, e incitar. Indo David combaterſe com
„ Golias, que vinha confiado em ſua força, e
„ grandeza, dizia: *Tu venis ad me in haſta, & gladio, ego autem in nomine Domini exercituum cui exprobaſti.* Tendo Gedeaõ junto hum gran-
„ de exercito contra os Madianitas lhe mandou
„ Deos primeiro deſpir os medroſos, e depois lhe
„ mandou deixar todos os que beberaõ debru-
„ çados no rio; e ficando ſó com trezentos lhes
„ mandou, que tomaſſem por armas trombetas
„ em huma maõ, e panellas em outra com mur-
„ rões accezos dentro, dando-lhe por razaõ, que
„ o fazia por ſe ver, que em Deos ſe tivera a con-
„ fiança da victoria, e a elle ſe devia: *Ne quando dicat Iſrael meis viribus liberatus ſum*; e aſſim
„ no pregaõ, e triunfo da victoria bradava com
„ todos: *Domino, & Gedeoni*; e aſſim dizia Da-
„ vid o que convém com elle digamos: *Non nobis Domine, non nobis, ſed nomini tuo da gloriam.*
„ E quanto mais cada hum medindo-ſe com ſeu
„ eſpirito lhe pareça que lhe baſta o animo, e eſ-
„ forço para alcançar de quaeſquer inimigos com

,, menor apparato grande victoria, mais convém
,, pôr toda a confiança della em Deos, cuja he a
,, causa dizendo David: *Exurge Domine, judica*
,, *causam tuam.* Lembrayvos de que a causa he
,, vossa, e assim a victoria naõ será nossa mas vossa.

,, O terceiro motivo de que Judas usou em
,, sua exhortaçaõ foy lembrar aos Soldados a guar-
,, da, e observancia da Ley de Deos, conteu-
,, da na Ley, e aos Prophetas. Podera entaõ aos
,, inconsiderados, e hoje parecer a muitos des-
,, preposito, ao tempo de dar batalha, estar pré-
,, gando a observancia, e guarda da Ley de Deos,
,, e seus Mandamentos, mas nisto quiz o Espiri-
,, to Santo declarar a todos os vindouros quanto
,, mais importava para alcançar grandes victorias,
,, limpeza da vida, exercicio da oraçaõ, da esmo-
,, la, e das mais virtudes, que destreza das armas,
,, apparato de guerra, e os exercicios, e provi-
,, mentos della. Tudo isto necessario he, e seria
,, temeridade com que Deos fosse tentado, e of-
,, fendido, se deixassemos os meyos exteriores,
,, que Deos deixou no discurso da providencia hu-
,, mana; porém quiz, que se entendesse quanto
,, mais eraõ para se temer os peccados, que os
,, inimigos; e muito mais para arrecear os inimi-
,, gos da alma dentro della, que os do Reyno,
,, e Cidade dentro della, e que mais obstava ao
,, bom successo das emprezas da guerra a falta
,, da graça, espirito, fervor, e devoçaõ, que a
,, falta

,, falta do paõ, carne, vinho, e dinheiro; e fi-
,, nalmente que era mayor falta faltar Deos, que
,, faltar tudo; e como sentia quanto importava
,, crer-se isto dos que haviaõ de peleijar, quiz que
,, por experiencia de muitos exemplos na Escritu-
,, ra Sagrada nos fosse declarado, tendo Sansaõ
,, inteira a gadelha (sinal da graça que o fazia es-
,, forçado) com hum osso da queixada de hum ju-
,, mento desbaratava milhares de Filisteos; como
,, Dalila sua amiga (porque foy figura da culpa)
,, lha cortou, ficou como jumento fraco, e cego,
,, moendo o paõ dos Filisteos. O exercito de Jo-
,, sué, em que entravaõ tantos homens de peleija,
,, em quanto careceo de culpa, bastava o temor
,, de suas trombetas para derrubar os muros de
,, Jericho, e tomar a Cidade; depois que hum Sol-
,, dado della por nome Achaõ peccou applicando
,, furtivamente a seu uso a lamina de ouro, que
,, Deos applicava ao seu serviço, logo no com-
,, bate de outra pequena Cidade com morte de
,, muitos ficou vencido. Espanta-se Josué do suc-
,, cesso contrario às promessas de Deos; dase-lhe
,, por reposta, que a culpa de hum debilitou o
,, esforço de muitos. *Anathema* (diz Deos) *est*
,, *in medio tui Israel.* Soube-se o culpado, e a
,, emenda da culpa bastou para alcançar a victo-
,, ria. Tanto quiz Deos que se visse que a culpa
,, impedio o bom successo do esforço, que por
,, mostrar o rigor com que castigava a culpa, pas-
,, sou

,, ſou por ſua reputaçaõ, e honra, e teve por
,, menos quebra de ſua authoridade parecer juſto,
,, e fraco para poder vencer, que poderoſo na vi-
,, toria, e fraco na juſtiça.

,, Trazem a Arca do Teſtamento os filhos
,, de Heli ao arrayal confiados que a preſença del-
,, la lhes daria a victoria, permitte Deos que com
,, a morte dos filhos de Heli, que a mereceraõ
,, por ſuas culpas, foſſem vencidos os Hebreos,
,, e a Arca do Teſtamento cativa em poder dos
,, Filiſteos; e pelas maravilhas, que a Arca cati-
,, va entre elles obrava, lhes moſtrou Deos, que
,, deixar de dar victoria aos Hebreos, naõ foy fal-
,, ta de ſeu poder, mas obrigaçaõ de ſua Juſtiça,
,, que faz ficarem vencidos por ſuas culpas, os que
,, pela preſença da Arca eſperavaõ ſer vencedo-
,, res. Balaõ certo Profeta, e máo Conſelheiro in-
,, citou a ElRey Barac, que a força do povo de
,, Deos conſiſtia na graça, e ſe os queria vencer
,, como fracos naõ baſtavaõ maldições, nem en-
,, cantamentos; mas que ſe os incitaſſem a peccar
,, com occaſiaõ de mulheres deshoneſtas, e pec-
,, cando perdida a graça poderiaõ ſer vencidos.
,, A Achior Gentio, Conſelheiro de Olofernes,
,, lhe deſcobrio eſta virtude, dizendo, o povo
,, com que peleijamos tem tal Deos, que ſe del-
,, le naõ he offendido, ou ſe logo he por peniten-
,, cia applacado, elle os faz invenciveis; e pelo
,, contrario ſe delle he offendido, elle os entrega
,, a ſeus

,, a ſeus inimigos; e aſſi aconteceo no cerco de
,, Betulia. No livro dos Juizes quatro mil ho-
,, mens de peleija ſe juntaraõ contra o Tribu de
,, Benjamim, e ſendo a cauſa da guerra juſta, e por
,, Deos approvada, na primeira, e ſegunda bata-
,, lha ficaraõ vencidos com morte de trinta e dous
,, mil, que foraõ conſentidores na idolatria de Mi-
,, chas; purgado o exercito deſta culpa na ſegun-
,, da batalha contra os de Benjamim alcançou vi-
,, ctoria. Por iſſo dizia Moyſés a Araõ queixando-
,, ſe de conſentir o povo adorar o bezerro, dizen-
,, do-lhe que deixara nu, e deſarmara o povo;
,, dando a entender, que a graça de Deos era as
,, armas do povo, que ſem ella por mais armado
,, que eſtiveſſe ficava fraco, e deſarmado. No
,, tempo de S. Bernardo ſe juntou a Chriſtandade
,, para conquiſtar a Terra Santa com taõ infelice
,, ſucceſſo, que poucos eſcaparaõ de mortos, ou
,, cativos; era a empreza ſanta prégada por S. Ber-
,, nardo, authorizada pelo Papa com a inſignia
,, da Cruzada, e grandes indulgencias por ella;
,, revelou Deos a Pedro Ermitaõ, que ſe naõ eſ-
,, pantaſſe do máo ſucceſſo della, e caſtigo de tan-
,, tos, porque ante ſua Divina Juſtiça montou mais
,, a culpa dos conquiſtadores, que a cauſa da con-
,, quiſta ſanta; donde ſe vé claramente, que o
,, verdadeiro esforço, e fortaleza conſiſte princi-
,, palmente na reformaçaõ da vida, na frequencia
,, dos Sacramentos, no exercicio das virtudes, na
,,emen-

,, emenda de peccados publicos com castigo exemplar; e na dos secretos com devotas confissoens, saudaveis admoestações; com o bom exemplo dos Capitães, e com zelar grandemente todos a observancia da Ley de Deos; ella he a que dá victoria aos exercitos, poem esforço aos Cavalleiros; *Fiant* (diz David) *viæ illorum tenebræ, & lubricum, & Angelus Domini persequens eos.* Isto significou Deos avisando aos seus da guarda da Ley, e dos Profetas.

,, O quarto motivo foy lembrar a cada hum os feitos de armas em que se achara. Nisto sinto que tenho pouco, que vos lembrar, porque todos vos saõ presentes os merecimentos, que tendes proprios, ou herdados; adquiridos por vossa lança, ou ganhados de vossos Mayores. Testemunhas saõ de ambas as cousas as Casas, Villas, e Morgados, que herdastes, ou adquiristes; os Habitos, Tenças, Reguengos, e Jurisdicções, Honras, e Titulos testificaõ vossos merecimentos, e de vossos antepassados. Quem tantas obrigações tem de seus Mayores, e tantas por si alcançou, bem póde escusar lembrança alhea, bem se póde crer delle, que terá por melhor sorte pôr em perigo a vida, que em risco a honra; os lugares, que em Africa vereis, as tranqueiras, valos, campos, Aldeas, e Lugares, até as portas de Fez, e de Marro-

,, cos,

,, cos, que de nossas armas já foraõ assombradas,
,, vos faraõ lembrança de vossos antepassados, que
,, nestes lugares, ou venceraõ com muita gloria,
,, ou morreraõ com muita honra. As victorias
,, serviráõ para as seguirdes; a memoria de suas
,, mortes vos moverá para as vingardes; e assi co-
,, mo primicias de mayor poder espantareis os ini-
,, migos com vosso esforço, que façais novo al-
,, voroço aos que ficaõ para seguir vosso exemplo,
,, quando a occasiaõ do successo, e o serviço de
,, S. A. o pedir.

,, A conclusaõ da exhortaçaõ de Judas foy
,, contar aos seus, como Onias Sacerdote lhe ap-
,, parecera de noite, dizendo-lhe, que naõ temes-
,, se, que elle rogaria a Deos por seu exercito, e
,, assi o fazia Jeremias, que logo com elle appa-
,, receo. Naõ vos contarey revelações obscuras,
,, mas verdadeiras, certas, e claras; dagora por
,, diante muitos Rogadores, e Padrinhos tendes
,, no Ceo, e na terra; em lugar de Onias, e Je-
,, remias tendes S. Sebastiaõ, e S. Vicente, Pa-
,, droeiros, e Protectores delRey N. Senhor, dos
,, quaes S. Sebastiaõ, que dedicou seu nascimen-
,, to com seu dia, e nome, tem a seu cargo a
,, conservaçaõ da saude; S. Vicente da honra, e
,, fama no exercicio da milicia, que em sua pre-
,, sença professou: ambos, creyo, saõ continuos
,, Oradores ante Deos por augmento de seu Esta-
,, do, e felice successo de suas emprezas; e como

„ para esta sejaes primeiro escolhidos, e tanto pen-
„ da della a reputaçaõ das outras, que em favor
„ da Santa Fé Catholica com occasiões novas se
„ lhe póde offerecer; muito a seu cargo fica roga-
„ rem por vós, e pelo bom successo desta. Te-
„ mia o Criado de Elizeu vendo o monte cercado
„ de inimigos, e vendo-o Elizeu amargurado de
„ medo, e desconfiado, pedio a Deos lhe abris-
„ se os olhos para ver, que mayores, e melhores
„ exercitos eraõ os que lhes Deos mandara em de-
„ fensa do seu Profeta. Naõ cuideis, que só por
„ vós oraõ Onias, e Jeremias, rogaõ por vós no
„ Ceo muitos Martyres, que onde hides servir,
„ e fazer guerra, testificaraõ com sua morte a ver-
„ dade da Fé, que vós com a lança defendeis; ro-
„ garaõ por vós muitas Virgens, que nessas par-
„ tes receberaõ martyrio, e desejaõ ver nellas
„ Templos, em que Deos seja servido, e suas me-
„ morias veneradas. Rogaõ por vós muitos San-
„ tos Bispos, Confessores, Cypriano, Fulgencio,
„ Valerio, e o grande Agostinho, cujas Igrejas
„ os Mouros tem destruidas, ou profanadas; e
„ pedem a Deos continuamente graça, e força
„ para os Reys deste Reyno extirparem a maldi-
„ ta seita de Mafamede, para que como execu-
„ tores da vontade de Deos libertem aquellas Pro-
„ vincias da servidaõ de Mouros barbaros, e as
„ tragaõ à obediencia da Santa Sé Apostolica, que
„ antigamente tiveraõ. As Orações de tantos San-
„ tos

„ tos nos Ceos ſe ajuntaõ; as dos glorioſos Reys
„ D. Manoel, e D. Joaõ, cujos corpos enterra-
„ dos neſtes ſumptuoſos ſepulchros nos repreſen-
„ taõ em ſombra o reſplandor da gloria, com que
„ reynaõ no Ceo; e pareceme, que em eſpirito
„ vejo ſua preſença delRey D. Manoel biſavò de
„ V. A. ajudando a S. Vicente darlhe a eſpada
„ da Milicia de Chriſto, dizendo ambos as pala-
„ lavras, que ao Macabeo diſſe Jeremias: *Acci-*
„ *pe gladium in quo dejicies inimicos populi Dei.*
„ Como ſe diſſeſſe. Recebey Senhor Rey, e biſ-
„ neto meu a eſpada acompanhada de minha fe-
„ licidade, e boa ventura na guerra contra os
„ Mouros voſſos Comarcãos; e da outra parte a
„ delRey D. Joaõ, de louvada memoria, ſeu avò
„ que quaſi ajudando-o o Martyr S. Sebaſtiaõ lhe
„ vem dar por diviſa ſuas Settas, figuradas nas
„ tres, que Jonatas tirou com força; e a força
„ das tres reſumio depois em huma, da qual dizia
„ David: *Sagitta Jonathæ numquam eſt reflexa*;
„ ſignificando eſtas tres Settas a conquiſta, e po-
„ der das Provincias remotas, e longinquas, que
„ as armas do poderoſo Rey ſeu neto, e Senhor
„ noſſo haviaõ de ſojugar, e vencer com a Setta
„ da belicoſa potencia; e ſogeitar a Deos com a
„ Setta do zelo de noſſa Santa Fé; finalmente da
„ obediencia com que folgariaõ de lhe ſerem ſo-
„ geitos, os que ſentiſſem a força da Setta de ſeu
„ amor affavel, e benigno. Juntarſehaõ as ora-

„ çōes de taes Reys às que as almas dos glorio-
„ ſos Principes, e Princezas ſeus pays fazem ſem
„ intermiſſaõ a Deos pela proſperidade do ſeu go-
„ verno, augmento do ſeu Eſtado, e proſpero
„ ſucceſſo de todas ſuas emprezas, e conquiſtas;
„ e creſceraõ as petições devotas, e pias dos In-
„ fantes D. Luiz com as do Cardeal D. Henrique;
„ e facilmente ſe póde, e deve crer, que vendo
„ os dous Infantes a honra, e favor, que rece-
„ bem ſeus filhos, creſçaõ em fervor, e perſeve-
„ rança de ſuas petições ſantas; ao menos neſte
„ dia facilmente me perſuado a crer que creſce no-
„ vo gozo no Ceo à alma do Infante D. Luiz ven-
„ do hoje vir o Senhor D. Antonio ſeu filho offe-
„ recer a bandeira ſantificada a ElRey noſſo Se-
„ nhor, e que de ſua maõ a torna a receber pa-
„ ra o ir ſervir neſta empreza da guerra contra os
„ Mouros taõ deſejada do Infante ſeu pay, que de-
„ pois que entendeo, que o eſtado do Reyno, e
„ a diſpoſiçaõ das obrigações delle naõ ſofriaõ paſ-
„ ſar em peſſoa a Africa, como deſejava; para ſa-
„ tisfazer em parte o ſeu zelo acompanhou ao Em-
„ perador ſeu cunhado na conquiſta de Tunes on-
„ de moſtrou tanto o valor de ſeu esforço, e con-
„ ſelho, que por confiſſaõ do meſmo Emperador,
„ e de todos os Capitães, e Principes eſtrangei-
„ ros, ao Infante coube a principal gloria do fe-
„ lice ſucceſſo daquella victoria, e conquiſta. A
„ tantas orações do Ceo fortificadas, e augmen-
„ tadas

„ tadas com as da devotiſſima Rainha D. Maria,
„ de louvada memoria, ſe juntaõ as que os San-
„ tos da terra fazem por nós, e por voſſo proſ-
„ pero, e honroſo ſucceſſo; a eſte intento em fim
„ applica ſuas eſmolas, e orações a muito alta,
„ e muito poderoſa Rainha noſſa Senhora, admi-
„ ravel exemplo de virtude em todos os eſtados,
„ que em eſte Mundo teve; a eſte intento appli-
„ ca o Cardeal Infante ſeus devotiſſimos ſacrifi-
„ cios, e o mais de ſuas ſantas, e piedoſas obras
„ com aquelle zelo com que procura todas as cou-
„ ſas do ſerviço de Noſſo Senhor, bem, e honra
„ deſtes Reynos, ſerviço, e reputaçaõ de S. A.
„ que ſaõ os effeitos, que deſta empreza, e dou-
„ tra ſemelhante ſe devem eſperar; a eſte fim da
„ voſſa ajuda, e eſpiritual ſoccorro ſe endereçaõ
„ as muitas eſmolas, e orações da muito Catho-
„ lica Infanta D. Maria, que incitando com gran-
„ de exemplo as orações de muitas devotas Vir-
„ gens, e Religioſas dedicadas a Deos, nenhuma
„ couſa pede com mayor zelo, que as do ſervi-
„ ço delRey noſſo Senhor, e bem do Reyno;
„ principalmente neſta empreza, e outras ſeme-
„ lhantes a ella, nas quais pelo vario ſucceſſo da
„ guerra aſſi como ha muito que eſperar, ha tam-
„ bem que recear, e temer; rogaõ por vós na
„ terra muitos Religioſos em ſeus Moſteiros com
„ muitos ſacrificios, orações, jejuns, vigilias, e
„ diſciplinas; pedem a Noſſo Senhor ſaude, proſ-
„ peridade,

,, peridade, victoria para seu serviço; pedem fi-
,, nalmente a Deos todos bom successo quantos
,, cá ficaõ, e quantos lá tiverem mayores penho-
,, res de seu cuidado; pays, e mãys a filhos, mu-
,, lheres a seus maridos, e outros a seus irmãos,
,, parentes, e amigos. Todos sem cessar, como
,, diz a Escritura no Capitulo que alleguey, que
,, faziaõ os que ficavaõ em Jerusalem, se occupa-
,, raõ, e rogaraõ a Deos vos dé victoria com sau-
,, de, e naõ sofre o amor, e charidade estar sem
,, cuidado quem fica com cuidado taõ commum
,, de obrigaçaõ. As mãos de Moysés, que da
,, guerra estavaõ ausentes, diz a Escritura, que
,, se abaixavaõ com o pezo que sostinha: *Mira-*
,, *ris* (diz hum Santo) *in manibus quiescentis pon-*
,, *dus belli, & fortunæ præliantis*; dando a enten-
,, der, que mayor pezo sostinhaõ para o bom suc-
,, cesso da guerra, do que parecia ficar quieto,
,, que do Capitaõ que andava na guerra com a
,, lança em punho; pelo que hoje os Santos do
,, Ceo, e da terra dizem a cada hum de vós:
,, *Confortare, & esto robustus*; levais favor do Ceo,
,, favor da terra, favor do Rey, e Senhor della;
,, naõ está só em vossas mãos a fortuna de Cesar
,, como elle dizia a seus Soldados; poem Deos
,, nesta empreza em vossas mãos sua honra, o aug-
,, mento da nossa Fé, a reputaçaõ do Reyno, e
,, credito do poder, e estado delRey nosso Se-
,, nhor, cujas mayores forças com razaõ temeraõ
,, os

„ os inimigos para ſe lhe ſogeitarem, ſe ſentirem
„ a força, e valor deſta primeira moſtra dellas
„ uſando vós na ordem da peleija do conſelho,
„ que o Eſpirito Santo dava aos Soldados de Ju-
„ das, dos quaes diz a Eſcritura, que peleijando:
„ *Haſtas in manibus, Deum in cordibus habebant,*
„ *& orabant*, e mais ſolicitos eſtavaõ todos pela
„ cauſa de Deos, que pela ſua vida propria; e
„ ſobre todos a vós muito excellente Senhor Ge-
„ neral neſta empreza convém as palavras do fun-
„ damento: *Confortare, & eſto robuſtus, Domi-*
„ *nus Deus tuus tecum eſt*, por cuja bençaõ, e
„ ſantificaçaõ hoje invoca a Igreja Catholica a
„ Deos, e à Virgem Noſſa Senhora, e a todos
„ os ſeus Santos, e Santas. Vede a confiança
„ com que a Santa Madre Igreja vos entrega a
„ bandeira da Cruz de Chriſto, que ElRey noſ-
„ ſo Senhor ſeguindo ſeus Anteceſſores tem por
„ ſua propria, e taõ peculiar, que quiz a rece-
„ beſſeis hoje com a Setta, que à honra, e lou-
„ vor de Deos, e de S. Sebaſtiaõ traz de continuo
„ eſmaltada; moſtrando que aſſi como era podero-
„ ſa em ſeu esforço, aſſi a deviaõ ter os que pe-
„ leijaſſem debaixo da protecçaõ, e amparo de
„ S. Sebaſtiaõ, por cuja veneraçaõ a traz ſugeita
„ à Cruz em que o Senhor triunfou: *Sicut ſagit-*
„ *ta in manu potentis ita filii excuſſorum.* Sejaõ-
„ vos ſempre preſentes as palavras, com que de-
„ pois de benta ſe vos entregou, dizendo, que
„ rece-

„ recebesseis aquella bandeira santificada com a
„ bençaõ do Ceo, para com ella espantardes, e
„ vencerdes os inimigos da Igreja; e pois o dia,
„ que he dedicado à Cruz accrescenta a solemni-
„ dade; o Templo em que a recebeis donde os
„ que partirem tornaraõ vencedores; a festa do
„ Anjo da Guarda que vem Domingo promette
„ prosperidade de successos nesta jornada; as ben-
„ çoẽs de Reys avò, e tio; de Infantes pay, e
„ tios, e sobre todas, as que vos assegura com
„ favor a presença delRey nosso Senhor, e o amor
„ commum de todos dos que vaõ, e dos que fi-
„ caõ, razaõ temos de esperar em Nosso Senhor
„ que indo vós, e os que vaõ comvosco taõ che-
„ yos de bençoẽs, e de soccorros Divinos, e hu-
„ manos, nos inviareis certas novas da vossa pros-
„ peridade, e bons successos nesta guerra, com
„ que sempre vos cresça o fervor de servir a Deos
„ novas merces nesta vida com graça, que nos
„ chegue à Gloria.

Sahe de Lisboa para Tangere o Senhor D. Antonio.

133 Sahio do porto de Lisboa o Senhor D. Antonio a 19 de Julho com huma Armada composta de diversos galeoẽs, e galés, guarnecida de mil e duzentos Infantes, além da gente de cavallo, e chegando brevemente a Tangere foy recebido com festivos applausos merecidos à saudosa memoria, que deixara da suavidade do seu genio em todo o tempo que assistira naquella Praça. Naõ faltaraõ rebates dos Mouros, em que o Se-
nhor

D. Antonio moſtrou igual valor em acometter, como prudencia em mandar.

134 Certificado o Xarife Muley Hameth de que ElRey D. Sebaſtiaõ determinava paſſar a Africa, e de como tinha chegado a Tangere o Senhor D. Antonio, conheceo claramente, que vinha por Precurſor da guerra eſperada, e para que o naõ achaſſe menos prevenido, começou com grande deſvélo, e continuo trabalho aliſtar gente, e proverſe de todo o genero de armas, e munições. Eſta noticia cauſou tal horror em todos os Mouros, que muitos delles ſe refugiaraõ aos lugares mais diſtantes, e occultos, para que as ſuas vidas naõ foſſem deſpojos das eſpadas Portuguezas.

Prepara-ſe o Xarife para a guerra.

CAPITULO XXVII.

Parte ElRey D. Sebaſtiaõ para Africa, em cuja auſencia governa o Cardeal D. Henrique. Chega a Ceuta, e como foy recebido neſta Praça.

1574

135. DOminava no coraçaõ delRey taõ ardente affecto de paſſar a Africa, que naõ foraõ efficazes para impedir eſta temeraria reſoluçaõ as lagrymas de ſua auguſta avó, os conſelhos do Cardeal D. Henrique, e os rogos de ſeu Meſtre, e Confeſſor o Padre Luiz Gonçal-

ves da Camera, conſpirando todos com zeloſa emulaçaõ para naõ effeituar huma acçaõ em que perigava a authoridade da ſua peſſoa, e a conſervaçaõ deſta Monarchia. Porém como eſtava decretada a ruina deſte Principe permittio Providencia mais alta, que executaſſe eſta jornada, que foy o prologo da ſegunda, em que agonizou toda a gloria Portugueza. Para occultar eſte deſignio, logo que ſe embarcou o Senhor D. Antonio, partio para Cintra com o pretexto de paſſar os ardores do Eſtio naquelle ameno ſitio, onde aſſiſtio até que ſe acabou de fabricar no Terreiro do Paço huma galé Real em a qual vindo a Belem a 15 de Agoſto, mandou embarcar, e em outras duas a gente militar, das quaes nomeou por Capitães D. Fernando Alvares de Noronha, Jorge de Albuquerque, e Bernaldim Ribeiro, ordenando a Fernando Alvares, que o foſſe eſperar ao porto de Caſcaes, onde determinaria o que ſe havia de fazer. A 17 de Agoſto chegou ElRey a Caſcaes acompanhado do Senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro, o Conde do Vimioſo, e outros Cavalheros embarcando-ſe na galé Real, e lhes diſſe que paſſava ao Algarve, para como lugar mais opportuno diſpor algumas couſas pertencentes à guerra de Africa. Tanto que chegou ao Algarve, em cujo porto eſtava ancorado Simaõ da Veiga, que guardava a Coſta com hum galeaõ, e cinco caravellas, lhe ordenou,

Chega ElRey ao Algarve.

denou, que seguisse as tres galés, que vieraõ de Lisboa, e com este apparato naval se resolveo a executar a jornada de Africa, dá qual antes de ser manifesta aos Fidalgos, que o acompanhavaõ, fez participante por esta Carta à Serenissima Senhora Infanta D. Isabel, sua tia, esposa do Infante D. Duarte.

Carta delRey para a Infanta D. Isabel, copiada do Original.

„Senhora. Chegando ao Algarve, e de „mais perto, e mais particularmente, vendo o „que importará ir a Ceuta, e Tangere, para fa„vorecer, ordenar, e assentar as cousas, que „tanto convém, me pareceo com a ajuda de „Nosso Senhor, partir, e darvos conta disso co„mo de taõ grande, e importante cousa, e sey „se ha de ver que ey de proceder com tanta se„gurança, resguardo, consideraçaõ, e conselho „como he razaõ; e vou muito bem acompanha„do, pois levo comigo meu primo Dom Duar„te, e mando chamar o Duque, e tervoshey „em merce enviardesme dizer por elle como vos „achais, e quererá Nosso Senhor será muito bem, „e elle guarde vossa pessoa como desejaes. Da „Baya de Lagos a 20 de Agosto de 1574.

REY.

136 Notavel foy a consternaçaõ de toda a Corte, quando teve noticia de que ElRey se tinha ausentado sem se saber para onde partira, lamentando-o huns como morto, e outros claman-

do, que eſte Principe naſcera para cauſar tribulações, e ſobreſaltos nos corações de ſeus vaſſallos. Semelhantes effeitos de ſuſto, e affliçaõ cauſou eſta noticia a todo o Reyno até que foy informado com certeza por cartas circulares, eſcritas de Lagos em ſeu nome, nas quaes ordenava aos Cavalheros, Cidades, e Villas concorreſſem com gente, e cavallos para a empreza de Africa que executava, ſendo a fórma de cada huma a ſeguinte.

Carta delRey a todo o Reyno para concorrer com gente para Africa.

„ N. Eu ElRey vos envio muito ſaudar.
„ Cheguey a eſte Reyno do Algarve, e conformandome com as occaſiões do tempo, e procedendo nos intentos, practicas, e reſoluções paſſadas ſobre as materias de Africa, aſſentey irme à Cidade de Ceuta, e della à de Tangere, tanto que chegar gente com que me pareça que o devo fazer; pelo que vos encomendo muito, e vos mando, que logo, tanto que eſta virdes, vos venhaes a Tavira com todos os cavallos, que puderdes ajuntar, logo ſem dilaçaõ deixando ordem para virem apoz vós todos os mais com que me puderdes ſervir, e tenho por muy certo, que na brevidade, e em tudo o mais procedereis como de vós eſpero, de que eu ſempre terey aquella lembrança que he razaõ, e em Tavira deixo ordem do que hey por meu ſerviço, que façaes; e querendovos embarcar em outra parte para da hi ires direito a Tangere,
„ o po-

„ o podereis fazer. Eſcrita em Lagos a 20 de
„ Agoſto de 1574.

REY.

137 Para ſubſtituto do governo nomeou El-Rey ao Cardeal D. Henrique, que neſte tempo aſſiſtia em Alcobaça, e tanto que recebeo a ordem partio para Lisboa, altamente penetrado da temeraria reſoluçaõ de ſeu ſobrinho, e do deſamparo do ſeu amante povo. Hoſpedou-ſe nas caſas de D. Martinho de Caſtellobranco, ſituadas ao Limoeiro, onde ſe juntaraõ os Magiſtrados da Cidade para ſe lhe entregar o governo com ſolemne formalidade, cujo acto ſe fez a 3 de Setembro, precedendo o juramento, que deu ao Cardeal o Arcebiſpo de Lisboa D. Jorge de Almeida, para que governaſſe o Reyno com ſumma rectidaõ, o qual fez o Cardeal na fórma ſeguinte.

He nomeado para Regente do Reyno o Cardeal D. Henrique.

„ Eu o Cardeal Infante juro aos Santos
„ Evangelhos, que ante mi tenho, que bem, e
„ lealmente reja, governe, e defenda eſtes Rey-
„ nos, e Senhorios, em nome delRey meu Se-
„ nhor, em quanto durar a auſencia de Sua Alte-
„ za, conforme a Patente porque me encarrega,
„ e comette o governo delles; e tanto que Sua
„ Alteza embora vier, lhe entregarey o dito go-
„ verno, e ſempre ſervirey, e obedecerey a Sua
„ Alteza, e como bom, e leal vaſſallo; e aſſim
„ juro que conforme a Direito guardarey, e fa-
„ rey

Juramento que deu o Cardeal quando tomou poſſe do governo.

„ rey guardar em quanto tiver o dito governo a
„ todas as pessoas de qualquer estado, e condi-
„ çaõ, que sejaõ, e às Cidades, Villas, Luga-
„ res, Igrejas, e Mosteiros destes Reynos seus
„ bons costumes, leys, honras, liberdades, pri-
„ vilegios, graças, e merces, que pelos Reys
„ destes Reynos, e por ElRey meu Senhor lhe
„ saõ concedidas, dadas, e outorgadas, &c.

138 Deste Auto fez hum largo Termo o Secretario Miguel de Moura, que assinaraõ as principaes pessoas que a elle assistiraõ. O Cardeal se applicou com todo o desvélo à regencia, que lhe fora comettida, ouvindo com attençaõ os pertendentes, premiando com justiça os benemeritos, e punindo com severidade os criminosos.

Sente com excesso Martim Gonçalves da Caméra naõ ser eleito Regente do Reyno.

139 O dispotico imperio, que na vontade delRey tinha Martim Gonçalves da Camera, lhe promettia que fosse eleito Governador do Reyno na sua ausencia; porém vendo nomeado para esta incumbencia ao Cardeal D. Henrique, lhe pareceo ser injurioso à sua pessoa sugeitarse a outrem que naõ fosse ElRey. Estimulado deste altivo pensamento, se retirou para o Convento de S. Domingos de Bemfica, distante meya legoa de Lisboa, de cuja resoluçaõ se escandalisou com excesso o Cardeal, considerando como atrevimento o querer medirse com elle Martim Gonçalves, taõ differente por nascimento, como pela Dignidade, de que se seguio nunca mais ser aceito ao Cardeal,

Cardeal, assim no tempo que governou pela ausencia de seu sobrinho, como depois quando cingio a Coroa desta Monarchia.

140 Para que Deos lembrado da sua piedade naõ permittisse, que ElRey padecesse algum successo infausto, se faziaõ Preces de Ladainhas pelas ruas, acompanhadas de grande multidaõ de gente, que com lagrymas copiosas, e austéras penitencias causavaõ piedoso horror a toda a Corte. Continuavaõ estas supplicas em os Templos, onde por ordem do Arcebispo D. Jorge de Almeida estava de dia, e de noite alternadamente manifesto o Santissimo Sacramento, em cuja augusta presença assistia innumeravel concurso rogando com affectuosas vozes lhe restituisse o seu Principe livre de todos os perigos a que o tinha exposto a cega precipitaçaõ de seu ardor juvenil. Os Prégadores nos pulpitos, e os Parochos nas Estações pediaõ orações aos seus ouvintes, confiando da efficacia dellas o feliz despacho do Tribunal Divino.

Supplicas a Deos pelo bom successo delRey.

141 Entre estas perturbações em que fluctuava o Reyno, se affligia com excesso a Rainha D. Catharina, considerando a temeraria resoluçaõ com que seu neto passara a Africa, e dividido o coraçaõ em diversos pensamentos, naõ podia admittir o mais breve descanso, representando-lhe a fantasia os fataes perigos, que ameaçavaõ a vida del-Rey, unica ancora em que estavaõ firmadas as espe-

Escreve a Rainha D. Catharina a seu neto para que volte para o Reyno.

esperanças da Monarchia. Esta consideraçaõ lhe tyrannizava com tal vehemencia o espirito, que naõ podendo moderar pena taõ activa, se resolveo passar pessoalmente a Africa, para conduzir a seu neto, cuja resoluçaõ sendo prudentemente impedida, mandou a D. Rodrigo de Menezes, Védor da Fazenda, que o tinha sido da mesma Rainha, com huma sua Carta escrita a ElRey, em que com a ternura de avó lhe rogava quizesse logo restituirse à sua vista, naõ permittindo ser lastimosa victima da barbaridade Africana; e que se naõ obedecesse a taõ fiel insinuaçaõ, passaria a buscallo com determinaçaõ de acabar a vida onde elle tinha a sua taõ perigosa.

Chega ElRey a Ceuta, e como foy recebido nesta Praça.

142 Acompanhado D. Sebastiaõ de pequena Armada, que dispuzera para a conquista de Africa, sahio do Cabo de S. Vicente, e depois de visitar as Cidades de Lagos, e Tavira, aportou à Praça de Ceuta, que se nobilitava com o illustre brazaõ de ser conquistada pelo primeiro Joaõ, que venerou o Throno de Portugal. A' entrada da Cidade esperava a ElRey o Senado, a quem humildemente entregou as chaves, e para testemunho mais claro da sua obediencia, e de seu jubilo recitou a seguinte Oraçaõ Fr. Athanazio Sanches, Superior dos Religiosos Trinos, que mereceo geral applauso, por ser quasi de repente composta.

„ Mui-

,, Muito alto, e muito poderoſo Rey noſ-
,, ſo Senhor, neſtas partes taõ deſejado como cre-
,, mos de Deos promettido, e a eſtes Reynos da-
,, do para eſpanto, eſtrago, e deſtruiçaõ de to-
,, dos noſſos inimigos: entray muito nas boas ho-
,, ras por eſta voſſa celebre, e antiga Cidade Pri-
,, maz de toda Africa, ganhada à impia, e ſacri-
,, lega ſeita de Mafamede pelo muito grande, e
,, eſclarecido Rey D. Joaõ o primeiro, de glorio-
,, ſa memoria. Deſte fortiſſimo propugnaculo,
,, que com tanta razaõ he de todos havido por
,, chave deſta noſſa Heſpanha, como na verdade
,, o he, eſperamos em Deos Noſſo Senhor, que
,, aſſim como dos Reys, que depois do Conquiſta-
,, dor vieraõ, he V. A. o primeiro, que por eſtas
,, partes alcance muitas, e muy grandes victorias,
,, e deſtrua o poderio, e forças dos inimigos de
,, noſſa Santa Fé Catholica, e a torne a plantar
,, de novo, onde ella antigamente floreceo tanto.
,, Iſto he, o que a lealdade dos voſſos Portugue-
,, zes vos eſtaõ pedindo: iſto he o que o Mar-
,, quez voſſo vaſſallo com tanta razaõ Capitaõ, e
,, Governador por V. A. deſta taõ nobre, e leal
,, Cidade, onde ſeus avòs deixaraõ taõ grande fa-
,, ma em credito da memoria de ſuas esforçadas
,, cavallarias, e os valentes Cavalleiros della vos
,, merecem, a cujas vidas tantas vezes arriſcadas
,, por voſſo ſerviço bem ſe deve toda a honra,
,, merces, e liberdades, que V. A. lhes fizer de-

„ pois de entrar nesta Cidade. Isto he o que es-
„ peramos pelo miraculoso, que assim se póde
„ chamar, o nascimento de V. A. e por suas gran-
„ dezas, que a experiencia nos tem mostrado com
„ esperança de outras mayores, que cada dia con-
„ cebemos. Queira o Rey dos Céos, que assim
„ seja para sua mayor gloria, e exaltaçaõ da San-
„ ta Fé Catholica, accrescentamento de novos
„ Estados, honra, e utilidade de todos vossos vas-
„ sallos. Amen.

143 Acabada a Oraçaõ foy ElRey recebido com magnifica pompa pelo Marquez de Villa-Real, Governador da Praça, e levado debaixo do pallio por entre duas fileiras de Fronteiros, precedendo o Clero com o Canto do *Benedictus*, chegou à Cathedral, onde rendeo as graças ao Altissimo de ter chegado prosperamente a Ceuta, e logo foy examinar com grande curiosidade a Fortaleza.

144 Como o intento delRey consistia em naõ voltar a Portugal sem ter rendido à sua obediencia grande parte de Africa, escreveo que logo fossem remetidas a sua Recamera, e Capella, e ao Duque de Bragança, que promptamente partisse com o mayor numero dos seus vassallos, a cuja ordem obedeceo com a brevidade, que lhe foy possivel, sahindo de Lisboa a 18 de Setembro embarcado em huma grande náo Veneziana, que fretara com seiscentos homens de cavallo, e dous mil

Parte o Duque de Bragança para Africa à ordem delRey.

Sousa *Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* Tom. 6. liv. 6. pag. 145.

mil Infantes armados à ſua cuſta, juntamente com o galeaõ S. Martinho, que conduzia o theſouro, e Capella delRey, e muitos Fidalgos, que ſe aparelharaõ com ſumma velocidade para a empreza, que ElRey meditava. Naõ ſómente os Fidalgos Portuguezes, mas muitos Caſtelhanos ſe offereceraõ a ElRey D. Sebaſtiaõ, por ter dado faculdade Filippe Prudente, para em ſeus Dominios ſe aliſtar gente para Africa, poſto que eſtranhou como temeraria a reſoluçaõ de ſeu ſobrinho.

145 Informado o Xarife Muley Mahamet de ter chegado a Ceuta o noſſo Principe com intento de lhe declarar guerra, cheyo de pavor lhe eſcreveo a ſeguinte Carta.

Carta do Xarife para ElRey.

„ Cide Ali Senhor dos Senhores da Monar„ chia, e Imperio de Africa, e de todos ſeus ha„ bitantes, Montes Claros, e de todos os ſete „ Reynos, a ti Rey de Portugal ſaude quanto „ Alà poem ſua potencia de ſua morada te con„ ſerve. Foyme dito que em o animo, e esfor„ ço de teu real, e generoſo eſpirito tens empre„ hendido de vir ver as noſſas terras para dardes „ teſtemunho de noſſo Eſtado, e para que fiquem „ mais divulgadas, e conhecidas das gentes, mui„ to te agradecemos taõ nobre intento; em tudo „ o que delle, e de nós te cumprir, ou for ne„ ceſſario, e de noſſos Reynos acharàs tudo, co„ mo à tua real Peſſoa convém; mas ſe teu in„ tento he outro, acharàs noſſas gentes ſempre em

„ campo, para que te façaõ conhecer ſuas for-
„ ças em damno de teu temerario atrevimento.
„ Dada em a noſſa Cidade de Fez, &c.

146 Até o fim de Setembro aſſiſtio ElRey em Ceuta occupado no exercicio da caça, com tal confiança como ſe fora nos boſques de Almeirim. Reſpeitavaõ com taõ religioſo medo os Mouros a ſua Peſſoa, que nunca ſe animaraõ a ſahir a campo; e vendo ElRey que naõ ſe offerecia occaſiaõ de moſtrar o ſeu valor, ſe reſolveo paſſar a Tangere, em cujo theatro determinava oſtentar os ardentes impulſos do ſeu eſpirito. Havendo examinado attentamente a Praça de Ceuta, que fora a chave que fechou a entrada dos Mouros em Heſpanha, a qual aberta huma vez foy fatal cauſa da ſua perdiçaõ, e ſendo paſſados ſetecentos annos, foy heroicamente fechada pelo magnanimo coraçaõ de D. Joaõ o Primeiro, que a conquiſtou a 21 de Agoſto de 1415, partio D. Sebaſtiaõ para Tangere onde o eſtava eſperando o Senhor D. Antonio, Governador deſta Praça.

Paſſa ElRey de Ceuta para Tangere.

CAPI-

CAPITULO XXVIII.

Chega ElRey a Tangere onde persuadido de efficazes razões resolve voltar para o Reyno.

147 TAnto que ElRey D. Sebastiaõ chegou à Praça de Tangere como naõ estivesse satisfeito do progresso das armas, que nella fizera o Senhor D. Antonio, o depoz do governo, provendo em seu lugar a D. Duarte de Menezes, que o pertendia como militar herança de seus Ascendentes. Todo o desvélo dos Fidalgos mais prudentes era dissuadir a ElRey da empreza, que tinha intentado, como injuriosa à sua Pessoa, e nociva aos seus vassallos, pois naõ podia ter feliz successo huma acçaõ executada pela vontade propria, e sugestaõ de alguns lisongeiros; que pertendiaõ introduzirse na graça delRey com irreparavel damno da sua Coroa. Estes conselhos dictados pela fidelidade incorrupta interpretava ElRey por effeitos da covardia, figurando na sua idéa, que toda a Africa se sogeitaria ao seu dominio com pouco dispendio de sangue, e grande credito da naçaõ Portugueza. Para o despertar de taõ profundo lethargo, em que jazia fatalmente adormecido, clamavaõ as vozes dos Pregadores annunciando-lhe a ultima ruina, que por sua teme-

1574

Nomea ElRey por Governador de Tangere a D. Duarte de Menezes.

temeridade certamente experimentaria. Entre estes Ministros Evangelicos se distinguio assim no caracter, como na eloquencia, o Bispo de Miranda D. Antonio Pinheiro, que o accompanhara com Fr. Marcos de Lisboa, que depois foy Bispo do Porto, o qual prégando na Dominga decima quinta post Pentecosten, que cahio a 12 de Setembro, em que se cantava o Evangelho do filho da viuva de Naim, como tivesse a ElRey por ouvinte, tomou por thema *Adolescens tibi dico surge*, e com estas palavras fez huma forte invectiva, com que efficazmente o persuadia a que se levantasse daquelle lugar sahindo de Africa, naõ querendo que fosse para elle Tangere, o que fora Naim para aquelle mancebo, que era conduzido para a sepultura. Que considerasse atentamente os perigos a que estava exposto acompanhado de poucos Soldados, e destituido de todas as munições necessarias para taõ grande conquista. Que se lembrasse, que a Praça de Tangere, onde estava, lhe naõ podia prometter felicidade, quando nella tinhaõ experimentado fortuna adversa D. Affonso V. e os Infantes seus tios D. Henrique, e D. Fernando. Que era tempo de voltar ao Reyno, para com a sua presença enxugar as lagrymas de sua avó segunda vez sem elle viuva, e consolar ao povo, que tanto lhe desejava a sua vida como baze fundamental da conservaçaõ da Monarchia.

Increpa D. Antonio Pinheiro em hum Sermaõ a ElRey sobre a empreza de Africa.

Ao

148 Ao tempo que eſte Prelado vocalmente advertia a ElRey da ſua inconſiderada reſoluçaõ, ſe animou outro Prelado, qual era o inſigne D. Jeronymo Oſorio, Biſpo do Algarve, increpar a ElRey por huma Carta da empreza que intentara, em cujas clauſulas ſe conhece igualmente a fidelidade do ſeu coraçaõ, como a madureza do ſeu juizo.

Carta do Biſpo do Algarve D. Jeronymo Oſorio para ElRey.

„ Muito alto Rey, e poderoſo Senhor. Se „ eu foſſe Procurador da Coroa, e tiveſſe algum „ feito nas mãos em que V. A. foſſe Reo, e foſ- „ ſe neceſſario darlhe razaõ delle, forçado ſeria „ lerlhe primeiro o libello que a contrariedade, o „ que neſta Carta farey com a verdade, e lealda- „ de que devo. Confio na condiçaõ, e real eſpi- „ rito de V. A. que terá eſte por hum dos mayo- „ res ſerviços, que lhe poſſo fazer. Os Reys da „ Perſia tinhaõ muitas ordens de ſervidores, ſem „ os quaes entendiaõ que era impoſſivel governar „ bem a ſua Monarchia: entre eſtes haviaõ huns „ a quem elles chamavaõ ſeus olhos, a outros „ ſuas orelhas, e a outros ſeus amigos: os mui- „ tos olhos lhe ſerviaõ de ver muitas couſas, que „ dous ſómente naõ podiaõ ver; as muitas ore- „ lhas de ouvir muitas queixas, que com duas ſó „ ſe naõ podiaõ ouvir todas; os muitos amigos „ de lhes fallarem as verdades, que os falſos ami- „ gos lhes encobriaõ.

„ Seguindo eu eſte eſtylo (pouco uſado, e

„ que

„ que ſora bem obſervallo entre nós) de bom ſer-
„ vidor quantas minhas poucas forças alcançarem
„ direy o que vejo, e ouço com hum amor taõ
„ verdadeiro como ſabe aquelle Senhor, a quem
„ ſaõ manifeſtos os ſegredos dos corações: elle
„ nos enſina no Evangelho o que todos haviamos
„ de fazer com eſta pregunta: *Quem dizem os ho-*
„ *mens que ſou eu*? Bem ſabia Chriſto o que ſe
„ dizia delle: com tudo com eſta pergunta nos
„ enſinou, que tiveſſemos cuidado de inquirir a
„ fama de noſſas acções, e fórma de vida; e ain-
„ da que a doutrina ſeja univerſal para todos os
„ homens; aos Principes particularmente convém
„ muito folgar de ſaber o que delles commummen-
„ te ſe diz, e ainda fazer diligencia por iſſo; por-
„ que à volta de muitos deſatinos populares ou-
„ viraõ muitas couſas importantes ao governo,
„ que por ventura algumas vezes nos conſelhos,
„ ou por mal ſabidas ſe naõ dizem, ou por in-
„ tereſſes particulares ſe naõ deſcobrem.

„ Naõ ſey porque razaõ deixará de eſtimar
„ hum Principe da terra, o que o Principe dos
„ Ceos quiz que ſe lhe diſſeſſe, poſto que ſem
„ mais neceſſidade, que querernos dar exemplo,
„ e enſinarnos o que devemos fazer. Porque o
„ naõ imitará inquirindo o que naõ ſabe, nem
„ póde ſaber ſe o naõ ouvir de outrem, e póde
„ ſuſpeitar? Porque naõ perguntará quando fallar
„ com os homens rectos, e amigos da verdade:
„ *Que*

„ *Que dizem de mim? Em que conta me tem?*
„ *Que fama corre do meu modo de proceder?* Se
„ isto fizesse, oh quantas verdades saberia!

„ Em Athenas havia maldições instituidas
„ pelas leys publicadas em voz alta, com pala-
„ vras de grande horror, pelas quaes eraõ amal-
„ diçoados os Cidadãos que aconselhassem à sua
„ Republica por seu particular intento, cousa
„ contra o seu commum; e rogavaõ nellas, que
„ os taes fossem destruidos, e toda a sua geraçaõ
„ confundida. Se isto se fazia em huma Repu-
„ blica, aonde havia muitos Principes, que por
„ qualquer Cidadaõ podiaõ ser desenganados,
„ que se deve fazer no Estado de hum só Prin-
„ cipe, o qual se for enganado, naõ ha onde
„ mais pôr olhos.

„ Dous grandes maleficios comette quem
„ engana ao seu Principe, hum delles he traiçaõ,
„ e o outro injuria atroz, feita a seu Senhor; por-
„ que se he traiçaõ naõ avizarem os Atalayas ao
„ seu Principe dos inimigos, que descobrem, co-
„ mo a naõ será, e muy grande, encobrir a V. A.
„ os perigos, que estaõ armados para perdiçaõ da
„ Republica, se naõ for remediada em tempo?
„ Pois no que toca à injuria, naõ póde ella ser ma-
„ yor, que entenderse que estima mais V. A. o
„ gosto presente, dando orelhas ao que taõ pou-
„ co dura, que o remedio perpetuo de seus vas-
„ sallos.

„ Naõ terá V. A. em ſeu Conſelho, quem
„ trate de o enganar, mas ſe por noſſos pecca-
„ dos houveſſe quem taõ grande traiçaõ com-
„ metteſſe, com taõ grande injuria de V. Real
„ Peſſoa, muito mayores maldições, que os de
„ Athenas merecia. Eu ao menos, Senhor, em
„ quanto ao que a mim toca, fugirey dellas quan-
„ to puder, com dizer o que ſinto, com eſperan-
„ ça de que terey diſſo galardaõ primeiramente
„ de Deos, e depois de V. Alteza, ainda que co-
„ mo no principio diſſe, naõ diria agora tanto o
„ que entèndo, como o que ouço: e como Pro-
„ curador darey conta do libello para logo vir
„ com a defeza.

„ Dizem primeiramente que naõ ſerá bom
„ Chriſtaõ, nem bom Portuguez o que naõ
„ der muitas graças a Deos por nos dar hum
„ Rey taõ virtuoſo, e de taõ altos eſpiritos, que
„ foge de mimos, e buſca trabalhos por deſtruir
„ a infame ſeita de Mafamede.

„ Mais dizem, que como as virtudes andaõ
„ ſempre juntas, naõ ſe póde chamar fortaleza,
„ a que naõ he acompanhada da prudencia, e
„ bom conſelho; e que o conſelho naõ foy bom
„ por ſer fóra de tempo.

„ Provaõ que foy fóra de tempo, pela mui-
„ ta falta que ha de dinheiro, e de mantimentos,
„ pela grande fome que ao preſente a mayor par-
„ te do Reyno padece.

„ Di-

„ Dizem mais, que era eſte tempo mais
„ conveniente para defenſaõ do Reyno, que he
„ de muito mayor obrigaçaõ, que para conquiſ-
„ tar o incerto de outros; porque ha muita gen-
„ te perdida em França, Flandes, Inglaterra, &c.
„ da qual podem as terras maritimas de Portu-
„ gal, e do Algarve receber muy grandes dam-
„ nos: e ſegundo ha fama, todos eſtes eſtaõ con-
„ tentes com eſta auzencia de V. A. por enten-
„ derem que muito mais a ſeu ſalvo uſaráõ do
„ ſeu officio.

„ Naõ podemos deixar de nos temer deſ-
„ tes homens, por ſer o numero delles grande,
„ e governado pelo eſpirito de Satanás; porque
„ naõ ha couſa por grande que ſeja, que naõ com-
„ metta gente ſem fé, ſe tem algumas forças, e
„ quando chega a eſtado de deſeſperaçaõ. A iſto
„ ſe ajunta que o Graõ Turco naõ dorme, pelo-
„ que todo o Principe Chriſtaõ he obrigado a eſ-
„ tar àlerta, pois o perigo he commum para acu-
„ dir aonde mais neceſſario for para a defenſaõ
„ da Chriſtandade, e gloria do nome de Jesu
„ Chriſto.

„ Dizem tambem, que grandes feitos ſe naõ
„ podem executar ſem grandes apercebimentos,
„ os quaes ſe naõ podem fazer em pouco tempo,
„ como ſaõ mantimentos, munições, muita gen-
„ te, e mayor continuaçaõ de exercicios da guer-
„ ra; e ainda com todos eſtes aparelhos, dizem

„ que convem esperar conjunçaõ de discordia, „ que naõ póde muito tardar entre Mouros, e „ naõ qualquer discordia, mas discordia ensanguentada; porque a leve com o medo commum „ facilmente se acommoda; porque os inimigos „ nos perigos, que a todos tocaõ, com facilidade „ se concertaõ; mas quando a rotura chega a tanto, que se naõ possaõ concordar, de tal maneira o póde V. A. socorrer, que fique senhor „ dos vencidos, e dos vencedores. Esta he huma arte muito antiga de conquistar, com que „ se fizeraõ grandes os mais dos Principes, e Capitães de grande nome, de que estaõ cheyas as „ Historias, e lembranças do Mundo; esta occasiaõ quizeraõ os seus leaes vassallos que V. A. „ esperasse.

„ Dizem tambem, que nunca guerra foy „ feita com mais esforço, que conselho que podesse ter bom fim; confirmaõ isto com o triste „ successo do Infante D. Henrique, e do Infante „ D. Fernando o *Santo* sobre Tangere, e com a „ segunda passagem em Africa delRey D. Affonso V.; e com os acomettimentos taõ sem fruto do outro Infante D. Fernando seu Irmaõ, „ por tudo ser com mayor esforço, que conselho.

„ Deme V. A. licença que diga tudo, pois „ comecey, e que naõ encubra nada do que toca a seu serviço. Dizem os prudentes, que o „ offi-

„ officio de bom Rey mais consiste em defender
„ os seus, que em offender aos inimigos; e que
„ tanto he isto verdade, que nenhuma gloria ga-
„ nhariaõ Principes illustres nas victorias contra
„ inimigos, se dellas naõ resultasse a segurança
„ de seus vassallos.

„ Aqui se lamentaõ muitos, porque vem
„ ao presente, que toda a guerra que se havia de
„ fazer aos Mouros, se faz, sem V. A. o saber,
„ aos mesmos Portuguezes; e por conclusaõ, naõ
„ falta quem diga que entre pressa, e diligencia
„ ha muito grande differença; porque a diligen-
„ cia naõ perde occasiaõ, e a pressa naõ espera
„ por ella; e muito mayores inconvenientes se se-
„ guem da muita pressa, que da pouca diligencia;
„ porque os muito acelerados choraõ o que per-
„ deraõ do seu; e os negligentes o que ganháraõ
„ do alheyo.

„ Estes saõ os principaes artigos do libel-
„ lo que se forma contra V. A., agora resta o que
„ por parte de V. A. posso dizer.

„ Primeiramente digo, que os grandes espi-
„ ritos saõ acompanhados de grandes esperanças,
„ pelo que mais cuidaõ na grandeza das empre-
„ zas, que na felicidade, ou facilidade, ou na dif-
„ ficuldade dellas, e pela mayor parte aos gran-
„ des acomettimentos, quando naõ saõ de todo
„ fóra de caminho, naõ faltaõ favores divinos;
„ e que V. A. fundado nesta opiniaõ, como se
„ deter-

„ determinou, ou com vida honrada, ou com
„ morte glorioſa dar ſinal de ſeu eſpirito, naõ pò-
„ de ſoffrer dilaçaõ, e que a victoria naõ eſtá na
„ maõ dos homens, mas na vontade de Deos, e
„ que o officio de Principe magnanimo he perder
„ o temor a grandes emprezas, por perigoſas que
„ pareçaõ, e o ſucceſſo dellas deixallo nas maõs
„ de Deos, e na ſua divina diſpoſiçaõ. Digo
„ tambem, que como ſe naõ poſſa ſempre acer-
„ tar, ſaõ muito mais toleraveis os erros comet-
„ tidos com demaſiado esforço, que os em que
„ cahem muitos por fraqueza, porque nas cou-
„ ſas grandes, grandes perigos naõ carecem de
„ ſeu louvor, e a fraqueza he acompanhada de
„ perpetuo vituperio.

„ Tambem ſe póde dizer, que quando V.
A. ſe naõ poder eſcuzar de algum erro, a culpa
„ ſe póde diminuir com o exemplo de grandes
„ Principes, que com o meſmo eſpirito cahiraõ
„ em grandes trabalhos. ElRey S. Luiz de Fran-
„ ça por fazer guerra aos infieis com mais arden-
„ te zelo, que conſelho, foy de huma vez cativo,
„ de outra morreo de peſte ſobre Tunes: imitou
„ niſſo ao Santo Rey Jozias, que por entrar em
„ batalha, que podera muito bem eſcuzar, mor-
„ reo elle, e com elle toda a eſperança de Jeruſa-
„ lem. Paſſo por infinitos exemplos antigos, por
„ naõ enfadar a V. A. e dos modernos direy pou-
„ cos.

„ O

„ O Emperador Maximiliano, ſendo muy
„ excellente Principe, fez entradas em Italia, e em
„ outras partes ſem fruto. De Principes de Por-
„ tugal tenho dito o que baſta: que diremos do
„ Emperador voſſo Avô que foy o mais animo-
„ ſo, e o mais excellente Capitaõ, com tudo naõ
„ deixou de cometter couſas dignas de reprehen-
„ ſaõ, e de receber em algumas dellas muitos
„ damnos, como foy a entrada, que fez em Flo-
„ rença, a empreza de Argel, e outras, que dei-
„ xo de apontar. Perguntarmehaõ de que ſervem
„ eſtes exemplos? Reſponderey, que ſervem de ſe
„ ver, que ſe neſta paſſagem de V. A. a Africa
„ houve erro, naõ foy unico, nem couſa nova no
„ mundo, e fica deſculpado com os exemplos, e
„ authoridade de taõ excellentes Principes; por-
„ que ſe elles em idade mais robuſta, e com mui-
„ to mayor experiencia foraõ enganados do dema-
„ ſiado deſejo da gloria, naõ he muito de admirar
„ de que V.A. em muito menor idade com o meſ-
„ mo ardor de eſpirito cahiſſe nos meſmos incon-
„ venientes. Quanto mais, que eſta jornada de V.
„ A. ainda que deſta vez naõ tome os portos, que
„ pertende, naõ foy de todo ſem fruto, porque
„ vio com ſeus proprios olhos o ſitio de Africa,
„ e conheceo neſta prova de trabalhos quanto ſe
„ deve aos homens, que padecem fomes, ſedes,
„ frios, e ardores do Sol intoleraveis, e poem a
„ vida em riſco todas as horas por ſerviço de Deos,
e de

„ e de V. A., e entendeo tambem como agora
„ daqui por diante se deve fazer; aprendeo final-
„ mente tanta doutrina, que por ella sómente foy
„ à jornada com todos os trabalhos della muito
„ bem empregada, e acertada. Pelo que se a al-
„ guem parecer que a honra de V. A. fica em al-
„ guma maneira maculada, bem me atrevo a de-
„ fendella, e sustentar o contrario.

„ Esta he a defeza com que venho por par-
„ te de V. A.; e athe aqui chegaõ as minhas le-
„ tras. E se daqui por diante quizer insistir, e
„ resistir a quem a ley de Deos quer que obede-
„ çamos, busque-se outro melhor letrado, por-
„ que me naõ atreverey a defender a causa; por-
„ que se faltar dinheiro, e faltarem mantimentos;
„ se naõ se podendo remediar a gente, que já es-
„ tá junta, e se ajuntar outra muita mais; se vier
„ huma grande invernada, se assim pela falta das
„ cousas necessarias, como pelo máo trato começa-
„ rem a morrer cavallos, e depois homens, veja
„ V. A. quaõ grande será a festa, e contentamen-
„ dos Mouros, e quaõ grande a tribulaçaõ dos
„ Christãos.

„ Naõ tenho eu aos Mouros por taõ pou-
„ co guerreiros, e artificiosos na milicia, que espe-
„ rem, ou tratem de batalha campal, vendo que
„ sem lança, nem espada podem os nossos ser des-
„ baratados. Os frios, as chuvas, as lamas, as
„ serras, o inverno defendem as terras; marchar
„ ao

„ ao preſente naõ he poſſivel; eſtar encerrados
„ nas Cidades, naõ he honra para combater Fez,
„ ao preſente naõ ha tempo, nem aparelho; e
„ ainda que ſe deſpejaſſe, naõ era prudencia to-
„ mar huma taõ grande Cidade em tempo, que
„ ſe naõ podeſſe logo fortificar.

„ Pois, Senhor, de que ſerviria logo tanto
„ trabalho, e tanta deſpeza ſem fruto? Naõ fallo
„ nos juros que Fidalgos tem vendido; nas joyas
„ das Senhoras empenhadas; nas lagrimas das mu-
„ lheres; na pobreza da gente nobre; na miſeria
„ dos que pouco podem. Gaſte-ſe tudo, e con-
„ ſuma-ſe por ſerviço de Deos, e de V. A., que
„ quando Deos noſſo Senhor offerecer huma gran-
„ de occaſiaõ para ſeu ſerviço, naõ haja em Por-
„ tugal forças para ſe lançar maõ della. Da guer-
„ ra deſiſta; haja os Fronteiros neceſſarios; os ex-
„ ercicios della vaõ por diante; haja menos da-
„ maſcos, e mais coſſoletes; menos perfumes,
„ e mais lanças; tenha ſe muita conta com a Juſ-
„ tiça, porque naõ falte o favor divino: com a
„ fazenda, para que naõ falte no melhor tempo,
„ nem ſeja neceſſario havella entaõ com grande
„ vexaçaõ dos pobres povos, offendendo grave-
„ mente a Deos: ajunteſe dinheiro de vagar; o
„ que ſe poderá muy bem fazer ſe a Arithmeti-
„ ca for melhor exercitada: creſçaõ as eſperanças
„ de mercês para quem as merecer, e haja de-
„ ſengano para quem for indigno dellas; e ſobre

 tudo

,, tudo os olhos entre tanto eſtejaõ ſempre fixos
,, no Ceo. V. A. ainda he muito moço, move-
,, ſe pelos brios de mancebo, porém ainda naõ
,, perde tempo, nem occaſiaõ; eſperemſe conjun-
,, ções, que naõ poderaõ tardar muitos annos, e
,, deſta forte quem poderá quando for tempo re-
,, ſiſtir a V. A.

,, Entre tanto vença-ſe a ſi meſmo V. A.
,, que he a mais illuſtre victoria, que póde haver:
,, dome ſeu eſpirito; amanſe a grandeza de ſeu
,, coraçaõ: nas Fronteiras ſe aquente a guerra o
,, melhor que for poſſivel: o meter do reſto ſe
,, guarde, para quando o Senhor Deos offerecer
,, melhor tempo, e mais conveniente, porque
,, quem o naõ eſpera, naõ ſó vay contra a regra
,, da prudencia, mas tambem corre grande riſco
,, de tentar a Deos com o pretexto da fé, e ze-
,, lo da Religiaõ, ſendo que muitas vezes pro-
,, cede mais do apetite. Deſta ſorte alcançará
,, V. A. as victorias, que pertende com glorio-
,, ſo nome ſeu, e de ſeus vaſſallos, e com gran-
,, de accreſcentamento da Santa Fé Catholica.

,, Naõ imaginey no principio que me eſten-
,, deſſe tanto neſta Carta, mas o amor, lealdade,
,, e zelo do bem commum, me elevou de manei-
,, ra, que naõ pude ter maõ no diſcurſo, e occur-
,, rencia da materia. No que me fica por fazer,
,, naõ faltarey, que será continuamente pedir a
,, noſſo Senhor em minhas orações, e ſacrificios,
que

„ que elle ſeja o defenſor, e conſelheiro de V. A.
„ e ſua vida, e real eſtado guarde, e accreſcente
„ para ſeu ſanto ſerviço. Amen.

145 Com eſtas taõ vehementes exhortações perſiſtia inflexivel ElRey no ſeu intento, atè que a experiencia o deſenganou com o ſucceſſo ſeguinte. Querendo o Xariſe certificarſe do exercito com que ElRey tinha paſſado a Africa, mandou ſahir ao campo hum grande corpo de Cavallaria, governada pelo Vice-Rey de Maquinès, cujo valor era conhecido em diverſos combates. Para examinar com os olhos o numero dos Mouros, ſubio ElRey à terra mais alta do Caſtello da Praça de Tangere, e vendo que cobriaõ grande parte do campo, impellido de ſeus marciaes eſpiritos, ſahio com toda a gente da Cidade, parecendolhe que a fortuna lhe offerecia as victorias com que ſe adulava o ſeu genio. Mandou entregar o guiaõ a D. Franciſco de Caſtello-Branco, e travado hum conflicto furioſo, poſto que o numero dos inimigos era muito ſuperior aos noſſos, como eſtiveſſem animados com a preſença do ſeu Principe, obraraõ acções heroicas, atè que a noute ſuſpendeo o combate; porém como de manhaã appareceſſe muito diminuto o numero dos Mouros, celebrou ElRey eſte ſucceſſo como feliz às ſuas armas, em cujo applauſo ſe correraõ canas.

Combate entre os noſſos, e os Mouros.

150 Como o exercito, com que ElRey ti-

nha paſſado a Africa, naõ excedia de mil Cavallos, e quinhentos Infantes, conſiderando que por ſer já proximo o Inverno, ſe faziaõ impoſſiveis os ſoccorros, deſiſtio da reſoluçaõ que emprendera, e determinou reſtituirſe a Portugal. Para occultar o erro, a que o precipitára a ſua temeraria fantazia, eſcreveo a quem ordenara expedir ſoldados, e munições para a conquiſta intentada, que o naõ executaſſe, pois o fim da ſua jornada fora para viſitar as Praças de Ceuta, e de Tangere; e que ſe proveſſem de tudo quanto era preciſo para a ſua conſervaçaõ. Hum dos mayores eſtimulos, que obrigaraõ a reſtituirſe ElRey ao Reyno, foy D. Fernando Alvres de Noronha, General das Galés, pois ordenandolhe D. Sebaſtiaõ, que partiſſe com elles, repugnou, dizendolhe com animoſa fidelidade, que nunca deſampararia a S. A., até o conduzir a Portugal, ainda que lhe mandaſſe cortar a cabeça, pois eſtimaria ſacrificar a vida em obſequio da fidelidade, que lhe proteſtava. Penetrado ElRey de taõ heroica reſoluçaõ, deu alguns paſſos com o ſemblante ſevéro, no fim dos quaes, quando ſe imaginava romper em algum effeito da ſua impaciente condiçaõ, vencido do amor, e authoridade de D. Fernando, lhe diſſe: *Ora vamos já que porfiaes, e fartarvoſhey eſſa vontade.* A eſtas palavras ſe poſtrou D. Fernando por terra, e com o roſto banhado em lagrimas, beijou reverente a maõ a ElRey pela docilidade

Reſolve-ſe ElRey reſtituirſe ao Reyno.

D. Fernando Alvres de Noronha perſuade a ElRey que volte ao Reyno, e o conſegue.

lidade, com que recebera o conſelho que lhe dictara a ſua madureza, e fidelidade.

CAPITULO XXIX.

Volta ElRey D. Sebaſtiaõ de Africa para Portugal, e da grande tempeſtade que padeceo até entrar em Lisboa.

151. PErſuadido ElRey de naõ poder continuar, e muito menos concluir a conquiſta, que lhe repreſentou facil a temeridade da ſua idea, ſe reſolveo voltar ao Reyno, aonde era anciosamente eſperado por ſeus vaſſalos, repetindo quotidianamente ardentes votos ao Altiſſimo, para que o reſtituiſſe aos ſeus olhos livre de todo o perigo. A copia de gente militar, e o numero dos Cavallos, que concorreraõ para eſta expediçaõ, naõ podiaõ acommodarſe nas Galés, e mais embarcações; por cuja cauſa muitos ſoldados paſſaraõ a Cadiz, e Gibraltar, e vieraõ por Andaluzia com igual trabalho, que deſpeza, até chegar a Portugal. Embarcouſe ElRey ao Galeaõ S. Martinho acompanhado do Duque de Aveiro, e outros muitos Fidalgos, e em outro vinha o Senhor D. Duarte com ſemelhante comitiva; nas Galés, e Galeoens navegavaõ varias peſſoas de diſtinçaõ, como a brevidade do embarque

1574

Padece ElRey huma tormenta de que naõ mostrou o menor sobresalto.

que lhes permittio. O Senhor D. Antonio com a sua familia marchou por terra. Era entrado o mez de Outubro, quando ElRey sahio de Tangere seguido de toda a Armada, a qual, tanto que se alargou ao mar combatida do Nordeste, se espalhou toda discorrendo cada navio à disposiçaõ do vento, de que se seguio perderse de vista o Galeaõ em que ElRey hia embarcado, e para que naõ padecesse alguma fatalidade, ordenou o Piloto se buscasse o mar largo; e chegando à altura da Ilha da Madeira, começou a ceder a furia da tormenta, entre a qual, como se ElRey desafiara os perigos, sempre conservou o semblante inalteravel, mostrando que se deleitava com espectaculo taõ horroroso.

152 Fluctuavaõ entre confuzoens, e cuidados a Rainha D. Catherina, e o Cardeal D. Henrique com toda a Corte, por ignorar noticias del-Rey, representandolhe a idea funestas imagens em que viaõ acabar tragicamente a vida de hum Principe, governado pelos impulsos da sua temeridade; e para que Deos naõ permittisse taõ fatal golpe em huma Monarchia, fundada por seu divino braço, recorriaõ à sua piedade com lagrimas, e votos; quando movido da sua comiseraçaõ, benignamente correspondeo a estas supplicas, mudando em jubilos, e applausos as tribulaçoens, e tristezas com a noticia de ter chegado ElRey ao Cabo de S. Vicente livre do menor perigo.

Chega ElRey ao Cabo de S. Vicente.

153 Lo-

153 Logo que o Galeaõ S. Martinho ſurgio em Sagres, ſahio ElRey a terra, e eſcapando de hum perigo, buſcou outro mayor, embarcandoſe em huma Galé, a tempo que o Suduéſte, que naquella Coſta he muito furioſo, ſoprava com grande violencia. Seguiraõ as outras embarcações a ElRey com naõ pequeno ſuſto, e poſto que o vento era em popa para Lisboa, creſceo taõ impetuoſamente o furor do mar, que alagando todas as Galés, parecia que as queria ſubmergir. Naõ havia peſſoa alguma que naõ eſtiveſſe altamente penetrada do perigo ameaçado, e ſomente ElRey ſe liſongeava da furia das ondas, cauſando geral admiraçaõ a ſerenidade de animo com que deſprezava a colera dos elementos. O Senhor D. Duarte, que chegou a Caſcaes antes de receber noticias delRey, naõ quiz deſembarcar; e certificado de que partira com tempo tempeſtuoſo, ſe meteo na Galé em que ElRey vinha, o qual entrou pela barra a 2 de Novembro; e deſembarcando em Xabregas, jantou com a Rainha D. Catharina, que entre lagrimas, e jubilos o recebeo nos braços, reſtituindolhe com a ſua preſença de que eſtava privada quaſi tres mezes tranquilidade ao animo, e alegria ao coraçaõ.

Animo imperturbavel com que ElRey ſofre outra tempeſtade.

CAPI-

CAPITULO XXX.

Manda ElRey dar os pezames da morte de Carlos IX. Rey de França, a seu irmaõ Henrique III; e se faz memoria de dous Varões insignes, que morreraõ com saudade deste Reyno.

1574

Morre Carlos IX. Rey de França.

154 A Intempestiva morte delRey Christianissimo Carlos IX. succedida a 30 de Mayo deste anno de 1574, na florente idade de vinte e quatro annos, causou no animo do nosso Principe naõ pequena consternaçaõ, considerando que na pessoa deste Augusto Monarcha se acabára o mayor Propagador da Religiaõ Catholica, contra a impia petulancia dos Hugonotes, que conspirados contra taõ preciosa vida, a extinguiraõ perfidamente com veneno. Era filho de Henrique II, e Catharina de Medicis; e chegando a contar vinte annos de idade, se desposou com a Archiduqueza D. Isabel, filha de Maximiliano II, e D. Maria de Austria, filha do Emperador Carlos, de quem sómente teve a Maria Isabel, que morreo na infancia. Succedeolhe no trono seu irmaõ Henrique III, que era Rey de Polonia, ao qual mandou D. Sebastiaõ significar pelo seu Embaixador D. Nuno Manoel, Senhor

Manda ElRey por Embaixador a França D. Nuno Manoel.

Senhor de Tancos, Atalaya, e Sinceira, Alcaide mór de Marvaõ, filho de D. Fradique Manoel, e D. Maria de Attaide, filha de Nuno Fernandes de Attaide, Senhor de Penacova, Alcaide mór de Alvor, e Capitaõ de Safim, e D. Joanna de Faria, o grande ſentimento, que recebera com a infauſta noticia da morte de ſeu irmaõ, eſperando que aſſim como era herdeiro da ſua Coroa, o foſſe do ſagrado zelo com que promovera os progreſſos da Religiaõ contra os ſeus mais obſtinados antegoniſtas. O meſmo obſequio mandou practicar com as Rainhas, huma mãy, e outra eſpoſa do Rey defunto, como tambem ao Duque de Alanſon, irmaõ de Henrique III, a Princeza de Bearne, e aos Duques de Lorena, e Guiſa. Depois de concluido eſte ceremonial, ordenou ElRey ao Embaixador propuzeſſe a Henrique III. ſer conveniente aos vaſſallos da Coroa Franceza, e Portugueza, para ceſſarem as prezas que faziaõ huns aos outros, erigirſe hum Tribunal em França, e Portugal, em que ſe julgaſſe a violencia comettida por alguma deſtas duas Nações, julgandoſe em França os roubos dos Portuguezes, e os dos Francezes em Portugal.

155 Naõ ſentio com menor exceſſo ElRey D. Sebaſtiaõ a falta de hum dos mayores vaſſallos, que tinha o Reyno, aſſim no eſplendor do ſangue, como na excellencia das virtudes, qual era D. Franciſco de Noronha, II. Conde de Li-

Elogio de D. Franciſco de Noronha, II. Conde de Linhares,

Linhares, Commendador de S. Martinho da Ordem de Chriſto em o Biſpado de Viſeu, filho de D. Antonio de Noronha, I. Conde de Linhares, Senhor de Algodres, Pena-verde, e Fornellos, Alcaide mór de Linhares, Eſcrivaõ da Puridade dos Reys D. Manoel, e D. Joaõ III. Commendador de Prado na Ordem de Chriſto, e de D. Joanna da Sylva, filha de D. Diogo da Sylva, I. Conde de Portalegre, e D. Maria de Ayala. Sendo nomeado por D. Joaõ III. no anno de 1540 Embaixador à Corte de Pariz, quando governava a Monarchia Franceza Franciſco I. ſe animou com animo religioſo, e ardente zelo a promover a extinçaõ dos Hugonotes abominaveis authores de diverſos abſurdos. Era a ſua caſa refugio dos pobres, e aſylo dos miſeraveis. Diſpendia no culto Divino com profuza liberalidade ao meſmo tempo que diſtribuia largas eſmolas a muitas peſſoas, que impedidas do pejo naõ podiaõ explicar a ſua indigencia.

156 Eſtas catholicas acções practicadas em França fizeraõ taõ grande ecco em Portugal, que reſtituido a elle, o recebeo D. Joaõ o III. com diſtinctas ſignificações de agrado; e o elegeo Mordomo mór de ſua conſorte a Rainha D. Catharina. Em todo o tempo, que lhe reſtou de vida, ſempre exercitou virtudes heroicas, pelas quaes ſe fez merecedor da eternidade glorioſa, de que foy irrefragavel teſtemunho a incorrup-

çaõ

çaõ do ſeu cadaver, pois ſendo depoſitado na Igreja de N. Senhora da Graça dos Eremitas de Santo Agoſtinho, cuberto de cal viva para mais brevemente ſe conſumir, em quanto ſe acabava a Capella mór de S. Joaõ de Xabregas, Cabeça da florentiſſima Congregaçaõ de Conegos Seculares do Evangeliſta, fundada por ſua filha D. Joanna de Noronha, onde jaz ſepultado; paſſados ſeis annos ſe achou incorrupto, e flexivel, e do meſmo modo foy achado exhalando ſuviſſimo cheiro quarenta e ſeis annos depois da ſua morte, quando em o anno de 1619, eſtando acabada a Capella, foy trasladado para o ſoberbo Mauſoléo, onde deſcança com eſte epitafio. *Sepultura de D. Franciſco de Noronha, II. Conde de Linhares, filho dos primeiros. Morreo de 68 annos a 13 de Junho de 1574. Foy caſado com D. Violante de Andrade, filha de Fernaõ Alvares de Andrade, que tambem aqui jaz; e falleceo de 83 annos a 17 de Dezembro de 1605.*

Franciſco de S. Maria, *Chronica dos Conegos Seculares*, liv. 2. cap. 30.

157 De ſua illuſtre Conſorte deixou larga deſcendencia, que foy D. Antonio de Noronha, que valeroſamente morreo na Praça de Ceuta a 18 de Abril de 1553 em hum combate com os Mouros, a cuja heroica valentia dedicou varios elogios o Virgilio Portuguez. D. Fernando de Noronha III. Conde de Linhares, Conſelheiro de Eſtado, e Védor da Fazenda dos Reys Filippe II. e III. e do ſeu deſpacho, que caſou

com D. Filippa de Sá, herdeira de Mem de Sá, Governador do Brasil, e de D. Guiomar de Faria. D. Lourenço de Noronha, e D. Pedro de Noronha, que acabaraõ victimas da barbaridade Africana, no campo de Alcacer a 4 de Agosto de 1578. D. Manoel de Noronha, e D. Diogo de Noronha, que preferindo a mortificaçaõ do Claustro à vaidade do seculo, abraçaraõ o instituto dos Eremitas Augustinianos, o primeiro com o nome de Fr. Nicoláo Tolentino, e o segundo de Fr. Guilherme de S. Maria. D. Francisco de Noronha, que acompanhando ao Vice-Rey no Estado da India D. Duarte de Menezes, no anno de 1584, morreo sem successaõ. D. Luis de Noronha, que deixando a Aula de Minerva, que frequentava em Coimbra, pela campanha de Marte, buscou ao Oriente para theatro do seu valor; e sendo Almirante da Armada de Lourenço de Brito, foy morto pelos Jaos em Sunda, no anno de 1597. D. Joanna de Noronha, que possuindo opulentas riquezas, se conservou no estado do celibato, e as dispendeo com generosa profusaõ na fabrica da Capella mór do Convento de S. Joaõ de Xabregas de Conegos Seculares, onde em soberbos Mausoléos descançaõ os Condes da sua illustrissima familia. D. Maria, D. Catharina, D. Brites, e D. Margarida, que celebrando os castos desposorios com o Divino Cordeiro, brilharaõ luminosas estrellas

no

no Ceo Dominicano do Convento da Annunciada de Lisboa.

158 Naõ satisfeita a morte de roubar a Portugal neste infausto anno de 1574 a hum Varaõ taõ insigne, como D. Francisco de Noronha, se atreveo a profanar a Jerarchia Ecclesiastica, arrebatando a 6 de Agosto a hum dos seus venerados Heroes, qual foy D. Joaõ de Mello. Sendo seus progenitores Pedro de Castro de Azevedo, Alcaide mór de Melgaço, Commendador de S. Maria de Antime, e D. Brites de Mello, pareceo, que nascera mais filho da graça, que da natureza pelas virtudes que logo na infancia começou a practicar. Doutorado na faculdade dos Sagrados Canones, o admittio por seu domestico o Serenissimo Infante D. Affonso, Arcebispo de Evora; e na escola de taõ vigilante Prelado, aprendeo as maximas, com que se habilitou para as mayores dignidades, assim Ecclesiasticas, como seculares. Foy Inquisidor das Inquisições de Evora, e Lisboa; Deputado da Mesa da Conciencia, e Ordens; depois Presidente do Dezembargo do Paço, Bispo de Sylves, onde celebrando Synodo Diocesano a 14 de Janeiro de 1554, partio em o anno seguinte por ordem delRey D. Joaõ o III. a assistir no Concilio Tridentino, em que foy admirada a sua vasta litteratura. Restituido ao Reyno, foy nomeado Regedor das Justiças, em cujo lugar fez que naõ fossem attendidos

Elogio de D. Joaõ de Mello, Arcebispo de Evora.

Foncèca *Evor. Gloriof.* pag. 301.

dos o respeito dos poderosos, e o soborno dos delinquentes. Ao tempo que era Coadjutor do Arcebispo de Evora, que possuia o Cardeal D. Henrique, lhe renunciou no anno de 1564 esta grande Dignidade, em que foy o segundo Arcebispo de taõ illustre, como antiga Diocese, que exercitou pelo espaço de dez annos, com eterna saudade das suas ovelhas. Deste insigne Prelado faço mais distincta memoria no Tom. II. da *Bibliot. Lusit.* que se authoriza com as piedosas producções da sua penna, como com as prudentes maximas do seu ministerio pastoral.

INDEX
DAS COUSAS NOTAVEIS.

O numero denota a pagina.

A

André

B

C

D

Eſta-

E

F

G

Go-

H

no

I

L

M

O

P

rece-

R

Samo-

S

ſe

Expe-

T

V

Zebû,

Z

FIM.